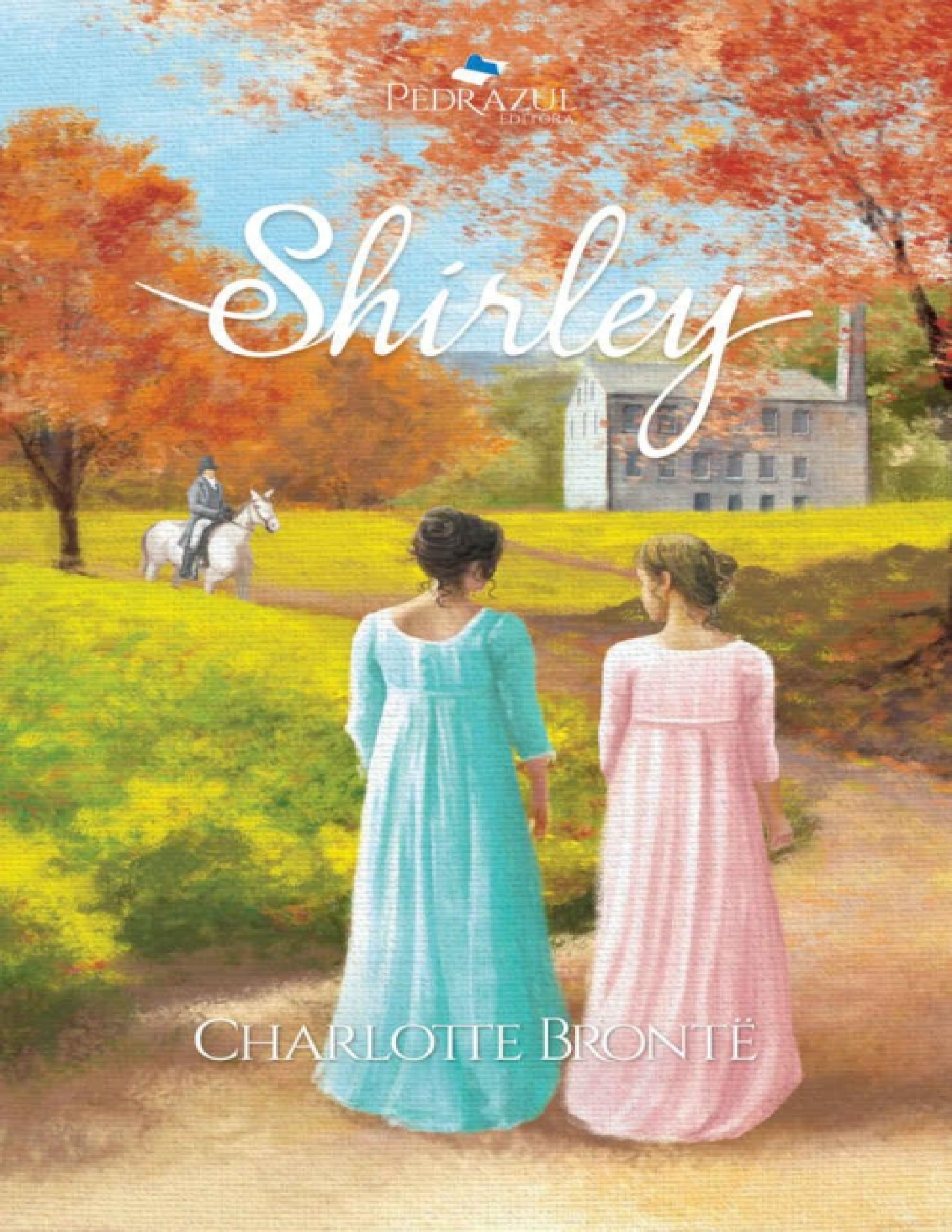

PEDRAZUL
EDITORA
Shirley
CHARLOTTE BRONTË

PEDRAZUL
EDITORA

Shirley

CHARLOTTE BRONTË

OceanofPDF.com

A História da Órfã Caroline Helstone
e da Herdeira Miss Keeldar

Elas eram tão diferentes como a chuva e o sol.
Uma era doce, tímida e pobre; a outra, exuberante, destemida e rica!
Rivais ou amigas?

Shirley, Charlotte Brontë: duas histórias de amor!

OceanofPDF.com

VOLUME I
CAPÍTULO I
Os Vigários
CAPÍTULO II
As Carroças
CAPÍTULO III
Mr. Yorke
CAPÍTULO IV
Mr. Yorke (continuação)
CAPÍTULO V
A Casa de Campo de Hollow
CAPÍTULO VI
Coriolanus
CAPÍTULO VII
O Chá dos Vigários
CAPÍTULO VIII
Noé e Moisés
CAPÍTULO IX
Briarmains
CAPÍTULO X
As Solteironas
CAPÍTULO XI
Fieldhead
VOLUME II
CAPÍTULO XII

Misses Helstone e Keeldar
CAPÍTULO XIII
Outras Cartas de Negócios
CAPÍTULO XIV
A Caridade de Miss Shirley Keeldar
CAPÍTULO XV
A Expulsão de Mr.Donne
CAPÍTULO XVI
A Festa de Pentecostes
CAPÍTULO XVII
A Festa das Escolas
CAPÍTULO XVIII
O Trotar dos Cavalos
CAPÍTULO XIX
Uma Noite de Verão
CAPÍTULO XX
O Dia Seguinte
CAPÍTULO XXI
Mrs. Pryor
VOLUME III
CAPÍTULO XXII
Duas Vidas
CAPÍTULO XXIII
Uma Noite Fora
CAPÍTULO XXIV

No Vale da Sombra da Morte
CAPÍTULO XXV
Os Golpes do Vento Oeste
CAPÍTULO XXVI
Os Cadernos Antigos
CAPÍTULO XXVII
A Primeira Mulher Sábia
CAPÍTULO XXVIII
Phoebe
CAPÍTULO XXIX
Louis Moore
CAPÍTULO XXX
Rushedge - Um Confessional
CAPÍTULO XXXI
Tio e Sobrinha
CAPÍTULO XXXII
O Estudante e a Ninfa dos Bosques
CAPÍTULO XXXIII
A Estratégia de Martin
CAPÍTULO XXXIV
Caso de Perseguição Doméstica
CAPÍTULO XXXV
Alguns Progressos
CAPÍTULO XXXVI
Escrito na Sala de Estudos

CAPÍTULO XXXVII
Desenlace
FICHA CATALOGRÁFICA

OceanofPDF.com

VOLUME I

CAPÍTULO I

OceanofPDF.com

Os Vigários

Nos últimos anos, uma chuva abundante de vigários caíra sobre o Norte da Inglaterra. Em qualquer colina podia se deparar com um deles e cada paróquia tinha mais de um. Embora os jovens não fossem muito ativos, eram, contudo, prestativos.

Mas, não é dos recentes anos que estamos prestes a falar. Vamos voltar ao início deste século, precisamente entre os anos de 1811 e 1812, anos empoeirados, queimados pelo sol, quentes e áridos, dos quais as pessoas fugiam da sesta do meio-dia e do sonho da madrugada.

Se acredita, leitor, a partir desse prelúdio, que nada de romance está sendo preparado, acalme-se, pois nunca estivera mais enganado. Antecipa sentimento, poesia e devaneio? Espera paixão, estímulo e melodrama? Apenas abaixe um pouco as suas expectativas, reduza-as a um padrão mais humilde. Algo real e sólido está diante de você, algo romântico como uma segunda-feira de manhã, na qual todos os que têm o que fazer devem pôr a mão na consciência e valer-se da mesma. Não que este romance não seja, positivamente, emocionante. Talvez para o meio ou o fim da refeição, sua expectativa seja atendida. Quem *lê* o primeiro prato pode compará-lo a uma refeição que se come na sexta-feira da Paixão: serão lentilhas frias e vinagre sem óleo, pão sem fermento com ervas amargas e nenhum cordeiro assado.

Voltando aos *vigários*, anteriormente à chuva deles, eram poucas as paróquias que podiam contar com mais de um. Não havia qualquer auxílio que os enviasse para ajudar os velhos pastores doentes ou mesmo algum incentivo para ajudar um jovem e vigoroso recém-formado saído de escolas como Oxford ou Cambridge.

No entanto, mesmo nesses tempos de escassez, havia alguns vigários. A preciosa planta era rara, contudo, existia. Certo distrito no Oeste de

Yorkshire podia se gabar de possuir três deles, florescendo num raio de vinte quilômetros. Venha conhecê-los, leitor. Entre nesta linda casa, rodeada por um belo e bem-cuidado jardim, situada nas imediações de Whinbury. Entre no pequeno salão onde os três estão jantando neste momento. Permita-me que eu os apresente: o vigário de Whinbury, Mr. Donne; o vigário de Briarfield, Mr. Malone; e o vigário de Nunnely, Mr. Sweeting. Estão nos aposentos que Mr. Donne alugou de certo John Gale, um pequeno negociante de tecidos. Mr. Donne, gentilmente, convidou seus irmãos para se deliciar com ele. Você e eu vamos participar da festa, ver o que tem para ser visto e ouvir o que está sendo dito. Por ora, somente comem e, enquanto isso, façamos uma brincadeira.

Estes senhores estão na flor da juventude, possuem, portanto, toda a atividade dessa interessante idade, atividade que seus velhos vigários, de bom grado, estimariam ver aplicada às funções pastorais, muitas vezes expressando um desejo de vê-la gasta em uma diligente superintendência às escolas e frequentes visitas aos doentes das respectivas paróquias. Contudo, os jovens levitas acham que este é um trabalho maçante, pois preferem esbanjar suas energias numa ocupação que – embora para outros olhos pareça mais pesada do que o tédio, mais amaldiçoada do que a monotonia – lhes renda uma fonte inesgotável de prazer e divertimento.

Refiro-me ao hábito de andar do alojamento de um para o do outro, não em círculo, mas em um triângulo de visitas que eles mantêm durante todo o ano, seja no inverno, na primavera, no verão ou no outono. Temporada e tempo não fazem diferença para eles; com zelo ininteligível se atrevem a enfrentar a neve, o vento, o granizo, a chuva, a lama e a poeira para ir jantar, tomar chá ou beber com o outro. O que os atrai, seria difícil dizer. Não é amizade, pois sempre que eles se encontram questionam uns aos outros. Tampouco é a religião, pois se tem uma coisa da qual eles nunca

falam, é dela. Podem, ocasionalmente, discutir assuntos de Teologia, mas de religião, nunca. Não é pelo prazer de comer ou beber, pois cada um deles pode ter em sua casa um jantar tão suculento como o que lhes é servido na casa de qualquer um dos seus colegas. Mrs. Gale, Mrs. Hogg e Mrs. Whipp, suas respectivas hospedeiras, afirmam que “estes senhores não têm outra finalidade senão dar trabalho às pessoas”. Por “pessoas”, as boas senhoras, obviamente, querem dizer, de fato, elas próprias, pois, com essa invasão, mantêm todas numa tarefa contínua.

Mr. Donne e os seus convidados, como eu já disse, estão jantando. Mrs. Gale os atende, porém uma centelha do fogo da cozinha brilha no seu olhar. Ela considera que é um privilégio convidar um amigo para uma refeição, ocasionalmente, sem custo adicional (um privilégio incluído nos termos em que ela deixa seus aposentos), que tem sido bastante suficientemente exercido. Durante a semana que se inicia, o vigário de Briarfield, Mr. Malone, chegou para o desjejum e ficou até o jantar; mas, na quinta-feira e na segunda-feira passadas, novamente ele e o vigário de Nunnely, Mr. Sweeting, vieram para o chá e ficaram para o jantar. Pernoitaram e foram favorecidos novamente com o desjejum da manhã da quarta-feira. Agora, na quinta-feira, novamente, ambos estão aqui no jantar e ela acredita que, é quase certo, passem a noite. “*C’en est trop*” [1], ela diria, se pudesse falar francês.

Mr. Sweeting está ocupado com o seu prato, cortando uma fatia de carne assada, e queixando-se de que está muito dura. Mr. Donne diz que a cerveja está fraca. Sim! Isso é que é o pior de tudo! Se eles ainda fossem civilizados, Mrs. Gale não se importaria tanto. Se eles apenas se mostrassem satisfeitos com o que ela lhes servia, ela não se importaria, mas “estes jovens curas são desprezíveis, colocam todos abaixo de seus status”, murmurava Mrs. Gale. Eles a tratavam com menos civilidade só porque ela

não mantinha vários criados, ela mesma cuidava do trabalho da sua casa como sua mãe fazia antes dela. Então, eles estavam sempre falando mal dos costumes das pessoas de Yorkshire, o que, para Mrs. Gale, era prova de que não eram verdadeiros cavalheiros. “Os velhos párocos valem mais que toda essa massa de colegiais, pois eles sabem o que são boas maneiras e são benévolos com os pobres e com os ricos”.

– Mais pão! – gritou Mr. Malone, cujo tom e pronúncia, embora prolongada, indicavam que nascera na terra dos trevos e das batatas, isto é, na Irlanda. Mrs. Gale detestava Mr. Malone mais do que a qualquer um dos outros dois, mas ela também o temia, pois ele era um personagem alto, de constituição forte, com reais pernas e braços irlandeses, e um rosto genuinamente nacional, um rosto milesian, tipo dos últimos soldados hispânicos invasores da Irlanda, não do estilo Daniel O’Connell, mas um tipo de rosto norte-americano-indiano que pertence a uma determinada classe de nobreza irlandesa, que tem um olhar petrificado e orgulhoso, mais adequado para um proprietário de escravos do que para um proprietário de um campesinato livre. Diziam que o pai de Mr. Malone era um cavalheiro pobre, endividado e arrogante; e seu filho era como ele.

Mrs. Gale ofereceu o pão.

– Pare com isso, mulher! – disse o seu convidado à mulher que cortava o pão em fatias. Se ela tivesse seguido suas inclinações, teria cortado o pároco também. A sua alma se revoltava com o seu modo de comando.

Os párocos tinham bom apetite e, apesar da carne dura, eles comeram uma grande quantidade. Ingeriram também um subsídio tolerável da “cerveja fraca”, um prato de pudim de Yorkshire e duas vasilhas inteiras de legumes desapareceram como folhas perante gafanhotos. O queijo também recebeu notas distintas de sua atenção e um bolo, que era para a sobremesa

do dia seguinte, desapareceu como uma visão e não foi mais encontrado. O seu sumiço foi cantado na cozinha por Abraão, filho e herdeiro de Mrs. Gale, um jovem de seis verões, que havia contado com uma fatia da iguaria e, quando sua mãe derrubou o prato vazio, ele levantou sua voz e chorou abundantemente.

Enquanto isso, os jovens curas degustavam seu vinho, um licor *vintage* despretensioso, moderadamente apreciado. Para Mr. Malone, de fato, seria muito melhor ter tido uísque, porém Mr. Donne, sendo um inglês, não mantinha a bebida. Enquanto bebiam, eles argumentavam não de Política, nem de Filosofia, nem de Literatura – esses temas, como sempre, eram totalmente sem interesse para eles. Nem mesmo de Teologia eles falavam, nem das práticas doutrinárias, contudo falavam de pontos insignificantes da disciplina eclesiástica, frivolidades que pareciam tão vazias como bolhas de sabão.

Mr. Malone, que maquinou uma maneira de garantir dois copos de vinho enquanto os colegas se contentaram com um, foi se aproximando, hilariante, do que lhe era habitual, isto é, tornou-se um pouco insolente, disse coisas rudes em um tom de intimidação e riu clamorosamente da sua própria eloquência.

Cada um de seus companheiros tornou-se alvo das suas garras. Mr. Malone tinha à sua disposição um estoque de piadas que ele estava acostumado a se servir regularmente em ocasiões de convívio, como a presente, e raramente variava sua sagacidade, para que, de fato, não havia necessidade, pois ele nunca se considerava monótono e não se importava com a opinião dos outros. Para Mr. Donne foram alusões sobre sua extrema magreza e seu nariz arrebitado; sarcasmos mordazes a propósito de um sobretudo puído, cor de chocolate, que esse cavalheiro estava acostumado a usar sempre que chovia ou parecia que iria chover, e críticas sobre a

maneira peculiar de Mr. Donne pronunciar certas frases, certamente merecedor de observação pela elegância que comunicava seu estilo.

Mr. Sweeting foi troçado pela sua estatura. Ele era um homem pequeno, uma criança no físico, se comparado ao atlético Mr. Malone. Também sofreram sarcasmos as suas realizações musicais – ele tocava flauta e cantava hinos como um serafim – e metido a ridículo por ser tratado como o “Benjamim das jovens senhoras de sua paróquia”. Mr. Malone citou que ele era menosprezado como um “animal de estimação” dessas senhoras, zombou sobre a mãe e as irmãs, com quem o pobre Mr. Sweeting tinha relação persistente e de quem ele foi tolo o suficiente para falar na presença do arroz com casca do sacerdotal Mr. Malone.

Cada vítima acolhia os seus ataques à sua própria maneira: Mr. Donne com ar empolado e autocomplacente e uma fleuma um tanto ou quanto dolorida ao ver os adereços da sua dignidade de uma forma um tanto frágil. Mr. Sweeting com a indiferença de uma disposição fácil, frívola, de quem nunca professou ter qualquer dignidade a se manter.

Quando as zombarias de Mr. Malone se tornaram altamente ofensivas, o que logo aconteceu, os dois se juntaram em uma tentativa de virar o jogo contra ele, perguntando-lhe quantos garotos o tinham acompanhado pela estrada, de manhã, gritando “Pedro, o Irlandês!” (Ele era, de fato, o reverendo Pedro Augusto Malone); indagaram também se era costume na Irlanda os clérigos andarem com pistolas carregadas em seus bolsos em suas visitas pastorais e perguntaram o significado de certas palavras, as quais Mr. Malone, invariavelmente, pronunciava de forma errada, como: véu, firme, leme e tempestade; e empregando outros métodos de retaliação, como o refinamento inato de suas mentes sugeria.

Isto, é claro, não podia, evidentemente, dar bom resultado. Mr. Malone, não sendo nem de boa índole nem fleumático, não tardou a ficar

exasperado. Ele vociferava e gesticulava enquanto Mr. Donne e Mr. Sweeting apenas riam. Ele os insultava chamando-os de saxões esnobes com sua voz *Centic* num tom muito alto. Os dois zombavam dele por ser o nativo de uma terra conquistada. Ele ameaçou rebelião em nome de sua pátria e desabafou seu ódio amargo contra o domínio inglês; eles falaram de trapos, mendicância e pestilências. Ninguém se entendia mais naquela saleta que estava em alvoroço e dir-se-ia estar prestes a travar-se um duelo. Era de se admirar que Mr. e Mrs. Gale, alarmados pelos ruídos, não tivessem chamado um policial para manter a paz. Contudo, ambos já estavam acostumados a tais manifestações e sabiam muito bem que os vigários nunca jantavam ou tomavam chá juntos sem um pouco de exercício do tipo. Eles também sabiam que essas disputas clericais eram tão inofensivas como eles eram barulhentos, que não resultariam em nada, e que, em quaisquer termos que os vigários pudessem se separar à noite, no outro dia, voltavam a ser os melhores amigos do mundo.

Enquanto o digno casal estava sentado ao canto do fogo da cozinha, ouvindo o ruído do contato repetido do punho de Mr. Malone contra a mesa de mogno da sala de visitas, o choque dos copos nas garrafas, o riso zombeteiro dos aliados ingleses e a declamação gaguejada do isolado irlandês, ouviu-se um ruído de passos e o batente da porta exterior retumbou com violência. Mr. Gale foi abrir.

– Quem está lá em cima na sala? – perguntou uma voz bastante notável, rápida e em tom nasal.

– Oh, Mr. Helstone! É o senhor? Mal podia vê-lo nessa escuridão. Quer entrar?

– Quero saber primeiro se vale a pena perder meu tempo. Quem está lá em cima?

– São os vigários, senhor.

– O quê! Todos eles?

– Sim, senhor.

– Vieram jantar aqui?

– Sim, senhor.

– Está bem.

Com essas palavras, o recém-chegado entrou. Era um homem de meia-idade, vestido de preto. Atravessou a cozinha, abriu uma porta e, inclinando a cabeça, ficou ouvindo. A algazarra estava no auge.

– Eh! – exclamou ele para si mesmo; em seguida, voltando-se para o senhor Gale, disse: – Esse gênero de coisa é frequente?

Mr. Gale tinha sido tesoureiro da igreja e era indulgente para com o clero.

– Eles são jovens, senhor. São jovens – disse num tom de desculpas.

– Jovens?! Eles precisam de duas bengaladas na cabeça! Raça ruim! E se você fosse um dissidente, John Gale, em vez de ser um bom adepto da igreja Anglicana, faria o mesmo ao ponto de se comprometer e comprometer a igreja? Eu vou...

Sem terminar a frase, ele passou pela porta interior, que fechou atrás de si, e subiu as escadas. Mais uma vez ele escutou alguns minutos, depois, entrando sem bater, estacou diante dos vigários.

Os três emudeceram e ficaram paralisados. Mr. Helstone, personagem de baixa estatura, ereto como uma cabeça de falcão sobre ombros largos – só bico e olhos – e, por cima de tudo isso, um grande chapéu que ele não achou necessário remover diante de tais presenças, cruzou os braços sobre o peito e examinou demoradamente os seus jovens amigos, se amigos fossem.

– Pois, quê! – ele começou, numa voz que já não era nasal, mas profunda, mais do que profunda, uma voz que, propositalmente, fizera vibrante e cavernosa. – Pois, quê! Acaso se repetiu o milagre de

Pentecostes? Acaso as línguas de fogo desceram novamente? Onde estão elas? O seu ruído enchia, há um instante, toda a casa. Ouvi as dezessetes línguas em plena ação. Partos e medas; elamitas; línguas da Capadócia; de Ponto; da província da Ásia; da Frígia; da Panfília e do Egito, além de partes da Líbia na direção de Cirene, de Roma, dos judeus, dos cretenses e dos árabes, cada uma delas deve ter tido o seu representante nesta sala há dois minutos desde que... Mas, vejo que me enganei de capítulo, de livro... Não foi o dom de línguas, mas sim uma confusão das línguas que me pôs surdo como uma porta. Os senhores, apóstolos? Pois, olho e vejo três presunçosos pedreiros da Babilônia, nem mais nem menos.

– Imploro o seu perdão, Mr. Helstone – começou Mr. Donne. – Sente-se, senhor, e tome um copo de vinho.

Sua cortesia não recebeu resposta e Mr. Malone falou:

– Asseguro-lhe, senhor, que tínhamos apenas uma conversa, tomamos um copo ou mais de vinho depois de um jantar entre amigos e estava metendo na ordem os dissidentes.

O falcão de casaco preto prosseguiu: – Ah! Metendo na ordem os dissidentes, não é? Seriam, porventura, os dissidentes que Malone metia na ordem? Antes me pareceu que eram os seus coapóstolos. Vocês alternavam e os três sozinhos faziam mais barulho do que Moisés Barraclough, o alfaiate pregador e todos os seus ouvintes lá embaixo na capela Metodista. Eu sei bem quem começou essa disputa. A culpa é sua, Malone.

– Minha, senhor?

– Sim, sua. Donne e Sweeting estavam quietos antes da sua chegada e estariam agora tranquilos se tivesse ido embora. Quando o senhor cruzou o Canal da Mancha, deveria ter deixado do outro lado os seus hábitos irlandeses. Estas maneiras de estudantes de Dublin não servem para aqui. Os processos que poderiam passar despercebidos em um pântano selvagem

e um distrito de montanha em *Connaught* vêm parar numa paróquia inglesa decente e trazer desgraça para aqueles que se entregam a eles, e, o que é muito pior, sobre a sagrada instituição da qual eles são apenas um humilde apêndice.

Havia certa dignidade na forma em que o pequeno cavalheiro idoso repreendia os jovens, embora essa maneira não fosse apropriada às circunstâncias. Mr. Helstone, estando em linha reta como um afiado punhal, apesar de seu chapéu clerical, casaco preto e polainas, mais parecia um oficial veterano chamando atenção de seus subalternos do que um venerável sacerdote exortando seus filhos na fé. O evangelho brando, a benignidade apostólica, nunca pareceu ter respirado sua influência sobre aquele rosto afiado e moreno. A firmeza e a sagacidade, entretanto, tinham esculpido suas próprias linhas sobre ele.

– Encontrei esta tarde Supplehough – e continuou o reverendo – se arrastando pela lama quando ia pregar na loja de Milldean. E, como eu já lhes disse, ouvi Barraclough berrando no meio de uma assembleia, como um touro furioso, e eu venho encontrá-los se divertindo com o seu meio litro de vinho do Porto e a xingarem como velhas furiosas! Mas basta de conversa! Eu vim procurar você, Malone. Tenho uma missão para o senhor, capitão!

– E qual é ela? – perguntou Mr. Malone, desconcertado. – Não pode haver funeral agora.

– Traz alguma arma aí?

– Armas, senhor? Sim, as pernas – e ele avançou com os membros poderosos.

– Bah! Armas, Malone, eu quis dizer armas.

– Tenho as pistolas que o senhor me deu. Nunca me separo delas. Mantenho-as sempre carregadas em uma cadeira ao lado da minha cama. E

tenho a minha bengala.

– Muito bom. Quer ir à fábrica de Hollow?

– O que se passa no Moinho Hollow?

– Nada ainda e talvez nada venha a acontecer, mas Moore está lá sozinho. Ele enviou todos os trabalhadores que ele podia confiar para Stilbro. Só ficaram duas mulheres na fábrica. Seria uma boa ocasião para quem não lhe quer bem fazer uma visita.

– Não sou nenhum de seus simpatizantes, senhor. Não quero saber dele para nada.

– Eh! Malone, você está com medo!

– O senhor me conhece melhor do que ninguém e bem sabe que não estou com medo. Se eu soubesse que havia uma chance de desordem, eu iria. Mas, Mr. Moore é um homem reservado, estranho, que eu não pretendo de forma alguma compreender e, por amor da sua agradável companhia, eu não daria um passo.

– Mas, é provável que haja desordem, isto é, se não for mesmo um verdadeiro motim. Vejo sinais disso e é pouco provável que esta noite se passe tranquilamente. Você sabe que o Moore resolveu comprar máquinas novas e ele espera duas carroças carregadas de teares e outros maquinários nesta noite em Stilbro. Scott, o contramestre, e alguns homens escolhidos foram buscar esse material.

– Eles vão trazê-lo em segurança e sem dificuldades, senhor.

– É o que Moore diz e ainda afirma não precisar de ninguém. No entanto, é preciso alguém, mesmo que seja apenas para servir de testemunha caso suceda alguma coisa. Acho Moore muito descuidado. Fica no escritório com as persianas abertas, anda de um lado para o outro à noite, vagueia até a roça pela estrada da Fieldhead, entre as plantações, como se ele fosse o queridinho da vizinhança; mas que, detestado como ele é, só

pode ter algum amuleto encantado como se diz nas histórias. Ele não se impressiona com a sorte que tiveram o Pearson e o Armitage, mortos, um em sua própria casa e o outro na charneca.

– Mas, ele devia acautelar-se, senhor, e tomar precauções também – interrompeu Mr. Sweeting. – Eu acho que ele faria isso se ouvisse o que eu ouvi no outro dia – acrescentou.

– O que você ouviu, Davy?

– Mike Hartley, senhor?

– O tecelão Antinomian?

– Sim. Quando Mike vai beber, ele geralmente acaba por fazer uma visita ao presbitério de Nunnely e dizer a Mr. Hall o que se passa em sua cabeça.

– Bem, isso não tem nada a ver com Moore.

– Além de ser um antinomiano, ele é um jacobino violento e nivelador, senhor.

– Eu sei. Quando ele está muito bêbado, sua mente está sempre correndo no assassinato de um rei. Mike não está familiarizado com a história e está cheio de gente para ouvi-lo passando por cima da lista de tiranos de quem, como ele diz, “o vingador do sangue tem a satisfação obtida”. Ele se exulta estranhamente com assassinatos de cabeças coroadas ou em qualquer cabeça por razões políticas. O que ouvi deu a entender que ele parece ter ódio de Moore.

– O senhor usou o termo apropriado. Mr. Hall acha que Mike não tem ódio pessoal por Mr. Moore, mas ele tem sim. Mike diz que Mr. Moore deve ser feito de exemplo. Ele ficou incitando Mr. Hall no outro dia dizendo que Mr. Moore vai acabar com os empregos do povo de Yorkshire, e, por essa razão, ele afirma, Mr. Moore deve ser escolhido como um sacrifício,

uma oblação de cheiro doce. E Mike Hartley é perigoso, o senhor não acha? – perguntou Mr. Sweeting, simplesmente.

– Não é possível dizer, Davy. Ele pode ser louco, ou ele pode ser apenas astuto, ou talvez um pouco de ambos. Vamos embora, Malone. Por que está ainda aqui?

– Estou admirado de que o senhor mesmo não tenha ficado com Mr. Moore, o senhor que, afinal, tanto gosta dessas coisas.

– Era o que eu teria feito se, infelizmente, não tivesse convidado o Boultby para cear comigo ao vir da reunião da Sociedade Bíblica de Nunnely. Prometi ao Moore que o mandaria para me substituir, o que ele, aliás, não me agradeceu. Gostaria muito mais de ter a mim do que a você, Pedro. Se ele tiver muita necessidade de auxílio, irei ter com vocês. A sineta da fábrica me avisará. Portanto, vá. A não ser – disse ele, voltando-se subitamente para os senhores Sweeting e Donne – a não ser que David Sweeting e José Donne prefiram ir. A missão é honrosa, até com o condimento de um perigosinho, porque a região vive num singular estado, como todos sabem. Vamos, entregue as suas armas a eles e pegue sua bengala que está naquele canto.

Com uma careta eloquente, Mr. Malone apresentou as pistolas, oferecendo uma a cada um dos colegas, que não mostraram muita pressa em pegá-las. Com graciosa modéstia, cada qual recuou um passo perante a oferta das armas.

Mr. Helstone sorriu sardonicamente; Mr. Malone soltou uma risada que mais parecia um relincho.

Mr. Malone pousou novamente as armas, pegou o chapéu e a bengala e, dizendo que nunca se tinha sentido tão bem disposto para responder a uma agressão e que bem desejava que uma vintena desses sujos “barbeiros de panos” atacasse a fábrica de Mr. Moore naquela noite, saiu, desceu as

escadas em duas ou três pernadas, e fez tremer a casa com a violência com que fechou a porta atrás de si.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO II

OceanofPDF.com

As Carroças

A noite era um breu. As estrelas e a lua apareciam veladas por grossas nuvens que, acinzentadas durante o dia, eram agora totalmente enegrecidas.

Mr. Malone não era um homem dado à observação da natureza, cujas mudanças passavam, em sua maior parte, despercebidas por ele. Ele podia andar quilômetros nos mais variados dias de abril e nunca ver a beleza da terra e do céu, nunca notar quando um raio de sol beijava as colinas, tornando-as cada vez mais verdes pela sua clara luz ou quando uma chuva caía sobre elas como tranças desgrenhadas de uma nuvem. Ele, portanto, não percebeu o contraste do céu de agora, que mais parecia um cofre abafado ou um córrego escuro, salvo para o Leste, onde os fornos da siderúrgica Stilbro jogavam um brilho trêmulo e lúgubre no horizonte dessa noite fria. Ele não se deu ao trabalho de perguntar a si mesmo para qual lugar as constelações e os planetas tinham ido.

Ele, obstinadamente, seguia seu caminho inclinando-se um pouco para a frente enquanto andava, com seu chapéu deitado para trás à maneira irlandesa, batendo com os pés na calçada, vangloriando-se pelo privilégio de sair dos buracos cheios de lama, ou marchando pelos atalhos quando o pavimento era substituído por cascalho. Não se preocupava senão com alguns pontos de referência, como a torre da igreja de Briarfield e, mais adiante, as luzes da Casa Vermelha. Esta era uma estalagem e, quando ali chegou, o brilho do fogo através de uma janela, cujas cortinas estavam meio abertas, deu-lhe a visão de copos em cima de uma mesa redonda e alegres foliões sentados num banco de carvalho, visão que lhe deu vontade de desviar seu curso. Sentiu saudade de um copo de uísque com água e, se fosse noutro lugar, teria saciado instantaneamente o seu desejo. Mas os

indivíduos reunidos ali na cozinha eram paroquianos de Mr. Helstone e todos o conheciam. Soltou um longo suspiro e passou adiante.

Deveria deixar a estrada naquele ponto, pois a distância restante para a manufatura de Hollow podia ser consideravelmente reduzida desde que se cruzassem os campos que eram planos. Mr. Malone tomou esse rumo, escalando sebes e muros. Passou junto de um edifício de um só pavimento, largo e irregular, mergulhado em total escuridão; nenhuma luz brilhava nas janelas. O ruído da chuva escorrendo dos beirais e o silvo bastante selvagem do vento ao redor das chaminés e através dos ramos eram tudo o que se ouvia.

Depois de passar pelo edifício, os campos, até então planos, desciam em rápido declive. Havia, decerto, um vale abaixo através do qual se podia ouvir a água correr. Uma luz brilhava na profundidade do vale. Ele, portanto, tomou aquela direção.

Aproximou-se de uma pequena casa branca – via-se que era branca, mesmo através da densa escuridão – e bateu à porta. Uma criada ainda jovem veio abri-la. À luz da vela que ela segurava via-se uma passagem estreita que terminava em uma escada também estreita. Duas portas cobertas de sarja carmesim, uma passadeira da mesma cor nos degraus contrastando com as paredes de cores claras e o piso branco davam ao lugar um aspecto de frescor e limpeza.

– Mr. Moore está em casa, suponho.

– Sim, senhor, mas ele não está aqui dentro.

– Não está aqui? Onde ele está, então?

– No escritório da fábrica.

Neste momento, uma das portas carmesins abriu-se.

– Já chegaram as carroças, Sarah? – perguntou uma voz feminina, e, ao mesmo tempo, surgiu uma cabeça. Não era uma cabeça de uma deusa, os

papelotes que se elevavam acima da face impediam tal suposição, mas também não era a cabeça de uma Górgona. Foi, contudo, o efeito que produziu sobre Mr. Malone. Grande como ele era, recuou de volta à chuva, intimidado e dizendo: – Vou procurá-lo – e precipitou-se através de um tapete de relva e de um pátio obscuro em direção a uma fábrica enorme e escura.

Já se passara a hora do trabalho e os operários tinham partido. O maquinário estava em repouso e a fábrica, fechada. Andou em volta do edifício até encontrar uma fresta de luz e bateu na porta com a ponta da bengala. Uma chave girou e a porta abriu-se.

– É você, Joe Scott? Quais são as notícias das carroças?

– Não, sou eu. Foi Mr. Helstone que me mandou.

– Ah! É Mr. Malone! – e a voz, ao pronunciar esse nome, teve uma leve inflexão de desapontamento. Depois de uma breve pausa, continuou, educadamente, mas um pouco formal: – Faça o favor de entrar, Mr. Malone. Lamento muito que Mr. Helstone tenha achado necessário incomodá-lo. Não era preciso. Até o momento não houve necessidade e eu lhe disse isso... e em uma noite como esta! Entre.

Através de uma sala escura, da qual não se distinguia o aspecto, Mr. Malone seguiu o seu interlocutor até outra sala clara e luminosa. Com exceção de um excelente fogo e de um elegante candeeiro que brilhava em cima da mesa, o lugar era muito simples. Não havia tapetes sobre o piso; três ou quatro cadeiras de espaldar, pintadas de verde, que pareciam ter pertencido a uma cozinha de alguma fazenda; uma escrivaninha sólida, a já referida mesa; nas paredes de cor de pedra, algumas molduras com planos de casas, de jardins, projetos de máquinas e outros objetos completavam todo o mobiliário.

Por mais simples que fosse, aquele mobiliário parecia satisfazer Mr. Malone, que, mal removera e pendurara o casaco e chapéu molhados, aproximou do fogo uma das grandes cadeiras e quase encostou seus joelhos nas barras da grade de ferro da lareira, no momento quase incandescente.

– Mr. Moore tem aqui uma sala confortável e muito cômoda para si mesmo.

– Sim, mas minha irmã ficaria feliz em vê-lo, se preferir, entrar em casa.

– Oh, não! As senhoras estarão bem melhor sozinhas. Nunca fui o favorito das damas. Não me confunde com o meu amigo Mr. Sweeting, não é verdade?

– Mr. Sweeting! Qual deles é ele mesmo? O cavalheiro de sobretudo cor de chocolate ou o baixinho?

– O baixinho, o de Nunnely, o cavaleiro andante das misses Sykes. Ele está apaixonado por todas as seis! Ah, ah!

– Mais vale, segundo me parece, amá-las todas do que uma em particular.

– Mas é que ele, além disso, está apaixonado por uma em particular, pois quando Mr. Donne e eu o incitamos a fazer uma escolha, ele nomeou uma delas. Adivinhe quem?

Com um sorriso calmo e fino, Mr. Moore respondeu:

– Miss Dora, naturalmente, ou Miss Harriet.

– Ha! Ha! O senhor tem um palpite excelente! Mas o que o fez pensar nessas duas?

– Porque, como são as mais altas e mais bonitas, Miss Dora, pelo menos, é a mais robusta, e como o seu amigo Mr. Sweeting é baixo e magro, concluí que, segundo o costume, teria escolhido a que faz maior contraste com ele.

– Tem razão, é Miss Dora. Mas, ele não tem chance, não acha Mr. Moore?

– O que Mr. Sweeting tem além de sua paróquia?

Esta questão, surpreendentemente, parecia agradar a Mr. Malone. Ele riu por três minutos antes de responder.

– O que Mr. Sweeting tem? David tem sua harpa, sua flauta, uma espécie de relógio, um anel e um par de óculos. É isso tudo que ele tem.

– Como é que ele se propõe a manter uma Miss Sykes? Pagar seus vestidos, por exemplo?

– Ha! Ha! Excelente! Vou perguntar-lhe da próxima vez que eu o vir e vou troçá-lo por sua presunção! Mas, sem dúvida, ele espera que o velho Mr. Christopher Sykes lhe seja generoso. Ele é rico, não é? Eles vivem em uma grande casa!

– Mr. Sykes é um grande negociante – respondeu Mr. Moore.

– Portanto, deve ser rico, não é?

– Portanto, ele deve saber perfeitamente como empregar sua riqueza, e nestes tempos, pensa tão pouco em retirar dinheiro da empresa para dar dotes às filhas como eu em derrubar minha casinha e construir sobre suas ruínas uma casa tão grande como Fieldhead.

– Sabe, Mr. Moore, o que eu ouvi dizer outro dia?

– Não. Talvez que eu tencionasse efetuar alguma mudança desse gênero. Os fofoqueiros de Briarfield são capazes de tolices dessas ou ainda maiores.

– Ouvi dizer que o senhor ia alugar Fieldhead. Esta noite, ao passar por lá, pareceu-me um lugar sombrio... e que a sua intenção seria se estabelecer lá, como senhora, uma Miss Sykes, e casar-se enfim. Ha! Ha! Então, qual delas escolheu? Miss Dora, eu tenho certeza. Disse que ela era a mais bonita.

– Estou admirado com a quantidade de vezes que me casaram desde que eu vim para Briarfield. Eles me designaram como marido de todas as moças do distrito. Agora, o que dá motivos para essas bisbilhotices, eu não sei. Só Deus sabe! Não vejo ninguém e procuro tão pouco o convívio das mulheres como você, Mr. Malone. Meus pensamentos estão tão ocupados com os tecidos que eu não posso vender, mãos que não posso empregar, com a fábrica que eu não posso colocar para trabalhar, o curso dos acontecimentos em geral, que, por ora, eu não posso alterar em demasiado o meu espírito para pensar em namoro, matrimônio, ninharias tipo paixonites e o resto.

– Sou absolutamente da sua opinião, Mr. Moore. Se há uma coisa que eu deteste acima de tudo, é a ideia de casamento, quero dizer, do casamento no sentido vulgar, como uma mera questão de sentimento: dois tolos desprezíveis concordando em unir sua indigência por algum laço de sentimento fantástico. Que absurdo! Mas, uma conexão vantajosa, baseada em sólidos interesses, não é assim uma coisa tão má, que lhe parece? Hein?

– Não – respondeu Mr. Moore, de um modo ausente. O assunto parecia não ter nenhum interesse para ele e deixou cair a conversa. Após fitar o fogo por algum tempo com um ar preocupado, voltou bruscamente a cabeça.

– Ouça! – disse ele. – Não ouviu ruído de rodas?

Levantando-se, foi até a janela, abriu-a e escutou. Fechou-a em seguida.

– É apenas o ruído do vento que aumentou – observou Mr. Moore – e o barulho das águas do riacho que aumentaram devido à chuva que engrossou. Eu esperava essas carroças às seis horas e já são quase nove.

– Sério? Acha mesmo que a instalação deste novo maquinário vai lhe trazer algum inconveniente? Mr. Helstone parece pensar que sim.

– O que eu quero é ver as máquinas e os teares em segurança aqui. Uma vez montados dentro das paredes deste moinho, desafio quem quer que seja que queira dar cabo deles. Deixe que me visitem e terão que arcar com as consequências. A minha fábrica é a minha fortaleza.

– Hum! Não se faz caso de semelhantes canalhas – observou Mr. Malone, em veia filosófica. – Eu quase desejo que um desses bandos apareça nesta noite, mas a estrada pareceu-me há pouco extremamente sossegada.

– Veio pela Casa Vermelha?

– Sim.

– Desse lado não há nada. O perigo está na direção de Stilbro.

– E acredita nesse perigo?

– O que eles têm feito aos outros, podem fazer comigo. Há apenas uma diferença: os fabricantes parecem paralisados quando são atacados. Não tomam medidas para descobrir ou punir os malfeitores. Dão-se mansamente como um coelho sob as mandíbulas de um furão. Quanto a mim, se eu me conheço, defenderei minha fábrica, meu comércio e minhas máquinas.

– Mr. Helstone diz que essas três coisas são os seus deuses; que as ordenações reais estão para você como os sete pecados capitais; que Castlereagh é o seu Anticristo e o partido da guerra, a sua legião.

– Sim, eu abomino todas essas coisas porque elas me arruinaram. Elas ficam no meu caminho. Por causa da guerra, eu não posso executar meus planos. Paro todo o momento por seus efeitos deploráveis.

– Mas o senhor, Mr. Moore, é rico e próspero.

– Sou rico em mercadoria que eu não posso vender. Se o senhor entrar em meus armazéns vai vê-los cheios; tecido empilhado até o teto. Mr.

Roakes e Mr. Pearson estão na mesma condição; a América era o mercado deles, mas as ordens reais fecharam-no.

Mr. Malone, contudo, não parecia disposto a sustentar semelhante conversa. Começou a bater os saltos das botas um contra o outro e a bocejar. Mr. Moore, que parecia muito ocupado com a corrente de seus próprios pensamentos, depois de alguns segundos, notou o tédio de seu convidado e mudou de assunto.

– Pois bem, Mr. Malone, vamos voltar ao seu assunto inicial, as fofocas ridículas de Whinbury e Briarfield sobre com quem devo me casar! Como se não houvesse nada mais para ser feito na vida, devo 'prestar atenção' em uma jovem senhora e, depois, como eles dizem, ir à igreja com ela e então começar uma turnê de noiva, depois iniciar uma série de visitas e, então, suponho, montar uma família. Oh, *Que le diable emporte*! – ele tentou se acalmar, pois havia se lançado com certa energia naquele assunto e, portanto, acrescentou com mais calma: – Eu acredito que as mulheres falam e pensam somente nessas coisas e elas, naturalmente, fantasiam que as mentes dos homens sejam igualmente ocupadas com tais asneiras.

– Claro, claro – concordou Mr. Malone – enquanto assobiava, olhava impacientemente à sua volta. Parecia sentir um grande desejo ou falta de alguma coisa. Desta vez, Mr. Moore logo compreendeu.

– Mr. Malone, aceita um refresco depois de sua caminhada molhada? Desculpe-me, acabei esquecendo-me da hospitalidade.

– Não! Não! – voltou Mr. Malone, mas continuava agitado. Mr. Moore levantou-se e abriu um armário.

– Tenho o hábito – disse ele – de ter sempre qualquer coisa à mão para todas as conveniências e não ser dependente da feminilidade da casa. Costumo passar a noite aqui, pois, às vezes, sou o meu próprio vigia. Em

outras, Joe Scott dorme aqui. O senhor sabe grelhar uma costeleta de carneiro, Mr. Malone?

– Ponha-me à prova. Já fiz isso centenas de vezes quando estava no colégio.

– Aqui estão as costeletas e a grelha. O segredo é manter os sucos dentro.

– Confie em mim e verá. Apenas me faça o favor de me dar um garfo e uma faca – respondeu o outro, mais entusiasmado.

O vigário arregaçou as mangas e aplicou-se à culinária com vigor. O fabricante colocou sobre a mesa pratos, pães, uma garrafa preta e dois copos. Tirou do armário uma pequena chaleira de cobre, encheu-a da água de uma jarra, colocou-a sobre o fogo ao lado da grelha, pegou um limão, açúcar e uma pequena taça de porcelana para o ponche, mas enquanto ele preparava a bebida, uma pancada na porta o interrompeu.

– É você, Sarah?

– Sim, sou eu. O jantar está servido, senhor.

– Não irei esta noite, Sarah. Vou dormir no moinho. Tranque as portas e diga à sua senhora para ir para a cama sem me esperar.

Mr. Moore voltou.

– O senhor tem sua casa em ordem – observou Mr. Malone, com aprovação e com o rosto corado como as brasas sobre as quais ele se curvava. Ele girava assiduamente as costeletas e tagarelava sem parar. – O senhor não está sob o governo de uma anágua como o pobre Mr. Sweeting! Como essa gordura espirra! – Mr. Malone queimou a mão, sacudiu-a e continuou: – Mr. Sweeting está destinado a ser governado por mulheres. Agora é conosco, Mr. Moore! Há um pedaço assado aqui cheio de molho! Nós não teremos éguas cinzentas em nossos estábulos quando nos casarmos.

– Não sei. Eu nunca penso sobre isso. Se a égua cinza for bonita e dócil, por que não? – respondeu Mr. Moore.

– As costeletas estão prontas. E o seu ponche?

– Aqui tem um copo, prove. Quando Joe Scott e seus ajudantes retornarem, terão a parte deles, desde que tragam os teares intactos.

Mr. Malone estivera exultante durante a ceia. Ele riu alto sobre ninharias, fez piadas ruins e aplaudiu a si mesmo, e, em suma, tornou-se barulhento como sempre. O seu anfitrião, pelo contrário, permanecera calmo como antes.

É tempo, leitor, de ter alguma ideia da aparência de Mr. Moore. Devo me esforçar para esboçar como ele se sentava à mesa.

Mr. Moore, à primeira vista, era aquilo que provavelmente se chamaria de um homem de aparência estranha. Ele era magro, moreno e pálido. Seus cabelos espessos eram negligenciados sobre a testa. Parecia que ele gastava muito pouco tempo com a sua pessoa e parecia também inconsciente da sua beleza e simetria meridional, pois as linhas de seu rosto eram regulares e perfeitamente belas. Nenhum espectador tomava consciência dessa vantagem até que ele o examinasse bem, pois um semblante ansioso e qualquer coisa de desnorteado e um pouco abatido no contorno do seu rosto, perturbava a ideia da beleza. Seus olhos eram grandes e cinzentos; sua expressão era grave e meditativa; o olhar mais perscrutador do que meigo; mais pensativo do que alegre. Quando ele entreabria seus lábios num sorriso, sua fisionomia tornava-se agradável; não que, mesmo assim, fosse franca e animada, mas dava a impressão de um encanto sossegado, sugestivo, de uma natureza reservada e talvez benévola; de um coração capaz de se mostrar abnegado, indulgente e fiel. Ele ainda era jovem, não mais do que trinta anos; sua estatura era elevada e sua figura, elegante. A sua maneira de falar, talvez, desagradasse alguns, devido

a sua pronúncia estrangeirada: ele era filho de pai inglês com mãe francesa e ele próprio nascera em terras estrangeiras.

Mas Mr. Moore era meio britânico. De origem híbrida, era provável que seus sentimentos também fossem híbridos, particularmente seu patriotismo. Era incapaz de se ligar a um partido, a uma seita, até mesmo a clima e costumes determinados.

O comércio era a profissão hereditária de Mr. Moore. Os Gerards, da Antuérpia, tinham sido negociantes durante os dois últimos séculos e feito fortuna. Mas, as incertezas, as especulações desastrosas, tinham abalado os fundamentos do crédito da família. Havia doze anos que os alicerces da sua casa oscilavam e, finalmente, o choque da Revolução Francesa o tinha arrastado para a ruína total. Nesta queda, fora arrastada a empresa inglesa de Robert Moore, em Yorkshire, intimamente ligada, por interesses, a do pai na Antuérpia. O pai, que havia se casado com Hortense Gérard com a perspectiva de que sua noiva herdasse sua parte na herança do sogro, Constantino Gérard, no negócio, herdara apenas o passivo da empresa. Este passivo, embora devidamente liquidado por um acordo com os credores, dizia-se que seu filho, Robert Moore, o aceitara como herança, esperando extingui-lo um dia e restabelecer assim a casa dos Gérard e dos Moore num nível pelo menos igual à sua antiga grandeza.

Supunha-se que ele tomara o passado sob circunstâncias do coração. Passara a infância ao lado da mãe, sob o presságio das dificuldades financeiras, e uma masculinidade encharcada e marcada pela descida impiedosa da tempestade. Isso, de fato, poderia dolorosamente impressionar sua mente que, provavelmente, não ficou impressionada com caracteres dourados.

Se, no entanto, ele tinha em vista um ótimo motivo para restaurar a fortuna da família, não estava em seu poder empregar grandes meios para

sua realização. Tinha se proposto a um grande fim, mas faltavam-lhe meios para atingi-lo e foi obrigado a se contentar com um negócio modesto.

Quando ele veio para Yorkshire, onde seus antepassados possuíram armazéns em portos e fábricas espalhados pelas aldeias, casas de campo e de cidade, não viu alternativa senão alugar um imóvel numa pequena aldeia retirada para sua fábrica de tecido e tomar uma simples *cottage* ao lado como residência. Arrendara ainda alguns acres de terra íngreme e árida, nas margens do ribeiro, que fazia mover as máquinas; e a terra, além de fornecer pasto para seu cavalo, servia-lhe como cenário para suas caminhadas rotineiras. Obtivera tudo isso por uma renda elevada (nesses tempos de guerra, tudo era difícil e muito caro) dos administradores do espólio Fieldhead que, então, era de propriedade de uma menor.

Na época em que se inicia esta história, Robert Moore habitava naquele distrito havia apenas dois anos, durante os quais tinha provado ser, pelo menos, um homem ativo e perseverante. A casa de campo suja fora convertida em uma residência limpa e de bom gosto. De uma parte do terreno acidentado tinha feito um jardim, que ele cultivava com singular cuidado. Quanto à fábrica, que no início era uma antiga estrutura provida de edifícios também antiquados e equipamentos ultrapassados, ele demonstrara profundo desprezo. Seu objetivo era efetuar uma reforma radical, que ele tinha executado tão rápido quanto seu capital muito limitado permitia. A insuficiência deste e a demora de ver algum melhoramento afetaram-no dolorosamente. “Para a frente” era sua divisa, porém a pobreza colocava freios ao seu entusiasmo. Às vezes, figurativamente, ele espumava à boca quando as rédeas estavam muito apertadas.

Neste estado de sentimento, não é de se esperar que ele fosse se preocupar se o seu avanço era, ou não, prejudicial aos outros. Não sendo um nativo, ele nunca se perguntara onde aqueles a quem ele já não pagava

mais salários semanais encontravam o pão de cada dia. Lógico, ele não era negligente porque queria sê-lo; o que poderia fazer com os milhares de pobres morrendo de fome em Yorkshire? Contudo, era sobre ele que vinha a maior parte das reivindicações.

O período sobre o qual eu escrevo foi um dos mais sombrios da história britânica e, especialmente, da história das províncias do Norte. A guerra estava no seu auge e toda a Europa estava envolvida. A Inglaterra, se não estava cansada, pelo menos se encontrava esgotada pela longa resistência. Metade da população clamava pela paz em quaisquer condições. A honra nacional não passava de um mero nome vazio, sem nenhum valor aos olhos, cuja vista era obscurecida pela névoa da fome. Por um pedaço de carne ou pão teriam vendido até o direito à primogenitura, imagine a nacionalidade.

As Ordens do Conselho Real, provocadas pelos decretos promulgados por Bonaparte, em Milão e em Berlim, nos quais proibia que todas as potências neutras fizessem negócios com a França, tinham ofendido a América, fechando o principal mercado de tecidos de Yorkshire e deixando-os, consequentemente, à beira da ruína. Os menores mercados estrangeiros estavam saturados e não receberiam mais. Brasil, Portugal e Sicília estavam com estoques excessivos para consumo de cerca de dois anos.

Por volta desta crise, foram introduzidas nas manufaturas do Norte certas invenções em máquinas que deixaram sem trabalho alguns milhares de operários e, consequentemente, sem meios legítimos de se sustentar. Sobreviera ainda uma má colheita e a miséria atingiu seu clímax.

Os espasmos de uma espécie de terremoto moral foram sentidos nas colinas dos condados do Norte. Mas, como é habitual nesses casos, ninguém quase notou. Quando eclodira um motim em uma cidade industrial em que um armazém de um moinho fora queimado, a casa de um fabricante

fora atacada, os móveis jogados nas ruas e a família forçada a fugir para salvar suas vidas, algumas medidas locais foram tomadas pela magistratura. Um líder foi detectado, mas fugiu para escapar da detenção. Parágrafos em jornais foram escritos sobre o assunto, mas a coisa parou por aí. Quanto aos doentes, cuja única herança era o trabalho, e que tinham perdido a herança e não poderiam mais trabalhar, consequentemente não poderiam ter salários e muito menos obter seu pão, foram esquecidos. Nada fariam para parar o progresso, para prejudicar a ciência e desencorajar melhorias. A guerra não poderia ser encerrada e o alívio eficiente não poderia ser levantado. Portanto, não houvera ajuda e o destino dos desempregados era comer o pão e beber a água da aflição.

A miséria engendra o ódio. Os infelizes odiavam as máquinas que, como diziam, tinham tomado seu pão; detestavam os edifícios que continham essas máquinas e odiavam os fabricantes que possuíam esses edifícios. Na freguesia de Briarfield, onde se passa esta história, ficava a Manufatura Hollow, que era considerada por eles o lugar mais abominável do mundo. Mr. Robert Gérard Moore, na dupla qualidade de semiestrangeiro e de ardente progressista, era o mais execrado. E, talvez, o seu temperamento dava-se melhor com esse ódio do que com qualquer outro sentimento, principalmente quando ele acreditava justo e necessário aquilo que o fazia odiado.

Foi com um sentimento de excitação bélica que, nesta noite, sentara-se em frente ao fogo esperando a chegada das carroças que traziam seus novos teares. Por conseguinte, a chegada e a companhia de Mr. Malone não podiam deixar de ser, para ele, desagradáveis. Teria preferido ficar sozinho, porque gostava da solidão silenciosa e perigosa. A arma de seu vigia teria sido companhia suficiente para ele: o ruído contínuo do ribeiro teria sido uma voz mais agradável aos seus ouvidos.

Havia dez minutos que o industrial, com um olhar estranho, observava o vigário irlandês que se servia de ponche sem cerimônia, quando, de repente, a expressão de seus olhos cinzentos mudou, como se outra visão se tivesse erguido entre ele e Mr. Malone. Mr. Moore levantou a mão.

– Silêncio – disse ele, pois Mr. Malone fazia um barulho com o copo. Ele escutou por um momento, levantou-se, colocou o chapéu e saiu.

A noite estava calma e sombria. Naquela estagnação, o riacho parecia uma torrente que inundaria tudo. O ouvido de Mr. Moore, no entanto, distinguiu outro som muito distante, mas que não se podia confundir com o primeiro, um ruído de pesadas rodas sobre um caminho pedregoso. Ele voltou ao escritório e acendeu uma lanterna, com a qual atravessou o pátio da fábrica e tratou de abrir os portões. As pesadas carroças aproximavam-se, ouviam-se os cascos dos cavalos chapinar na lama e na água. Mr. Moore chamou:

– Ei! Joe Scott! Está tudo bem?

Provavelmente Joe Scott ainda estava numa distância muito grande para poder ouvir, pois ele não respondeu.

– Está tudo bem? – perguntou novamente Mr. Moore, quando as ventas dilatadas do primeiro cavalo quase se chocaram com seu rosto.

Alguém pulou da carroça para a estrada, gritando: – Sim, sim! Está tudo bem! Esmagamos tudo.

Houve uma corrida. As carroças pararam. Não havia ninguém dentro.

– Murgatroyd! Pighills! Sykes, Joe! – Nenhuma resposta. Nenhum Joe Scott também respondeu.

Mr. Moore levantou a lanterna e olhou para dentro. Não havia nem homem nem máquinas. Elas estavam vazias e abandonadas. Mr. Moore amava seu maquinário, pois tinha arriscado seu último capital na compra

dos teares que esperava naquela noite. Especulação da maior importância para os seus interesses dependia dos resultados que produzissem os novos utensílios. Onde eles estavam agora?

As palavras “nós esmagamos tudo” ressoavam em seus ouvidos. À luz da lanterna poder-se-ia ver que a catástrofe o afetara. Um estranho sorriso pairava em seu rosto: o riso de um homem determinado, chegado a um momento da vida no qual tem que fazer um apelo a toda a sua força; quando a luta é inevitável, a energia tem que triunfar ou aniquilar-se de vez. No entanto, ele permaneceu imóvel, pois naquele instante, ele não sabia o que dizer nem o que fazer. Pousou a lanterna no chão e cruzou os braços, olhando fixamente para o chão e refletindo.

Um movimento impaciente de um dos cavalos não tardou a fazê-lo erguer os olhos e distinguir um objeto branco anexado aos arreios. Aproximou a lanterna e viu que era um papel dobrado, um bilhete. Ele não tinha qualquer endereço, mas dentro continha este recado:

“Que o demônio confunda a Manufatura Hollow.” E, seguindo, estas linhas peculiares: *“As suas máquinas infernais estão em cacos no pântano de Stilbro; os seus homens estão deitados, com pés e mãos amarrados, numa vala à beira da estrada. Tome isso como um aviso da parte dos homens que estão passando fome e vão encontrar em casa mulheres e filhos esfomeados como eles. Se mandar vir outras máquinas, terá notícias nossas novamente. Cuidado!”*

– Ainda terei notícias de vocês? Sim, eu as terei novamente e vocês ouvirão falar de mim. Falarei com vocês diretamente no pântano de Stilbro! Não tardarei a dizer-lhes qualquer coisa.

Depois de ter levado as carroças para dentro dos portões, apressou-se em direção a casa. Abrindo a porta, dirigiu rapidamente, mas com calma, algumas palavras às duas mulheres que correram para encontrá-lo na

passagem. Ele acalmou a visível inquietação de uma delas, contando-lhe de uma maneira atenuada o que tinha acontecido. Para a outra, ele disse: – Vá ao moinho, Sarah. Aqui está a chave. Toque o sino tão alto quanto você puder. Em seguida, procure a outra lanterna e ajude-me a iluminar a fachada.

Retornando aos seus cavalos, retirou os arreios e deu-lhes de comer, parando de vez em quando como se para ouvir o ruído do sino. Soou o toque de alarme, forte e irregular. O repique, apressado e agitado, parecia mais urgente do que se a convocação tivesse sido dada pessoalmente. Na noite calma, àquela hora avançada, ouvia-se longe, numa larga circunferência. Os clientes sentados na cozinha da Casa Vermelha foram surpreendidos pelo clamor de que algo extraordinário estava se passando na Manufatura Hollow. Pegaram apressadamente as lanternas e se dirigiram todos para lá. Mal tinham se aglomerado no pátio da fábrica, quando se ouviu o trote de um cavalo e um homenzinho com um chapéu de abas largas, sentado ereto na parte de trás de um pônei desgrenhado, entrando, seguido por um ajudante de campo montado em um corcel maior do que sua estatura.

Mr. Moore, entretanto, tinha selado seu cavalo e, com a ajuda de Sarah, a criada, tinha iluminado seu moinho, cuja vasta fachada espalhava sobre o pátio claridade suficiente para evitar qualquer risco de confusão. Já se ouvia um zumbido profundo de vozes.

Mr. Malone, por fim, saíra do escritório, depois de ter tomado a precaução de mergulhar o rosto em água, o que ocorreu justamente no momento do súbito toque do alarme, que quase lhe restituíra o uso dos sentidos que o ponche tinha entorpecido.

Mr. Moore encontrava-se frente a frente com o senhor de chapéu de abas largas e o pônei.

– Então, Moore, para que nos quer? Quando ouvi o sino, não pude ficar quieto e deixei Boultby acabar de cear sozinho. Mas onde está o inimigo? Já houve um ataque ou espera por um? – perguntou o reverendo Mr. Helstone.

– Oh! Nem uma coisa nem outra, espero – respondeu friamente Mr. Moore. – Mandei tocar o sino porque preciso de dois ou três vizinhos para ficar aqui em Hollow enquanto eu e os outros, dois ou três, iremos ao pântano de Stilbro.

– Ao pântano de Stilbro? Para quê? Para ir ao encontro das carroças?

– As carroças chegaram vazias e Joe Scott e os outros foram atirados ao pântano, assim como os teares. Tome, leia – Mr. Moore entregou o papel a Mr. Helstone.

Mr. Helstone pegou o papel e percorreu os olhos.

– Hum! Trataram-no exatamente com têm tratado os outros. Mas estes pobres diabos que estão no fosso devem estar esperando o socorro com impaciência! Tom e eu iremos com você. Malone deve ficar aqui e tomar conta da fábrica. Mas, o que tem ele? Parece que seus olhos estão esbugalhados.

– Comeu uma costeleta de carneiro.

– Ah, sim! – murmurou Mr. Helstone, impaciente. – Pedro Augusto, tenha cuidado! Não coma mais costeletas esta noite. A fábrica está sob sua guarda. É um posto honroso – disse Mr. Helstone.

– Ficará alguém comigo?

– Escolha entre os presentes. Meus rapazes, quem quer ficar aqui e quem quer ir comigo e o Moore ao pântano de Stilbro? Vamos procurar alguns homens que foram surpreendidos e atacados pelos destruidores de teares.

Só três se ofereceram para ir. O restante preferiu ficar. Enquanto Mr. Moore montava, o reverendo perguntou-lhe em voz baixa se ele tinha guardado as costeletas de maneira que Pedro Augusto não pudesse comê-las. O industrial fez um sinal afirmativo e o grupo se pôs a caminho.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO III

OceanofPDF.com

Mr. Yorke

A alegria, ao que parece, é uma questão que depende quase tanto do que se passa dentro de nós quanto do que se passa em torno de nós. Faço esta observação banal ao ver Mr. Helstone e Mr. Moore se afastarem dos portões do moinho, à frente de seu pequeno bando, nas melhores disposições de espíritos possíveis.

Quando um raio de uma lanterna (porque os três peões que acompanhavam o grupo traziam lanternas) incidiu sobre o rosto de Mr. Moore, podia-se ver um brilho incomum em seus olhos: uma desacostumada maneira, uma faísca de vivacidade recém-descoberta iluminava sua fisionomia; o mesmo se dava no rosto do reverendo, cujas feições duras tinham revelado uma expressão de alegria muito particular. No entanto, uma noite de garoa muito fria, uma expedição perigosa, você poderia pensar que não havia circunstâncias para animar esse grupo exposto às vicissitudes do tempo engajadas naquela aventura. Se qualquer membro da tripulação, que havia sido manobrada e estava nos pântanos de Stilbro, pudesse ver este grupo, não faltaria vontade de lhe dar um tiro de trás de um muro qualquer. Mr. Moore e Mr. Helstone sabiam disso. O fato é que, sendo ambos homens de nervos de aço e corações firmes, excitavam-se com a consciência do perigo.

Estou ciente, leitor, e você não precisa me lembrar que, para um pároco, é uma coisa terrível ser um guerreiro. Sou consciente de que ele deveria ser um homem de paz. Tenho uma noção do que deveria ser a missão de um clérigo entre a humanidade. Lembro-me, claramente, que deve ser um servo, cuja mensagem de vida seja um exemplo a ser seguido. Ainda, com tudo isso, no caso do reverendo Mr. Helstone, se você fosse um inimigo, não precisaria esperar que ele fosse acompanhá-lo a cada passo

sombrio. Contudo, o reverendo de Briarfield não era tão diabólico como se pensava, isto é, ele não era diabólico em tudo. O mal simplesmente foi entrando e ele foi perdendo sua vocação pelo caminho. Ele deveria ter sido um soldado, mas as circunstâncias fizeram dele um sacerdote. Para o resto, ele era um homem consciencioso, um pouco cabeça dura, isso sim, porém justo, corajoso, austero e implacável. Era também um homem fiel, apesar da sua falta de simpatia, pois ele, de fato, era muito rígido. Concluindo, Mr. Helstone tinha princípios, tinha honra, era sincero, o que não deixava de torná-lo sagaz. Parece-me, leitor, que não podemos sempre cortar os homens para ajustá-los às suas profissões e que, assim sendo, não devemos amaldiçoá-los, porque as suas profissões, por vezes, pairam sobre eles. Nem vou amaldiçoar Mr. Helstone por ele ter sido como foi. No entanto, ele fora amaldiçoado por muitos dos seus paroquianos, como por outros que outrora o tinham adorado, que é o destino frequente de homens que mostram parcialidade na amizade e na inimizade, amargura; que estão igualmente ligados aos princípios e aderentes aos preconceitos.

Mr. Helstone e Mr. Moore estavam de excelente humor e unidos, no momento, pela mesma causa. Seria de se esperar que, enquanto cavalgassem lado a lado, eles iriam conversar amigavelmente. Oh, não! Estes dois, ambos de natureza dura e biliosa, raramente se encontravam sem entrar em discórdia. Seu habitual motivo de disputa era a guerra. Mr. Helstone era um Tory exaltado (havia *Tories* naqueles dias) e Mr. Moore era um Whig furioso, um Whig, pelo menos, na parte da oposição à guerra, que era a questão que afetava seu próprio interesse e era apenas por esse motivo que ele professava qualquer política britânica. Ele gostava de enfurecer Mr. Helstone declarando a sua crença na invencibilidade de Bonaparte; troçando dos esforços impotentes da Inglaterra para lhe resistir. Manifestava

friamente a opinião de que mais valia ceder cedo do que tarde, visto que ele acabaria por esmagar os seus antagonistas e estabelecer sua hegemonia.

Mr. Helstone não podia suportar essa ideia. Foi apenas por consideração por Mr. Moore ser uma espécie de pária e estrangeiro e ter meio sangue britânico para temperar o fel estrangeiro que ‘corroía as suas veias’, segundo ele, que ele ainda parava para ouvi-lo sem ceder ao desejo que sentia de gritar.

Quando o grupo se aproximou da estrada de Stilbro, os dois receberam o vento de frente e a chuva fustigou-lhes os rostos. Mr. Moore, que já tinha conseguido irritar seu companheiro, talvez incomodado pelo frio e pela garoa afiada, começou a provocá-lo.

– Então, as notícias da Península continuam lhe agradando? – perguntou Mr. Moore.

– O que quer dizer? – foi a resposta ranzinza do reverendo.

– Pergunto se ainda continua tendo fé nesse falso deus do lorde Wellington?

– E o que você quer dizer agora? Não compreendo.

– Continua a acreditar que aquele ídolo cara de pau e coração de pedra que a Inglaterra adora terá poder para fazer descer fogo do céu para consumir o holocausto francês que o senhor tanto deseja?

– Creio que Wellington deitará ao mar os marechais de Bonaparte no dia em que lhe agradar levantar o braço.

– Mas, meu caro senhor, não pode ser sério o que me diz! Os marechais de Bonaparte são grandes homens que agem sob a orientação de um gênio todo poderoso. O seu Wellington não passa de um estúpido caxias, os seus movimentos brutos e mecânicos são, além disso, tolhidos por um governo incompetente.

– Wellington é a alma da Inglaterra! O perfeito campeão de uma causa nobre, o digno representante de uma nação poderosa, resoluta, decidida, prudente e honesta.

– A sua causa nobre, tanto quanto eu entendo, é simplesmente a restauração desse vil e fraco Ferdinand a um trono que ele desonrou. O seu digno representante de um povo honesto é um estúpido boiadeiro obtuso que procede como um indivíduo desprezível e que tem contra ele um gênio invencível.

– A legitimidade é combatida pela usurpação; a justa e heroica resistência à invasão é combatida pela vã, falsa, egoísta e traidora ambição de possuir. Que Deus defenda o direito do justo!

– Deus protege muitas vezes o poderoso – troçou Mr. Moore.

– O quê! Suponho que um punhado de israelitas de pés descalços do lado asiático do Mar Vermelho era mais poderoso do que o anfitrião dos egípcios com um exército elaborado no lado africano? Eram mais numerosos, estavam mais bem-vestidos, eram mais poderosos? Não fale, ou vai dizer uma asneira, Robert. Você sabe que vai. Eles eram um bando de podres fiadores, tiranos que tinham oprimido por 400 anos os israelitas: homens, mulheres e crianças diluídos nas finas fileiras; os mestres que rugiram para segui-los foram um conjunto de etíopes mimados, tão fortes e brutais como os leões da Líbia. Eles estavam armados e montados em cavalos, e os hebreus eram uns pobres andarilhos. Poucos deles, é provável, tinham armas melhores do que seus pedreiros; o seu manso líder era poderoso e ele mesmo tinha apenas sua haste. Mas caíram, Robert Moore, pois a verdade e o certo estavam com eles, o Deus de batalhas estava do seu lado. As fileiras do Faraó triunfaram? Sabemos muito bem que não! O Senhor salvou Israel naquele dia das mãos dos egípcios e Israel viu os egípcios mortos no mar, sim, as profundezas os cobriram, eles afundaram

como pedra. A mão direita do Senhor tornou-se gloriosa em poder, a mão direita do Senhor despedaçou o inimigo!

– Está bem, Mr. Helstone. O senhor só se esqueceu de nomear corretamente os exércitos: França é Israel e Napoleão é o Moisés da Europa com seus velhos impérios e dinastias contra o podre e corrupto Egito, a Inglaterra; a galante França é as doze tribos de Israel com o seu usurpador e vigoroso pastor de Horebe.

– Desprezo-o tanto para me dar ao trabalho de lhe responder.

Mr. Moore respondeu a si mesmo de acordo com o que ele tinha acabado de dizer. Fez uma observação adicional em voz mais baixa.

– Oh, na Itália, ele era tão grande quanto qualquer Moisés! Ele era a coisa certa lá, habilitado a dirigir e organizar medidas para a regeneração das nações. Surpreende-me como o conquistador de Lodi deveria ter condescendido em se tornar um imperador, um vulgar, uma farsa estúpida! E, ainda mais como um povo, que outrora se chamava republicano, deveria ter afundado novamente para o grau de meros escravos para desprezo da França. Se a Inglaterra tivesse ido tão longe, no caminho da civilização como a França fez, ela dificilmente teria recuado tão descaradamente.

– Você não quer dizer que a França imperial é pior do que a sangrenta França republicana? – exigiu Mr. Helstone, ferozmente.

– Não quero dizer nada, mas posso pensar o que eu quiser. Você sabe, Mr. Helstone, tanto sobre a França e Inglaterra como sobre as revoluções e restaurações em geral; sobre o direito divino dos reis, pois costuma citar sem dificuldades em seus sermões. O dever da não resistência e a sanidade da guerra e...

A sentença de Mr. Moore foi interrompida neste instante pelo rolar rápido de um cabriolé que parou subitamente no meio da estrada. Tanto ele

como o reverendo estavam demasiado entretidos com a disputa para perceber a sua abordagem até que este estivesse próximo deles.

– Eh, patrão, as carroças chegaram à fábrica? – exigiu uma voz do interior do veículo.

– É você, Joe Scott?

– Sim, patrão – respondeu outra voz, pois o cabriolé continha duas pessoas.

– Sim, Robert, é o Joe Scott. Estou trazendo-o de volta para você em um lindo estado. Encontrei-o no pântano, ele e outros três. O que vai me dar por tê-lo resgatado?

– Os meus agradecimentos, certamente – respondeu Mr. Moore.

– Eu teria sentido um grande pesar em perder um homem bom como ele...

– Mas é a voz de Mr. Yorke! – exclamou Mr. Moore.

– Sou eu, meu rapaz! Sou eu mesmo! Eu estava voltando do mercado de Stilbro e, assim que cheguei, mais ou menos no meio do pântano, chicoteando o meu cavalo que corria como o vento (pois bem sabe que são tempos inseguros, graças a um mau governo), ouvi um gemido alto e gritos de socorro. Parei. Alguns teriam redobrado as chicotadas para se afastarem mais depressa, mas eu me aproximei, não tenho nada a temer que eu saiba. Não acredito que haja uma má criatura por essas bandas capaz de me fazer mal, pelo menos sou homem para lhe retribuir à altura. Bem, eu indaguei: ‘está aí alguém ferido?’ *Certamente*, respondeu-me uma voz que parecia sair da terra. ‘O que posso fazer? Responda-me com clareza’, eu pedi. *Estamos em quatro aqui metidos no fosso*, disse Joe. ‘Vocês não têm vergonha?’ Perguntei-lhes. ‘Levantem agora mesmo e marchem se não quiserem tomar conhecimento do meu chicote.’ *Já teríamos feito isso há horas, mas estamos atados com cordas*. Então eu desci e cortei os nós com

o meu canivete e Joe subiu para o meu cabriolé para me contar o que tinha se passado. Os outros vêm atrás, tão depressa quanto seus pés lhes permitem fazê-lo.

– Muito obrigado, Mr. Yorke. Não imagina como eu lhe sou grato por ter salvado os meus homens – disse Mr. Moore.

– O que é isso, meu rapaz! Não precisa. Faria o mesmo pelos meus. Santo Deus! Lá vem outro bando com lanternas como o exército de Gideão! E temos aqui também o reverendo! Boa noite, Mr. Helstone.

Mr. Helstone respondeu à saudação de forma muito rígida, de fato. O homem do cabriolé prosseguiu:

– Ora, aqui somos onze homens e temos carroças e cavalos conosco. Se nos acontecesse encontrar alguns desses afamados tratantes e destruidores de teares, talvez alcançássemos uma grande vitória. Cada um de nós poderia ser um Wellington; isso lhe cairia bem, Mr. Helstone, e que artigos trariam os jornais! Briarfield ficaria famosa. Acho que teríamos uma coluna e meia no *Correio de Stilbro* sobre este trabalhinho, não o faço por menos.

– E eu não lhe prometo menos, Mr. Yorke, porque eu vou escrevê-la – respondeu o reverendo.

– Decerto, decerto! E lembre-se, recomende que sejam enforcados os que deram cabo dos teares e amarraram as pernas e mãos de Joe Scott. Deve haver, neste caso, motivo para a pena de morte, sem dúvida alguma – bradou Mr. Yorke.

– Se fosse eu a julgá-los, lhes concedia uma breve confissão – complementou Mr. Moore. – Mas, por agora, a minha intenção é deixá-los tranquilos, mas tenciono lhes conceder corda suficiente, certo de que eles próprios se enforcarão com elas.

– Deixá-los em paz? Não pode estar dizendo a verdade, Moore! Afirma mesmo isso? – indagou Mr. Yorke, surpreso.

– Afirmar? Oh, não! O que eu quis dizer é que não me darei ao trabalho de pegá-los. Mas, se algum deles aparecer no meu caminho...

– Você dava cabo dele, é claro. Considere-se feliz se eles se limitarem a fazer parar as carroças antes de você ajustar contas com eles. Bem, por agora, basta deste assunto. Aqui estamos nós na minha porta, senhores. Espero que você e os homens entrem um instante. Devem estar precisando de uma bebida.

Mr. Moore e Mr. Helstone declinaram do convite dizendo que não precisavam de nada, mas Mr. Yorke insistiu com tanta cortesia e, além disso, a noite estava inclemente e a luz que passava através das cortinas de musselina era tão convidativa que, finalmente, eles se renderam.

Mr. Yorke mudava frequentemente a sua maneira de falar. Tão depressa introduzia o sotaque de Yorkshire quanto se expressava em um inglês muito puro. As suas maneiras também variavam: ele podia ser polido e afável e, outras vezes, rude e grosseiro. Sua posição social, contudo, não pode ser medida pelo seu comportamento. A aparência da casa, talvez, possa lhe informar melhor.

Encaminhou os homens para a cozinha lhes dizendo que mandaria lhes servir qualquer coisa imediatamente. Mr. Moore e Mr. Helstone entraram pela porta principal que os levou a uma sala, cujas paredes estavam cobertas de quadros quase até o teto. Através desta sala, foram conduzidos para uma maior com um magnífico fogo na lareira. Este cômodo, no seu conjunto, era o mais alegre e agradável que se podia ver. Não perdia nada em ser analisado nos pormenores. Não havia esplendor, mas bom gosto em todos os lugares; um gosto incomum, você teria dito, um gosto de um homem viajado, de um estudioso, um erudito e um cavalheiro.

Uma série de paisagens italianas enfeitava as paredes. Cada uma delas era um espécime da verdadeira arte. Um conhecedor as teria escolhido para ele, pois eram autênticas e valiosas. Mesmo à luz de velas, podiam-se ver céus brilhantes e claros, as distâncias suaves, o azul tremeluzindo, as colinas, os tons frescos, as luzes e sombras bem delineadas que encantavam. Sobre o sofá, havia uma guitarra; ao lado, sobre uma mesa, camafeus e lindas miniaturas; e uma guarnição de vasos gregos ornamentava a chaminé; livros bem dispostos enchiam duas estantes de belas proporções.

Mr. Yorke convidou os seus hóspedes a se sentarem. Ele, então, tocou um sino e pediu ao criado que trouxesse vinho. Disse ao servo que o trouxe que levasse refresco para os homens na cozinha. O reverendo permaneceu de pé, parecia não gostar dos aposentos e não tocou no vinho que seu anfitrião lhe oferecera.

– Como quiser – comentou Mr. Yorke. – Pensa, sem dúvida, nos costumes orientais, Mr. Helstone, e não quer comer nem beber sob o meu teto temendo ser obrigado a se tornar meu amigo. Mas eu não sou suscetível nem supersticioso. Poderia esvaziar o conteúdo desse *decanter* e me dar a melhor garrafa da sua própria adega, que isso não me impediria de lhe fazer oposição por toda parte onde encontrássemos um ao outro. Quer tratasse de negócio da sacristia, quer de justiça.

– É exatamente o que eu espero, Mr. Yorke.

– Tem prazer em galopar atrás de desordeiros em uma noite chuvosa como esta e na sua idade? – Mr. Yorke perguntou ao reverendo.

– Tenho sempre prazer em cumprir o meu dever e, nesta circunstância, o meu dever é agradável. Caçar esses vermes é uma ocupação nobre, digna de um arcebispo.

– Absolutamente digna para o senhor. Mas, onde está o outro vigário? Ele foi visitar algum pobre e doente ou ele está caçando canalhas em outra

direção?

– Ele está fazendo a guarda na fábrica Hollow.

– Espero que o tenha deixado beber para conservar a coragem – disse Mr. Yorke, voltando-se para Mr. Moore.

Mr. Yorke não fez uma pausa para uma resposta, mas continuou, rapidamente, ainda abordando Mr. Moore, que havia se jogado em uma cadeira antiga em frente à lareira.

– Mexa-se, Robert! Levante-se, meu rapaz! Esse lugar é meu. Pegue o sofá, ou outra das três cadeiras se você quiser, mas não essa – brincou o anfitrião.

– O que tem de especial esta cadeira? – perguntou Mr. Moore, preguiçosamente, mas desocupando o local em obediência à ordem.

– Foi o único presente que recebi de meu pai e isso é tudo.

– Moore, você está pronto para irmos embora? – perguntou o pároco.

– Não! Robert não está pronto, ou melhor, eu não estou pronto para deixá-lo partir. Ele é um rapaz que está se comportando mal e precisa que lhe faça algumas advertências.

– Por que, senhor? O que eu fiz? – perguntou Mr. Moore, surpreso.

– Arranjou inimigos por todos os lados.

– Não me importo com isso. Que diferença faz para mim se os arruaceiros de Yorkshire são meus amigos ou inimigos?

– Ora, aí está! Este rapaz é um perfeito alienígena entre nós. Seu pai nunca teria falado assim. Volte para a Antuérpia onde nasceu e foi educado, seu cabeça dura.

– O senhor que é um cabeça dura! Eu não faço senão o meu dever. E quanto aos brutos dos seus aldeões – disse Mr. Moore, em francês – *et puisque cela m’est égal, Que mes amis ne s’en inquiètent pas.* [2].

– Certo – respondeu Mr. Yorke, com uma pronúncia quase tão correta como a de Mr. Moore. – *Tes amis? Où sont-ils tes amis?*[3] Os estúpidos aldeões, meu rapaz, estão rindo de você, pode estar certo disso.

– Faço eco: onde estão eles? E estimo que só o eco me responda. Os amigos que vão pro diabo! Ainda me lembro do momento em que meu pai e meus tios pediram auxílio aos seus amigos. E Deus sabe como eles se apressaram a correr em seu auxílio! Olhe, Mr. Yorke, a palavra *amigos* me irrita muito, não me fale mais de amigos...

– Como quiser.

E aqui Mr. Yorke se calou e, enquanto ele lá estava recostado na sua antiga cadeira de carvalho esculpida, aproveito a oportunidade para esboçar o retrato deste cavalheiro de Yorkshire que fala francês.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO IV

OceanofPDF.com

Mr. Yorke (continuação)

Mr. Yorke era, por excelência, um *gentleman* de Yorkshire. Podia ter cinquenta e cinco anos, mas parecia mais idoso à primeira vista porque seus cabelos eram brancos. A fronte era larga e um pouco grande. A tez fresca indicava uma constituição forte. A dureza das características dos homens do Norte era notada em seu rosto e no som da sua voz. Todos os seus traços eram ingleses, sem mistura de sangue normando. Nada tinha de aristocrático nem de elegante este rosto, que pessoas de sociedade teriam achado vulgar. Porém, em cada linha, em cada ruga daquele rosto, estavam marcados o vigor, a sagacidade, a inteligência e a rude originalidade. Tinha um ar desdenhoso, sarcástico, o ar de um homem difícil de conduzir, impossível de manipular e dominar. Era de elevada e elegante estatura; seu andar era digno e confiante.

Se me custou desenhar seu físico, mais dificuldades eu tenho de descrevê-lo moralmente. Se espera, leitor, achá-lo uma perfeição ou, melhor, um senhor idoso cheio de benevolência e filantropia, enganou-se redondamente.

Ele acabou de falar com Mr. Moore com certa compreensão e simpatia, mas você não deve concluir, por essa razão, que ele pensava sempre com a mesma compreensão e simpatia.

A julgar por suas ameaças há algumas horas, ele teria empregado um ar arbitrário e até cruel para fazer avançar a causa da liberdade e da igualdade. Igualdade! Sim. Mr. Yorke falou sobre igualdade, mas no fundo ele era um homem muito orgulhoso. Era amigável para com as pessoas que estavam abaixo dele, mas altivo como Belzebu com quem quer que fosse no mundo que ele considerasse seu superior. A revolta estava em seu sangue:

ele não podia suportar o controle; seu pai, seu avô antes dele, não poderiam suportá-lo; e seus filhos, depois dele, nunca poderiam fazê-lo.

Em primeiro lugar, Mr. Yorke não respeitava ninguém, defeito que leva o homem a se enganar em todas as circunstâncias da vida em que o respeito é necessário. Também não venerava nada.

A falta de veneração fez dele um intolerante para aqueles acima dele: reis, nobres, sacerdotes, dinastias e parlamentos, com todas as suas obras, a maioria de seus decretos, suas formas, seus direitos, suas reivindicações, eram para ele uma abominação, tudo lixo. Ele não encontrava nenhuma utilização ou prazer neles e acreditava que não teria nenhum dano ao mundo se seus cargos fossem destruídos e seus ocupantes esmagados na queda. A falta de veneração fazia dele um coração morto para o deleite de admirar o que é admirável; secou as mil fontes puras de gozo. Ele não era um homem sem religião, embora não fosse membro de nenhuma igreja; a sua religião não poderia ser a de alguém que sabe como venerar. Ele acreditava em Deus e no Céu, mas o seu Deus e o seu Céu eram os de um homem em quem falta temor, imaginação e ternura.

Em segundo lugar, não era dotado de espírito de comparação, o que o conduzia à falta de sensibilidade.

Quanto às boas qualidades, pode-se dizer que era o homem mais considerado e mais hábil de Yorkshire; mesmo os que não gostavam dele eram forçados a respeitá-lo. Os pobres gostavam dele porque era justo. Para os seus operários era afetuoso e até paternal. Quando não tinha trabalho a lhes dar, esforçava-se para lhes arranjar outra coisa para fazer e, se não o conseguisse, ajudava as famílias a se mudarem para outras terras onde podiam arranjar trabalho. Devo dizer também que, se algum de seus operários demonstrava tendência à insubordinação, Mr. Yorke, tal como grande número de indivíduos que detestavam a repressão feita pelos outros,

o sabia fazer com vigor e tinha o segredo de abafar a rebelião antes de ela se manifestar. A prosperidade de seus negócios lhe permitia falar com severidade àqueles que estão em situação diferente da sua, portanto, ele atribuía a culpa da situação desagradável em que se encontravam a eles próprios, deixando de fazer causa comum com os patrões para defender a dos trabalhadores.

A família de Mr. Yorke fora a primeira e a mais antiga do distrito e, se ele não fosse o mais rico, era, contudo, um dos mais influentes. Tivera uma boa educação e na sua juventude viajara para o continente e lhe eram familiares o francês e o italiano.

Mr. Yorke conhecia todo o povo de Yorkshire e era conhecido muitas léguas ao redor. Contudo, os seus amigos íntimos eram poucos. De temperamento profundamente original, não gostava do vulgar. Era um homem de caráter franco e rude, e qualquer que fosse a posição da pessoa, era sempre acolhida por ele. Mas, detestava as pessoas requintadas e insípidas, qualquer que fosse a sua categoria.

Você já notou, decerto, que Mr. Yorke tratava Mr. Moore com cordialidade. Há duas ou três razões que justificam sua parcialidade a respeito do jovem industrial. A primeira é que Mr. Moore falava o inglês com pronúncia estrangeira e o francês com a mais absoluta pureza e, esta figura magra e sombria, de belas linhas um pouco gastas, não se parecia em nada com o tipo inglês de Yorkshire. Essas razões parecerão pouco importantes e pouco capazes de influenciar um homem como Mr. Yorke, mas lhe traziam velhas recordações, talvez, ideias divertidas; transportavam-no ao tempo das suas viagens da juventude; tivera visto na Itália tipos como o de Mr. Moore; tivera ouvido nos cafés parisienses e no teatro vozes parecidas com a dele; era novo então, e quando olhava o jovem estrangeiro e lhe escutava a voz, tinha a ilusão de ser jovem também.

Havia uma segunda razão, qualquer motivo material. Mr. Yorke tinha conhecido o pai de Mr. Moore, fizera negócios com ele, fora, até certo ponto, comprometido com suas perdas. Em terceiro lugar, reconhecera no recém-chegado um homem verdadeiramente hábil nos negócios. Estava persuadido de que, por um meio ou outro, este rapaz chegaria a fazer fortuna, e respeitava sua energia e perspicácia, talvez mesmo sua rudeza. Uma quarta circunstância os unia: Mr. Yorke era um dos tutores da menor a quem pertenciam as terras onde se achava instalada a fábrica de Hollow.

A respeito do outro conviva presente neste momento no salão de Mr. Yorke, havia entre eles dupla antipatia, aquela antipatia natural e a proveniente das circunstâncias. O livre-pensador odiava o formalista; o amante da liberdade desdenhava o puritano. Além disso, dizia-se que noutros tempos tinham amado a mesma mulher.

Na sua juventude, Mr. Yorke fora conhecido pela preferência que tinha pelas mulheres brilhantes e espirituosas. Um porte elegante, um ar distinto, um espírito vivo e uma língua acelerada tinham para ele grandes atrativos. No entanto, nunca pensara em desposar nenhuma dessas elegantes com quem gostava de conviver; tendo se apaixonado loucamente, procurava com ardor uma jovem que contrastasse, em absoluto, com a que conhecera antes; uma moça com rosto de madona, a imparcialidade personificada. Pouco lhe importava que ela estivesse no antípoda da que estava habituado a admirar. Para ele, Maria Cave era perfeita, porque, fosse qual fosse a razão (alguma deveria haver para isso), ele a amava.

Mr. Helstone, naquele tempo, vigário de Briarfield, amava também a mesma Maria. Muitos outros ainda admiravam a sua beleza angelical; mas o moço eclesiástico fora o preferido, talvez, pela sua posição. É verdade, de fato, que Mr. Helstone não sentia por Maria a envolvente paixão que Mr.

Yorke sentia. Conhecendo-a melhor, ficou, por consequência, mais senhor de si e dela. Maria o aceitou de imediato e o casamento logo se realizou.

A natureza, contudo, não tinha disposto Mr. Helstone para ser um bom marido, mesmo para uma mulher de gostos sedentários. Como Maria Cave ficava por muito tempo silenciosa, ele pensava que nada a incomodava ou que ela não sentia falta de nada. Ao fim de um ano ou dois, ela não tinha para ele grande importância sob nenhum aspecto. Contudo, quando certo dia, bruscamente, como ele pensou (porque quase não tinha dado conta de seu definhamento), ela se despediu dele e deste mundo, ele ficou aturdido. Mr. Helstone só viu no leito nupcial uma forma de argila branca e fria, sentiu então mais a perda que acabava de ter do que aparentou, pois era um desses homens a quem a desgraça não arranca lágrimas.

Mal Mrs. Helstone havia falecido, logo se espalhou na vizinhança o rumor de que ela tinha morrido de desgosto; falou-se até em maus tratos; essas bisbilhotices, grosseiramente falsas, foram, no entanto, avidamente escutadas. Mr. Yorke as ouviu e acreditou, em parte. Ele já não tinha sentimentos benévolos para com seu rival; embora casado com uma mulher que contrastasse sob todos os aspectos com Maria Cave, não podia se esquecer do amargo desapontamento que tinha sentido ao ser rejeitado e, quando soube que, aquela que para ele havia sido tão preciosa, fora desprezada, maltratada por outro, sentiu contra ele uma profunda animosidade que perduraria a vida toda.

****

Mr. Yorke não voltou a censurar Mr. Moore e a conversa derivou-se para um tema mais geral; falavam, no entanto, com aspecto de disputa. O

estado inquieto do país, as numerosas depredações cometidas recentemente nas fábricas do distrito, alimentaram tanto mais a conversa quanto as três pessoas presentes diferiam na sua maneira de ver as coisas.

Mr. Helstone achava que os operários não tinham razão. Condenava vivamente este espírito de rebeldia contra a autoridade que se estendia por toda a parte, assim como a recusa de suportar com paciência males que ele considerava inevitáveis. Por isso, o remédio que ele prescrevia era uma intervenção vigorosa por parte do governo, uma apertada vigilância da parte dos magistrados e, sempre que fosse necessária, uma repressão militar rápida e enérgica.

Mr. Yorke perguntava se essa intervenção, essa vigilância e essa repressão severa e vigorosa dariam de comer aos que morriam de fome e trabalho aos que não tinham. Achava singular a ideia de haver males inevitáveis. Os patrões – concordava ele – estavam realmente embaraçados; mas a culpa dos seus embaraços cabia ao governo, que era vil, corrupto e sanguinário (eram os qualitativos de Mr. Yorke).

– Mas para que discutir? – continuou: – Como se pode fazer ouvir a voz da razão num país governado por um rei e pelos párocos? Quem tem por rei nominal um doido, cujo verdadeiro monarca é um devasso sem princípios, pode esperar mais o quê?

Mr. Helstone levantou-se, pôs seu chapéu largo e respondeu que, no decorrer da sua carreira, tinha encontrado duas ou três pessoas em quem sentimentos assim se mantiveram enquanto tinham conservado a saúde, a força e a prosperidade. Mas vem um momento – disse – para todos os homens “em que os donos da casa tremem pelo que vem lá do alto”, e que este é o momento da provação para o inimigo da religião e da ordem. Ainda lembrou a Mr. Yorke que a blasfêmia contra Deus e contra o rei era um pecado mortal e que existia um juízo final.

Mr. Yorke respondeu que acreditava firmemente no juízo final. Se não fosse assim, onde estaria o castigo desses miseráveis que pareciam triunfar neste mundo; que abusam dos privilégios imerecidos; que tiram o pão da boca dos pobres; que maltratam os humildes e rastejam com baixeza diante do rico e do poderoso. E acrescentou que, quando se sentia aflito com esse estado de coisas e o seu aparente êxito neste lamacento planeta, pegava o velho livro (e mostrou a grande Bíblia numa das prateleiras da estante), abria-o ao acaso e caía invariavelmente sobre um versículo que explicava tudo. Estava tão certo, disse ele, do destino futuro de alguns desses como se um anjo tivesse descido para fazê-lo conhecer a verdade.

– Senhor – disse o pároco com toda a dignidade – a grande ciência do homem é conhecer a si mesmo, assim como o fim para que dirige os seus passos.

– Sim, sim, deve se lembrar, Mr. Helstone, de que a ignorância foi expulsa do céu, atravessou os ares e veio abater-se diante de uma porta, no flanco da montanha que conduz ao inferno.

– E também não me esqueci, Mr. Yorke, de que o orgulho, não vendo o caminho diante de si, caiu num precipício que tinha sido cavado de propósito pelo príncipe das trevas e se despedaçou na queda.

– Basta! – disse Mr. Moore, que até então tinha sido um espectador silencioso do debate ao qual a indiferença pelos partidos políticos e pelas murmurações da vizinhança tornava-o um juiz imparcial – agora que os senhores já provaram que se odeiam cordialmente, pela minha parte, o meu ódio está tão completamente absorvido pelos que quebraram os meus teares que não me resta nenhum para os meus íntimos amigos e ainda menos para coisa assim tão vaga como uma seita ou um governo. Mas, realmente, caros senhores, eu tenho que declarar que os acho detestáveis; os piores exemplares do que eu jamais tive a desonra de suportar. Não ouso ficar com

um rebelde e blasfemador como Mr. Yorke e ainda menos ir-me embora com um eclesiástico cruel e despótico como Mr. Helstone.

– Pois, vou-me embora, Moore – disse o pároco, friamente – e venha ou não comigo, conforme lhe apetecer.

– Não, ele não terá o que escolher; partirá com o senhor – respondeu Mr. Yorke. – Já passa da meia-noite e eu não quero mais visitas. Vão-se embora.

Tocou o sino e Deb, o criado, apareceu. – Leve estes homens até a porta e mande embora os que estão na minha cozinha. Depois tranque as portas e vá se deitar.

Mr. Helstone e Mr. Moore encontraram os demais homens que se dirigiam em grupo para a estrada. Montaram em seus cavalos e afastaram-se rapidamente, Mr. Moore rindo da brusca despedida e Mr. Helstone profundamente indignado.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO V

OceanofPDF.com

A Casa de Campo de Hollow

O bom humor de Mr. Moore continuava quando ele se levantou na manhã seguinte; ele e Joe Scott tinham passado a noite no moinho em acomodações improvisadas.

O patrão, sempre matinal, levantou-se muito mais cedo do que de costume; despertou seu companheiro com uma canção francesa que vinha do seu banheiro.

– Não está desanimado, patrão? – gritou Joe.

– Não, meu rapaz! Levante-se e vamos dar uma volta pela fábrica antes da chegada dos operários. Vou lhe explicar os meus planos futuros. Teremos as novas máquinas, Joe. Você nunca ouviu falar de Bruce?

– É a história da aranha? Li uma história na Escócia e a esse respeito sei tanto quanto o senhor. Quer dizer que persistirá nos seus planos.

– Isso mesmo.

– O senhor tem alguma fortuna pessoal lá no seu país? – perguntou Joe, dobrando e guardando sua cama temporária.

– No meu país! Qual é o meu país, Joe?

– A França. Não é isso?

– Não, decerto. O fato de os franceses terem tomado a Antuérpia, onde eu nasci, não me faz um francês.

– A Holanda, então?

– Não sou um holandês. Agora você está confundindo Antuérpia com Amsterdam.

– A Flandres?

– Desprezo a insinuação, Joe! Eu, flamengo! Tenho então cara de flamengo, o nariz grosso e proeminente; a testa deprimida e lustrosa; os olhos azuis-claros à flor do rosto? Sou pesado como um flamengo? E você

não sabe como os holandeses são, Joe, eu sou um *Anversois*[4]. Minha mãe era uma antuerpiana, embora ela tenha vindo da linhagem francesa, que é a razão de eu falar francês.

– Mas o seu pai nasceu em Yorkshire, o que o torna também um pouco inglês, um pouco yorkshiriano. Todos daqui notam que o senhor é como nós, ambicioso e ousado.

– Joe, você é um cão insolente, mas eu sempre fui acostumado a um tipo grosseiro de insolência desde a minha mocidade. A classe operária, ou seja, as pessoas que trabalham na Bélgica agem brutalmente para com seus empregadores e, brutalmente, Joe, eu quero dizer grosseiramente mesmo. Vocês são uns selvagens, Joe. Os yorkshirianos, eu quero dizer. Você não acha que eles são civilizados, não é?

– Mais ou menos, senhor. Creio que nós, empregados do Norte, somos tão inteligentes e instruídos como os aldeãos do Sul. O trabalho desenvolve o espírito, e os que, como eu, vivem com as máquinas são forçados a pensar.

– Tenho certeza de que você, Joe Scott, se julga um rapaz notável!

– Concordo. Sei distinguir o queijo do giz e soube aproveitar as ocasiões que tive para me instruir um pouco mais do que muitos que me são superiores. Mas há milhares como eu em Yorkshire e mais dois terços que sabem mais do que eu.

– Você é um grande rapaz, Joe. Um grande espertalhão! Mas também um pedante e um vaidoso. Não julgue que ter aprendido um pouco de cálculo e ter pescado alguns elementos da química no fundo de uma cuba de tingimento o tenha transformado num sábio incompreendido. Não suponha, pelo fato de os caminhos do comércio serem, por vezes, penosos e você e seus iguais nem sempre terem trabalho e pão, que a sua classe seja de mártires e que toda forma de governo sob a qual você vive seja má. Não

ache que a virtude está na casa dos ricos e que os pobres não são honestos. Deixe-me dizer-lhe que eu, particularmente, abomino esse tipo de lixo, porque eu sei muito bem que a natureza humana é natureza humana em todos os lugares, seja sob teto de telha ou de palha; que, em cada espécime da natureza humana que respira, o vício e a virtude são sempre encontrados misturados, em proporções menores ou maiores, e que a proporção não é determinada pela estação. Tenho visto vilões que eram ricos e eu já vi vilões que eram pobres; tenho visto vilões que não eram nem ricos nem pobres. Ah! Chega de conversa, Joe. O relógio vai bater seis horas. Vá tocar o sino.

Era agora meados de fevereiro, às seis horas, portanto o amanhecer estava apenas começando a penetrar com seus raios pálidos na obscuridade da noite. O aspecto da manhã era glacial, um vento áspero empurrava as nuvens e a chuva havia parado, porém deixara a terra encharcada e os ribeiros transbordavam.

As janelas da fábrica estavam abertas, o sino tocava ruidosamente e as crianças chegavam correndo, demasiado depressa para sentir a inclemência do vento. Além disso, a temperatura daquele dia devia lhes parecer mais amena, pois eles tinham ido, muitas vezes, para o trabalho durante esse inverno com neve, chuva e gelo.

Mr. Moore estava na entrada para vê-los passar. Ele contava-os à medida que chegavam. Para aqueles que vinham um pouco tarde, ele dava uma repreensão, que era repetida mais rudemente por Joe Scott quando os retardatários entravam nas salas de trabalho. Nem o patrão nem o contramestre falavam selvagemente. Nem um nem outro eram desumanos, ainda que parecessem rígidos, pois multaram um delinquente que veio consideravelmente tarde. Mr. Moore o fez pagar um *penny* antes de entrar e informou-o de que, na próxima falha, pagaria dois *pence*.

Regras, sem dúvida, são necessárias em tais casos e os mestres grosseiros e cruéis fazem regras grosseiras e cruéis que, no momento, pelo menos eram respeitosas. Mas existem aqueles que se impõem tiranicamente e, apesar de eu descrever personagens imperfeitos (cada personagem neste livro será, mais ou menos, imperfeito, pois a minha caneta se recusa a desenhar qualquer palavra irreal, qualquer personagem modelo), comprometo-me a não lidar com áreas degradadas ou totalmente infames. Crianças torturadas, senhores de escravos e carcereiros cruéis. O romancista pode ser dispensado de manchar a sua página com o registro de tais atos.

Em vez disso, então, estou feliz de ser capaz de informá-lo que Mr. Moore jamais atingira uma criança no moinho. Joe tinha, de fato, certa vez, açoitado o seu filho muito severamente por ter mentido e persistido na mentira. Mas, como seu empregador, ele era muito calmo, assim como também um homem razoável.

Mr. Moore circulou pela fábrica, pelo pátio, pela tinturaria e armazém até o amanhecer. O sol até subiu, pelo menos um disco branco, claro, tingiu o céu com um brilho branco como o gelo; espiou por cima da crista escura de uma colina; mudou a cor da borda para prata, e olhou solenemente para baixo para todo o comprimento do vale.

Às oito horas apagaram-se os candeeiros e a sineta tocou para o café da manhã. As crianças deixaram o trabalho por meia hora; pegaram suas vasilhas que continham café e os pequenos cestos que continham o seu subsídio de pão. Esperemos que eles tenham tido o suficiente para comer, seria uma pena se fosse de outra forma.

E agora, finalmente, Mr. Moore deixou o moinho e se dirigiu para casa que ficava a poucos passos do pátio da fábrica. A distância da fábrica até a casa era curta, mas a cobertura branca alta, de cada lado da pista, parecia lhe dar a aparência e sensação de isolamento. Era uma casa

pequena, caiada de branco, com um pórtico verde na entrada. Alguns galhos elevavam-se em volta e por baixo das janelas, agora sem folhas e sem flores, mas prometiam uma abóboda de trepadeiras para os dias de verão. Diante da casa, estendia-se um jardim dividido em canteiros. No momento, estes só mostravam uma terra negra, exceto em alguns recantos abrigados, nos quais os primeiros brotos de açafrão saíam da terra verdes como esmeraldas. A primavera estava atrasada, o inverno tinha sido rigoroso e prolongado, as últimas neves tinham causado grandes estragos na vegetação. A chuva abundante da véspera havia derretido um pouco a neve, mas ainda restava uma mancha branca sobre as colinas, manchando as cavidades e coroando os picos. As relvas ainda não se mostravam verdes, mas ainda esbranquiçadas. Três árvores, graciosamente agrupadas, erguiam-se em frete à *cottage*. Elas não eram grandes; mas não tendo rivais, pareciam imponentes, produzindo um belo efeito. Era assim a morada de Mr. Moore. O seu ar de modesto conforto não parecia interessar muito seu dono, pois, em vez de entrar, foi buscar uma enxada em um pequeno barracão e pôs-se a trabalhar no jardim. Durante um quarto de hora cavou sem interrupções. Por fim, uma janela se abriu e uma voz feminina o chamou:

– Bom dia! E então? Não vai entrar para tomar seu café da manhã?

– O café está pronto, Hortense?

– Certamente. Há mais de meia hora.

– Então, estou pronto. Tenho uma fome canina.

– Não parece – ralhou Miss Hortense, mas sorriu assim que deu as costas.

Mr. Moore pousou a enxada e entrou na casa. A estreita passagem o conduziu a uma pequena sala onde estava servido o café da manhã composto por café, pão com manteiga e um acompanhamento pouco inglês

de peras cozidas. A mesa era presidida pela senhorita que tinha falado da janela. Devo descrevê-la antes de ir mais longe.

Parecia um pouco mais velha do que Mr. Moore, talvez tivesse uns trinta e cinco anos. Era alta e proporcionalmente forte. Podia ser considerada até elegante. Os cabelos muito negros ainda estavam enrolados em papelotes; as faces eram rosadas; o nariz era delgado e os olhos, pequenos e negros. A parte inferior do rosto era larga em proporção à superior e sua testa era estreita e bastante enrugada. A expressão era inquieta, mal-humorada, mas não má. Havia algo na aparência que provocava o riso e irritava ao mesmo tempo. O mais estranho era a sua maneira de se vestir. Era algo fora do normal, até mesmo ridícula: uma saia de lã e uma camisola de algodão listrada. A saia era curta e mostrava um par de pés e tornozelos que deixavam muito a desejar no quesito simetria.

O leitor poderá pensar que eu descrevi uma mulher desmazelada, mas, Miss Hortense Moore (ela era irmã de Mr. Moore) não era nem um pouco desleixada. Era, portanto, uma pessoa muito organizada e econômica. O saiote, a camisola e os papelotes eram o traje de manhã de uso doméstico em seu próprio país. Ela não quis adotar a moda inglesa só porque fora obrigada a viver na Inglaterra. Ela mantinha seus velhos costumes belgas e tinha satisfação em mantê-los. Ela também tinha uma excelente opinião de si própria, apreciação que não era absolutamente imerecida, pois ela possuía algumas qualidades preciosas. Contudo, dava excessivo valor ao grau e gênero dessas qualidades e esquecia-se de diversos pequenos defeitos que possuía. Ninguém a poderia persuadir de que ela era uma pessoa preconceituosa, acanhada e intolerante; que tinha uma dignidade suscetível e que era muito propensa a se ofender com ninharias, e tudo isso era verdade. No entanto, quando seus preconceitos não eram ofendidos, ela poderia ser suficientemente gentil e amigável. Era muito dedicada aos seus

dois irmãos, pois, além de Robert, havia seu outro irmão, Louis. Como os únicos representantes remanescentes de sua família decadente, estes dois irmãos eram quase sagrados para ela. Contudo, conhecia menos Louis do que conhecia Robert. Louis tinha sido enviado para a Inglaterra ainda criança e tinha sido educado numa escola inglesa. Fosse porque a sua educação não o preparara para se adaptar ao comércio, ou porque sua própria inclinação natural não fossem as atividades mercantis, quando a ruína econômica da sua família o forçara a ganhar a vida, ele adotou a árdua e modesta carreira de professor. Contava-se que ele estava, neste momento, como preceptor de uma família privada. Miss Hortense, sempre que mencionava Louis, o descrevia como uma pessoa de talento, porém demasiado tímido e pacato.

A sua opinião a respeito de Robert era muito diferente. Ela tinha muito orgulho dele e o considerava o maior homem da Europa, tudo o que ele dizia e fazia era marcante e notável, e ela esperava que os outros pensassem da mesma forma. Para Miss Hortense não havia coisa mais irracional, monstruosa e infame do que uma oposição feita a Robert Moore, a menos que fosse ela mesma a opositora.

Por isso, logo que Mr. Moore sentou-se à mesa, depois de lhe servir uma porção de peras e de lhe preparar uma boa fatia de pão com manteiga, deixou transbordar um dilúvio de espanto e de horror sobre o acontecimento da noite e a destruição dos teares.

– Que ação vergonhosa! Bem se vê que os operários desta terra são, ao mesmo tempo, estúpidos e maus. Absolutamente como os criados ingleses, as criadas, sobretudo. Essa Sarah, por exemplo.

– Mas ela parece limpa e trabalhadora – disse Mr. Moore, espantado com aquela torrente de reclamações.

– Parece? Ah! Eu não sei o que ela parece e não digo que seja totalmente suja, nem preguiçosa, mas é duma tal insolência! Ontem esteve durante um quarto de hora resmungando por causa da maneira de cozinhar a carne. Ela disse que eu a deixo cozinhar demais, que a deixo em trapos, que os ingleses nunca seriam capazes de comer um prato como o nosso cozido, que a sopa não passava de uma gorda água quente e, quanto ao chucrute, ela afirma que não pode tocá-lo! Aquele barril que temos na adega, deliciosamente preparado por minhas próprias mãos, ela chamou de lavagem para porco. Estou farta dessa menina, mas se a substituo, posso cair nas mãos de uma pior. Você está na mesma com seus operários, querido e pobre irmão!

– Receio que você não esteja muito feliz na Inglaterra, Hortense.

– É meu dever ser feliz onde você estiver, irmão. Mas, por outro lado, há certamente milhares de coisas que me fazem lamentar por nossa cidade natal. Todo mundo daqui me parece mal-educado, eles riem dos nossos hábitos e os consideram ridículos. Se qualquer menina da fábrica vem à cozinha e me encontra preparando o jantar de saia branca e camisola (pois você bem sabe que eu não posso confiar a Sarah a preparação de um único prato), ela zomba de mim pelas costas. Se aceito um convite para tomar chá, o que aconteceu uma ou duas vezes, percebo que me dão o último lugar na mesa e não tenho a atenção que, decididamente, deveria ter. Os Gerards e os Moores são uma excelente família. Temos o direito de reivindicar certo respeito e de sentirmos feridos quando isso nos é retido. Na Antuérpia eu sempre fui tratada com distinção! Aqui, seria de pensar que, quando abro a boca, falo um inglês com um sotaque ridículo, quando creio que o pronuncio perfeitamente...

– Hortense, na Antuérpia éramos conhecidos como ricos. Na Inglaterra, eles nos conheceram pobres. Isso muda tudo.

– Precisamente e, portanto, são os mercenários da humanidade. Você se lembra do que aconteceu no último domingo, querido irmão? Como estava muito molhado, eu fui à igreja com meus tamancos pretos, objetos que não seriam, de fato, usuais em uma cidade da moda, mas que no meu país, consequentemente, eu já estava acostumada a usá-los para andar em estradas sujas. Acredite em mim, quando eu andava pelo corredor, composta e tranquila, como sempre estou, vi quatro senhoras e muitos cavalheiros rindo de mim e tiveram a audácia de esconder o rosto atrás do livro de oração.

– Bem, bem! Não use os tamancos de novo, então.

– Mas, irmão, eles não são tamancos comuns. São pretos, muito limpos e convenientes para o campo e até para uma cidade elegante como Bruxelas. Lá as pessoas respeitáveis só usam tamancos para caminhar no inverno. Qualquer um que tentar percorrer a lama das estradas em um par de botas de Paris, vai virar notícia!

– Não importa o que usam na Antuérpia, em Bruxelas ou em Roma. Tem que se adaptar aos costumes ingleses se quiser ser respeitada aqui. Quanto à sua camisola e sua saia branca, não posso ter opinião sobre isso. Realmente, eu nunca vi uma senhora vestida assim. Peça opinião a Caroline Helstone.

– Perguntar a Caroline! Perguntar a Caroline? Consultá-la sobre minha maneira de vestir? É ela quem devia me consultar sobre todas as coisas. Ela é uma criança!

– Tem dezoito anos, ou, pelo menos dezessete. Tem idade suficiente para saber tudo sobre vestidos, saias e sapatos.

– Não a estrague, irmão! Peço que não o faça. Não lhe dê mais importância do que, realmente, ela merece. No momento, ela é modesta e despretensiosa. Vamos mantê-la assim.

– Com todo o meu coração. Ela vem esta manhã? – perguntou ele, sorrindo.

– Virá às dez horas, como de costume, para a aula de francês.

– Não acha que ela zomba de você, não é?

– Não! Ela aprecia-me melhor do que qualquer outro aqui. Mas ela tem mais oportunidade de me conhecer intimamente. Ela vê que eu tenho educação, inteligência, maneiras e princípios; enfim, tudo o que distingue uma pessoa bem-nascida e bem-educada.

– Isso quer dizer que você gosta muito dela?

– Não sei dizer se gosto dela assim. Como não me entusiasmo facilmente, consequentemente, a minha amizade tem mais valor. Tenho grande respeito e afeição por ela como minha parenta; a sua posição também me inspira interesse, e a sua conduta como minha aluna tem feito só aumentar e não diminuir o afeto que eu já lhe tinha por outros motivos. Contudo, a minha perspicácia vê, claramente, que Caroline não é perfeita, deixa muito a desejar.

– Ela não se comporta muito bem nas aulas?

– Para mim, ela se comporta muito bem. Mas, irmão, você é consciente que eu tenho uma maneira calculada para repelir familiaridade, para ganhar estima e impor respeito. No entanto, possuidora dessa penetração, percebo que Caroline não é perfeita e que há muito o que aprender.

– Dê-me mais uma última xícara de café e, enquanto eu estou bebendo, divirta-me contando suas falhas.

– Querido irmão, estou feliz em ver que você toma seu café da manhã com vontade depois de ter passado uma noite tão fatigante. Pois é verdade, Caroline tem seus defeitos, mas, em minhas mãos e com o cuidado quase maternal que tenho por ela, pode melhorar. Há nela qualquer coisa, uma

reserva, suponho, de que eu não gosto, porque ela não é absolutamente infantil e submissa; há na sua natureza vislumbres de uma paixão inquieta que me desconcerta. No entanto, em outras vezes, é tranquila até demais, já em outras, excessivamente abatida e pensativa. Com o tempo, não tenho dúvida, vou deixá-la de maneira uniforme: calma e decorosa, sem ser inexplicavelmente sonhadora. Desaprovo sempre o que não compreendo.

– Não compreendo. O que você quer dizer com “vislumbres de uma paixão inquieta”, por exemplo?

– Vou dar-lhe um exemplo e, talvez, você compreenda: às vezes, você está ciente, a faço ler poesia francesa para que pratique a pronúncia. Ela tem lido, no decorrer das aulas, muito de Corneille e Racine, com um espírito sóbrio e firme que eu aprovo. Ocasionalmente, ela mostra, de fato, um grau de languidez na leitura desses conceituados autores, mostrando mais apatia do que sobriedade. E eu não posso tolerar apatia naqueles que têm o benefício de minhas instruções. Noutro dia, dei-lhe um volume de poesias e mandei-a para a janela para decorar uma e, quando ergui os olhos, a vi virando as folhas com impaciência, enquanto observava os pequenos poemas superficialmente como se percorresse o volume com desprezo. Ralhei com ela. ‘Minha prima, tudo isso me aborrece até a morte.’ Observei-lhe que não era maneira decente de falar. ‘Meu Deus!’, exclamou ela, ‘então não há em toda a literatura francesa duas linhas de poesias?’ Perguntei-lhe o que ela queria dizer com aquilo. Ela implorou-me, gentilmente, meu perdão. Dentro em breve, ela estava sossegada. Vi que sorria para si mesma sobre o livro e começou a estudar com ardor. Ao fim de meia hora, ela veio e pôs-se diante de mim, apresentou o volume e começou a recitar-me A *Jovem Cativa*, de *Chénier*. Se você tivesse ouvido a maneira com que ela recitou esse trecho e os comentários incoerentes que ela fez quando terminou, você teria sabido o que eu quis dizer com a frase

‘vislumbres de uma paixão inquieta.’ Olhando para ela, alguém poderia pensar que *Chénier* fosse mais emocionante do que *Racine* ou *Corneille*. Você tem que concordar, meu irmão, que essa preferência singular denota uma mente mal-ordenada! Mas ela está em boas mãos, como sua preceptora vou adotar um sistema, um método para fixar seus pensamentos e opiniões. Hei de ensiná-la a vigiar e a dominar seus sentimentos.

– Certifique-se do que você faz, Hortense. Aí vem ela. Creio que foi sua sombra que passou pela janela.

– Ah! Verdadeiramente. Ela veio adiantada, meia hora mais cedo. Minha filha, o que a traz aqui tão cedo? – perguntou Miss Hortense.

A pergunta foi dirigida a uma pessoa que entrava naquele momento, uma jovem envolta em um manto de inverno, cujas dobras se ordenavam com graça em volta de uma figura aparentemente delgada.

– Vim com pressa para ver como vocês estavam, isto é, principalmente o Robert. Eu tinha certeza de que estava muito triste com o que aconteceu ontem à noite. Eu só soube esta manhã. Meu tio me contou durante o desjejum.

– Ah! É extraordinário! Então simpatiza conosco e seu tio também? – perguntou Miss Hortense.

– Meu tio está muito irritado, mas ele estava com Robert, creio eu, não é, Robert? Ele não o acompanhou ao pântano de Stilbro?

– Sim, nós partimos com um aparato bastante guerreiro, Caroline, mas encontramos os presos que fomos resgatar no meio do caminho.

– É claro que ninguém se machucou, não é?

– Apenas os pulsos de Joe Scott estão um pouco esfolados por causa da corda. Eles o amarraram com muita força nas costas.

– Não estava lá? Você não estava com as carroças quando foram atacadas?

– Não. Raramente se tem a sorte de estar presente quando se deseja assistir a certos acontecimentos.

– Aonde é que você vai esta manhã? Vi Murgatroyd selando seu cavalo no quintal – perguntou Miss Caroline Helstone.

– Para Whinbury. É dia de mercado.

– Mr. Yorke vai também, pois encontrei-o em seu cabriolé. Volte para casa com ele, Robert – pediu Miss Helstone.

– Por quê?

– Melhor é serem dois do que um e ninguém quer mal a Mr. Yorke, pelo menos os pobres não o detestam.

– Portanto, ele seria uma proteção para mim, que sou odiado?

– O senhor é incompreendido. Este é o termo certo. Voltará tarde? Será que ele vai voltar tarde, prima Hortense?

– É muito provável. Ele tem negócios a tratar em Whinbury. Trouxe o seu caderno de exercício, Caroline?

– Sim. A que horas você vai voltar, Robert?

– Geralmente retorno às sete. Deseja que eu venha mais cedo para casa?

– Tente voltar por volta das seis, pois ainda não anoiteceu. Já às sete horas está absolutamente escuro.

– E de que devo ter medo, Caroline, quando o dia se for? Quais perigos você concebe que vêm com a escuridão?

– Não posso definir os meus temores, mas meu tio chama estes tempos de perigosos e diz também que os proprietários das fábricas são impopulares.

– E eu sou um dos mais impopulares, não é isso? Você está relutante em falar, mas, no fundo, você acha que estou sujeito à sorte de Mr. Pearson,

que não foi baleado de trás de uma sebe, como se diz, mas em sua própria casa, através de uma janela, quando estava indo para a cama.

– Mrs. Anne Pearson mostrou-me a bala no quarto de dormir – comentou Miss Caroline gravemente, enquanto dobrava o seu manto e o colocava em um lado da mesa: – Você sabe – ela continuou – que há uma sebe em todo o caminho ao longo da estrada daqui para Whinbury e que é preciso passar pelas plantações de Fieldhead. Mas você estará de volta às seis horas, ou antes, não vai?

– Certamente, ele vai – afirmou Miss Hortense. – E agora, minha filha, prepare as lições enquanto eu ponho as ervilhas de molho para o purê do jantar – disse Miss Hortense e saiu.

– Suspeita que eu tenha muitos inimigos, Caroline? – indagou Mr. Moore. – E, sem dúvida, você sabe também que eu não tenho amigos.

– Não é bem assim, Robert. Tem a sua irmã; o seu irmão, Louis, que eu nunca vi; Mr. Yorke e o meu tio, é claro, e muitos outros.

Robert sorriu. – Você ficaria bem embaraçada se tivesse que nomear ‘os muitos outros’ – disse ele. – Mas, mostre-me o seu caderno de exercício – ele estendeu a mão e ela, hesitantemente, o entregou.

– Que cuidado você toma com a escrita! É a minha irmã, eu suponho, que exige esta perfeição. Para que existência estará destinada, Caroline? Que fará do seu francês, do seu desenho e dos seus outros talentos quando os adquirir?

– Faz bem em dizer quando eu os adquirir, pois, como sabe, antes de Hortense começar a me ensinar, eu sabia muito pouco. Quanto à vida que eu estou destinada, suponho que seja dirigir a casa de meu tio... até – ela hesitou.

– Até o quê? Até ele morrer? – Mr. Moore indagou, olhando-a nos olhos.

– Não! Como essa palavra é dura! Nunca pensei na morte dele. Ele tem apenas cinquenta e cinco anos. Mas até... em suma, até que os acontecimentos me ofereçam outras ocupações.

– A perspectiva é extremamente vaga, Caroline! Você está contente com isso?

– Costumava contentar-me. As crianças, você sabe, têm poucas reflexões. Há momentos, agora, em que não estou muito satisfeita.

– Por quê?

– Não estou fazendo nada para ganhar dinheiro.

– Chegou ao ponto, Lina. Então também deseja ganhar seu dinheiro?

– Sim. Gostaria de ter uma ocupação. Bem, se eu fosse um rapaz, não seria tão difícil encontrar uma. Vejo uma maneira tão fácil e tão agradável de aprender a comercializar e abrir caminho na vida.

– Vá em frente. Vejamos qual é esse meio.

– Poderia ser aprendiz de seu comércio de tecido. Eu poderia aprender isso com você, pois somos parentes. Gostaria de fazer o trabalho de contagem das peças, manteria os livros em dia, escreveria as cartas, faria o trabalho do escritório enquanto você estivesse no mercado. Sei que você deseja ser rico para pagar as dívidas do seu pai, talvez eu pudesse ajudá-lo a ficar rico.

– Ajudar-me? Você deve antes pensar em você.

– Também penso em mim, mas não devemos pensar apenas em nós mesmos.

– Em quem penso eu? Ousaria eu pensar em outra pessoa que não fosse eu mesmo? Os pobres não devem ter simpatias, é seu dever ser egoísta.

– Não, Robert.

– Sim, Caroline. A pobreza é necessariamente egoísta, constrangida, rastejante e ansiosa. De tempos em tempos o coração de um homem pobre é iluminado por alguns raios, refrescado por gotas de orvalho. Ele fica umedecido, envaidecido como a vegetação brotando no jardim num dia de primavera; mas não devemos nos deixar arrastar por esse agradável impulso e, para reprimi-lo, devemos invocar a prudência, gelada como o vento norte.

– Então num casebre não se pode ser feliz, Robert?

– Quando falo da pobreza, não me refiro à pobreza habitual do operário, mas à penúria envergonhada do homem cheio de dívidas, do comerciante angustiado se debatendo contra a ruína.

– Tenha esperança e não ansiedade, Robert. Há certas ideias que se fixaram em seu espírito. Talvez seja pretensão da minha parte, mas eu tenho a impressão de que se engana em suas noções da melhor forma de alcançar a felicidade, como também na... – Caroline hesitou.

– Sou todo ouvidos, Caroline.

– Na... Oh! – novamente ela hesitou. – Preciso de coragem para lhe dizer o que penso... Na... Na sua maneira. Note que eu digo “a sua maneira”... A sua maneira de proceder com esses operários de Yorkshire.

– Você sempre quis me dizer isso, não é?

– Sim. Muitas vezes, muitas vezes!

– A única falha da minha atitude está, creio eu, na negatividade. Não sou orgulhoso. De que teria orgulho um homem na minha posição? Só estou taciturno, fleumático e sem alegria. Eu poderia fingir benevolência para com eles, mas fingir não é o meu forte. Acho-os desatinados, perversos, me paralisam quando quero ir para a frente. Tratando-os com justiça, cumpro todos os meus deveres para com eles.

– Não espera que eles o estimem, não é?

– Nem o desejo.

– Ah! – disse a mocinha, balançando a cabeça e dando um profundo suspiro. Depois, ela percebeu um parafuso solto em algum lugar, mas como estava fora de seu alcance, inclinou-se sobre a gramática e pôs-se a procurar os exercícios do dia.

– Acho que eu não sou um homem carinhoso, Caroline. Basta-me a afeição de um pequeno número de pessoas.

– Robert, você faria o favor de aparar uma ou duas penas para mim antes de sair?

– Primeiro, deixe-me pautar o seu caderno, pois tem o costume de traçá-las tortas. Aqui está. E agora as penas. Creio que gosta delas bem finas, não é?

– Tal como você geralmente prepara para mim e para Hortense; não faça com a ponta larga como você usa.

– Se eu tivesse a vocação do Louis, poderia ficar em casa e dedicar esta manhã a você e aos seus estudos, mas, como não tenho, vou passar o dia todo no armazém de lã de Mr. Sykes.

– Você vai ganhar dinheiro?

– O mais provável é perdê-lo.

Quando ele terminou de aparar as penas, trouxeram-lhe um cavalo selado até o portão do jardim.

– Fred já está pronto. Preciso partir, mas antes quero ver os efeitos da primavera nos canteiros do sul – ele deixou a sala e se dirigiu para o terreno atrás do moinho. Uma encantadora franja de verdura jovem e de flores começava a despontar: violetas, açafrão e primaveras brilhavam ao sol, abrigados pelo muro da fábrica. Mr. Moore colheu uma folha aqui e uma flor acolá até formar um pequeno buquê. Voltou à sala de entrada, roubou um fio de seda na cesta da irmã, amarrou as flores e colocou-as na mesa de Caroline.

– Agora, adeus!

– Obrigada, Robert! São lindas! Parecem raios de sol num céu azul. Tenha um bom dia! Até breve!

Robert dirigiu-se para a porta, parou, abriu os lábios como se fosse falar, mas não disse nada e seguiu em frente. Ele passou pelo postigo e montou em seu cavalo. Um segundo depois, ele desmontou, transferiu as rédeas para Murgatroyd e retornou.

– Esqueci minhas luvas – disse ele, parecendo tirar alguma coisa do lado da mesa; então, como se obedecesse a um impulso, disse: – Você tem alguma obrigação hoje na casa de seu tio, Caroline?

– Não! Nunca tenho. Só algumas meias de crianças que Mrs. Ramsden me encomendou para a cesta dos judeus, mas podem esperar.

– Esqueça a cesta dos judeus e passe o dia aqui. O seu tio não morrerá por causa da sua ausência.

Ela sorriu. – Não mesmo!

– O velho cossaco! Ouso dizer que não – murmurou Mr. Moore, sorrindo.

– Então, fique para jantar com Hortense. Ela ficará encantada com sua companhia. Voltarei cedo. Teremos um pouco de leitura à noite. A lua nasce às oito e meia e às nove e meia daremos um passeio até a reitoria. Agrada-lhe?

Ela assentiu com a cabeça e seus olhos se iluminaram.

Mr. Moore ainda demorou dois minutos. Ele inclinou-se sobre a mesa de Miss Helstone e olhou para a gramática, pegou sua pena, levantou seu buquê e brincou com ele. Seu cavalo estava impaciente. Fred Murgatroyd tossiu no portão como se perguntasse o que seu mestre estava fazendo.

– Bom dia – disse Mr. Moore novamente e, finalmente, se afastou.

Quando Miss Hortense entrou, dez minutos depois, viu, surpresa, que Miss Caroline Helstone ainda não tinha iniciado o seu exercício.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VI

OceanofPDF.com

Coriolanus[5]

Nessa manhã, Miss Moore teve uma aluna muito distraída. Miss Helstone esqueceu uma vez, mais outra, as explicações que foram dadas a ela. No entanto, ela suportava com inalterável serenidade as repreensões que merecia sua desatenção. Sentada ao sol, perto da janela, parecia receber com o seu calor uma benéfica influência que a tornava ao mesmo tempo feliz e bondosa.

Para ela não havia sido negado o dom da beleza. Não era absolutamente necessário conhecê-la intimamente para amá-la, pois era suficientemente bonita para agradar à primeira vista. Sua forma era adequada à sua idade: era feminina, leve e flexível; cada curva era perfeita, cada membro proporcional; tinha uma cintura graciosa; o seu rosto era expressivo e delicado; seus olhos eram belos e talentosos. Às vezes lançavam raios irresistíveis que iam diretamente ao coração. Sua boca era muito bonita, tinha uma pele delicada, um cabelo castanho magnífico e uma profusão de cachos emolduravam-lhe o rosto de forma pitoresca. Seu estilo de se vestir anunciava bom gosto. Os vestidos, pouco requintados em relação à moda e ao preço do tecido, eram sempre da cor e do corte que mais faziam sobressair suas perfeições naturais. Seu traje de inverno naquele dia era de merino, num tom suave de castanho como seus cabelos. A pequena gola redonda pousava sobre uma fita cor-de-rosa e era presa por outra da mesma cor. Não trazia mais nenhum enfeite.

Tanto a aparência de Miss Caroline Helstone quanto seu caráter ou inteligência – se ela tinha alguma – devem falar por si só no devido tempo. Suas conexões com os Gerards e os Moores não tomam muito tempo para serem explicadas. Os pais de Miss Helstone tinham se separado logo após seu nascimento, em consequência de discordância de disposição, isto é,

incompatibilidade de gênios foi o que disseram a ela. Sua mãe era meia-irmã do pai de Mr. Moore, assim, embora não houvesse mistura de sangue, ela era, de certa forma, prima de Robert, Louis e Hortense. Seu pai era o irmão de Mr. Helstone, um desses homens de quem, mesmo depois de terem deixado este mundo, evitam-se recordações. Ele tinha tornado sua esposa infeliz. O que ela soubera a respeito do pai era que ele não tinha bons princípios.

Miss Caroline Helstone nunca conhecera a mãe, da qual tinha sido afastada desde a sua infância e não tinha voltado a vê-la. O pai morreu relativamente jovem e seu tio, o reverendo, desde então era seu único guardião. Sabia-se que Mr. Helstone, por natureza e hábito, era a pessoa menos indicada para educar uma moça, de maneira que ele não se preocupava muito com sua educação. Provavelmente ele não teria tomado nenhuma iniciativa se ela, encontrando-se negligenciada, não tivesse crescido ansiosa por sua própria conta e cobrado, de vez em quando, por um pouco de atenção e por meios de adquirir uma quantidade de conhecimento que não poderia ser dispensada. Ainda assim, Miss Caroline tinha um penoso sentimento de ser inferior, em conhecimento, às jovens da sua idade. Aceitara com alegria quando a prima Miss Hortense Moore se ofereceu para ensinar-lhe francês e trabalho com agulha, logo após sua chegada à fábrica Hollow. Miss Moore, por outro lado, gostava dessa tarefa, pois lhe dava importância. Ela gostava de exercer sua autoridade sobre essa aluna dócil, mas cheia de vivacidade. Ela julgava Miss Helstone como ela própria se julgava: uma moça ignorante e, ao vê-la fazer progressos rápidos e extraordinários, não os atribuía à boa aplicação da estudiosa aluna, mas inteiramente ao seu próprio método superior de ensino. Quando ela descobriu que Miss Caroline, inábil na sua rotina, tinha um conhecimento próprio, instrução desigual, mas variada, a descoberta não lhe causou

nenhuma surpresa, pois ela estava convencida de que tinha sido conversando com ela que, sem se dar conta, a moça adquirira todos aqueles tesouros. Mesmo quando forçada a sentir que sua pupila sabia muito sobre assuntos dos quais ela sabia muito pouco, Miss Hortense preferia diminuir a prima para se tornar importante.

A professora que se gabava de possuir um “espírito positivo” e ter certa preferência pelos estudos áridos, mantinha Miss Helstone no mesmo caminho. Obrigava a moça a estudar incansavelmente a gramática da língua francesa, atribuindo, como os exercícios mais úteis, as intermináveis análises lógicas. Essas análises não eram particularmente agradáveis e Miss Helstone pensava que poderia ter aprendido francês tão bem sem elas. Às vezes a aluna se ressentia pelo tempo excessivo gasto naquele labirinto gramatical e, enquanto Miss Moore estava vasculhando suas gavetas no andar de cima, uma ocupação em que ela passava grande parte da manhã, arranjando, desmanchando e reorganizando, ela levava seu livro ao escritório de Robert, que a tirava daquele embaraço. Robert Moore possuía um cérebro lúcido e calmo. Mal ele olhava as pequenas dificuldades que embaraçavam Miss Caroline, elas se dissolviam como por encanto. Em duas palavras dava-lhe a chave do enigma. Ela pensava: “se Hortense pudesse ensinar como ele, eu depressa aprenderia!”. Ela sempre lhe pagava com um sorriso de admiração e reconhecimento, e depois deixava a fábrica relutantemente e voltava para a casa de campo. Lá, ela completava o exercício e resolvia o problema, pois Miss Moore também lhe ensinava aritmética. Miss Helstone desejava que a natureza a tivesse feito um menino em vez de uma menina, pois, se assim fosse, ela poderia pedir a Robert para deixá-la ser seu secretário e sentar-se com ele no escritório, em vez de sentar-se com Hortense na sala de estar.

De vez em quando, embora raramente, ela passava a noite na casa de campo de Hollow. Às vezes, durante essas visitas, Mr. Moore tinha ido ao mercado e não tinha voltado; às vezes ele tinha ido à casa de Mr. Yorke; muitas vezes ele estava envolvido com um visitante do sexo masculino em outro cômodo da casa, mas às vezes ele também estava em casa, desprendido e livre para falar com ela. Quando este era o caso, as horas fugiam com a rapidez do relâmpago. Não havia na Inglaterra lugar mais agradável do que a pequena sala quando ocupada pelos três primos. Miss Hortense, quando não estava ensinando, xingando ou cozinhando, estava longe de ser mal-humorada. Era seu costume relaxar à noite e ser gentil com sua jovem parenta inglesa. Havia também um meio de torná-la melhor e até amorosa, induzindo-a a tomar o seu violão, tocá-lo e cantar. Ela, então, ficava muito bem-humorada e, enquanto demonstrava suas habilidades com uma voz bem tonificada, não era desagradável ouvi-la, embora tivesse sido absolutamente agradável se ela não tivesse um caráter tão formal e soberbo.Mr. Moore, livre das preocupações dos negócios, não era dado à alegria exuberante, contudo, mostrava-se encantado com a vivacidade de Miss Helstone. Ouvia com prazer sua tagarelice e respondia-lhe benevolamente suas perguntas. Para Miss Helstone, era agradável se sentar próximo a ele e sentir seu olhar afetuoso. Às vezes, ele estava mais disposto, quase animado, muito gentil e amigável.

O problema era na manhã seguinte. Ela tinha certeza: o olhar voltava a ser frio, quase distante. Essa circunstância intrigava a inexperiente prima.

Contudo, ainda que Miss Caroline Helstone apreciasse muito essas visitas à noite à casa de campo, nunca ia lá sem ser convidada. Muitas vezes, de fato, pressionada por Miss Hortense a ir, ela recusava, pois notava que Robert não insistia ou apoiava francamente o convite. Nesta manhã, pela primeira vez, ele tinha-lhe, muito espontaneamente, feito um convite.

Falara-lhe tão afetuosamente que ela teve uma sensação de felicidade suficiente para mantê-la feliz durante todo o dia.

A manhã decorreu como habitualmente. Miss Hortense, sempre cheia de serviço, passava da cozinha para a sala, ora ralhando com Sarah, ora examinando os exercícios de Miss Helstone e fazendo-a repetir sua lição. Por mais perfeitas que fossem as tarefas, nunca tinha uma palavra de elogio: uma de suas máximas era que o elogio era inconsistente com a dignidade de um professor.

Ela acreditava que as reprimendas incessantes, graves ou leves, eram necessárias para a manutenção da autoridade e, se nenhum erro fosse encontrado, ela procurava no andar da aluna, na respiração, no vestido ou no semblante algo que exigisse correção.

O tumulto habitual ocorreu no almoço quando Sarah quase jogou a comida sobre a mesa, com um olhar que expressava claramente: “nunca servi semelhante gororoba na minha vida! Isso não serve nem pra cachorro!”

Não obstante o desprezo de Sarah, a refeição estava muito saborosa. A sopa era uma espécie de purê de ervilhas secas, que Miss Hortense tinha preparado em meio a lamentações amargas de que neste país desolado não se encontrava feijões. Então veio um prato de picado de carne, com miolo de pão, muito bem temperado e cozido numa forma. Prato estranho, mas longe de ser desagradável. O prato de legumes compunha-se de couve picada, de um patê de frutas, preparado segundo uma receita de Madame Gérard Moore e cujo gosto fazia supor que tinha sido adoçado com melado em vez de açúcar. Miss Helstone não tinha nenhuma objeção à culinária belga. De fato, ela aprendera a apreciar. Ainda bem que isso ocorrera, pois, caso contrário, Miss Hortense teria visto a rejeição à comida como antipatia à sua pessoa.

Logo após o almoço, Miss Helstone persuadiu a prima a se vestir. Essa manobra tinha que ser feita com cuidado. Ela teria que fazer com que Miss Hortense tirasse a saia branca, a camisola e os papelotes sem que ela percebesse que eles eram objetos desagradáveis, que aquele vestuário não era correto. Mas, se isso fosse dito claramente, seria motivo suficiente para que ela não aceitasse e se mantivesse naquele estado o dia todo. Qualquer tentativa prematura de exortação quanto à sua maneira de se vestir era, portanto, imprudente. Evitando cuidadosamente as rochas e as areias movediças, Miss Helstone, com o pretexto de mudar de ambiente, conseguiu levar a prima para o quarto. Uma vez lá, convenceu-a a se vestir logo, pois não valia a pena voltar, já que perderiam muito tempo e ela poderia tomar seu banho agora. Enquanto Miss Hortense lhe passava um sermão a respeito do desprezo que tinha pelas vulgares frivolidades da moda, Miss Helstone tirou-lhe rapidamente a camisola, vestiu-a decentemente com um vestido, arrumou a gola, escovou seus cabelos e tornou-a muito apresentável. Porém, Miss Hortense queria dar os toques finais, e os toques finais consistiam em um lenço enorme amarrado em volta do pescoço e um grande avental preto, de serva, o que estragaria tudo. Miss Helstone tinha que intervir rapidamente e com sabedoria.

– Por que não usa um colar com o vestido, prima Hortense? Sinto-me sufocada com lenços no pescoço e meus aventais estão muito curtos, por isso há muito tempo eu prefiro nem os usar.

No entanto, Miss Hortense, por força da perseverança, provavelmente teria se obrigado a fazer tal mudança e, como não tinha tempo para uma disputa sobre o assunto, decidiu que os aventais pequenos de Miss Helstone seriam suficientes. Mas, não tocaria no assunto já que ela decidira por aboli-los. Quanto aos lenços, em sua opinião, como a prima ainda era

apenas uma criança, ela podia dispensar os lenços, especialmente porque seus cachos eram longos e quase tocavam seus ombros.

Contudo, como seu irmão, naquela manhã mesmo, sugeriu que ela pedisse a opinião da prima sobre como se vestir adequadamente para evitar a chacota das pessoas daquele lugarejo, foi obrigada a ceder, mas desaprovava totalmente o asseio excessivo e fantasioso de Miss Caroline com sua aparência. Algo mais sólido e caseiro teria sido considerado mais adequado.

Naquele dia, Miss Helstone venceu.

A tarde foi dedicada à costura. Miss Hortense, como a maior parte das damas belgas, era especialmente hábil com a agulha. Ela, de modo algum, considerava desperdício de tempo se dedicar horas incontáveis aos bordados delicados, à renda fatigadora da visão, aos maravilhosos trabalhos de tricô e, acima de tudo, aos mais elaborados meios de remendar. Ela daria um dia para o conserto de dois buracos em uma meia e achava sua “missão” nobremente cumprida quando conseguia isso. Este foi outro problema para Miss Helstone. Ela foi condenada a aprender este estilo estrangeiro de cerzir: ponto por ponto, de forma a imitar exatamente a trama do tecido. Um processo enfadonho, mas considerado por Miss Hortense Gérard e por seus ancestrais de longas gerações como um dos primeiros deveres de uma mulher. Quando ela descobriu que Miss Helstone era profundamente ignorante da mais essencial das realizações femininas, ela quase chorou de piedade sobre a juventude miseravelmente negligenciada da prima. Portanto, nenhum momento era perdido na busca de um par de meias que precisasse de reparos para que ela ensinasse a ignorante mocinha inglesa a reparar sua deficiência. Essa tarefa fora iniciada há dois anos e Miss Caroline conservava as meias sem qualquer sucesso. Ela fazia algumas linhas todos os dias, por meio de penitência para a expiação dos seus

pecados. Era um fardo doloroso para ela, que teria gostado muito de jogá-las no fogo, e, uma vez, enquanto Mr. Moore a observava sentada, suspirando por causa das meias, havia proposto uma cremação privada no escritório da fábrica, mas Miss Helstone sabia que a proposta era imprudente e o resultado só poderia ser um novo par de meias, provavelmente, em pior estado.

Durante toda a tarde as duas costuraram, até que os olhos e os dedos de Miss Helstone acabaram fatigados. Até mesmo seu espírito estava cansado. O céu já havia escurecido depois do almoço e tinha começado a chover de novo, agora com violência. Miss Helstone temia que Robert tivesse se deixado persuadir pelos senhores Sykes ou Yorke a permanecer em Whinbury até passar o temporal. O relógio marcou cinco horas, o tempo passava depressa e a chuva continuava em torrentes. Ouvia-se o gemer do vento nas árvores e no telhado; o dia findava-se e o fogo da lareira derramou na sala um brilho avermelhado como o crepúsculo.

– Com esse tempo a lua não vai aparecer – disse Miss Moore. – Creio que meu irmão não voltará tão cedo. Na verdade, ele deveria se arrepender de ter ido. Vamos tomar café, Caroline. Seria inútil esperá-lo.

– Ainda não são seis horas, prima. Ele ainda pode vir.

– Não vem, eu já lhe disse. Posso calcular seus movimentos. Eu conheço meu irmão. Vá à cozinha e diga a Sarah para nos trazer o lanche, ou chá, como vocês falam.

A incerteza é desagradável e o desapontamento, amargo. Todo mundo, uma hora ou outra, sentirá isso. Miss Caroline, obediente às ordens de Miss Hortense, foi à cozinha. Sarah, sentada junto à mesa, fazia um vestido.

– Sarah, Hortense pediu que você servisse o chá – disse a jovem com ar abatido. Então, inclinou seu braço e cabeça contra a chaminé, olhando,

com indiferença, para o fogo.

– Como parece triste, miss! É tudo por causa dessa sua prima que a faz trabalhar como uma escrava. É uma vergonha!

– Nada disso, Sarah – foi a resposta breve.

– Oh! Sei que é. Você está quase chorando! Tanto tempo trancada aqui! Seria o bastante para entristecer até um filhote de gatinho.

– Sarah, o seu patrão volta do mercado mais cedo quando está chovendo?

– Nunca! Mas hoje, por alguma razão, mudou seus hábitos.

– O que você quer dizer?

– Já voltou. Estou certa de que vi Murgatroyd levar seu cavalo para a baia quando eu fui pegar água na bomba há cinco minutos. Ele está no escritório com Joe Scott, eu acredito.

– Você está enganada, pois não o viu – Miss Helstone temia acreditar e se decepcionar. Contudo, o seu coração estava agitado.

– Como eu poderia ter-me confundido? Eu conheço o cavalo dele.

– Mas você não o viu, não é mesmo?

– Ouvi-o falar. Ele estava dizendo a Joe Scott sobre ter resolvido alguma coisa, que antes de uma semana estariam instalados novos teares na fábrica e que, dessa vez, teria o cuidado de requisitar quatro soldados do quartel de Stilbro para guardar a carroça.

– Sarah, você está fazendo um vestido? – Miss Helstone mal se continha de tanta felicidade.

– Sim. É bonito?

– Encantador! Prepare o café que eu termino de talhar essa manga para você. Se você quiser, posso lhe dar alguns enfeites. Tenho algumas fitas de cetim de uma cor que vai combinar com ele.

– A miss é muito amável.

– Apresse este café, Sarah. Seja uma boa garota. Mas, primeiro, coloque os sapatos do seu patrão sobre a lareira, pois ele tira as botas quando chega. Ouço a sua voz, ele está chegando.

– Miss, está cortando errado.

– É verdade. Desculpe-me Sarah. Tem como acertar, foi apenas um recortezinho. Não houve nenhum dano.

Abriu-se a porta da cozinha e Mr. Moore entrou todo molhado, parecia sentir frio. Miss Helstone levantou a cabeça por um instante, mas baixou-a em seguida. Debruçada sobre o vestido, houve uma tentativa de esconder a expressão de seu rosto, e quando finalmente seu olhar se encontrou com o de Mr. Moore, seu semblante estava radiante.

– Já tínhamos desistido de esperar por você. Hortense disse que não viria – disse ela.

– Mas eu tinha prometido voltar cedo. Você me esperava, não é verdade?

– Não, Robert... Temi que não viesse com toda essa chuva. Mas, está todo molhado e gelado! Vá, troque de roupa. Se você apanhar um resfriado, eu... nós... quero dizer, eu me sentiria culpada até certo ponto...

– Não estou completamente molhado. O meu casaco é revestido e impermeável. Só preciso de sapatos secos. Mas, é agradável ver o fogo depois de enfrentar o vento frio e a chuva por alguns quilômetros – ele ficou de pé diante do fogão, junto dela. Mr. Moore manteve os olhos fixos nos utensílios de cozinha que brilhavam sobre uma prateleira. Instantes depois, olhou para o fogo e deixou-se dominar pelo seu benéfico calor. Baixando os olhos, encontrou uma face corada, sorridente e feliz, emoldurada por cachos sedosos e iluminada por um par de belos olhos encantadores.

Sarah tinha ido levar a bandeja para a sala, onde era retida por uma repreensão de sua ama. Mr. Moore pousou por um momento a mão no ombro de sua jovem prima, inclinou-se e beijou-a na testa.

– Oh! – exclamou ela, como se aquele beijo lhe descerrasse os lábios.

– Sentia-me infeliz ao pensar que não viria. Agora, estou quase feliz demais. Você é feliz, Robert? Gosta de estar em casa?

– Creio que sou, Caroline. Esta noite, pelo menos.

– Tem certeza de que não está preocupado com os teares, os negócios, a guerra?

– Não agora.

– Pode afirmar que não está com o coração ferido porque esta casa é pequena para você?

– Neste momento, não.

– Pode afirmar que não está amargo porque as pessoas ricas e grandes esqueceram-se de você?

– Sem mais perguntas, Caroline. Você está enganada se pensa que eu estou ansioso para agradar ou obter favores dos ricos. Só desejo um meio de existência, uma posição, uma carreira.

– Com o seu próprio talento e bondade, você deve vencer. Você foi feito para ser grande e será.

– Eu me pergunto agora se você fala honestamente, do fundo do seu coração. Qual conselho me daria para adquirir a mesma grandeza que você possui dentro de você, adorável menina? Sinto-me pobre, falido e miserável. Oh! A vida não é como você pensa, Lina!

– Mas você é como eu penso. Não é?

– Não sou.

– Então é melhor.

– Muito pior.

– Não! Muito melhor. Eu sei, sinto que você é bom.

– Como você sabe disso?

– Quando me olha, eu sinto isso.

– Onde você acha isso?

– No meu coração.

– Ah! Julga-me com seu coração, Lina. Você deveria julgar-me com a cabeça.

– Assim o faço e estou muito orgulhosa de você, Robert. Você não pode saber todos os meus pensamentos sobre você.

O rosto sombrio de Mr. Moore mudou de cor, seus lábios sorriam, mas cerraram-se. A alegria brilhou nos seus olhos, apesar de franzir, resolutamente, as sobrancelhas.

– Não pense bem de mim, Lina – disse ele. – Os homens, em geral, são uma espécie de escória, muito diferente de qualquer coisa de que você tenha ideia. Eu não tenho nenhuma pretensão de ser melhor do que eles.

– Se fosse assim, eu não o estimaria tanto. Mas, creio que está falando dessa forma porque você é modesto. Por isso tenho tanta confiança em seu mérito.

– Quer lisonjear-me? – perguntou ele, voltando-se bruscamente para ela, perscrutando-lhe o rosto com um olhar penetrante.

– Não! – disse ela com doçura, rindo da sua súbita vivacidade.

– Não se importa que eu suponha que me lisonjeia ou não?

– É verdade. Pouco me importa.

– Está segura de suas intenções?

– Acho que sim.

– Quais são elas, Caroline?

– Só aliviar o meu espírito, expressando uma parte do que sinto e, depois, fazer com que você se estime mais.

– Assegurando que minha parenta é minha amiga sincera?

– Justamente. Que eu sou sua amiga sincera, Robert.

– Eu sou o que o acaso e as mudanças fizeram de mim, Lina.

– Mas não é meu inimigo, entretanto.

A resposta foi evitada por Sarah e Miss Hortense que, entrando juntas na cozinha, discutindo sobre café com leite ou outra antiga oposição, os interromperam.

Os antigos ocupantes da cozinha se retiraram para a sala de estar. Antes que Miss Hortense os seguisse para lá, Miss Caroline ainda teve tempo de repetir a pergunta:

– Não é meu inimigo, não é, Robert?

– Como poderia sê-lo?

Então, sentando-se à mesa, fez com que Miss Helstone sentasse ao seu lado.

Ela, feliz e encabulada, mal ouviu a explosão de cólera de Miss Hortense quando ela voltou da cozinha. A longa declamação a respeito da "conduta imprópria e indigna de certa criatura má" soava tão confusamente em seus ouvidos como o retinir da porcelana chinesa. Robert riu um pouco e depois, educadamente e com calma, pediu à irmã que se acalmasse; assegurou-lhe que, se isso lhe fosse agradável, poderia escolher uma das moças da fábrica para substituir Sarah. "Somente", acrescentou ele, duvidava muito que alguma lhe servisse. Atrevida e voluntariosa como a irmã dizia que Sarah era, talvez, não fosse pior do que a maioria das mulheres de sua classe.

Miss Hortense admitiu a verdade dessa conjectura. Na opinião dela, "todas aquelas aldeãs inglesas eram *insupportables*" e o que não daria ela para ter uma boa cozinheira da Antuérpia, com sua touca alta, saia curta e os tamancos decentes adequados à sua classe. Qualquer coisa era melhor do

que uma *coquette* insolente em vestidos cheios de babados e sem touca nenhuma!

– Devo lhe arranjar uma moça da Antuérpia? – perguntou Mr. Moore, que era severo em público, mas do tipo muito agradável na intimidade.

– Obrigada pela oferta. Uma menina da Antuérpia não ficaria aqui dez dias, menosprezada como ela seria por todas as desobedientes jovens da sua fábrica. Você é muito bom, querido irmão; desculpe-me pela minha petulância, mas verdadeiramente meus julgamentos com relação a Sarah são verdadeiros. Contudo, este é provavelmente o meu destino, pois lembro-me de que nossa reverenciada mãe experimentou sofrimentos semelhantes, embora ela tivesse à sua escolha os melhores servos domésticos da Antuérpia. Em todos os países eles são mimados e rebeldes.

Mr. Moore também tinha certas reminiscências sobre a mãe. Tinha sido uma boa mãe para ele; honrava sua memória, mas se lembrava de que ela mantinha o mesmo tratamento com os empregados da cozinha na Antuérpia, assim como fazia sua fiel irmã aqui na Inglaterra. Portanto, deixou o assunto de lado e mudou de conversa.

Quando o serviço de café foi removido, tratou de consolar Miss Hortense, trazendo-lhe o livro de música e o violão. Depois, passando-lhe em volta do pescoço a correia do instrumento, com doce afeição fraternal que ele sabia que era bastante poderosa para acalmá-la, pediu-lhe que tocasse algumas das canções favoritas de sua mãe.

Nada refina tanto o coração como o afeto. As questões de família tornam-nos vulgares e a união eleva. Miss Hortense, satisfeita com seu irmão e grata a ele, cantava e tocava quase com graciosidade, quase bonito. O seu ar inquieto foi, por um momento, substituído por um sorriso cheio de bondade. Cantou com sentimento as canções que ele lhe pedira, pois elas lembravam a mãe que tinham amado ternamente e faziam-na voltar aos

tempos de juventude. Ela observou também que Miss Helstone a escutava com interesse, o que aumentou o seu bom humor, e a frase dita pela prima, ao final da canção: “Quem me dera poder cantar e tocar como Hortense”, tornou-a encantadora por toda a noite, tagarelando que “seu talento não foi construído em um dia, nem em uma semana, ou, por simplesmente querer e ser inteligente. Era com esforço que ela tinha realizado aquela grande obra. Que sempre fora notável por sua perseverança; que seus mestres tinham comentado que era tão agradável, como também raro, encontrar tanto talento unido com solidez numa só pessoa.” Uma vez que o tema da conversa fosse seus próprios méritos, *mademoiselle* Hortense era fluente.

Embalada pela satisfação de si mesma, ela pegou no tricô e pôs-se a trabalhar tranquilamente. As cortinas fechadas, um fogo vivo e o candeeiro suave davam à salinha um encanto inexprimível. É provável que os três ali presentes sentissem esse encanto, pois todos pareciam felizes.

– O que vamos fazer agora, Caroline? – perguntou Mr. Moore, retornando ao seu assento ao lado de sua prima.

– O que vamos fazer agora, Robert? – repetiu ela, brincando alegremente. – Você decide.

– Vamos jogar xadrez?

– Não, não, odeio jogos silenciosos que só mantêm as mãos ocupadas.

– Então vamos falar de algum escândalo? – brincou ele.

– Sobre quem? Somos suficientemente interessados em alguém para fazê-lo em pedaços? – indagou Miss Helstone, que tinha por princípio não falar da vida alheia.

– A pergunta é: você seria capaz de falar mal de alguém, Lina? Devo dizer que não – disse ele.

– E eu também. Mas... (ela, apressadamente e com contrição, olhou para Miss Hortense), poderíamos falar não de uma pessoa que vive entre

nós, mas seria agradável voltar ao passado; ouvir aqueles que dormem por gerações em suas sepulturas, isto é, ouvir seus pensamentos e difundir suas ideias.

– Quem será o orador? Que língua ele deve proferir? Francês? – perguntou Robert Moore.

– Seus antepassados franceses não falam tão docemente, nem tão solenemente, nem tão impressionantemente como os seus ancestrais ingleses, Robert. Esta noite será inteiramente inglesa. Você deve ler um livro de um inglês.

– Um velho livro inglês?

– Sim, um velho livro de um inglês de que você goste. Escolherá uma passagem desse livro perfeitamente em harmonia com o que se passa com você. Deve despertar sua alma, enchê-la com uma doce música. Será como uma mão amiga sobre seu coração, fazendo-o vibrar como se fossem cordas. O seu coração é uma lira, Robert. Deixe que se aproxime de você o glorioso William e verá como ele tirará das suas cordas a força e a melodia.

– Tenho que ler Shakespeare?

– Você deve lê-lo com o seu espírito aberto, deve ouvir sua voz com os ouvidos da sua mente, deve tomar um pouco da alma dele na sua.

– Com objetivo de tornar-me melhor e operar como um sermão? – zombou ele.

– É para agitar você, para dar-lhe novas sensações. Ele vai fazer você sentir fortemente não só as suas virtudes, mas também seus pontos viciosos e perversos.

– Deus! O que diz? – perguntou Miss Hortense, que até então estava contando os pontos de seu tricô e não tinha assistido ao que fora dito, mas cujos ouvidos estas duas fortes palavras pegaram como um puxão.

– Não ligue, irmã. Deixe-a falar. Deixe-a dizer tudo o que quiser esta noite. Ela gosta de bater com força no seu primo, mas me diverte; então a deixe em paz.

Miss Helstone, que, subindo em uma cadeira, tinha ido vasculhar a estante, voltou com um livro.

– Aqui está Shakespeare – disse ela – e aqui está a tragédia de Coriolanus. Agora leia e descubra, pelos sentimentos que essa leitura lhe despertará, como você é ao mesmo tempo vil e nobre.

– Venha, então, sente-se aqui perto de mim e corrija-me quando eu pronunciar mal.

– Serei então a professora e você meu aluno?

– *Ainsi, soit-il!*[6]

– E Shakespeare é a nossa ciência, uma vez que estamos indo estudá-lo?

– Parece que sim.

– E você não se fará de cético e zombeteiro como um francês? Não julgue que, recusando-se a admirá-lo, dá provas de superioridade.

– Não sei.

– Se o fizer, Robert, levo Shakespeare para longe, silencio-me, ponho meu chapéu e volto para casa.

– Sente-se. Vou começar – ele riu.

– Um minuto, por favor, irmão – interrompeu Miss Hortense. – Quando o senhor de uma família lê, as senhoras devem sempre costurar. Caroline, querida criança, tome o seu bordado. Você pode obter três ramos trabalhando à noite.

Miss Helstone olhou consternada para Miss Moore.

– Não posso enxergar com essa luz e meus olhos estão cansados, prima. E, no mais, não posso fazer duas coisas ao mesmo tempo: uma vez

se eu costurar, eu não posso ouvir; se eu ouvir, não posso costurar.

– Que infantilidade! – Miss Hortense começou. Mr. Moore, como de costume, suavemente interrompeu.

– Deixe-a negligenciar o bordado, Hortense. Nesta noite eu desejo sua total atenção fixada em meu sotaque. E, para garantir isso, ela deve seguir a leitura com os olhos. Ela deve olhar para o livro.

Ele colocou o livro entre os dois, repousou seu braço na parte de trás da cadeira da prima e, assim, começou a ler.

Desde a primeira cena de *Coriolanus*, Mr. Moore sentiu-se vivamente interessado e, à medida que a leitura avançava, gostou mais ainda, pois era uma leitura inteligente para seu paladar intelectual. Disse com expressão e sentimento o discurso arrogante de Caio Marcius aos cidadãos esfomeados; não disse achar justo aquele orgulho irracional, mas ele parecia pensar assim. Miss Helstone olhou para ele com um sorriso singular.

– Eis já tocado em um ponto vicioso – disse ela. – Vejo que simpatiza com este altivo patrício que não simpatiza com seus famintos cidadãos e ainda os insulta. Continue, Robert.

Ele prosseguiu. As passagens belicosas causavam-lhe certa impressão ruim. Ele disse que tudo aquilo lhe parecia bárbaro, mas o combate entre Marcius e Tullus Aufidius agradou-lhe. À medida que avançava, ele se esquecia de criticar. Era evidente que ele apreciava o poder, a verdade de cada parte e, largando de lado o caminho estreito dos preconceitos, começou a deleitar-se com aquele vasto e fresco da natureza humana, e a sentir a realidade estampada sobre cada personagem que falava a partir da página aberta diante dele.

Ele não lia as cenas cômicas muito bem e, Miss Helstone, tendo o livro na mão, lia essas passagens para ele. Em seus lábios, ele parecia

apreciá-las e, de fato, ela lhes dava um espírito com uma expressão vigorosa com que ela parecia dotada de fazê-lo.

Coriolano em glória, Coriolano em desastre, Coriolano banido, passaram sucessivamente como sombras gigantescas um após o outro. Antes da visão do homem banido, o espírito de Mr. Moore pareceu fazer uma pausa. Imaginou-se na lareira da casa de Aufidius, frente a frente com aquela grandeza decaída, mais alta na queda, na humilhação do que na prosperidade. Viu aquela figura aterrada, aquele sombrio rosto “que tinha o selo da autoridade” e aquela “nobre nau desmantelada”, e Mr. Moore concordou absolutamente com a vingança de Caio Márcio, não se escandalizou por ela, e Miss Helstone sussurrou novamente:

– Mais um sentimento de fraternidade mal-entendido.

A marcha sobre Roma, as súplicas da mãe, a longa resistência, o triunfo final do bem sobre o mal, o desespero de Aufidius para o que ele considerava uma fraqueza do seu aliado, a morte de Coriolano, o sofrimento final de seus inimigos, todas as cenas cheias de verdade e força sucederam-se, arrastaram no seu fluxo profundo e rápido o coração, para a alma do leitor e ouvinte.

– Então? Você gostou de Shakespeare? – perguntou Miss Caroline minutos depois de ele ter fechado o livro.

– Acho que sim.

– Descobriu alguma analogia entre você e Coriolano?

– Talvez sim.

– Não estava ele cheio de defeitos e também de qualidades?

Mr. Moore concordou.

– E quais eram os seus defeitos? Por que foi odiado pelos seus concidadãos? O que o levou a ser banido por seus compatriotas?

– Por quê? Qual a sua opinião? O que você acha que foi, Lina? – Mr. Moore jogou a pergunta de volta para ela.

– Ainda pergunta?

– Então, responda, Esfinge – brincou ele.

– Era uma mistura disso tudo. Você não deve ser altivo para com seus operários; não deve negligenciar as chances de acalmá-los; não deve se mostrar inflexível, dando a uma reclamação o peso de uma ordem.

– Quem coloca tais noções em sua cabeça, Caroline? – Mr. Moore perguntou, surpreso.

– Um forte desejo para o seu bem; um cuidado pela sua segurança, querido Robert. E o medo causado por muitas coisas que eu tenho ouvido ultimamente de que você vai se prejudicar – ela respondeu, colocando sua mão suavemente sobre o braço dele.

– Quem lhe disse essas coisas, Lina?

– Ouvi meu tio falar sobre você. Ele elogia seu espírito rígido, sua determinação, seu desprezo pelos inimigos, sua resolução para não se submeter à multidão, como ele diz.

– E você acha que devo me submeter a eles?

– Não, mas não posso deixar de pensar que é injusto incluir todos os pobres trabalhadores. É insultuoso chamá-los de ‘máfia’ e pensar neles dessa forma e tratá-los com altivez.

– Caroline, você é uma democratazinha! O que diria seu tio se soubesse?

– Raramente falo com meu tio, como sabe, e nunca sobre semelhantes assuntos. Ele acha que tudo que não seja costura e cozinha está acima da compreensão das mulheres e não é assunto para elas.

– E você julga compreender os assuntos sobre os quais me aconselha?

– Na parte em que lhe diz respeito, eu os compreendo. Sei que seria melhor para você ser amado do que odiado por seus operários, e eu estou certa de que a benevolência é melhor do que o orgulho para ganhar respeito e afeição. Caso fosse orgulhoso e frio para comigo e Hortense, não amaríamos você. Quando você age friamente para comigo, como às vezes acontece, como posso me arriscar ser carinhosa?

– Pois bem, Lina, já tive da sua parte a minha lição de idioma e de moral, com um toque de política. Hortense me contou que você tinha se impressionado muito com um pequeno trecho desse pobre *André Chénier*[Z], *A Jovem Cativa*. Você ainda se lembra dele?

– Creio que sim.

– Recite-o, então. Não se precipite e tenha cautela com a pronúncia.

Miss Helstone, a princípio com a voz trêmula e baixa, mas ganhando coragem à medida que progredia, repetiu os doces versos de Chénier. As três últimas estrofes ela recitou muito bem.

Mr. Moore escutou, no princípio de olhos baixos, mas logo os ergueu furtivamente. Recostado na sua cadeira, ele podia ver Miss Helstone sem que ela percebesse seu olhar fixo nela. O rosto da jovem tinha um colorido; seus olhos, uma luz; seu rosto, uma expressão que, nesta noite, teria embelezado os traços mais vulgares. Mas a vulgaridade não era o defeito daquele rosto. O raio de sol não caía sobre a terra árida, mas sobre uma delicada flor. Cada linha era desenhada com delicadeza e todo o aspecto era encantador. Naquele instante, animada, comovida e impressionada, tê-la-iam achado bela. Uma tal expressão devia inspirar não só o sentimento calmo de estima, de admiração, mas outro sentimento mais terno, mais doce e mais íntimo. A amizade, talvez a afeição, o interesse. Quando ela terminou, virou-se para Mr. Moore e os seus olhos encontraram os dele.

– Recitei regularmente? – ela perguntou, sorrindo, como uma criança feliz e dócil.

– Na verdade eu não sei.

– Como não sabe? Você não ouviu?

– Ouvi e olhei. Você gosta de poesia, Lina?

– Quando eu me encontro com a poesia real, eu não posso descansar até que eu a aprenda de cor.

Mr. Moore ficou em silêncio por alguns minutos. O relógio bateu nove horas. Sarah entrou e disse que a criada de Mr. Helstone tinha vindo buscar Miss Caroline.

– Então, a noite já se foi – observou ela – e parece-me que só daqui a muito tempo passarei outra noite aqui.

Miss Hortense, que já dormia há algum tempo sobre seu trabalho de costura, não deu nenhuma resposta à observação da prima.

– Não desejaria vir passar mais tardes aqui? Teria alguma objeção em passar outras noites? – perguntou Robert, pegando seu manto e, cuidadosamente, envolvendo-a nele.

– Gosto de vir aqui, mas não desejo ser inoportuna. Não estou dizendo isso para que me convidem. Você tem que entender isso.

– Oh, eu compreendo-a, criança. Você, às vezes, briga comigo por eu querer ser rico, mas se eu fosse rico, você viveria sempre aqui, viveria comigo onde quer que eu vivesse.

– Isso seria agradável. Mas, se você fosse pobre, muito pobre mesmo, seria mais agradável ainda. Boa noite, Robert.

– Prometi que caminharia com você até o presbitério. Esqueceu-se?

– Sei que prometeu, mas eu pensei que você tivesse se esquecido e eu mal sabia como lembrá-lo, embora eu quisesse fazer isso. Gostaria de ir? Está uma noite fria e, como Fanny está aqui, não vejo necessidade disso.

– Aqui está o seu casaco. Não acorde Hortense. Venha!

Os oitocentos metros que separavam Hollow do presbitério passaram depressa. Eles se separaram no jardim sem beijo, apenas com um aperto de mão. No entanto, Robert deixou sua prima agitada e numa alegre perturbação. Ele havia sido singularmente amável com ela naquele dia, não só em palavras, em elogios, mas em maneiras, nos olhares, nos tons doces e ternos.

Por outro lado, ele voltou grave, quase melancólico. Enquanto ele estava apoiado em seu próprio portão, meditando sob a úmida claridade da lua, sozinho, com o silencioso e sombrio edifício da fábrica diante dele, cercado de todos os lados por colinas, exclamou, de repente:

– Isso é impossível! É uma fraqueza! Espera-nos a ruína completa.

No entanto, acrescentou com voz mais calma, baixando a voz: – Não passa de uma loucura temporária. Conheço-a bem. Amanhã o acesso terá desaparecido.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VII

OceanofPDF.com

O Chá dos Vigários

Miss Caroline Helstone tinha apenas dezoito anos e nesta idade a vida real está apenas começando. Antes desse tempo, vive-se na fantasia, numa maravilhosa ficção, às vezes encantadora, noutras triste, porém, quase sempre irreal. Antes dessa idade o mundo é heroico, seus habitantes são semideuses ou semidemônios e as paisagens são sonhos. Bosques mais sombrios, colinas mais estranhas, céus brilhantes, águas mais perigosas, flores e frutas mais doces e tentadoras; planícies mais vastas, desertos mais áridos, campos mais ensolarados do que os que se encontram na natureza embelezam o mundo encantado. Que lua se vê nesse tempo! Como o tremor dos corações à vista dela se revela! Que indescritível beleza! Quanto ao sol, é um ardente céu, a morada da divindade.

Naquela época, aos dezoito anos, Miss Caroline aproximava-se do limite das ilusões. A terra dos sonhos ficava para trás e os contornos da realidade divisavam-se no horizonte. Contudo, estas praias estavam ainda distantes, havia ainda muito tempo para alcançá-las. Elas lhe pareciam tão azuis, suaves e gentis.

Aos dezoito anos, ela acreditava na esperança que lhe sorria e lhe prometia felicidade; acreditava no amor que vinha vagando como um anjo exilado, esvoaçando à sua porta, que era ao mesmo tempo admitido, festejado e acarinhado. Sua aljava não era vista; suas flechas não penetravam, consequentemente, não havia ferida. Era apenas uma nova emoção em sua nova vida. Não havia veneno, nenhuma farpa que sua mão não pudesse extrair. Apenas a paixão, uma perigosa agonia que ela acreditava ser um bem incondicional.

Miss Helstone, depois de deixada em sua casa por Mr. Moore, não tinha vontade de passar o que restava da noite junto do tio. O quarto em que

ele estava era sagrado para ela. Raramente entrava nele e, nessa noite, manteve-se distante até que o sino tocasse para as orações (forma de adoração observada na casa de Mr. Helstone), em que se ouvia a voz habitual da jovem: alta, clara, nasal e monótona. Como era seu costume, só depois se aproximou do tio.

– Boa noite, tio.

– Ei! Você foi foliar durante todo o dia, passou em visita e jantou fora, não é?

– Estive somente na casa de campo.

– E aprendeu suas lições?

– Sim.

– Fez uma camisa?

– Somente parte de uma.

– Está bem. Atenha-se à agulha, aprenda a fazer camisas, vestidos, a cozinhar e será um dia uma mulher notável. Agora vá para a cama. Estou ocupado com um livro.

Miss Helstone obedeceu e trancou-se em seu pequeno quarto. Vestiu seu roupão branco, soltou seus longos, espessos e sedosos cabelos que lhe caíam até a cintura como uma cascata ondulada e, como se quisesse descansar da tarefa de penteá-los, apoiou sua cabeça na mão e fixou os olhos no tapete.

Seus pensamentos falaram-lhe agradavelmente, pois ela sorria enquanto os ouvia. Estava linda, mais brilhante do que era; de fato, seu espírito juvenil resplandecia de esperança e sonhos. Se acreditasse para sempre naquele profeta lisonjeiro, em suas promessas, nunca conheceria a decepção, nunca sentiria o calafrio do desapontamento. Estava entrando no amanhecer de um dia de verão, não uma falsa aurora, mas o verdadeiro começo de uma manhã no qual o sol estava prestes a erguer-se. Era

impossível para ela suspeitar que fosse um esporte da ilusão, suas expectativas pareciam-lhe firmes, pois o alicerce sobre o qual repousavam parecia-lhe sólido

“Quando duas pessoas se amam, a primeira coisa a se fazer é se casarem”, esse era o seu raciocínio. “Pois bem, eu amo o Robert e tenho certeza de que Robert me ama. Há muito que o penso, mas hoje o sinto. Tive certeza quando olhei para ele depois de repetir o poema de *Chénier*. Seus olhos (que olhos lindos ele tem!) enviaram-me a verdade para o meu coração. Às vezes, tenho medo de falar com ele, pois não devo ser muito franca para não parecer vulgar, para não me arrepender amargamente de ter transbordado de palavras supérfluas. Temi que tivesse dito mais do que ele esperava que eu dissesse, tive receio de que me desaprovasse e que me considerasse indiscreta. Mas, nesta noite, eu me aventurei a expressar meus pensamentos e ele foi tão indulgente para comigo, até enquanto caminhávamos. Ele não me bajulou e nem me disse coisas insanas, também não falou de amor (eu quero dizer, ele falou apenas de amizade. É claro que eu também não lhe contei do meu amor, mas espero dizê-lo algum dia). O amor não é como o que lemos nos livros: é muito melhor, mais original, tranquilo, viril e sincero. Ah, como eu gosto dele! Serei uma excelente esposa para ele se ele se casar comigo. Eu lhe direi os seus defeitos (porque ele tem algumas falhas), mas eu iria cuidar do seu conforto, fazer o meu melhor para fazê-lo feliz. Agora, eu tenho certeza de que ele não vai ter aquele ar frio para comigo. Tenho quase certeza de que virá aqui amanhã e me pedirá para ir lá.”

Ela começou a pentear os cabelos longos como os de uma sereia. Voltando à cabeça, ao arranjá-los, viu seu próprio rosto no espelho. Se uma jovem a quem não coube o dom da beleza não sente prazer em ver sua imagem, o mesmo não se dá com a que é fascinante. Para essa última, o

reflexo era encantador. Miss Helstone viu uma silhueta que, se fosse pintada naquele instante, naquela atitude e com aquela expressão, teria sido arrebatadora. Ela não podia deixar de confirmar suas esperanças. Foi, então, com redobrada alegria que se jogou na cama.

E alegre ela se levantou no dia seguinte. Quando ela entrou na sala de jantar e encontrou seu tio, desejou-lhe um bom-dia com um modo tão doce e tão alegre que até mesmo o homenzinho de bronze pensou, por um instante, que sua sobrinha estava crescendo “uma menina encantadora”. Geralmente, ela era quieta, tímida e pouco comunicativa com ele, apesar de muito dócil. Contudo, nessa manhã, ela encontrou muitas coisas para dizer. Somente temas leves poderiam ser discutidos entre eles, pois uma mulher, isto é, uma garota Helstone, não tocaria em nenhum outro assunto. Ela, no entanto, havia acordado muito cedo e dado um passeio no jardim. Dessa forma, ela disse-lhe quais as flores que estavam começando a se abrir, perguntou quando o jardineiro viria para aparar as bordas de algumas arvorezinhas e informou que certos estorninhos estavam começando a construir seus ninhos na torre da igreja (a igreja de Briarfield ficava ao lado do presbitério), admirou-se que o repicar dos sinos não os assustasse e perguntou se o tio sabia por quê.

Mr. Helstone opinou que “eles se pareciam com os idiotas estouvados que tinham acabado de se casar e que, nos primeiros dias, entregues ao amor, nenhuma inconveniência e ninguém conseguia perturbá-los”. Miss Helstone ousou fazer uma observação que, até então, nunca se atrevera, pois requereria dela um pouco mais de coragem para contrariar o seu parente reverenciado.

– Querido tio – disse ela – quando fala em casamento, é sempre com desprezo. O senhor acha que as pessoas não deveriam se casar?

– É decididamente mais sábio e prudente permanecer solteiro, principalmente para as mulheres.

– Todos têm casamentos infelizes?

– Milhões de casamentos seriam infelizes se todo mundo confessasse a verdade. Aliás, talvez, todos sejam mesmo infelizes.

– O senhor fica sempre irritado e aborrecido quando vêm procurá-lo para celebrar um casamento. Por quê?

– Porque não gosto de colaborar e agir como acessório para um ato de loucura.

Mr. Helstone falava tão prontamente que parecia bastante feliz com a oportunidade de dar a conhecer à sua sobrinha o seu parecer sobre aquele assunto. Encorajada pela impunidade das primeiras perguntas, aventurou-se um pouco mais.

– Mas, por que o casamento é um “ato de pura loucura” como o senhor diz? Se duas pessoas se amam, por que não deveriam ter o consentimento para viverem juntas?

– Elas se cansam uma da outra ao fim de um mês. Um companheiro de trabalho não é um companheiro. Torna-se um sujeito em sofrimento e até mesmo doente.

– Quem o ouve falar dessa forma poderia pensar que o tio nunca foi casado, mas que é um velho celibatário – não foi uma simplicidade ingênua que inspirou o comentário de Miss Helstone, mas um profundo sentimento de antipatia por tais opiniões e de desagrado para com quem as professava.

– Realmente é o que sou.

– Mas o tio foi casado. Por que foi também inconsistente casando-se?

– Todo homem é um louco uma ou duas vezes na vida.

– Então tanto a minha tia como o tio se aborreceram um com o outro e foram ambos infelizes?

Mr. Helstone estendeu o seu lábio cínico, franziu a testa e proferiu um grunhido inarticulado.

– Caroline – disse ele, baixando lentamente as duas mãos sobre a mesa de mogno e, de repente, batendo-as com força. – Entenda isso. É vulgar e pueril confundir o geral com o particular. Em todo caso existe a regra e as exceções. Suas perguntas são estúpidas e infantis. Toque a campainha se já acabou o seu desjejum.

O café da manhã foi tirado. Era o costume geral do tio e da sobrinha se separarem e não se reunirem novamente até a hora do jantar, mas, naquele dia, a sobrinha, em vez de sair da sala, foi até uma poltrona próxima à janela e sentou-se ali. Mr. Helstone olhou em volta, inquieto, uma ou duas vezes, como se quisesse que ela saísse, mas Miss Helstone estava olhando pela janela e não parecia se importar com ele. Assim, ele continuou sua leitura e pouco sabia quais eram os pensamentos que ocupavam a mente de sua sobrinha.

A conversa de meia hora atrás tinha reavivado suas lembranças; agora, tumultuadas pela opinião do tio, eram como abelhas ao redor de uma colmeia. Miss Helstone analisava o caráter do reverendo, a sua disposição de espírito, os seus sentimentos a respeito do casamento. Muitas vezes os tinha analisado antes e sondara o abismo entre a sua própria mente e a dele. Então via, do outro lado do abismo largo e profundo, outra figura de pé ao lado dele: uma forma estranha, sinistra, sombria que não parecia terrestre, a vaga imagem do seu próprio pai, James Helstone, irmão de Matthewson Helstone.

Alguns rumores tinham chegado aos seus ouvidos a respeito do caráter do seu pai. Ouvira as murmurações dos velhos criados, ela sabia também que ele não fora um homem bondoso e que nunca tinha sido afetuoso para com ela. Ela recordou – triste lembrança! – das poucas

semanas que tinha passado com ele em uma grande cidade em algum lugar. Lá não havia empregada para vesti-la ou tomar conta dela; ninguém para visitá-la quando o pai a trancava dia e noite em algum sótão alto, frio, sem nenhum tapete, com uma cama nua, sem cortinas, móveis ou qualquer outra coisa. Ele saía cedo todas as manhãs e, muitas vezes, esquecia-se de voltar para dar-lhe o almoço. À noite, quando ele voltava, parecia um louco, furioso, terrível ou, o que era mais doloroso, um idiota, imbecil e embrutecido. Ela sabia que tinha caído doente naquele lugar, e que, numa noite, quando ela estava muito mal, delirando na sala, ele disse que iria matá-la, pois ela era um fardo para ele. Seus gritos lhe trouxeram ajuda. A partir do momento que ela foi resgatada de suas mãos, nunca mais o tinha visto, a não ser morto, no caixão.

Eis quem fora seu pai. Além disso, ela também tinha uma mãe, embora seu tio nunca falasse nela; apesar de ela não se lembrar de tê-la visto, sabia, contudo, que ela existia e estava viva em algum lugar. Esta mãe fora esposa de um bêbado. Como teria sido aquele casamento?

Miss Helstone, voltando-se da janela onde estivera a observar os estorninhos (embora sem vê-los), rompeu o silêncio com uma voz baixa, porém triste e amarga.

– O senhor acha o casamento miserável; eu suponho que é pelo que sabe e viu dos meus pais. Se a minha mãe sofreu o que eu sofri quando eu estive com o papai, ela deve ter tido uma vida terrível.

Mr. Helstone, incrédulo, voltou-se da sua cadeira e olhou por cima dos óculos para sua sobrinha. Pego de surpresa, ele estava pasmado.

“Seu pai e sua mãe! Quem lhe teria falado deles? Tem doze anos que ela mora em minha companhia e ninguém lhe dissera uma só palavra a esse respeito”. Ele não podia imaginar que sua sobrinha tivesse amadurecido a

ponto de ter qualquer lembrança ou mesmo fazer especulações sobre seus pais. Aquilo só podia ser fantasia.

– Quem lhe falou de seu pai e de sua mãe, Caroline? Quem tem falado com você sobre eles? – ele estava nervoso.

– Ninguém. Mas lembro-me de como era meu pai e tenho pena da minha mãe. Onde ela está?

Estas três palavras “onde ela está?” tinham estado centenas de vezes nos lábios da mocinha, mas nunca se atrevera a pronunciá-las.

– Não sei – respondeu Mr. Helstone. – Não a conhecia direito e há muitos anos que não tenho notícias dela, mas onde quer que ela esteja, não pensa na filha. Nunca perguntou de você e tenho razões para acreditar que ela não quer vê-la. Vá, já são dez horas e está na hora da lição com sua prima. Ande, eu já disse, o relógio já bateu dez horas.

Talvez ela fosse dizer mais alguma coisa, mas Fanny foi informá-lo que alguém queria falar com ele na sacristia da igreja. Ele apressou-se a se juntar a ela, e Miss Helstone partiu para sua aula.

A estrada que ligava o presbitério à fábrica de Hollow era um declive. Ela, portanto, correu quase todo o caminho. O exercício, o ar fresco, a ideia de ver o primo, pelo menos de estar nas suas instalações, na sua proximidade, reviveram seu espírito abatido. Quando avistou a casa branca e ouviu o ruído do moinho, a primeira pessoa que viu foi Mr. Moore, em pé, à porta do jardim. Lá estava ele, com uma camisa holandesa e de chapéu. Ele estava olhando para o lado oposto de onde ela vinha. Ela parou, escondeu-se atrás de um salgueiro e estudou-lhe a atitude.

“Não há outro como ele”, pensou. “Ele é tão bonito como é inteligente. Que olhar perspicaz! Que nitidez, que vivacidade nos seus traços! Gosto do seu rosto, gosto do seu aspecto, do seu ar espirituoso, fino e sério. Gosto da sua graciosidade! Gosto tanto dele! Muito mais do que de

qualquer um desses marotos vigários, por exemplo. Mais do que de qualquer pessoa! Encantador Robert.”

Miss Helstone encaminhou-se para junto de seu “encantador Robert” rapidamente. Por sua vez, enquanto ela se aproximava, ele teria passado diante de seus olhos como um fantasma, se pudesse. Contudo, não podia se furtar a cumprimentar a prima e foi obrigado a suportar a saudação. Ele a fez breve. A maneira como Mr. Moore correspondeu a saudação dela foi como a de um primo, de um irmão, de um amigo ou qualquer outra coisa, menos como namorado. O encanto indizível das suas maneiras da véspera tinha desaparecido, ele já não era o mesmo homem ou não lhe batia no peito o mesmo coração. Cruel desilusão! Rude decepção! Cruz afiada! A ardente moça não podia acreditar naquela mudança, embora ela visse e sentisse. Foi difícil retirar sua mão da dele e era-lhe penoso desviar o olhar. Contudo, aquele olhar era frio, não havia afeição, apenas um gelado acolhimento que congelou sua alma.

Um namorado assim recebido podia pedir uma explicação e até mesmo exortar sua namorada, mas uma moça não podia dizer nada; se o fizesse, o resultado seria vergonha, angústia, remorso e autotraição. A natureza reprovaria tal manifestação como uma revolta contra seus instintos.

Guardar a mágoa, não fazer perguntas e não proferir protesto eram para Miss Helstone a melhor saída, até uma demonstração de sabedoria. Ela esperava o pão e recebera uma pedra, estendera a mão para pegar um ovo e o destino colocara nela um escorpião. A vida a ensinara a não demonstrar consternação, mas fechar os dedos, firmemente sobre tal presente, mesmo que este picasse a palma de sua mão. Resoluta, ela pensou: “Com o tempo, a mão e o braço inchados, trêmulos, toda essa tortura passará e o escorpião espremido também morrerá. Terei aprendido uma grande lição, a de como

suportar a dor sem um soluço. Sobreviverei ao teste e serei mais forte, mais sábia e menos sensível.”

Disso ela estava ciente e para isso pediu coragem e esperança. A natureza, no entanto, como já foi insinuado, é uma excelente amiga em tais casos. Ela sela os lábios sofridos, interdita a expressão, comanda a plácida dissimulação, muitas vezes usando para isso um semblante alegre, até mesmo estabelecendo, no lugar da tristeza e da palidez, um estoicismo conveniente, menos fortificante e amargo. A amargura é a força, é um tônico. O vigor doce e suave, seguindo pelo sofrimento agudo, você encontra na ilusão. Se a energia permanecer, será, sim, uma perigosa energia mortal quando confrontada com a injustiça.

Quem leu a balada da *“Pobre Mary Lee”*[8], essa velha balada escocesa, escrita não se sabe onde ou por quem, na qual Mary foi enganada, provavelmente levada a crer numa mentira? Contudo, ela não se queixa, sentada sozinha numa tempestade de neve, ouvem-se seus pensamentos. Não são os pensamentos de uma heroína, mas são os sentimentos profundos, fortemente ressentidos, de uma menina do campo. A angústia a fez partir para os montes brancos e gelados e, agachada, ela recorda cada imagem do seu horror.

Mas qual relação tem tudo isso com os sentimentos de Miss Helstone ou com o estado das coisas entre ela e Mr. Moore? Ele não a tinha enganado, não tinha feito nada de errado com ela, não tinha dito nenhuma mentira, ela era a culpada. Ela que tinha amado sem que o seu amor lhe fosse pedido, acontecimento muito natural e, algumas vezes, inevitável, mas repleto de desilusões.

Mr. Moore, de fato, algumas vezes, parecera que estava apaixonado por ela, mas por quê? Talvez, devido ao fato dela ser tão agradável, ele não pôde, apesar de todos os esforços, dominar sentimentos que a sua razão

reprovava. Ele estava prestes a retirar, definitivamente, toda a comunicação íntima com ela por temer que o seu coração se comprometesse numa afeição inextricável, ou se ver arrastado para um casamento que ele acreditava imprudente.

Agora, o que ela deverá fazer? Deixar-se vencer pela paixão ou vencê-la? Persegui-lo com o seu amor ou dominar-se? Se for fraca, vai tentar o primeiro expediente com o risco de perder a estima de Robert Moore e incorrer na sua aversão; se for forte, imporá silêncio ao seu coração e subjugará suas emoções.

Ela é quem determinará a forma como olhará a sua vida a partir desse momento. Começará a aprender suas verdades, estudará seus problemas conscientemente.

Parecia que ela tinha um pouco de senso, pois se afastou de Mr. Moore calmamente, sem se queixar, sem alterar um músculo sequer da face ou derramar uma lágrima, e dirigiu-se para a casa e seus estudos sob orientação de Miss Hortense. Como de costume, ficou até a hora da refeição e foi para casa sem forçar sua presença.

Depois do almoço, quando se encontrou sozinha na sua casa – na salinha do presbitério, enquanto o tio saboreava sua taça de vinho do Porto – a dificuldade que lhe ocorreu, além de uma vergonha que lhe consumia a alma, foi a questão de como passaria o restante daquele dia.

Tinha esperado fazer o mesmo que fizera na véspera, que a tarde seria novamente passada feliz ao lado de seu primo. Naquela manhã, contudo, reconhecera seu erro e, ainda assim, ela não podia habituar-se à ideia de que nenhum acaso a chamaria à *cottage* de Hollow ou traria Robert Moore novamente para junto dela.

****

O tempo passava lentamente. Às vezes acontecia de Mr. Moore visitar o presbitério depois do chá e passar uma hora ou mais com seu tio. A campainha tocava, ouvia-se sua voz no corredor, ao crepúsculo, quando ela estava longe de esperar semelhante prazer; tinha acontecido isso duas vezes depois que ele a tinha tratado com aquela reserva peculiar e, embora ele raramente falasse com ela na presença do tio, sentado em frente à mesa na qual ela trabalhava, teve constantemente os olhos fixos nela durante sua permanência. As poucas palavras que ele havia lhe dirigido foram reconfortantes; deu-lhe um boa-noite de uma maneira afetuosa. “Quem sabe ele venha nesta noite!”, dizia a falsa esperança. Ela sabia que era a falsa esperança quem lhe sussurrava e ainda assim a escutava.

Neste tempo, ela tentou ler, mas seus pensamentos vagavam ansiosos. Tentou costurar, mas cada ponto era um aborrecimento tedioso, era-lhe insuportável qualquer ocupação. Abriu uma escrivaninha e tentou escrever uma composição francesa, mas nada lhe vinha à mente de construtivo.

De repente, a campainha da porta tocou fortemente, seu coração saltou, ela correu para a porta da sala, abriu-a suavemente e olhou pela abertura. Fanny estava admitindo um visitante, um cavalheiro, um homem alto, da mesma altura de Mr. Moore. Por um segundo, ela pensou que fosse ele e estremeceu de prazer, mas a voz que perguntou por Mr. Helstone a desiludiu. Aquela voz era uma voz irlandesa, consequentemente, não a de Robert Moore, mas do vigário Mr. Malone.

Ele foi levado à sala de jantar, onde, sem dúvida, rapidamente ajudaria o reitor a esvaziar os decantadores.

Era um fato conhecido que, em qualquer casa que chegasse um vigário, fosse no lugarejo de Briarfield, Whinbury ou Nunnely, na hora das refeições ou do chá, era imediatamente seguido por um segundo e um

terceiro vigário. Não que eles tivessem marcado um encontro, mas geralmente andavam pelas mesmas bandas ao mesmo tempo. Quando Mr. Donne, por exemplo, ia à casa de Mr. Malone e não o encontrava, informava de seu destino e apressava-se a toda velocidade atrás dele. O mesmo se dava com Mr. Sweeting. Assim, por acaso, naquela tarde, os ouvidos de Miss Helstone foram torturados três vezes com o toque da campainha.

Fanny trouxe-lhes mais vinho da adega e, através da porta fechada, Miss Helstone ouviu as gargalhadas francas e o ruído discordante das vozes. Seu medo era que eles ficassem para o chá, pois ela não tinha prazer nenhum em servir aquele trio singular. Aqueles três homens eram jovens como Mr. Moore, tinham recebido praticamente a mesma educação e, ainda assim, existia entre eles uma diferença enorme na opinião da moça: a presença dos vigários a aborrecia e a de Robert Moore era-lhe encantadora.

Não só ela estava destinada a ser favorecida com a presença clerical, mas o destino lhe trazia mais quatro outras convidadas, embaladas em tecidos que se arrastavam pesadamente pela estrada de Whinbury: uma matrona e suas três filhas vieram lhe fazer uma visita “amigável”, como era o costume da vizinhança. Sim, pela quarta vez a campainha soou naquele dia. Fanny veio anunciá-las: – Mrs. Sykes e as três misses Sykes.

Quando Miss Helstone recebia, era seu hábito torcer nervosamente as mãos, corar um pouco e avançar precipitadamente ao encontro das pessoas. Ela era hesitante em tais ocasiões e deficiente na forma de receber, embora tivesse estado uma vez na escola, por um ano, e tomado lições a respeito do tema. Assim sendo, neste dia, suas pequenas mãozinhas brancas foram maltratadas, enquanto ela, de pé, esperava a entrada de Mrs. Sykes.

A dama, alta, de tez biliosa, que demonstrava sincera devoção pelo clero, fez sua entrada majestosa. Atrás dela vinham as três filhas, sendo

todas as três vistosas, bem-crescidas e mais ou menos bonitas.

As senhoras inglesas nessa época, jovens ou velhas, bonitas ou feias, tristes ou alegres, todas (ou quase todas) tinham certa expressão estampada em suas faces que parecia dizer: “Bem sei e não me vanglorio disso, mas sou o modelo de respeitabilidade, do que é bom e correto. Portanto, somente me aproximo ou se aproximam de mim, aquelas ou aqueles que se mantêm em afiada vigilância para com seus princípios, valores, opiniões, vestidos e práticas.”

A senhora e as filhas estavam muito longe de serem exceções a esta regra, muito pelo contrário, eram uma ostentosa ilustração dessa verdade. Miss Mary, jovenzinha de aparência bastante agradável, usava a boa opinião que tinham a seu respeito com dignidade, embora com aspereza. Já Miss Harriet, que era muito bela, usava a sua beleza com orgulho. Parecia altiva e fria. Miss Hannah, que era a mais vaidosa, convencida e descarada, exibia-se com franqueza. Quanto à mãe, evidenciava a gravidade apropriada à sua idade e fama de religiosa.

Miss Caroline, mesmo na sua deficiência em receber, confessou-se encantada por vê-las (uma mentira absoluta); disse que esperava que Mrs. Sykes estivesse melhor da tosse (havia vinte anos que Mrs. Sykes sofria do mal) e que esperava que as demais misses Sykes que tinham ficado em casa estivessem bem de saúde – ao que as misses Sykes, sentadas em três cadeiras em frente ao piano, responderam com uma reverência majestosa e imponente. Seguiu-se um silêncio obtuso e Mrs. Sykes então perguntou por Mr. Helstone; se ele havia tido novos acessos de reumatismo; se não se fatigava em pregar duas vezes em um só domingo; se ele era ainda capaz de dar conta de todo o serviço da paróquia; sendo assegurado que sim pela sobrinha, ela e todas as suas filhas, em coro, expressaram que ele era “um homem maravilhoso, o mais extraordinário da sua idade.”

Segunda pausa.

Miss Mary, tomando por sua vez a palavra, perguntou se Miss Caroline tinha assistido à reunião da Sociedade Bíblica que tinha sido realizada em Nunnely na última quinta-feira. A verdade obrigou Miss Caroline a responder negativamente, pois, na última quinta-feira, ela tinha ficado em casa lendo um romance que Robert lhe emprestara. Essa resposta provocou uma expressão simultânea de surpresa por parte das quatro senhoras.

– Estávamos todos lá – disse Miss Mary. – *Mamma* e todas nós. Nós até convencemos papai a ir. Hannah insistiu nisso, mas ele adormeceu enquanto Mr. Langweilig, o ministro alemão, estava falando. Senti-me muito envergonhada.

– Estava lá também o doutor Broadbent, falante e bonito – disse Miss Hannah, bem alto, como se gritasse para que todos a ouvissem.

– Você não poderia esperar isso dele, Hannah, pois ele é quase um homem de aparência vulgar – disse Miss Harriet.

– Mas um homem tão querido – interrompeu Miss Mary.

– E um homem bom e útil – acrescentou a mãe.

– Mas como um açougueiro na aparência – interpôs Miss Harriet, orgulhosa – eu não podia suportar olhar para ele. Ouvi-o com os olhos fechados.

A jovem Miss Helstone sentia a sua ignorância e incompetência. Não tendo visto o doutor Broadbent, ela não poderia dar sua opinião. Terceira pausa, durante a qual Miss Caroline reconheceu que no fundo do seu coração ela era uma idiota sonhadora, que levava uma vida impraticável e como era pouco apta às relações normais desse mundo ordinário. Ela reconheceu que não procedera bem em ter se ligado exclusivamente à casinha branca de Hollow e de ter limitado todo o seu universo à existência

de um dos habitantes daquela *cottage*. Não poderia ser dito que ela desejava se assemelhar àquelas senhoras diante dela, mas ela desejava tornar-se superior ao seu estado atual, de modo a sentir-se com menos receio por sua dignidade.

O único meio que ela encontrou para reatar a conversa foi convidando a senhora e suas filhas para o chá. Mrs. Sykes já tinha começado a dizer: “Estamos muito gratas a você, mas...”, quando Fanny chegou com o recado de que os cavalheiros também ficariam para o chá.

– Que cavalheiros são esses? – perguntou Mrs. Sykes. Depois de ouvir a resposta, ela e suas filhas se entreolharam surpresas. A opinião que elas tinham dos jovens vigários não era a mesma de Miss Caroline. Mr. Sweeting era o favorito delas, assim como Mr. Malone, porque ele pertencia ao clero.

– Muito bem. Visto que já tem companhia, acho que ficaremos – comentou Mrs. Sykes. – Formaremos um grupo muito agradável!

Miss Helstone não teve outra saída senão conduzir as senhoras ao andar de cima e ajudá-las a desvencilharem-se dos xales, arranjarem os cabelos e porem-se bonitas, e depois reconduzi-las à sala de visitas, mostrar-lhes alguns livros de gravuras ou objetos comprados da Corbelha dos Judeus até que Fanny preparasse o chá para tantas visitas inesperadas.

Miss Helstone, cumprindo com o seu dever de dona de casa, com mais aborrecimento do que prazer, foi à cozinha para consultar Fanny e Eliza sobre o chá.

– O que vamos fazer? – inquiriu Eliza, a cozinheira. – Eu não fiz pão suficiente. Jamais pensei que teríamos tantas visitas! – exclamou ela, aborrecida.

– Temos algum bolo? – perguntou Miss Caroline.

– Apenas três bolos e um pão. Quem me dera que essa gente metida ficasse em suas casas e só viesse aqui se fosse convidada. Eu que queria terminar meu chapéu! – reclamou Eliza, rabugenta.

– Então – sugeriu Miss Caroline, a quem a emergência dava certa energia – Fanny, corra à venda de Briarfield e compre alguns bolos e biscoitos; e não seja resmungona, Eliza. Isso não vai ajudar agora.

– E qual o serviço de chá que vamos usar? – perguntou Eliza.

– Ah, o melhor, eu suponho. Vou buscar o serviço de prata – a moça correu ao armário e trouxe a baixela, o bule, a manteigueira e o açucareiro.

– Agora arranje tudo o mais rápido possível, pois quanto mais cedo o chá for servido, mais depressa irão embora. Assim espero, pelo menos. Pobre de mim! – suspirou Miss Caroline, retornando à sala de visitas.

“Se ao menos Robert estivesse aqui!”, pensou, parando um instante à porta antes de abri-la, “seria fácil a tarefa de divertir essas pessoas! Haveria um interesse em ouvi-lo falar (embora ele nunca dissesse muito) e em falar na presença dele. Não tenho nenhum interesse em ouvir qualquer um desses que estão aqui ou em falar com eles. Esses vigários são uns tolos e egoístas. Elas, sem dúvida, são pessoas finas e respeitáveis. Não digo que não são boas, longe disso, mas são tão diferentes de mim.”

Os habitantes de Yorkshire, nesse tempo, tomavam o chá todos sentados em volta da mesa, o mais próximo possível dela, com os joelhos devidamente introduzidos sob o tampo de madeira. Era essencial ter uma infinidade de pães, manteiga, vários tipos de bolos, em quantidade abundante, torradas e outras iguarias. Era conveniente que o centro da mesa fosse ocupado por uma compoteira cheia de marmelada ou geleia. Além das carnes, devia haver variedade de queijos e tortas. Se houvesse também um prato de fatias de presunto, cortadas fininhas, guarnecidas de salsa, tanto melhor.

Felizmente Eliza, a cozinheira do reverendo, conhecia o seu ofício. A chegada inesperada de tantos convidados a tinha deixado irritada no início, mas dominou-se e parecia que tinha recuperado sua alegria no devido tempo, pois o chá foi servido em grande estilo; não faltou nem o presunto, nem as tortas, nem a marmelada, enfim, nenhum acompanhamento.

Os vigários, convidados para essa abundante refeição, entraram alegres, mas, ao verem as senhoras, presenças as quais não tinham sido anunciadas, recuaram na porta. Mr. Malone, que conduzia o quarteto, parou abruptamente, quase derrubando Mr. Donne que vinha logo atrás. Mr. Donne, cambaleando três passos, quase caiu nos braços de Mr. Sweeting e este nos de Mr. Helstone. Todos disseram a Mr. Malone que tivesse cuidado e fizeram-no avançar, o que ele fez, corando. Mr. Helstone entrou, afastou os tímidos vigários, cumprimentou as suas belas convidadas com um aperto de mão, acompanhado de um gracejo, e instalou-se confortavelmente entre a amável Miss Harriet e a petulante Miss Hannah. Miss Mary pediu para passar para o assento em frente ao reverendo para que ela pudesse vê-lo, já que ele não podia estar perto dela. Tudo era perfeitamente fácil para Mr. Helstone. Ele estava galante e suas maneiras eram agradáveis para com as jovens senhoras. Mais popular impossível, visto que, no fundo, ele nem respeitava e nem gostava do sexo feminino, isto é, as circunstâncias tinham mostrado que, intimamente, ele era temido por quem o amava.

Os vigários sentaram-se onde puderam. Mr. Sweeting, o menos envergonhado dos três, refugiou-se junto de Mrs. Sykes que, ele sabia, era quase tão afeiçoada a ele como se ele fosse seu filho. Mr. Donne, depois de rodopiar ao redor da mesa, com uma graça toda própria, dizendo em voz alta o pragmático “como está, Miss Helstone?”, caiu em um assento, quase se esbarrando no cotovelo da sobrinha do reverendo, cuja irritação era absoluta devido à antipatia peculiar que ela sentia por Mr. Donne. Mr.

Malone, rindo sem graça, introduziu-se no assento do outro lado. Dessa forma, ela foi abençoada com um par de bajuladores com quem teria que manter uma conversa mortal, servir-lhes de criada, entregando-lhes copos, circulando os pratos, ou mesmo os levantando como se eles fossem um bando de inválidos.

Mr. Malone, inesgotável conversador entre os homens, dessa vez ficou calado na presença das senhoras. Três frases, no entanto, ele tinha prontas e não deixou de proferi-las:

– Continua caminhando, Miss Helstone?

– Tem visto o seu primo Mr. Moore ultimamente?

– A sua classe da escola dominical mantém o mesmo número de pessoas?

Estas três questões foram respondidas por ela e depois reinou o silêncio de um lado, mas com Mr. Donne, ela não foi muito feliz. Este era problemático e exasperante, na opinião da moça. Ele tinha um estoque de pequenas frases banais e perversas, que podiam ser consideradas no povoado de Briarfield como abusivas, mesmo entre os nativos de toda a região de Yorkshire. Suas queixas da falta da alta sociedade, do atraso da civilização nestes distritos, murmurações contra a conduta desrespeitosa das classes baixas do povo do Norte para com os seus superiores, a maneira de viver ridícula e boba por estas bandas, a falta de estilo, de elegância, como se ele, Mr. Donne, fosse grande coisa. Suas insinuações eram rústicas e Miss Helstone mal conseguiu suportar. Na verdade, pensava ela, qualquer outra senhora que o ouvisse o desprezaria, embora, às vezes, de fato, ele tivesse razão em alguma coisa. Mas, como uma menina de Yorkshire, ela odiava ouvir falar mal do lugar e de seu povo. Abriu a boca para recomendar a Mr. Donne que não era refinado estar sempre repreendendo os outros por vulgaridade, que nenhum bom pastor devia ficar eternamente

censurando seu rebanho. Ia sugerir que, em vez de ele ficar na igreja reclamando, devia visitar os doentes e os pobres em suas casas, procurar ser-lhes útil, já que ele tinha sido ordenado para um ministério. Com certeza não tinha sido para usar roupas macias e sentar-se em casas de pessoas abastadas e comer feito um rei. Contudo, essas questões, se ditas por uma mulher, ainda mais por uma moça, seriam consideradas por todos os vigários (seu tio, principalmente) como, até o último grau, uma coisa audaciosa e irreverente. Por isso decidiu guardar para si as suas opiniões.

O chá foi longo e enfadonho para Miss Caroline. Todos os convidados tagarelaram como sua jovem anfitriã tinha previsto. Mr. Helstone estava em excelente estado de espírito, o que lhe acontecia sempre que estava na presença de mulheres bonitas. Na verdade, só com a senhora de sua própria família manteve-se taciturno. Com o restante, mostrou-se brilhante e tagarela, principalmente com a sua vizinha da esquerda e da direita. Miss Mary, que estava sentada à frente do reverendo, era a mais sensata e a menos coquete das três, portanto a ela o velho viúvo deu menos atenção. No fundo, ele não via serventia para as mulheres. Gostava das tolas com nada na cabeça, usava-as como um brinquedo para se divertir nas horas vagas para depois serem jogadas fora.

Miss Hannah era a sua favorita. Miss Harriet, sem dúvida, era a mais bela, porém ela era egoísta e cheia de si. Portanto, não era tão fraca como ele gostava. Ela tinha certa dignidade que se misturava à sua altivez. Se não falava feito um oráculo, não tagarelava feito uma idiota. Ela não consentia ser tratada como uma boneca, uma criança, um brinquedo. Queria que se inclinassem diante dela como se ela fosse uma rainha.

Miss Hannah, pelo contrário, não exigia nenhum respeito, apenas elogios. Se seus admiradores lhe dissessem que ela era um anjo, podiam tratá-la como uma idiota. Era tão crédula e tão frívola que se tornava uma

pateta quando se via objeto de atenção e lisonjas. Mr. Helstone realmente se sentia tentado a renovar a experiência do matrimônio por uma segunda vez com Miss Hannah, mas, felizmente, as lembranças salutares dos aborrecimentos que lhe dera a primeira união, punham os seus sentimentos em cheque.

O pequeno Mr. Sweeting, sentado entre Mrs. Sykes e Miss Mary, ambas as quais muito gentis com ele, tinha diante de si um prato de tortas e marmelada e parecia mais feliz do que um monarca. Ele estava apaixonado por todas as misses Sykes e todas elas eram doidas por ele. Se ele sentia algum pesar naquele momento, era pela ausência de Miss Dora, a quem ele, secretamente, esperava um dia chamar de Mrs. David Sweeting e conduzir como uma imperatriz através da aldeia de Nunnely; imperatriz, certamente, se para isso bastasse uma estatura colossal: ela era enorme e pesada. Vista de costas, parecia uma senhora robusta de quarenta anos, mas possuía uma linda face e um excelente caráter.

A refeição, finalmente, chegou ao fim. Já teria acabado há muito tempo se Mr. Donne não persistisse em ficar sentado com sua meia xícara de chá frio diante dele, muito tempo depois dos outros terem acabado, mesmo muito tempo depois de ter acabado toda a provisão de mantimentos e de todos manifestarem sinais de impaciência. Ele parecia pensar que esta posição isolada lhe dava certa importância, que era digno e imponente para ser o último, que era alguma coisa importante para manter todos os outros esperando. Por fim, o velho reverendo, que até então tinha estado muito agradavelmente ocupado com Miss Hannah para cuidar do atraso, ficou impaciente.

– Por quem esperam? – perguntou ele.

– Por mim, eu acredito – voltou Mr. Donne, complacentemente, cheio de satisfação.

– Por você! – exclamou Mr. Helstone, levantando-se.

Mr. Donne, nada envergonhado, ainda ficou sozinho por uns dez minutos, quando então Mr. Helstone tocou a campainha para que a prataria fosse removida. O jovem vigário se viu forçado a esvaziar sua xícara e abandonar o papel que, em seu entender, tinha chamado sobre ele a atenção de forma lisonjeira.

Em seguida, como de costume, Miss Helstone abriu o piano e preparou as partituras. Logo pediram música. Este foi o momento de Mr. Sweeting se exibir e ele estava ansioso para começar. Em seguida, portanto, empenhou-se na árdua tarefa de convencer uma das jovens a favorecê-lo com uma canção. Desempenhou isso com amor, rindo, suplicando, resistindo às desculpas, afastando as dificuldades e, finalmente, conseguindo persuadir Miss Harriet, que se deixou conduzir ao piano. Em seguida, pegou sua flauta (ele sempre a levava no bolso como um lenço), atarraxou-a e ajustou-a. Mr. Malone e Mr. Donne, juntos, riam com desdém, com o que o homenzinho não se importou. Ele estava persuadido de que o sarcasmo dos colegas era inveja. Eles não podiam acompanhar as senhoras como ele, e estava prestes a desfrutar de seu triunfo sobre os demais.

O triunfo começou. Mr. Malone, pesaroso por ouvir o colega tocar de maneira tão notável, resolveu também se fazer notar e, assumindo ares de apaixonado (personagem que ele tinha se esforçado uma ou duas vezes para compor, mas que, até então, não tinha obtido sucesso e, sem dúvida, lhe faltavam méritos), aproximou-se do sofá em que Miss Caroline estava sentada, instalou-se junto dela e deu início a um discurso incompreensível, com a língua e as mãos, acompanhadas das mais extraordinárias caretas. No decorrer de seus esforços para se tornar agradável, acabou por se apoderar de duas almofadas e fez uma espécie de barreira entre ele e o objeto de suas atenções.

Miss Helstone, encantada pela separação, logo arranjou uma desculpa para passar para o lado oposto da sala; sentando-se ao lado de Mrs. Sykes, suplicou-lhe algumas instruções sobre um novo ponto de tricô, um favor prontamente concedido; assim, Pedro Augusto foi repelido.

Mr. Malone, muito mal-humorado e vendo-se abandonado, entregue inteiramente aos seus próprios recursos sobre aquele grande sofá, com três almofadas nas mãos, fazia triste figura. O fato era que ele estava decidido a se aproximar da sobrinha de Mr. Helstone. Não porque queria ser seu amigo, mas, como muitos outros, achava que seu tio era rico e, uma vez que ele não tinha filhos, deixaria toda a fortuna para a sobrinha.

Miss Helstone, por um momento, deixou cair o seu tricô no colo, fechou os olhos e encostou a cabeça na poltrona. A noite parecia longa demais para ela. Uma espécie de letargia tomou conta de seu corpo, produzida, sem dúvida, pelo zumbido em torno dela: o ruído desarmônico e insípido das teclas do piano, as notas ofegantes da flauta, o riso e a alegria de seu tio, de Miss Hannah e de Miss Mary, risos os quais ela não compreendia, pois não achava nada de engraçado na conversa deles e, acima de tudo, a interminável fofoca de Mrs. Sykes em seus ouvidos. Fatigada até a exaustão, ela aproveitou o momento que Mr. Sweeting veio falar com Mrs. Sykes para deslizar-se silenciosamente para fora do salão e procurar um momento de repouso solitário. Refugiou-se na sala de jantar, onde um remanescente fogo ainda ardia na lareira. O lugar estava vazio e silencioso, os copos e as garrafas tinham sido levados, as cadeiras arrumadas, tudo estava em ordem. Afundou-se na grande poltrona de seu tio, semicerrou as pálpebras e descansou. Pelo menos descansou os membros, pois a sua mente voou diretamente para Hollow, para o limiar da sala, passou para o escritório, procurando o local abençoado pela presença de Robert Moore. Acontecia que nenhuma dessas localidades tinha essa

honra, porque Mr. Moore estava a meia milha de distância de ambos e muito mais perto de Miss Caroline do que ela supunha. Ele atravessava, neste momento, o cemitério e se dirigia para a porta do presbitério. No entanto, ele não estava vindo para ver a prima, mas com a única intenção de dar uma notícia ao reverendo.

Sim, Miss Caroline. Você ouviu o toque da campainha, pela quinta vez nesse dia, estremeceu e está certa agora que deveria ser o objeto de seus sonhos. Inclinada para a frente, escutava avidamente enquanto Fanny abria a porta. Sim! Essa é a voz baixa de Mr. Moore, com o leve sotaque estrangeiro, mas tão doce aos seus ouvidos. Levantou-se apressadamente e pensou: “Fanny vai dizer-lhe que Mr. Helstone está ocupado e ele irá embora. Oh! Ela não pode deixá-lo ir.” Apesar do seu bom senso, atravessou a metade da sala e estava prestes a precipitar-se, mas ele entrou no corredor.

– Como o seu patrão está com visitas – disse ele – deixe-me entrar para a sala de jantar e traga-me pena e tinta. Vou escrever um bilhete para ele.

Quando Miss Caroline ouviu essas palavras e percebeu que ele se aproximava, tentou escapar e, se houvesse outra porta, teria desaparecido por ela. Mas sentiu-se presa, acuada, e receou que sua presença inesperada irritasse Robert Moore. Um segundo antes ela teria voado para ele, agora queria fugir. Mas era impossível. A sala só tinha uma saída, pela qual ele vinha entrando com o olhar de surpresa e conturbado que ela temia. Ela gaguejou uma espécie de pedido de desculpas:

– Deixei a sala por um minuto para descansar um pouco.

Havia qualquer coisa de timidez, de embaraço no ar e no tom com que ela pronunciou essas palavras, que qualquer pessoa notaria a triste mudança operada nela ultimamente, pois todo o seu alegre autocontrole

tinha-lhe deixado. Mr. Moore provavelmente se lembrou da sua amável solicitude e da doce confiança com que ela o acolhia e pôde sentir o efeito da sua frieza. Tinha agora como manter o seu novo sistema com êxito. Talvez ele achasse mais fácil praticar esse sistema em plena luz do dia, no quintal de sua fábrica, no meio das suas ocupações diárias do que em uma sala de estar tranquila, ao anoitecer. Fanny acendeu as velas, que antes tinham estado apagadas sobre a mesa, trouxe-lhe todo o material de escrita e saiu da sala. Miss Caroline estava prestes a segui-la. Mr. Moore, para agir de forma coerente, deveria tê-la deixado partir; contudo, ergueu-se diante da porta e estendeu a mão gentilmente, retendo-a. Ele não lhe pediu para ficar, mas não queria deixá-la partir.

– Devo dizer ao meu tio que está aqui? – perguntou ela, com a voz comovida.

– Não. Posso dizer a você o que eu iria dizer a ele. Quer ser minha mensageira?

– Sim, Robert.

– Então pode informá-lo que descobri uma pista sobre a identidade de pelo menos um dos homens que destruíram os teares. Pertence ao bando que atacou os armazéns de Mr. Sykes e de Mr. Pearson e tenho esperança de tê-lo sob custódia amanhã. Você pode se lembrar disso?

– Oh, sim!

Esses dois monossílabos foram proferidos num tom ainda mais triste do que nunca e ela abanou levemente a cabeça e suspirou.

– Você vai processá-lo?

– Sem dúvida.

– Não, Robert.

– E por que não, Caroline?

– Porque vai colocar contra você, mais do que nunca, toda a população operária.

– Isso não é razão para eu deixar de cumprir o meu dever e defender minha propriedade. Esse homem é um grande canalha e deve ser incapacitado de cometer novos delitos.

– Os seus cúmplices vão se vingar! Você não conhece a maldade das pessoas desta província. Eles se orgulham de manter uma pedra em seu bolso por sete anos, de usá-la depois desse tempo e de voltar a guardá-la por mais sete, e de, finalmente, acertar seu alvo.

Mr. Moore riu.

– Uma enérgica baboseira – disse ele, sorrindo. – Que faz a honra dos seus queridos amigos de Yorkshire. Mas não tema por mim, Lina. Eu estou em guarda contra esses seus cordeiros compatriotas.

– Como poderei deixar de me inquietar? Você é meu primo. Se alguma coisa lhe acontecer... – calou-se.

– Nada vai me acontecer, Lina. Para falar como você, há uma Providência acima de tudo, não é verdade?

– Sim, querido Robert. Que Ele o guarde.

– E, se as orações têm alguma eficácia, vão me beneficiar. Você ora por mim às vezes, Lina?

– Não algumas vezes, Robert. Você, Louis e Hortense estão sempre em minhas orações.

– Era o que eu imaginava. Ocorreu-me que, algumas vezes, quando fatigado e contrariado, me deitava como um pagão, outro anjo havia pedido perdão pelo meu dia e pela segurança da minha noite. Mas, quando um homem foi educado somente para ganhar dinheiro, vivendo para isso e por nada mais, parece estranho que pronuncie uma oração; é singular que um coração bom e puro se apodere dele e lhe dê guarida como se ele tivesse

direito a uma proteção dessa ordem. Se me fosse dado o direito de guiar esse coração, creio que o aconselharia a deixar de se preocupar com aquele que não vê na vida fim mais elevado do que restaurar sua fortuna arruinada e apagar do seu brasão burguês a nódoa infame da falência.

A alusão, embora feita com afeição e ternura (como pensou Miss Helstone) foi profundamente sentida e claramente compreendida.

– Pois bem, na verdade, eu só penso em você como meu primo – foi a resposta rápida. – Começo a compreender melhor as coisas do que quando você veio para a Inglaterra, melhor do que há uma semana ou um dia atrás. Sei que seu objetivo de vida é crescer, ganhar dinheiro, e que não lhe cai bem ser sentimental. No futuro, você não deve interpretar mal os meus sentimentos quando lhe forem favoráveis. Não me compreendeu antes, não é?

– Mas, olhe-me agora – disse ele.

– Oh! Você está diferente agora. Atualmente ouso falar com você – disse ela.

– Todavia, eu sou o mesmo, exceto por ter deixado o comerciante em Hollow. É só o seu parente que está diante de você.

– Meu primo Robert e não Mr. Moore.

– Nada de Mr. Moore, Caroline.

Neste momento ouviu-se um rumor dos convidados na outra sala, pois estavam indo embora; a porta foi aberta, chamaram a carruagem, pediram os xales e os chapéus; Mr. Helstone chamou pela sobrinha.

– Preciso ir, Robert.

– Sim, é preciso ir ou eles entrarão e nos encontrarão aqui. Eu prefiro sair pela janela a encontrar esse exército. Só um minuto, cubra o castiçal por um instante. Boa noite. Beijo-a porque somos primos e entre primos um, dois, três beijos são permitidos. Caroline, boa noite!

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VIII

OceanofPDF.com

Noé e Moisés

No dia seguinte Mr. Moore levantou-se antes do dia amanhecer, foi a cavalo a Whinbury e retornou antes que sua irmã tivesse preparado o café da manhã. O motivo de sua estada em Whinbury, ele não disse a ninguém e também Miss Hortense não fez perguntas. Não era costume de Mr. Moore comentar sobre suas saídas, negócios complicados, e, muitas vezes, ele guardava sombrios segredos em seu peito para não preocupar sua irmã.

Depois do café, ele se dirigiu ao escritório para ler as correspondências entregues pelo filho de Joe Scott, Harry. As notícias não eram nada boas, pelo contrário, pois quando Mr. Moore pousou a última carta, suas narinas dilatadas exprimiam certa cólera irônica e desafiadora. Embora ele não tenha dado margens para explosões, havia um olhar que parecia invocar o diabo para que este varresse os encargos e as preocupações para o inferno. No entanto, tendo escolhido uma pena, seus movimentos enquanto escrevia demonstravam furor (somente nos dedos, pois seu rosto estava plácido), escreveu uma porção de respostas e lacrou-as. Então saiu e atravessou o moinho. Na volta, ele sentou-se para ler o jornal.

O conteúdo parecia não ter grande interesse. Por mais de uma vez pousou o jornal nos joelhos, cruzou os braços, olhou para o fogo, virou a cabeça em direção à janela e, ocasionalmente, olhava para o relógio. Em suma, sua mente parecia preocupada. Talvez ele estivesse pensando na beleza do tempo, pois estava uma manhã suave e luminosa para a estação. Talvez ele desejasse gozá-la nos campos. A porta do seu escritório estava escancarada, portanto, a brisa e os raios do sol entravam livremente. Contudo, o visitante não trouxe consigo o perfume da primavera em suas

asas, apenas um ocasional sopro de enxofre da espessa coluna de fuligem e fumaça que saíra da chaminé do moinho.

A aparição azul-escura (Joe Scott vinha da cuba de tingimento) apareceu momentaneamente na porta aberta e pronunciou as palavras: – Ele chegou, senhor – e desapareceu.

Mr. Moore não ergueu os olhos do papel. Um homem de estatura elevada, ombros largos e maciços, pernas compridas, envergando um terno de fustão e calçando meias de lã acinzentadas, entrou, foi recebido com um aceno de cabeça e convidado a se sentar. O visitante tirou o chapéu, guardou-o sob sua cadeira, enxugou a testa com um lenço de algodão manchado e colocou em um canto o bastão de oficial que tinha na mão. Feito isso, começou a articular um leve som com os lábios, embora desarticulado, mas provavelmente para se mostrar à vontade.

– Já tem o que é necessário, suponho – disse Mr. Moore.

– Sim, sim. Está tudo certo.

O homem voltou a assobiar e Mr. Moore, à leitura. Aparentemente o jornal tornara-se mais interessante. Não tardou, no entanto, para que ele voltasse para o seu armário, que estava ao alcance do seu longo braço, sem se levantar, e pegasse uma garrafa preta, a mesma com a qual Mr. Malone já travara conhecimento, um copo e uma jarra, colocasse-os sobre a mesa e dissesse ao seu convidado:

– Sirva-se. Tem água naquele pote lá no canto.

– Com todo o gosto. Tenho sempre sede pela manhã – disse o homem, levantando-se e fazendo conforme Mr. Moore lhe sugeriu.

– Mr. Moore não bebe nada? – perguntou ele, enquanto preparava a mistura com uma mão hábil. Depois, tomando um grande gole, deixou-se cair na cadeira, satisfeito. Mr. Moore, lacônico, respondeu com um movimento negativo de cabeça.

– Faz mal – continuou o visitante – não há nada melhor para enxotar o aborrecimento. Excelente marca holandesa! Manda trazer do estrangeiro com certeza. Creio que seria muito bom se bebesse um copo. Os rapazes que vêm aí vão fazê-lo falar durante muito tempo. Precisa ganhar forças.

– Viu esta manhã Mr. Sykes? – indagou Mr. Moore.

– Vi-o há um quarto de hora. Ele me disse que tinha a intenção de vir aqui e eu não ficaria admirado de vê-lo chegando com o velho Mr. Helstone. Eu reparei que este selava seu pônei quando passei na parte de trás do presbitério.

A profecia mostrou-se verdadeira, pois passados cinco minutos ouviu-se o trote do pônei entrando no pátio e uma voz nasal familiar exclamando:

– Rapaz (provavelmente abordando Harry Scott), segure meu cavalo e leve-o para o estábulo.

Mr. Helstone entrou ereto e marchando com agilidade, parecendo mais vivo e animado do que de costume.

– Bela manhã, Moore! Como é, meu rapaz? Ha! Olha quem temos aqui! (dirigindo-se ao personagem do bastão). – Sugden! O quê! Você vai trabalhar nisso diretamente? Palavra! Você não perde tempo mesmo, não é, meu rapaz? Mas, Moore, eu vim lhe pedir explicações. Entregaram-me seu recado. Tem certeza de que a pista é boa mesmo? Como vai tratar disso? Arranjou um mandado de prisão?

– Sugden tem um.

– Então, se você vai procurar o culpado, eu vou acompanhá-lo.

– Será poupado desse trabalho. Ele vem me procurar. Estamos só aguardando a sua chegada.

– E quem é? Um dos meus paroquianos?

Joe Scott havia entrado sem ser visto. Tal como um sinistro fantasma, metade da sua pessoa tingida do mais profundo tom índigo, inclinou-se

sobre a mesa. A resposta do seu patrão ao reverendo foi um sorriso. Joe tomou a palavra com um olhar tranquilo, porém arteiro, e disse:

– É um dos seus amigos, Mr. Helstone. Uma pessoa de quem fala muitas vezes.

– De fato, Joe? Diga logo o nome do sujeito. Você me parece bem esta manhã.

– Oh! É apenas o reverendo Moisés Barraclough.

– Ah! – exclamou o reitor, pegando na caixa de rapé e aspirando uma longa pitada. – Ah! Quem poderia supor uma coisa dessas! Mas, o piedoso homem nunca foi seu operário, Moore. Ele é um alfaiate.

– Tanto pior. Mais rancor eu tenho ainda. Por que ele tinha que interferir nos meus negócios e incitar os operários contra mim?

– E Moisés estava realmente presente no caso do pântano de Stilbro? Ele foi lá com aquela perna de pau e tudo?

– Sim, senhor – respondeu Joe. – Ele foi a cavalo para não deixar a pegada da sua perna de pau. Era o chefe e estava usando uma máscara. O restante do grupo só tinha os rostos pintados de preto.

– E como foi que descobriram?

– Vou dizer-lhe, senhor – disse Joe. – Ele estava cortejando a Sarah, a criada de Mr. Moore que, eu não sei se por causa da sua perna de pau ou da sua hipocrisia, não parecia dar-lhe importância. Acontece que Sarah, bem, o senhor sabe como as mulheres são estranhas, ela o encorajava apesar de sua perna, mas tinha outra corda em seu arco, o Fred Murgatroyd, um dos nossos rapazes. Ele gosta dela e, como as mulheres julgam os homens pela cara, e Fred tem um rosto mediano enquanto Moisés não é nada bonito, como todos nós sabemos, a moça assumiu Fred Murgatroyd. Há dois ou três meses, Murgatroyd e Moisés se encontraram num domingo à tarde. Ambos tinham vindo rondar a casa para convidar Sarah para passear. Eles tiveram

uma briga e foi o Fred quem apanhou mais. Ele é novo e baixo e Barraclough, mesmo só com uma perna, é quase tão forte quanto o Sugden.

Joe – interrompeu Mr. Moore. – Você é insuportável nas explicações. Quase tão demorado quanto Moisés em seus sermões. Toda a história se resume em que Fred Murgatroyd estava com ciúmes de Moisés Barraclough e, na última noite, quando ele e um amigo se abrigavam da chuva em um celeiro, viram e ouviram Moisés em conferência com seus comparsas. Pelo seu discurso ficou claro que ele era o líder, não só em Stilbro, mas no ataque à propriedade de Mr. Sykes. Além disso, eles planejaram uma delegação e Moisés vem me visitar esta manhã e, no espírito mais religioso e pacífico, deve rogar-me por abrir mão das malditas máquinas. Fui esta manhã a Whinbury, provi-me de um mandado e de um oficial da polícia e agora estou esperando para dar ao meu amigo a recepção que ele merece. Entretanto, Mr. Sykes está chegando e Mr. Helstone deve encorajá-lo, pois teme um processo.

Ouviram um ruído de um cabriolé que entrava no pátio. Mr. Sykes apareceu. Era um homem forte, alto, com cerca de cinquenta anos. Era aprazível de recursos, mas, embora tivesse uma expressão agradável, faltava-lhe energia. Ele parecia ansioso.

– Vieram? Já foram embora? Prendeu-os? Já acabou? – perguntou ele, inquieto.

– Ainda não – respondeu Mr. Moore, com indiferença. – Estamos esperando por eles.

– Não virão. É quase meio-dia. Melhor desistir. Isso vai incitar ódio e trará consequências fatais.

– O senhor não precisa aparecer – respondeu Mr. Moore. – Eu irei encontrá-los no pátio e o senhor pode ficar aqui.

– Mas o meu nome será publicado no processo. Uma esposa e uma família tornam um homem cauteloso.

Mr. Moore olhou-o enojado. – Vá embora se prefere, por favor – disse Mr. Moore. – Deixe-me entregue a mim mesmo. Eu não tenho nenhuma objeção de agir sozinho. Mas pode ter certeza de que não vai encontrar segurança na fraqueza. Seu sócio, Mr. Pearson, cedeu, admitiu e perdoou. Bem, isso não impediu que tentassem matá-lo em sua própria casa, não foi?

– Meu caro senhor, tome um pouco de vinho com água – recomendou Mr. Helstone a Mr. Sykes.

Vinho com água era na realidade uísque e água como descobriu Mr. Sykes depois de tomar dois copos cheios e tornar-se imediatamente ousado. Em dois minutos a cor voltara ao seu rosto e com ela a valentia. Ele anunciou que não deixaria ser pisoteado pela população e que estava determinado a não suportar por mais tempo a insolência das classes trabalhadoras; que tinha reconsiderado e estava decidido a ir até o fim. Mr. Sykes dirigiu-se a Mr. Helstone.

– O senhor, como ministro, talvez ache desagradável estar presente em meio a cenas de tumulto, até posso dizer de perigo. Ouso dizer que seus nervos não vão suportar, afinal é um homem de paz. Mas, para nós, industriais e fabricantes que vivemos num mundo sempre em tumulto, a presença do perigo apenas faz bater mais forte o coração.

A mais estridente gargalhada, embora breve e de modo algum ofensiva, foi a resposta do reverendo. Mr. Moore teria pressionado o heroico industrial a tomar outro copo, mas o clérigo, que nunca transgredia nem permitia que outros transgredissem em sua presença, não permitiu.

– O suficiente é tão bom quanto o que é preciso, não é, Mr. Sykes? – disse o pároco. Mr. Sykes concordou, mas observou com olhos pesarosos Joe Scott, obedecendo a um gesto do reverendo, remover a garrafa. Mr.

Moore, com um sorriso travesso nos lábios, demonstrava grande desejo de embriagá-lo. O que diria certa jovem prima se visse o comportamento de seu querido, bom, ótimo Robert, o seu Coriolano? Reconhecê-la-ia naquele rosto travesso e sardônico o mesmo homem que tinha passado a tarde tão tranquila com a irmã e a prima? Aquele para quem ela olhou para cima com tanto amor; aquele que se inclinou sobre ela com tanta gentileza na noite passada? Aquele que leu Shakespeare e ouviu Chénier?

Sim, era o mesmo homem, mas visto por outro lado, um que Miss Helstone ainda não tinha contemplado, embora, talvez, ela não tivesse sagacidade suficiente para suspeitar de sua existência. Bem, Miss Caroline, sem dúvida, tinha seu lado defeituoso também. Ela era humana. Devia ser então muito imperfeita se não tinha visto em Mr. Moore o seu lado pior. Provavelmente já disse isto: o amor pode desculpar qualquer coisa, exceto a maldade, pois a maldade mata o amor. Mr. Moore, com todos os seus defeitos, podia ser estimado, pois ele não tinha nenhum tumor moral em sua mente, nenhuma mancha indestrutível. Ele era de natureza boa e não havia nele falsidade, porém era um discípulo da razão e não um devoto da emoção. O mesmo podia ser dito do velho Mr. Helstone. Nenhum desses dois seria capaz de pensar ou falar uma mentira, pois nenhum deles tinha qualquer encanto pela miserável garrafa preta que acabara de ser posta de lado. Eram seres superiores ao pobre Mr. Sykes.

Ouviram um rumor de passos numerosos vindo do pátio. Mr. Moore e Mr. Helstone foram até a janela e observaram com cautela para não serem visíveis do exterior. O único comentário entre eles foi um sorriso cínico que brilhou em cada um dos olhos severos.

Uma tosse, que se assemelhava a uma introdução de uma oratória, foi ouvida, seguida por uma interjeição destinada a acalmar o zumbido de

várias vozes. Mr. Moore entreabriu sua janela para admitir o som mais livremente.

– Joseph Scott... – começou uma voz nasalada – queremos saber se seu patrão está aí dentro e se pode nos atender.

– Está aqui dentro – respondeu Joe, indiferente.

– Será que pode, por favor, ter a bondade de dizer-lhe que doze cavalheiros querem vê-lo?

– Qual o assunto? – perguntou Joe. – Ele poderá perguntar – complementou.

– Viemos com um propósito.

Joe avisou Mr. Moore, que deixou Sugden de plantão: – Venha quando eu assobiar.

Mr. Moore saiu rindo de forma rude. Ele avançou para o pátio com uma das mãos no bolso e a outra no colete. A aba do seu chapéu caía-lhe sobre os olhos para encobrir um pouco da fagulha de profundo desprezo que não conseguia esconder. Doze homens esperavam por ele no pátio, alguns em manga de camisa, outros de aventais azuis. Dois deles estavam visivelmente à frente do bando. Um era um homenzinho garboso, com um nariz arrebitado. O outro tinha uma figura vigorosa, ombros largos, que se distinguia pelo seu ar hipócrita e os olhos de gato nos quais se lia a falsidade, e ainda por uma perna de pau e uma robusta muleta. Uma espécie de rito contraía-lhe os lábios, parecia rir de alguém ou de alguma coisa.

– Bom dia, Mr. Barraclough – disse Mr. Moore, com ar bonachão.

– A paz seja convosco! – foi a resposta que deu Barraclough fechando completamente os olhos de seu natural semicerrados.

– Agradeço-lhe, pois a paz é uma coisa excelente. Não há nada que eu mais queira para mim. Mas, creio que não veio aqui só para isso, isto é, creio que a paz não seja a sua finalidade.

– Pelo o que me diz respeito, a nossa finalidade – começou Barraclough – pode soar estranho e, talvez, insensato aos ouvidos como os seus, porque os filhos deste mundo são mais sábios em sua geração como os filhos da luz.

– Vamos aos fatos, por favor. Diga-me do que se trata – pediu Mr. Moore, impaciente.

– Vai ouvir, senhor. Se eu não souber explicar, atrás de mim tem onze que poderão me ajudar. Trata-se de um grande desejo – mudando a voz de um meio sorriso de escárnio para uma lamentação – e também é desejo do senhor.

– Está querendo uma ajuda financeira para uma nova capela, Mr. Barraclough? A não ser que a sua vinda aqui tenha esse fim, eu não vejo outra razão.

– Eu não tinha esse dever em mente, senhor, mas já que a Providência o levou a mencionar o assunto, receberei o que puder dispor, isto é, o que tiver de sobra, a menor contribuição será aceitável.

Com isso, ele tirou o chapéu e estendeu-o para Mr. Moore como uma caixa de esmolas, com um sorriso de bronze no rosto, ao mesmo tempo que sua fisionomia tomava um ar de feroz imprudência.

– Se eu lhe desse alguma moeda, você iria beber.

Barraclough ergueu as palmas das mãos e seus olhos aos céus na mais grotesca hipocrisia.

– Parece-me uma criatura notável, Mr. Barraclough – disse Mr. Moore, num tom seco e frio – não teme se mostrar um hipócrita inveterado e que seu comércio é a fraude? Você espera, realmente, me fazer rir da habilidade com que desempenha a sua esperteza, ao mesmo tempo que pensa que pode enganar os homens que estão atrás de você?

O semblante de Moisés baixou e ele viu que tinha ido longe demais. Ele ia responder, quando o segundo líder, impaciente por ter sido mantido até então em segundo plano, avançou. Este homem não parecia um traidor, apesar de seu ar convencido e arrogante.

– Mr. Moore – começou ele, falando com ar de importância e pronunciando cada palavra muito lentamente, como para dar aos seus ouvidos tempo para apreciar plenamente a elegância incomum da fraseologia – poder-se-ia, talvez, dizer que a razão, mais do que a paz, é o nosso propósito. Nós viemos em primeiro lugar suplicar que escute a voz da razão e, se recusar, é meu dever preveni-lo de que tomaremos medidas que lhe farão sentir a imprudência, a loucura da sua conduta. Quero dizer, senhor, que, sendo estrangeiro, vindo de uma costa distante, de outro hemisfério deste globo, lançado, como posso dizer, como um pária nestas costas, os penhascos de Albion, o senhor não tem o entendimento do que pode ser vantajoso para as classes trabalhadoras. Para resumir, queremos que abandone essa fábrica e volte sem demora para seu país. É o melhor que tem a fazer. O que me diz disso? – disse ele, voltando-se para os outros membros da delegação, que responderam por unanimidade:

– Bravo! Bravo! Ouça o nosso camarada!

– Bravo, Noé! – murmurou Joe Scott, que estava atrás de Mr. Moore. – Está tão eloquente quanto Moisés. O senhor veio da Antártica, patrão?

Moisés, no entanto, não se deu por vencido. Lançou um olhar zangado para Noé e tentou novamente a sua oratória. Dessa vez, abandonou o sarcasmo que lhe tinha dado mau resultado.

– Antes da sua chegada aqui, Mr. Moore, vivíamos em paz e tranquilidade, isto é, há vinte anos, quando o trabalho manual era estimado e respeitado, não havia máquinas, pois ninguém tinha se aventurado a introduzi-las por aqui, essa coisa tão perniciosa. Eu não sou um

imprensador de tecidos, sou um alfaiate, contudo, sou um homem sensível e quando vejo meus irmãos oprimidos, levanto-me para defendê-los. É por isso que eu vim aqui neste dia aconselhá-lo a desfazer-se de seu maquinário infernal e contratar mais operários.

– E o que acontecerá se eu não seguir o seu conselho, Mr. Barraclough?

– Que o Senhor amoleça o seu coração, senhor!

– Mr. Barraclough é Wesleyano agora?

– Deus seja louvado! Bendizei o seu nome! Sou um Metodista.

– O que em nenhum aspecto o impede de ser ao mesmo tempo um bêbado e um vigarista. Há uma semana encontrei-o caído na beira da estrada quando voltava do mercado de Stilbro. E, enquanto você prega a paz, toda a ocupação da sua vida se resume em fomentar a discórdia e causar perturbações. Você não simpatiza com os pobres que estão em dificuldades, mas com você mesmo. Sua meta é incitá-los à indignação por maus propósitos. Não só você, mas esse indivíduo chamado Noé. Vocês dois são inquietos, intrometidos, canalhas e insolentes, cuja principal motivação é um princípio egoísta, ambicioso, tão perigoso quanto pueril. As pessoas que estão atrás de vocês, algumas delas, são honestas, embora estejam acompanhadas de homens errados. Na realidade, estão sendo enganadas por vocês dois, seus hipócritas.

Barraclough ia falar.

– Calado! Você já teve a sua vez de falar, agora é a minha. Quanto a receber ordem sua ou de qualquer outra pessoa, não admitirei. Aconselham-me a deixar o país e abandonar as máquinas e fazem-me ameaças. Pois, recuso-me a sair. Ficarei e manterei a minha fábrica para a qual mandarei vir todas as melhores e mais modernas máquinas. Que farão comigo? O máximo que podem fazer, e isso vocês nunca se atreverão, é queimar o meu

moinho, destruir seu conteúdo e atirar em mim. Então? Suponha que o edifício esteja em ruínas e eu morto. Vocês aí que estão atrás desses dois malvados, o que lucrarão com isso? Farão parar as invenções, a ciência? Não! Nem por uma fração de segundo. Outra fábrica melhor e mais moderna se erguerá aqui sobre os escombros e, talvez, eu seja substituído por um proprietário mais empreendedor. Escutem-me! Vou continuar a fabricar os tecidos como eu quiser, empregarei os meios que me convierem. Quem, depois dessa declaração, ousar interferir-se nos meus negócios sofrerá as consequências. Um exemplo deve provar se falo ou não a verdade.

Deu um assobio agudo. Sugden apareceu com seu bastão de oficial da polícia e a ordem de prisão.

Mr. Moore virou-se bruscamente para Barraclough.

– Você estava em St¬ilbro – disse ele – tenho provas de que estava no pântano, de que usava uma máscara e de que derrubou um dos meus homens com suas próprias mãos. Sugden, prenda este homem.

Moisés foi capturado. Ouviu-se um grito e uma corrida para resgatá-lo, mas a mão que Mr. Moore tinha no bolso reapareceu com uma pistola.

– Ambos os canos estão carregados – disse ele. – Estou muito determinado a me servir dessa munição. Para trás!

Caminhando para trás, de frente para o inimigo, ele acompanhou o preso até a porta do escritório. Ordenou a Joe Scott e a Sugden para entrarem com o prisioneiro e fecharem a porta por dentro. Depois, pôs-se a andar de um lado para outro ao longo da fachada da fábrica, de olhos fixos no chão, com a mão pendurada descuidadamente ao seu lado, mas ainda segurando a pistola. Os onze que restaram ficaram observando por algum tempo, falando entre si em voz baixa. Por fim, um deles se aproximou. Este

homem era muito diferente dos que tinham falado antes. Era feio, mas a modéstia e a energia estavam pintadas na sua aparência.

– Não tenho grande confiança em Moisés Barraclough – disse ele – e queria lhe dizer, eu próprio, algumas palavras, Mr. Moore. Pela minha parte não vim aqui com más intenções, mas a fim de fazer um esforço para endireitar as coisas que vão cruelmente mal. O senhor vê que estamos desgraçados, doentes; somos pobres e as nossas famílias sofrem. Essas máquinas e esses teares privam-nos do nosso trabalho. Não temos nada o que fazer e não podemos receber nada. O que vamos fazer? Resignarmo-nos a morrer de fome? Não! Eu não sei dizer palavras bonitas, Mr. Moore, mas sinto que seria covarde um homem sensato deixar-se morrer de fome como um fraco. Eu não gosto que se faça correr sangue, nunca consentiria em matar um homem, nem mesmo ferir. Também não sou favorável que quebrem as máquinas e os moinhos, pois, como o senhor disse, isso não faria parar o progresso e as invenções. Mas, eu falarei e farei todo o barulho que puder. A invenção pode ser uma coisa boa, mas sei também que não é certo que os pobres morram de fome. Os que governam devem encontrar uma maneira de nos ajudar. Eles devem fazer novas leis. Não somos preguiçosos, apenas queremos trabalhar honestamente para sustentar nossas famílias.

– Concordo com você, meu caro. Mas não posso mudar as leis. Vá ver se convence os membros do Parlamento – disse Mr. Moore – não adianta atormentar os proprietários dos moinhos que também estão tentando sobreviver. Isso é um absurdo e eu não estou aqui para suportar isso.

– O senhor é um dos mais duros – voltou o operário. – Não nos concederá algum tempo? Não poderia consentir em fazer as suas mudanças um pouco mais devagar?

– Então eu sou o representante de toda a corporação dos fabricantes de Yorkshire?

– O senhor é o senhor mesmo.

– Se fizesse o que me aconselha, dentro de um mês estaria falido. A minha falência colocaria pão na boca de seus filhos famintos ou deixaria mais bocas famintas? William Farren, não obedecerei às suas imposições nem às de qualquer pessoa. Mandarei trazer amanhã mesmo outras máquinas; se vocês as quebrarem, conseguirei outras, mas não cederei nunca.

Neste momento o sino da fábrica tocou. Eram doze horas, hora do almoço. Mr. Moore virou abruptamente as costas à delegação e entrou em seu escritório.

As suas últimas palavras tinham deixado uma má impressão, ele tinha deixado fugir a sorte que estivera em suas mãos. Se tivesse falado gentilmente com William Farren, que era um homem honesto, sem inveja nem ódio contra os que a fortuna colocara acima dele, que não achava duro e nem injusto ser obrigado a ganhar o pão de cada dia e não pedia senão trabalho, Mr. Moore poderia ter feito dele um amigo. Parece estranho que tivesse dado as costas àquele homem sem ter uma palavra de conciliação ou de simpatia. O rosto do pobre homem estava desvairado pela necessidade. Tinha o aspecto de um homem privado de bem-estar havia muitas semanas, meses talvez, contudo, não havia maldade na sua expressão. Estava abatido, triste, gasto, porém paciente. Como tinha podido Mr. Moore deixá-lo com aquelas palavras! Sem uma palavra benévola. É o que se perguntava Farren, de regresso à sua velha casa, outrora uma morada decente, agora triste e pobre, embora sempre limpa. Concluiu que o proprietário do moinho era um egoísta, um insensível e um tolo. Sentiu-se muito abatido, quase sem esperança.

Mal entrou, a mulher serviu uma espécie de almoço que tinha preparado para ele e os filhos. Era apenas um mingau com algumas migalhas de alho bravo. Algumas das crianças mais jovens pediram mais quando acabou sua parte, o que perturbou violentamente William. Enquanto sua esposa os acalmava como podia, ele levantou-se de seu assento e foi para a porta. Enxugou os olhos com a manga da camisa e o sentimento de ternura deu lugar a um sentimento mais amargo.

Estava ali de pé meditando em silêncio quando apareceu um senhor de preto. Via-se que era clérigo, mas não era nem Mr. Helstone, nem Mr. Malone, nem Mr. Donne, nem Mr. Sweeting. Ele podia ter uns quarenta anos, a sua aparência era simples, pele escura e já bastante grisalho. Ao caminhar, inclinava-se um pouco para a frente. Seu semblante era triste e preocupado, mas ao se aproximar de Farren, ergueu os olhos e uma expressão de franca cordialidade iluminou-lhe o rosto.

– É você, William? Como passou? – perguntou ele.

– Mr. Hall. É o senhor mesmo? Quer entrar e descansar um instante?

Mr. Hall, cujo nome o leitor já viu mencionado antes (e que, na verdade, era o vigário de Nunnely, a paróquia onde nascera William Farren, a qual este último só tinha deixado havia três anos para residir em Briarfield e trabalhar em Hollow), entrou na casa e, tendo saudado a boa esposa e os filhos, se sentou. Ele começou a falar muito alegremente sobre o período de tempo decorrido desde que a família tinha deixado a sua paróquia; as mudanças que ocorreram desde então e, depois de responder às perguntas sobre sua irmã, Miss Margaret, perguntou com muito interesse, ao olhar à sua volta para os quartos nus, a sala vazia, os rostos magros e pálidos:

– E como passam todos? Como vão os negócios?

– Muito pobremente. Nós nos demos muito mal por aqui – respondeu William – estamos todos sem trabalho. Vendi quase todos os móveis, como

pode ver. E o que vai ser de nós, só Deus sabe.

– Mr. Moore o despediu?

– Despediu-me e tenho agora uma opinião sobre ele que, se me mandasse chamar agora, não quereria trabalhar para ele.

– Não lhe fica bem dizer isso, William.

– Eu sei, mas já não sou o mesmo, sinto que estou mudando. Se os filhos e a mulher tivessem o que comer, não me importaria. Mas eles sofrem, morrem de fome.

– Sim, meu rapaz. Bem vejo que você também. Sentem-se, William e Grace. Vamos conversar.

Mr. Hall fez com que a mais nova das crianças se sentasse em seus joelhos e pôs a mão na cabeça de outra.

– Tristes tempos! – comentou. – E já duram há muito. Deus assim o permite. Que seja feita a Sua vontade! Mas ele experimenta-nos cruelmente.

O reverendo refletiu durante alguns instantes.

– William, você não tem dinheiro, mas se alguém lhe emprestasse uma ou duas libras esterlinas, poderia investir em algo? Poderia abrir um negócio modesto? – Farren não respondeu, mas a mulher disse com vivacidade:

– Estou certa, senhor, de que ele arranjaria algo. É um homem muito habilidoso. Se tivesse uma ou duas libras, poderia dar início a um negociozinho. Não é verdade, William?

– Se fosse da vontade de Deus – anuiu William, com resolução. – Podia comprar artigos de mercearia e começar como vendedor ambulante.

– E o senhor saiba – interrompeu Grace – que William não bebe, que não é indolente e que não vai desperdiçar o dinheiro. É meu marido e eu não deveria elogiá-lo, mas sempre direi que não há na Inglaterra homem mais sóbrio e honesto do que ele.

– Está bem. Falarei com um ou dois amigos e creio que, dentro de um ou dois dias, poderei arranjar-lhe cinco libras esterlinas. Será um empréstimo e não um donativo. Será preciso restituí-las.

– Compreendo, senhor. Fica assim combinado.

– Por agora, aqui, fica isso para a Grace comprar algum alimento. Agora, meninos, ponham-se de pé, em fila, e digam a doutrina enquanto sua mãe vai comprar alguma coisa para o jantar, pois estou certo de que não comeram grandes coisas.

Mr. Hall ficou até o regresso de Grace, depois se despediu às pressas, dando um aperto de mão em Farren e na mulher; disse-lhes que em breve traria boas notícias, disse um “Deus os abençoe, meus amigos”, e partiu.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO IX

OceanofPDF.com

Briarmains

Mr. Helstone e Mr. Sykes mostraram-se extremamente alegres e felicitaram calorosamente Mr. Moore quando este voltou para junto deles, depois de dispensar a delegação. Mr. Moore, no entanto, mostrou-se tão pouco receptível aos elogios e lia-se claramente em seu semblante que ele estava em um dos seus dias mais tempestuosos. O reverendo, depois de o olhar com seus olhos perspicazes, abotoou suas felicitações, juntamente com seu casaco, e disse a Mr. Sykes – cujos sentidos não eram aguçados ao ponto de descobrir sozinho que sua presença e conversas eram um incômodo – que estava na hora de partirem:

– Venha, senhor. Vamos pelo mesmo caminho e faremos companhia um ao outro.

– E onde está Sugden? – exigiu Mr. Moore, erguendo a cabeça.

– Ah! Ah! – exclamou Mr. Helstone. – Não fui totalmente inativo e ajudei um pouco. Enquanto você estava parlamentando com Farren, pensei que era melhor não perder tempo. Abri esta janela e gritei por Murgatroyd, que estava no estábulo, para trazer o cabriolé de Mr. Sykes. Depois fiz passar pela janela Sugden e Moisés com sua perna de madeira. Sugden tomou as rédeas, ele conduz como o diabo. Antes de um quarto de hora, Barraclough estará em segurança na cadeia de Stilbro.

– Muito bom! Muito obrigado – disse Mr. Moore. – Bom dia, meus senhores – acrescentou, enquanto os conduzia educadamente até a porta.

Mr. Moore esteve taciturno e sombrio durante o resto do dia. Ele nem sequer respondia a Joe Scott, que, por sua vez, não lhe dirigia a palavra senão quando o trabalho o exigia. Não obstante, interpelou Mr. Moore:

– Joe, você conhece os Farren? Eles não devem ter uma situação desafogada, creio.

– Desafogada? Não mesmo. Há três meses está sem trabalho. O senhor mesmo pôde ver como William está mudado. Venderam toda a mobília da casa.

– Não era um mau operário?

– Nunca teve um melhor desde que trata de negócios.

– São pessoas honestas, isto é, toda a família?

– Mais do que eles, não se pode ser. A mulher é a decência em pessoa, muito limpa, o senhor pode comer no soalho da casa. Mas eles estão muito infelizes, patrão. Eu ficaria muito feliz se o William arranjasse algum trabalho. Ele é um excelente jardineiro, pois viveu algum tempo com um escocês que lhe ensinou os segredos do ofício, como eles dizem.

– Vá embora, Joe. Pare de olhar para mim – disse Mr. Moore, aborrecido. Joe não esperou que o patrão repetisse a ordem.

****

As tardes de primavera eram, por vezes, frias e úmidas e, apesar desse dia ter sido belo, o ar estava frio ao pôr do sol. Antes de cair a noite, uma geada branca infiltrava-se insidiosamente nos botões entreabertos da erva que começava a despojar. Cobriu de branco o lajeado que se estendia em frente a Briarmains, residência de Mr. Yorke.

Na obscuridade da noite estrelada, contudo sem luar, as luzes das janelas destacavam-se nitidamente. Esse cenário não era triste, nem sombrio, nem mesmo silencioso. Briarmains estava situada perto da estrada principal; a capela Wesleyana de Briar, grande, nua e desprovida de ornamentos, elevava-se a cem metros dali e, como neste momento nela se realizava uma reunião, as luzes das suas janelas lançavam viva claridade na estrada, enquanto um hino assaz extravagante[9] fazia ressoar alegremente os

ecos nos arredores. Pouco a pouco a cantoria variou-se, seguiram-se gritos, ou uivos mais aterradores, e era preciso que o teto da capela fosse sólido o bastante para não voar em cacos com semelhantes explosões.

Se a capela estava animada, Briarmains não estava menos, embora de maneira diferente. Algumas das janelas estavam iluminadas; o andar inferior dava para um relvado e um cortinado velava o brilho das luzes, mas não impedia absolutamente de se ouvir as vozes e os risos.

Não era a presença de visitas o que excitava a alegria da morada de Mr. Yorke, pois não estava ali senão a sua família reunida na mais retirada ala esquerda. Reuniam-se nesta sala de estar sempre à noite. Estas janelas, se vistas à luz do dia, mostrariam suas vidraças brilhantemente manchadas de roxo e âmbar, predominantes nesses tons, que brilhavam em torno de um medalhão gravemente tingido no centro de cada uma representando a cabeça suave de William Shakespeare e a serena de um John Milton. Algumas paisagens canadenses estavam penduradas nas paredes; o verde da floresta e o azul da água, e no meio delas ardia uma noturna erupção do Vesúvio; ardentemente brilhava em contraste com a espuma fria e azul das cataratas e as profundezas escuras de madeiras.

O fogo que iluminava este cômodo era tal como não tereis visto muitas vezes numa casa particular. Era um fogo quente e brilhante que enchia um amplo fogão. Mr. Yorke gostava de um fogo assim, mesmo com o calor da época de estiagem. Ele estava sentado junto dele com um livro na mão e o cotovelo apoiado em uma pequena mesa onde ardia uma vela. Contudo, não lia; mas, sim, vigiava seus filhos. Na frente dele estava sentada uma senhora corpulenta, de fisionomia grave, a preocupação visível na fronte, essa preocupação voluntária, própria de pessoas que se julgam obrigadas a parecer sempre melancólicas. Ah! Era certo que Mrs. Yorke pertencia a esse grupo de pessoas: de manhã, à tarde e à noite estava sempre

com ar grave e taciturna. Tinha uma triste opinião sobre qualquer pessoa, em especial do sexo feminino que, em sua presença, ousava mostrar boa disposição ou um caráter jovial. Entretanto, era uma excelente esposa, mãe vigilante, tendo sem cessar os olhos nos seus filhos, e sinceramente afeiçoada ao marido. Somente, se ela pudesse, não permitiria que ele tivesse outro amigo no mundo a não ser ela. Todos os parentes dele lhe eram insuportáveis e mantinha-os a uma distância respeitosa.

Mr. Yorke e ela entendiam-se perfeitamente, embora ele fosse naturalmente sociável, hospitaleiro, pregasse a união das famílias e na sua juventude não gostava senão de mulheres espirituosas e joviais. Por qual razão a escolhera como esposa e se entenderam mutuamente, é problema bastante embaraçoso. Basta dizer que o caráter de Mr. Yorke tinha um lado sombrio, assim como tinha um alegre, e que o seu lado sombrio havia encontrado afinidade e simpatia na lúgubre natureza forte que era a da sua mulher, a qual nunca dizia uma palavra fútil ou ociosa e se julgava a perfeição em pessoa. O seu principal defeito era uma inquieta, eterna e invencível desconfiança de qualquer homem, qualquer crença, qualquer partido que se aproximasse do marido. Para qualquer lado que ela se voltasse ou olhasse, tal desconfiança erguia-se diante de seus olhos como um nevoeiro.

Podia-se supor que os filhos de tal casal não seriam vulgares e, com efeito, não eram. Eis cinco diante de vós, leitor. O mais novo estava no colo da mãe. Este ainda era todo dela. Por enquanto ela não duvidava, não desconfiava dele e nem o condenava ainda. Era dela que ele tirava a subsistência, agarrava-se a ela, amava-a acima de tudo no mundo. Ela tinha a certeza disso, porque, vivendo dela, ele não poderia ser de outra maneira. Era por isso que ela o amava.

As duas a seguir eram as jovens Rose e Jessy e, neste momento, ladeavam o pai. Rose, a mais velha das duas, com 12 anos, era, de todo o grupo, a que mais se parecia com Mr. Yorke. Contudo, era a reprodução em marfim de uma cabeça de granito: as linhas e a cor eram mais doces, pois Mr. Yorke tinha um rosto duro; o da filha, no entanto, era suave. Não era absolutamente belo, mas simples. Seus traços eram infantis, suas faces redondas e saudáveis. Quanto aos olhos cinzentos, não eram como os de uma criança. O seu brilho indicava uma alma grave, que amadurecerá se o corpo lhe der tempo, mas que, participando da essência de seu pai e de sua mãe, será um dia melhor do que uma e outra, mais forte, mais pura e mais nobre. Rose amava o pai e ele era todo bondade para com ela. Às vezes, ele temia pela vida dela, tão ardente eram as centelhas de inteligência que lhe brilhavam nos olhos e se revelavam no modo de falar.

Pela vida da pequena Jessy, contudo, ele não receava que fosse curta. Ela era tão alegre, comunicativa, esperta e mesmo original. Era impaciente se provocada, mas cheia de afeição se acariciada. Algumas vezes era tão calma, noutras violenta. Exigente, porém generosa. Não temia ninguém, nem mesmo a mãe, cuja dura e injusta severidade afrontara por vezes, mas era dedicada com aqueles que a defendiam. Jessy, com sua figurinha aliciante, sua encantadora tagarelice, maneiras atraentes, era uma criança bastante mimada pelo pai. Parecida fisicamente com a mãe, coisa singular, que diferença de fisionomias!

Mr. Yorke, se lhe fosse apresentado um espelho mágico e pudesse ver nele suas filhas, tais como elas seriam daqui a vinte anos, o que pensaria? Pois bem, esse espelho mágico, aqui o tem: vai saber seus destinos e, para começar, o do seu idolozinho, Jessy.

Conhece este lugar? Não, decerto que não, mas conhece as árvores, as folhagens, o cipreste, o salgueiro e o teixo. As cruzes de pedra também não

são desconhecidas, assim como os desbotados festões de perpétua, as guirlandas de flores eternas. Aqui estão o gramado verde e a lápide de mármore cinza, debaixo dos quais dorme Jessy. Ela viveu até um dia de abril; amou muito e foi muito amada. Ela, muitas vezes, em sua breve vida, derramou lágrimas, pois tinha dores frequentes. Contudo, sorriu mais do que chorou, alegrando a vida de quem convivia com ela. Sua morte foi tranquila e feliz nos braços de Rose, pois Rose era o seu apoio e proteção nas provações.

Agora, olhem para Rose dois anos depois daquele acontecimento. As cruzes, as guirlandas, as montanhas e os bosques lhe parecem estranhos. Este lugar é longe da Inglaterra, remotas devem ser essas margens, tão selvagens e luxuriantes. É como a solidão virgem, na qual pássaros desconhecidos esvoaçavam na orla da floresta. O rio, à beira do qual se encontra a contemplativa Rose, não é europeu. A menina quieta de Yorkshire é uma emigrante solitária em alguma região do hemisfério sul. Será que voltará um dia?

Os três filhos mais velhos da família eram todos rapazes: Matthew, Mark e Martin. Eles estavam sentados, entretidos com um jogo em um canto qualquer. Observe estas três cabeças: muito parecidas à primeira vista, contudo, diferentes se observadas por mais de um segundo e, após analisadas por um longo tempo, um contraste nítido. Cabelos escuros, olhos escuros, faces rosadas e traços delicados eram comuns ao trio. Pequenas características inglesas que todos possuíam. Todos os três tinham certa semelhança com o pai e a mãe e, ainda assim, cada qual tinha uma fisionomia distinta, marca de um caráter diferente.

Não vou dizer muito sobre Matthew, o primogênito da casa, embora fosse impossível olhar este rosto sem conjecturar as qualidades que ele escondia ou indicava. Não era rapaz de aparência vulgar: os cabelos negros,

esta fronte branca, faces coradas, olhos escuros e vivos, eram bons pontos em seu caminho. De luz e sombra parecia ser formada a sua alma. Ele tinha a moldura de um inglês, mas aparentemente não tinha a mente inglesa. Parecia um estilete italiano em uma bainha de fabricação britânica. Ele estava jogando, porém contrariado. O ar de aborrecimento era visível. Mr. Yorke observava-o e denotava no semblante do filho a insatisfação. Em voz baixa, ele pediu: – Mark e Martin, não irritem seu irmão. E era esse sempre o tom adotado pelo pai e pela mãe. Teoricamente, eles criticavam a parcialidade. Embora nenhum direito de primogenitura fosse reconhecido nessa casa, não se devia contrariar nem fazer oposição a Matthew. Os pais evitavam provocações da mesma forma que evitavam fagulhas próximas a um barril de pólvora. Conceder e conciliar eram as máximas sempre que Matthew estava em causa. Os republicanos estavam rapidamente se tornando um tirano de sua própria carne e sangue. Os descendentes mais jovens sabiam e sentiam e, no coração, se rebelavam contra a injustiça. Eles não podiam ler os motivos de seus pais, pois eles só viam a diferença do tratamento. Dentes do dragão já estavam semeados entre os jovens Yorkes, a discórdia um dia será a colheita.

Mark era um rapaz de aparência agradável. Era o que possuía os traços mais regulares da família. Ele era extremamente pacífico. Seu sorriso, porém, era astuto; ele podia dizer as coisas mais secas e mais mordentes com o tom mais calmo. Apesar de sua tranquilidade, a sua fronte inquieta anunciava temperamento e caráter fortes e fazia lembrar que as águas mais tranquilas nem sempre são as mais seguras. Além disso, ele era muito impassível e fleumático para ser feliz. A vida nunca trará muita alegria para ele. Mark perguntava-se por que as pessoas sempre estavam sorrindo e as achava tolas. A poesia nunca vai existir para ele, seja na Literatura ou na vida; suas melhores efusões vão soar como mero jargão.

Terá aversão e desprezo pelo entusiasmo. Ele nunca será jovem. O seu corpo tinha catorze anos, mas a alma trinta.

Martin, o mais novo dos três, era dono de outra natureza. Para ele a existência poderá ser breve ou longa, mas será, certamente, brilhante. Atravessará todas as ilusões da vida, sem dúvida, gozando-as e só meio iludido e, ainda assim, sobreviverá a elas. Ele não era bonito, mas feio. Não possuía a beleza de qualquer um de seus irmãos. Era simples, havia uma casca seca em cima dele, uma crisálida, e ele vai usá-la até que esteja perto dos vinte anos, então a beleza se desabrochará. Sobre esse período, ele vai usar modos grosseiros para vencer o complexo; vai precisar de gozo, instrução, e beber avidamente destas duas fontes. Contudo, a crisálida vai manter o poder de transfigurar-se em borboleta e, tal transfiguração, no devido tempo, terá seu lugar. Atualmente era um rapazote francamente ansioso por prazer, desejoso de admiração e sede de conhecimento. Que a sua sede seja satisfeita. O que vem depois, eu não sei. Martin pode ser um homem notável. Se ele vai ser ou não, o vidente é impotente para prever, pois sobre esse assunto não há visão aberta.

Olhe para o conjunto familiar Yorke. Havia nas seis jovens mentes tanto poder intelectual, originalidade, atividade e vigor de pensamento como numa dúzia de mentes acima do comum, pois eram acima da média em capacidade. Mr. Yorke sabia disso e se orgulhava de sua raça. Em Yorkshire havia outras famílias similares entre suas montanhas e planícies. Pessoas cuja natureza era peculiar, vigorosa e até mesmo estranha. Eram pessoas de sangue quente e cérebros poderosos. Era gente turbulenta no orgulho da sua força, intratável na sua energia nativa, falta de elegância, de polidez, de docilidade, porém honesta. Eram pessoas como a águia do penhasco e o cavalo das estepes.

Um toque baixo se fez ouvir na porta da sala. O barulho que os meninos faziam no jogo e o canto da pequena Jessy (Mr. Yorke era louco pela doce música escocesa e italiana e ensinara algumas das melhores à filha, com as quais ele se deleitava tomando seu uísque), eram tamanhos que por pouco ninguém ouviu o tilintar do anel na porta externa.

– Entre – convidou Mrs. Yorke, com sua voz solene, beirando a fúnebre, que sempre modulava em qualquer circunstância, mesmo que fosse para dar ordens à cozinheira que fizesse um pudim, aos filhos que pendurassem seus chapéus no vestíbulo e às meninas que pegassem nos trabalhos de costura. Robert Moore entrou.

A gravidade habitual de Mr. Moore, assim como sua sobriedade, tinha-o tornado tão recomendável a Mrs. Yorke que ela não julgava necessário intrigá-lo com seu marido. Ela ainda não descobrira nele nada que o impedisse de se casar, tampouco o via como um lobo sob a pele de cordeiro, como tinha acontecido algumas vezes com vários amigos do marido, dos quais ela excluía a sua placa de conformidade, pois parte da conduta de Mrs. Yorke, de fato, pode-se dizer assim, além de justa e até sensata, tendia para a crueldade.

– Bem, é o senhor – disse ela a Mr. Moore quando ele se aproximou estendendo-lhe a mão. – O que faz por aqui a esta hora da noite? Devia estar em casa.

– Pode um celibatário dizer que tem casa, senhora? – respondeu ele.

– Ora essa! Para mim o senhor não precisa dizer semelhante asneira. Um celibatário pode ter um lar, se quiser. Está me dizendo que a sua irmã não cuida da casa tão bem como se fosse uma esposa?

– Não é a mesma coisa – comentou Mr. Yorke, intervindo na conversa. – Hortense é uma boa moça, mas quando eu tinha a idade de

Robert, eu tinha cinco ou seis irmãs, todas tão decentes e adequadas como ela. E, como a Hesther vê, isso não me impediu de procurar uma esposa.

– Do que ele bem se arrependeu dolorosamente – acrescentou Mrs. Yorke, que, ocasionalmente, gostava de fazer uma brincadeira sobre seu matrimônio e seus filhos. – Ele se arrependeu, Robert, como pode muito bem acreditar quando olha seu castigo – ela apontou para seus filhos. – Quem iria querer aturar um bando de rapazes tão grandes e fortes como este? Não basta colocá-los no mundo, o que já é suficientemente ruim, mas tem que alimentá-los, vesti-los e estabelecê-los na vida. Meu caro, quando se sentir tentado a se casar, lembre-se dos nossos filhos e das filhas e pense duas vezes antes de dar esse salto.

– Neste momento não tenho nenhuma tentação desse gênero. Acho que não são tempos para se casar ou animar alguém a fazê-lo.

Um sentimento lúgubre deste tipo não podia deixar de ser simpático a Mrs. Yorke e garantir sua total aprovação. Ela assentiu de leve com a cabeça em sinal de aprovação e produziu um breve murmúrio de satisfação.

– Sente-se, Robert. Parece-me que pode falar tão bem sentado quanto em pé.

Logo que Mr. Moore se sentou, a pequena Jessy saltou dos joelhos de seu pai e correu para seus braços, que foram muito prontamente estendidos para recebê-la.

– Minha mãe está querendo casar você com alguém? – disse ela, bastante indignada, logo que se sentou nos joelhos de Mr. Moore. – Mas, ele é casado ou é como se fosse, pois está comprometido. No verão passado me prometeu que eu seria a sua esposa quando ele me viu pela primeira vez no meu vestido branco de faixa azul, aquele novo. Não é verdade, meu pai? (estas crianças não estavam acostumadas a dizer ‘papa’ e ‘mamã’, pois sua mãe não permitia tal coisa).

– É verdade, minha pequena. Ele prometeu e eu sou testemunha. Mas, obrigue-o a repetir agora tal promessa. Quero ver se ele vai ser falso o bastante para negar fazê-lo – brincou o anfitrião, sorrindo.

– Ele não é falso. Ele é demasiado gentil para ser falso – disse Jessy, olhando para seu apaixonado com olhos que exprimiam a mais plena confiança.

– Gentil? – exclamou Mr. Yorke. – Essa é a razão pela qual ele deve ser mesmo um canalha.

– Mas ele parece muito triste para ser falso – replicou a doce voz que se elevou por de trás da cadeira do pai. – Se ele estivesse sempre rindo, isso poderia fazer-me pensar que é do tipo que se esquece das promessas que faz, mas Mr. Moore nunca ri – disse Rose.

– O seu fanfarrão sentimental é o maior dos velhacos, Rose – comentou Mr. Yorke.

– Ele não é sentimental – contestou Rose.

Mr. Moore virou-se para ela, surpreso, e perguntou, sorrindo.

– Como você sabe que eu não sou sentimental, Rose?

– Porque eu ouvi isso de uma senhora.

– Isso está começando a ficar muito interessante! – exclamou Mr. Yorke, pegando sua cadeira e levando-a para mais perto do fogo. – Uma senhora! Isso tem um sotaque muito romântico. Devemos adivinhar quem é, Rose? Diga-me baixinho aqui para o seu pai quem é essa moça, mas não deixe que ele nos ouça.

– Rose, não se atreva a falar – interrompeu Mrs. Yorke, em sua forma habitual de matar a alegria. – Nem você, Jessy. As crianças, especialmente as meninas, devem ficar em silêncio na presença dos mais velhos.

– Por que então nos serve a língua? – perguntou Jessy, com vivacidade, ao passo que Rose se limitava a olhar para a mãe com uma

expressão que parecia dizer que ela deveria tomar essa máxima e pensar sobre isso em seu lazer. Após dois minutos de grave reflexão e silêncio sepulcral, Jessy perguntou: – E por que especialmente as meninas, mãe?

– Em primeiro lugar porque eu digo que é assim e, em segundo, porque discrição e reserva são as melhores qualidades em uma menina.

– Minha cara senhora – observou Mr. Moore – o que diz é excelente, mas não se aplica a essas crianças. Vamos! Deixe que Rose e Jessy falem comigo à vontade, ou tirará de mim o maior prazer que sinto quando venho visitá-los. Gosto de ouvi-las tagarelar. Isso me faz bem.

– Melhor nós do que se aqueles brutais rapazes estivessem aqui ao seu lado, não é? – perguntou Jessy. – A mãe mesmo diz que eles são ásperos, não é mesmo?

– Sim, queridinha, mil vezes melhor. Tenho rapazes brutais ao meu lado o dia inteiro. Chega! É mais do que suficiente para mim.

– Há muitas pessoas – continuou ela – que só gostam dos rapazes. Todos os meus tios e tias parecem pensar que seus sobrinhos são melhores do que as sobrinhas, e quando vêm aqui para jantar, é sempre com Matthew, com Mark e até com Martin que eles falam, nunca comigo ou com Rose. Mr. Moore é nosso amigo e queremos que seja sempre assim. Mas não se esqueça, Rose, ele não é muito seu amigo como ele é meu. Ele é o meu amigo particular. Lembre-se disso! – ela levantou a pequena mão num gesto de advertência.

Rose estava bastante acostumada a ser admoestada por aquela mãozinha. As suas vontades eram dobradas todos os dias pelas manias e desejos da impetuosa pequena Jessy. Ela deixava-se anular em mil coisas pela irmãzinha. Em todas as ocasiões Jessy assumia a liderança e Rose ficava silenciosamente em segundo plano privando-se, instintivamente, de seus desejos. Não é raro essas coisas acontecerem entre duas irmãs, ainda

mais quando uma é bela e a outra nem tanto. Mas, aqui, se havia alguma diferença desse gênero, era a favor de Rose. O seu rosto era mais regular do que o da picante Jessy. Esta, porém, estava destinada a possuir, ao mesmo tempo, a vivacidade da inteligência, o ardor dos sentimentos e o dom da fascinação. Rose tinha uma alma bela e generosa, uma inteligência nobre e profunda, um coração fiel como o aço, mas não tinha a ciência de encantar e atrair, por isso ela decidiu que deveria ser uma solteirona para viver com Jessy e cuidar dos seus filhos e manter a casa da irmã.

– Agora, Rose, diga-me o nome dessa senhora que negou que eu fosse sentimental – pediu Mr. Moore.

– Eu não posso. Bem, não devo.

– Ah! Você é ou não minha amiga? Então a descreva para mim. Como é ela? Onde você a viu?

– Fui com Jessy e com Kate e Susan Pearson a Whinbury, havia uma festa na casa de Mrs. Pearson. Eu estava andando a esmo pela casa e ouvi seu nome. Algumas senhoras que estavam sentadas em um canto o mencionaram.

– Não conhece nenhuma delas?

– Miss Hannah, Miss Harriet, Miss Dora e Miss Mary Sykes.

– Ótimo. Então elas falavam mal de mim, Rose?

– Alguns delas o chamaram de misantropo. Lembro-me dessa palavra. Procurei-a no dicionário quando cheguei em casa. Isso significa um homem que odeia o gênero humano.

– O que mais elas disseram?

– Miss Hannah Sykes disse que o senhor era um filhote de cachorro solene e presumido.

– Cada vez melhor! – exclamou, rindo, Mr. Yorke. – Oh, excelente! Miss Hannah é aquela dos cabelos ruivos, uma garota de espírito imbecil.

– Parece que tem inteligência suficiente para mim – disse Mr. Moore. – Um filhote de cachorro solene, de fato! Bem, Rose, siga em frente. O que mais diziam do seu amigo aqui?

– Miss Pearson disse que o senhor tinha uma boa dose de afetação e que, com seus cabelos negros e rosto pálido, tinha ar de pateta, uma espécie de macarrão sentimental.

Mr. Yorke deu uma gargalhada e dessa vez Mrs. Yorke juntou-se a ele e riu também. – Você vê quantas estimas são realizadas pelas suas costas? – disse Mr. Yorke – Mas eu acredito mesmo que Miss Pearson gostaria de fisgar você como marido. Ainda mais, velha como ela é.

– E quem a contradisse, Rose? – indagou Mr. Moore.

– Uma moça que eu não sei o nome, mas a vejo todos os domingos na igreja. Ela se senta no banco perto do púlpito. Geralmente eu tenho os olhos postos mais nela do que no meu livro de orações, por ela se parecer com o quadro que está na nossa sala de jantar: a mulher com a pomba na mão, pelo menos ela tem os olhos parecidos e o nariz também, um nariz reto, que dá ao seu rosto uma expressão de serenidade.

– E você não a conhece! – exclamou Jessy, em tom de profunda surpresa. – Ah! A Rose é assim mesmo, discreta. Mas, julgo que ela seja continuamente e completamente ignorante em algum assunto de que todo mundo já sabe. Veja bem, a pessoa em questão que vai à igreja solenemente todos os domingos e se parece com o quadro que está na nossa sala, é Miss Helstone, a sobrinha do reverendo. Lembro-me muito bem de tudo isso. Miss Helstone estava bastante irritada com Miss Anne Pearson e lhe disse: “Robert Moore não é afetado nem sentimental, você confundiu totalmente o seu caráter, ou melhor, nenhuma de vocês aqui o conhece.” Agora, quer que eu lhe diga como ela é? Eu posso dizer melhor do que a Rose como as pessoas são e como andam vestidas.

– Deixe-nos ouvi-la, então, Jessy – disse Mr. Moore, sorrindo e ajeitando-se confortavelmente na cadeira, estendendo as pernas e cruzando os braços sobre o peito.

– Ela é legal, é justa, gentil, tem um lindo pescoço muito branco, é esbelta, tem longos cachos, soltos e sedosos; é morena clara, ela fala com voz baixa e nítida; os seus movimentos não são rudes e ela está sempre vestida de seda cinza. Ela é de uma elegância perfeita: os seus vestidos, os seus sapatos e as suas luvas sempre se encaixam maravilhosamente nela. Ela é o que eu chamo de uma senhora e, quando eu for grande, é com ela que eu quero me parecer. Você gostará de mim se eu me parecer com ela? Será que, realmente, se casará comigo?

Mr. Moore acariciou os cabelos de Jessy. Por um minuto, ele pareceu querer atraí-la para mais perto de si, mas, em vez disso, afastou-a um pouco.

– Oh! Não me quer? Você está me empurrando.

– Você não se importa comigo, Jessy. Nunca foi me visitar em Hollow – desconversou Mr. Moore.

– Porque nunca me convidou. Por isso eu não fui.

Posto isto, Mr. Moore convidou as duas meninas a lhe fazerem uma visita no dia seguinte, prometendo, como tinha que ir pela manhã a Stilbro, comprar um presente para cada uma delas, que não lhes declarou o que seria para terem o prazer da surpresa. Jessy estava prestes a responder, quando um dos meninos inesperadamente interrompeu:

– Conheço essa Miss Helstone de que tanto falam. Ela é uma garota feia. Eu a detesto. Aliás, odeio todas as fêmeas. Gostaria de saber para que servem elas.

– Martin! – disse-lhe o pai, pois fora Martin que acabara de falar assim e que olhava para o pai com seu ar cínico, meio travesso e meio

zangado.

– Martin, meu rapaz, por enquanto você não passa de um filhote arrogante, nada mais. Mas um dia será um grande homem, não terá mais esses sentimentos nem se lembrará mais dessas palavras tolas. Aliás, vou anotá-las no meu livro de bolso para lembrá-lo mais tarde (e deliberadamente começou a escrever em um pequeno livro marrom encadernado). Daqui a dez anos, Martin, se nós dois estivermos vivos, eu vou lembrá-lo do que acabou de dizer.

– Direi então a mesma coisa: detestarei sempre as mulheres. Não passam de bonecas que não pensam senão em se enfeitarem para serem admiradas. Nunca me casarei. Quero ficar solteiro.

– Persevera, persevera, meu filho! Hesther – dirigindo-se à esposa – eu era como ele quando tinha a mesma idade, um furioso e um misógino. Pois bem, quando tinha vinte e três anos, viajando pela França, Itália e Deus sabe mais por onde, eu enrolava meus cabelos com papelotes todas as noites antes de ir para a cama; usava uma argola nas orelhas e seria capaz de usar uma até no meu nariz se tivesse sido a moda na época. Enfim, fazia tudo o que era necessário para agradar às mulheres. Martin vai fazer o mesmo que eu.

– Nunca! Tenho mais senso do que isso! Que criançola o senhor foi, meu pai! Quanto ao vestuário, lhes prometo e pode anotar nesse seu livreto: nunca me vestirei mais elegantemente do que estou agora. Visto-me de azul dos pés à cabeça, e eles riem de mim na escola, chamam-me de marinheiro. Eu rio ainda mais alto do que eles e digo-lhes que eles se parecem com as araras e papagaios, com seus casacos de uma cor, o colete de outra e as calças duma terceira. Vou usar sempre tecido azul e nada mais do que azul. É abaixar demais a dignidade de um ser humano se vestir como um pavão.

– Daqui a dez anos, Martin, nenhuma loja de alfaiate terá cores variadas para o seu exigente gosto e nenhuma perfumaria terá essências suficientemente requintadas para os seus exigentes sentidos – disse-lhe o pai.

Martin conservou seu olhar de desdém, mas não deu nenhuma resposta. Mark, que se ocupava em desarrumar uma pilha de livros colocados em cima da mesa, tomou a palavra. Ele falou em uma voz peculiar, lenta, com uma expressão irônica na face, difícil de descrever.

– Mr. Moore – disse ele – acha que talvez tenha sido um elogio da parte de Miss Caroline Helstone ao dizer que ele não era sentimental. Parece-me que o senhor ficou perturbado quando minhas irmãs pronunciaram tais palavras, como se visse nelas alguma lisonja. Talvez não saiba, mas observei que corou como um rapaz vaidoso da nossa escola, que sempre fica vermelho como um tomate quando ele recebe uma boa nota na classe. Para seu benefício, Mr. Moore, eu estive procurando o significado da palavra ‘sentimental’ no dicionário, e achei o que ela quer dizer: ‘cheio de sentimento’. No exame adicional da palavra, sentimental é aquele que possui pensamentos, ideias e noções. Um homem não sentimental, então, é aquele que é incapaz de pensamentos, ideias e noções, isto é, é destituído de tais coisas – o rapaz fez uma pausa. Não sorriu, não voltou os olhos nem para a direita nem para a esquerda à espera de alguma admiração. Ele disse o que quis dizer e ficou em silêncio.

– Na verdade, meu amigo – observou Mr. Moore para Mr. Yorke – seus filhos são terríveis.

Rose, que tinha escutado com atenção o discurso do irmão, respondeu-lhe: – Há diferentes tipos de pensamentos, ideias e noções – disse ela – os bons e os maus. A palavra ‘sentimental’ deve se referir aos

maus, ou Miss Helstone a tomou nesse sentido, pois ela defendia Mr. Moore e não o acusava.

– Vejam a minha amável defensora – gracejou Mr. Moore, tomando a mão de Rose.

– Miss Caroline Helstone o defendia – repetiu Rose – assim como eu o teria feito em seu lugar, porque as outras senhoras pareciam falar com maldade.

– Senhoras sempre falam com desdém – observou Martin. – É da natureza delas a maldade – completou.

Matthew, nessa altura, abriu a boca pela primeira vez: – Que idiota você é, Martin! Está sempre tagarelando sobre o que não entende.

– É o meu privilégio de homem livre, falar sobre qualquer assunto que eu gosto – respondeu Martin.

– Você o usa, ou melhor, abusa desse ‘privilégio’ – voltou o irmão mais velho. – Você apenas prova com isso que deveria ter sido um escravo.

– Escravo! Um escravo! Isso para um Yorke e dito por um Yorke! Este rapaz se esquece do que nem um rendeiro de Briarfield ignora: que todos os do nosso sangue têm aquele pé arqueado, sob o qual a água pode passar, prova de que não houve um escravo de tal estirpe há mais de três séculos.

– Charlatão! – replicou-lhe desdenhosamente Matthew.

– Rapazes, silêncio! – exclamou Mr. Yorke. – Martin, você é um desordeiro. Foi você quem iniciou essa bagunça.

– Tem certeza de que está correto? Eu comecei? Foi Matthew. Lembro-me de que eu não tinha lhe dito nada quando ele me acusou de tagarela e idiota.

– Um tolo presunçoso! – repetiu Matthew.

Aqui Mrs. Yorke começou a se agitar, movimento de mau agouro, porque muitas vezes, sobretudo quando Matthew estava envolvido em conflitos, era seguido de uma crise de histeria.

– Não vejo por que eu deveria suportar a insolência de Matthew Yorke, nem que direito ele tem de usar tal linguagem contra mim – observou Martin.

– Ele não tem direito nenhum, meu rapaz, mas perdoe o seu irmão até setenta vezes sete – disse Mr. Yorke, suavemente.

– Sempre a mesma coisa, sempre a teoria opondo-se à prática! – murmurou Martin, saindo da sala.

– Aonde vai, meu filho? – perguntou o pai.

– Para qualquer lugar onde não esteja sujeito a insultos, já que não posso encontrar semelhante lugar nesta casa.

Matthew ria com insolência. Martin lançou-lhe um olhar estranho, todo o seu corpo de criança tremia, porém, conteve-se.

– Acho que não há nenhuma objeção à minha retirada – continuou ele.

– Não. Vá, meu rapaz, mas não lhe guarde rancor – disse-lhe o pai e Martin se foi, e Matthew soltou de novo outra risada insolente. Rose, erguendo sua linda cabeça do ombro de Mr. Moore, sobre o qual tinha apoiado por um momento, disse, dirigindo um olhar firme para Matthew:

– Martin está triste e você está feliz, mas eu preferiria ser o Martin a você. Eu não gosto do seu caráter.

Neste momento, Mr. Moore, para evitar, ou, pelo menos, para escapar de uma cena que o soluço de Mrs. Yorke anunciava, levantou-se e, colocando Jessy no chão, beijou-a, assim como a Rose, e recomendou-lhes que não se esquecessem de ir a Hollow no dia seguinte à tarde. Depois de se despedir da dona da casa, disse a Mr. Yorke que desejava lhe falar em

particular e saiu, seguido do anfitrião. No vestíbulo travou-se o seguinte diálogo:

– Tem trabalho para um excelente trabalhador? – perguntou Mr. Moore.

– Que pergunta absurda nestes tempos, quando você sabe que cada patrão tem muitos bons operários desocupados.

– Preciso que me faça um favor de dar trabalho a um homem, isto é, se possível.

– Meu rapaz, não posso contratar mais nenhum operário, nem que fosse para fazer favor a toda a Inglaterra.

– Seja como for, eu tenho que lhe arranjar um trabalho qualquer.

– Quem é ele?

– William Farren.

– Conheço o William. É um homem absolutamente honesto.

– Há três meses que está sem trabalho e tem uma família numerosa. Sei que não pode continuar vivendo sem salário. Ele fazia parte da delegação de operários que foi à minha fábrica essa manhã para reclamar e ameaçar. William não me ameaçou. Ele só me pediu que lhes concedesse mais um tempo e realizasse minhas reformas mais lentamente. Você sabe que eu não posso fazer isso. Empurrado de todos os lados como estou, não tenho outro recurso senão ir pra frente. Julguei que não devia parlamentar com eles. Enviei-os, depois de mandar prender um patife que estava entre eles, a quem espero fazer deportar, um sujeito que, às vezes, prega na capela lá embaixo.

– Não é o Moisés Barraclough?

– Sim.

– Ah! Você mandou prendê-lo? Bom! De um canalha você vai fazer um mártir. Que coisa sábia você fez!

– Fiz uma coisa justa. Bem, em resumo, estou determinado a conseguir um lugar para Farren e conto com você para lhe dar esse lugar.

– Isso é legal! – exclamou Mr. Yorke. – E que direito você tem de contar comigo para fornecer trabalho para os operários que você despede? O que eu sei sobre os seus Farrens e os seus Williams? Ouvi dizer que ele é um homem honesto, mas terei a obrigação de ajudar todos os homens honestos de Yorkshire? Poderá dizer que o encargo não seria enorme? Grande ou pequeno, eu não o quero.

– Vá, Mr. Yorke. Que ocupação lhe poderia dar?

– Acho que você vai me fazer usar uma linguagem com a qual eu não estou acostumado. Gostaria que você fosse para casa, a porta de saída é aquela.

Mr. Moore sentou-se em uma das cadeiras do vestíbulo.

– Tudo bem, não pode arrumar um trabalho para ele em sua fábrica, mas como possui terras, pode arranjar qualquer ocupação nas suas propriedades, Mr. Yorke.

– Rob, eu pensei que você não se importasse em nada com estes estúpidos aldeões. Eu não entendo essa mudança.

– Esse homem não me disse senão coisas justas e sensatas. Respondi-lhe tão rudemente quanto aos outros. Eu não podia fazer distinções naquele momento. Mas, a sua aparência me dizia, claramente, o que ele havia passado recentemente, muito mais do que suas palavras; mas para que tantas explicações? Dê-lhe o trabalho e pronto.

– Por que você mesmo não o emprega já que tem tanto empenho nisso?

– Se eu pudesse, o faria, mas recebi esta manhã cartas que me diziam claramente o ponto em que estou; e não estou longe do final da prancha. O meu mercado externo está completamente fechado. Se não acontecer uma

mudança, se não aparecerem indícios de paz, não sei para que lado vou virar. De maneira que, pela minha parte, pretender assegurar a subsistência de alguém seria tornar-me culpado de um ato desonesto.

– Venha, vamos dar uma volta na frente da casa. Está uma bela noite – convidou Mr. Yorke.

Saíram fechando a porta da frente depois deles e puseram-se a percorrer a estrada de um lado para outro.

– Vejamos. Decida qualquer coisa a respeito de Farren de uma só vez – insistiu Mr. Moore. – Você tem um grande pomar e um jardim junto à sua fábrica; como ele é um bom jardineiro, empregue-o lá.

– Está bem, então que seja assim. Mandarei chamá-lo amanhã e vamos ver. E agora outra coisa, meu rapaz. Você está preocupado com o estado dos seus negócios?

– Sim. Uma segunda falência está em iminência e eu não posso adiá-la, isto é, neste momento, não vejo maneira para evitá-la. Desonraria completamente os nomes dos Moore e o senhor está ciente de que eu tinha a intenção de pagar todas as dívidas e de reconstituir a antiga empresa em sua base anterior.

– Falta-lhe capital, nada mais.

– Sim, mas poderia muito bem dizer que a respiração é tudo que falta a um homem morto para ele viver.

– Eu sei. Eu sei que não basta pedir o capital para obtê-lo. E se você fosse um homem casado, se tivesse uma família, como eu, julgaria o seu caso quase desesperado, mas o jovem livre tem outras probabilidades. Ouço falar, de tempos em tempos, do seu casamento com a menina tal e tal. Mas, suponho que não exista nenhuma verdade em nenhuma dessas fofocas. Não é?

– Nenhuma. Não estou em posição de me casar, Mr. Yorke. Soa tão bobo e até utópico.

– Se eu fosse você, pensaria no assunto. Deveria encontrar uma esposa com alguns milhares de libras.

– Eu me pergunto onde? – brincou Mr. Moore.

– Será que você teria coragem de se casar com uma velhota rica?

– Acho que não. Bem, eu já não sei de mais nada com tanta gente dependendo de mim para sobreviver. Isso depende, em suma, depende de muitas coisas. Mas, pensando bem, prefiro quebrar pedras na estrada.

Mr. Yorke soltou uma gargalhada e concordou com ele que seria melhor britar pedras.

– Então, desposaria uma feia?

– Ora! Odeio a feiura, e a beleza encanta meus olhos e meu coração como a qualquer pessoa, Mr. Yorke! Alegro-me em contemplar um rosto jovem, meigo e belo, assim como qualquer um se sente repelido por um rosto sinistro, robusto e enrugado. Você também não iria querer uma esposa feia.

– Mesmo se ela fosse rica? – Mr. Yorke insistiu.

– Fosse ela coberta de pérolas. Eu não poderia amá-la, não suportaria olhar para ela e saber que a tinha desposado por dinheiro. Eu não suportaria. Meu gosto deve ser satisfeito ou o desgosto transformar-me-ia em um déspota, ou, o que seria pior, numa frieza glacial.

– Então! Entendi. E se você se casasse com uma moça honesta, de boa índole e rica, apesar de um pouco desfavorecida de carne. Não poderia esquecer um pouco as faces ossudas, a boca um pouco grande e os cabelos avermelhados?

– Nunca vou tentar, eu lhe digo. Quero pelo menos a graça, a juventude e a harmonia. Sim, é o que eu chamo de beleza.

– Você quer saber é da pobreza, da falência, desistiu da luta ao longo da vida.

– Deixe-me sozinho, Mr. Yorke.

– Sim. Você é um romântico, Robert Moore! Sobretudo se já está apaixonado, é inútil lhe falar sobre isso.

– Eu não sou romântico e o meu coração está tão livre de ser romanesco como aquele varal está vazio de lençóis.

– Sempre se servindo de figuras de linguagem, meu rapaz, mas posso entendê-las. Bem, se não é o amor que lhe obscurece o juízo, o que é então?

– Pensei que tinha dito o suficiente sobre esse assunto. O amor para mim é uma ninharia.

– Muito bem, então. Se não é o mal do coração apaixonado e se sua cabeça está no lugar, não há motivo para não aproveitar caso surja uma oportunidade. Espere e verá.

– Fala como um oráculo, Mr. Yorke.

– Oráculo? Eu? Não! E no mais não tenho interesse algum nisso. Você não é meu parente e, se encontrar ou perder sua fortuna, para mim é a mesma coisa. Prometo não mais o aconselhar em nada. Agora volte para sua casa, pois Miss Hortense deve estar preocupada. Já são dez horas. Ah! Deixe seu coração ser guiado pelas circunstâncias.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO X

OceanofPDF.com

As Solteironas

A primavera chegava ao seu auge e a superfície da Inglaterra começava a se tornar agradável. Os campos e as montanhas estavam verdes e os jardins floresciam, mas, no fundo, a alma inglesa não estava nada melhor: os pobres continuavam miseráveis e infelizes; os que serviam na guerra estavam cansados; os empregadores, perseguidos; o comércio, paralisado, e a guerra continuava derramando mais sangue do que toda a riqueza acumulada na Inglaterra até então.

Algumas notícias ocasionalmente falavam de sucessos na Península, mas estas chegavam lentamente. Eram separadas por longos intervalos entre os quais só se ouviam as insolentes felicitações de Bonaparte sobre seus triunfos contínuos. Aqueles que sofriam por causa da guerra achavam insuportável essa luta contra um poder que os seus temores ou os seus interesses lhes faziam supor invencível. Eles exigiam a paz em todos os termos. Homens como Mr. Yorke e Mr. Moore existiam aos milhares, colocados pela guerra à beira da falência e que insistiam na paz com a energia do desespero. Eles realizavam reuniões, faziam discursos e encabeçavam petições para conseguirem esse benefício, não importava para eles a que termo fosse, mas queriam o fim da guerra.

Todos os homens, tomados isoladamente, são mais ou menos egoístas, mas em massa, são mais intensos ainda. O comerciante britânico não era exceção à regra, confirmava isso de uma maneira impressionante. Era um fato que essas classes mercantis pensavam com demasiado exclusivismo em ganhar dinheiro, pois se esqueciam de qualquer consideração nacional, exceto a de estender o comércio de seu país, ou antes, o seu próprio. Os sentimentos cavalheirescos, o desinteresse e o

orgulho da honra nacional estavam verdadeiramente mortos nos seus corações.

Já disse que Mr. Moore não era um patriota abnegado e disposto a se sacrificar. Também já relatei as circunstâncias que o levaram a concentrar seus esforços para promoção do seu interesse pessoal e, consequentemente, quando se sentiu pela segunda vez à beira da ruína, ninguém lutou com mais rigor contra as influências que o teriam empurrado para ela. Ele fez de tudo o que poderia fazer para fomentar a agitação do Norte contra a guerra, e fez ainda agir outros que, pelo seu dinheiro e pelas suas relações, tinham mais poder do que ele. Às vezes, por flashes, sentia que havia pouca razão nos pedidos que o seu partido dirigia ao governo.

Quando chegavam, de tempos em tempos, as notícias de toda a Europa ameaçada por Bonaparte, uma ameaça lenta, porém perseverante, e lia os telegramas do lorde Wellington nas colunas dos jornais, Mr. Moore confessava que do lado das tropas da Grã-Bretanha se encontrava um poder genuíno, sem ostentação, que no fim lhe daria a vitória. Mas isso ainda estava longe e ele, como indivíduo, seria esmagado e suas esperanças reduzidas a pó. Era ele mesmo que teria que agir, perseguir suas esperanças e cumprir o seu destino.

Cumpriu tão vigorosamente que, dentro de pouco tempo, veio uma ruptura decisiva com seu velho amigo Tory, o reitor. Eles se desentenderam em uma reunião pública e depois trocaram algumas cartas pungentes nos jornais. Mr. Helstone denunciou Mr. Moore como jacobino, deixou de vê-lo e nunca mais lhe falou. Ele intimou até sua sobrinha, muito claramente, que suas comunicações com a *cottage* de Hollow estavam cortadas, suspensas até mesmo as aulas de francês.

Mr. Helstone se perguntava quem teria sido o cretino que trouxera a moda de se ensinar francês às mulheres inglesas, pois nada lhes poderia ser

menos conveniente. Era como alimentar uma criança raquítica com mingau de giz e água. Sua sobrinha, Caroline, portanto, deveria renunciar a ver o primo e a prima que, na opinião dele, eram pessoas perigosas.

Mr. Helstone esperava encontrar oposição a essa ordem, ele esperava lágrimas e muitas falas. Raramente ele se incomodava com a vida de Miss Caroline, mas tinha uma vaga noção de que ela sentia prazer em ir a Hollow; ele também suspeitava que a presença ocasional de Robert Moore na igreja não lhe era desagradável. O velhaco percebera também que, se Mr. Malone entrava em cena e se mostrava sociável e charmoso, enquanto brincava com as orelhas do gato preto, Miss Caroline logo dava um jeito de desaparecer, sem fazer barulho, enfiando-se no andar superior, de onde só saía quando chamada para a ceia. Já quando Robert Moore estava presente, embora ele não brincasse com o gato, ela sentava-se à sala e tinha um prazer especial em costurar bugigangas para a corbelha dos judeus ou almofadas de tricô para os missionários.

Miss Helstone sempre se mantinha muito tranquila, embora Robert Moore lhe desse pouca atenção, quase nunca lhe falasse. Contudo, Mr. Helstone, não sendo um daqueles idosos que facilmente se iludem, muito pelo contrário, tinha-os observado por diversas vezes enquanto se cumprimentavam. Tinha notado, em especial, em um desses encontros, um olhar diferente. Não era de modo algum um olhar de mútua inteligência. Os olhos de Mr. Moore, quando encontraram os de Miss Caroline, acharam-nos limpos e meigos, e os olhos de Miss Caroline ao encontrarem os de Mr. Moore se sentiram impressionados pela sua expressão viril e penetrante. O reitor sentiu vontade de repreender ambos. Isso o irritava, mas por quê? Impossível sabê-lo. Mr. Moore sorriu levemente e Miss Caroline corou ligeiramente. Se tivesse perguntado a ele o que Mr. Moore merecia naquele momento, ele teria dito “um chicote”; se tivesse perguntado o que Miss

Caroline merecia, ele teria citado um cruel castigo contra aquele flerte de amor, e prometeu a si mesmo que tal loucura não aconteceria sob seu teto.

Essas considerações particulares, combinadas com razões políticas, fixaram sua resolução de separar os primos. Ele a anunciou numa tarde em que Miss Helstone estava sentada, trabalhando em sua costura, próxima à janela da sala. O rosto de Miss Caroline, que se voltou para ele, estava em plena luz. Alguns minutos antes, até Mr. Helstone teria ficado impressionado de vê-la tão pálida e mais abatida do que de costume. Ele também notou que, há três semanas, o nome de Robert Moore não fora pronunciado por seus lábios, e percebeu também que ele não aparecera no presbitério nesse espaço de tempo. Algumas suspeitas de encontros clandestinos tinham assombrado sua mente e, como tinha má opinião das mulheres, sempre duvidava delas. Ele pensava que era preciso vigilância constante.

Foi num tom seco e significativo que ele lhe comunicou o seu desejo de que cessassem as visitas diárias a Hollow.

– Ouviu o que eu disse, Caroline? – ele esperava um olhar de depreciação, mas o que viu foi um aceno muito leve com a cabeça, sem olhar.

– Sim, tio.

– E vai fazer o que eu lhe mando?

– Sim, com certeza.

– E não haverá troca de cartas entre você e sua prima Hortense. Nenhuma relação, quaisquer que sejam. Não aprovo os princípios daquela família. Eles são jacobinos.

– Muito bem, tio – disse Miss Caroline, em voz baixa.

Ela consentia, portanto. Não houve polêmica, o seu rosto não se ruborizou de despeito, as lágrimas não lhe obscureceram a vista. A

expressão sombria e pensativa que cobria os seus traços antes que Mr. Helstone lhe tivesse dirigido a palavra permaneceu imperturbável. Miss Helstone era obediente. Sim, perfeitamente obediente porque a ordem do tio coincidia com os seus próprios pensamentos, porque era agora uma dor para ela ir a Hollow, onde só encontrava o desapontamento. Esperança e amor tinham deixado a *cottage* e Robert Moore parecia ter desertado daquela moradia. Antes, sempre que ela perguntava por ele, o que era muito raramente, pois a simples menção do seu nome fazia seu rosto ficar quente, a resposta era que ele não estava em casa, ou estava muito ocupado com os negócios. Miss Hortense temia que a prima estivesse se matando por aplicação ao estudo, tamanho o abatimento. Ele quase nunca participava de uma refeição na sua própria casa, vivia no escritório.

Era somente na igreja que Miss Caroline tinha a chance de vê-lo, e lá, raramente levantava os olhos para ele. Era, ao mesmo tempo, grande a dor e demasiado o prazer que sentia ao olhá-lo, pois compreendera que era uma emoção desperdiçada.

Uma vez, em um sombrio e úmido domingo, quando havia poucas pessoas na igreja e, em especial, a ausência de certas senhoras as quais ela temia seus olhos e a língua, Miss Caroline permitiu que seus olhos errassem na direção do banco de Mr. Moore para descansar algum tempo em seu ocupante. Viu que Miss Hortense tinha ficado prudentemente em casa por causa da chuva e com receio de estragar seu chapéu novo. Durante o sermão, Mr. Moore conservou-se de braços cruzados e olhos baixos, parecendo muito triste e absorto. Tendo examinado a expressão sombria dele, Miss Caroline compreendeu instintivamente que os seus pensamentos não seguiam um curso alegre e agradável. O seu espírito estava certamente dominado por interesses, por responsabilidades em que ela não podia tomar parte.

Ela, contudo, meditava em sua própria maneira sobre o assunto, especulou sobre seus sentimentos, sobre sua vida, sobre seus medos, sobre o seu destino; meditou sobre os sentimentos de Mr. Moore, queria sentir como ele, suas perplexidades, obrigações, seus deveres, e esforçou-se para perceber o estado de espírito de um homem de negócios, sentir o que ele sentia, aspirar o que ele aspirava. Seu sincero desejo era ver as coisas como elas eram, e não como uma romântica. À custa de muito esforço perseverante, conseguiu obter um vislumbre da luz da verdade, aqui e ali, e esperava que esse raio escasso pudesse ser suficiente para guiá-la.

"O estado mental de Robert é muito diferente do meu", concluiu, por fim. "Eu não penso senão nele, e não tenho nenhum lugar em seu espírito. Ele não tem tempo para pensar em mim. Não tem sequer um olhar. Coisa cruel! Em sua mente não há espaço para lazer. O sentimento chamado amor tem sido há dois anos a emoção predominante no meu coração, sempre lá, sempre acordado. Ele está se levantando agora, vai sair da igreja. Será que ele vai virar a cabeça para este banco? Foi-se embora. Um olhar terno de sua parte ter-me-ia tornado feliz até amanhã de manhã. Esse olhar não quis ele conceder-me. É estranho que a dor quase me sufoque pelo olhar de um ser humano não ter encontrado o meu."

Mr. Malone tinha vindo como de costume passar a noite de domingo com seu tio e, como de costume nessas ocasiões, Miss Caroline retirou-se depois do chá para seu quarto. Fanny, sabendo de seus hábitos, tinha-lhe acendido um fogo delicioso, pois o tempo estava tempestuoso e frio. Fechada ali, silenciosa e solitária, o que ela poderia fazer senão ficar absorta em seus pensamentos? Sem fazer ruído, percorria de um extremo ao outro o tapete do quarto com a cabeça inclinada e as mãos cruzadas. Reinava na casa o mais completo silêncio, pois a porta dupla do gabinete abafava os ruídos das vozes dos senhores. Os criados estavam quietos na

cozinha envolvidos com livros que sua jovem senhora lhes havia emprestado. Ela mesma tinha um livro aberto sobre a mesa, mas não conseguia ler, pois sua própria mente estava muito ocupada, cheia, errante para ouvir a linguagem de outra mente.

A sua imaginação alimentava-se das mais encantadoras imagens: cenas em que ela e o primo tinham estado juntos, esboços de um canto próximo à lareira no inverno; uma radiosa paisagem numa tarde quente de verão passada com ele nos bosques de Nunnely; vinhetas divinas da primavera ou suaves momentos do outono quando ela se sentou ao seu lado em Hollow. Via-se diante dela Robert Moore, o som da sua voz que tanto a impressionava, sentia de novo as suas raras carícias. Porém, em breve, a realidade substituiu aquele devaneio. As imagens desvaneceram-se, a voz calou-se, o aperto de mão tornou-se glacial; em vez da companhia do vigoroso cavalheiro, achou-se só em presença da sua própria silhueta refletida na parede. Afastando-se daquele pálido fantasma, que reproduzia a sua atitude sonhadora e abatida, sentou-se e disse para si mesma: “Viverei, talvez, até os setenta anos, pois tenho uma boa saúde. Pode ainda estar reservado para mim, pelo menos, mais meio século de existência. Como hei de ocupá-lo? Que farei para encher o intervalo que me separa do túmulo?”

Ela refletiu.

“Não me casarei, parece”, ela continuou depois de uma pausa. “Suponho que, como Robert não se importa comigo, eu nunca terei um marido para amar, nem filhos pequenos para cuidar. Até recentemente eu tinha contado com os deveres e as afeições de esposa e de mãe para ocupar minha existência. Parecia que este era o meu destino, como se fosse uma coisa natural e comum, e nunca me dei ao trabalho de procurar qualquer outro; mas agora eu percebo, claramente, que eu posso ter me confundido. Provavelmente serei uma solteirona. Viverei para ver Robert casado com

outra pessoa, uma moça rica. Nunca me casarei. Pergunto-me: Para que eu nasci? Onde será o meu lugar neste mundo?”

“Ah! Já vejo”, prosseguiu ela depois de mais um momento de reflexão, “é a pergunta que fazem as moças solteiras e que os outros respondem por elas, dizendo: ‘o seu destino é fazer o bem para os outros, é ser útil a alguém necessitado’. Isso é justo até certo ponto. É uma doutrina muito conveniente para as pessoas que a professam, mas noto que certas pessoas se convencem de que se deve desistir de suas vidas por elas, a seu serviço e lhes retribuem com elogios, chamando-as de dedicadas e virtuosas. Será o suficiente? Será isso viver? Eu suspeito que a virtude resida na abnegação de si mesmo. Bem, pelo menos a vida é curta. Setenta anos passam como um vapor, como um sonho. Os atalhos que trilham os pés humanos terminam no mesmo fim, no túmulo.”

O fogo lançava seu último clarão. Mr. Malone já tinha partido e o sino tocou para as orações da noite.

O dia seguinte Miss Caroline teve que passar completamente sozinha. O tio foi jantar com seu amigo Mr. Boultby, vigário de Whinbury. Ela passou o tempo todo mergulhada nos mesmos pensamentos, olhando o futuro e se perguntando o que ela ia fazer da vida. Fanny, indo e vindo, percebeu que sua jovem ama estava quieta demais. Estava sempre no mesmo lugar, sempre inclinada diligentemente sobre um pedaço de pano. Ela não levantou uma única vez a cabeça para falar com Fanny como era seu costume e, quando esta comentou que o dia estava bom, e que ela deveria dar um passeio, ela apenas respondeu: – Está frio.

– Está muito aplicada hoje à costura, Miss Caroline – continuou Fanny, aproximando-se da mesinha.

– Estou cansada disso, Fanny.

– Então por que não deixa isso aí? Leia ou faça alguma coisa para diverti-la.

– Esta casa é solitária, Fanny. Você não acha?

– Para mim, não é. Eliza e eu fazemos companhia uma para a outra, mas a miss vive em casa. Deveria fazer algumas visitas. Ah, vá. Deixe-me persuadi-la. Suba ao seu quarto, faça-se linda e vá tomar um chá amigável com Miss Mann ou Miss Ainley. Estou certa de que tanto uma como a outra ficaria encantada de ver você.

– Mas as suas casas são tristes, ambas são solteironas. Estou certa de que todas as mulheres que ficam solteiras são infelizes.

– Não! Mas não é mesmo, Miss Caroline! Elas não podem ser infelizes, pois tratam-na tão bem; elas são unicamente egoístas.

– Miss Ainley não é egoísta, Fanny! Ela está sempre fazendo o bem. Como ela foi boa e dedicada para com a sua madrasta até os seus últimos dias de vida. Não se lembra? E agora, como ela é sozinha no mundo, sem irmão ou irmã, como ela é caridosa para com os pobres!

– Acredito que ela é uma boa mulher, miss.

– Vou vê-la! – exclamou Miss Caroline, erguendo-se com animação. – E se ela me convidar para o chá, eu ficarei. É um malfeito negligenciar as pessoas porque elas não são bonitas, jovens e alegres! E, certamente, vou visitar Miss Mann também. Ela pode não ser amável, mas que vida ela teve!

Fanny ajudou Miss Helstone a pôr de lado o seu trabalho e depois a ajudou a se vestir.

– Miss Caroline é que não ficará solteira! – disse ela, enquanto amarrava o cinto do seu vestido de seda marrom, tendo anteriormente encaracolado seus cabelos sedosos, cheios e brilhantes. – Não há sinais de uma solteirona na miss – complementou Fanny.

Miss Helstone olhou-se no pequeno espelho que tinha à sua frente e julgou notar sinais contrários. Viu que no último mês se dera em seu rosto uma grande alteração. Estava mais pálida, e em volta dos olhos, agora melancólicos e sem brilho, estava uma sombra escura; seu semblante estava desanimado, ela não era, em suma, tão bonita ou tão fresca como ela costumava ser. Ela deu a entender isso a Fanny, de quem ela não obteve resposta direta, apenas uma observação de que as pessoas variam em sua aparência e que ela logo voltaria a ser mais rosada do que nunca. Tendo dado essa garantia, Fanny mostrou um zelo singular envolvendo-a em xales e lenços, até que Miss Helstone, vendo-se quase sufocada com o peso, viu-se forçada a resistir a mais adições.

A moça foi primeiro visitar Miss Mann, pois esse era o ponto mais difícil. Miss Mann certamente não era uma pessoa muito amável. Miss Helstone sempre, sem hesitação, havia declarado que não gostava dela e mais de uma vez se juntou ao seu primo para rir de alguma de suas peculiaridades. Mr. Moore não era dado ao sarcasmo, especialmente se o alvo fosse mais humilde ou mais fraco do que ele, mas tinha acontecido de Miss Helstone, uma ou duas vezes, estar com Miss Hortense quando Miss Mann foi chamá-la e, depois de ouvir a conversa e visualizar suas características, ela tinha ido para o jardim onde Mr. Moore estava cuidando de algumas de suas flores preferidas, e ao estar perto e vê-la, ele se divertiu com a comparação entre as duas e riu do timbre da voz de Miss Mann, o qual chamou de “voz de órgão”. Miss Helstone logo se colocou em defesa da outra: “Miss Mann não fez a si mesma ou sintonizou a sua voz, Robert”. Este se desculpou com a frase: “A natureza faz as urzes e os espinhos.”

****

Conduzida à saleta de Miss Mann, Miss Helstone encontrou-a, como sempre, cercada pela elegância, limpeza e conforto (afinal, não é uma virtude das solteironas que a solidão raramente lhes dê hábitos de negligência ou desleixo). Não havia o menor vestígio de poeira em seu mobiliário polido, nem nos tapetes. Em um vaso sobre a mesa, flores frescas, e um fogo brilhante na lareira. A dona da casa estava sentada numa cadeira de balanço acolchoada e tinha as mãos ocupadas com algum tricô. Ela fazia meias. Este era seu trabalho favorito, pois era necessário o mínimo de esforço. Ela mal se levantou quando Miss Caroline entrou. Evitar a excitação era um dos objetivos de Miss Mann na vida. Desde que viera para baixo de manhã, esforçou-se para atingir certo estado letárgico de tranquilidade e, quando tinha chegado a esse estado, chegou uma visitante que a fez estremecer, desfazendo todo o trabalho de seu dia. Ela praticamente não ficou satisfeita ao ver Miss Helstone. Ela a recebeu com reservas, ordenou-lhe com austeridade que se sentasse. A moça se sentou diante dela e Miss Mann olhou-a fixamente.

Ser olhada fixamente por Miss Mann não era coisa vulgar, pois a mulher tinha olhos formidáveis. Mr. Moore tinha sofrido esse olhar uma vez e nunca tinha esquecido a circunstância. Ele o considerou igual a qualquer coisa parecida com uma Medusa. O olhar teve tal efeito sobre ele que, em vez de levá-lo imediatamente do local onde estava para casa, tinha-o levado até a reitoria, onde ele tinha aparecido na presença de Miss Caroline com uma cara muito estranha, assombrada, exigindo uma saudação dos primos para corrigir um dano que fora feito nele.

Certamente Miss Mann tinha olhos formidáveis para uma pessoa do sexo frágil. Eram destacados e mostravam uma grande quantidade de branco, pareciam quase tão fixos e imóveis como se fossem bolas de aço incrustadas em uma cabeça e, quando esses olhos pesavam sobre as

pessoas, ela começava a falar em um tom indescritivelmente seco, monótono, sem vibração ou inflexões, dir-se-ia que era algum espírito mau. Mas, era tudo uma invenção da imaginação. Miss Mann era uma pessoa honesta e consciente de que tinha exercido funções no decurso de sua vida, deveres que teriam aterrado mais do que uma pessoa na grave angústia. Agora, tenho que destacar, o seu maior defeito era a maledicência.

Maledicente, ela certamente era. Miss Helstone não estava ali há mais de cinco minutos e sua anfitriã, que ainda a mantinha sob o feitiço do seu terrível olhar de Górgona, começou a esfolar vivas algumas famílias da vizinhança. Sem fazer grandes distinções, ocupava-se dessa tarefa de maneira fria e deliberada. Raramente admitia que alguém pudesse ser bom. Dissecava mais ou menos imparcialmente quase todos os conhecidos dela. Se Miss Caroline, de vez em quando, aventurava-se a dizer uma paliativa, ela a refutava com certo desdém. Ainda assim, por mais impiedosa que fosse a sua autópsia moral, não procurava propagar o escândalo, nem divulgava relatórios realmente malignos ou perigosos. Não era o seu coração que merecia censura, e, sim, o seu temperamento.

Miss Caroline fez naquele dia esta descoberta pela primeira vez e, lastimando os injustos juízos que por mais de uma vez tinha feito sobre a mal-humorada solteirona, começou a falar-lhe com doçura, não só em palavras, como numa voz cheia de simpatia. A solidão de sua condição golpeou a visitante com uma nova luz, como também o caráter de sua feiura, palidez e as linhas profundamente desgastadas de recursos.

Miss Mann, vendo tal semblante e tocada pelo interesse tão inesperado, largou a frieza e respondeu candidamente. Habitualmente ela não era comunicativa, pois ninguém se importava em ouvi-la, mas neste dia ela foi e Miss Caroline chorou ao ouvi-la. Miss Mann certamente se sentiu pela primeira vez compreendida e ganhou ânimo com a viva atenção de

Miss Helstone, e, portanto, entrou em particularidades da sua vida. A visitante soube, assim, que aquela solteirona tinha sido filha, irmã das mais dedicadas e a mais infatigável das enfermeiras à cabeceira dos moribundos, e que a estes cuidados, contínuos e prolongados junto dos doentes, devia a doença que a envenenara naquele momento de vida. Miss Helstone passou lá o dia, não fazendo as outras visitas que tinha projetado e, quando deixou Miss Mann, foi com a resolução de tudo fazer no futuro para lhe desculpar os defeitos de nunca mais zombar do seu ar excêntrico e da sua fealdade; e, sobretudo, de não deixar de ir visitá-la uma vez por semana.

Ao retornar disse a Fanny que estava muito feliz por ter saído e que aquela visita lhe tinha feito bem.

No dia seguinte foi ver Miss Ainley. Para esta a vida não era tão fácil como para Miss Mann. A sua residência era mais humilde, mas, se fosse possível, ainda mais estranhamente limpa, embora a excelente senhora, não podendo permitir-se o luxo de manter uma criada, tratava ela própria da casa com a ajuda apenas ocasional de uma menina que vivia em uma casa de campo próxima à sua.

Não só Miss Ainley era mais pobre, como fora mais maltratada pela natureza do que a outra solteirona. Na sua juventude ela devia ter sido feia; agora, com a idade de cinquenta anos, ela era mais feia ainda. À primeira vista era preciso estar numa disposição de espírito muito particular para não a achar repelente. Era afetada no vestir e nas maneiras; o seu ar e o seu falar eram os de uma solteirona.

O acolhimento que deu a Miss Helstone foi cerimonioso, mesmo em sua bondade, mas a moça desculpou-a. Ela sabia alguma coisa sobre a benevolência do coração que batia debaixo daquela roupa; toda a vizinhança, pelo menos a parte feminina, sabia também de algo bom. Ninguém falava mal de Miss Ainley, exceto alguns jovens cavalheiros e

desconsiderados que a declaravam horrenda. Miss Helstone sentiu-se logo à vontade naquela pequena sala. Mãos solícitas desembaraçaram-na do xale e do chapéu e instalaram-na junto do fogo. Dentro em pouco a moça e a outra estavam mergulhadas numa conversa amável. Miss Caroline, portanto, não tardou em experimentar o poder que pode exercer uma alma serena, dedicada e benévola. Miss Ainley nunca falava de si, mas, sim, dos outros. Não se ocupava dos defeitos, mas o seu tema favorito eram as necessidades do próximo, o qual procurava acudir dos seus sofrimentos. Era verdadeiramente piedosa e muitos a chamariam de santa.

Não fora de sua própria boca que Miss Caroline soube das suas boas obras, mas eram bem suas conhecidas. A sua caridade era assunto familiar dos pobres de Briarfield. Essas boas obras não eram esmolas; a velha solteirona era demasiado pobre para poder dar muito; eram obras de irmã de caridade, bem mais difíceis de cumprir do que as de senhora benfeitora. Não se importaria de velar o leito de qualquer doente; e era, em todas as circunstâncias, serena, humilde, benévola e de humor igual.

Dessa bondade não tirava grande recompensa nesta vida. Muitos pobres tinham se habituado de tal maneira aos seus serviços que quase não pensavam em lhe agradecer. Os ricos ouviam falar dela com espanto; mas um sentimento de vergonha, produzido pela diferença que notavam entre os seus sacrifícios e os dela, forçava-os a guardar silêncio. Muitas senhoras, contudo, tinham por ela uma veneração profunda; um homem, um só, tinha-lhe dado sua amizade e toda a sua confiança. Esse homem era Mr. Hall, pároco de Nunnely. Dizia ele, e com justiça, que a vida dela se aproximava mais de Cristo do que a de qualquer outra pessoa do seu conhecimento.

Miss Helstone estudou bem o espírito e o coração que acabavam de lhe revelar. Não encontrou uma grande inteligência que pudesse admirar, mas descobriu em Miss Ainley tanta bondade, doçura, paciência, franqueza,

desejo de ser útil, que inclinou respeitosamente sua própria inteligência diante da mulher que estava à sua frente.

No entanto, com dor, sentia que a vida que tinha feito Miss Ainley feliz não a poderia fazer. Entretanto, pensava que talvez com o hábito essa vida pudesse se tornar possível e até agradável. Compreendeu que era desprezível definhar sentimentalmente, ficar inerte, perder a juventude num doloroso langor e envelhecer sem fazer nada. “Vou colocar-me em ação e tratar de ter juízo. Quem sabe até me torno uma pessoa melhor”, foi a decisão que tomou.

Perguntou então para Miss Ainley se podia ajudá-la nas obras de beneficência. Miss Ainley indicou-lhe algumas pobres famílias de Briarfield que seria bom visitar; deu-lhe também alguns trabalhos que ela poderia fazer para algumas mulheres pobres que tinham muitos filhos.

Miss Caroline voltou ao presbitério, traçou seus planos e tomou a resolução de não se desviar deles. Consagrou uma parte do seu tempo aos seus diversos estudos e a outra parte aos trabalhos com Miss Ainley. O resto deveria ser separado para se exercitar um pouco. Nenhum instante foi deixado aos pensamentos febris que a tinham envenenado na noite anterior.

É preciso lhe fazer justiça, pois a moça colocou seus planos em ação, conscientemente e com perseverança. Foi um duro trabalho, mas que a ajudou a combater e a vencer a sua própria dor.

Contudo, devo dizer a verdade: esses esforços não lhe trouxeram saúde no corpo nem a contínua paz da alma. Ela definhou, tornou-se cada dia mais magra, mais triste e mais pálida. O nome Robert Moore, por mais que tentasse, não lhe saía da mente. As recordações do passado ressoavam constantemente aos seus ouvidos e um fúnebre grito interior obcecava-a e deixava-a sem forças. Somado a isso, o peso de um espírito despedaçado e de faculdades doentes e paralisadas esmagava a vivacidade da sua

juventude. O inverno pareceu vencer a sua primavera: os tesouros da sua inteligência iam-se entorpecendo pouco a pouco numa glacial e árida estagnação.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XI

OceanofPDF.com

Fieldhead

Ainda assim Miss Helstone recusou-se mansamente a se sucumbir. No seu jovem coração havia uma grande força nativa e ela soube utilizá-la. Tanto os homens como as mulheres nunca combatem mais rijamente do que quando lutam sozinhos, sem testemunhas, sem conselheiros, sem confidentes, sem terem ninguém para encorajá-los, dar-lhes conselhos ou lamentar por eles.

A jovem Miss Helstone estava nessa situação. Os seus sofrimentos eram o seu único aguilhão e, sendo reais e afiados, despertaram seu espírito profundamente e sua coragem. Decidida a ter vitória sobre uma dor mortal, ela fez o seu melhor para abafá-la. Nunca tinha estado tão ocupada, tão estudiosa e, acima de tudo, tão ativa. Saía com todo tipo de tempo e dava longas caminhadas em lugares solitários.

Dia após dia ela voltava para casa à noite, pálida, todavia sem parecer fatigada, pois, logo que ela tinha tirado o chapéu e o xale, em vez de descansar, começava a andar pelo seu quarto e só se sentava quando estava literalmente desfalecendo. Ela dizia que fazia isso para cansar-se bem, pois assim ela poderia dormir tranquilamente à noite. Mas, se esse era seu objetivo, era inatingível, pois à noite, quando os outros dormiam, ela revolvia-se na cama parecendo se esquecer da necessidade de se buscar repouso. Muitas vezes, infeliz, ela punha-se a chorar sob a opressão de um intolerável desespero que a abatia, feria sua força e a reduzia ao desamparo infantil.

Quando assim prostrada, tentações assaltavam-na: ouvia as sugestões da fraqueza, que a aconselhava a escrever para Robert Moore, dizendo o quanto estava infeliz porque ela fora proibida de vê-lo, assim como para Miss Hortense; que ela temia perder a sua amizade (não o seu amor) e que

ele a esquecesse completamente, e pedindo-lhe que se lembrasse dela e lhe escrevesse algumas vezes. Chegou a escrever uma ou duas cartas nesse gênero, mas ela nunca as mandou; a vergonha e o bom senso a proibiram.

Mas a vida atingiu um ponto em que parecia não poder suportar por mais tempo. Ela deveria encontrar uma mudança, fosse ela qual fosse, sob pena de ver fraquejar seu coração e mente. Ela desejava deixar Briarfield e se refugiar em algum lugar muito distante. Ela ansiava por algo mais, uma profunda, secreta e irresistível necessidade de descobrir quem era sua mãe e conhecê-la. Esse desejo era reforçado diariamente, mas com ele veio a dúvida, um pavor: se a conhecesse, será que ela iria amá-la? Não havia motivo para hesitação, mas a apreensão tinha sua causa. Nunca em sua vida tinha ouvido falar de sua mãe com louvor. Quando alguém falava dela, era sempre com frieza, e seu tio parecia considerar a cunhada com uma espécie de tácita antipatia. Uma velha criada, que tinha vivido com Mrs. James Helstone por um curto período de tempo depois de seu casamento, quando ela se referia à sua ex-ama, falava com fria reserva. Eram expressões de gelo para o coração de uma filha, pois elas sugeriam que, talvez, fosse melhor nunca saber de seus pais.

Entretanto, um projeto, cuja execução parecia provável que lhe trouxesse uma esperança de alívio, era o de se criar uma posição, de se tornar uma governanta. Um pequeno incidente deu a ela condições de levar seus planos ao conhecimento de seu tio.

Suas longas caminhadas tinham sempre como fim, como disse, lugares solitários; mas para qualquer lado que ela se dirigisse, fosse para a orla árida do pântano de Stilbro, fosse para os ensolarados pastos de Nunnely, a volta para casa era sempre pelo caminho de Hollow. Ela raramente descia ao fundo do vale, mas aparecia sobre a elevação tão regularmente como as estrelas despontam por cima da montanha. Seu lugar

de repouso era um banco embaixo de um velho espinheiro. Dali ela podia ver a bem conhecida janela do escritório do moinho, cuja luz brilhava como uma estrela lá longe. Sua missão era observar este raio de luz; sua recompensa, distingui-la; às vezes brilhante, às vezes fraca através da névoa, noutras se quebrando entre as linhas oblíquas da chuva, pois esta vinha sempre, fosse qual fosse a época do ano.

Havia noites em que a luz não aparecia. Ela sabia então que Mr. Moore estava ausente e ia embora mais triste, ao passo que a aparição dessa luz a deixava alegre, como se nela visse promessa de qualquer vaga esperança. Se, enquanto ela olhava, uma sombra se inclinasse entre a lâmpada e a janela, seu coração dava um salto, porque esse eclipse era Robert Moore que ela tinha visto. Ela então voltava para casa confortada, levando na imaginação uma lembrança mais precisa do seu amado, uma recordação mais nítida de sua voz, do seu sorriso, do seu porte e, mesclando com essas impressões, uma persuasão doce que, se ela pudesse chegar perto dele, seu coração poderia acolher sua presença, e que, naquele momento, ele poderia estar disposto a estender a mão e puxá-la para ele e protegê-la ao seu lado como ele costumava fazer. Naquelas noites, embora ela chorasse como de costume, as lágrimas pareciam menos escaldantes.

O caminho mais curto entre o moinho de Hollow e o presbitério passava ao lado de uma mansão: a velha residência de Fieldhead. Embora o seu proprietário não residisse lá há dez anos, a casa não estava em ruínas. Mr. Yorke era o responsável por cuidar da propriedade e havia tido o cuidado de conservá-la em bom estado. Havia contratado um bom jardineiro e ele e a esposa viviam na casa para vigiá-la, cultivavam o terreno e mantinham a casa em condições habitáveis.

Se Fieldhead tinha poucos méritos como um edifício, podia pelo menos dizer que era uma construção pitoresca. Sua arquitetura era irregular,

a coloração cinzenta e cheia de musgo dava a ela um aspecto sombrio. As velhas janelas gradeadas, a varanda de pedra, as paredes, o telhado e a chaminé teriam dado assunto a um rico desenho a lápis. As árvores atrás da casa eram vigorosas e belas; o cedro à frente do gramado era magnífico, e as urnas de granito que coroavam os muros do jardim e o arco cinzento da porta de entrada encantariam os olhos de um artista.

Em uma suave noite de maio, Miss Caroline passava junto desta morada no momento em que a lua ia aparecendo no horizonte. Embora fatigada, ela não estava disposta a regressar tão cedo ao presbitério onde era esperada por uma noite de tristeza. Ela sentou-se entre o musgo, deixando seus olhos vaguearem pelos cedros.

Aquela noite e aquele espetáculo eram tristes para Miss Caroline, e ao mesmo tempo encantadores. Acudiram-lhe recordações de encontros felizes de amantes comemorados em baladas antigas. Pensou como seria agradável entrar e passear em tal lugar.

Onde estaria agora Robert? Perguntava-se ela. Ele não estava em Hollow, havia muito tempo que ela não via sua lâmpada. Ela se questionava se ela e Robert Moore estariam destinados a nunca mais se encontrarem ou voltarem a se falar novamente.

De repente a porta do pórtico de pedra do salão se abriu e dois homens saíram: um era idoso, de cabeça branca; o outro era jovem, alto e de cabelos escuros. Eles passaram pelo gramado e saíram através de um portal no jardim. Miss Caroline os viu atravessar a estrada, passar a sebe e descer para os campos e desaparecer. Robert Moore tinha acabado de passar diante dela com seu amigo Mr. Yorke. Nenhum dos dois tinha dado pela sua presença.

A aparição tinha sido breve, mal tivera tempo de vê-los, mas uma faísca elétrica havia deixado um fogo de rebelião em sua alma. Aquela

aparição havia encontrado uma mocinha desesperançada e a deixou ainda mais desesperada: dois estados diferentes.

“Ah, se ele estivesse sozinho! Se ele ao menos tivesse me visto!” exclamou ela. “Ele teria me dito qualquer coisa? Teria me dado a mão? Será que ele me ama pelo menos um pouquinho? Se eu o tivesse olhado de perto teria visto algum sinal de afeto em seus olhos ou em seus lábios? Teria podido ler a consolação, mas perdi essa última oportunidade.”

Miss Helstone entrou no presbitério num abatimento profundo. No dia seguinte pela manhã, de aspecto miserável como alguém que tinha visto um fantasma, ela se dirigiu a Mr. Helstone:

– Tem alguma objeção, meu tio, se eu procurar algum emprego junto de uma família?

O tio, ignorando o que ela tinha sofrido e o que sofria ainda, mal acreditou no que ouvia, disse esperadamente.

– Que capricho é esse agora? Você está enfeitiçada? Perdeu o juízo? Que significa isso?

– Não ando bem e preciso de uma mudança.

O homem a examinou e viu que nela já se dera uma mudança. Sem que ele tivesse reparado, a rosa tinha diminuído e desaparecera, perdera o frescor e murchara. Estava diante dele desperdiçada, desfalecida, sem cor e extenuada. Sem a doce expressão de seus olhos castanhos, sem a delicadeza de suas linhas e a abundância de seus cabelos, ela já não podia ser chamada de bonita.

– Que diabo está acontecendo com você? O que está errado? Está doente?

Não houve resposta; apenas os olhos castanhos se encheram de lágrimas e os lábios levemente tingidos tremiam.

– Procurar um emprego? Para que situação você se encaixa? O que você está fazendo com você mesma? Você não está bem?

– Uma mudança me faria bem.

– Essas mulheres são incompreensíveis. Elas têm a mais estranha habilidade para nos causar surpresas desagradáveis. Um dia saltam alegres, rechonchudas e vermelhas como cerejas e redondas como maçãs. Amanhã aparecem murchas como ervas mortas, esbranquiçadas e abatidas. E a razão de tudo isso? Esse é o enigma. Ela tem suas refeições regradas, sua liberdade, uma boa casa para morar e boas roupas para vestir como de costume. Ainda há pouco lhe bastava para andar bela e alegre, e algum tempo depois pálida e definhada de fazer pena. Então vem a pergunta: o que deve ser feito? Será que devo mandar chamar um médico, filha?

– Não, meu tio. Um médico não poderia me fazer nada de bom. Só quero mudar de ares e ambiente.

– Está bem. Se for esse o capricho, será satisfeito. Você deve ir para um balneário. Não me importo com as despesas. Fanny deve acompanhá-la.

– Mas, tio, um dia eu terei que fazer alguma coisa para mim. Não tenho nenhuma fortuna e é melhor eu começar agora.

– Não será uma governanta enquanto eu viver, Caroline. Não quero que digam que a minha sobrinha se reduziu a isso.

– Mas, quanto mais se espera por uma mudança desse tipo, meu tio, mais difícil e dolorosa ela é. Vale mais que eu me acostume ao jugo antes que os hábitos de facilidade e independência sejam formados em mim.

– Peço-lhe que não me atormente, Caroline. Há tempo de sobra para eu guardar e tomar medidas para seu futuro. Tenho a intenção de cuidar do seu futuro. Sempre tive essa intenção. Você receberá uma anuidade. Graças a Deus só tenho cinquenta e cinco anos, a minha saúde e minha constituição

são excelentes. Não se preocupe com o seu futuro. É isso que está te preocupando?

– Não, meu tio, mas desejo mudar de vida.

Ele riu.

– Tinha que ser e proceder como uma mulher! Fala como uma mulher! – exclamou ele. – Mudar de vida! Sempre a fantástica e caprichosa mulher! Uma mudança! Uma mudança! Lunáticas mulheres! Bem, isso é próprio do sexo!

– Mas não se trata de fantasia, nem de capricho, meu tio.

– O que é então?

– A necessidade, eu acho. Sinto-me mais fraca do que antigamente. Acredito que eu deveria ter mais o que fazer.

– Admirável! Ela se sente fraca e, portanto, deve ser sujeitada a rudes trabalhos. É claro como diria Moore, que Deus a confunda! Irá a Cliff-Bridge. Aqui tem dois guinés para comprar um vestido novo.

– Tio, eu queria que o senhor fosse menos generoso e mais...

– Mais o quê?

Simpático era a palavra que quase saíra da boca de Miss Caroline, mas não fora proferida. Ela calou-se a tempo. O tio teria rido se essa palavra piegas lhe tivesse escapado. Como ela permaneceu em silêncio, ele disse: – O fato é que você não sabe exatamente o que quer.

– Só quero ser uma governanta.

– Oh! Isso é um absurdo! Não quero mais ouvir você mencionar essa coisa. É mais uma fantasia feminina. Terminei meu café da manhã, toque a campainha e expulse da sua cabeça toda essa baboseira. Saia e procure se divertir.

“Com o quê? Com minha boneca?”, Miss Caroline perguntou para si mesma assim que ele deixou a sala.

Uma ou duas semanas se passaram e a saúde física e mental de Miss Caroline Helstone não estava melhor nem pior. Era precisamente nesse momento em que, se sua constituição tivesse germes da consumpção, estes teriam se desenvolvido rapidamente, levando-a deste mundo. As pessoas nunca morrem de amor ou de pesar, embora algumas morram de doenças inerentes às torturas dessas paixões, pois prematuramente se forçam em ações destrutivas. Contudo, os seres dotados de uma natureza sã suportam essas torturas. Ficam abalados, quebrados, sua beleza e sua frescura morrem, mas a vida fica intacta.

Cada um percebia a mudança na aparência de Miss Helstone e a maioria das pessoas dizia que ela ia morrer. Ela nunca pensou assim. Miss Caroline não se sentia prestes a morrer, pois não tinha nem dor nem doença. Era verdade que seu apetite havia diminuído, mas ela sabia o motivo. Sua força também havia diminuído, ela também poderia responder por ela. O sono era tímido e difícil; os sonhos eram angustiantes e funestos. No futuro distante, ela ainda parecia antecipar um momento em que essa paisagem de miséria deveria ser superada, quando voltaria a calmaria, embora, talvez, nunca mais fosse feliz.

Enquanto isso, seu tio a incitava a fazer visitas, a aceitar os frequentes convites dos seus conhecidos, o que ela recusava, pois sentia que era observada com mais curiosidade do que simpatia. As senhoras idosas estavam sempre lhe oferecendo seus conselhos, recomendando isto ou aquilo; as jovens a olhavam com uma expressão cujo sentido ela compreendia e lhe causava pavor. Seus olhos exprimiam que sabiam que ela tinha sido desprezada. Por quem, elas não estavam certas.

Miss Caroline evitava as pessoas e, vivendo assim, em completo isolamento, ela deixou de receber informações do que se passava nas redondezas.

Uma manhã seu tio veio até a sala onde estava sentada tentando encontrar algum prazer pintando um quadro de um lindo ramo de flores selvagens colhidas numa sebe no topo das colinas de Hollow, e disse-lhe em sua maneira abrupta: – Vamos criança, está sempre curvada sobre uma paleta, sobre um livro ou molde. Coloque seu chapéu e venha comigo fazer uma visita.

– Com o senhor, tio?

Esta pergunta foi feita em tom de surpresa. Ela não estava acostumada a fazer visitas com seu tio. Ela nunca saíra com ele em qualquer ocasião.

– Depressa! Rápido! Não tenho tempo a perder.

Ela juntou rapidamente seu material de pintura e perguntou aonde iam.

– Para Fieldhead.

– Fieldhead? O quê! Para ver o velho James Booth, o jardineiro? Ele está doente?

– Estamos indo para ver Miss Shirley Keeldar.

– Miss Keeldar! Ela voltou para Yorkshire? Ela está em Fieldhead?

– Está há uma semana ou mais. Eu a conheci na festa de ontem à noite que você não quis ir. Fiquei encantado com ela e desejo que travem conhecimento. Deve lhe fazer bem.

– Ela já tem dezoito anos, não é?

– Já chegou à maioridade e deve residir por um tempo em seu solar. Aconselhei-a neste sentido, mostrei-lhe o seu dever. Ela não é intratável, é sim uma menina fina, bonita e elegante. Ela vai lhe ensinar o que é ter um espírito alegre, brilhante e forte.

– Não acho que ela vai querer me ver. Que interesse poderá ter nisso? Como poderei diverti-la?

– Ora! Coloque o seu chapéu e vamos adiante.

– Ela é orgulhosa, meu tio?

– Não sei nada disso. Não vai imaginar que ela se mostrou altiva comigo, suponho? Que criança que, por mais rica que fosse, ousaria ser altiva com o pastor da sua paróquia? Não posso sequer imaginar alguma coisa parecida!

– Não. Mas como ela se comportou com as outras pessoas?

– Não reparei, mas ela mantém a cabeça erguida e, provavelmente, pode ser atrevida o bastante para quem ousar contestá-la. De outra maneira ela não seria uma mulher. Ande! Coloque esse chapéu de uma vez!

Miss Caroline não era naturalmente muito confiante, pois era muito tímida. A falta de força física e a depressão de seu espírito não lhe davam coragem adicional para enfrentar rostos estranhos. Assim, apesar das admoestações do tio, ela tremia ao atravessar ao lado dele a larga avenida pavimentada que ligava a porta de entrada ao pórtico de Fieldhead. Ela seguiu Mr. Helstone relutantemente através desse patamar para o velho vestíbulo sombrio.

Este vestíbulo era, com efeito, muito sombrio, longo, vasto e escuro; uma janela de treliça deixava penetrar uma luz fraca. O velho e grande fogão não continha agora nenhum fogo, pois o tempo presente e quente não pedia isso, mas estava cheio de ramos de salgueiro. Da galeria só se via os contornos escuros do teto; cabeças de veados esculpidas, com chifres autênticos, olhavam para baixo grotescamente das paredes.

A casa não era grande, mas confortável. Tanto o seu interior quanto o exterior eram antigos, irregulares e assustadores. Era rodeada por uma propriedade que rendia cerca de mil libras esterlinas por ano. Propriedade que, por falta de herdeiro do sexo masculino, pertencia a uma mulher. Havia neste distrito famílias mercantis que ostentavam possuir o dobro dessa

renda, mas os Keeldars, em virtude de sua antiguidade e de sua distinção de senhores do solar, tinham o direito à precedência de todos.

Mr. e Miss Helstone foram introduzidos no salão. Claro que, como era de se esperar, na mansão antiga em estilo gótico este salão era forrado com madeiras de carvalho finas, escuras e brilhantes. Estes painéis cercavam as paredes sombriamente e de forma grandiosa.

O salão marrom com painéis fora decorado todo em estilo antigo, com mobiliário também antigo. Em cada lado da alta lareira estavam duas cadeiras de carvalho, sólidas como tronos rústicos, numa das quais estava sentada uma senhora. Mas, não era Miss Keeldar. A mulher que ali estava devia ter atingido a maioridade havia mais de vinte anos. O seu aspecto era o de uma matrona e, embora não usasse touca e os seus cabelos ruivos sombreassem feições delicadas e que, naturalmente, eram de aparência jovem, não dava nem procurava dar um aspecto juvenil. Poderia ter desejado que seu traje fosse mais moderno. Ao lado de um vestido bem-feito e elegante, o seu teria feito fraca figura. Não era compreensivo como uma peça de roupa de materiais tão belos pudesse ser tão sóbria e à moda tão antiga. Você se sentiria disposto a atribuir a quem o usasse um caráter um pouco excêntrico e original.

Esta senhora recebeu os visitantes com uma mistura de cerimônia e desconfiança, modo todo britânico. Um ar incerto de si mesma, de seus méritos, de seu poder de agradar e, ainda assim, ansiosa para ser adequada e, se possível, bastante agradável. Na circunstância presente, contudo, ela mostrou-se mais constrangida do que as mais difíceis e tímidas senhoras inglesas. Miss Helstone sentiu isso e simpatizou imediatamente com a desconhecida e, sabendo por experiência a conduta a ter para com as pessoas tímidas, sentou-se tranquilamente ao lado dela e começou a falar

com ela com uma facilidade suave, cheia de amabilidade, provocada, nesse momento, pela presença de uma pessoa mais tímida do que ela.

Se estivessem a sós, não tardariam a se entender muito bem. A senhora tinha a voz mais harmoniosa, infinitamente mais suave e melodiosa do que poderia. Desta voz, Miss Caroline gostou. A senhora logo descobriu a disposição da moça e em dez minutos elas estariam amigas, mas Mr. Helstone estava ali olhando para elas, olhando especialmente para a senhora desconhecida. Este olhar sarcástico e afiado, que claramente expressava impaciência, desconcertava a mulher. Ela tentou, no entanto, inseri-lo na conversa dizendo alguma coisa sobre o tempo, o aspecto da região e outros assuntos fugazes, mas o impraticável Mr. Helstone fez-se de surdo. Tudo o que ela dizia, ele fingiu que não ouvia distintamente e ela era obrigada a repetir pela segunda vez os insignificantes discursos meticulosamente construídos. O esforço logo excedeu às suas forças; ela corou e agitou-se um pouco e, nervosa, murmurou que ela não sabia o que detinha Miss Keeldar e que iria procurá-la, contudo, a herdeira a salvou do problema aparecendo. Pelo menos Miss Caroline presumia que fosse a pessoa que, vinda do jardim, entrava naquele momento pela porta de vidro.

Há graça real quando a pessoa está à vontade. Foi o que pensou o velho Mr. Helstone quando uma moça, ereta e ligeira, caminhou até ele segurando com a mão esquerda o pequeno avental de seda cheio de flores e dando-lhe a mão direita.

– Eu sabia que o senhor viria me ver, apesar de Mr. Yorke lhe ter metido na cabeça a ideia de que sou uma jacobina. Bom dia, Mr. Helstone – disse, de forma animada, Miss Shirley Keeldar.

– Mas eu não vou permitir que seja uma jacobina – voltou ele. – Não mesmo, Miss Shirley! Não me furtarão assim a flor da minha paróquia.

Agora que você está no meio de nós, será minha aluna em política e religião. Vou lhe ensinar a sã doutrina em ambos os pontos.

– Mrs. Pryor antecipou-se ao senhor, reverendo – respondeu ela, virando-se para a senhora mais velha. – Mrs. Pryor foi a minha governanta, como sabe, e ainda é minha amiga. Ela é rainha de todos os inflexíveis Tories. Marcha à frente das freiras. Sou experiente em Teologia e em História. Eu lhe asseguro, Mr. Helstone.

O reitor imediatamente se inclinou profundamente diante de Mrs. Pryor e expressou um muito obrigado.

A ex-governanta declinou qualquer espécie de interferência na controvérsia política ou religiosa, explicou que ela pensava que tais assuntos são pouco adaptados às mentes femininas, mas confessou, em termos gerais, que era defensora da ordem e da lealdade e, sobretudo, era sinceramente afeiçoada à igreja como ao governo.

– Espero que Miss Keeldar pense como a senhora, madame.

– A diferença de idade e a diferença de temperamento ocasionam, por vezes, diferença de sentimento – foi a resposta da senhora.

Mr. Helstone tomou as duas mãos da herdeira, fazendo com que ela deixasse cair as flores, e sentou-a ao seu lado no sofá.

– Diga o seu credo – ele ordenou.

– Credo dos Apóstolos?

– Sim.

Ela recitou o credo como uma criança.

– Deixe-me recolher minhas flores. Lá vem o Tártaro e ele vai pisar em cima delas – disse Miss Shirley.

Tártaro era um cão bastante grande, forte e de aparência feroz, muito feio, uma mistura de bulldog e outra raça vigorosa. Neste momento, o cão entrou pela porta de vidro e, em cima do tapete, pôs-se a farejar as flores

frescas colhidas por Miss Keeldar. Ele pareceu desprezá-las como alimento, mas provavelmente pensava em fazer de suas pétalas aveludadas uma conveniente cama, e já estava se preparando para estender sobre elas seu corpo maciço quando as misses Helstone e Keeldar, simultaneamente, inclinaram-se para salvá-las.

– Obrigada – disse a herdeira, estendendo seu pequeno avental sobre o qual Miss Caroline depositou as flores. – É sua filha, Mr. Helstone? – perguntou ela.

– É a minha sobrinha Caroline.

Miss Keeldar deu-lhe um aperto de mão e então olhou para ela. Miss Caroline também olhou para sua anfitriã.

Miss Shirley Keeldar não tinha outro nome de batismo senão Shirley. Seus pais, que desejavam ter um filho, vendo que depois de oito anos de casamento a Providência lhes concedera apenas uma filha, puseram-lhe o mesmo nome que teriam dado ao filho se seus votos tivessem sido realizados. Miss Shirley Keeldar não era uma herdeira feia, era agradável contemplá-la. Sua altura e formato não eram diferentes de Miss Helstone, talvez em estatura ela fosse um ou dois centímetros mais alta. O seu rosto era pálido e expressivo, mas ela possuía charme. Também era inteligente e de expressões variadas. Não era loira como Miss Caroline e, quanto à cor de sua pele, era um contraste entre claro e escuro. A pele era clara e os olhos do mais escuro cinzento, sem mistura de verde, era puro cinza transparente; os seus cabelos eram castanho-escuros e os traços cheios de distinção – não quero dizer que eles eram nobres, ossudos, romanos, pois, pelo contrário, eram delicados e pouco acentuados, era aquilo que os franceses chamam de finos, graciosos e espirituais – eram móveis e expressivos, mas sua linguagem não era para ser de fácil entendimento ou de fácil interpretação.

Ela examinou Miss Caroline com gravidade, inclinando a cabeça um pouco para um lado, com um ar pensativo.

– Como vê, ela é apenas uma garota frágil – observou Mr. Helstone.

– Parece jovem, mais jovem do que eu. Quantos anos você tem? – perguntou ela, de uma forma que teria sido condescendente, protetora, se não tivesse sido extremamente solene e simples.

– Dezoito anos e seis meses – respondeu Miss Caroline, meigamente.

– Tenho vinte e um – disse Miss Shirley, sorrindo.

Ela não disse mais nada. Já tinha colocado suas flores sobre a mesa e ficou ocupada em organizá-las. Preparou um raminho com uma flor brilhante, duas ou três flores delicadas, com algumas hastes verdes de coloração mais escura. Amarrou tudo com uma fita de seda que tirou de sua caixa de costura e colocou no colo de Miss Caroline; em seguida, ficou de pé com as mãos cruzadas atrás das costas, curvando-se ligeiramente para a moça à sua frente. Tinha a atitude de um galante cavaleiro, grave, mas elegante. Esta expressão passageira tornava-se ainda mais digna de nota pela maneira como usava os cabelos, separados ao lado e alisados sobre o alto da testa de onde caíam em cachos que pareciam naturais, tão livres eram suas fluentes ondulações.

– O passeio até aqui a deixou fatigada? – perguntou ela.

– Não, absolutamente não. É uma distância curta, apenas uma milha.

– Parece pálida. É sempre tão pálida? – perguntou Miss Shirley, virando-se para o reitor.

– Ela costumava ser tão rosada quanto a mais vermelha de suas flores.

– Por que ela está alterada? O que a fez pálida? Está doente?

– Ela me diz que precisa de “uma mudança de ares” – respondeu o homem.

– Então deveria dar-lhe essa mudança. Deve mandá-la para o litoral.

– É o que tenciono fazer antes do fim do verão. Enquanto aguarda, tenho a intenção que trave conhecimento com você, se a menina não tiver nenhuma objeção.

– Tenho certeza de que Miss Keeldar não fará nenhuma objeção – observou Mrs. Pryor. – Creio que a presença frequente de Miss Helstone em Fieldhead será um estimado favor.

– Acaba de exprimir os meus sentimentos, minha senhora – disse Miss Shirley – e eu agradeço por antecipar-me. Deixe-me dizer-lhe – continuou ela, voltando-se novamente para Miss Caroline – também deve agradecer à minha governanta. Ela não acolhe todos como recebeu você. Você se distinguiu mais do que você pensa! Esta manhã, assim que vocês forem embora, vou perguntar para Mrs. Pryor o que ela pensa de você. Posso ter toda a confiança em seu julgamento, pois sempre os achei precisamente maravilhosos. Já prevejo uma resposta favorável às minhas perguntas. Não estou com razão, Mrs. Pryor?

– Minha querida, você acaba de dizer que perguntaria minha opinião quando Miss Helstone tivesse ido embora. Não é provável que eu a fale em sua presença.

– Não, e talvez passe muito tempo antes de obtê-la. Infelizmente estou atormentada, Mr. Helstone, pela extrema cautela de Mrs. Pryor. Os meus pedidos não podem fazê-la se decidir a dar sua opinião sobre o caráter de certas pessoas. Seus julgamentos são corretos quando eles vêm, mas eles são muitas vezes tardios.

Mrs. Pryor sorriu.

– Sim. Eu sei o que significa este sorriso. A senhora está pensando em meu inquilino, o gentil cavalheiro. Conhece Mr. Moore de Hollow? – perguntou Miss Shirley a Mr. Helstone.

– Sim. Sim. Seu inquilino, sem dúvida. Já o viu muitas vezes desde que chegou?

– Fui obrigada a vê-lo. Tinha negócios a tratar. Os negócios! Esta palavra me faz consciente de que eu não sou mais uma menina, mas uma mulher, e mesmo alguma coisa a mais do que uma mulher. Sou uma proprietária. Mr. Shirley Keeldar, “homem” de negócios, deveria ser o meu título. Deram-me o nome de um homem; ocupo a posição de um homem; é o suficiente para inspirar-me com um toque de masculinidade e quando vejo pessoas como esse imponente anglo-belga, esse Mr. Gérard Moore diante de mim a falar-me gravemente de negócios, sinto-me absolutamente um cavalheiro. Deveria escolher-me para ser seu tesoureiro, Mr. Helstone, da próxima vez que tiver que eleger um. Eles deveriam fazer de mim um magistrado e um capitão da milícia. A mãe de Tony Lumpkin era um coronel e a tia, um juiz de paz. Por que eu não deveria ser um também?

– Com todo o meu coração. Se você optar por receber uma requisição sobre o assunto, eu prometo encabeçar a lista de assinaturas com o meu nome. Mas, você estava falando de Moore.

– Ah! Sim. Acho que é um pouco difícil de entender Mr. Moore; saber o que pensam dele; se gostam dele ou não. Ele parece um inquilino dos quais qualquer proprietário pode ter orgulho, e orgulhosa dele eu sou nesse sentido. Mas, como um vizinho, como ele é? Por diversas vezes tenho implorado a Mrs. Pryor para dizer o que pensa dele, mas ela ainda foge de uma resposta direta. Espero que o senhor seja menos ambíguo e se pronuncie rapidamente se gosta dele ou não.

– Não, agora. O seu nome está inteiramente riscado da lista de meus amigos.

– Qual é o problema? O que ele fez?

– Meu tio e ele discordam sobre política – interpôs Miss Caroline, com voz baixa. Melhor fosse que ela não tivesse falado naquele momento, pois não havia falado antes. Ela percebeu isso e corou.

– Qual é a política de Mr. Moore? – perguntou Miss Shirley.

– Aquela de um comerciante – voltou o reitor: – estreita, egoísta e antipatriótica. O homem está eternamente escrevendo e falando contra a continuação da guerra. Eu não tenho paciência com ele.

– A guerra arruinou o seu comércio. Lembro-me de que comentou isso ontem. Mas, o senhor tem outra objeção contra ele?

– Isso é o suficiente.

– Ele parece um cavalheiro no sentido que eu dou a essa palavra – prosseguiu Miss Shirley – agrada-me pensar que não me engano.

Miss Caroline arrancou as pétalas de uma flor brilhante do seu buquê e respondeu em tons distintos: – Decididamente ele é um cavalheiro.

Miss Shirley, ao ouvir esta afirmação corajosa, seus olhos expressivos procuraram os de Miss Caroline.

– Você é, de fato, amiga dele, pois o defende em sua ausência.

– Sou ao mesmo tempo sua amiga e sua parente. Robert Moore é meu primo – respondeu com vivacidade.

– Oh! Então pode me dizer tudo sobre ele. Apenas me dê um esboço de seu caráter.

Miss Caroline ficou embaraçada com o pedido. Não podia responder. Um constrangimento insuperável tomou conta dela e nem tentou. Seu silêncio foi imediatamente coberto por Mrs. Pryor, que passou a dirigir a Mr. Helstone diversas perguntas a respeito de uma ou duas famílias da vizinhança das quais disse conhecer parentes que habitavam no Sul. Miss Shirley, percebendo o constrangimento de Miss Helstone, logo retirou o olhar do seu rosto. Ela não repetiu a pergunta, mas retornando às suas

flores, passou a arranjar um ramo para o reitor. Entregou-lhe quando ele se despediu e recebeu em troca um beijo na mão.

– Faça o favor de levá-lo como uma recordação minha – disse ela.

– Tanta gentileza pode sobrecarregar meu coração – respondeu Mr. Helstone e continuou: – Mrs. Pryor, cuide desse futuro magistrado, desse tesoureiro em perspectiva, desse capitão da milícia, desse jovem escudeiro de Briarfield, em uma palavra, não o deixe se esforçar muito, não deixe quebrar o pescoço na caça e, sobretudo, tenha cuidado ao descer a cavalo a perigosa colina de Hollow.

– Gosto dos despenhadeiros – disse Miss Shirley – gosto de atravessá-los correndo e, especialmente, gosto de todo o meu coração desse romântico Hollow.

– Romântico com uma fábrica no meio – ironizou o pastor.

– O antigo moinho e a casa branca são admiráveis ao seu modo – contestou Miss Shirley.

– E o escritório, Miss Keeldar?

– O escritório vale mais do que o meu brilhante salão. Adoro o escritório!

– E o comércio? Os tecidos, a lã gordurosa, as cubas de tinta?

– O comércio é respeitável sobre todos os aspectos.

– E o comerciante é um herói? Bom! – mais uma vez ironizou Mr. Helstone.

– Estou contente de ouvir o senhor dizer isso. O comerciante parece-me heroico – a malícia, o espírito e a alegria brilhavam em todo o seu rosto durante essa troca de palavras com o velho cossaco, que também sentia prazer naquela justa.

– Capitão Keeldar, você não tem sangue mercantil em suas veias. Por que motivo gosta tanto de comércio?

– Porque sou proprietária de uma fábrica, é claro. Metade da minha renda vem de Hollow.

– Não caia na besteira de se associar a Moore. É o que eu tenho a dizer-lhe – disse Mr. Helstone.

– Pois acaba de colocar essa ideia na minha cabeça! – exclamou ela, com uma risada, e prosseguiu: – Agora não vai sair dela. Obrigada – e acenando com a mão branca como a de uma fada, desapareceu dentro do pórtico, enquanto o reitor e sua sobrinha atravessavam o arco da entrada.

OceanofPDF.com

VOLUME II

CAPÍTULO XII

OceanofPDF.com

Misses Helstone e Keeldar

Miss Shirley Keeldar mostrou que tinha sido sincera ao dizer que seria feliz relacionando-se com Miss Caroline Helstone, pois começou a procurá-la frequentemente. Na verdade, se ela não tivesse tomado a iniciativa, essa relação não teria se estabelecido. Miss Helstone, de fato, estava pouco disposta a travar novos relacionamentos. Ficava remoendo a ideia de que as pessoas não podiam querê-la por perto, que ela não poderia diverti-las e que uma brilhante criatura, feliz e jovem como a herdeira de Fieldhead, parecia-lhe demasiado e completamente independente de uma companhia tão desinteressante quanto a sua, portanto, nunca seria realmente bem-vinda.

Miss Keeldar podia ser brilhante e provavelmente feliz, mas ninguém é independente o suficiente para não gostar de encontrar uma convivência agradável e, apesar de há cerca de um mês ter travado conhecimento com grande parte das famílias das imediações e se dar muito bem com todas as misses Sykes, as Pearson e as duas superlativas misses Wynne, de Walden Hall, parecia não ter encontrado entre todas elas nenhuma que a interessasse deveras. Ela não se confraternizava com nenhuma delas, para usar suas próprias palavras. Se tivesse tido a felicidade de ter nascido o jovem Shirley Keeldar, senhor do solar de Briarfield, esperado pelos seus pais, de nenhuma delas teria feito uma senhora, a dona da mansão Keeldar. Foi o que ela declarou certo dia para Mrs. Pryor, que a escutou muito calmamente e lhe respondeu:

– Minha querida, não tome o hábito de se considerar um cavalheiro, pois é estranho. Aqueles que não a conhecem, ouvindo você falar assim, podem acreditar que afeta maneiras masculinas.

Miss Keeldar nunca ria de sua antiga governanta. Suas pequenas manias e mesmo as inofensivas peculiaridades dessa senhora eram, aos seus olhos, respeitáveis. Por isso aceitou seu conselho sem dizer nenhuma palavra contrária. Conservou-se quieta perto da janela, olhando um cedro grande, em cujos ramos inferiores ela vira um pássaro. Depois começou a assobiar para o pássaro, em breve o som melodioso aumentou para uma melodia muito doce e habilmente executada.

– O que é isso minha querida? – perguntou Mrs. Pryor.

– Eu estava assobiando – respondeu Miss Keeldar. – Esqueci-me. Perdão, senhora. Tinha tomado a resolução de não assobiar diante da senhora.

– Mas, Miss Keeldar! Onde aprendeu a assobiar? Deve ter contraído esse hábito desde que veio para Yorkshire. Nunca a ouvi assobiar antes.

– Oh! Aprendi a assobiar há muito tempo.

– Quem lhe ensinou?

– Ninguém. Aprendi ouvindo e achava que já tinha me esquecido. Mas, recentemente, aliás, ontem à tarde, ouvi um senhor assobiando essa música no campo do outro lado da sebe e isso me fez recordar.

– Quem era o homem?

– Não temos apenas um cavalheiro na região, minha senhora? Mr. Moore. Pelo menos ele é o único que não tem cabelos brancos. Os meus dois veneráveis favoritos, Mr. Helstone e Mr. Yorke, são na verdade velhos galanteadores infinitamente superiores a todos os demais jovens estúpidos.

Mrs. Pryor ficou em silêncio.

– A senhora não gosta de Mr. Helstone?

– Minha querida, as funções de Mr. Helstone o protegem das críticas.

– Observo que a senhora se retira da sala quando ele é anunciado.

– Tenciona sair esta manhã, minha querida? – desconversou Mrs. Pryor.

– Sim. Vou ao presbitério buscar Caroline Helstone e incentivá-la a fazer um pouco de exercício. Farei com que caminhe pelos lados de Nunnely.

– Se vai naquela direção, minha querida, tenha a bondade de lembrar Miss Helstone que se agasalhe. O vento está frio e ela me pareceu tão frágil.

– Obedecerei minuciosamente, minha senhora. Não quer acompanhar-nos?

– Não, meu amor. Eu seria um empecilho. Sou pesada e não poderia andar tão rápido como as meninas.

Miss Keeldar não teve dificuldades em persuadir Miss Helstone a acompanhá-la e, quando ficaram a sós na estrada tranquila e solitária de Nunnely, ela começou facilmente a conversar. Dominando sua timidez, Miss Caroline sentiu logo grande prazer em conversar com Miss Keeldar. A primeira troca de observações banais bastou para dar a cada uma a ideia do que era a companhia uma da outra. Miss Keeldar disse que gostava da extensão verde da relva que as rodeava e mais ainda da vegetação que cobria os cumes, pois se lembrava das suas viagens na fronteira da Escócia. Recordava especialmente de uma região que tinha atravessado durante uma longa tarde de verão em que não havia sol, mas que o calor era abrasador. Ela viajara do meio-dia até o pôr do sol sobre o que parecia uma solidão sem fim, coberta de altas sebes, sem ver outros seres a não ser carneiros selvagens, sem ouvir outros gritos senão os das aves selvagens.

– Eu sei como é isso – disse Miss Helstone.

– Sim – olha aquelas nuvens! Iguaizinhas as da Escócia na tarde que mencionei – disse Miss Keeldar.

– Trovejava?

– Ouvia-se ao longe o surdo ribombar dos trovões, mas a tempestade só rebentou ao anoitecer quando já havíamos chegado na nossa pousada. Bem, se pousada for uma casa isolada no sopé de uma cadeia de montanhas.

– Você observou como as nuvens descem sobre as montanhas?

– Sim. Fiquei uma hora em pé na janela para gozar desse espetáculo. Os montes pareciam envolvidos num nevoeiro sombrio e, quando a chuva caía em torrentes, de repente, eles desapareceram. Foram lavados deste mundo.

– Vi tempestades assim nos distritos montanhosos de Yorkshire e, quando o céu estava transformado em uma catarata e a terra toda inundada, lembrei-me do dilúvio.

– Como é reconfortante depois dessas tempestades. Sentir renascer a calma e distinguir através das nuvens um raio de luz atestando que o sol não se submergiu.

– Miss Keeldar, pare um instante e olhe para o vale e as flores de Nunnely!

Ambas pararam no limite verdejante da planície e mergulharam seus olhares no profundo vale vestido com as vestes da primavera, sobre os prados cobertos de margaridas e botões-de-ouro. Neste dia, tudo isso, aquele verde novo, sorria para a clara luz do sol. As colinas distantes se encontravam com o horizonte fazendo uma sombra matizada como uma grande pérola. Por cima dos bosques, o que restava de uma floresta primitiva, dormia à sombra de uma nuvem. As montanhas longínquas eram matizadas de diferentes tons: azul-prateado, roxo, verde e rosa, uma fusão de cores junto das nuvens brancas como lã, puras como a neve, seduzidas pelos olhares daquela remota visão do céu. O ar que banhava a fronte das duas moças era fresco e doce.

– A nossa Inglaterra é uma ilha encantadora! – exclamou Miss Keeldar. – E o Yorkshire é um de seus recantos mais belos.

– Você também é filha de Yorkshire? – perguntou Miss Helstone.

– Sim. De sangue e nascimento. Cinco gerações da minha família dormem sob as naves da igreja de Briarfield. Foi naquela velha casa que está atrás de nós que eu respirei pela primeira vez.

Posto isto, Miss Helstone estendeu-lhe a mão, que foi, portanto, tomada e abalada.

– Então somos compatriotas – disse ela.

– Sim – concordou Miss Keeldar, com um aceno grave de cabeça, e, apontando para a floresta, perguntou: – Aquilo é o bosque de Nunnely? Você já foi lá?

– Muitas vezes – respondeu Miss Helstone.

– No coração dele?

– Sim.

– Como é ele?

– É como um acampamento dos filhos da floresta de Anaque[10]. As árvores são velhas e enormes. Quando você está de pé em suas raízes, a cúpula parece que está em outra região. Os troncos são firmes como pilares, enquanto os galhos balançam a cada brisa suave. Mas, quando não há vento, seus ramos ficam numa imobilidade absoluta, e com a ventania parecem uma onda que avança num mar de trovões acima de nós.

– Não foi um dos refúgios de Robin Hood? – brincou Miss Keeldar.

– Sim e ainda há vestígios de sua estadia por lá. Penetrar nos bosques de Nunnely, Miss Keeldar, é recuar muito longe para os dias sombrios do passado. Você pode ver um vale no meio da floresta, no centro?

– Sim, claramente.

– Essa ruptura é um oco profundo revestido com uma relva tão verde e curta como um gramado. Nele existem árvores antigas e retorcidas, carvalhos poderosos, uma multidão deles. No fundo desse buraco existem as ruínas de um convento de freiras.

– Vamos um dia a esse bosque, eu e você sozinhas? Podemos levantar bem cedo, Caroline, e sair ainda no início de uma manhã de verão. Passaremos um dia inteiro lá. O que acha? Podemos levar lápis para fazermos esboços, livros interessantes e qualquer coisa para comermos. Tenho duas cestinhas nas quais Mrs. Gill, a minha despenseira, poderá embalar as nossas provisões. Não vai cansá-la demais andar tão longe, não é?

– Oh, não! Especialmente se eu descansar por muito tempo no bosque. Conheço todos os pontos agradáveis dele e sei onde poderíamos obter nozes, avelãs e onde morangos silvestres abundam. Conheço certos sítios atapetados de musgos, com clareiras inexploradas, algumas amarelas bem douradas, algumas cinzentas e sombrias, outra parecida com uma verde pedra preciosa. Sei de grupos de árvores que encantam a vista pelo seu efeito pitoresco: carvalhos, bétulas, faias e alguns freixos isolados e envolvidos em mantos brilhantes de hera. Posso muito bem servir-lhe de guia, Miss Keeldar!

– Não se aborreceria e acharia maçante passar o dia inteiro sozinha comigo?

– De forma alguma! Penso que nos entenderíamos muito bem e, no mais, qual seria a terceira pessoa, cuja presença estragaria o nosso prazer?

– Na verdade eu não conheço nenhuma que tenha mais ou menos a nossa idade, isto é, nenhuma mulher pelo menos, e quanto a homens...

– Uma excursão torna-se uma coisa muito diferente quando há homens – interrompeu Miss Helstone.

– Concordo com você. Seria uma coisa muito diferente do que estávamos propondo.

– Estávamos indo simplesmente para ver as velhas árvores, as ruínas antigas, para passar um dia em tempos antigos, rodeadas de silêncio e, acima de tudo, pela quietude.

– Está certa. A presença de cavalheiros dissipa o charme. Ainda mais se forem do tipo errado como: Mr. Malone, Mr. Wynne e aquele outro. A irritação tomaria o lugar da serenidade.

– Nosso poder de ser feliz está em nós, eu acredito – comentou Miss Helstone, sabiamente. – Fui ao bosque de Nunnely com muita gente, os curas, diversas senhoras, e eu achei a excursão insuportavelmente tediosa e barulhenta. Voltei lá sozinha com Fanny, que ficou sentada na cabana do lenhador costurando e entretendo sua esposa, enquanto eu vagava por todos os cantos fazendo esboços e lendo, e gozei de uma calma felicidade durante todo o dia. Mas, isso foi quando eu era mais jovem. Há dois anos.

– Foi lá com o seu primo, Mr. Moore?

– Sim, uma vez.

– Que tipo de companheiro é ele nessas ocasiões?

– Um primo, como sabe, não é um estranho.

– Sim, mas estou ciente também de que os primos, quando estúpidos, são ainda mais insuportáveis do que os estranhos, porque você não pode tão facilmente os manter distantes, mas seu primo não é estúpido, não é?

– Não, mas...

– Bem?

– Se, como você disse, a companhia dos tolos a irrita, a convivência dos homens superiores deixa uma impressão penosa. Quando a bondade ou o talento estão além e acima de qualquer dúvida, sua própria dignidade de

ser seu associado, muitas vezes, torna-se uma questão difícil de ser transportada.

– Oh! Isso não me apoquentaria nem por um instante sequer. Não me considero indigna de ser a companheira de qualquer homem, embora esteja sendo pedante. Quando eles são bons, eles são muito bons, creio. O seu tio não é um mau espécime de senhor idoso. Fico sempre contente de ver aquele rosto moreno e inteligente em minha própria casa ou em qualquer outro lugar. Você gosta dele? Ele é gentil com você? Agora, fale a verdade.

– Foi ele quem me educou desde a infância, precisamente como ele teria criado sua própria filha se tivesse uma, não tenho dúvida. Isso é bondade e, contudo, estou longe de amá-lo profundamente. Gosto mais de estar longe do que em sua presença.

– É estranho. Ele tem a arte de se fazer tão agradável.

– Sim, em sociedade, mas em casa ele é duro e silencioso. Assim como deixa sua bengala e seu chapéu no vestíbulo do salão paroquial, guarda no mesmo lugar sua vivacidade e sua alegria. Em casa está sempre de testa enrugada e é de poucas palavras. Em sociedade é todo sorriso, brincadeiras e repleto de ditos espirituosos.

– Ele é tirânico?

– Nem um pouco. Não é nem tirano nem hipócrita. É simplesmente um homem mais liberal do que afável, mais brilhante do que alegre, mais escrupulosamente do que verdadeiramente justo, se pode entender distinções tão sutis.

– Oh, sim. A afabilidade implica a indulgência que lhe é desconhecida; a suave alegria acompanha um coração ardente que ele não possui, e a verdadeira justiça engendra a simpatia de que eu suspeito que o meu velho amigo seja absolutamente destituído.

– Muitas vezes eu me pergunto, Shirley, se a maioria dos homens se assemelha ao meu tio nas relações domésticas, isto é, se é impossível, para aqueles que se veem todos os dias, conservar a afeição e o interesse constante.

– Eu não sei e temo não poder esclarecer suas dúvidas. Por vezes eu também as tenho. Mas, para lhe contar um segredo, se eu estivesse convencida de que os homens diferem de nós necessária e universalmente, que são inconstantes, por vezes perversos e sem compreensão, nunca me casaria. Seria muito penoso vir a descobrir que não era amada por aquele que eu amasse, e verificar a absoluta inutilidade dos esforços que eu fizesse para lhe agradar. Uma vez feita essa descoberta, que partido eu tomaria? Teria que ir embora para sempre, afastar-me-ia da pessoa para quem a minha presença fosse inoportuna.

– Mas não poderia fazer se estivesse casada.

– Não, não poderia. Aí está. Não poderia voltar a ser senhora de mim. Este pensamento é terrível e me sufoca! Nada me irrita tanto como a ideia de ser um fardo ou um aborrecimento.

– Eu me pergunto por que nós todas não resolvemos permanecer solteiras – disse Miss Helstone. – Nós devemos ouvir a sabedoria da experiência. Meu tio sempre fala do casamento como um fardo e, eu acredito que, quando ele fica sabendo de um homem que quer se casar, ele o considera invariavelmente um tolo ou louco.

– Mas, Caroline, os homens não são todos como seu tio. Certamente que não. Espero que não.

Ela fez uma pausa e refletiu.

– Acho que cada uma de nós encontrará uma exceção a favor daquele que amamos até sermos casadas – sugeriu Miss Helstone.

– Acho que sim. E julgamos essa exceção perfeitamente justa. Imaginamos que são como nós, só lemos em seus olhos a afeição, só ouvimos a sua voz suave. Acho que não devemos confiar no que eles chamam de paixão, Caroline. Acredito que é fogo nos galhos secos, queima e logo desaparece. Nós os vemos ser benévolos com os animais, com as criancinhas, com os pobres, e achamos que conosco será da mesma forma, isto é, que serão sempre bons e atenciosos. Observamos ainda que ele é justo, que sempre fala a verdade, que é consciente, e sentimos alegria e paz por ele ser um bom filho e um irmão dedicado. Quem ousaria dizer que ele não será um bom marido?

– Meu tio afirmaria sem hesitar. Ele diria que ele estará cansado de nós antes de um mês.

– Mrs. Pryor afirmaria seriamente o mesmo.

– Mrs. Yorke e Miss Mann também.

– Se esses oráculos são verdadeiros, é bom nunca nos apaixonarmos.

– Muito bom, se você pode evitar.

– Mas, escolho duvidar da sua autenticidade.

– Temo que seja a prova de que o seu coração já está tomado – disse Miss Caroline.

– De maneira nenhuma. Mas, se assim fosse, sabe que oráculo eu iria consultar?

– Diga.

– Nem um homem nem uma mulher, nem velhos nem os jovens, mas o pequeno mendigo irlandês que vem à minha porta de pés descalços; o pássaro que, mesmo em dia de neve ou geada, bate com o bico na janela para ter uma migalha; o cão que lambe a minha mão e senta-se ao lado dos meus joelhos.

– Já viu alguém que foi gentil com tais seres?

– E você já viu alguns desses seres sentir instintivamente que alguém os ama e procurar nele a sua proteção? – perguntou Miss Keeldar.

– Temos uma gata preta e um cão velho na reitoria. Sei de alguém, cujo joelho a gata preta gosta de escalar, contra o ombro e rosto ela gosta de ronronar. O velho cão sempre sai de seu canil, abana o rabo e põe-se a ladrar afetuosamente quando esse alguém passa junto dele.

– E o que esse alguém faz para merecer tudo isso?

– Ele calmamente afaga a gata e permite que ela se sente em seus joelhos e, quando ela o perturba demais com o seu ronronar, ele a coloca suavemente no chão, nunca a arremessa para longe dele. Ele sempre assobia para o cão e dá-lhe uma carícia.

– Será que esse não é Mr. Moore?

– É ele mesmo.

– Que belo companheiro! – disse Miss Keeldar, com entusiasmo. Seus olhos brilhavam.

– Não é verdade que ele é bonito? Não tem belos olhos, traços bem desenhados, uma fronte límpida e principesca?

– Tem tudo isso. Possui ao mesmo tempo o encanto e a bondade.

– Tinha a certeza de que o julgaria assim. Quando eu olhei pela primeira vez para o seu rosto, eu sabia que o faria – disse Miss Helstone.

– Já estava bem inclinada a ele antes mesmo de conhecê-lo. Quando o vi, gostei dele e o admiro agora. A beleza e o charme têm grande encanto, Caroline. Mas quando elas se mesclam com bondade, esse encanto é poderoso.

– E quando tem ainda a inteligência – ponderou Miss Caroline.

– Quem poderá resistir-lhe?

– Lembre-se do que disse meu tio e do que disseram Mrs. Pryor, Mrs. Yorke e Miss Mann – observou Miss Helstone.

– E lembre-se também do coaxar das rãs do Egito. Ele é um ser nobre. Um homem grande, bom e belo é, sem contradição, a primeira das coisas criadas.

– Acima de nós?

– Desprezo-me por disputar o império com eles, sim, eu desprezo isso. Seria como se a minha mão esquerda disputasse a precedência com a minha direita. Seria como se as minhas veias tivessem ciúmes do sangue que circula nelas e isso é ridículo. Não quero entrar nessa disputa.

– Os maridos e as esposas brigam horrivelmente, Shirley.

– Coitados! Pobres criaturas. Deus os fez para outro destino, para outros sentimentos.

– Mas, enfim, somos ou não iguais aos homens?

– Nada me encanta mais do que encontrar o meu superior, alguém que me faça sinceramente sentir que me é superior.

– Alguma vez você encontrou? – perguntou Miss Helstone.

– Desejo encontrá-lo qualquer dia.

– Miss Keeldar, você quer entrar? Estamos chegando ao presbitério.

– Hoje, não. Mas amanhã virei buscá-la para passar a noite comigo. Caroline Helstone, se você realmente é o que no momento me parece que é, seremos amigas. Nunca na minha vida inteira fui capaz de falar com uma jovem como eu falei com você hoje. Dê-me um beijo e até amanhã.

****

Mrs. Pryor parecia tão disposta como Miss Keeldar a cultivar a amizade de Miss Helstone. Ela, que não ia a parte alguma, escolheu uma tarde em que o reitor não estava em casa e, em poucos dias, estava no presbitério. O dia quente e, somado a essa circunstância, o embaraço de

entrar em uma casa estranha – pois ela parecia habituada a viver retraída e isolada – deixaram-na toda afogueada, parecendo vividamente perturbada.

Quando Miss Helstone entrou na sala de jantar, encontrou-a sentada no sofá, tremendo, abanando-se com o lenço parecendo que lhe faltava ar; ela parecia lutar com uma perturbação nervosa que ameaçava torná-la histérica.

Miss Helstone admirou-se de ver uma dama daquela idade tão pouco senhora de si. Ela não compreendia aquela fraqueza numa mulher de aparência robusta, porque Mrs. Pryor apressou-se a alegar o cansaço de sua caminhada e o calor do sol como razões da sua indisposição temporária. Miss Caroline, gentilmente, procurou aliviar seu calor, ajudando-a a se livrar do seu xale e a retirar a touca. Mrs. Pryor não teria aceitado semelhantes atenções de todas as pessoas, pois, em geral, ela recuava de qualquer contato ou da aproximação de uma mão estranha. No entanto, para a pequena mão de Miss Helstone, ela se rendeu e parecia aliviada por seu contato. Em poucos minutos, ela deixou de tremer, ficou quieta e tranquila.

Mrs. Pryor tinha ideias sensatas e conhecimentos variados, portanto, começou a falar de temas comuns. Miss Helstone encontrou mais prazer em escutá-la do que esperava, falou sem restrição e o diálogo fluiu. Na parede em frente ao sofá onde estavam sentadas estavam penduradas três fotos: a do centro, acima da lareira, era a de uma mulher e as outras duas fotografias eram masculinas.

– Que belo rosto! – exclamou Mrs. Pryor, interrompendo a meia hora de conversa animada. – Os traços são perfeitos e nenhum cinzel de pintor poderia melhorá-lo. É um retrato, eu presumo.

– É o retrato de Mrs. Helstone.

– De Mrs. Matthewson Helstone, a esposa de seu tio?

– É. E dizem que é muito parecido com o que ela era. Antes de seu casamento, ela era apontada como a beleza do distrito.

– Eu deveria dizer que ela mereceu essa distinção. Que precisão em todos os traços! Contudo, é um rosto passivo. Ela não deve ter sido o que se chama de mulher de espírito.

– Creio que ela era uma pessoa incrivelmente calma e silenciosa.

– Dificilmente eu teria esperado, minha querida, que a escolha de seu tio caísse sobre uma pessoa com essa descrição. Afinal, ele não gosta de ser divertido com uma animada tagarelice?

– Em sociedade, sim. Mas, ele sempre diz que nunca poderia suportar uma mulher faladora. Em casa ele gosta de sossego para refletir.

– Mrs. Matthewson parece que viveu poucos anos depois de seu casamento, acho que ouvi isso.

– Cerca de cinco anos.

– Bem, minha querida – prosseguiu Mrs. Pryor, erguendo-se para sair – fica combinado que irá muitas vezes a Fieldhead. Espero que você não deixe de ir, não deve ficar solitária aqui, não tendo nenhum parente na casa, e se precisar de conselhos sobre seus estudos, pode me procurar.

– Estou acostumada a isso, pois tenho crescido sozinha. Vou buscar seu xale e sua touca.

– Mas, se você quiser que eu a assista em seus estudos, estou à disposição.

Miss Caroline expressou com calor sua gratidão e amabilidade.

– Espero conversar muito com a menina. Desejo muito lhe ser útil – insistiu Mrs. Pryor.

Mais uma vez Miss Helstone agradeceu. Ela pensou que bom coração estava escondido sob a aparente frieza da sua visitante. Observando que, ao

sair, Mrs. Pryor voltava a olhar com um ar de interesse para os retratos, Miss Caroline casualmente explicou:

– O retrato mais próximo da janela, como pode ver, é do meu tio há vinte anos. O outro, à esquerda da lareira, é do seu irmão, meu pai.

– São parecidos – disse Mrs. Pryor. – Nota-se, contudo, uma diferença de caráter no traçado da testa e da boca.

– Que diferença? – Miss Caroline perguntou, acompanhando-a até a porta. – James Helstone, quer dizer, meu pai, é considerado o melhor dos dois. Tenho notado que as pessoas comentam sempre: ‘que homem bonito!’ Você não acha a sua imagem bonita também, Mrs. Pryor?

– Os traços são mais suaves e mais finos do que os de seu tio.

– Mas, onde está a diferença de caráter a que a senhora aludiu? Diga-me. Quero ver se a senhora acerta.

– Minha querida, seu tio é um homem de princípios. Sua testa e seus lábios são firmes; seu olhar, direto; e o outro...

– Bem. Não tenha medo de ofender-me. Sempre gosto da verdade.

– Gosta da verdade? É bom para você. O outro, minha querida, se tivesse vivido até hoje, de pouca ajuda seria para sua filha. É, no entanto, uma graciosa cabeça. Minha cara – disse ela voltando-se de repente – acha que os princípios têm valor inestimável?

– Tenho certeza de que sem eles nenhum caráter tem valor.

– Você sente a importância do que diz, Caroline?

– Sim. Muitas vezes as circunstâncias me forçaram a refletir sobre isso desde muito cedo.

– Então a lição não foi perdida, ainda que tenha vindo prematuramente. Minha querida, não fique assim à porta, está frio e pode se resfriar.

Os novos conhecimentos de Miss Helstone logo se tornaram preciosos para ela. A sua companhia era sempre reconhecida como um privilégio. Ela descobriu que teria sido um erro, de fato, ter deixado escapar a oportunidade desse alívio, por ter se deixado valer-se dessa mudança feliz. Uma vez assim, seus pensamentos ganharam um novo rumo e um novo canal foi aberto para eles, desviando alguns deles da direção em que seguiam e diminuindo o ímpeto de sua paixão.

Pouco tempo depois, Miss Caroline sentia-se encantada em passar dias inteiros em Fieldhead, tendo a sua companhia disputada ora por Miss Shirley ora pela Mrs. Pryor. A todo instante uma delas reclamava a sua presença. Nada poderia ser menos demonstrativo do que a amizade da mulher mais velha, embora ela fosse também vigilante, assídua e incansável. Nada punha melhor em evidência a sua personalidade peculiar do que o interesse que demonstrava por Miss Caroline. Ela vigiava todos os seus movimentos, parecia querer protegê-la. Ela sentia prazer quando Miss Helstone lhe pedia conselhos e assistência. Ajudava-a com tal ardor que em breve a moça teve prazer em recorrer a ela.

A completa docilidade de Miss Shirley Keeldar para com Mrs. Pryor a princípio surpreendera Miss Helstone, e não menos o fato da ex-professora ficar tão à vontade na residência de sua jovem pupila, onde exercia com calma e independência umas funções muito dependentes. No entanto, Miss Caroline logo descobriu que bastasse conhecer as duas senhoras para compreender o enigma. Parecia impossível conhecer Mrs. Pryor sem estimá-la e amá-la. Pouco importava que ela andasse sempre com roupas antiquadas, que seu discurso fosse formal e que tivesse vinte pequenas singularidades. Era a sua maneira de ser, ela era como um guia seguro, uma conselheira fiel, tão bondosa que, na mente de Miss Caroline,

nenhuma pessoa acostumada à sua presença poderia facilmente se dar ao luxo de prescindir dela.

Quanto à dependência, se Miss Caroline não a sentia nas relações com Miss Shirley, por que sentiria com relação à Mrs. Pryor? A herdeira era rica, muito rica em comparação com sua nova amiga: uma possuía um rendimento líquido de mil libras por ano; a outra, nem um *penny*. Contudo, ela sentia em ambas uma igualdade que não se via na sociedade ordinária de Briarfield ou de Whinbury.

O motivo disso era a mente de Miss Shirley Keeldar. Ela não se preocupava apenas com o dinheiro e a posição social. Lógico que ela estava contente pela independência que o dinheiro lhe dava. Por vezes sentia-se entusiasmada com a ideia de ser dona de uma mansão, que tinha rendeiros e uma grande propriedade. Evocava com certa complacência a extensão de seus domínios de Hollow, que compreendiam um excelente moinho para fábrica de tecidos, uma tinturaria, armazéns, a casa, o jardim e os edifícios exteriores chamados de *cottage* de Hollow. Mas, era uma exultação bastante indisfarçável e singularmente inofensiva. Os seus pensamentos elevados tendiam para outro curso. Admirar o que era grande, respeitar o que era bom, mostrar-se alegre com a alegria dos outros, tal era a inclinação natural da alma de Miss Keeldar, que meditava mais nos meios de seguir sua inclinação do que na sua superioridade social.

Miss Keeldar pela primeira vez tinha sentido um interesse real por Miss Helstone, que era calma, recolhida e, como parecia ter uma saúde delicada, precisava de alguém para cuidar dela. A sua predileção aumentou ainda mais quando descobriu que a sua maneira de pensar e falar era apreciada por ela. Ela não esperava isso. Miss Caroline, de fato, gostava das mesmas coisas que sua nova amiga: os livros que Miss Keeldar tinha lido com mais prazer eram os preferidos de Miss Helstone. Muitas aversões

também eram comuns às duas, e entendiam-se maravilhosamente para rir das pretensões pomposas e do falso sentimentalismo.

Miss Shirley Keeldar achou que Miss Caroline Helstone sabia distinguir o puro metal das escórias brilhantes e sem valor. Ela tinha uma ou duas vezes ouvido pessoas muito inteligentes pronunciarem esta passagem e achou completamente admirável que, quando ela leu a alma de Miss Caroline, recusou-se a reconhecer como qualquer coisa que não pudesse ser mais colorida. As mentes das duas misses estavam sempre em harmonia e, muitas vezes, soavam docemente juntas.

Certa noite elas tiveram a oportunidade de estar sozinhas no salão, ao fim de um longo dia de chuva sem tédio. Estava quase escurecendo, mas ainda não tinham trazido as velas e o crepúsculo se aprofundava. Um vento ocidental rugiu alto do salão trazendo nuvens selvagens e uma chuva tempestuosa caía lá fora nas treliças antigas, mas dentro de casa reinava toda a paz. Miss Keeldar estava sentada à janela contemplando a tempestade que ia ao céu e o nevoeiro que cobria a terra, escutando certas notas da ventania que choravam como inquietos espíritos. Ressoavam-lhe aos ouvidos fragmentos de suaves baladas, ela cantou uma ou duas estrofes. Miss Helstone, retirada um pouco de Miss Keeldar num lado mais escuro do salão, com o rosto iluminado apenas pelo reflexo do fogo sem chama, passeava de um lado para outro, murmurando para si fragmentos de poesia gravados na memória.

– Você gosta de homens tipo Rousseau, Caroline?

– De maneira alguma, mas simpatizo intensamente com certas qualidades que possuem. Certas centelhas divinas da sua natureza deslumbram-me os olhos e inflamam minha alma. Apesar disso, desprezo-os. São feitos de barro e ouro. A escória e o metal formam uma massa fraca.

Para dizer tudo o que eu penso, são caracteres contra a natureza, insalubres e repugnantes.

– Atrevo-me a dizer que eu seria mais tolerante com um Rousseau do que você, Caroline. Por natureza você é submissa e contemplativa, mas, contudo, gosta dos homens positivos e práticos. Dessa maneira, deve lastimar muito por seu primo Mr. Moore, agora que você e ele nunca se encontram.

– Lamento, é verdade.

– E ele deve lamentar também.

– Oh! Decerto que não.

– Não posso imaginar – prosseguiu Miss Keeldar, que recentemente tinha tomado o hábito de introduzir o nome de Mr. Moore nas conversas, mesmo quando ele parecia não ter nada a ver com ela. – Não consigo imaginar que ele não tenha uma profunda afeição por você, que ele não estava apaixonado, pois ele lhe dava tanta atenção e até mesmo a instruía.

– Ele nunca teve por mim uma afeição profunda, aliás, ele nunca professou gostar de mim. Pelo contrário, fazia o possível para provar que apenas me tolerava.

Miss Caroline tinha suas razões para ser menos confiante do que nunca no futuro. Ela estava determinada a não errar e ser lisonjeira em relação à estimativa de seu primo para com ela. Ela não tinha razões para ser otimista, para ter esperança no futuro e não queria recordar o passado.

– Então – observou Miss Keeldar – em troca você apenas o tolerava?

– Shirley, os homens e as mulheres são tão diferentes. Estão em uma posição tão desigual. As mulheres têm tão poucas coisas com que se ocupar e os homens, ao contrário, têm tantas. Podemos ter uma amizade por um homem, mesmo quando ele é quase indiferente a nós. Robert costumava ir a Londres por uma ou duas semanas. Pois bem, mal ele partia, a sua ausência

deixava-me um vazio. Briarfield ficava maçante e triste. Eu tinha as minhas ocupações habituais e, ainda assim, sentia sua falta. Enquanto eu estava sentada sozinha à noite, eu sentia uma estranha certeza, uma convicção a qual não posso descrever, como se um mago ou um gênio, naquele momento, me mostrasse (você se lembra das Mil e Uma Noites?), era como se, com a sua ajuda, eu pudesse ter uma visão de Robert. Eu sabia que, embora todos os meus pensamentos fossem para ele, os seus estavam longe de mim.

– Caroline – perguntou bruscamente Miss Keeldar – você não gostaria de ter uma profissão, um comércio?

– Cinquenta vezes por dia eu desejo isso. Anseio ter algo absorvendo-me, preenchendo minha mente, ocupando minhas mãos e meus pensamentos.

– Pensa que só o trabalho pode fazer um ser humano feliz?

– Não, mas pode atenuar a dor e impedir que ela quebre nossos corações como um tirano. Além disso, o trabalho bem-sucedido tem sua recompensa. No entanto, uma existência vazia, triste e sem esperança não tem nenhuma.

– Dizem que os trabalhos rudes e as profissões liberais tornam as mulheres masculinizadas e desgraciosas.

– O que importa isso para as solteiras? O que importa que sejam ou não privadas de atrativos? Logo que sejam decentes, úteis e limpas o suficiente.

– Você fala como uma solteirona.

– Serei uma delas. É o meu destino. Nunca me casarei com um Mr. Malone ou um Mr. Sykes e ninguém mais vai querer se casar comigo.

Seguiu-se uma longa pausa. Miss Keeldar a quebrou. Mais uma vez veio aos seus lábios o nome pelo qual ela parecia enfeitiçada.

– Lina. Mr. Moore não a chamava de Lina às vezes?

– Sim. Em sua terra natal, Lina é, às vezes, usado como abreviação de Caroline.

– Bem, Lina, você se lembra de que lhe fiz notar sobre a desigualdade na sua cabeleira, um caracol que lhe faltava aqui do lado direito, e a resposta que Caroline me deu foi que tinha sido culpa de Robert, que lhe havia cortado uma grande madeixa?

– Sim. Lembro-me.

– Se Mr. Moore lhe fosse indiferente como você diz, para que quereria ele seus cabelos?

– Ah, não sei. Ah, já me lembro! Foi de mim que isso partiu, não foi dele. É sempre de mim que surgem as ideias desse gênero. Ele ia partir para uma viagem à noite. Antes da sua partida, encontrei na caixa de costura de Hortense uma madeixa de cabelos curta, preta e frisada. Hortense me disse que era de seu outro irmão, uma recordação. Robert estava sentado perto da mesa, olhei para sua cabeça e vi que o cabelo dele era abundante. Caíam-lhe sobre a fronte alguns daqueles cachos redondos. Pensei que ele poderia me dar um. Eu o queria muito e perguntei a ele. Ele disse que me daria na condição de que ele pudesse escolher uma trança da minha cabeça. Então ele cortou uma de minhas longas madeixas e eu um de seus curtos cachos. Ainda o guardo comigo, mas ouso dizer que ele perdeu a minha, com certeza. Aí está uma dessas minhas ações patetas que me afligem o coração e põem o meu rosto a arder quando penso nelas.

– Caroline!

– Julgo-me tola, Shirley, em alguns aspectos. Desprezo-me. Mas, eu disse que não a queria como minha confessora, pois você não pode fazer comigo uma troca recíproca de fraquezas. Você não é fraca como eu. Desvie de mim esse olhar penetrante, Shirley! É um insulto para mim.

– Não a acho fraca, Caroline. Certamente que não. Entre!

Esta palavra foi a resposta a uma leve pancada na porta. Miss Keeldar estava naquele momento perto da porta e Miss Caroline na outra extremidade da sala. Ela viu um bilhete sendo colocado nas mãos de Miss Shirley e ouviu as palavras:

– Mr. Moore lhe mandou, senhora.

– Traga velas – ordenou Miss Keeldar.

Miss Caroline sentou-se, expectante.

– Uma comunicação sobre negócios – disse a herdeira, mas quando as velas chegaram, ela não o abriu nem o leu. Logo depois vieram dizer que Fanny, a criada do reverendo, tinha acabado de chegar para levar a sobrinha do reitor para casa.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XIII

OceanofPDF.com

Outras Cartas de Negócios

Era da natureza de Miss Shirley Keeldar se deixar levar em certos momentos por pura indolência. Havia períodos em que se deixava ficar em inanição absoluta, em que a ideia de sua existência e do mundo que a cercava parecia ceder. Noutros, ficava numa felicidade tão completa que não levantaria um dedo sequer para aumentar a alegria. Muitas vezes, depois de uma manhã ativa, ela passava a tarde ensolarada sentada na relva, ao pé de alguma árvore de sombra amigável. Nenhuma companhia era preciso, mas a de Miss Caroline Helstone era bem-vinda e lhe bastava. Os seus únicos livros em tais horas de doce indolência eram a vaga recordação do passado ou as páginas enigmáticas do futuro. De seus olhos jovens caíam em cada volume uma luz gloriosa para se ler; o sorriso, que por momentos brincava em seus lábios, dava vislumbres de um romance do passado ou da profecia de um futuro. Contudo, não era um sorriso triste ou mesmo sombrio. O destino tinha sido benigno para aquela feliz sonhadora e prometido favorecê-la mais uma vez: seu passado era de doces paisagens e o futuro de esperanças rosadas.

No entanto, um dia, quando Miss Helstone se aproximou para despertá-la, julgando que ela tinha ficado muito tempo deitada, viu as faces de Miss Keeldar inundadas de lágrimas como se fosse o orvalho. Aqueles belos olhos brilhavam umedecidos.

– Shirley, por que chora? – perguntou Miss Caroline.

Miss Keeldar sorriu e, virando a encantadora cabeça para Miss Helstone, respondeu:

– Porque me agrada imensamente chorar – respondeu. – O meu coração está ao mesmo tempo triste e alegre. Mas, por que não me faz

companhia, minha boa e paciente criança? Eu só choro lágrimas doces que depressa se secam. Você é que poderia chorar amargamente.

– Por que eu deveria chorar amargamente?

– Porque é uma ave solitária – foi sua única resposta.

– E você também não tem companheiro, não é, Shirley?

– No fundo do meu coração, não.

– Oh! Quem ousa lá fazer ninho, Shirley?

Mas, Miss Shirley apenas riu alegremente desta pergunta em vez de respondê-la. Pouco depois, levantou-se com vivacidade.

– Eu sonhei – disse Miss Keeldar. – Não passou de um mero devaneio, certamente brilhante, mas provavelmente infundado.

Naquele momento Miss Helstone não tinha ilusões. Ela tinha uma visão suficientemente grave do futuro e imaginou que ela sabia muito bem como seria o seu próprio destino. Ainda assim, antigas associações haviam conservado sua influência sobre ela que, junto com o poder do hábito, traziam-na frequentemente à noite para o campo que dominava a *cottage* e a fábrica de Hollow.

Numa noite, aquela que se seguiu ao incidente do bilhete, ela tinha ido para o seu posto habitual esperando a aparição do seu farol, o que aguardou em vão, pois nessa noite nenhuma luz apareceu. Esperou até que certas constelações, elevando-se no céu, vieram adverti-la de que a noite avançava e era hora de se recolher. No regresso, passando perto de Fieldhead, o efeito do luar sobre a casa atraiu sua atenção e fez com que parasse. As árvores e a casa erguiam-se pacíficas sob um céu calmo e a plena claridade do astro da noite, o clarão dourado destacava-se harmoniosamente sobre um fundo sombrio. O pavimento amplo da frente brilhava palidamente como se algum feitiço tivesse transformado o granito escuro em um resplandecente mármore. Sobre o espaço prateado

destacavam-se duas formas negras, duas figuras humanas. Estas figuras, a princípio imóveis e mudas, começaram a andar e a falar em voz baixa e harmoniosa. Um olhar ardente as seguiu quando elas saíram detrás do tronco de cedro. Seriam Mrs. Pryor e Miss Keeldar?

Certamente era Miss Shirley Keeldar. Quem mais teria uma forma assim tão graciosa! Seu rosto também era visível; seu semblante descuidado, pensativo, meditava alegre com um ar zombeteiro e terno. Não temendo o orvalho, ela não cobria a cabeça e seus sedosos cachos estavam livres, caíam como um véu em seu pescoço, acariciando seus ombros. Um ornamento de ouro brilhava através das dobras meio cerradas do lenço que ela envolvia em seu busto. Sim, era Miss Keeldar. Então a outra pessoa só pode ser Mrs. Pryor.

Sim, se Mrs. Pryor possuísse seis pés de altura e se tivesse trocado seu vestido de viúva por um disfarce masculino. A figura que caminhava ao lado de Miss Keeldar era um homem, um cavalheiro alto, imponente e jovem, era o seu inquilino, Mr. Robert Moore.

O casal conversava baixinho, quase um murmúrio, portanto, não dava para saber o que falavam um ao outro.

Houve um tempo em que, nas noites de verão, Mr. Moore tinha o costume de andar assim com sua prima, como naquele momento estava andando com a herdeira. Muitas vezes Miss Caroline Helstone subira com ele a ladeira de Hollow, depois do pôr do sol, para respirar o frescor da terra sobre uma espécie de terraço atapetado de relva à beira de um barranco, do fundo do qual subia um gemido das águas chorando por entre os úmidos seixos. “Mas naquele tempo eu costumava estar mais perto dele”, pensou Miss Caroline. “Ele não era obrigado a tratar-me com deferência, eu só pedia ternura e ele costumava segurar a minha mão. Na dela ele não toca.” E, ainda assim, Miss Shirley Keeldar não era altiva com os que ela amava.

Não havia arrogância em seu aspecto nesse momento, apenas no seu porte, esse ar de dignidade que lhe era natural e inseparável. “Robert deve pensar também como eu penso, que ele tem, neste instante, um belo rosto à sua frente. Seus olhos brilham com uma doce luz! Ela sorri seu sorriso tão meigo! Vejo que Robert sente sua beleza, portanto, deve compreendê-la com o coração de homem e não com a fraca percepção de uma mulher. Aparecem para mim como dois grandes espíritos felizes. E quem sou eu aqui escondida na sombra? Sou uma infeliz mortal que se pergunta para que nasceu e por que vive? Eis a provação mais penosa das que tenho defrontado e, contudo, eu estava preparada para ela. Renunciei a Robert e o dei a Shirley no dia em que soube da sua chegada. A primeira vez que a vi: rica, jovem e encantadora. Ela o tem agora; ele é seu amante; ela é sua querida. Ela será muito mais sua querida quando forem casados. Quanto mais Robert conhecer Shirley, mais sua alma se apegará a ela. Eles vão ser felizes e eu não invejo a felicidade deles, contudo, gemo sob o peso da minha própria miséria. Meus sofrimentos são agudos e eu não deveria ter nascido. Oh! Como minha dor é cruel! Por que não me sufocaram ao nascer?”

Neste momento, Miss Keeldar, afastando-se um pouco para colher uma flor orvalhada, entrou com seu companheiro por um atalho que ficava mais perto do portão exterior. Algumas palavras da sua conversa tornaram-se audíveis. Miss Caroline não quis ficar para ouvi-las, afastou-se sem fazer barulho e a lua veio acariciar a parte do muro que sua sombra havia esmaecido. O leitor tem o privilégio de permanecer e apanhar o que puder da conversa.

– Não posso conceber por que a natureza não lhe deu uma cabeça de *bulldog*, porque o senhor tem a tenacidade desse animal – disse Miss Keeldar. – E tem também qualquer coisa da maneira como esse animal se

atira, não avisa, vai sorrateiramente por trás, morde com força e não larga a presa.

– Não pode observar nada parecido com isso em minha conduta. Tem testemunhado tal façanha da minha parte na sua presença? Se eu não falei abertamente ainda era porque eu não tinha nada para falar.

– O seu silêncio indica a sua raça. Como fala pouco, em geral, é profundo e perspicaz. O senhor sabe calcular.

– É que eu sei qual a maneira de proceder dessas pessoas. Tenho recolhido informações e conheço suas intenções. A minha carta de ontem à noite informava que Barraclough foi reconhecido culpado e condenado à deportação. Os seus associados vão traçar vingança. Vou preparar meus planos de modo a neutralizá-los ou, pelo menos, estarei preparado para enfrentá-los. Isso é tudo. Agora eu já lhe dei a mais clara explicação e peço sua incondicional aprovação.

– Sim. Estarei do seu lado desde que você permaneça na defensiva.

– Bem. Agora estou satisfeito. Sem qualquer ajuda, mesmo contra ou reprovado por você, eu acredito que eu deveria ter agido exatamente como eu agi. Mesmo sendo considerado um *bulldog*.

– Isso salta à vista e ouso dizer-lhe que a tarefa que atribuí a você lhe agrada mais, talvez, do que um contrato do governo para o fornecimento de uniformes para o exército.

– Certamente.

– O velho Mr. Helstone é como o senhor. É verdade que existe uma sombra de diferença em seus motivos e os dele. Várias diferenças, talvez. Posso falar com Mr. Helstone se você quiser.

– Faça como quiser. O seu julgamento, Miss Keeldar, irá guiá-lo com precisão. Mas, devo dizer que Mr. Helstone está um pouco chateado comigo no momento.

– Estou ciente. Contaram-me tudo sobre suas diferenças. Tenha certeza de que se desvanecerão. Ele não poderá resistir à tentação de uma aliança nas atuais circunstâncias.

– Ficaria feliz em tê-lo do meu lado. Ele é de metal verdadeiro.

– Eu penso assim também. Bem, irá tê-lo, Mr. Moore. Farei todos os esforços para isso.

– Ele cederá a uma palavra sua, a um sorriso.

– De maneira nenhuma. Vai me custar vários chás, algumas torradas e uma larga medida de conselhos, de censuras e de persuasão. Mas farei o esforço.

– Vejo que você treme. Estou agindo erroneamente em detê-la aqui. Contudo, a noite está tão calma, acho-a quase quente e uma companhia como a sua é um prazer tão raro! Se tivesse um xale mais quente...

– Poderia ficar mais tempo e esquecer o quão tarde é, mas a senhora ficaria zangada. Mantemos hábitos regulares em Fieldhead, Mr. Moore. Deitamos cedo e tenho a certeza de que sua irmã também.

– Sim. Hortense e eu entendemo-nos admiravelmente. Cada um faz o que quer.

– E o que costuma fazer?

– Três noites por semana durmo na fábrica, mas não tenho necessidade de grande descanso e, quando a luz brilha e a noite é suave, passeio muitas vezes até ao amanhecer pelos arredores de Hollow.

– Quando eu era uma menininha, Mr. Moore, a minha ama tinha o costume de me contar histórias das fadas que se viam em Hollow. Isso foi antes de meu pai construir a fábrica, quando Hollow era um barranco solitário. O senhor teria caído nos seus feitiços.

– Temo que isso já tenha acontecido – disse Mr. Moore, em voz baixa.

– Mas, há coisas piores do que as fadas de que é preciso se acautelar – prosseguiu Miss Keeldar.

– Coisas mais perigosas? – perguntou ele.

– Infinitamente mais. Por exemplo, gostaria de encontrar esse Michael Hartley, esse calvinista louco, esse tecelão jacobino. Dizem que ele é um caçador furtivo que sai muitas vezes, de noite, com uma espingarda.

– Já tive a sorte de encontrá-lo. Tivemos uma longa discussão. Achei esse incidente estranho e agradável.

– Agradável? Admiro o seu gosto! Michael não é sensato. Onde você o encontrou?

– No lugar mais profundo e sombrio do despenhadeiro, onde a água fica fraca, sob o matagal. Sentamo-nos junto da ponte de madeira. A lua brilhava, mas o céu estava nublado e havia muito vento. Tivemos uma conversa.

– Sobre política?

– E religião. Acho que a lua estava cheia e Michael estava o mais perto possível da loucura. Ele proferiu estranhas blasfêmias.

– Desculpe-me, mas eu acho que o senhor estava quase tão louco como ele para se sentar e ouvi-lo.

– As divagações dele são interessantes. Seus delírios, se não fossem absolutamente malucos, seriam como poesia. Ele poderia até ser um profeta se não fosse louco. Ele solenemente me informou que o inferno será a minha porção inevitável, que eu estava amaldiçoado. Eu quis saber mais, mas ele me disse: “O fim ainda não chegou.”

– Tornou a vê-lo desde então?

– Cerca de um mês depois, quando eu retornava do mercado, encontrei-o com Moisés Barraclough, ambos em avançado estágio de embriaguez. Poucos dias depois Michael se deu ao trabalho de aparecer na

porta do meu escritório, sem chapéu, em mangas de camisa, para me entregar uma mensagem. Ele me aconselhou a colocar a casa em ordem, pois o meu dia estava chegando ao fim e minha alma não tardaria a partir.

– E o senhor trata essas coisas levianamente?

– O pobre homem tinha bebido há semanas e estava em um estado vizinho da loucura.

– E então? Não acredita que ele seja capaz de executar as suas profecias?

– Seria absurdo deixar-me impressionar por esses incidentes.

– Mr. Moore, vá para casa.

– Então, até breve.

– Passe direto pelos campos, não siga o caminho das plantações – advertiu Miss Keeldar.

– É cedo ainda.

– É tarde. Da minha parte, vou para dentro. O senhor me promete não andar pelos arredores de Hollow esta noite?

– Se assim o deseja.

– Quero isso. Posso perguntar se o senhor considera a vida sem valor?

– De maneira nenhuma. Muito pelo contrário. De algum tempo para cá tenho considerado a minha vida de um valor inestimável.

– Desde quando?

– A minha existência não é sem rumo e sem esperança para mim agora. Foi há dois ou três meses atrás. Estive quase me afogando. De repente, foi-me estendida uma mão, uma mão tão delicada, que mal ouso confiar-me a ela. Foi a sua força, contudo, que me arrancou da ruína.

– Está realmente salvo?

– Por agora a sua ajuda me deu outra chance.

– Então viva para aproveitá-la e não a ofereça como um alvo a Michael Hartley. Boa noite!

****

Miss Helstone tinha prometido passar a noite seguinte em Fieldhead e cumpriu sua promessa. Contudo, as horas sombrias que decorreram o intervalo foram tristes. A maior parte do tempo ela passou trancada em seu próprio quarto, saindo apenas para acompanhar seu tio nas refeições, ocasiões em que evitava as perguntas de Fanny, dizendo-lhe que estava ocupada transformando um vestido e que preferia costurá-lo no andar de cima para evitar interrupção.

Ocupou-se com efeito da costura, mas seu cérebro trabalhava mais rápido do que os dedos. Mais uma vez, e agora mais intensamente do que nunca, ela desejou ter uma ocupação fixa, não importava quão aborrecida fosse. Resolveu consultar mais uma vez o tio, mas primeiro ela iria se aconselhar com Mrs. Pryor. Sua cabeça trabalhava imaginando projetos tão diligentemente quanto suas mãos a franzir e a coser a leve musselina do vestido de verão espalhada no pequeno sofá branco, ao pé do qual ela se sentou. De tempo em tempo, durante essa dupla ocupação, uma lágrima enchia seus olhos e caía sobre suas mãos ocupadas. Entretanto, este sinal de emoção era raro e rapidamente apagado. A dor aguda havia passado, aquela penumbra tinha sido apagada da sua visão.

No final da tarde, ela se vestiu sozinha e dirigiu-se para Fieldhead, chegando à sala de carvalho no momento em que se servia o chá. Miss Keeldar perguntou por que ela tinha vindo tão tarde.

– Porque estive costurando meu vestido – disse ela. – Estes dias ensolarados faziam com que eu me envergonhasse do meu vestido de

inverno. Assim fiz este mais leve.

– E dá gosto de vê-la! – disse Miss Keeldar. – Tem o ar muito distinto, Caroline. Não é verdade, Mrs. Pryor?

Mrs. Pryor nunca fazia elogios. Nesta ocasião limitou-se a afastar os cachos de Miss Caroline quando ela se sentou perto dela, acariciou-lhe o rosto oval e observou enternecida: – Você emagreceu, meu amor, e está mais pálida do que de costume. Você dormiu bem? Os seus olhos têm certa expressão de languidez – e olhava para ela, cheia de ansiedade.

– Tenho, às vezes, sonhos melancólicos – respondeu Miss Helstone – e se me acontece de ficar acordada até uma ou duas da manhã, penso continuamente que o presbitério é um lugar lúgubre. Vocês sabem que ele fica muito perto do cemitério? Uma parte da casa é muito antiga e dizem que a cozinha fazia, outrora, parte do cemitério e que há sepulturas embaixo dela. Bem, eu queria muito deixar a reitoria

– Minha querida, você certamente não é supersticiosa?

– Não sou, Mrs. Pryor, mas acho que estou me tornando nervosa, pois vejo as coisas sob um aspecto sombrio, tenho medo, não de almas de outro mundo, mas tenho maus presságios de eventos desastrosos. Tenho um peso indizível em minha mente que eu daria o mundo para tirá-lo de mim.

– É estranho! – exclamou Miss Keeldar. – Não sinto nada disso.

Mrs. Pryor não disse nada.

– O bom tempo, os dias agradáveis e as paisagens encantadoras são impotentes para me darem prazer – continuou Miss Helstone. – As noites calmas não me trazem tranquilidade. O luar que eu achava tão doce, agora me parece triste. Será fraqueza de espírito ou outra coisa? Luto contra esse estado, mas os meus esforços e a minha razão nada podem fazer.

– Deve fazer mais exercícios – aconselhou Mrs. Pryor.

– Exercícios? Faço o suficiente. Faço tanto que quase me sinto desfalecer.

– Minha querida, deve deixar o presbitério – disse Mrs. Pryor.

– Gostaria de deixá-lo, mas não para uma excursão ou uma visita. Gostaria de ser uma governanta como a senhora tem sido. Ficaria muito grata se falasse com meu tio sobre o assunto.

– Que absurdo! – interrompeu Miss Keeldar. – Que ideia! Ser uma governanta! Mais vale mil vezes ser uma escrava. Para que tomar essa resolução extrema? Por que sonhar com um passo tão doloroso?

– Ah, minha querida! – disse Mrs. Pryor. – É ainda muito jovem para ser uma governanta e não tem força suficiente. Os deveres de uma professora são, por vezes, penosos.

– Creio ter necessidade de deveres penosos para me ocupar.

– Para se ocupar! – exclamou Miss Keeldar. – E quando é que está ociosa? Nunca vi uma menina mais diligente do que você. Você está sempre trabalhando, Caroline. Venha – ela continuou – sente-se ao meu lado e tome um chá para se refrescar e ganhar coragem. A minha amizade não lhe interessa? Afinal, você quer me deixar?

– Interessa-me muito, Shirley. E não desejo deixá-la. Nunca terei amiga mais querida.

Miss Keeldar colocou sua mão sobre a de Miss Helstone num movimento cheio de afeição que foi bem destacado pela expressão de seu rosto.

– Se pensa assim, para que fugir? Não gosto de separar-me das pessoas a quem me apego. Mrs. Pryor, às vezes, fala em me deixar e diz que eu poderia fazer uma conexão mais vantajosa, isto é, trocar uma mãe à moda antiga por algo mais moderno e elegante quanto você. Bem, ela me

diz que você gosta de mim tanto quanto eu gosto de você e ela não faz restrição a respeito da nossa amizade.

– Sou sua amiga, Shirley. Cada vez mais. Mas isso não me faz forte nem mais feliz.

– E ficaria mais forte e feliz se partisse e fosse viver na dependência de estranhos? Não serve para você a vida de governanta, Caroline. Digo-lhe que iria falhar. Não está na sua natureza suportar a vida desolada que as governantas geralmente levam. Iria ficar doente. Não quero mais ouvi-la falar nisso.

Miss Keeldar fez uma pausa depois de ter pronunciado tal proibição muito decididamente. Logo ela recomeçou, com um ar um pouco irritado: – Ora, agora o meu prazer diário é tentar ver se vejo aparecer o pequeno chapéu e o lenço de seda brilhando por entre as árvores e saber que minha calma, meditativa e atenciosa companheira está voltando para mim. Que a terei sentada na sala de frente para mim para poder olhá-la, falar com ela ou deixá-la a sós, conforme agradar a ambas. Isto talvez seja uma maneira egoísta de falar, mas são as palavras que me vieram naturalmente.

– Escreverei para você, Shirley.

– E o que são as cartas? Apenas um pálido substituto. Beba o chá, Caroline. Coma qualquer coisa. Você nunca come nada. Ria, seja alegre e fique em sua casa.

Miss Helstone meneou a cabeça e suspirou. Compreendia a dificuldade que teria em convencer quem quer que fosse a ajudá-la na mudança de vida que ela acreditava necessária. Ela podia apenas seguir seu próprio julgamento, pensou que seria capaz de encontrar, talvez, um caminho duro, contudo uma cura eficaz para os seus sofrimentos. Mas este julgamento ela não poderia explicar a ninguém, muito menos a Miss Keeldar, pois parecia aos seus próprios olhos sem sentido. Não havia

realmente necessidade para que ela deixasse a casa confortável de seu tio para se tornar uma governanta e não havia qualquer probabilidade de que seu tio permitisse. Seus amigos pensavam da mesma forma, mas eles não conheciam a profundidade dos sofrimentos de Miss Caroline, aqueles que ela desejava tão ansiosamente superar ou escapar; eles não tinham ideia de suas noites atormentadas, muito menos suspeitavam dos dias sombrios. Era, portanto, impossível e sem esperança tentar explicar.

– Agora a sua mente já acalmou? – perguntou Miss Keeldar. – Consentirá em ficar em casa?

– Não vou deixá-la contra a aprovação de meus amigos – foi a resposta – mas creio que chegará um tempo em que serão obrigados a pensar como eu.

Durante esta conversa, Mrs. Pryor parecia longe e embaraçada. A sua extrema reserva raramente lhe permitia falar com liberdade ou interrogar com persistência. Ela poderia pensar numa série de perguntas, mas nunca se aventuraria a fazê-las. Se ela estivesse a sós com Miss Caroline, talvez, lhe tivesse dito qualquer coisa sobre o assunto, mas a presença de Miss Keeldar, por mais acostumada que ela estivesse a ela, selou seus lábios. Naquelas circunstâncias, como em outras mil, inexplicáveis escrúpulos a impediam de interferir. Ela simplesmente mostrou sua preocupação para Miss Helstone de forma indireta, perguntando-lhe se o fogo estava muito quente, colocando uma tela entre a cadeira e a lareira, fechando uma janela de onde ela imaginou uma corrente de ar, tudo isso, muitas vezes, sem parar e olhar para ela. Miss Keeldar continuou a falar:

– Depois de ter aniquilado seu plano – disse ela – o que me parece que fiz, idealizei um novíssimo. O que acha? Faço sempre uma viagem de verão. Este ano tenciono passar dois meses ou mais nos lagos escoceses ou

nos da Inglaterra, isto é, se você consentir em me acompanhar. Se recusar, não darei um passo.

– É uma boa pessoa, Shirley.

– Serei muito boa se você me deixar ser. Tenho todas as disposições para isso. Mas, você precisa se deixar ser feliz. Quero dedicar todos os meus esforços para fazer a minha companheira feliz. E vamos ser felizes, Caroline! O que acha das Terras Altas? Vamos para as Highlands. Se puder suportar uma viagem marítima, visitaremos as ilhas Hébridas, as Shetland e as ilhas Orkney. Vejo que essas viagens lhe agradariam. Mrs. Pryor, tomo-a como testemunha. Seu rosto não está mais animado com a simples menção da viagem?

– Gostaria muito de ir – respondeu Miss Caroline, a quem, de fato, a ideia da viagem não era apenas agradável, mas parecia gloriosamente fazê-la reviver. Miss Shirley esfregou as mãos.

– Vamos! Posso enfim fazer alguma coisa boa! – exclamou Miss Keeldar. – Posso fazer uma boa ação com minha fortuna. Neste verão, Caroline, nós duas e a Mrs. Pryor sairemos para o Atlântico Norte, além de Shetland, quem sabe para as ilhas Faroé. Vamos ver as focas no Suderoé e, sem dúvida, as sereias em Stromoé. Caroline está sorrindo, Mrs. Pryor. Pelo menos eu a fiz sorrir!

– Alegro-me com esta viagem, Shirley – disse Miss Helstone novamente. – Já me tarda ouvir o som das ondas do oceano, de vê-las como as imaginei em meus sonhos.

– Nas noites quando você ficar acordada pensará nas gaivotas, nas ondas brancas e não em túmulos sob a reitoria.

– Vou tentar. Pensarei nas focas deitadas ao sol, nas fendas dos rochedos, cheias de ovos semelhantes às pérolas; nos pássaros felizes cobrindo as areias brancas.

– E o que será desse peso inexprimível que você disse que tinha em sua mente?

– Tratarei de esquecê-lo.

– Minha querida – disse Mrs. Pryor – acho que chegou alguém. Ouvi alguns passos enquanto você estava falando.

Miss Keeldar foi até a janela.

– Sim, é alguém – disse ela, voltando-se tranquilamente e, quando retomou seu assento, um leve rubor lhe cobriu o rosto. Levou a mão ao queixo, baixou os olhos e parecia refletir.

O servo anunciou Mr. Moore, e Miss Keeldar virou-se quando ele apareceu à porta. A sua estatura parecia mais elevada em contraste com as três mulheres, das quais nenhuma excedia a estatura mediana. Miss Caroline pensou que há um ano não o via em tão boa aparência. Havia uma espécie de juventude ressuscitada. Seus olhos brilhavam e davam cor ao rosto. Uma esperança vivificante e um propósito firme revigoravam seu porte. A sua atitude anunciava firmeza, e não austeridade. Parecia tão alegre como sério.

– Chego neste instante de Stilbro – disse ele ao cumprimentar Miss Keeldar – e quis trazer-lhe o resultado da minha missão.

– Fez certo em não fazer suspense – disse ela – e a sua visita vem a propósito. Sente-se. Ainda não acabamos de tomar o chá. É suficientemente inglês para saborear um chá ou é um fiel adepto do café?

Mr. Moore aceitou o chá.

– Estou aprendendo a ser um inglês naturalizado – disse ele – os meus hábitos estrangeiros estão me deixando um por um.

Cumprimentou em seguida Mrs. Pryor e então olhou para Miss Caroline, não, contudo, pela primeira vez, pois seu olhar já havia caído sobre ela. Inclinou-se diante dela que estava sentada, estendeu-lhe sua mão

e perguntou como ela estava. Uma resposta calma, quase um sussurro, uma atitude ereta e a proteção do crepúsculo esconderam dos olhares qualquer sintonia que pudesse atraiçoá-los.

Ninguém poderia afirmar que ela tremeu ou corou, que seu coração havia estremecido ou seus nervos se emocionado, ninguém poderia provar sua emoção; uma saudação mostrando menos efusão nunca fora trocada entre eles. Mr. Moore levou a cadeira vazia para perto dela, em frente a Miss Keeldar. Ele colocou-se bem ao seu lado e abrigou-se mais pelo crepúsculo que se aprofundava a cada momento. Miss Caroline logo recuperou o domínio, não apenas aparente, mas real dos sentimentos que tinham começado em insurreição no primeiro anúncio do nome de Mr. Moore.

Ele dirigiu sua conversa para Miss Keeldar.

– Fui ao quartel – disse ele – e tive uma entrevista com o coronel Mr. Ryde. Ele aprovou meus planos e prometeu a ajuda necessária. Ofereceu-me uma força maior do que eu preciso. Meia dúzia de homens basta. Não tenho a intenção de ser sugado pelas casacas vermelhas. Eles são necessários mais pela aparência do que qualquer outra coisa. A minha confiança principal eu ponho sobre os meus próprios civis.

– E no seu capitão – gracejou Miss Keeldar.

– Em quem? No capitão Keeldar? – indagou Mr. Moore, sorrindo ligeiramente, sem levantar os olhos. O tom de zombaria, no qual ele disse isso, foi muito respeitoso e suprimido.

– Não – voltou Miss Keeldar, correspondendo ao sorriso – no capitão Gérard Moore, que confia muito na destreza de seu braço direito, eu acredito.

– Equipado e armado com a verdade, isso sim – acrescentou Mr. Moore. Retomando sua gravidade de costume, ele continuou: – Recebi pelo

correio desta tarde uma nota do Ministro da Administração Interna em resposta à minha carta. Parece que eles estão desconfortáveis com o estado dos negócios aqui no Norte. Condenam a moleza e a pusilanimidade dos proprietários dos moinhos. Ele diz o que eu sempre digo, ‘que a inação das circunstâncias presentes é criminosa, que é covardia e crueldade, já que ambos só podem incentivar a desordem e levar, finalmente, a surtos sangrentos’. Aqui está a nota. Trouxe-a para que leia. Aqui estão também vários recortes de jornais que contêm as mais amplas informações sobre o que se passa em Nottingham, Manchester e em outros lugares.

Colocou a carta e os jornais diante de Miss Keeldar. Enquanto ela os lia, ele tomou tranquilamente seu chá. Embora em silêncio, não perdia nada do que se passava ao seu redor. Mrs. Pryor, sentada ao fundo, não se encontrava no raio de seu olhar, mas o mesmo não sucedia com as duas moças.

À frente dele, Miss Keeldar era visível sem esforço. Como caía sobre ela a luz que restava do dia, o reflexo dourado do poente, sua forma destacava-se em relevo sobre a sombria guarnição de madeira da sala. As faces claras de Miss Keeldar ainda conservavam vestígios do rubor que as cobrira alguns minutos antes. Os negros cílios, decaídos enquanto lia, a linha escura mais delicada das suas sobrancelhas, o reflexo quase negro de seus cachos, faziam-na assemelhar-se, pelo contraste, a uma bela flor silvestre. Havia graça natural na sua atitude e um efeito de arte nas dobras amplas e brilhantes de seu vestido de seda, de forma simples, mas quase esplêndido pelos brilhos das várias cores mutantes que o faziam parecido com o pescoço de um faisão. Um bracelete brilhava em seu braço e produzia o contraste do ouro e do marfim. Havia algo de resplandecente no conjunto desse quadro. É de se supor que Mr. Moore pensasse assim, pois seus olhos demoraram muito tempo sobre ela, mas ele raramente permitia

que lessem seus sentimentos ou mesmo demonstrava suas opiniões em seu rosto. Seu temperamento ostentava reserva, era pouco expansivo, e, sim, misterioso. Ele não podia, na posição em que se encontrava, ver Miss Helstone, pois, mesmo ao seu lado, ela estava coberta pela sombra. Para isso, era necessário que ele se virasse um pouco para tê-la ao alcance da sua observação. Ele, portanto, recostou-se na cadeira e pôs-se a contemplá-la. Nem ele nem ninguém poderia descobrir nada de brilhante em Miss Helstone. Sentada à sombra, sem flores ou ornamentos, com um modesto vestido de musselina incolor, que não tinha outra cor a não ser um pálido azul; sua pele sem rubor, sem animação, o tom suave de seus cabelos e dos olhos invisíveis naquela iluminação discreta, era, em comparação com a herdeira, como um gracioso esboço a lápis ao lado de uma pintura viva. Sobretudo, desde a última vez que Mr. Robert Moore a tinha visto, dera-se uma grande mudança. Se ele percebeu, não pôde ser verificado, pois ele nada disse.

– Como está Hortense? – Miss Helstone perguntou baixinho.

– Muito bem. Mas se queixa da inanição. Lastima a sua falta.

– Diga a ela que eu sinto muito não poder vê-la e que eu escrevo e leio um pouco de francês todos os dias.

– Ela vai perguntar se você enviou seus cumprimentos. É um ponto em que ela é susceptível. Você bem sabe que ela gosta de atenção.

– Os meus cumprimentos mais sinceros. E diga a ela que, se ela tiver tempo de me escrever um pequeno bilhete, ficarei muito feliz por ter notícias dela.

– E se eu me esquecer? Eu não sou um mensageiro digno de elogios.

– Não, não deve se esquecer, Robert. Deve dizer-lhe pontualmente e eu o elogiarei.

– Devo, portanto, entregar pontualmente para merecê-lo.

– Sim, por favor. Diga que a amo, que sinto muito a falta dela...

– Hortense vai chorar de emoção. Ela é muito sensível em se tratando de sua aluna. Ainda assim ela a censura por obedecer às ordens expressas do seu tio. Como o amor, a afeição é, por vezes, injusta!

Miss Helstone não respondeu à observação, pois, na verdade, o seu coração estava perturbado e, se tivesse ousado, também teria confessado que as flores do jardim da *cottage* de Hollow lhe eram queridas; que a saleta daquela casa era o seu paraíso terrestre; que desejava tão ardentemente voltar lá como a primeira mulher, em seu exílio, deve ter desejado voltar ao Éden. Não ousando, no entanto, dizer tais coisas, ela ficou quieta ao lado de Robert esperando que ele dissesse algo mais. Há muito tempo não sentia essa proximidade, há muito tempo não ouvia sua voz se dirigindo a ela. Aquele encontro, mesmo inesperado, tinha-lhe trazido uma felicidade profunda. Embora duvidando de que Robert sentisse prazer naquele encontro, e apesar de seu receio de vê-lo contrariado, aceitou os favores do acaso, como uma ave presa em sua gaiola aceita a claridade do sol. Era inútil discutir e lutar contra a sensação de felicidade presente. Estar perto de Robert era reviver.

Miss Keeldar acabou de ler os papéis.

– Está feliz ou triste com essas notícias ameaçadoras? – ela perguntou ao seu inquilino.

– Nem uma coisa nem outra, exatamente. Mas, certamente, estou instruído, vejo que o nosso único recurso é a firmeza, uma atitude rigorosa e decidida é o melhor meio de evitar derramamento de sangue.

Ele então perguntou se ela havia observado certo parágrafo específico, ao que ela respondeu negativamente, ele se levantou para mostrar a ela e continuou a conversa de pé diante dela. Do teor do que ele dizia, parecia evidente que ambos esperavam distúrbios em Briarfield. Nem

Miss Helstone nem Mrs. Pryor fizeram perguntas. O assunto não pareceu ser considerado livre para discussão e, portanto, a senhora e seu inquilino foram impedidos de entrar em detalhes para a curiosidade de seus ouvintes.

Miss Keeldar, ao falar com Mr. Moore, adotou um tom, ao mesmo tempo, animado, cheio de dignidade, confidencial e reservado. Quando, porém, trouxeram as velas, pôde-se ler em seus traços a vida, a plenitude estava expressa em seu rosto. Não havia desejo de agradar, nenhum comportamento galanteador, o que ela sentia por Mr. Moore, sentia realmente. Da parte dele os sentimentos eram sérios, seus propósitos firmes, aparentemente, pois ele não fazia nenhum esforço para atrair, deslumbrar ou impressionar, mantendo, contudo, sempre um leve ar de autoridade. Miss Keeldar parecia feliz em conversar com ele e o seu prazer era duplo: o prazer do passado e do presente, da recordação e da esperança. O que eu acabei de exprimir são as próprias ideias de Miss Caroline sobre Miss Shirley e Mr. Robert Moore. Poucos minutos antes o seu coração faminto tinha experimentado uma queda pelas migalhas de alimento, que, se dado livremente, teria trazido de volta uma abundância de vida. Com essa maneira de sentir, ela se esforçava para não sofrer, contudo, sofria amargamente.

O relógio bateu nove horas. Era a hora de Miss Helstone voltar para casa. Portanto, a moça dobrou o seu trabalho de costura, guardou o bordado, a tesoura e o dedal em sua bolsa. Despediu-se de Mrs. Pryor com calma, deu-lhe boa-noite, recebendo da parte da senhora uma pressão de mão mais calorosa do que a habitual, e dirigiu-se a Miss Keeldar.

– Boa noite, Shirley!

Miss Keeldar sobressaltou-se.

– O quê! Tão cedo? Já vai?

– Já é tarde, Shirley, mais de nove horas.

– Nunca ouço o relógio. Voltará amanhã, não é? Esta noite você será feliz? Lembre-se dos nossos planos.

– Sim – disse Miss Caroline: – Eu não me esqueci.

Seu estado de espírito fazia-lhe temer que, nem os novos planos, nem qualquer outro, poderiam, permanentemente, restaurar a sua tranquilidade mental. Voltou-se então para Mr. Moore que estava atrás dela. No momento em que ela erguia os olhos, a luz das velas, que estavam sobre a lareira, clareou em cheio o seu rosto. Toda palidez de Miss Helstone, toda mudança que se passara em seu rosto, apareceram com todo o seu triste significado. Mr. Robert Moore tinha bons olhos e poderia ter visto as mudanças, nada, porém, indicou que ele as tivesse visto.

– Boa noite! – disse ela, tremendo como uma folha, oferecendo-lhe sua emagrecida mão, parecendo ter pressa em se separar dele.

– Você está indo para casa? – ele perguntou, sem tocar na sua mão.

– Sim.

– A Fanny veio buscá-la?

– Sim.

– Eu poderia muito bem acompanhá-la uma parte do caminho, não até o presbitério, é claro, pois o meu velho amigo Mr. Helstone me daria um tiro da janela – disse ele e, rindo, pegou seu chapéu. Miss Caroline falou que não era necessário, mas ele estava decidido e lhe disse para colocar seu chapéu e xale. Num instante ela estava pronta e saíram juntos. Mr. Moore, portanto, pegou a mão de Miss Caroline e a colocou debaixo de seu braço, como outrora, da maneira que ela achava encantadora.

– Pode ir na frente, Fanny – disse ele à criada – nós a alcançaremos.

E quando a criada tinha se distanciado um pouco, ele pegou a mão de Miss Caroline e, colocando-a entre as suas, disse que estava muito feliz por vê-la íntima de Miss Shirley Keeldar, que esperava que essa amizade com

Miss Keeldar continuasse e que aquele convívio só lhe seria útil e agradável.

Miss Caroline respondeu que gostava de Miss Shirley.

– E não há dúvida de que a afeição é recíproca – disse Mr. Moore. – Se ela lhe professa amizade tenha certeza de que é sincera. Ela é incapaz de fingir, pois despreza a hipocrisia. E, mudando de assunto, Caroline, nunca mais voltaremos a vê-la na *cottage* de Hollow?

– Acho que não, a não ser que meu tio mude de opinião.

– Tem passado bem ultimamente? Está se sentindo muito sozinha?

– Sim, estou bem. Tenho pouco prazer em qualquer sociedade, mas Miss Keeldar tem me feito bem.

– Tem que cuidar de si mesma, Lina. Tenha cuidado para não negligenciar sua saúde. Achei que está um pouco alterada, um pouco magra e pálida. Seu tio é bom para você?

– Sim, ele é como ele sempre foi.

– Não muito afetuoso, ou seja, não muito cuidadoso e atento. E o que a aflige? Diga-me, Lina.

– Nada, Robert – mas a voz da moça vacilou.

– Isto é, nada que me queira confiar. A separação imposta pelo seu tio nos tornou estranhos, Lina? Não sou mais digno de sua confiança?

– Eu não sei. Às vezes eu quase receio isso.

– Mas, não deveria ter esse efeito, Lina. Seria preciso esquecer os velhos tempos, os dias passados...

– Robert, eu não esqueço.

– Parece que Caroline não vai à *cottage* há dois meses, eu acho.

– É verdade. Há dois meses eu não entro lá...

– Foi alguma vez passear por aquele lado?

– Fui algumas vezes ao topo do despenhadeiro e olhei para baixo. Uma vez eu vi a Hortense no jardim regando suas flores e sei que horas você acende a luz do escritório. Esperei algumas vezes que ela brilhasse e vi você se inclinar entre ela e a janela. Eu sabia que era você, quase podia distinguir seus contornos.

– Admiro-me nunca a ter encontrado. De vez em quando eu dou um passeio ao pôr do sol até o alto dos campos de Hollow.

– Bem sei. Uma tarde eu quase o chamei. Passou tão perto de mim.

– Será que eu passei perto de você e não a vi? Eu estava só?

– Vi-o duas vezes e em nenhuma delas estava sozinho.

– Quem era então o meu companheiro? Provavelmente Joe Scott ou a minha própria sombra ao luar.

– Não, nem Joe Scott nem sua sombra, Robert. Na primeira vez estava com Mr. Yorke e na segunda, o que você chama de sua sombra era uma forma de rosto branco, cachos escuros e um colar cintilante ao pescoço. Mas eu mal o vi, foi apenas um vislumbre, assim como sua linda sombra. Não fiquei para não escutar a conversa.

– Parece-me que você anda invisível, Lina. Notei um anel em sua mão esta noite, seria o anel de Giges[11]? Daqui para o futuro, quando eu estiver sentado só na calada da noite no meu escritório, vou imaginar que Caroline, talvez, esteja ali, apoiada no meu ombro, lendo comigo o mesmo livro ou sentada ao meu lado, ocupada com seus trabalhos habituais, levantando de vez em quando os olhos invisíveis para o meu rosto para ler os meus pensamentos.

– Não deve recear isso. Eu não vou chegar perto de você. Só fico de longe observando o que lhe pode acontecer.

– Quando passeio à noite ao longo da sebe, depois que a fábrica está fechada ou quando tomo o lugar do guarda, eu gosto de imaginar que o

movimento da ave no ninho, que o farfalhar de cada folha é um dos seus movimentos, Lina. A sombra das árvores toma sua forma, o seu contorno; julgo vê-la nas brancas flores dos espinheiros. Em tudo vejo o seu vislumbre, Lina. Estarei obcecado por você?

– Eu nunca estarei no lugar onde você não gostaria que eu estivesse; não verei nem ouvirei nunca o que você não gostaria que fosse visível e audível.

– Então eu vou vê-la no meu moinho em plena luz do dia. Na verdade eu a vi lá uma vez. Não há mais de uma semana eu estava em pé na extremidade de uma de minhas grandes salas, as moças trabalhavam no outro lado e, entre meia dúzia delas, julguei ver uma figura semelhante à sua. Foi qualquer efeito de luz duvidosa, sombra ou um raio de sol deslumbrante. Subi, dirigi-me ao grupo, e o que eu procurava tinha se desvanecido; encontrei-me entre duas moças de avental e espertalhonas.

– Nunca o seguirei para seu moinho, Robert, a menos que você me chame lá.

– E essa não foi a única ocasião em que minha imaginação me pregou uma peça. Uma noite, quando eu regressava do mercado, já muito tarde, eu entrei no salão da cottage calculando encontrar Hortense e, em vez dela, foi a Lina que julguei ver. Não havia vela na sala, as gelosias não estavam fechadas e o luar penetrava através das vidraças. Lá estava você, Lina, no batente da janela, encolhida um pouco para o lado, como é seu costume, vestida de branco, como eu a vi numa noite num serão. Por meio segundo seu rosto fresco e vivo parecia voltado para mim. Meio segundo depois tive a ideia de avançar e tomar a sua mão, de ralhar com você pela sua longa ausência, de lhe agradecer a visita. Dois passos à frente quebraram o encanto. A roupagem do vestido mudou, as cores do seu rosto desvaneceram-se e, quando fui ao lugar que supunha que a tinha visto, não

havia mais nada, apenas uma cortina de musselina branca e, num vaso, uma planta coberta de flores. *Sic transit gloria mundi*[12].

– Não era então o meu fantasma? Eu quase pensei que fosse.

– Não. Somente gaze, louças e flores cor-de-rosa. Uma amostra de ilusões terrenas.

– Espanta-me que tenha tempo para semelhantes ilusões, ocupada como deve ser a mente de um industrial como você.

– A mim também espanta, Lina. Mas, tenho em mim duas naturezas: uma para o mundo dos negócios e outra para a casa, o repouso e o lazer. Gérard Moore é um cão difícil na fábrica e no mercado. A pessoa que você chama de seu primo, Robert, às vezes, é um sonhador que vive em outro lugar, longe do mercado, de fazendas e do escritório.

– As suas duas naturezas parecem, neste momento, em comum acordo. Parece-me hoje de bom humor e cheio de saúde. Você perdeu por completo o ar cansado que, muitas vezes, me doía ver em seu rosto há alguns meses.

– Você observou isso? Certamente eu me desembaracei de algumas dificuldades. Tenho agora alguns cardumes e um mar mais livre.

– E com um bom vento poderá agora esperar uma feliz viagem – disse Miss Caroline.

– Ouso esperá-la, sim. Mas, a esperança é enganosa, Lina. O vento e as ondas perturbam continuamente a rota do navegante. Ele não ousa afastar da mente a expectativa de tempestade.

– Mas você está pronto para uma brisa, é um bom marinheiro, um comandante capaz. Você é um piloto habilidoso, Robert. Enfrentará a tempestade.

– A minha prima tem sempre a melhor opinião de mim, mas eu vou tomar suas palavras como um feliz presságio. Vou considerar que, tê-la

encontrado hoje, me pareceu uma dessas aves cuja aparição os marinheiros saúdam como prenúncio de boa sorte.

– É uma pobre mensageira da boa sorte aquela que nada pode fazer; que não tem qualquer poder. Sinto a minha incapacidade. Entretanto, quero seu triunfo; desejo-lhe um grande destino e uma verdadeira felicidade.

– Quando me desejou outra coisa, Lina?... Mas, por que Fanny está parada? Eu disse que ela fosse indo... Ah! Chegamos ao cemitério. Então vamos nos separar aqui, eu suponho. Poderíamos nos sentar alguns minutos no pórtico da igreja se essa menina não estivesse conosco. A noite está tão calma, tão leve, tão linda e não tenho desejo de retornar para Hollow.

– Mas não podemos nos sentar sob o pórtico agora, Robert.

Miss Caroline disse isso porque Mr. Moore foi caminhando para o pórtico.

– Talvez não. Mas, diga a Fanny para ir para dentro. Alguns minutos não farão diferença.

O relógio da igreja bateu dez horas.

– O meu tio vem fazer sua ronda habitual e ele sempre visita a igreja e o cemitério.

– E se Fanny não soubesse que estamos aqui? Teria prazer em se divertir um pouco à custa dele se esquivando e iludindo-o? Poderíamos ir para a janela leste quando ele estivesse sob o pórtico. Quando ele viesse para o lado norte, nós iríamos para o sul. Poderíamos nos esconder atrás dos túmulos; atrás do grande monumento dos Wynne seria um refúgio seguro.

– Robert, como está de bom humor! Ande, vá embora – Miss Caroline acrescentou apressadamente. – Ouço a porta da frente. Vá!

– Eu não quero ir, pelo contrário, eu quero ficar.

– Você sabe que meu tio ficará terrivelmente furioso. Ele me proibiu de ver você porque você é um jacobino.

– Jacobino. Um estranho!

– Vá, Robert, ele está vindo, ouço-o tossir.

– *Diable*! ÉÉ estranho, que pertinaz desejo que eu sinto de ficar!

– Você se lembra do que ele fez com o *conhecido* de Fanny? – começou Miss Caroline e parou abruptamente.

Sweetheart era a palavra que deveria ter saído, mas ela não conseguiu dizê-la. A palavra parecia despertar ideias que ela não tinha nenhuma intenção de sugerir, pois eram ilusórias e perturbadoras. Mr. Moore foi menos escrupuloso.

– Ao namorado da Fanny? Ele lhe deu um banho de chuveiro sob a bomba, não é? Seria um grande prazer para ele fazer o mesmo comigo. Tenho certeza. Gostaria muito de provocar o velho cossaco, no entanto, temo por você. Mas, ele saberia distinguir um primo de um namorado, não acha?

– Oh, ele não iria pensar em você dessa forma, claro que não, a briga dele com você é totalmente política. Mas, eu não gostaria de ver alargado o espaço que os separa e meu tio é tão irritado! Lá está ele no portão do jardim. Para seu próprio bem e o meu, vá, Robert, vá!

Estas palavras foram acompanhadas por um gesto e um olhar de súplica. Robert Moore apertou por um momento as mãos de Miss Caroline, cobriu-as com as suas e entrelaçou seus dedos aos dela; por um instante seu olhar encontrou o dela, deu-lhe boa noite e partiu.

Miss Caroline em segundos estava à porta da cozinha atrás de Fanny. A sombra de um chapéu projetou-se no mesmo instante sobre um túmulo. O pároco saiu ereto do seu jardim e começou em passos lentos a ronda em direção ao cemitério. Mr. Moore quase foi surpreendido. Foi obrigado a dar uma volta na igreja, teve que esconder sua alta estatura atrás do ambicioso monumento Wynne. Lá, ele foi obrigado a permanecer por dez minutos

ajoelhado na relva, sem chapéu, seus cachos nus recebendo o orvalho, mas seus olhos escuros brilhavam e nos seus lábios pairava um riso que troçava a estranheza da sua posição, pois o reitor estava ali, friamente, olhando as estrelas e tragando uma pitada de rapé a dois passos dele.

Todavia, nessa noite, Mr. Helstone não desconfiou de nada, pois, como se importava muito pouco com os movimentos de sua sobrinha, não tinha dado pela sua ausência durante o dia e supunha que ela estivesse em seu quarto. Ela, de fato, lá estava ao pé da janela, com o coração pulsando rápido, espreitando ansiosamente de trás da cortina os movimentos do tio e do primo. Finalmente, ouviu Mr. Helstone entrar e viu o primo saltar os túmulos e escalar o muro do cemitério. Ela então desceu para as orações.

Quando voltou ao seu quarto foi para se encontrar com as recordações de Robert Moore. O sono não vinha e o seu espírito estava com ele. Julgava-o ao seu lado, ouvia seus passos, sua voz, e abandonava sua mão na dele. Quando o relógio da igreja bateu, quando se ouviu qualquer ruído, um rato pouco familiar e intruso que tinha escapado da armadilha de Fanny, ela ergueu os olhos e voltou à realidade. Então disse a meia voz, como se temesse ser ouvida por qualquer censor oculto, “eu não estou me abandonando a doces sonhos de amor, eu apenas sigo o curso dos meus pensamentos, pois eu não consigo dormir. Claro, eu sei que ele se casará com Shirley.”

Quando tudo voltou ao silêncio, ela recomeçou a sonhar e, novamente, na sua visão, ele se sentava ao seu lado; ela ouvia o som da sua voz; sentia o toque da sua mão. Por fim, a visão empalideceu e ela adormeceu. Ao amanhecer, o sonho tinha acabado e Miss Caroline se viu só. No seu leito, portanto, gemeu trêmula e tristemente.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XIV

OceanofPDF.com

A Caridade de Miss Shirley Keeldar

“Claro, eu sei muito bem que ele vai se casar com Shirley”, foram as primeiras palavras que vieram à mente de Miss Helstone quando ela se levantou na manhã seguinte. “E ele deve se casar com ela, pois ela pode ajudá-lo”, acrescentou com firmeza. “Mas, eu serei esquecida quando se casarem”, pensou com amargura. “Oh, eu serei totalmente esquecida; e o que farei quando o meu Robert estiver perdido para mim? O que será de mim? O meu amado Robert! Como eu gostaria de poder chamá-lo de meu! Mas eu sou pobre e incapacitada de ajudá-lo! Shirley é rica e tem poder, além de bela e amorosa, isso eu não posso negar. Ela o ama, não com sentimentos inferiores. Como ele deve se sentir orgulhoso de ser amado por ela! Nenhuma objeção válida poderia ser feita. Deixe que se casem, então; mas depois eu não serei mais nada para ele. Quanto a ser uma espécie de irmã dele e todas essas coisas, eu desprezo. Quero ser tudo ou nada para um homem como o Robert. Uma vez juntos, tenho que deixá-los. Sinto-me tão pouco capaz de fazer o papel de uma amiga e também de inimiga. Para mim Robert é um homem maravilhoso. Amei, amo-o e devo amá-lo para sempre. Eu queria ser a sua esposa se eu pudesse; como não posso, tenho que ir para onde eu nunca mais o veja.”

Estas reflexões ocuparam a mente de Miss Helstone até o final da tarde, quando uma das personagens que assombravam seus pensamentos passou próximo à janela da sala. Miss Keeldar caminhava lentamente, o seu andar e a sua expressão davam a impressão de sonho e indolência que lhe eram habituais. Quando ela se animava, a indolência desaparecia, seu ar melancólico tornava-se alegre e genial, temperando seu riso e seu olhar com um sabor único e especial, de modo que a alegria dela parecia o crepitar dos espinhos embaixo de uma panela.

– Por que não foi me ver esta tarde como havia me prometido, Caroline?

– Não estava de bom humor – respondeu Miss Helstone, muito verdadeiramente.

– Não? – Miss Shirley fixou nela seu olhar penetrante. – Vejo que não está disposta a conversar. Está em um de seus humores inclementes. Sabe quando você sente que sua presença não é bem-vinda? Sinto isso.

– Desculpe-me, Shirley. Não dormi bem.

– Não se preocupe. Mas, como acho que precisa de uma amiga, ficarei para o chá. Vou tomar essa liberdade e já vou retirar o meu chapéu.

E isto ela fez e depois ficou de pé com as mãos atrás das costas.

– Está com uma expressão esquisita – continuou ela, ainda olhando intensamente para Miss Caroline, embora não hostilmente, mas, talvez, penalizada. – Parece uma pobre corça ferida procurando a solidão. Você tem medo de que eu a atormente e descubra do que se trata essa ferida, essa mágoa que está sangrando você?

– Nunca tenho medo da Shirley.

– Mas, às vezes, você não gosta dela... Muitas vezes a evita. Não pode evitar a Shirley e sentir inimizade por ela sem que ela perceba. Se você não tivesse voltado ontem à noite na companhia de quem você sabe, hoje seria uma garota muito diferente. A que horas chegou ao presbitério?

– Às dez.

– Hum! Levaram três quartos de hora para andar uma milha? Quem foi que andou tão devagar, Caroline ou Mr. Moore?

– Shirley, você está falando bobagens.

– Aposto que ele lhe disse um monte de bobagens, não duvido, ou, pelo menos, ele teve essa intenção, o que é mil vezes pior. Vejo o reflexo de seus olhos em sua testa neste momento. Seria capaz de desafiá-lo se

pudesse encontrar um segundo com quem pudesse contar. Estou desesperadamente irritada. Eu me senti assim ontem à noite e, hoje, tenho estado o dia todo. Não me pergunte por quê – continuou ela, após uma pausa – você é muito modesta e silenciosa. E você não merece que eu derrame meus segredos em seu colo sem um convite à minha palavra. Ontem à tarde eu estava disposta a esperar por Mr. Moore com cruéis intenções. Tenho pistolas e sei usá-las.

– Está brincando, Shirley! Quem mataria? A mim ou a Robert?

– Nenhum dos dois, talvez, a mim, quem sabe. O mais provável é que eu mate um morcego ou um ramo de árvore. O seu primo é um filhote de cachorro, sério, sensato, judicioso, um pouco jovial, mas mesmo assim um cachorro criterioso e ambicioso. Vejo-o diante de mim, falando com sua conversa suave que me domina, o que eu sinto perfeitamente. Como estou consciente do que ele faz! Faz isso com sua firmeza de propósito e sua força de vontade. Por isso eu não tenho paciência com ele e o detesto.

Miss Keeldar começou a andar rápido pela sala, repetindo energicamente que ela não tinha paciência com os homens em geral e com o seu inquilino em particular.

– Está enganada, Shirley – disse Miss Caroline, um pouco alarmada. – Robert não é um cachorro, nem pedante e nem um libertino paquerador. Posso lhe garantir isso.

– Você atesta isso? Você acha que eu vou levar sua palavra em conta sobre esse assunto? Para defender os interesses de Mr. Moore, você seria capaz de cortar sua mão direita.

– Mas eu não mentiria. E se eu falo a verdade, devo assegurar-lhe que ele não foi mais do que delicado para comigo na noite passada. Isso é tudo.

– Não lhe perguntei o que ele tinha sido. Posso adivinhar. Da janela eu o vi apertar-lhe a mão entre seus longos dedos assim que ele saiu no meu

portão.

– Isso não é nada. Não sou uma estranha para ele, você sabe disso. Sou uma velha conhecida, sua prima.

– Estou indignada – respondeu Miss Keeldar. – Toda a minha felicidade neste momento – acrescentou – está destruída pelas manobras de Mr. Moore. Ele se intromete entre mim e você. Sem ele seríamos boas amigas. Mas, a todo momento ele se torna um objeto de aborrecimento e de desprezo para você. Cruza o nosso caminho e obscurece tudo.

– Não, Shirley, não!

– Ele faz isso, sim. Estou dizendo a verdade. Você não queria a minha companhia esta tarde e eu fiquei muito aflita. Você é naturalmente um pouco reservada, mas eu sou sociável, gosto de companhia e não posso ficar sozinha. Nunca me aconteceu, por um minuto que fosse, eu não desejar a sua presença. E nunca gostaria de me livrar de você, e você não pode dizer a mesma coisa em relação a mim.

– Shirley, eu posso dizer qualquer coisa que você quiser. Eu gosto de você.

– Desejaria me ver amanhã em Jericó, Lina?

– A cada dia me vejo mais ligada e afeiçoada a você. Você sabe que eu sou muito inglesa para ter uma amizade tão veemente, mas você está muito acima do comum, é tão diferente das outras jovens, eu, de fato, a estimo, valorizo e aprecio sua presença. Você nunca me pesa. Você acredita no que eu lhe digo? O problema está em mim.

– Em parte – replicou Miss Keeldar, com um sorriso incrédulo. – Mas você é uma personagem peculiar, Caroline! Calma como você parece, há dentro de você uma força e uma profundidade que é difícil de ser atingida ou apreciada. Certamente você não é feliz.

– E as pessoas infelizes raramente são boas? É isso que você quer dizer?

– De maneira alguma! Quero dizer que as pessoas infelizes estão sempre preocupadas e com pouca disposição para aturar pessoas da minha natureza. Além disso, há uma espécie de tristeza que não só deprime, mas corrói. E temo que seja a sua. A piedade pode servir-lhe de alguma coisa, Lina? Se for este o caso, aceite a de Shirley. Ofereço a minha da mais alta qualidade.

– Shirley, eu nunca tive uma irmã e você também não. Mas, neste momento, sinto o que deve ser os sentimentos que unem duas irmãs: uma afeição entrelaçada com a vida, que nenhum choque pode abalar, que as pequenas disputas somente ofendem instantaneamente para que surjam mais fortes e mais vivas quando a pressão é removida. Um carinho que nenhuma paixão pode destruir, que o próprio amor não pode igualar em força e constância. O amor nos machuca, Shirley. Causa-nos tais angústias, tais torturas que as nossas forças são destruídas e devoradas pelas chamas. Na afeição não existe dor nem fogo, mas a consolação e o bálsamo. Sinto-me consolada e aliviada quando Shirley está por perto. Você acredita em mim agora?

– Acredito facilmente naquilo que me agrada. Nós realmente somos amigas apesar do nosso eclipse.

– Somos, sim – respondeu Miss Caroline puxando Miss Shirley para junto dela e fazendo-a sentar-se ao seu lado. – Aconteça o que acontecer, seremos sempre amigas!

– Venha, então, vamos falar de outra coisa que não seja o nosso perturbador.

Mas, neste momento, o reitor entrou e o assunto que Miss Keeldar estava prestes a falar foi deixado de lado até o momento de sua partida. Ela,

então, atrasou alguns minutos no corredor para dizer: – Caroline, preciso lhe dizer que eu tenho um grande peso em minha consciência e estou tão perturbada como se tivesse cometido um crime ou estivesse em vésperas de cometer. Não se trata da minha consciência em particular, como deve compreender, mas da proprietária ou da dona da mansão de Fieldhead. Estou sob uma influência da severidade de que não aprovo absolutamente nada, mas que não posso resistir. Algo será feito em breve, no qual nem quero pensar. Para aliviar a minha mente e para evitar danos, tanto quanto me seja possível, eu quero começar a fazer boas obras. Não se surpreenda, portanto, se você me vir transformar escandalosamente numa pessoa caridosa em extremo. Não tenho ideia de como começar, mas você poderia me dar alguns conselhos. Vamos falar mais sobre o assunto amanhã. Peça a esta excelente pessoa, Miss Ainley, para ir a Fieldhead. Tenho algumas pretensões e quero me colocar sob a sua orientação. Dê-lhe a entender, Lina, que, embora cheia de boas intenções, o meu caráter é um pouco indolente, para que ela não se sinta tão escandalizada com a minha ignorância sobre as sociedades beneficentes ou coisa semelhante.

No dia seguinte, Miss Caroline encontrou Miss Shirley sentada em sua mesa, toda grave, com um livro de contas, um maço de notas e uma bolsa bem cheia diante dela. Ela parecia bem séria, mas um pouco confusa.

– Caroline! Entre e sente-se. Acabo de passar os olhos pelas despesas da casa procurando em que eu poderia reduzir e tive uma conversa com Mrs. Gill, a cozinheira, e ela saiu com a convicção de que o meu cérebro estava certamente enlouquecido. Chamei-lhe a atenção de uma maneira completamente nova para ela sobre o dever de se fazer economia. Eu própria fiquei espantada com minha eloquência sobre tal assunto, mas tudo isso não passou de teoria, pois quando eu vim para a parte prática, não me foi possível poupar uma única libra. Não tive a firmeza necessária para

suprimir um único pote de manteiga, toucinho, carne, pão, frios ou qualquer outra gratificação da cozinha. Sou covarde sobre certos pontos, bem sei. Há uma covardia impregnada em minha natureza. Sei que nunca suspenderei as iluminações em Fieldhead, mesmo que quilos bem irresponsáveis de velas sejam consumidos. Corei e baixei a cabeça diante de Mrs. Gill quando era ela que teria que implorar pela minha clemência. Achei impossível de fazer-me entender e eu tinha fortes razões para provar que ela era uma fraude. Eu não tenho a calma dignidade nem coragem.

– Shirley, como está sendo injusta com você mesma! O meu tio, que não é dado a falar bem das mulheres, diz que não há dez mil homens na Inglaterra tão verdadeiramente destemidos como você.

– Sou destemida fisicamente. Não tenho medo do perigo. Não me assustei em nada quando o grande touro de Mr. Wynne se ergueu com um mugido, baixou a cabeça e se precipitou sobre mim. Mas, tive medo de ver a vergonha e a confusão no rosto de Mrs. Gill. Você tem dez vezes mais força de espírito do que eu sobre certos assuntos. Não haveria nada que a pudesse obrigar a passar perto de um touro, por mais manso que se parecesse, mas teria feito a minha cozinheira ver firmemente que ela tinha procedido mal. Então você teria, gentilmente e sabiamente, a advertido. Eu sou incapaz de proceder assim. Entretanto, apesar das minhas despesas, tenho em mãos o dinheiro com o qual devo realmente fazer algo de bom. Os pobres de Briarfield sofrem cruelmente e eu preciso ajudá-los. O que acha que devo fazer, Lina? Não seria correto distribuir dinheiro de uma só vez?

– Não, com certeza, Shirley. Você não deve fazer isso. Tenho notado que toda a sua caridade consiste em distribuir xelins e meias-coroas de uma maneira generosa e descuidada, o que dá lugar a uma espécie de abuso contínuo com você. Deve ter uma pessoa que cuide disso para você e aloque o dinheiro com sabedoria. Você falou com Miss Ainley? Ela vai

saber como aplicar esse dinheiro. E, enquanto isso, prometa-me manter a calma e não comece jogando fora seu dinheiro. Você deve se sentir muito rica com tudo isso.

– Sim e não. Não é uma soma imensa, mas eu me sinto responsável pela sua eliminação. Eu realmente acho que é minha responsabilidade distribuir parte do meu dinheiro, pois pesa em minha mente mais fortemente do que eu poderia ter esperado. Eles dizem que há algumas famílias quase morrendo de fome em Briarfield. Alguns dos meus próprios aldeões estão em circunstâncias infelizes. Portanto, devo ajudá-los.

– Algumas pessoas dizem que não devemos dar esmolas aos pobres, Shirley. Você pode ajudá-los dando-lhes trabalho e os remunerando dignamente.

– Quem diz isso são criaturas insensatas. Aos que não têm fome é fácil discorrer sobre a degradação da caridade. Mas, eles se esquecem da brevidade da vida, assim como sua amargura. Nenhum de nós tem muito tempo a viver. Devemos ajudar uns aos outros nos momentos de aflição tanto quanto pudermos.

– Mas você socorre os outros, Shirley. Já tem o hábito de dar muito.

– Não é suficiente. Devo dar mais ou, eu lhe digo, o sangue do meu irmão deve gritar qualquer dia no Céu contra mim. Porque, apesar de tudo, se os incendiários políticos viessem atacar minha propriedade e fomentar desordem na aldeia, eu sei que eu a defenderia como uma tigresa.

– Você fala como Robert.

– Sinto como Mr. Moore, só que com mais ardor. Que eles ataquem Mr. Robert Moore, seu moinho, seus interesses, e sintam ódio por ele. No momento, eu não sou aristocrata, nem considero os pobres em torno de mim como plebeus. Mas, se eles vierem empregar de violência contra mim ou os meus e pretenderem ditar normas para nós, vou esquecer completamente a

pena de sua miséria e o respeito pela sua pobreza. No lugar nascerá em mim um desprezo pela sua ignorância e ressentimento pela sua insolência.

– Shirley, como os seus olhos brilham!

– Porque a minha alma está em fogo. Quereria ver Mr. Moore esmagado pelos números?

– Se eu tivesse o poder que você tem para ajudar Robert, eu o ajudaria.

– E agora, Lina, se os seus olhos não lançam relâmpagos, brilham, contudo. Você abaixou os cílios, mas eu vi acender-lhes centelhas. No entanto, ainda não é chegado o momento de combater. O que eu queria fazer, se pudesse, era evitar o mal. Mas, para suavizar o sofrimento e para diminuir o ódio, deixe-me dar com largueza o meu supérfluo e, para que o que se dá seja mais eficaz, vamos fazê-lo de forma sensata. Então vamos procurar Miss Ainley.

Sem outra palavra, Caroline colocou a touca e partiu. Foi um belo dia para Miss Ainley aquele em que fora chamada a Fieldhead para deliberar sobre projetos que tanto lhe interessavam e, depois de a fazerem sentar-se em um lugar de honra, a uma grande mesa, com papel, penas e tinta e, diante dela o que valia mais do que tudo isso, o dinheiro, solicitaram que ela elaborasse um plano para levar alívio aos pobres de Briarfield. Ela, que os conhecia a todos, que lhes estudara as necessidades, sabia como eles poderiam ser mais sabiamente socorridos.

Miss Keeldar colocou à disposição da bondosa Miss Ainley trezentas libras, cujos olhos se encheram de lágrimas de alegria, pois representava alimento para os famintos, roupas para os que estavam nus e medicamentos para os doentes. Ela rapidamente organizou um plano simples e sensato para a aplicação daquele dinheiro, e garantiu a Miss Helstone e a Miss Keeldar que não tardariam a chegar tempos mais felizes. Ela queria tentar

juntar outras quantias e constituir um fundo para aliviar os pobres de Whinbury e de Nunnely, ao mesmo tempo em que os de Briarfield. Mas, primeiro era preciso consultar os membros do clero, que eram todos seres sagrados para Miss Ainley. Miss Keeldar estipulou expressamente que os vigários não teriam voz ativa na aplicação do dinheiro.

Infatigável quando se tratava de fazer o bem, Miss Ainley pôs-se logo a trabalhar e daria uma volta de quinze quilômetros para ver os três pastores, submeter-lhes seus planos e solicitar sua aprovação. No entanto, Miss Keeldar não consentiu e propôs, como emenda, reunir o clero à noite em Fieldhead. Miss Ainley estaria presente e explicaria o seu plano ao conselho privado.

Foi com algum horror que Miss Ainley ouviu essa proposta. Miss Helstone, no entanto, falou uma ou duas palavras suaves em louvor de Mr. Sweeting, o que acalmou novamente Miss Ainley. Mr. Sweeting era, de fato, o seu favorito. Ela se esforçava para respeitar os senhores Malone e Donne, mas as fatias de bolo e os copos de vinho eram diferentes quando oferecidos a Mr. Sweeting, quando ele ia vê-la em sua pequena casa.

Miss Keeldar havia convidado os pastores para uma visita a Fieldhead e, enquanto Miss Ainley não chegava, ficou conversando amavelmente com eles. Ela tinha se encarregado de Mr. Boultby e de Mr. Helstone. O primeiro era um teimoso galês, obstinado, mas que não deixava de fazer, talvez, com um bocado de ostentação. O último era um velho conhecido. Ela tinha um sentimento bastante amigável para ambos, especialmente para o velho Mr. Helstone e não custou nenhum problema ser bastante agradável para com eles.

Ela deixou Mr. Hall na companhia de Miss Helstone, ou melhor, foi o próprio Mr. Hall que se entregou aos cuidados de Miss Caroline. Ele não era, em geral, um cavalheiro, mas todas as senhoras gostavam dele. Era um

devorador de livros, mas era míope, usava óculos e era sujeito a frequentes distrações. Procurava por Miss Caroline em cada festa aonde ela ia. Tal preferência de um celibatário por uma pessoa solteira teria dado, num caso vulgar, motivo à maledicência, mas Cirino Hall tinha quarenta e cinco anos, era levemente calvo, o seu cabelo começava a ficar grisalho e nunca ninguém cogitava que ele pudesse querer se casar com Miss Caroline Helstone. Ele próprio não o pensava. Desde há muito tempo desposara seus livros e a sua paróquia. A sua boa irmã, Miss Margaret, que usava lunetas e era sábia como ele, tornava-o feliz em sua posição de celibatário. Pensava que era demasiado tarde para mudar.

Quando Miss Ainley chegou, foi gentilmente recebida por todos. Mrs. Pryor e Miss Margaret Hall deram-lhe lugar entre elas no sofá e, logo que as três se sentaram, formaram um trio que teria feito rir os jovens estouvados, mas que tinha o seu valor.

Miss Keeldar expôs o caso e mostrou o plano.

– Conheço a mão que elaborou isso – disse Mr. Hall, olhando para Miss Ainley e sorrindo. A sua aprovação estava ganha. Mr. Boultby ouviu e deliberou com cabeça baixa. A coisa parecia demasiado importante para que ele desse o seu consentimento sem pensar a respeito. Dessa forma, Mr. Helstone olhou atentamente em volta com uma expressão alerta e desconfiada, como se temesse que qualquer personagem de saia tentasse algum subterfúgio para adquirir muita importância. Miss Keeldar capturou e compreendeu a expressão de seu olhar.

– Esse projeto não é nada – disse ela, despreocupadamente. – É apenas um esboço, uma mera sugestão. Peço aos senhores que estabeleçam um regulamento.

E ela mesma foi arranjar lugar próprio para escrever. Arrastou uma cadeira de braços para junto da mesa e, estendendo a mão para Mr.

Helstone, pediu-lhe permissão para instalá-lo ali. Ele propôs alguma dificuldade por um minuto, enrugou a testa e, por fim, murmurou:

– Bem, como não é nem minha mulher nem minha filha, deixar-me-ei levar por essa vez, mas ouça o que lhe digo: eu sei que deseja me manobrar, suas manobras femininas não me cegam.

– Oh! – exclamou Miss Keeldar, mergulhando a pena no tinteiro e colocando em sua mão – deve ver sempre em mim o capitão Keeldar. Isso é absolutamente um negócio de homens. Estas senhoras estão apenas destinadas a ajudar no trabalho de campo.

Sorrindo de uma maneira que mais parecia uma careta, começou a escrever. Ele logo se interrompeu para fazer perguntas e consultar seus colegas e lançar seu olhar de desdém para as senhoras. Cada sacerdote sabia das necessidades dos pobres de sua paróquia: onde a roupa era necessária, onde necessitava de comida, onde o socorro em dinheiro poderia ser mais judiciosamente concedido sem receio de abusos. Sempre que a memória os atraiçoava, Miss Ainley ou Miss Hall eram solicitadas.

Miss Keeldar observava de pé atrás dos reitores, apoiando-se, às vezes, no ombro de um ou de outro para ler o que era registrado, escutar o que diziam e, de vez em quando, permitindo-se o seu estranho sorriso significativo em excesso para quem quisesse julgá-lo amável. Raramente os homens gostam que se leiam seus pensamentos e sentimentos. É bom para as mulheres que sejam dotadas de cegueira.

Quando tudo ficou registrado, segundo as intenções de Miss Keeldar, e os clérigos compreenderam plenamente o seu projeto a ponto de consentirem em assinarem no alto da lista, cada um com cinquenta libras esterlinas, ela ordenou que fosse servida a ceia. A refeição fora preparada com esmero para deixar os convidados de excelente humor. Os vinhos foram saboreados com prazer e discernimento. O capitão Keeldar foi

cumprimentado pelo seu bom gosto e o elogio deixou Miss Shirley encantada. Ela planejara satisfazer seus convidados e tinha se saído muito bem; seu rosto resplandecia de prazer.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XV

OceanofPDF.com

A Expulsão de Mr.Donne

No dia seguinte, Miss Keeldar fez uma referência à reunião da véspera dizendo para Miss Helstone o prazer que ela tinha lhe dado.

– Gosto de presidir uma reunião de homens – disse ela. – Eles parecem conservar qualquer coisa da ingenuidade das crianças quanto à alimentação. No entanto, analiso Mr. Moore algumas vezes para descobrir o que lhe agrada, mas ele não demonstra nada dessa simplicidade infantil. Você já descobriu nele algum ponto vulnerável, Caroline? Você conviveu mais com ele do que eu.

– Não é nada parecido com meu tio ou com Mr. Boultby – respondeu Miss Caroline, sorrindo. Era sempre com secreto prazer que entrava numa discussão sobre o caráter de seu primo com Miss Keeldar. – Mas, na realidade, eu não sei. Porque nunca na minha vida observei Robert sem ficar desconcertada com o meu exame, pois percebia que era ele quem estava me analisando.

– É isso! – exclamou Miss Keeldar – nunca se pode fixar os nossos olhos nele sem que os seus brilhem imediatamente sobre nós. Nunca se deixa apanhar desprevenido. Nunca nos deixa ter vantagens sobre ele. Oh! Eu conheço essa espécie de caráter, ou qualquer coisa do mesmo gênero. Irrita-me singularmente. De que maneira isso afeta você?

Miss Caroline tinha acabado de aprender a se defender dos golpes imprevistos de Miss Shirley Keeldar com a calma de uma pequena *Quaker*.

– Irrita-a? De que maneira, Shirley?

– Hum! Aí vem ele – exclamou de repente Miss Shirley interrompendo a conversa e correndo para a janela. – Aí vem uma diversão! Não lhe falei de uma soberba conquista que eu fiz ultimamente? E a coisa foi arranjada sem esforço e sem nenhuma intenção da minha parte. A

campainha tocou. Acho que são dois. Então eles não caçam em pares? Haverá um para você, Lina, e poderá escolher. Ouça os latidos do Tártaro!

– Escute – exclamou de novo Miss Shirley, rindo. – Parece um prelúdio de um combate sangrento. Eles vão ficar aterrorizados, pois não conhecem o velho Tártaro como eu. Você está escutando a agitação lá fora?

– Deitado aí seu cão malvado. Deitado! – exclamou uma voz imperiosa – depois se ouviu um ruído de um pau ou de um chicote. Em seguida um uivo, uma corrida e um tumulto ainda maior.

– Oh! Mr. Malone! Mr. Malone!

– Deitado, deitado! – exclamou a voz.

– Ele realmente é capaz de fazer meu cão em pedaços – disse Miss Keeldar. – Bateram no coitado e ele não é acostumado a levar pancadas.

Miss Keeldar precipitou-se para fora da sala, enquanto um homem subia de quatro em quatro os degraus da escada de carvalho, procurando apressadamente um refúgio na galeria ou nos quartos. O outro estava encostado ao pé da escada, brandindo um pau nodoso e repetindo: – Deitado, deitado! – enquanto um cão enorme ladrava, uivava, rosnava em volta dele e uma multidão de criados acudia da cozinha. O primeiro já estava em segurança num dos quartos batendo à porta.

– Senhor – gritou Miss Keeldar, com a sua voz vibrante parecendo uma argentina. – Faça o favor de poupar as minhas fechaduras. Sossegue e desça. Este cão não faria mal a um gato – e acariciava Tártaro que tinha se aninhado aos pés de sua dona, mas agitava a cauda de maneira ameaçadora e seus olhos de *bulldog* brilhavam com fulgor. O cão era geralmente bastante calmo, mas se lhe batessem ou ameaçassem com um pau, tornava-se feroz.

– Como passou, Mr. Malone? – continuou Miss Keeldar, levantando o seu rosto alegre para a galeria. – Não é por aí o caminho da sala. Aí fica o

aposento de Mrs. Pryor. Vamos, Mr. Donne, terei o maior prazer em recebê-los numa sala menor.

– Ah! Ah! – exclamou Mr. Malone, com um riso surdo, deixando a porta e apoiando-se à balaustrada maciça. – Realmente este animal deixou Mr. Donne apavorado. Ele é um pouco tímido, o meu amigo – continuou, erguendo-se e avançando ousadamente para a frente da escada.

– Mr. Malone, a escada é escorregadia – o aviso veio um pouco tarde, pois Mr. Malone acabava precisamente de escorregar e não pôde evitar uma queda senão agarrando-se à balaustrada, o que fez estalar toda a construção.

Pareceu ao cão que a descida do visitante se operava com um barulho inconveniente e pôs-se outra vez a rosnar. Mr. Malone, contudo, não era covarde; o ataque imprevisto do cão o tinha apanhado de surpresa, mas passou agora ao lado dele com mais furor reprimido do que temor. Se ele tivesse podido estrangular o animal com um olhar, o grande cão não respiraria por muito mais tempo. Mr. Malone, esquecendo a polidez na sua raiva sombria, entrou na sala antes de Miss Keeldar. Olhou para Miss Helstone e custou a decidir se a cumprimentava ou não. Em seguida lançou às duas senhoritas olhares furiosos.

Miss Keeldar, por fim, teve piedade dele e deixou de rir. Miss Helstone era demasiado educada para se permitir zombar de alguém que se sentisse humilhado. O cão foi mandado embora e Mr. Malone foi acalmado, pois Miss Keeldar tinha olhares e uma voz que teria acalmado até um touro furioso. Mr. Malone, contudo, tinha bom senso e sabia que não podia provocar a dona do cão. O melhor que tinha a fazer era tratar de ser delicado. Passado o incidente vergonhoso, resolveu encantar e seduzir. Tinha entrado como um leão e queria sair como um cordeiro. Não estava mais sombrio nem furioso, mas ficou, segundo o seu costume, constrangido e embaraçado. Falou por tiradas, escolhia assuntos banais e suspirava a cada

pausa antes de abrir a boca. Por fim, querendo mostrar que estava se sentindo à vontade, tirou um enorme lenço de seda do bolso e começou a se entreter com ele de forma graciosa: dobrou o quadrado amarelo e vermelho, depois o desdobrou, agitou-o, tornou a dobrá-lo e fez com ele uma bela tira. O que ele faria com aquilo, não se sabe, talvez uma gravata ou um turbante. Mas não fez nem uma coisa nem outra, pois Mr. Malone era, de fato, original. Iria mostrar a essas senhoras uma novidade. Sentou-se na cadeira, cruzou suas pernas atléticas e, nesta cômoda atitude, passou o lenço em volta das pernas e atou-as solidamente. Pensou, evidentemente, que a invenção merecia as honras de bis, pois repetiu várias vezes a mesma manobra. Na segunda vez, Miss Keeldar foi obrigada a ir até a janela esconder o riso que não mais podia conter. Miss Helstone voltou a cabeça a fim de dissimular um sorriso.

Miss Helstone divertia-se com o aprumo de Pedro Augusto Malone. Estava perfeitamente feliz em ver que Mr. Malone tinha transferido para Miss Keeldar as homenagens que outrora dirigia a ela. As cinco mil libras esterlinas que ele supunha que lhe pertenceriam um dia, por sorte, a herança da sobrinha do pastor não poderia ser comparada ao solar de Miss Keeldar. Como ele esperava conquistá-la, bem, ele devia sabê-lo, sem dúvida, mas não contava certamente com hábeis atenções.

Pelo tempo decorrido, era evidente que John, empregado do solar, estava tendo dificuldades em persuadir Mr. Donne a sair de onde estava paralisado pelo medo. Contudo, por fim, este senhor acabou por fazer a sua aparição. Não se mostrou aparentemente nem um pouco confuso com o que lhe havia acontecido. Nunca em sua vida corara e nenhuma humilhação poderia confundi-lo. Este não tinha fogo no sangue nem modéstia na alma, era a vulgaridade imprudente em pessoa: arrogante e cheio de si. E, este personagem, como o outro, também estava de olho em Miss Keeldar, mas

nunca tivera a ideia de que, em semelhantes negócios, era necessário agradar e tocar o coração. A sua intenção era dirigir-lhe por escrito uma proposta de casamento, isto é, depois de ter feito algumas visitas de formalidade. Lisonjeava-se de ser aceito por causa de seu ofício e via-se já marido de Miss Keeldar e senhor de Fieldhead, vivendo confortavelmente com criados às suas ordens e boa mesa; em suma, um homem de importância. Ninguém teria suspeitado de suas intenções ao ouvi-lo se dirigir à sua futura noiva com um tom impertinente e vexado:

– A miss tem um cão muito perigoso. Admiro-me que o queira conservar.

– Na verdade, senhor, talvez se admire mais ainda se eu lhe disser que sou muito amiga dele.

– Não pode estar falando sério! Não posso imaginar que uma mulher goste desse bruto. Ele é tão feio! Um verdadeiro cão de carreteiro. Peço-lhe que o enforque.

– Quer que eu enforque quem eu amo?

– E compre para substituí-lo um lindo cãozinho branco de nariz arrebitado, qualquer coisa mais apropriada ao belo sexo.

– O Tártaro o deixou apavorado, não é, Mr. Donne? Espero que não lhe aconteça nenhum mal por causa disso.

– Ficarei doente, com certeza. O seu criado persuadiu-me a sair de meu esconderijo dizendo que seu cão estava preso no canil. Se eu não tivesse convencido disso, teria ficado lá o dia todo. Mas, que vejo! Declaro que o seu homem mentiu, pois o cão está logo ali.

Com efeito, Tártaro passava naquele momento diante de uma porta envidraçada que dava para o jardim e estava mais ameaçador e mais destemperado do que nunca. Parecia estar ainda de péssimo humor.

– Aí vêm mais visitas – disse Miss Keeldar, com a frieza provocante que os proprietários de cães formidáveis costumam mostrar quando seus animais estão enraivecidos. Tártaro saltou para a porta exterior com uma explosão de latidos. A sua dona abriu tranquilamente a porta envidraçada e dirigiu-se para ele, falando-lhe de forma mansa para acalmá-lo, mas ele não mais ladrava e apresentava aos recém-chegados sua enorme cabeça para ser acariciada.

– Então, Tártaro! Bom cachorro! – dizia uma voz alegre e quase infantil. – Então já se esqueceu de mim? Bom dia, meu velho amigo! – era o pequeno Mr. Sweeting, que não temia nem homem, nem mulher, nem fera nenhuma, de tal maneira tinha consciência da influência exercida pela sua boa natureza, passou a porta fazendo festas ao guarda. Seguia-o o seu pastor, Mr. Hall, que também não temia o cão; e Tártaro não tinha nenhuma má disposição contra eles.

Miss Keeldar foi ao encontro dos dois e apertou-lhes cordialmente as mãos. Vinham lhe contar sobre o êxito que tinham obtido naquela manhã; os passos que tinham dado para colher as subscrições para o fundo de auxílio. Miss Helstone precipitou-se ao encontro de Mr. Hall. Em vez de entrar, puseram-se a percorrer o jardim, as duas moças ladeando o pastor. Estava um belo dia e uma brisa suave temperava o calor do sol. O vento acariciava suas faces e desordenava graciosamente seus cabelos encaracolados. Ambas eram lindas, uma delas era alegre, e Mr. Hall dirigia, muitas vezes, palavras àquela mais brilhante, e olhava, de preferência, para a mais calma.

Miss Keeldar, que não podia deixar de ser hospitaleira, lembrou-se dos dois vigários que estavam sozinhos na sala e foi chamá-los. Na volta, acompanhou Mr. Donne para que ele passasse ao lado de Tártaro, gesto que ele nem agradeceu. Nunca ficava reconhecido pela benevolência e as

atenções, contudo, estava encantado com a proteção. Miss Keeldar, desejosa de se mostrar imparcial, ofereceu flores aos vigários, gesto que acolheram com acanhamento natural. Mr. Sweeting recebeu a poética oferta como um amável e alegre homenzinho que era, e colocou-as, galantemente, na sua botoeira.

Como recompensa pelas suas boas maneiras, Miss Keeldar o chamou à parte e confiou-lhe uma missão que lhe fez brilhar os olhos de prazer. Partiu como uma flecha. Não tardou a reaparecer, trazendo uma mesa redonda, que colocou embaixo do cedro. Depois reuniu seis cadeiras de jardim, que encontrou por entre as árvores, e as dispôs em círculo. A criada chegou com o serviço e Mr. Sweeting ajudou-a a dispor os pratos, os copos, as facas e os garfos. Ajudou-a também a servir uma bela merenda composta de carnes frias, presunto e doces.

A merenda passou-se com franca alegria, para a qual Mr. Donne e Mr. Malone contribuíram pouco, unicamente ocupados com a faca, o garfo e o copo. Mas, quando quatro pessoas como os senhores Hall e David Sweeting e as misses Shirley e Caroline estão amigavelmente reunidas em volta de uma mesa, no meio de uma vasta relva, sob um céu radioso e no meio das flores, não podia haver tristeza.

No decorrer da conversa, Mr. Hall lembrou as senhoritas que o Dia de Pentecostes se aproximava e que nesse dia efetuariam a grande reunião das escolas do domingo, o enorme chá e a procissão das três paróquias de Briarfield, Whinbury e Nunnely. Miss Keeldar não era mulher para perder semelhante ocasião. Disse a Mr. Hall que podia contar com ela, que não sabia o que poderia fazer, mas que se dispusessem dela à vontade.

– Mr. Hall – pediu Miss Caroline – vai prometer-me que irá para a minha mesa e se sentará ao meu lado.

– De forma alguma me sentarei em outra mesa! – disse ele, sorrindo. – Tenho ocupado sempre o lugar à sua direita nestes chás nos últimos seis anos – continuou, voltando-se para Miss Keeldar: – Fizeram-na professora duma classe de domingo quando ela só tinha doze anos. Caroline não é muito senhora de si, como já deve ter notado, e a primeira vez que teve que dispor o serviço e fazer o chá em público, corava e tremia que fazia pena. Notei seu pânico silencioso, pois as xícaras chocalhavam em suas miúdas mãos e o bule, cheio demais, transbordava. Fui ao seu socorro, fiz o chá em seu lugar, como teria feito uma velha senhora.

– E eu fiquei eternamente reconhecida ao senhor.

– É verdade. Testemunhou-me esse reconhecimento com uma sinceridade e uma vivacidade que me recompensaram amplamente.

– E depois ficou sendo sempre meu amigo – disse Miss Caroline.

– E sempre me sentei à mesa ao lado dela para lhe fazer chegar as xícaras. A próxima coisa que farei por ela será casá-la com alguém, vigário ou proprietário de fábrica. Mas esteja certa, Caroline, de que me informarei do caráter do seu futuro noivo e, se não for homem que prometa fazer feliz a menininha com quem eu passeava de mãos dadas nos campos de Nunnely, então não serei eu quem oficiará. Por isso tenha cuidado!

– O aviso é inútil, nunca me casarei! Ficarei solteira como sua irmã, Mr. Hall.

– Muito bem. Poderia fazer pior, pois minha irmã não é infeliz. Ela tem seus livros que lhe dão prazer, o seu irmão para cuidar e vive contente. Pior se tivesse casado mal.

Neste momento, a voz áspera de Mr. Donne sobrepujou a voz suave de Mr. Hall.

– Ouça! – disse ele. – Ouça, Miss Keeldar; a sua atenção por um instante, por favor.

– Então – disse Miss Keeldar, com indolência. – Pode falar, pois estou ouvindo. Tudo que há em mim não são olhos, e sim ouvidos neste momento.

– Espero que uma parte da menina seja mão também – replicou Mr. Donne, na gíria presunçosa e vulgar que lhe era peculiar. – E a outra parte, bolsa. É à sua mão e à sua bolsa que me proponho fazer apelo. Vim esta manhã com a intenção de pedir-lhe...

– Deveria ter-se dirigido à Mrs. Gill. É ela quem distribui as esmolas – Miss Keeldar o interrompeu.

– ... de pedir-lhe uma subscrição a favor de uma escola... Eu e o doutor Boultby temos a intenção de erigir uma na aldeia de Ecclefigg, que depende da nossa paróquia de Whinbury. Os batistas se apoderaram da aldeia, construíram uma capela e queremos disputar terreno com eles.

– Mas eu não tenho nada a ver com Ecclefigg e não possuo nenhuma terra por lá.

– Que importância tem isso? É dedicada à igreja, não é assim?

– Admirável criatura! – murmurou Miss Keeldar para ela mesma, depois de forma audível: – Certamente sou dedicada à igreja.

– Então não pode se recusar a ajudar nessas circunstâncias. Aquele pessoal de Ecclefigg é um bando de brutos. Queremos civilizá-los.

– Quem será o missionário? – perguntou Miss Keeldar.

– Eu, provavelmente.

– Não tem medo de falhar com seu rebanho, Mr. Donne? Isto é, por falta de simpatia?

– Espero que não, espero ser bem-sucedido, mas precisamos de dinheiro. Aqui está o papel. Peço-lhe que contribua com uma quantia razoável.

Raramente Miss Keeldar recusava um pedido de dinheiro. Inscreveu-se com cinco guinéus. Somado aos trezentos que tinha oferecido, e a pequena soma que dava todos os dias, era tudo quanto podia conceder. Mr. Donne, contudo, declarou o valor desprezível e pediu bruscamente mais. Miss Keeldar corou de indignação e, mais ainda, de espanto.

– Neste momento não darei mais nada – disse ela.

– Não dará mais nada? Logo eu que esperava vê-la no topo da lista com uma centena de guinéus? Com sua fortuna, sua assinatura deveria estar junto de uma soma maior.

Miss Keeldar ficou em silêncio.

– No Sul – continuou Mr. Donne – uma mulher que tem mil guinéus de renda teria vergonha de dar cinco guinéus para uma obra beneficente.

Miss Keeldar ficou em silêncio.

– No Sul – continuou Mr. Donne – uma mulher que tem mil guinéus de renda teria vergonha de dar cinco guinéus para uma obra beneficente.

Miss Keeldar, raramente altiva, parecia assim naquele momento. Os seus traços tomaram repentinamente uma expressão de desdém.

– Estranhos reparos – replicou ela. – Uma censura como agradecimento de uma liberalidade é coisa absolutamente fora de propósito!

– Uma liberalidade? E chama cinco guinéus de liberalidade?

– Sim. E essa liberalidade, se não tivesse feito à escola projetada pelo doutor Boultby, escola que aprovo a construção, e de maneira alguma ao seu vigário que me parece inconsiderado na sua maneira de solicitar e de extorquir subscrições, sem essa consideração, essa liberalidade seria retirada neste mesmo instante.

Mr. Donne tinha a pele espessa e não sentiu metade do que o tom e o olhar da sua interlocutora queriam lhe dizer.

– Que miserável província esta Yorkshire! – continuou ele. – E que gente! Ricos e pobres! Como são grosseiros e incultos! Como seriam tratados no Sul!

Miss Keeldar, inclinando-se sobre a mesa com as narinas ligeiramente dilatadas, tinha os dedos entrelaçados e os comprimia com força.

– Os ricos – prosseguiu o arrogante e cego Mr. Donne – são um bando de avarentos. Quanto aos pobres, vemos se apertarem nas portas das igrejas em dias de casamento e de enterro disputando espaço aos socos. Os homens em manga de camisa com os aventais de cardadores de lã; as mulheres de toucas e de rolos. Mereciam, positivamente, que fosse lançado no meio deles um touro furioso para fazê-los debandar. Ah! Como isso seria engraçado!

– Basta! Atingiu o limite! – retrucou Miss Keeldar, com calma. – O senhor já atingiu o limite – repetiu ela, com um olhar flamejante. – Não pode ultrapassá-lo – acrescentou, martelando as palavras – e não ultrapassará em minha casa.

Ergueu-se. Neste momento ninguém poderia detê-la, pois estava exasperada. Caminhou até o portão do jardim e o abriu.

– Saia! – ordenou ela – depressa e nunca mais torne a colocar seus pés nesta casa!

Mr. Donne estava atordoado. Durante todo o tempo tinha se julgado em muito boa situação. Ele não havia manifestado ainda o seu desdém por tudo de ruim, segundo ele, em Yorkshire. Que maior prova poderia ter da sua superioridade sobre os habitantes daquele condado? E, apesar de tudo, via-se escorraçado como um cão de um jardim de Yorkshire. Em tais circunstâncias, onde estava o encadeamento mútuo das causas?

– Livre-me de sua pessoa imediatamente, imediatamente! – repetiu Miss Keeldar, vendo-o hesitar.

– Senhora, um eclesiástico! Expulsar um eclesiástico! – disse Mr. Donne.

– Um arcebispo que fosse. O senhor provou que não é um cavalheiro. Saia já – a sua resolução era inabalável. Ela não estava brincando. Ela olhou para Tártaro que se erguia, pois notava sintomas de dissensão e manifestava desejo de desempenhar seu papel. Não havia, evidentemente, outra coisa a fazer e Mr. Donne, acompanhando o olhar de Miss Keeldar ao cão, achou preferível a retirada imediata. Miss Keeldar ainda fez uma profunda reverência ao fechar-lhe o portão às costas.

– Como ousa esse pomposo tratar assim seus paroquianos? Como ousa esse presumido fazedor de rimas desprezar Yorkshire! – foi a única observação de Miss Keeldar ao voltar para o seu lugar à mesa.

A reunião terminou em seguida. Miss Keeldar estava sombria, de lábios cerrados e olhos em chama. Ela não parecia disposta a tomar parte em alegres diversões.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XVI

OceanofPDF.com

A Festa de Pentecostes

O fundo para assistência aos pobres prosperou. A iniciativa de Miss Keeldar, a dedicação dos três párocos e a ajuda eficaz, embora não ostentosa, das misses Ainley e Hall produziram uma soma que, judiciosamente empregada, serviu para dar grande alívio à miséria dos pobres desempregados.

Nas proximidades tudo parecia calmo. Havia quinze dias que ninguém mencionava nenhum atentado contra as fábricas ou as habitações dos industriais nas três paróquias. Miss Keeldar já julgava que o perigo previsto, de fato, já tinha passado. Estava convencida de que, com a aproximação do período de estiagem, os negócios melhorariam. Além disso, a guerra não podia durar para sempre, a paz viria um dia e que impulso isso daria aos negócios!

Este era o teor das observações que ela fazia ao seu inquilino, Mr. Moore, sempre que o encontrava em um local onde pudessem conversar. Sorrindo à sua maneira, ele também respondia que acreditava no fim da guerra para breve e que era nessa esperança que tinha depositado sua âncora e baseado suas especulações.

– Como sabe – continuou ele – a fábrica de Hollow vive neste momento apenas da perspectiva do futuro. Há tempos não vendo nada, pois não existe mercado para os meus produtos. Estou preparado para aproveitar a primeira oferta que aparecer. Há três meses isso não seria possível. Tinham-me esgotado o crédito e o capital. Bem sabe quem veio em meu auxílio, de quem recebi o empréstimo que me salvou. Um ano, ou seis meses, que seja, que sejam de paz e estarei a salvo. Porque, como a menina disse, a paz dará um enorme impulso ao comércio. Nisso tem razão, mas no que diz respeito ao restabelecimento da tranquilidade nas redondezas e no

efeito do fundo permanente de beneficência, disso eu duvido. A esmola, até aqui, nunca tranquilizou as classes operárias, nunca lhes inspirou reconhecimento. A natureza humana é assim, nada a pode mudar. Nos dias de grande calor pode ter visto o céu ameaçar uma tempestade de dia, contudo, as nuvens se dissipam à tarde e o pôr do sol é calmo. No entanto, o perigo está lá, não passou, somente foi adiado e a tempestade acaba por rebentar tudo. Existem analogias entre a atmosfera física e a atmosfera social.

– Pois bem, senhor – era dessa forma que terminavam todas as conferências entre os dois. – Cuide de si. Se julga que lhe fiz algum bem, me recompense me prometendo cuidar da sua segurança e saúde.

– Prometo. Olharei por mim com todo cuidado. Desejo muito viver e não morrer. O futuro me aparece como um Éden e, quando mergulho o olhar nas profundezas do meu paraíso, distingo uma visão, a de que eu prefiro a dos serafins ou dos querubins a deslizar através de longínquas perspectivas.

****

O mês de maio tinha apresentado uma quinzena bela, apesar de um período de chuva. Mas, na última semana, com a mudança da lua, o tempo aliviara. O sol ergueu-se radioso na manhã de Pentecostes. A reunião das escolas foi favorecida por um clima esplêndido.

A terça-feira de Pentecostes era o grande dia para o qual as duas imensas salas da escola de Briarfield foram lavadas, pintadas e decoradas com flores e arbustos. Nestas duas salas instalaram-se cerca de vinte mesas que podiam receber, cada uma, vinte pessoas. Colocaram em volta delas bancos e as cobriram com toalhas brancas. Estas mesas, é preciso

esclarecer, não tinham sido postas para os duzentos alunos, mas somente para os benfeitores e os professores. As crianças tomariam a merenda ao ar livre. Às treze horas os grupos de crianças deviam chegar vindos das três paróquias. Às quatorze deviam ser passadas em revista. Até as dezesseis horas elas deveriam ter percorrido as paróquias e só depois elas viriam para a festa, e em seguida aconteceria na igreja a reunião em que haveria música e os discursos.

Este notável dia sempre tinha sido uma provação para Miss Caroline, pois era obrigada a se mostrar em público e ter que se encontrar com tudo o que havia de mais rico, respeitável e influente na vizinhança, sem outro apoio a não ser o que lhe prestava o gentil Mr. Hall. Obrigada a estar em evidência, a caminhar à frente de seu regimento, na qualidade de sobrinha do reverendo e de primeira professora da sua classe, era ainda obrigada a preparar o chá na primeira mesa para uma multidão de senhoras e senhores e, tudo isso, sem o auxílio de qualquer senhora. Ela, que era naturalmente tímida, tremia só de pensar na aproximação do Dia de Pentecostes.

Mas, nesse ano, Miss Keeldar estaria ao seu lado e isso mudava singularmente o aspecto de tal questão. Isso o modificava totalmente. Já não seria mais uma provação, contudo, um prazer. Só por si mesma, Miss Keeldar valia mais do que uma multidão de amigos vulgares. Completamente senhora de si, cheia de vivacidade e de boa disposição, consciente da sua importância social, mas sem tirar vaidade disso, inspirava confiança só pela sua presença. Miss Helstone tinha um único receio: era de que Miss Keeldar não fosse pontual. Era vulgar chegar atrasado e Miss Helstone sabia que seu tio não esperaria um segundo, fosse por quem fosse. No momento exato em que o relógio desse quatorze horas, os sinos começariam a tocar e a marcha teria início. Era preciso que ela estivesse

segura da pontualidade de Miss Keeldar e de que a sua companhia não lhe faltasse.

Na terça-feira de Pentecostes Miss Helstone levantou cedo da cama, muito cedo. Ela, Fanny e Eliza estiveram toda a manhã ocupadas na preparação do presbitério para receber a sociedade escolhida de Briarfield, dispor uma merenda e um jantar. Depois teve que vestir o seu mais lindo vestido de cassa branca. A beleza do tempo e a solenidade exigiam esse traje. O seu largo cinto novo foi atado pelas hábeis mãos de Fanny, que tinha grande prazer em arranjar a sua linda ama para aquelas ocasiões. A fita simples do seu chapéu combinava com o cinto. A sua linda e pouco cara echarpe de crepe branca se harmonizava perfeitamente com o resto do vestuário. Logo que ficou pronta, a imagem que aparecia no espelho não impressionava pelo seu esplendor, porém, agradava pela delicadeza.

Miss Caroline dirigiu-se, atravessando os campos mais afastados e as pastagens mais escondidas, para o lado de Fieldhead. Deslizou rapidamente por baixo de sebes ainda verdes, pois não havia pó nem umidade que sujasse a orla de seu vestido ou molhasse o calçado fino. As últimas chuvas tinham lavado a vegetação e o solo e tudo estava seco pelo sol. Caminhava sem receio sobre as margaridas e a relva. Chegou a Fieldhead e entrou no quarto de vestir de Miss Keeldar. Tinha feito bem em vir, ou Miss Shirley teria chegado atrasada. Em vez de se arranjar às pressas, estava estendida num sofá, lendo. Mrs. Pryor, de pé ao seu lado, em vão a incitava a se levantar e a se vestir.

Miss Helstone não perdeu tempo com palavras. Tirou o livro de suas mãos e começou a vesti-la. Miss Keeldar, cuja indolência, alegria e mocidade se tornavam ainda mais vivas com o calor, queria lhe falar, rir e se divertir. Contudo, Miss Helstone, que precisava chegar a tempo, perseverou em vesti-la tão depressa quanto os cordões e os alfinetes lhe

permitiam. Por fim, quando ela acabou de apertar uma carreira de ilhós, teve tempo de ralhar com ela, dizendo que não era nada bonito não ser pontual e que, naquele momento, parecia mesmo a imagem da indolência, o que era verdade.

Miss Keeldar fazia nítido contraste com Miss Helstone. Havia arte em cada prega de seu vestido, em cada linha de seu rosto. O luxuoso vestido de seda vestia-a melhor do que um traje mais simples. A echarpe, ricamente bordada, caía-lhe maravilhosamente bem. Miss Keeldar a usava com negligência, porém com graça. A grinalda que lhe enfeitava o chapéu dava um lindo efeito. O conjunto estava em perfeita harmonia com o brilho franco de seus olhos, o sorriso trocista, a elegância de seu busto e a leveza do andar. Quando acabou de vesti-la, Miss Helstone pegou-lhe a mão, a fez descer rapidamente e puseram-se a correr através dos campos. Pareciam uma branca pomba e uma ave-do-paraíso de vivas cores associadas em um gracioso voo.

Chegaram quando o sino estava tocando. Ouvia-se o ruído dos passos e o murmúrio das vozes. De um elevado, viram a escola de Whinbury que se aproximava. O grupo era de cerca de quinhentas pessoas. O pastor e o vigário, Mr. Boultby e Mr. Donne, vinham à frente. O primeiro caminhava como convinha, sob a umbela de um chapéu largo, com a dignidade de uma ampla corpulência embelezada pelo seu hábito negro e apoiando-se em uma sólida bengala de castão de ouro. O seu ajudante de campo, Mr. Donne, magro, se comparado à estatura de seu superior, esforçava-se, contudo, para parecer absolutamente um vigário. Tudo nele denotava impertinência e vaidade; desde o seu nariz de trombeta e seu queixo levantado até as polainas pretas clericais, as calças sem suspensórios e os sapatos de bico quadrado.

Pois é, Mr. Donne! O senhor tem excelente opinião de si mesmo! Contudo, que as duas moças, a de branco e a de púrpura, que o olham do alto da colina pensem o mesmo, já é outra coisa.

Essas duas pessoas desceram correndo. O cemitério estava cheio de alunos e professores, todos com suas roupas domingueiras e, em um distrito tão desgraçado, em tempos tão pobres, era de se admirar que conseguissem vestir-se de maneira tão decente. A senhora do solar, essa Miss Keeldar que olhava com prazer para essa multidão tão bem-vestida e feliz, não era estranha a tal bem-estar. A sua oportuna liberalidade consolou muitas famílias pobres e forneceu a muitas crianças as roupas e chapéus para a ocasião. Ela sabia disso e regozijava-se.

Miss Helstone também estava satisfeita, pois tinha feito o que estava dentro de suas possibilidades. Havia se desfeito de mais de um vestido, de uma fita ou de uma gola, de que dificilmente se podia privar, para acudir ao vestuário das alunas de sua classe. E como não tinha dinheiro para dar, seguiu o exemplo de Miss Ainley, contribuindo com tempo e trabalho costurando para as crianças.

Havia muita gente não só no cemitério, mas no jardim da casa paroquial. Grupos inteiros de senhoras e senhores passeavam entre os canteiros de flores variadas. A casa também estava cheia, as janelas abertas mostravam os visitantes. Eram os benfeitores e professores que deviam engrossar a procissão.

Na pequena cerca da paróquia, por detrás do presbitério, estavam os músicos das três paróquias, com os seus instrumentos.

Miss Helstone e Miss Keeldar não tardaram a se misturar à sociedade. A de branco mostrou uma segurança que não costumava ter: pôs-se a percorrer as salas, sorrindo e dirigindo a palavra a um e a outro, mostrando-se uma jovem muito diferente de outrora. Era à presença de Miss Keeldar

que devia essa transformação. O exemplo e o aspecto das maneiras da menina Keeldar tinham-lhe feito um bem imenso.

Mr. Donne veio ao salão, por acaso, quando Miss Keeldar, sentada em um sofá, formava o centro de um grupo bastante importante. Ela já havia esquecido a exasperação a que se deixara arrastar contra ele, cumprimentou-o e sorriu-lhe graciosamente. O caráter do homem apareceu, então, em toda sua evidência. Não soube declinar com dignidade a oferta de paz, passou simplesmente com um ar lastimoso e fechado.

– Não valia a pena fazer-lhe uma cena! – disse Miss Keeldar a Miss Helstone. – Como fui ensandecida! Castigar o pobre Mr. Donne pelo seu estúpido desprezo por Yorkshire! Valeu tanto como esmagar uma mosca que atacasse a pele de um rinoceronte. Nem sequer podemos nos divertir à custa dele. Sob esse último aspecto, sempre prefiro Mr. Malone.

Parece que Mr. Malone quis justificar a preferência, pois enquanto Miss Keeldar dizia essas palavras, Pedro Augusto Malone chegou. Vestido em traje de cerimônia, enluvado e perfumado, com os cabelos perfeitamente untados e escovados, trazendo nas mãos um ramo de grandes rosas que apresentou à herdeira com uma graciosidade que teria desafiado o mais hábil pintor, retirou-se sem pronunciar nenhuma palavra e, felicitando-se interiormente, veio-lhe a ideia de voltar atrás para verificar se realmente teria entregado o ramo. Sim, as seis rosas estavam todas lá sobre a roupa de seda púrpura, seguras por mãos brancas e, sobre elas, flutuavam os cachos de cabelos que escondiam um rosto meio risonho, só em parte escondido. Pedro viu o riso: não podia se iludir. Riam da sua galanteria, a sua conduta cavalheiresca era motivo de divertimento para uma saia, isto é, para duas saias, pois Miss Helstone ria também. Mr. Malone ficou sombrio. Quando Miss Keeldar levantou a cabeça, um olhar feroz estava sobre ela. Mr.

Malone, ao menos, tinha energia suficiente para odiar. Miss Keeldar convenceu-se disso ao olhá-lo.

– O Pedro vale uma cena e há de tê-la um dia se a procurar – murmurou ela ao ouvido de sua amiga.

Neste momento, mais solenes pela cor de seus vestuários do que pelos rostos, os três pastores apareceram à porta da sala de jantar. A larga cadeira coberta de veludo tinha ficado vaga para o doutor Boultby, na qual ele se sentou. Miss Helstone apressou-se a oferecer ao vasto, respeitado e, sobretudo, digno amigo de seu tio um copo de vinho e um prato de pães de maçã. Mr. Boultby distribuía muitos agradecimentos à sua volta pelas atenções de que era alvo e afirmava ser razoável o estado de sua saúde. Mas não deu atenção alguma a Miss Helstone quando esta se aproximou dele, exceto para pegar o que ela lhe oferecia. Nunca a tinha visto. Apenas sabia que tal pessoa existia. Olhou para os pãezinhos e, como gostava muito de doces, pegou um punhado deles. Quanto ao vinho, Mrs. Boultby quis por força acrescentar-lhe água quente, açúcar e noz moscada.

Mr. Hall estava junto de uma janela aberta respirando o ar e o perfume das flores e conversando como um irmão com Miss Ainley. Miss Helstone dirigia para ele as suas atenções com prazer. Uma multidão cercava também o pastor de Briarfield, mais de vinte pessoas se apertavam à sua volta e nunca nenhum doutor fora mais poderoso num círculo do que o velho Mr. Helstone. Os três vigários, agrupados à sua maneira, formavam uma constelação de três planetas inferiores.

Mr. Helstone puxou o relógio e anunciou em voz alta: – Está na hora de todos irem para seus lugares. Vamos! – pegou no seu grande chapéu e saiu. Todos se levantaram e o seguiram.

As mil e duzentas crianças foram divididas em três grupos de quatrocentas. Na retaguarda de cada grupo estacionava uma banda de

música. Entre um grupo de vinte crianças havia um intervalo no qual Mr. Helstone colocou os professores dois a dois. A guarda avançada de três exércitos foi assim composta: Mrs. Graça Boultby e Mrs. Maria Sykes, por Whinbury; Miss Hall e Miss Ainley, por Nunnely; Miss Caroline Helstone e Miss Shirley Keeldar, por Briarfield.

Depois Mr. Helstone mandou Mr. Donne para Whinbury; Mr. Sweeting para Nunnely, e Mr. Malone para Briarfield. E os três vigários tomaram a frente dos generais de saias.

Os pastores colocaram-se nos extremos da guarda avançada e os clérigos das paróquias na extrema retaguarda. Mr. Helstone levantou e agitou seu chapéu e, instantaneamente, os oito sinos da torre começaram a badalar; as orquestras começaram a tocar; o clarim respondeu à flauta; os tambores fizeram ouvir seus rufos, e os exércitos puseram-se em marcha.

A estrada estendia sua longa fita branca diante da procissão. O sol brilhava no céu sem nuvens e o vento agitava suavemente as folhas das árvores.

As mil e duzentas crianças e os cento e cinquenta adultos, que formavam os três exércitos, marchavam lentamente ao som da música, de rostos alegres denotando o que se passava nos corações.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XVII

OceanofPDF.com

A Festa das Escolas

Aquele exército comandado por párocos e mulheres não ia para o combate e muito menos ao encontro do inimigo, contudo, a música tocada pela banda era de guerra e, a julgar pelos olhares e atitudes de alguns, de Miss Keeldar, por exemplo, os cantos despertavam um espírito, senão marcial, pelo menos cheio de ardor. O velho Mr. Helstone, voltando-se por acaso, viu a expressão no rosto de Miss Keeldar e não pôde reter o riso, coisa que ela compreendeu e partilhou.

– Não temos nenhuma batalha em perspectiva – disse ele – o nosso país não tem necessidade que combatamos por ele. Daremos simplesmente um passeio. Aperte as rédeas, capitão, e comprima o fogo desse ardor, pois não precisamos dele. É uma pena!

– Sigo o seu conselho, pastor – respondeu Miss Keeldar. Depois murmurou para Miss Helstone: – Quero que a sua imaginação me empreste o que a realidade não me dá. Não somos soldados nem desejo a carnificina ou, se o somos, somos soldados da cruz. Quero imaginar que o tempo voltou alguns séculos atrás e que acompanhamos uma peregrinação à Palestina. Eu quase desejaria ter um perigo a afrontar: uma fé, uma pátria, ou, pelo menos, uma luta por um amor!

– Olhe, Shirley! – interrompeu Miss Helstone. – Você enxerga melhor do que eu. Que mancha é aquela que se distingue no alto da colina de Stilbro?

Miss Keeldar olhou para a direção apontada por Miss Helstone.

– Acho – disse ela e complementou rapidamente: – Vejo uma linha vermelha. São soldados da cavalaria! – exclamou ela, com vivacidade. – São seis soldados e estão galopando. Vão passar perto de nós... Não!

Viraram à direita, devem ter visto a procissão e a evitaram dando uma volta. Mas, para onde eles estão indo?

Aqui Mr. Helstone ergueu a voz: – Vamos passar através da Royal-Lane pelo atalho a fim de chegarmos mais cedo a Nunnely.

E, em consequência, o exército partiu para o desfiladeiro de Royal-Lane. Este local era muito estreito e só duas pessoas podiam passar por vez, pois, do contrário, alguém poderia cair no fosso que o cercava de cada lado. A multidão estava no meio dele quando se notou um movimento estranho entre os comandantes. As lunetas de Mr. Boultby e o largo chapéu de Mr. Helstone agitaram-se e os vigários assistentes fizeram sinais uns aos outros. Mr. Hall voltou-se, sorrindo, para as senhoras.

– O que está acontecendo? – alguém indagou.

Mr. Hall apontou a bengala para a extremidade do desfiladeiro, à frente do grupo. Lá vinha uma segunda procissão em sentido inverso, conduzida também por homens de preto e, como já se podia ouvir, por uma banda de música.

– Aquilo será a sombra da nossa? – perguntou Miss Keeldar.

– Se você desejava uma batalha, pode estar certa de que terá uma. Pelo menos uma batalha de olhares – murmurou Miss Helstone, sorrindo.

– Eles não passarão! – exclamaram em conjunto os vigários. – Nós não cederemos!

– Ceder! – respondeu Mr. Helstone, severamente. – Quem fala em ceder? Rapazes! Pensem em algo imediatamente! Senhoras, bem sei, sejam firmes. Não está aqui uma mulher dedicada à igreja, pela honra da instituição, que não esteja disposta a sustentar a luta contra esses atrevidos. O que diz, Miss Keeldar?

– Quero saber o que é aquilo!

– São as escolas dos dissidentes, todos reunidos numa aliança ímpia. Entraram no desfiladeiro para obstruir a nossa marcha e fazer-nos recuar.

– Que coisa! – murmurou Miss Keeldar. – Eles merecem uma lição.

– Uma lição de polidez – sugeriu Mr. Hall, que era sempre da paz.

O velho Mr. Helstone colocou-se em marcha aceleradamente à frente da sua companhia. Estava quase chegando junto dos outros chefes de roupas escuras, quando aquele que parecia comandar a outra procissão, um personagem obeso de cabelos alisados na testa, mandou fazer alto. A procissão parou. O comandante pegou um livro de hinos, indicou o número, deu o tom, e todos entoaram em conjunto o mais doloroso dos cânticos.

Mr. Helstone deu sinal aos seus músicos, que romperam com toda a força dos metais. Mandou-lhes tocar o *Rule Britannia* e ordenou às crianças que o acompanhassem em coro, o que elas fizeram entusiasmadas. O inimigo ficou fulminado; o canto, interrompido. Na guerra do barulho, já tinha sido vencido.

– Agora! Sigam-me – gritou Mr. Helstone à multidão, que saiu, não correndo, mas a passos firmes e estrondosos. – Sejam firmes, crianças e mulheres! Contenham uns aos outros, segurem pela roupa se for preciso!

E marchou o pároco à frente, com um passo tão ereto e destemido, o que foi acompanhado impetuosamente por todos.

Os dissidentes em princípio ficaram admirados e depois alarmados. Recuaram comprimindo-se e, por fim, foram forçados a dar meia-volta e deixar livre o desfiladeiro. O gordo dissidente ficou sentado no fosso. Era um negociante de bebidas, um chefe não conformista e dizem que ele bebeu mais água nesta tarde do que nos doze meses precedentes.

Depois de terem feito passar gloriosamente todo o exército, Mr. Hall olhou para Miss Helstone e ela para ele. Miss Keeldar e Mr. Helstone apertaram cordialmente as mãos.

Por três horas e meia a procissão passou pelos campos recentemente ceifados, por paisagens inusitadas e indescritíveis e, no fim da tarde, estava de volta ao ponto de partida. Em frente à escola foram instalados grandes bancos de madeira, nos quais as crianças se sentaram para se banquetear com o que chegava em enormes cestos cobertos por toalhas brancas e cheios de iguarias. Antes da distribuição, um cântico foi entoado pelas crianças dirigido por Mr. Hall. As jovens vozes, entoadas assim ao ar livre, eram melodiosas e tocantes.

Grandes bolos e chá quente, bem doce, foram distribuídos com a maior liberalidade. A regra era dar a cada criança o dobro do que seria capaz de comer, a fim de ficar uma reserva para que ela levasse para casa para aqueles a quem a idade e a doença não tinham permitido comparecer.

Mais tarde arrumaram-se os bancos para que todos pudessem brincar à vontade. O tilintar de um sino chamou as professoras e os benfeitores à sala da escola. Lá estavam Miss Keeldar e Miss Helstone e outras senhoras examinando os arranjos das mesas. A profusão de verde das flores que ornamentavam as paredes; o brilho dos bules de prata e das porcelanas que cobriam as mesas; a atividade que reinava por todos os lados; os rostos alegres, os vestuários coloridos, constituíam um espetáculo agradável e festivo. Todos falavam, não muito alto, mas alegremente, e os canários, dependurados por toda a parte, faziam-se ouvir com seus cantos vibrantes.

Miss Helstone, na qualidade de sobrinha do pastor, tomou lugar em uma das três primeiras mesas. Mr. Boultby e Miss Hall presidiam às outras duas. Eram nessas mesas que se sentariam os convidados ilustres. Miss Helstone desembaraçou-se do seu chapéu e da echarpe para não sentir calor e, com os longos caracóis caindo-lhe até o pescoço, mexia-se encantadoramente como o efeito de um véu.

A sala começava a encher. Mr. Hall tinha vindo ocupar o seu posto ao lado de Miss Helstone que, enquanto acabava de dispor as xícaras e as colheres, fazia apreciações em voz baixa sobre os acontecimentos do dia. Miss Keeldar estava sentada ao lado deles estranhamente apática: não falava, nem ria, pelo contrário, estava muito estranha e lançava olhares vigilantes à sua volta. Parecia temer que qualquer intruso se apoderasse de um lugar que tinha ficado vago junto dela e que ela havia reservado, evidentemente, para alguém. De vez em quando estendia o seu vestido de cetim sobre esse lugar ou pousava nele as luvas e o lenço bordado.

Miss Helstone, por fim, perguntou-lhe quem era o amigo o qual ela esperava. Miss Keeldar inclinou-se para ela e murmurou:

– Espero Mr. Moore. Vi-o ontem à tarde e o fiz prometer que viria com sua irmã. Receio que ele chegue tarde demais e fiquem separados de nós. Aí vem uma multidão. Os lugares vão ficar todos ocupados. Que maçada!

E, com efeito, Mr. Wynne, o magistrado, sua mulher, o filho e as duas filhas fizeram nesse momento a sua entrada solene. Para maior desgosto de Miss Keeldar, o filho do magistrado apoderou-se do lugar reservado, instalando-se resolutamente sobre o vestido, as luvas e o lenço. Miss Keeldar tinha verdadeira aversão pelo filho do magistrado, Mr. Sam, pois ele também mostrava pretensões à sua mão.

Aos ouvidos de Miss Helstone ressoava ainda o vibrante murmúrio: “espero Mr. Moore”, quando os sons do órgão se sobrepuseram ao confuso rumor das pessoas. O doutor Boultby e os senhores Helstone e Hall ergueram-se. Todos os imitaram. O *Benedicite* foi cantado com acompanhamento de música e o chá teve início.

Miss Helstone estava muito ocupada com o que fazia para ter tempo de olhar à sua volta, mas quando acabou de encher a última xícara, lançou

um olhar inquieto por toda a sala. Finalmente reconheceu Hortense Moore e teve a ideia de transpor todos os obstáculos e correr até ela para beijá-la, um beijo para ela e dois para o irmão.

Ergueu-se, mas soltou uma exclamação abafada, talvez porque o impulso tinha sido violento, se tivesse precipitado através da sala, se uma mão não a tivesse contido na cadeira e uma voz vinda de trás dela não lhe tivesse murmurado:

– Espere pelo fim do chá, Lina, que eu a trarei aqui – logo que ela conseguiu erguer novamente seus olhos, viu Robert Moore em pessoa ali, não longe dela, sorrindo-lhe com ardor. Ele lhe pareceu mais belo do que nunca. Aquela imagem feriu-lhe os olhos como um clarão doloroso e foi impressa em sua memória como se tivesse sido fotografada por um relâmpago.

Ele se adiantou e falou com Miss Keeldar, a qual, irritada por algumas atenções inoportunas de Sam Wynne, que permanecera sentado sobre suas luvas e seu lenço, e também pela falta de pontualidade de Mr. Moore, não estava de bom humor. Encolheu os ombros, depois lhe disse uma ou duas palavras azedas sobre a sua “insuportável demora”. Mr. Moore nem replicou nem se desculpou. Deixou-se ficar tranquilamente ao lado dela, como se esperasse que ela recuperasse a calma, o que se deu em menos de cinco minutos, pois ela entendeu-lhe a mão, que ele tomou com um sorriso meio zangado, meio reconhecido.

Durante todo esse tempo, o pobre Sam Wynne parecia pouco à vontade. A sua linda vizinha, a julgar pela sua exasperação, parecia de poucos amigos. Miss Keeldar estava angustiada, não parava sossegada, tinha calor, abanava-se com um leque, lastimava-se de falta de ar e de pouco espaço. Falando alto, fazia notar que, em sua opinião, “quando as pessoas acabam de tomar o chá deviam sair da mesa para dar lugar a outras;

anunciava que aquilo não estava certo e que os homens deveriam ser mais cavalheiros". Mr. Sam ofereceu-se para acompanhá-la para fora da sala, o que ela disse que, decerto, ele "queria que ela pegasse uma constipação." Em resumo, o rapaz não pôde aguentar mais e, depois de ter engolido o seu último gole de chá, julgou conveniente deixar o lugar.

Mr. Moore deveria estar pronto para apoderar-se dele, mas se encontrava no outro extremo da sala em profunda conversa com Mr. Sykes. Um grande negociante de cereais, Mr. Timóteo Ramsden, fatigado de ficar em pé, dirigiu-se para o lugar vago. Miss Keeldar, contudo, lançou mal de um expediente: um movimento com sua echarpe entornou um bule, cujo conteúdo se espalhou em parte sobre o seu vestido de cetim. Foi preciso chamar um rapaz para reparar o desastre.

Mr. Ramsden abriu a boca, recuou lentamente e, como Miss Keeldar parecia que ia desmaiar ali mesmo, virou-se sobre os calcanhares e recuou apressadamente.

Mr. Moore enfim voltou e Miss Keeldar sossegou. A sua expressão mudou, sua fronte enrugada e a inexplicável curva da sua boca voltaram à expressão natural. E, no entanto, não lançou a Mr. Moore qualquer olhar gracioso. Pelo contrário, o acusou de ter feito o seu dia um mar de contrariedades e de ser a causa da perda da estima de Mr. Ramsden e da inapreciável amizade de Mr. Sam Wynne.

– Não duvido de que a menina conheça um caminho seguro para o coração de cada um deles. Não duvido disso – disse tranquilamente Mr. Moore.

Mr. Moore parecia muito contente por ter, enfim, achado o seu lugar, mas não teve uma palavra para exprimir sua gratidão, nem se desculpou pelos aborrecimentos que tinha causado. A sua indiferença era maravilhosamente autêntica: estava tão sério, tão calmo, que parecia ainda

mais belo. Não teria pensado ao vê-lo ali que se tratava de um pobre homem, lutando contra a falência, sentado ao lado de uma menina rica. No seu rosto havia a calma da igualdade e, talvez, reinasse o mesmo sentimento em seu coração. De vez em quando, pela maneira que se dirigia à menina Keeldar, pousava seus olhos sobre ela, dir-se-ia que ele a dominava tanto pela posição quanto pela estatura.

A conversa entre os dois se tornara animada, embora nem sempre harmônica, pois às vezes havia controvérsia. Ela enchia-o de perguntas, mas ele recusava satisfazer-lhe as curiosidades. Ela olhou para ele e Mr. Moore lhe sorriu com simpatia, mas os seus lábios não descerraram. Miss Keeldar então se mostrou irritada e voltou-lhe as costas, mas não tardou que ele lhe chamasse a atenção.

Parecia que o calor da sala incomodava Miss Helstone. Ela estava ficando cada vez mais pálida à medida que o chá se prolongava. Logo que fizeram a oração de agradecimento, ela deixou a mesa e apressou-se a seguir a sua prima Miss Hortense Moore, que, como Miss Mann, já tinha procurado o ar livre.

Miss Moore acolheu a sua antiga aluna com mais dignidade do que calor.

– Agora parece que já não nos conhece – disse Miss Moore enquanto Miss Helstone lhe pegava a mão.

Miss Helstone conhecia muito bem a prima para aceitar aquela frieza, certa de que a sua bondade natural não tardaria a prevalecer. Com efeito, Miss Moore, logo que notou seu rosto emagrecido, mudou de atitude. Beijou-a em ambas as faces, perguntou-lhe ansiosamente sobre sua saúde e teria provavelmente continuado com um longo interrogatório, seguido de uma não menos longa repreensão sobre o assunto, se Miss Mann não lhe tivesse desviado a atenção pedindo-lhe que a acompanhasse a casa.

Miss Helstone procurou então por Miss Keeldar. Avistou a sua echarpe colorida e seu vestido cor púrpura no centro de um grupo de senhoras, todas bem conhecidas dela, mas que ela costumava evitar sempre que podia. Ela não queria, contudo, permanecer só, quando todas as outras se reuniam aos pares ou em grupos. Aproximou-se das suas próprias alunas, mocinhas crescidas ou jovenzinhas que olhavam para algumas centenas de crianças mais novas que estavam brincando de cobra cega.

Miss Helstone conhecia aquelas jovens e as amava, no entanto, era tímida mesmo com elas quando estava fora do ambiente da escola. Ela se aproximou daquele grupo naquele momento mais para buscar proteção do que para favorecê-las com sua presença. Por instinto, as jovens sentiram-lhe a fraqueza, mas sua cortesia natural fez com que a respeitassem. Cercaram-na polidamente e com carinho, acolhendo os seus ligeiros sorrisos e os seus esforços para começar a conversa com uma benevolência e com uma cortesia que a puseram logo à vontade.

Mr. Sam Wynne chegou muito apressado e insistiu para que as alunas maiores se juntassem às menores nos jogos. Dessa forma, Miss Helstone ficou novamente sozinha. Estava pensando num tranquilo descanso em casa quando Miss Keeldar, notando de longe o seu isolamento, correu para junto dela.

– Vamos subir até o alto dos campos – convidou-a Miss Keeldar. – Sei que você não aprecia multidões, Caroline.

– Mas isso será privá-la de um prazer, Shirley! Tirá-la de perto de tanta gente que tão assiduamente lhe faz a corte e que, sem esforço, você se torna tão agradável a elas.

– Não! Não é sem esforço. Já estou fadigada da tarefa. É um insípido e ingrato exercício o de conversar e rir com essas pessoas de Briarfield. Há muito a procurava, tentava ver onde estava este vestido branco. Tenho

prazer em observar os que amo no meio da multidão e compará-los aos outros. Comparei-a e você não se parece com ninguém aqui. Há rostos mais lindos do que o seu, com certeza. Não é, por exemplo, uma beleza como Miss Harriet Sykes. Ao lado dela, a sua pessoa parece insignificante, mas o seu aspecto é encantador, Lina! Você tem um ar refletido, o que eu acho muito interessante.

– Está brincando, Shirley? Vamos falar de outra coisa.

– Então vamos falar de Mr. Moore e vigiá-lo. Estou vendo-o.

– Onde?

Miss Helstone não olhava para os campos, mas para os olhos de Miss Keeldar como tinha o costume de fazer todas as vezes que Shirley indicava um objeto que descobria ao longe. A sua amiga tinha melhor vista do que ela e Miss Caroline parecia pensar que o segredo da sutileza do seu olhar se podia ler na íris sombria dos seus olhos.

– Lá está Mr. Moore – disse Miss Keeldar, indicando um ponto no campo onde brincavam centenas de crianças e um número igual de adultos passeava. – Lá embaixo. Será que não consegue distinguir aquela elevada estatura? No meio da multidão ele parece Saul em um conselho de guerra e é, na verdade, se não me engano, um conselho de guerra.

– E por que isso, Shirley? – perguntou Miss Helstone, cujos olhos tinham alcançado finalmente o objeto procurado.

– Robert está conversando com meu tio e eles trocam um aperto de mão? Estou enxergando isso mesmo? Então, estão reconciliados?

– E não sem boas razões. Pode crer. Devem ter um inimigo em comum e fazem planos de detê-lo. E por que Mr. Wynne, Mr. Sykes, Mr. Armitage e Mr. Ramsden estão em volta dele? E por que chamam Mr. Malone para se juntar a eles também? Hum! Quando chamam aquele, é porque precisam de braços vigorosos – comentou Miss Keeldar, que,

olhando, enervou-se: – Eles não quiseram confiar em mim – disse ela. – É sempre assim quando chega o momento. Monstros!

– Não sente? Há qualquer mistério no ar! Esperam algum acontecimento e tenho certeza de que estão preparando algo. Vi isso hoje nos modos de Mr. Moore. Estava animado, mas seu olhar estava duro.

– Duro com você, Shirley!

– Sim, comigo. Muitas vezes ele é duro para comigo. Raramente conversamos a sós, mas muitas vezes sinto que o fundo de seu caráter não é macio.

– Contudo, ele parecia falar-lhe com doçura.

– Certamente. O tom era muito amável e as maneiras, encantadoras; entretanto, o homem dizia aquilo em que se podia replicar e ainda por cima estava reservado. A reserva dele me irrita.

– Isso é verdade. Robert é reservado.

– E ele quase não tem o direito de ser reservado para comigo. Ele até começou a confiar-me seus assuntos e, como não fiz nada para perder sua confiança, ele não deveria tê-la retirado. Pensa sem dúvida que eu não tenho uma alma suficientemente forte para que ele possa colocar sua convicção em mim numa crise.

– Decerto teme causar-lhe inquietações.

– Precaução inútil. A minha natureza é elástica e não se deixa deprimir facilmente, ele deveria saber, mas é um homem altivo, tem seus defeitos, embora você não queira acreditar, Lina. Repare como o grupo está animadíssimo. Eles nem desconfiam que estamos de olho neles!

– Vigiando bem, Shirley, talvez se possa encontrar o fio da meada.

– Vai haver agitação em breve. Amanhã ou esta noite talvez, mas seus olhos e os meus ouvidos estão bem abertos. Mr. Moore vai ficar sob minha vigilância e, Lina, vigie também.

– Vigiarei. Robert está indo embora. Vi-o voltar-se, acho que nos viu. Estão se despedindo e apertando as mãos.

– Sim. Apertam a mão com força. Como para ratificar qualquer pacto solene.

As duas viram Mr. Moore deixar o grupo, passar por uma porta e desaparecer.

– Ele não se despediu de nós... – murmurou Miss Helstone. Mal as palavras lhe saíram dos lábios, procurou esconder sob um sorriso o desapontamento que as palavras pareciam trair. Por um momento, lágrimas involuntárias umedeceram e iluminaram seus olhos.

– Oh! Não tardaremos a remediar isso! – exclamou Miss Keeldar. – Havemos de forçá-lo a nos dizer adeus.

– Forçá-lo? Mas isso não é a mesma coisa de se despedir espontaneamente – disse Miss Helstone, contrariada.

– Será a mesma coisa!

– Mas ele foi embora. Não poderemos encontrá-lo.

– Conheço um caminho mais curto do que o que ele tomou. Vamos sair no seu caminho.

– Mas, Shirley! Eu preferia não ir.

Miss Helstone disse isto quando Miss Keeldar já agarrara seu braço e a arrastava pelos campos; era inútil resistir, nada se igualava à obstinação de Miss Keeldar quando esta metia um capricho na cabeça. Miss Helstone se viu longe da multidão antes mesmo de saber o que estava acontecendo e levada ao longo de uma paisagem estreita e sombria, com uma abóbada formada por altas árvores e um tapete de margaridas. Não deu atenção ao sol da tarde que recortava sombras sobre a relva, nem ao cheiro puro que exalava das flores, ouviu apenas um ruído de um portão que se abriu numa extremidade da paisagem e Miss Helstone compreendeu que Mr. Moore se

aproximava. As longas hastes do espinheiro que se erguiam diante das moças formavam uma espécie de trincheira e elas o viram antes que ele as visse. Num relance, Miss Helstone viu que a alegria de Mr. Moore havia esmorecido. Ele a havia deixado atrás de si no campo onde as crianças brincavam e não lhe restava senão o seu ar sombrio, calmo e preocupado. O seu olhar era severo, mas tinha uma estranha e sombria animação. Aquela fantasia de Miss Keeldar era fora de propósito. Se ele ao menos parecesse bem disposto, porém, não era o caso...

– Não deveríamos ter vindo – disse Miss Helstone para Miss Keeldar, com certo azedume. Ela parecia realmente perturbada: ser, daquela forma, arrastada e lançada à frente de Robert, contra sua vontade, quando ele evidentemente não esperava. Miss Helstone estava contrariada ao extremo, mas como Miss Keeldar não se importava com nada disso, atirou-se diante de seu inquilino e impediu-lhe a passagem.

– Esqueceu-se de nos dizer adeus! – disse Miss Keeldar a Mr. Moore.

– Esqueci-me de lhes dizer adeus? E de onde saíram? Serão fadas? Deixei duas parecidas com as duas, uma vestida de púrpura e a outra de branco, ambas de pé no alto de uma ribanceira, quatro campos atrás de mim ainda há pouco.

– Deixou-nos lá e encontrou-nos aqui! Nós o vigiamos e continuaremos a vigiá-lo e um dia iremos interrogá-lo, mas não será hoje. Agora o que tem que fazer é nos dar boa tarde e passar – disse Miss Keeldar, petulante.

Mr. Moore olhou para ambas e mudou seu semblante.

– Os dias de festa têm seus privilégios, assim como os dias de perigo – replicou ele, gravemente.

– Vamos! Deixe de discurso e dê-nos boa tarde e passe – respondeu Miss Keeldar.

– Devo dar-lhe boa tarde, Miss Keeldar?

– Sim, e a Caroline também. Não há nada de novo nisso. Acredito que não é a primeira vez que vai nos desejar boa tarde.

Mr. Moore tomou a mão de Miss Keeldar, conservou-a numa das suas e cobriu-a com a outra. Baixou o olhar sobre ela, gravemente, com benevolência e com autoridade. A herdeira não podia fazer desse homem seu vassalo. Na maneira como ele olhava para aquele rosto encantador, não havia servilismo, apenas homenagem, talvez houvesse também afeição, interesse realçado por outro sentimento; qualquer coisa no tom em que lhe falava como nas expressões de que se servia, dizia que o sentimento era a gratidão.

– O seu devedor lhe deseja uma boa tarde e uma boa noite. Que a menina possa repousar tranquilamente e em segurança até amanhã.

– E o senhor? O que pretende fazer? O que dizia a Mr. Helstone com quem o vi trocar um aperto de mão? Que faziam todos aqueles senhores à sua volta? Coloque sua reserva à parte e fale. Seja franco para comigo.

– Quem poderá resistir-lhe? Serei franco: amanhã, se houver alguma coisa a ser contada, irá sabê-lo.

– Fale agora – insistiu Miss Keeldar – não deixe para amanhã.

– Mas, eu não poderia lhe contar senão metade de uma história e o meu tempo é curto. Não tenho um instante a perder. Mais tarde me desculparei disso aqui confessando tudo com franqueza.

– Mas vai para Hollow? – insistiu Miss Keeldar.

– Vou.

– E não sairá mais nesta noite?

– Com certeza. Agora adeus para ambas.

Mr. Moore decerto planejou pegar a mão de Miss Helstone e colocá-la entre as suas, mas ela não estava ao seu alcance e não se aproximou.

Miss Caroline tinha se afastado alguns passos. A sua resposta ao adeus de Mr. Moore foi somente uma ligeira inclinação de cabeça e um terno sorriso. Ele disse novamente adeus e as deixou.

– Pronto, acabou-se – disse Miss Keeldar quando ele partiu. – Obrigamo-lo a se despedir de nós e não perdemos nada da sua estima.

– Assim espero – respondeu Miss Helstone.

– Parece-me bem tímida e bem pouco demonstrativa – criticou Miss Keeldar – por que não deu a mão a Mr. Moore quando ele lhe ofereceu a dele? Ele é seu primo e a ama! Tem vergonha que ele veja a sua afeição?

– Robert se dá conta de tudo que lhe interessa. Não é preciso fazer-lhe demonstração de sentimento.

– Está lacônica. Seria estoica se pudesse. Aos seus olhos, o amor seria um crime, Caroline.

– O amor, um crime? Não, Shirley. O amor é uma virtude divina. Mas para que trazer à força essa palavra para a conversa? Ela está singularmente deslocada.

– Bem! – exclamou Miss Keeldar.

As duas jovens percorreram o túnel verdejante sem dizer uma palavra. Miss Helstone quebrou o silêncio:

– Procurar as atenções de um homem, dar os primeiros passos, é um crime. Já o amor! Um anjo mais puro não deveria corar ao falar dele. E quando eu vejo um homem associar a ideia de vergonha ao amor, vejo bem que sua inteligência é grosseira e seu temperamento é vil. Muitas mulheres e homens que se julgam requintados não podem mencionar o amor sem trair sua natural e imbecil degradação. Para eles o amor é um sentimento baixo a que ligam ideias indignas.

– Está a descrever a maior parte do mundo, Caroline.

– São frios, covardes e estúpidos sobre esse assunto, Shirley! Nunca amaram nem foram amados.

– Tem razão, Lina! E na sua ignorância blasfemam contra este fogo vivo, roubado por um serafim num altar divino.

O súbito e alegre carrilhão da igreja da vila pôs fim ao diálogo chamando todos de volta à igreja.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XVIII

OceanofPDF.com

O Trotar dos Cavalos

A noite ainda estava muito quente e abafada. Em volta do sol, as nuvens brilhavam com tons arroxeados; matizes de um verão inglês de aspecto indiano impregnavam o horizonte, lançando reflexos rosados nas laterais dos morros, na frente das casas, nos troncos das árvores que ladeavam a estrada; os raios incidiam sobre o pasto sinuoso tremeluzindo o ondulado caminho.

As jovens desciam dos campos lentamente e foram silenciadas pelos repiques do sino da igreja, onde a multidão ainda se reunia. Fora isso, a cena era solitária.

– Que calma suave e agradável! – exclamou Miss Helstone.

– E como deve estar calor na igreja! – respondeu Miss Keeldar, acrescentando: – E que longo e aborrecido sermão vai fazer o doutor Boultby e como os vigários vão martelar seus discursos! Pela minha parte, preferiria não entrar.

– Mas o meu tio vai ficar zangado se perceber a nossa ausência.

– Aguentarei o choque da sua cólera. Ele não há de me devorar. Não ficarei triste em perder seu discurso pungente, pois ele não vai esquecer a batalha de Royd Lane, mas aqui eu devo ficar. A igreja cinza e seus túmulos mais cinzentos ainda estão divinos com este brilho vermelho sobre eles!

– Venha, Shirley, devemos ir para a igreja.

– Caroline, eu não vou entrar. Vou ficar aqui com a minha mãe Eva em meio à natureza – respondeu Miss Keeldar, prosseguindo com um enorme discurso sobre natureza, mitologia, Titãs, Eva, maçã, Adão e as escrituras sagradas.

– Você com seu humor e seus caprichos, Shirley.

Miss Keeldar, a quem a suave noite quente de verão parecia trabalhar sua emoção com uma energia inusitada, apoiou-se numa pedra tumular, fixou os olhos no poente em chamas e caiu num doce êxtase.

Miss Helstone, afastando-se um pouco, pôs-se a andar de um lado para outro, também absorta nos seus pensamentos. Por um momento, a saudade de sua infância encheu sua alma novamente. O desejo que muitas noites a manteve acordada voltou trazendo com ele o medo que reacendeu de repente; brilhou quente em seu coração o ardor de ter uma mãe, de conviver com sua presença, de olhar para ela com carinho e receber olhares amorosos, de ouvi-la dizer com ternura, com uma voz doce: ‘Caroline, minha filha, eu tenho uma casa para você. Viverá comigo? Todo o amor que você precisa e não tem provado desde a infância, eu tenho guardado para você com cuidado. Venha! Você o terá agora!’ Contudo, junto com esse doce anseio, veio o receio de que nunca acontecesse e o seu peito se contraiu de dor.

Um rumor na estrada arrancou as duas moças de seus devaneios. Ambas apuraram seus ouvidos e distinguiram o trotar de cavalos. Olharam e viram através das árvores o escarlate dos uniformes, capacetes brilhantes e plumas que ondulavam: seis soldados, em silêncio, em ordem, avançavam tranquilamente pela estrada.

– Os mesmos que vimos esta tarde – murmurou Miss Keeldar – estavam escondidos e não querem ser notados. Dirigem-se para o seu destino enquanto todos estão na igreja. Eu não lhe disse que está acontecendo alguma coisa estranha!

Apenas tinham acabado de ver e ouvir os soldados quando um ruído muito diferente veio romper a calma: os gritos de uma criança impaciente. Ambas olharam na direção. Um homem saía da igreja trazendo nos braços um robusto pequenino que, acabando provavelmente de despertar de um

sono, gritava com toda a força dos seus pulmões. Duas menininhas de nove a dez anos o seguiam. O ar livre, algumas flores colhidas sobre um túmulo, acalmaram logo a criança. O homem sentou-se no chão, embalando-a sobre os joelhos. As duas meninas estavam ao seu lado.

– Boa noite, William – disse Miss Keeldar, depois de ter examinado atentamente o homem.

Ele a tinha visto e esperava, com certeza, que ela o reconhecesse. Tirou então o chapéu e esforçou-se por sorrir com satisfação. Ele era um homem de cabeça rude, traços duros e cansados, embora fosse ainda jovem. O seu vestuário era limpo, o dos filhos singularmente bem-cuidado. Era o nosso velho amigo Farren. As moças aproximaram-se dele.

– William, como vão os negócios? Está contente com sua situação? – perguntou Miss Keeldar.

– Estou muito contente, Miss Keeldar. Desde que me fiz jardineiro com a ajuda de Mr. Yorke, não tenho do que reclamar. Mas os meus vizinhos continuam passando muita necessidade e muitos estão na miséria.

– E, em consequência, muito descontentamento, suponho? – perguntou Miss Keeldar.

– Em consequência, a miss diz bem. Gente que morre de fome não pode estar contente, nem sossegada. E não faltam pessoas desonestas para levá-los para o diabo. Patifes, dizendo-se amigos do povo, mas que não sabem nada deles e falsos como Judas. Pela minha parte, não quero ser patrocinado nem enganado para prazer de nenhum homem. Foram-me feitas recentemente propostas que eu reconheci desleais e que lancei na cara de quem me fez.

– Não quererá relatar-nos essas propostas?

– Não, isso não serviria de nada. Aqueles a quem elas dizem respeito podem velar por si mesmos.

– Sim, nós devemos velar por nós próprios – concordou outra voz.

Joe Scott tinha escapulido da igreja para respirar um pouco de ar fresco e estava ali, ao lado deles.

– É o que eu lhe aconselho – disse William, sorrindo.

– E o que aconselharei ao patrão – foi-lhe respondido. – Minhas jovens senhoras – continuou Joe Scott, tomando um ar de importância – fariam melhor se fossem para casa.

– Gostaria de saber o porquê – interrogou Miss Keeldar, a quem as maneiras um pouco impertinentes do contramestre lhe eram familiares e que, volta e meia, pegava-se com ele. Joe Scott tinha teorias despóticas sobre as mulheres e, em geral, lastimava-se secretamente de que seu patrão e a fábrica estivessem, de certa maneira, sob o governo de saias.

– Porque não há aqui nada que interesse às mulheres.

– Verdade? Mas reza-se e prega-se nessa igreja. Então isso não interessa às mulheres? – ironizou Miss Keeldar.

– A senhora não esteve presente nem na oração nem no sermão, se não estou enganado. Era à política que eu fazia alusão. Farren falava desse assunto. Eu bem escutei.

– E então? A política é o nosso assunto usual, Joe. Não sabia que eu leio jornais? Aliás, seu próprio patrão os leva para mim.

– Acreditaria de boa vontade que a miss lesse as notícias sobre casamentos, assassinatos, acidentes e outras coisas parecidas.

– Joe, sua sorte é que estamos próximos à igreja, senão você escutaria o que eu penso sobre homens como você. Mas temos que deixá-los. Adeus, homens dos preconceitos. Meninos, venham a Fieldhead amanhã e poderão escolher o que mais lhes agradar na despensa de Mrs. Gill – Miss Keeldar disse aos filhos de Farren.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XIX

OceanofPDF.com

Uma Noite de Verão

As estrelas brilhavam na atmosfera limpa e serena da noite.

– Há uma claridade. Estou avistando a minha casa daqui – disse Miss Keeldar quando se despedia de Miss Helstone à porta do jardim do presbitério.

– Não deve ir só, Shirley, Fanny pode acompanhá-la.

– É inútil. De quem eu poderia ter medo em minha própria paróquia? Faria de boa vontade o trajeto de Fieldhead à igreja numa bela noite sem chuva três horas mais tarde do que agora só pelo prazer de contemplar as estrelas e na esperança de encontrar uma fada.

– Mas espere ao menos que a multidão se disperse.

– Sim. De acordo. Aí vêm as cinco misses Armitage. Lá está a pequena carruagem de Mrs. Sykes, a de Mr. Wynne, o cabriolé de Mrs. Birthwhistle. Como não estou com a menor disposição de dizer adeus a toda essa gente, vamos entrar no seu jardim e nos esconder entre as árvores.

Os pastores, os vigários e seus sacristãos saíam neste momento do pórtico da igreja. Houve muitos apertos de mãos, cumprimentos sobre os discursos, recomendações de ter cuidado com o ar da noite e amenidades. Pouco a pouco a multidão foi dispersando-se e as carruagens partiram. Miss Keeldar acabava de deixar o seu refúgio florido quando Mr. Helstone entrou no jardim e deu de cara com ela.

– Oh! Andava à sua procura – disse ele. – Receava que já tivesse ido embora. Caroline, venha aqui.

Miss Helstone aproximou-se; como Miss Keeldar, ela esperava uma repreensão por não terem aparecido na igreja.

No entanto, outra coisa preocupava o reitor.

– Não vou dormir em casa esta noite – continuou ele. – Acabo de encontrar um velho amigo e prometi acompanhá-lo. Provavelmente estarei de volta amanhã por volta do meio-dia. O Tomaz também tem o que fazer esta noite e por isso também não dormirá em casa como é seu costume quando me ausento de noite, em consequência...

– Em consequência – interrompeu Miss Keeldar – o senhor precisa do capitão Keeldar para tomar o seu lugar, ser o senhor do presbitério, ser o guarda da sua sobrinha e das suas criadas durante sua ausência.

– Precisamente, capitão! Pensei que o posto lhe conviria. Quer fazer o favor de ser a hóspede de Caroline esta noite? Quer ficar aqui em vez de ir para Fieldhead?

– E o que fará Mrs. Pryor? Ela me espera em casa.

– Mande um recado a ela. Ande! Decida-se logo a ficar. Está tarde, o orvalho cai abundantemente e tenho a certeza de que a menina e Caroline vão ficar encantadas por passarem a noite juntas.

– Prometo tomar conta de Caroline – disse Miss Keeldar. – Como o senhor disse, teremos prazer em ficar juntas. Agora vá se encontrar com esse seu velho amigo e não tema nada por nós.

– Se houver qualquer perturbação de noite, capitão; se ouvir alguém tentando abrir a porta com uma chave falsa, tentando cortar um vidro, um deslizar de passos furtivos em qualquer parte da casa, e não temo dizer à menina, que tem um coração forte e bem temperado sob o seu corpete de cetim, que esses incidentes são muito possíveis nos tempos atuais, o que poderia fazer?

– Não sei. Talvez desmaiar. Cair para que me esquecessem em seguida. Mas, pastor, se me entrega o posto de honra, deve me dar armas. Quais armas existem nesta fortaleza?

– Não pode manejar uma espada?

– Não. Servir-me-ia melhor da faca de trinchar.

– Encontrará uma excelente no aparador da sala de jantar. Trata-se de uma faca de senhora, leve para manejar, cuja ponta vale um punhal.

– Caroline tratará disso, mas eu sei que tem pistolas – replicou Miss Keeldar.

– Tenho duas e deixo uma à sua disposição. Estão dependuradas no seu estojo por cima do pano da chaminé no meu gabinete de trabalho.

– Carregadas?

– Sim, mas não tirei o vácuo. Faça isso antes de se deitar. É uma grande honra que eu lhe faço, capitão. Confiando uma arma a uma dama.

– Terei cuidado. Agora pode ir, Mr. Helstone. Foi muito amável comigo emprestando-me uma pistola – disse Miss Keeldar quando o pastor fechava o portão do jardim.

Entrando na casa, as meninas se dirigiram à escura sala de jantar. O ar da tarde entrava pelas janelas abertas e trazia o perfume das flores do jardim. Ao longe, sons de passos que se afastavam na estrada, um vago e doce murmúrio, cuja causa Miss Helstone explicou: – Shirley, ouço o ribeiro de Hollow.

Em seguida Miss Helstone tocou a campainha e pediu velas, pão e leite, a refeição habitual de Miss Keeldar e a sua. Quando Fanny acabou de servi-las e ia começar a fechar as janelas e as portas, as moças pediram que não o fizesse ainda. O crepúsculo estava muito calmo e o ar tão perfumado que não se sentiam capazes de perder ambas as coisas. Tomaram a refeição em silêncio.

Miss Helstone ergueu-se para remover um vaso de flores que estava no aparador, cujo perfume era forte demais para aquela sala quente. Quando voltou, abriu uma gaveta e pegou em qualquer coisa que ali estava, e que brilhou na sua mão.

– Indicou isto para mim, Shirley, não é isso? É uma arma admiravelmente afiada. Nunca senti o impulso que poderia levar-me a dirigi-la contra o meu semelhante. É difícil imaginar as circunstâncias que pudessem dar ao meu braço a força de ferir alguém.

– Seria uma coisa que muito me repugnaria – replicou Miss Keeldar – mas creio que poderia se me visse constrangida a isso por certas circunstâncias que posso imaginar muito bem.

Acabada a ceia, mandaram as criadas se deitarem, o que elas fizeram de bom grado, pois o dia tinha sido cansativo para elas. Em breve as jovens escutaram as portas de seus quartos se fecharem. Miss Helstone pegou um castiçal e visitou toda a casa, assegurando-se de que todas as janelas estavam fechadas e todas as portas aferrolhadas. Não deixou sequer de ver a porta traseira da cozinha, ao pé do cemitério. Depois de feita essa minuciosa visita, voltou.

– Neste momento não há espírito nem carne que não devessem estar em casa – disse ela. – São quase onze horas e é uma boa hora para deitarmos e, contudo, eu gostaria de ficar acordada, caminhar, isto é, se você não fizer objeção. Aqui está a pistola que trouxe do gabinete de meu tio – pousou-a na mesa em frente à sua amiga.

– Por que deseja ficar acordada até mais tarde? – perguntou Miss Keeldar, pegando a pistola, examinando-a e colocando-a de volta na mesa.

– Porque me sinto nervosa e agitada. Pergunto-me se esse estado de insônia e de excitação será produzido por qualquer eletricidade do ar?

– Não. O céu está puro, há inumeráveis estrelas e a noite está magnífica.

– Mas muito calma. Ouço a água do ribeiro de Hollow sobre o seu leito de seixos, tão distintamente como se corresse sob o muro do cemitério.

– Estou contente por a noite estar tão calma. O vento e a chuva batendo iriam me atormentar neste momento, até me dar febre, pois tornariam inúteis os meus esforços para ouvir.

– Está ouvindo Hollow? – perguntou Miss Helstone.

– Estou. É o único ponto de onde, neste momento, se poderá ouvir qualquer coisa.

Ambas se sentaram junto da janela, apoiaram seus braços no peitoril e inclinaram suas cabeças para a gelosia aberta. Viraram reciprocamente seus rostos jovens à claridade das estrelas e do crepúsculo de junho, que só desaparece do poente quando a aurora começa a despontar.

– Mr. Helstone pensa que não fazemos ideia nenhuma do lugar para onde ele foi – murmurou Miss Keeldar – mas eu adivinho muitas coisas. E você, Caroline?

– Suspeito de qualquer coisa, sim.

– Todos aqueles senhores, inclusive seu primo, pensam que estamos dormindo tranquilamente nas nossas camas sem desconfiarmos de nada.

Ficaram caladas por um tempo. O silêncio da noite era completo, interrompido somente pelo relógio da igreja. Elas trocaram algumas palavras sobre o frescor da noite, envolveram-se mais estreitamente em seus xales, puseram os chapéus que tinham tirado e continuaram a velar a noite.

Perto da meia-noite, o provocante latir do cão da casa lhes perturbou a calma da vigília. Miss Helstone pôs-se de pé e dirigiu-se sem ruído para a cozinha, com a intenção de acalmar o animal com um bocado de pão. Conseguiu seu objetivo. Voltando para a sala de jantar, achou-a na obscuridade absoluta. Miss Keeldar tinha apagado a vela: via-se seu contorno próximo à janela aberta. Miss Helstone não fez nenhuma pergunta e deslizou-se até junto dela. O cão recomeçou a ladrar com furor. De repente, calou-se e parecia que escutava. Na sala de jantar, escutaram

também. Não era o ruído do curso de água, ouvia-se outro mais próximo, um ruído surdo, na estrada abaixo do cemitério. Um som cadenciado, medido, produzido pelos passos de uma multidão em marcha.

O ruído tornou-se mais nítido. As que o escutavam foram se dando conta da sua importância. Não eram os passos de dois, de uma dúzia, de vinte homens. Eram os passos de centenas deles. Não podiam ver nada, os arbustos do jardim formavam um cortinado de folhagem entre elas e a estrada. Ouvir não era bastante, foi o que elas pensaram quando o bando passou perto do cemitério. Uma voz cobriu o silêncio da noite, gritando:

– Alto.

A marcha foi interrompida. Depois houve uma reunião em voz baixa, da qual nenhuma palavra chegou perceptível às moças.

– Precisamos saber do que falam, Caroline!

Miss Keeldar voltou-se, pegou a pistola, passou sem fazer ruído pela janela do meio da sala de jantar e foi até o muro do jardim. Ali parou debaixo de uma árvore para escutar. Miss Helstone não deixaria a casa se estivesse só, mas aonde Miss Keeldar ia, ela não temia ir atrás. Olhou para o punhal em cima do aparador, mas deixou-o onde estava e foi se encontrar com sua amiga. Não se atreveram a espreitar por cima do muro como medo de que as vissem. Ficaram ajoelhadas atrás dele e ouviram as seguintes palavras:

– Isso tem o ar de um velho edifício abandonado. Quem mora aqui além do diabo do pastor?

– Apenas três mulheres: a sobrinha e duas criadas.

– Sabe onde elas dormem?

– As criadas atrás. A sobrinha num quarto à frente.

– E o velho Mr. Helstone?

– Ali, naquela direção, num quarto embaixo. Tem o costume de manter a luz acesa a noite toda, mas hoje está apagada.

– Por onde entraríamos?

– Se me ordenassem que lhe desse um trato na sua saúde, e ele merece, procuraria entrar pela grande janela, uma que sai na sala de jantar. Acharia o seu quarto apalpando. Conheço a casa.

– O que faria com as três mulheres?

– Deixá-las-ia em paz, a não ser que se pusessem a gritar. Nesse caso, eu depressa as acalmaria. Gostaria de surpreender o velhote dormindo, pois se ele acordasse, a missão seria perigosa.

– O pastor tem armas?

– Tem armas de fogo, com certeza. Algumas delas.

– Então você é doido nos fazendo parar aqui. Um tiro daria o alarme e estragaria tudo. Mr. Moore estaria sobre nós antes que pudéssemos surpreendê-lo. Falharíamos no nosso objetivo principal.

– Vá indo à frente. Eu sozinho me encarrego do velho Mr. Helstone.

Seguiu-se uma pausa. Um dos homens deixou cair uma arma, que ressoou sobre a laje do cemitério. A este barulho o cão do presbitério pôs-se a latir com frenesi.

– Aí está o que estraga tudo! – exclamou uma voz áspera. – Ele vai acordar. Semelhante barulho é capaz de acordar até um desses mortos. Você não nos disse que havia cachorro também. Que o diabo vos leve! Para frente!

Miss Keeldar ergueu-se lentamente e olhou para a estrada. A tropa havia se posto em marcha. As longas filas desdobraram-se lentamente na estrada, que ressoou com os passos cadenciados.

– Não há mais ninguém. Obrigada, meu Deus! – exclamou ela, e Miss Helstone repetiu a exclamação, mas como tremia, sua voz saiu vacilante. O

seu coração batia depressa, sua face estava gelada e mesmo assim o suor escorria em sua fronte.

– O que se passará em Hollow? Eles nos deixaram apenas para surpreender Robert! – quase gritou Miss Helstone.

– Fizeram bem – disse Miss Keeldar, com calma. – Os outros se defenderão, se puderem, estão preparados para isso. Quanto a nós, o caso seria diferente. Eu tinha o dedo no gatilho da pistola. Estava pronta para dar àquele homem a saudação que ele não contaria, mas atrás dele viriam mais trezentos. Eu não poderia defendê-la eficazmente, nem a mim nem as duas pobres mulheres que dormem.

Depois de uma nova pausa ela continuou: – Qual é agora o meu dever? Com certeza ir a Hollow!

– Ir a Hollow, Shirley?

– Sim, a Hollow. Quer vir comigo?

– Mas e os homens?

– Eles tomaram a estrada principal. Mas, o caminho através dos campos está seguro. Vem ou não?

– Vou – respondeu Miss Helstone, decidida, pois sentia que não podia abandonar Miss Shirley e que Robert Moore estava em perigo.

– Mas devemos fechar solidamente a janela. Deixar tudo o mais seguro possível. Sabe o que vamos fazer, Caroline?

– Sim... não... vamos a Hollow porque você assim quer.

– Só isso? E é assim tão obediente a um simples capricho meu? Que dócil esposa seria para um homem severo! A face da lua não é menos branca do que a sua agora; e as folhas do álamo que estão perto da porta não tremem mais do que seus dedos neste momento. E mesmo assim você diz que vai comigo a Hollow correndo grande perigo. Escute-me: deixe eu lhe dar um motivo para tanta determinação. Nós vamos a Hollow por causa

de Mr. Moore, para ver se lhe poderemos ser úteis. Vamos procurar avisá-lo do perigo que corre. Para isso temos que correr e chegar antes do bando.

– Certamente, Shirley. Sei que sou doida e fraca, e não ajuizada e prudente como você. Sinto-me feliz em acompanhá-la.

– Não duvido. Morreria cegamente e com resignação por mim; e morreria inteligentemente e com alegria por Mr. Moore, mas por esta noite não se trata de morte, pois vou fazer de tudo para não correrrmos perigo. Prometo.

Miss Helstone correu e fechou a janela. – Segure a minha mão, Shirley. E vamos atravessar os campos em linha reta.

– Consegue pular os muros? – perguntou Miss Keeldar.

– Esta noite eu os saltarei.

– Tem medo das sebes e do ribeiro? Vamos ter que passar por eles.

– Passarei.

Partiram correndo. Vários muros atrasaram as duas, mas não as detiveram. Miss Keeldar tinha o pé seguro e ágil. Miss Helstone, mais medrosa e menos hábil, caiu uma ou duas vezes, mas se levantava logo, dizendo que não estava ferida. Uma sebe muito espessa dificultou a passagem pelo último campo, o que as fez perder tempo. Tiveram dificuldade de encontrar a abertura que, por fim, acharam: estreita, mas não hesitaram em entrar por ela. Os longos cabelos, a pele macia e os tecidos dos vestidos sofreram, mas não lastimaram, a não ser a demora que o último obstáculo causou. Do outro lado encontraram o ribeiro, cuja forma de atravessar era por uma tábua estreita. Miss Keeldar já o tinha atravessado diversas vezes, mas Miss Helstone jamais ousara.

– Levo-a no colo – disse Miss Keeldar. – É leve e eu sou forte. Deixe-me experimentar.

– Não. Eu vou. Se eu cair na água, apenas me pesque – disse Miss Helstone, apertando a mão de Miss Keeldar ternamente.

E sem hesitar, avançou pela pinguela afora. Miss Keeldar, que a seguiu, não atravessou com mais resolução e segurança. No estado de espírito em que se encontravam e com o objetivo que tinham em mente, uma corrente espumante e impetuosa não as teria detido. Contudo, um ruído as fez parar. Mal as duas tinham posto os pés às margens do outro lado, ouviu-se um tiro do lado Norte. Passou-se um instante, outro tiro do Sul. No espaço de três minutos, ouviram-se sinais idênticos de Leste a Oeste.

– Pensei que morreríamos à primeira explosão – comentou Miss Keeldar respirando fundo. – São sinais, o ataque não demorará. Seria preciso termos asas. Os nossos pés não nos trouxeram tão depressa.

Era ainda preciso atravessar um grande pedaço de mato. Quando elas saíram dele, a fábrica achava-se precisamente abaixo delas. Viram os edifícios, o pátio e a estrada que levava até lá. Miss Keeldar pôde-se convencer de que havia, de fato, chegado muito tarde para dar o aviso. Tinham gasto mais tempo do que planejavam nos obstáculos. A estrada, que deveria ser branca, estava escura e coberta por uma massa movediça.

Os arruaceiros estavam reunidos em frente ao portão fechado da fábrica e apenas uma figura aparecia em pé do lado de dentro, dirigindo-se, aparentemente, para o grupo. A fábrica estava escura e tranquila. Não havia vida, nem luz e nem qualquer movimento.

– Ele está com certeza de vigia. Aquele não pode ser Mr. Moore a esperá-los sozinho! – murmurou Miss Keeldar.

– Mas é ele. É ele! Eu preciso ir. Eu quero ir – Miss Helstone precipitou-se colina abaixo.

– Não, Caroline! – Miss Keeldar a deteve.

– E, então? Para que eu vim? Eu vim por causa dele! Tenho que me juntar a ele!

– Infelizmente é coisa que está acima de seu poder. Não existe nenhuma estrada que a leve até ele sem ter que passar pelo bando.

– Há uma pequena entrada escondida pelo lado de trás. Abre-se por meio de um segredo que eu conheço. Vou entrar por lá.

– Mas não com a minha permissão – vociferou Miss Keeldar.

Miss Keeldar agarrou Miss Helstone pelo corpo e arrastou-a um pouco para trás.

– Não dará nem mais um passo – disse Miss Keeldar, com autoridade. – Mr. Moore ficaria incomodado e embaraçado se visse qualquer uma de nós. Os homens não gostam de mulheres aos seus pés nos momentos de real perigo.

– Eu não o embaraçaria. Ajudá-lo-ia – respondeu Miss Helstone, chorosa.

– E como? Inspirando-lhe heroísmo? Ora! Já não estamos mais no tempo da cavalaria

– É natural que eu esteja ao seu lado...

– Como rainha de seu coração? A fábrica é a única dama dos pensamentos de Mr. Moore, Caroline! Com os seus teares e as suas máquinas atrás de si, tem o aguilhão de que ele precisa e pode compreender. Não é pelo amor ou beleza, mas pelo seu livro de contabilidade e pelos seus tecidos que ele vai lutar. Não seja sentimental. Mr. Moore não é seu.

– Poderei ser-lhe útil. Vou descer.

– Vá. Desça. Permitirei. Vá procurar Mr. Moore e não o encontrará.

Miss Keeldar a deixou livre. Miss Helstone partiu como uma flecha. Mas enganara-se. A moça Helstone parou, hesitou, olhou. A figura em pé, de repente, tinha se afastado do portão e corria para a fábrica.

Miss Helstone voltou-se lentamente para trás. – Não é Robert – disse ela. – Não tem sua estatura, não tem sua aparência e nem o seu andar.

– Eu vi que não era Mr. Moore quando a deixei ir. Como pôde se enganar? Era o porte vulgar de um simples soldado. Tinham-no posto ali de sentinela. Mr. Moore está preparado. O nosso aviso seria supérfluo e agora estou até contente por ter chegado tarde para dá-lo. Isso nos poupou de uma cena. Que lindo seria nós duas entrando na fábrica, todas esbaforidas, e encontrarmos lá Mr. Armitage e Mr. Ramsden fumando; Mr. Malone fazendo-se de fanfarrão; seu tio zombando alguém, provavelmente de Mr. Sykes, e Mr. Moore frio como sempre. Estou contente por ter escapado disso!

– Eu queria saber se o grupo de dentro da fábrica é grande...

– O suficiente para que os defenda. Lembra-se dos soldados que avistamos hoje? Com certeza estão lá. E todo aquele grupo que vimos cercar Mr. Moore hoje também está lá – disse Miss Keeldar.

– O que estarão fazendo, Shirley? Que ruído é este?

– É o de machados e de barras de ferro contra as portas. Não tardarão a forçá-las. Você está com medo?

– Não. Mas o meu coração bate com muita força. As minhas pernas estão fracas também. Vou me sentar – disse Miss Helstone. – Shirley, você parece emocionada.

– Estou contente por ter vindo. Veremos com os nossos próprios olhos.

– Shirley, Shirley! Eles quebraram as portas e entraram. Veja! As portas parecem grandes árvores caindo e eles entram como monstros. Vão despedaçar as portas da fábrica como fizeram com a dos portões. O que vai fazer Robert contra uma multidão? Ah, se eu pudesse estar junto dele!

Poder ouvi-lo e falar-lhe! Com o meu ardente desejo de ajudá-lo, eu poderia fazer qualquer coisa – Miss Helstone chorava com as mãos no rosto.

– Eles avançam! – exclamou Miss Keeldar. – Como a marcha deles é forte! Há disciplina em suas fileiras, não diria coragem, não é no marchar de cem contra dez que se mostra essa qualidade, contudo – baixou a voz – há muito desespero e sofrimento entre eles. São esses aguilhões que estão empurrando aquelas pessoas para a frente.

– Para a frente e contra Robert. Eles o odeiam, Shirley! Haverá muito perigo! Eles estão em grupo menor dentro da fábrica.

– Veremos. Mr. Moore e Mr. Helstone têm nas veias o melhor sangue da terra e eles não são desastrados nem tolos.

Um estrondo. Um barulho de janela partida, gritos, e uma chuva de pedras caiu sobre a fachada da fábrica quebrando todas as vidraças. Um rugido se seguiu a essa demonstração, um rugido de revoltados, os revoltados de Yorkshire.

Miss Helstone ergueu-se. Miss Keeldar imediatamente a segurou colocando seus braços em torno dela. Ambas permaneceram de pé, tão imóveis como dois troncos de enormes árvores. O rugido foi longo e, quando este cessou, o silêncio da noite continuou a ser perturbado pelos movimentos e os murmúrios da multidão.

– O que irá acontecer agora? – Misses Helstone e Keeldar falaram juntas. Não havia agitação dentro da fábrica. Continuava quieta como um túmulo.

– Ele não pode estar só – murmurou Miss Helstone.

– Aposto que não está só e nem um pouco alarmado – respondeu Miss Keeldar.

Tiros foram disparados pelos arruaceiros. Os defensores tinham esperado por esse sinal. Foi o que lhes pareceu mais provável. O edifício,

ainda há pouco inerte e passivo, despertou e o fogo brilhou através da abertura das janelas. Uma descarga de espingardas retumbou pelo vale de Hollow.

– Mr. Moore fala, enfim – disse Miss Keeldar – e parece que possui o dom da palavra.

– Foi paciente. Ninguém pode acusá-lo de precipitado. Eles dispararam primeiro. Despedaçaram suas portas e janelas. Atiraram para matar e ele apenas os repeliu – disse Miss Helstone, defendendo seu primo Robert.

O que se passou, então? Na escuridão parecia difícil distinguir. Contudo, era evidente que qualquer coisa terrível iria acontecer em meio àquele tumulto incessante. A multidão furiosa atacava e encontrava uma resistência preparada. No pátio da fábrica o combate era dominado pelo ódio. Os tiros sucediam-se sem cessar, entremeados de corridas, lutas e gritos. O objetivo da multidão parecia ser o de tomar a sede da fábrica e o dos defensores o de impedir que isso ocorresse. Ouviu-se o chefe dos rebeldes gritando:

– Vamos por trás, camaradas!

Ouviram outra voz em resposta: – Vão! Encontraremos vocês lá, seus...

– Para o escritório – gritou o chefe do bando invasor.

– Serão bem-vindos! Lá estaremos! – foi a resposta.

E, num instante, uma luz como não vista ainda, muito viva, e um ruído, mais forte do que todos os outros anteriores, ribombou na fábrica, para onde a massa de amotinados se precipitara.

A voz que se tinha feito ouvir era a de Mr. Moore. Pelo som dessa voz elas puderam avaliar a excitação a que ele chegara. Puderam se convencer de que o instinto brutal da luta dominava cada um daqueles homens que

combatiam uns contra os outros e sobrepujavam os sentimentos humanos e razoáveis. As duas sentiram aumentar o calor do rosto e suas pulsações aumentaram. Elas sabiam que não poderiam fazer nada intervindo naquela contenda. Não desejavam dar nem levar pancadas, mas por nada do mundo arredariam seus pés dali, desviariam os olhos daquela cena sombria e terrível, daquela massa de nuvens, de fumaça e detonações.

Como e quando tudo aquilo cessaria? Chegaria um momento em que poderiam ser úteis? Era o que elas esperavam.

Tal sorte não lhes foi concedida. Mr. Moore havia previsto aquele ataque e estava preparado. Fortificara a fábrica que antes já era um sólido edifício e tinha posto guarnição. Ele era um homem frio e valente, que se defendia com uma firmeza inquebrantável. Os que estavam com ele inspiravam da mesma atitude. Os amotinados não esperavam por aquilo e nunca tinham sido recebidos daquela forma. Nas outras fábricas atacadas não tinham encontrado resistência alguma. Uma defesa decidida e organizada era coisa com que não contavam. Quando seus chefes viram sair do edifício um tiroteio constante e a firme determinação do seu proprietário; quando se viram friamente desafiados e convidados à morte; quando viram seus homens começarem a cair, compreenderam que nada havia a fazer e reuniram às pressas sua tropa, afastando-se da fábrica. O ataque tinha durado horas, o dia estava próximo, a obscuridade reinava ainda no poente, mas o levante começava a clarear.

As duas moças aproximaram-se prudentemente do edifício e, quando uma multidão de soldados e homens apareceu na porta principal que dava para o pátio, refugiaram-se às pressas num barracão, de onde puderam observar o que se passava sem serem vistas.

Era um triste espetáculo: o pátio e o espaço que as cercavam formavam uma mancha de desolação na fresca aurora de um dia de

estiagem. A mata de Hollow estava sombria e úmida de orvalho; o alto da colina estava verdejante, mas ali, no centro do vale suave, a luta tinha deixado vestígios. As janelas estavam todas partidas, algumas armas estavam caídas e mais de uma mancha vermelha se via no chão de pedra. Um cadáver estava caído junto à porta exterior com a face por terra e cinco ou seis feridos gemiam estendidos na poeira ensanguentada.

A este espetáculo o semblante de Miss Keeldar mudou. Era o reverso da batalha, a morte e a dor substituindo o movimento e a excitação.

– Olha aí o que eu queria evitar – lamentou ela, numa voz que traía a emoção do seu coração.

– Mas não tinha como evitar isso, Shirley. Fez em vão tudo o que poderia ser feito – disse-lhe Miss Helstone. – Não se entristeça, Shirley.

– A má sorte dessa pobre gente me aflige – respondeu ela, enquanto lágrimas escorriam dos olhos. – Será que há feridos na fábrica? Aquele é o seu tio?

– Sim. É ele. E lá está Mr. Malone! Oh! Shirley, olhe Robert!

– Está bem – não enterre suas unhas em minha mão. Vejo-o. Não é nada de extraordinário. Nós bem sabíamos que ele escaparia.

– Está vindo em nossa direção, Shirley.

– Quer dizer, da bomba, para lavar as mãos e o rosto. Acho que ele machucou o rosto... – disse Miss Keeldar.

– Ele está sangrando, Shirley! Não me prenda, quero ir lá.

– Não dará um passo!

– Ele está ferido, Shirley!

– É um arranhãozinho de nada.

– Mas é preciso que eu vá para junto dele.

– Para fazer o quê?

– Para lhe falar. Para lhe perguntar como está e o que posso fazer por ele.

– Para o deixar envergonhado e aborrecê-lo. Para dar um espetáculo na frente de todos esses soldados; de Mr. Malone, de seu tio e dos outros? Pensa que isso dará prazer a Mr. Moore? Gostaria de lembrá-la disso daqui a alguns dias.

– Estou quase destinada a ser sempre dominada e constrangida? – perguntou apaixonadamente Miss Helstone.

– No interesse dele, sim. Mais ainda do que do seu. Digo-lhe que, se você aparecesse para ele ali, iria lastimar dentro de uma hora e Robert também.

– Quero ir para junto dele simplesmente porque ele é meu primo, compreendeu?

– Compreendo muito bem. Mas olhe. Ele lavou a testa e o sangue já não escorre. O ferimento que ele recebeu foi leve. Ele está indo examinar os feridos.

Mr. Moore e Mr. Helstone deram uma volta no pátio examinando os homens que jaziam no chão. Deram ordem para levantarem os feridos e os levarem para dentro da fábrica. Em seguida Joe recebeu ordem para selar o cavalo do seu patrão e o pônei de Mr. Helstone e os dois homens se afastaram a galope para procurarem socorro cirúrgico em diferentes direções.

Miss Helstone, contudo, ainda não estava sossegada.

– Shirley, Shirley. Eu bem que queria dizer-lhe uma palavra antes de ele partir – murmurou a moça com os olhos cheios de lágrimas.

– Por que chora, Lina? – perguntou Miss Keeldar com ar sério. – Devia alegrar-se e não ficar triste. Mr. Moore escapou do perigo e venceu.

Ele foi frio e valente no combate e é agora moderado no triunfo. Isso é motivo para chorar?

– Mal sabe o que eu sinto e a dor que sofro. Por isso, deixe-me só. Deixe-me chorar por alguns minutos. Isso me aliviará.

Miss Keeldar, vendo-a toda trêmula, deixou de constrangê-la. Saiu de perto e deixou que chorasse sossegada. Passados alguns minutos, Miss Helstone voltou para junto dela muito mais calma. Disse-lhe com a sua voz natural, meiga e amável:

– Venha, Shirley. Vamos voltar para casa. Prometo não tornar a procurar Robert. Nunca mais me colocarei no seu caminho. Agradeço por ter me impedido de fazê-lo ainda há pouco.

– Fiz com boa intenção – respondeu Miss Keeldar. – Agora, querida Lina, regressemos sem fazer ruído. Ninguém saberá onde fomos, nem o que vimos nessa noite. Mais tarde, ainda hoje, veremos Mr. Moore e lhe mostraremos bom humor. Mas, não lhe direi mais nada, pois terei receio de chorar também. Pareço dura, mas não sou.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XX

OceanofPDF.com

O Dia Seguinte

As duas moças não encontraram ninguém no regresso ao presbitério. Deslizaram sorrateiramente para o andar superior sem serem vistas. O sol que surgia no horizonte clareava o caminho. Miss Keeldar, exausta, foi imediatamente para a cama e, mesmo que estranhasse o leito, pois nunca dormira no presbitério, apesar disso, do terror e da excitação pelos quais passara àquela noite, dormiu em seguida um sono reparador.

Uma saúde perfeita era um dos benefícios de que Miss Keeldar gozava. As grandes emoções podiam excitá-la, mas como não era nervosa, não ficava abatida. Se sacudida e agitada durante a tempestade, quando esta passava, sua frescura e elasticidade habituais voltavam. Assim, como cada dia lhe trazia estimulantes emoções, em cada noite achava um sono reparador. Miss Helstone a via dormir neste momento e lia a serenidade da sua alma na beleza e na feliz calma de seu rosto.

Quanto a ela, porque era de um temperamento completamente oposto, não conseguia dormir. Esforçou-se em vão por permanecer ao menos deitada, mas logo se levantou e ficou sentada ao lado de Miss Keeldar. Olhando o sol de junho que despontava no horizonte, ela contava os minutos para que ela acordasse. A vida se esgotava depressa em vigílias semelhantes àquelas a que Miss Helstone estava sujeita. Ela era cristã e nos momentos de aflição buscava a Deus ardentemente, implorando paciência, força e socorro. Mas, pelo resultado de suas orações, parecia-lhe que não eram ouvidas.

Por fim, a casa acordou; as criadas se levantaram; as portas foram abertas. Miss Helstone deixou a cama para a qual retornara – que tinha sido para ela um leito de espinhos – sentiu reviver o vigor que traz sempre um novo dia, a ação a quem o desespero e o sofrimento não aniquilaram ainda

por completo. Vestiu-se como de costume, com cuidado, e fez todos os esforços para que nada no seu exterior traísse a aflição que lhe ia dentro da alma. Pareceu tão fresca como Miss Keeldar quando as duas ficaram prontas, com a diferença, todavia, de que os olhos de Miss Keeldar estavam animados e os de Miss Helstone tinham uma expressão de languidez.

– Hoje terei muitas coisas para dizer a Mr. Moore – foram as primeiras palavras de Miss Keeldar, e podia-se ler em seu rosto que a vida era para ela cheia de interesse, de esperança e de ocupação. – Terá que se submeter a um interrogatório. Parece-me que ele pensa que me iludiu muito sabiamente. Os homens, em geral, imaginam que as mulheres se assemelham às crianças. Pois bem! É um erro pensar assim.

Enquanto falava, diante do espelho, arranjava em cachos os seus cabelos naturalmente desarranjados. Ela continuou durante uns cinco minutos com o mesmo assunto, enquanto Miss Helstone lhe apertava a saia e dava o nó no cinto.

– Se os homens pudessem nos ver como realmente somos, ficariam verdadeiramente espantados; mas os mais notáveis, os mais sensatos, iludem-se muitas vezes no que diz respeito às mulheres. Eles não as compreendem, nem em relação ao bem, nem ao mal. A mulher bondosa é para eles um ser fantástico, meio boneca, meio anjo. A má é quase sempre um demônio.

– Shirley, está tagarelando demais! Não consigo apertar isto aqui! Fique quieta. E no mais, se formos ver, as heroínas e os heróis dos nossos autores se equivalem.

– Está enganada: as autoras mulheres traçam os caracteres dos homens com mais verdade do que os autores homens os das mulheres. É o que provarei em qualquer revista quando um dia tiver tempo. Simplesmente

o meu trabalho não será publicado. Será recusado muito atenciosamente e ficará às minhas ordens na administração.

– Sem dúvida. A Shirley não poderia escrever completamente, falta-lhe erudição.

– Deus sabe que não vou contradizê-la. Sou ignorante como uma pedra. Mas, uma coisa me consola: você não é mais instruída do que eu.

Desceram para o café da manhã.

– Gostaria de saber como Mrs. Pryor e Hortense passaram a noite – disse Miss Helstone no desjejum.

– Como sou egoísta! Até agora não pensei nelas um só momento. Elas, decerto, ouviram todo aquele tumulto. Fieldhead e a cottage são tão próximas.

– Hortense tem muito medo dessas coisas. E sem dúvida Mrs. Pryor também – disse Miss Helstone.

– Mr. Moore deve ter tido o cuidado de afastar a irmã, Lina. Vi, ontem, quando ela foi embora com Miss Mann. Ele pediu-lhe, certamente, que ela passasse a noite lá. Quanto à Mrs. Pryor, confesso que estou um pouco inquieta, mas antes de meia hora estaremos lá ao seu lado.

Durante este tempo, foi espalhada na vizinhança a notícia do que se passara em Hollow. Fanny, que fora a Fieldhead procurar leite, voltou às pressas para anunciar que deflagrara um combate na fábrica de Mr. Moore e que havia vinte homens mortos. Eliza, durante a ausência de Fanny, soubera, pelo rapaz do açougue, que a fábrica fora incendiada. Ambas se precipitaram pelo salão para dar as notícias.

Ainda não tinham acabado a narração quando um criado chegou de Fieldhead com uma carta de Mrs. Pryor em que pedia a Miss Keeldar que regressasse imediatamente, visto haver, com certeza, ordens a dar, e que só

podiam ser dadas pela dona da casa. Dizia ainda que Miss Helstone não devia ficar no presbitério e que faria bem se acompanhasse Miss Keeldar.

– A esse respeito só há uma opinião – disse Miss Keeldar, colocando o chapéu e correndo à procura de Miss Helstone.

– Quando as duas se dirigiam a toda pressa para Fieldhead, pelo gramado de relva e pelo atalho da plantação, notaram que a estrada, ao longe, estava cheia de cavalheiros e peões que seguiam para Hollow. Entrando pela parte de trás da casa, encaminharam-se da cozinha para a sala de visitas. Mrs. Pryor saiu correndo ao encontro das duas pela estrada de carvalho. Estava aterrorizada. O sentimento que a dominava era de um grande descontentamento de si mesma, por não ter podido se manter fria, mais firme, à altura das circunstâncias.

– Sabem – começou ela, com a voz trêmula e com o maior desejo de evitar o exagero – sabem que um bando de amotinados atacou esta noite a fábrica de Mr. Moore? Daqui se ouvia muito distintamente a fuzilaria e o tumulto. Ninguém aqui em casa dormiu e foi uma noite triste. A casa esteve em grande agitação toda a manhã. Os criados se dirigiam a mim para que lhes desse ordens e instruções que eu não me julgava autorizada a fazê-lo. Mr. Moore, creio eu, mandou buscar refrescos para os soldados e também alguns objetos necessários para os feridos. Eu não podia tomar para mim a responsabilidade de dar ordens ou tomar decisões. A casa não é minha. Você estava ausente, minha querida, o que eu podia fazer?

– Não mandaram então os refrescos? – perguntou Miss Keeldar, cujo semblante se tornou, de repente, sombrio e irritado.

– Creio que não, minha filha!

– E nada para os feridos? Nem roupas, nem vinho, nem mantimentos?

– Não sei. Não posso dizer o que fez Mrs. Gill, mas parecia-me que ela não podia dispor de sua propriedade sem sua autorização. Ela não podia

mandar provisões para uma companhia toda. Não perguntei quantos eram, mas eu não podia consentir em deixar desfalcar sua casa. A minha intenção era fazer o melhor. Confesso, no entanto, que ainda estou em dúvida nesse caso.

– Pois não é difícil. Esses soldados arriscaram suas vidas pela defesa da minha propriedade. Parece terem certo direito à minha gratidão! Os feridos são nossos semelhantes e parece que lhes devemos socorro. Mrs. Gill – gritou ela.

Voltou-se e chamou por ela com uma voz mais clara do que doce, que atravessou as portas maciças de carvalho da cozinha melhor do que teria feito o tinido da campainha. Mrs. Gill, que estava a amassar, chegou com as mãos e um avental que testemunhavam sua ocupação. Com voz firme e seca, Miss Keeldar começou a fazer perguntas e a dar ordens. O seu espírito altivo estava terrivelmente irritado por, em semelhantes circunstâncias, Fieldhead ter mostrado a inospitalidade da casa de um avarento. O seu orgulho estava ferido.

– Há quanto tempo chegou o pedido da fábrica?

– Há menos de uma hora – respondeu a cozinheira, num tom que parecia acalmar Miss Keeldar.

– Há menos de uma hora! Diz isso como poderia dizer menos de um dia. Teriam tempo de se dirigir à outra parte. Mande imediatamente um homem dizer-lhes que tudo o que há nesta casa está às ordens de Mr. Moore, de Mr. Helstone e dos soldados. Faça isso já!

Enquanto esta ordem estava sendo executada, Miss Keeldar afastou-se de Miss Helstone e de Mrs. Pryor e ficou de pé em silêncio na sala de jantar. Quando Mrs. Gill voltou, ela virou-se para ela.

– Tudo o que está na copa e no celeiro deve ser imediatamente carregado em carros e levado para Hollow. Havendo falta de pão ou de

carne em casa, vão à casa do padeiro e do açougueiro e digam-lhes que me mandem tudo o que puderem. Bem, é melhor que vá eu mesma. E saiu.

– Este acesso não tardará a passar. Dentro de uma hora não pensará mais nisso – murmurou Miss Helstone no ouvido de Mrs. Pryor. – Suba para seu quarto, minha senhora – acrescentou afetuosamente – e procure descansar um pouco.

Depois de tê-la conduzido ao seu quarto, Miss Helstone achou que podia ser mais útil, pois as criadas eram pouco numerosas em Fieldhead.

Miss Helstone, com seu bom humor, com a diligência que ajudou a cozinheira e as outras criadas, prestou um auxílio eficaz que acalmou a dona da casa. Um olhar e um sorriso de Miss Helstone, enquanto subia a escada da adega com um cesto pesado, provocaram logo um sorriso em Miss Keeldar.

– É uma vergonha! – exclamou Miss Keeldar precipitando-se para Miss Helstone. – Vai machucar seus braços!

Miss Keeldar apoderou-se do cesto e levou-o até o meio do pátio. A tempestade tinha passado quando retornou de mãos vazias. As maneiras cordiais e alegres tinham voltado.

Miss Keeldar comandava o carregamento de uma carroça quando um homem entrou no pátio e se aproximou dela sem que o visse.

– Espero que Miss Keeldar esteja bem esta manhã – disse ele, lançando-lhe um olhar perscrutador e que refletia certa animação.

Ela olhou para ele, depois continuou o seu trabalho sem olhá-lo mais. Um sorriso de prazer brincava-lhe nos lábios, mas ela não deixou que ele percebesse.

– Muito bem – respondeu ela – e Mr. Moore também, ao que me parece. Para dizer tudo, eu não estava com muita pena do senhor. Se lhe

tivesse acontecido alguma desgraça, não teria sido senão o que merecia: a sua conduta foi, digamos, estranha. Posso lhe perguntar o que o traz aqui?

– Mr. Helstone e eu acabamos de receber neste momento a mensagem em que nos informava de que tudo quanto há em Fieldhead está à nossa disposição. Pensamos, pela maneira como fez o seu oferecimento, que iríamos incomodá-la excessivamente. Não somos um regimento, mas meia dúzia de soldados e outros tantos civis, nada mais. Permita-me que restrinja um pouco este aprovisionamento excessivo – disse Mr. Moore.

Miss Keeldar corou e riu ao mesmo tempo da generosidade excessiva dos seus cálculos desproporcionais. Mr. Moore ria também. Ele fez tirar da carroça cestos e mais cestos e devolveu à adega garrafas e mais garrafas.

– O pastor ficará sabendo disso – comentou Mr. Moore. – Que linda cena ele fará! Que excelente fornecedora de exércitos teria dado Miss Keeldar! – depois, rindo outra vez, acrescentou: – Aconteceu precisamente tudo o que eu tinha pensado.

– Deveria agradecer-me – disse Miss Keeldar – em vez de fazer troça de mim e o senhor não tinha me dito nada. Além disso, um pedido de provisões para soldados sugere, naturalmente, ideias vastas.

– Parece-me que sim – concordou Mr. Moore. – Agora – disse ele ao carroceiro – pode levar o restante a Hollow.

Enquanto a carroça saía do pátio, Miss Keeldar perguntou o que estava sendo feito pelos feridos.

– Do nosso lado só teve um – ele respondeu.

– O senhor também se feriu na testa – disse uma voz doce, a de Miss Caroline Helstone, que, na sombra da porta, não tinha ainda sido notada por Mr. Moore. Quando ela falou, ele procurou penetrar a obscuridade de seu refúgio.

– Foi gravemente ferido? – ela repetiu a pergunta.

– Um arranhãozinho. Como um que a prima poderia fazer com uma agulha de coser.

– Levante o seu chapéu para nós vermos – exigiu Miss Keeldar.

Ele tirou o chapéu e fez o que lhe pediam, descobrindo o ferimento tirando uma pequena tira de tecido. Miss Helstone mostrou por um leve aceno de cabeça que estava satisfeita e desapareceu no escuro do aposento.

– Como ela soube que eu estava ferido? – indagou Mr. Moore a Miss Keeldar.

– Ouviu dizer, por certo. Mas é muita bondade da parte dela ficar incomodada. Quanto a mim, era nas suas vítimas que eu pensava quando lhe perguntei sobre os feridos. Quantas perdas tiveram os seus rivais?

– Um dos amotinados, ou vítimas como você os chama, foi morto e seis estão feridos. Mas já estamos buscando socorro médico para eles e estamos arranjando carros abertos e palha limpa para os transportarmos até Stilbro.

– Palha? Colchões e cobertores são o que eles precisam. Vou mandar o meu carro já convenientemente arranjado e Mr. Yorke, tenho certeza, mandará também o dele.

– Adivinhou. Ele já ofereceu. E Mrs. Yorke está neste momento, creio, toda ocupada a prepará-lo com colchões de pena, travesseiros, etc. Não faltará nada às vítimas. Prometo-lhe. Mr. Hall, o seu pastor favorito, está com elas desde as seis da manhã, a exortá-las, orando e tratando-as. E a boa amiga de Caroline, Miss Ainley, enviou uma provisão de ligaduras, fios de linho e roupa branca, qualquer coisa muito parecida com as provisões de carne e vinho que outra senhora estava enviando.

– Está bem. Onde está sua irmã?

– Em segurança. Mandei-a para a casa de Miss Mann. Esta manhã mesmo ambas partem para as águas de Wormwood onde ficarão algumas

semanas.

– Foi assim que Mr. Helstone me alojou no presbitério. Vocês, cavalheiros, se julgam de uma habilidade notável. Frios e astuciosos.

A atitude de Mr. Moore parecia dar razão a Miss Keeldar.

– Está me olhando como se eu fosse um perigoso espécime do meu sexo, não é mesmo? – continuou ela.

– Mas Caroline não é nem excêntrica nem difícil de se conduzir, não é verdade? Não há nada nela de masculino.

– Por que motivo acentua tão fortemente a palavra nela? Acha que, a este respeito, ela é um contraste com a miss?

– Onde quero chegar é que Miss Helstone, apesar de doce, tratável e bastante cândida, é, contudo, capaz de desafiar até uma ordem sua.

– O que foi que fizeram? – perguntou Mr. Moore, de repente.

– O senhor já almoçou?

– Que mistério é esse?

– Se estiver com fome, Mrs. Gill pode lhe dar de comer. Entre para a sala de carvalho e toque a campainha. Será servido como numa hospedaria ou, se preferir, volte para Hollow.

– Não posso escolher. Tenho que ir, até logo. Voltaremos a nos ver no primeiro instante disponível que eu tiver.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXI

OceanofPDF.com

Mrs. Pryor

Enquanto Miss Keeldar falava com Mr. Moore, Miss Helstone foi ver como estava Mrs. Pryor. Encontrou-a profundamente abatida. Ela não queria confessar que o arrebatamento de Miss Keeldar havia chocado sua sensibilidade, porém sofria, evidentemente, de uma dor na alma.

– Tenho falta de iniciativa e de confiança em mim – disse ela, meigamente – supunha, contudo, que Miss Keeldar conhecesse o meu caráter para saber que tenho sempre um profundo desejo de fazer o melhor possível. Eu não podia tomar aquela responsabilidade e correr o risco de agir precipitadamente no lugar de outra pessoa, mas espero que não tenha sucedido nada de grave devido à minha falta de firmeza.

Neste momento ouviram uma leve pancada na porta que se entreabriu.

– Venha cá, Caroline – disse alguém em voz baixa. Miss Helstone saiu. Na galeria encontrou Miss Keeldar, contrita, envergonhada, aflita como uma criança arrependida.

– Como está Mrs. Pryor? – perguntou.

– Muito abatida.

– Portei-me vergonhosamente, sem generosidade e com ingratidão para com ela – lamentou Miss Keeldar. – Que insolência da minha parte a ter tratado assim, quando ela não era culpada de nenhum mal e havia obedecido apenas a um excesso de delicadeza! Mas, lamento muito sinceramente a forma como procedi. Diga-lhe isto e pergunte se me perdoa.

Miss Helstone fez o que Miss Keeldar pediu, com maior prazer. Mrs. Pryor ergueu-se e veio até a porta. Ela não gostava de cenas, pois tinha receio delas como todas as pessoas tímidas e, numa voz comovida, disse:

– Entre, minha querida.

Miss Keeldar entrou impetuosamente, lançou-se ao pescoço de sua preceptora e, beijando-a efusivamente, disse-lhe:

– Bem sabe que é preciso perdoar-me, Mrs. Pryor. Eu não poderia viver sem a nossa harmonia.

– Não tenho nada a lhe perdoar – respondeu Mrs. Pryor. – Não falemos mais nisso, pois me prova de uma vez por todas que eu sou incapaz de defrontar crises.

E era esse o penoso sentimento que dominava o espírito de Mrs. Pryor. Nenhum esforço de Miss Keeldar e de Miss Helstone conseguiria tirá-la daquela letargia. Ela perdoara Miss Keeldar, mas não podia perdoar a si mesma pelo seu excesso de timidez.

Neste momento vieram chamar Miss Keeldar, que naquela manhã estava destinada a ser incomodada pelas visitas. O pastor acabava de chegar e Miss Keeldar o esperava com um vivo acolhimento e uma reprimenda mais viva ainda. Mr. Helstone acatou ambos com bom humor.

Esqueceu-se completamente de perguntar pela sobrinha. A desordem, os desordeiros, o moinho, os magistrados, a herdeira, tinham absorvido todos os seus pensamentos. Ele narrou a parte que ele e os outros membros do clero tinham se reunido para defender Hollow.

– Toda a cólera dos fariseus vai cair sobre as nossas cabeças pela parte que tomamos nesse caso. Mas desafio todos os caluniadores. Eu só estava lá para dar força à lei, para cumprir o meu dever de homem e de inglês, que considero perfeitamente compatível com as obrigações de pastor e levita. O seu inquilino, Mr. Moore – prosseguiu – ganhou a minha aprovação. Nunca vi comandante mais frio nem mais decidido. Além disso, aquele homem me deu provas de que é ajuizado e sensato. Em primeiro lugar, preparando-se perfeitamente para aquilo que aconteceu e, em seguida, não abusando da vitória. Alguns magistrados têm uma tendência

de se mostrarem cruéis, mas Mr. Moore os modera com admirável prudência. Até aqui tem sido impopular na região, mas, pode crer, a opinião sobre ele vai mudar.

Mr. Helstone ia acrescentar mais alguma coisa ao discurso, quando a campainha anunciou outro visitante. Era um senhor de cabelos brancos, com um ar desdenhoso, um velho conhecido e inimigo do pastor; em suma, Mr. Yorke. Mr. Helstone pegou seu chapéu e se despediu bruscamente.

Mr. Yorke não estava de bom humor e manifestou a sua opinião sobre os acontecimentos em termos nada comedidos. Mr. Moore, os magistrados, os soldados, os chefes da população, todos receberam um quinhão das suas investidas.

– O que faria Mr. Moore se ninguém lhe tivesse prestado auxílio? – perguntou Miss Keeldar.

– Tinha os soldados. Esses pobres diabos que vendem seu sangue e dos outros por dinheiro.

– Está sendo muito injusto para com os soldados e para com o clero, Mr. Yorke. A sua maneira de ver resume-se nisto: Mr. Moore deveria ter abandonado a sua fábrica e a sua vida ao ódio de um bando de loucos desvairados e Mr. Helstone e os outros tinham que ter ficado olhando para o edifício sendo destruído e o seu proprietário chacinado, sem mexerem um dedo para salvá-los.

– Se Mr. Moore tivesse procedido desde o início com os seus operários como deveria ter feito, nunca nutririam contra ele ódio tão grande.

– Isso é fácil de falar! – exclamou Miss Keeldar, já dando sinais de que estava ficando exaltada. – Para o senhor, cuja família habitou Briarmains durante seis gerações; ao senhor a quem as pessoas estão habituadas há cinquenta anos e que conhece seus hábitos e preferências, de fato, não precisa fazer nenhum esforço para ofendê-los. Já Mr. Moore, foi o

estranho que veio para este distrito, pobre e sem amigos. Ele só tinha sua energia para protegê-lo, só a sua honestidade, a sua fábrica para abrir caminho. Mas, que monstruoso crime não ter sabido mostrar-se agradável, liberal, amistoso para com estes singulares aldeões! Por causa de erros dessa natureza terá que ser vítima do ódio da multidão? Até lhe recusarão o direito de se defender? E os que têm um coração de homem no peito, e Mr. Helstone, diga o que quiser dele, é um desses homens, serão tratados como malfeitores por terem se posto ao lado dele? Por terem feito deles a causa de um contra duzentos?

– Vamos! Vamos! Acalme-se – disse Mr. Yorke, sorrindo do ardor com que Miss Keeldar multiplicava as suas rápidas perguntas.

– Acalmar-me? Vou agora escutar coisas absurdas e ficar calada? Não! Gosto muito do senhor, bem o sabe, mas detesto absolutamente algumas de suas opiniões. Todas essas excitações de um contra o outro, todos esses ódios de partidos, essas tiranias disfarçadas de liberdades, me repugnam e lavo as minhas mãos. O senhor julga-se um filantropo, considera-se um advogado da liberdade, mas digo-lhe uma coisa: Mr. Hall, pastor de Nunnely, é melhor amigo da humanidade e da liberdade do que Mr. Hiram Yorke, o reformista de Briarfield.

Da boca de um homem, Mr. Yorke não teria admitido aquelas palavras e nem da parte de todas as mulheres as teria suportado. Mas achava Miss Keeldar ao mesmo tempo bondosa e bonita, e se divertia vendo-a nervosa. Além disso, era com um secreto prazer que a ouvia defender o seu inquilino, pois, como já deixamos entrever, ele tomara para si os interesses de Robert Moore. Aliás, se quisesse se vingar da severidade de Miss Keeldar, sabia que o meio estava em suas mãos. Uma palavra, pensava ele, bastaria para dominá-la e reduzi-la ao silêncio.

– O que mais tem a dizer? – perguntou ele, enquanto ela se calava, mais para recobrar o fôlego, pois seu discurso não tinha se esgotado. Podia falar horas defendendo o objeto de seu zelo.

– Que mais tenho a dizer-lhe, Mr. Yorke? – respondeu ela, percorrendo a sala de uma extremidade a outra. – Tenho a dizer que as suas ideias e as dos políticos mais avançados só podem ser defendidas por homens que se encontram numa posição irresponsável. Que são ideias vazias da oposição, das quais se fala muito alto, mas que nunca são postas em prática. Se amanhã fizerem do senhor primeiro ministro da Inglaterra, não terá outro remédio senão colocá-las à parte. Censura violentamente Mr. Moore por ter defendido a sua fábrica, mas, se estivesse no lugar dele, a sua honra e o seu bom senso não lhe teriam permitido agir de outra forma. Pergunto-me se há homens tão clementes, tão razoáveis, tão justos, que possam empreender uma reforma. Não creio que o senhor pertença a este grupo.

– Tem má opinião ao meu respeito, Miss Keeldar. Nunca, até então, me mostrara tais sentimentos.

– Nunca tive ocasião de fazê-lo. Considero-o um espécime notável de Yorkshire e tenho orgulho de ter nascido na mesma província e na mesma paróquia que o senhor. Sei que é leal, honesto, independente, mas também é duro, estreito e sem piedade.

– Não para os pobres, minha filha. Não para os humildes da terra. Só para os orgulhosos e os soberbos.

– E que direito tem o senhor de fazer semelhante distinção? Não existe homem mais orgulhoso e mais altivo do que o senhor! Acha fácil falar num tom protetor aos seus inferiores e é excessivamente orgulhoso, ambicioso e invejoso para ser polido com os que estão acima do senhor.

– E para quando é isso? – indagou Mr. Yorke, colocando-se de pé.

– Isso o quê?

– O casamento.

– Qual casamento?

– O de Mr. Robert Moore com Miss Shirley Keeldar, filha e herdeira do falecido Mr. Cave Keeldar, de Fieldhead?

Miss Keeldar corou, mas o brilho dos seus olhos não obscureceu.

– É a sua vingança – disse ela lentamente. E em seguida acrescentou: – Seria um casamento indigno daquela que representa o falecido Mr. Cave Keeldar?

– Minha filha, Mr. Moore é um cavalheiro. O seu sangue é puro e tão antigo como o meu e o seu.

– E nós, também, temos vaidade na antiguidade do sangue? Também temos o nosso orgulho de família, embora, pelo menos, um de nós seja republicano?

Mr. Yorke, que se conservava de pé diante dela, inclinou-se. Os seus lábios não se abriram, mas os olhos confessaram a verdade da acusação. Sim, tinha um orgulho de família, via-se isso em toda a sua atitude.

– Mr. Moore é um cavalheiro – repetiu Miss Keeldar, endireitando a cabeça com alegre graciosidade. Contudo, estava constrangida, seu olhar a denunciava.

Mr. Yorke procurou ler a linguagem nos olhos da moça. Visível, embora intraduzível. Um poema cheio de ardente lirismo numa língua desconhecida. Não era, porém, uma vulgar confissão de amor o que aquele olhar exprimia. Era algo mais profundo, mais obscuro do que supunha Mr. Yorke. Sentiu que a sua vingança errara o alvo e que Miss Keeldar triunfara. Sentiu-se em falta, abatido e desconcertado.

– E se Mr. Moore é um cavalheiro, a menina é, sem dúvida, uma dama de boa família, portanto...

– Portanto, não haveria qualquer desigualdade na nossa união?

– Nenhuma.

– Obrigada pela aprovação. Vão me abandonar quando eu trocar o nome de Keeldar por Moore?

Mr. Yorke, em vez de responder, contemplava-a com o mais profundo embaraço. Não podia adivinhar o que significava aquele olhar, nem se ela estava zombando da sua pessoa ou se falava sério.

– Não a compreendo – disse ele, afastando-se.

Miss Keeldar riu.

– Tenha coragem, senhor. Não é o único que não me compreende. Mas suponho que, se Mr. Moore me compreender, isso me bastará, não é assim?

– Doravante Mr. Moore pode tratar das suas coisas ele mesmo. Não quero me ocupar mais com isso.

Uma ideia nova passou pela mente de Miss Keeldar e a sua atitude mudou como por encanto. Com um olhar mais sombrio, interrogou: – Pediram-lhe a sua interferência? Está fazendo isso a mando de alguém?

– Santo Deus! Quem casar com a menina precisa tomar cuidado! Guarde as suas perguntas para Mr. Moore. Não responderei nada, adeus!

****

O tempo estava belo. Uma leve névoa, nem fria nem úmida, dava um tom azulado às colinas. Miss Helstone, enquanto Miss Keeldar estava ocupada com as duas visitas, persuadira Mrs. Pryor que colocasse seu chapéu e o xale para ir com ela dar um passeio até a extremidade mais apertada do vale de Hollow.

Mrs. Pryor gostava dos passeios, mas evitava os caminhos frequentados e preferia as veredas afastadas. Contudo, gostava mais de ter uma companheira do que o isolamento absoluto, pois na solidão era mais medrosa e com Miss Helstone nada temia.

Quando se encontrava em meio à natureza, acompanhada pela sua jovem amiga, uma modificação feliz parecia ocorrer no seu espírito, pois seu rosto irradiava-se. Quando estava junto de Miss Caroline, sem outra pessoa presente, dir-se-ia que o seu coração se libertava do fardo que o oprimia. Com ela era alegre, às vezes, terna. Mostrava-se disposta a deixar-lhe adivinhar que vida tinha sido a sua; que cultura recebera; qual era a extensão da sua inteligência; em que momentos e quais os pontos em que os seus sentimentos eram vulneráveis.

Nesse dia, por exemplo, durante o passeio, Mrs. Pryor falou à sua companheira sobre a numerosa variedade de aves que cantava nas árvores, descreveu os seus espécimes, assim como os seus hábitos e suas particularidades. A história natural da Inglaterra também lhe era familiar. Conhecia todas as flores bravias que orlavam o caminho, as mais insignificantes plantas que cresciam entre as pedras, ou nas fendas dos velhos muros, plantas a que Miss Helstone nunca prestara atenção. Sabia dar um nome e indicar as suas propriedades.

Quando chegaram ao alto da encosta, sentaram-se num banco de rocha cinzenta e coberto de musgo. Mrs. Pryor olhou à sua volta, falou dos arredores como se já tivesse visto aquilo em outra época e comparou o seu aspecto com o das outras partes da Inglaterra.

A atitude ao mesmo tempo respeitosa e encantada com que Miss Helstone a escutava excitou as faculdades da preceptora, que se deixou arrastar para uma enternecida animação.

Com um tom de interesse um pouco mais acentuado do que habitualmente, disse, inclinando-se para a jovem companheira e afastando-lhe da testa uma mecha de cabelo que fugira do pente:

– Espero que o ar vivo que sopra desta montanha lhe faça bem, minha querida Caroline. Gostaria de ver um pouco mais de cor nessas faces... Diga-me: nunca possuiu uma face rosada?

– Outrora tinha faces rosadas – respondeu, sorrindo, Miss Helstone. – Lembro-me de que há um ano ou dois eu tinha as faces mais redondas, pois quando somos novas – acrescentou a moça de dezoito anos – o nosso espírito está despreocupado e a nossa vida é tranquila.

– Mas na sua idade – continuou Mrs. Pryor, vencendo a sua própria timidez – já se preocupa com o futuro? Isso faz mal, minha querida! Só tem dezoito anos. Deixe as coisas do amanhã para o amanhã.

– Mas, minha querida senhora, não é isso o que me atormenta. O mal do presente me oprime, às vezes, excessivamente, e desejaria ardentemente me libertar dele.

– O mal do presente... é... o seu tio? Talvez não seja... tem dificuldade em compreendê-lo? Ele não sabe apreciar...

Mrs. Pryor não pôde completar as falas. Não conseguiu formular a frase nem a hipótese de que Mr. Helstone seria demasiado duro para com a sobrinha, mas Miss Helstone compreendeu.

– Oh! Não é isso! – replicou ela. – Meu tio e eu nos entendemos muito bem. Nunca discutimos e não posso acusá-lo de ser duro, pois ele nunca me censura. Às vezes desejo que haja alguém que goste de mim, mas não posso dizer que desejo que ele tenha por mim mais afeição do que demonstra. Mas, sabe, Mrs. Pryor, quase não é viver ficar medindo o tempo como eu faço no presbitério. As horas passam, encho-as de uma maneira ou de outra, mas não vivo. Suporto a existência, mas não a gozo. Desde que

Miss Keeldar e a senhora chegaram aqui, tenho sido... ia dizer mais feliz, mas não seria verdade.

Calou-se.

– Como! Não seria verdade? Mas você gosta da Shirley, não é verdade, minha querida?

– Gosto e muito. Gosto e admiro, mas estou numa situação penosa devido a uma causa que não posso lhe explicar, preciso me afastar desse lugar, e esquecer tudo por aqui.

– Já me disse que desejava ser preceptora, mas, minha querida, se bem se recorda, não a estimulei nesse propósito. Fui preceptora durante grande parte da minha vida. Hoje, considero-me feliz por ter conhecido Miss Keeldar. O seu talento e a sua disposição tornaram mais fáceis as minhas tarefas. Mas, quando eu era nova, antes de ter-me casado, as minhas experiências foram penosas. Não desejaria que passasse por aquilo. Coube-me certa vez a falta de sorte de entrar para uma família com grandes pretensões de nascimento e de superioridade intelectual, cujos membros se julgavam todos ‘especialmente dotados de graças cristãs’ e que seus corações estavam regenerados e os seus espíritos num estado especial de disciplina. Não tardaram a dar-me a entender que, como não era igual a eles, eu não devia contar com a sua simpatia. Até os criados me detestavam. Por quê? Eu nunca soube. A minha vida nessa casa foi sedentária, isolada, constrangida, sem alegria, e a minha constituição não tardou a sofrer com tal forma de vida: adoeci. A dona da casa me disse friamente que eu fui vítima de ‘vaidade ferida’. Ela me deu a entender que, se eu não fizesse um esforço para acabar com o meu ‘descontentamento ímpio, cultivasse uma profunda humildade condizente com a minha função, minha mente, muito provavelmente, cairia aos pedaços sobre a rocha da mórbida autoestima’; e que eu deveria morrer como uma ‘detenta de um manicômio’. Eu não disse

nada para Mrs. Hardman; teria sido inútil; mas à sua filha mais velha, Miss H., eu um dia lhe deixei cair algumas observações, as quais foram respondidas de uma forma que me faz sorrir agora ao recordar: ‘Governantas’, ela observou, ‘devem sempre ser mantidas numa espécie de isolamento, pois é o único meio de manter a distância que a reserva, o decoro e os costumes ingleses exigem’. Eu me lembro, eu apenas suspirei, mas Miss Hardman disse severamente: ‘Eu temo, miss, que você tenha herdado a mais completa medida do pior pecado da nossa natureza decaída, o pecado do orgulho. Você é orgulhosa, e, portanto, uma ingrata também. *Mamma* lhe paga um salário considerável, e você tem que suportar tudo o que é fatigante e cansativo, uma vez que é seu dever.’

– Miss Hardman, meu amor, era uma jovem da aristocracia, muito forte de espírito, que decididamente se achava numa classe muito superior, você sabe, tanto física, moralmente e mentalmente. Eu não saberia descrever a dignidade de sua voz e o seu semblante quando ela se dirigia a mim. Ainda, temo eu, que ela fosse egoísta, minha querida. Eu nunca iria querer falar mal dos meus superiores hierárquicos, mas eu acho que ela era um tanto egoísta. Eu me lembro – continuou Mrs. Pryor depois de uma pausa – de outra de Miss H. Algumas de suas observações que ela proferia com um ar bastante arrogante. ‘Nós’, dizia: ‘Nós precisamos das imprudências, das extravagâncias, dos erros e dos crimes de certo número de pais para semear a semente da qual a colheita será de governantas. As filhas dos comerciantes, por mais bem-educadas, devem ser necessariamente malcriadas, e, como tal, incapazes de ser responsáveis pelas mentes das nossas crianças. Nós nunca devemos preferir colocar sobre nossa prole quem nasceu e foi criado com um pouco do mesmo requinte que nós mesmos.’

– Miss Hardman devia se achar melhor do que as outras criaturas, minha senhora, já que ela considerou que suas calamidades, e até mesmo crimes, eram necessárias para ministrar à sua conveniência. Você diz que ela era religiosa: a religião dela deve ter sido a mesma do fariseu, que agradeceu a Deus por ele não ser como os demais homens, nem mesmo como um publicano.

Mrs. Pryor fez uma leve pausa e continuou:

– Assim, minha querida, recordando a minha própria existência, não posso impedir de pensar que, se caísse numa família semelhante, lutaria corajosamente no começo, depois começaria a definhar e ficaria débil demais para poder desempenhar o seu cargo. Voltaria para casa quebrada, se ainda tivesse casa. Depois teria anos pela frente para lamentar esse período e viria a consumação. É a história de milhares de existências. Eu não queria que fosse assim com você, minha querida. Vamos caminhar mais um pouco?

Ambas se ergueram e percorreram um terreno natural e verdejante que orlava um profundo regato.

– Minha querida – disse pouco depois Mrs. Pryor, ainda tímida e embaraçada – as moças, principalmente aquelas as quais a natureza favoreceu, muitas vezes, frequentemente, antecipam, isto é, pensam em casamento como a realização das suas esperanças...

Deteve-se e levou sua mão ao peito. Miss Helstone acudiu-a prontamente, demonstrando calma, pois Mrs. Pryor estava muito embaraçada perante o assunto abordado.

– Sim. É verdade. Pensam nele e é bem natural – respondeu ela, com calma e firmeza que fizeram estremecer Mrs. Pryor. Miss Helstone continuou: – Elas consideram o casamento com alguém que amam como o

mais feliz, como o único destino que lhes possa estar reservado. Fazem mal?

– Oh! Minha querida – exclamou Mrs. Pryor juntando as mãos. Calou-se. Miss Helstone lançou um olhar perscrutador ao rosto da mulher. Viu muita agitação. – Minha querida – acabou ela por murmurar – a vida é uma ilusão!

– Mas não o amor! O amor é uma coisa real, duradoura, doce e, contudo, a mais amarga que conhecemos – disse Miss Helstone.

– Muito amarga, minha querida! Dizem que é poderoso como a morte. Quanto à sua doçura, não há coisa mais fugitiva. O seu espinho fica para sempre e tortura cruelmente.

– Sim, tortura – disse Miss Helstone – a menos que se trate de um amor retribuído.

– Amor retribuído, minha querida! Os romances são perniciosos. Não os lê, espero!

– Por vezes. Sempre que os consigo. Mas os romancistas não devem saber nada de amor, a julgar pela maneira que falam dele.

– Absolutamente nada, minha querida – respondeu com vivacidade Mrs. Pryor – e tampouco do casamento. E todas as descrições que eles fazem desses assuntos só merecem severa condenação. Não se assemelham em nada à realidade. Mostram apenas a superfície verdejante e tentadora do pântano e não refletem uma verdadeira ideia do lamaçal que ele cobre.

– Mas o lamaçal nem sempre existe – objetou Miss Helstone. – Existem casamentos felizes! Quando existe uma afeição recíproca e sincera e as inteligências estão em harmonia, o casamento deve ser feliz.

– Nunca o é completamente. Mais vale não correr o risco. Pode-se cometer um erro fatal. Considere-se satisfeita, minha querida, e que todas as pessoas solteiras se considerem satisfeitas com a sua liberdade.

– É o eco das palavras do meu tio! – exclamou Miss Helstone, num tom que quase exprimia espanto. – A senhora fala como Mrs. Yorke nos seus momentos de humor sombrio, como Mrs. Mann quando está nos seus dias de hipocondria. É terrível!

– Não, apenas verdadeiro. Oh! Criança, que ainda só viveu a agradável manhã da vida! Diz que Mr. Helstone fala; mas eu gostaria de saber como falava Mrs. Matthewson Helstone, se fosse viva. Ela morreu! Morreu!...

– Ai de mim! E a minha própria mãe e meu pai!... – exclamou Miss Helstone. – Nunca lhe disse que eles tinham se separado?

– Escutei falar disso.

– Portanto, devem ter sido infelizes.

– Pois vê que todos os fatos provam a verdade do que lhe digo.

– Mas o seu próprio casamento, Mrs. Pryor!

Mrs. Pryor ficou perturbada e passou por ela com um estremecimento, como se um dedo rude lhe tivesse comprimido um nervo descoberto. Miss Helstone compreendeu que tocara num ponto doloroso.

– O meu casamento foi infeliz, mas, contudo... – disse a preceptora, juntando toda a sua coragem, mas, hesitou.

– Mas... contudo... – repetiu Miss Helstone.

– Não foi totalmente desgraçado – complementou Mrs. Pryor. – Pelo menos nos seus resultados não foi desastroso – disse ela num tom mais doce. – Aliás, eu sou uma natureza excepcional, concordo: o meu gênio não é fácil. Não sou acomodada, sou excêntrica em alguns pontos. Nunca deveria ter me casado. Conhecia perfeitamente a minha inaptidão para a vida em comum e, se não tivesse sido infeliz como preceptora, nunca teria me casado. E depois...

O olhar de Miss Helstone pedia-lhe que continuasse.

– E depois, minha querida, M..., quer dizer, o homem com quem me casei, tinha, talvez, um caráter mais excepcional que o mais incomum dos homens. Ao menos, espero que poucas mulheres tenham sentido tanto sofrimento como eu. Pouco faltou para que me abalasse o juízo. Mas não é a minha intenção desanimá-la. Desejo apenas colocá-la em sobreaviso.

– Obrigada, minha querida senhora. Compreendo perfeitamente as suas boas intenções. Contudo, não há perigo de que eu caia no erro que me aponta. Não tenho, pelo menos, ideia alguma de me casar e, por esse motivo, tenho necessidade de criar uma posição para minha sobrevivência.

– Escute-me, minha querida. Refleti profundamente sobre o que vou lhe dizer. Desde que a ouvi manifestar o desejo de obter uma situação, pensei a respeito. Sabe que vivo bem com Miss Keeldar na qualidade de dama de companhia. Se ela vier a se casar, e muitas circunstâncias me induzem a pensar que será dentro em breve, eu deixo de lhe ser útil nessa qualidade. Devo dizer-lhe que possuo uma pequena fortuna, que em parte provém das minhas economias e em parte dum legado que recebi há alguns anos. Quando deixar Fieldhead, terei uma casa minha; mas não me seria possível viver na solidão. Não é preciso dizer-lhe que tenho muita dedicação pela menina, a sua companhia seria para mim um privilégio precioso, uma consolação, um bálsamo. Viria então viver comigo? Seria capaz de recusar esta oferta, Caroline? Penso que gosta um pouco de mim e gostará mais quando me conhecer intimamente.

Depois deste desabafo abrupto, ela se calou.

– Decerto que gosto muito da senhora – respondeu Miss Helstone. – Gostaria muito de viver com você, mas a sua bondade é excessiva.

– Tudo quanto tenho lhe deixarei – acrescentou Mrs. Pryor. – Teria seu futuro assegurado. Mas não me diga nunca que sou excessivamente bondosa. Corta-me o coração, minha filha!

– Mas, minha querida senhora, essa generosidade... eu não tenho direito algum...

– Não! Não deve pensar assim. Há coisas que não podemos falar. Oh! É tarde para começar, mas talvez eu ainda possa viver alguns anos. Não posso apagar completamente o passado, mas pode ser que algo no futuro me pertença.

Mrs. Pryor parecia profundamente agitada. Grossas lágrimas escorriam por sua face. Miss Helstone beijou-a com os seus modos afáveis e carinhosos, dizendo-lhe:

– Amo-a ternamente. Não chore.

Entretanto, a pobre mulher parecia abalada até o mais íntimo de seu ser. Sentou-se, inclinou a cabeça sobre os joelhos e continuou a chorar profundamente. Por fim, a sua dor acalmou-se.

– Pobre criança! – murmurava ela, retribuindo o beijo de Miss Helstone – Pobre cordeirinho solitário! Mas vamo-nos, é preciso voltar para casa.

Durante algum tempo Mrs. Pryor caminhou apressadamente, foi se acalmando e gradualmente voltou ao seu estado normal, depois voltou ao passo habitual. Quando chegaram a Fieldhead, havia recuperado o seu aspecto calmo e tímido.

OceanofPDF.com

VOLUME III

CAPÍTULO XXII

OceanofPDF.com

Duas Vidas

Mr. Moore só mostrara metade da decisão e da atividade de que era capaz na defesa de sua fábrica. A outra metade, a mais terrível, ele mostrou no ardor infatigável que sucedeu à perseguição do líder daquele motim. Ele não queria atacar a massa, talvez um sentimento de justiça lhe dissesse que homens desorientados e mal aconselhados, ainda por cima atiçados pelas privações, não eram dignos da sua vingança.

Contudo, não se sabia quem eram os chefes do bando. Acreditava-se que era gente de fora, vinda das grandes cidades, muitos deles nem eram membros da classe operária. Eram valdevinos, gente falida, homens que nada tinham a perder. Mr. Moore perseguia-os como um cão persegue uma caça. O seu cavalo devia odiar aquela época, pois quase não tinha momentos de descanso. Mr. Moore vivia nas estradas, e os magistrados dos distritos deviam temê-lo, pois eram homens lentos e tímidos. Ele, contudo, forçava-os a vencerem certo medo que os acometia: o medo do assassino. Fora esse medo que manietara os braços de todos os industriais e de quase todos os homens públicos do distrito. O único que não temia nada era Mr. Helstone.

Mr. Moore conhecia o perigo, contudo o desprezava. Os líderes que ele queria pegar eram quatro. No espaço de quinze dias, dois foram apanhados perto de Stilbro; quanto aos outros dois, foi preciso procurar fora das fronteiras de Yorkshire.

Ao mesmo tempo, o comerciante não deixava de lado a sua fábrica danificada. As reparações, contudo, não eram difíceis; o carpinteiro e o vidraceiro davam conta do recado. Os arruaceiros não tinham conseguido entrar na casa das máquinas que, por esse motivo, nada sofreram.

Durante esta vida ocupada, enquanto a severa justiça e os negócios reclamavam toda a sua energia e o absorviam por completo, fazia ele algum esforço para manter aceso um fogo mais doce do que aqueles que arderam no tempo de Nêmesis. Eis o que seria difícil descobrir. Raramente se encaminhava para os lados de Fieldhead. Se aparecia por lá, suas visitas eram breves; se ia ao presbitério, era apenas para se reunir em conferência com o pastor e no gabinete dele.

Durante esse período, a guerra continuava e não apresentava o menor indício de tempo sereno. E a ruína fazia sempre a sua obra sob os passos de Mr. Moore, quer ele andasse a cavalo ou a pé, quer apenas atravessasse o seu escritório ou galopasse ao longo do triste pântano de Rushedge, sentia o chão tremer sob os seus passos.

****

Como decorreu o verão para as misses Keeldar e Helstone? Começaremos pela herdeira. Que ar ela tem? O de uma moça pálida que se enfraquecia, abandonada por um infiel apaixonado? De modo algum. Miss Keeldar estava perfeitamente bem. A sua presença alegrava o velho e sombrio solar. A galeria e os quartos ressoavam muitas vezes os ecos alegres da sua voz.

De vez em quando ela tomava o seu trabalho de agulha, mas, por qualquer fatalidade, nunca lhe sucedia trabalhar nele por mais de cinco minutos seguidos. Mal acabava de preparar o dedal e de enfiar a linha na agulha, um pensamento súbito fazia com que corresse ao andar superior, talvez para procurar outro estojo com agulhas de marfim de que acabava de se recordar, ou uma velha caixa de costura de que não precisava mais para nada, mas que nesse momento se lhe afigurava indispensável. Parava em

frente ao espelho para arranjar os cabelos, ou colocar em ordem uma gaveta que pensava ter deixado pela manhã numa desordem. Ou, talvez, apenas para contemplar de certa janela o panorama no qual se avistava a igreja e o presbitério de Briarfield, agradavelmente submersos pelo arvoredo.

Mal retornava à sala de visitas, escutava a respiração estrangulada de Tártaro na porta do alpendre e tinha que correr para abri-la. Estava muito calor e ele entrava ofegante. Miss Keeldar tinha de levá-lo à cozinha e ver com seus próprios olhos se a tigela de água estava cheia. Através da porta aberta da cozinha, avistava-se o pátio cheio de galinhas, perus, pombos brancos, de pescoço encarnado, outros azuis ou cor de canela. Espetáculo irresistível para Miss Keeldar! Ela corria para buscar migalhas de pão para jogar a eles nos degraus da escada e em torno dela comprimiam-se seus súditos emplumados.

John estava no estábulo. Ela precisava falar com ele e ver a jumenta. Era preciso que ela ficasse de olho em tudo. Havia alguns bezerros ou cordeirinhos que as mães rejeitavam. Miss Keeldar fazia-se conduzir junto deles e conseguia o prazer de lhes dar de comer pelas suas próprias mãos, sob a direção e o cuidado de John. Durante essa operação, o empregado falava das suas preocupações e alguns problemas na agricultura. A sua ama se via obrigada a ir buscar o chapéu de palha para acompanhá-lo ao longo das sebes, para decidir na própria plantação o que se havia de fazer. A tarde brilhante se transformava em um doce entardecer e Miss Keeldar regressava a casa um pouco tarde para o chá e, depois dele, nunca pegava em costuras, e, sim, lia. Mostrava-se tão absorvida pela leitura, ao contrário da costura. O seu gabinete de estudo ficava diante da lareira; o seu lugar predileto era um banquinho ou o tapete aos pés de Mrs. Pryor. Tártaro estava sempre estendido ao seu lado, com seu negro focinho alongado sobre as patas dianteiras, fortes e grossas como as de um lobo. Miss Keeldar tinha o

espírito absorvido pela leitura, não levantava os olhos, não se mexia nem fala.

Por fim, uma luz pálida que vinha da janela caía sobre a página. Miss Keeldar olhava, a lua já se erguera. Ela fechava o livro, se levantava e percorria a sala. Talvez o livro fosse bom, talvez tivesse refrescado sua alma, a enchido e aquecido o seu coração. O tranquilo salão, a janela pela qual se avistava a doce rainha das noites, bastavam para fazer da terra um éden e da vida um poema para Miss Keeldar. Uma calma e profunda delícia inflamava-lhe suas veias juvenis. Delícia sem perturbação e sem mistura, que nenhum poder humano lhe podia tirar, pois não fora concedida por nenhum poder humano. Puro dom de Deus à sua criatura, livre oferta da natureza à sua filha.

****

Antes do término do mês de julho, Miss Keeldar teria, sem dúvida, partido juntamente com Miss Helstone para a viagem que tinham combinado. Contudo, nessa época, caíra sobre Fieldhead uma invasão: um exército de visitas assaltou Miss Keeldar no seu castelo e forçou-a a se render sem condições. Um tio, uma tia e duas misses Sympson’s, de Sympson-Grove, foram passar uma temporada com ela.

As leis da hospitalidade obrigaram-na a renunciar ao seu projeto, o que fez com uma facilidade um tanto surpreendente para Miss Helstone, que sabia como ela era determinada e fértil em expedientes quando se tratava de fazer prevalecer suas vontades. Miss Helstone, portanto, demonstrou surpresa por vê-la submeter-se tão facilmente. Miss Keeldar, no entanto, respondeu que certas recordações tinham o poder de dominá-la. Ela passara dois anos da sua juventude em Sympson-Grove.

Miss Helstone perguntou-lhe que sentimentos ela nutria por aqueles parentes. Ao que Miss Keeldar respondeu que nada tinha de afinidades com eles, porém, o pequeno primo, Harry Sympson, decerto, não se parecia em nada com as duas irmãs e tivera, outrora, uma grande amizade por ele.

No domingo seguinte o banco de honra da igreja de Briarfield estava ocupado por um velhote todo janota, que ajeitava as lunetas e mudava de posição de três em três minutos; por uma velha plácida, vestida de cetim castanho, e por duas misses exemplares, tanto no *toilette* quanto nas atitudes. No meio deles estava Miss Keeldar. Parecia um cisne ou uma gralha branca. Vamos deixá-la nessa respeitável companhia para nos ocuparmos de Miss Helstone.

Separada por circunstâncias de Miss Keeldar, pois não podia ir procurá-la com seus parentes hospedados em Fieldhead, afastada do solar pelas modificações que os recém-chegados tinham provocado, Miss Helstone se viu novamente confinada ao presbitério, reduzida aos passeios solitários pelas veredas afastadas. Passava as longas tardes em grande tristeza, ora sentada na sala, ora no maciço jardim onde os raios de sol eram brilhantes. Lá ela passeava através das flores e lia velhos livros da biblioteca do tio. Para variar, às vezes, costurava para os pobres, sob a direção de Miss Ainley. Às vezes, quando sentia as lágrimas assomarem-lhe aos olhos, perguntava a si mesma como podia a excelente mulher que tinha cortado e disposto o trabalho o qual costurava, conservar uma serenidade tão igual na sua solidão.

“Nunca encontro Miss Ainley oprimida, desesperada ou abatida”, pensava ela “e, contudo, a sua pequena casa é tão simples, triste, e ela não tem grandes esperanças brilhantes, nem amigo nenhum no mundo. Disse-me certa vez que habituara os seus pensamentos a tenderem sempre para o Céu e suponho que voltou suas esperanças para a felicidade da vida futura.

Assim fazem as freiras, fechadas em suas celas, com o seu candeeiro de ferro, seus vestidos discretos como um sudário, a cama estreita como um caixote. Ela diz muitas vezes que não teme a morte. Eu ainda temo a morte, mas creio que é por eu ser nova. A pobre Miss Ainley sentir-se-ia mais presa à vida se a vida tivesse mais encanto para ela. Deus certamente não nos criou para desejarmos continuamente a morte. Creio do fundo do meu coração que fomos destinados para amar a vida e para a gozarmos enquanto ela nos é dada. Deus, concedendo-nos a existência, não podia querer que ela fosse essa coisa pálida, inútil e insípida que se torna para muitos e para mim em particular...”

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXIII

OceanofPDF.com

Uma Noite Fora

Era um belo dia de verão e Miss Helstone estava inteiramente só, pois seu tio estava em Whinbury. As longas horas luminosas, calmas e sem nuvens tinham sido para ela tão desoladas como se tivessem sido passadas na solidão do deserto do Saara, em vez de num jardim florido de uma casa inglesa.

Sentada sob um caramanchão, com o seu trabalho de costura sobre os joelhos, os dedos empurrando diligentemente a agulha, seguindo e regulando os movimentos automáticos, pois o cérebro estava longe trabalhando sem descanso. Quando Fanny chegou à porta e lançou um olhar sobre a relva e os canteiros, não achando quem procurava, chamou em voz alta: – Miss Caroline!

Uma voz doce respondeu: – Fanny – a voz vinha do caramanchão e Fanny se dirigiu para lá apressadamente com um bilhete. Miss Helstone não perguntou de onde ele vinha, nem sequer olhou para ele, deixou-o pousado sobre seu trabalho de costura.

– Foi Harry, o filho de Joe Scott, quem o trouxe – disse Fanny.

Fanny não tinha nenhum ar de fada, mas o que acabara de dizer teve um efeito quase mágico sobre a sua jovem ama. Miss Helstone ergueu a cabeça com um movimento rápido e lançou a Fanny um olhar interrogador.

– Harry Scott que o trouxe?

– Sim. De Hollow.

O papel foi apanhado com avidez; o lacre, quebrado; as suas linhas, lidas em dois segundos. Eram algumas palavras afetuosas de Miss Hortense Moore informando que estava de regresso de Wormwood-Wells e que estava só, pois Robert tinha ido ao mercado de Whinbury e que nada lhe daria mais prazer do que receber a prima para um chá.

Miss Helstone foi com prazer cobrir seus anelados cabelos com um chapéu de palha, lançou sobre os ombros uma leve manta de seda preta, cujas pregas faziam sobressair a elegância do seu busto, ao mesmo tempo que a cor escura dava destaque ao branco de seu vestido e à leveza de sua pele.

Estava contente por escapar por algumas horas da solidão, da tristeza da sua vida, por descer correndo uma encosta verdejante que conduzia a Hollow e por respirar os perfumes das flores e das sebes. Na verdade, Miss Helstone sabia que Robert Moore não estaria em casa, mas depois de estar separada dele por tanto tempo, só de ver sua casa, entrar no quarto que ele estivera naquela manhã, valia para ela como um encontro. Essa ilusão lhe dava uma nova vida e a brisa suave que soprava parecia sussurrar aos seus ouvidos: “Robert pode regressar e te encontrar lá. Então poderá lhe estender a mão, talvez possa sentar ao seu lado durante um minuto.”

“Silêncio!” Ordenou ela severamente à sua imaginação, mas tanto a consolação quanto a consoladora lhe eram agradáveis.

Das moitas do jardim, Miss Hortense Moore avistou o vestido branco de Miss Caroline Helstone e foi ao seu encontro. Estava ereta e rígida como de costume, não se permitia nenhuma demonstração de alegria que pudesse comprometer a dignidade de seu andar, mas sorria ao ver o prazer que sua discípula experimentava ao abraçá-la. Conduziu-a afetuosamente para dentro, toda desvanecida. Se pudesse saber para quem ia a maior parte da infantil alegria que Miss Helstone demonstrava, é provável que Miss Moore ficasse chocada e irritada. As irmãs não gostam de ver as moças apaixonadas por seus irmãos.

– Desejava encontrá-la antes, mas depois do jantar chegaram-me visitas – disse Miss Moore enquanto a conduzia à sala. E, abrindo a porta, deixou aparecer uma ampla extensão de uma saia escarlate que cobria

inteiramente a ampla poltrona colocada num canto próximo à lareira e, elevando-se acima dessa saia, presidindo com dignidade ao conjunto, uma touca mais imponente do que uma coroa. A fita que se desdobrava em nós em volta da cabeça era então o que se chamava de fita do amor. Tinha sido aplicada com grande abundância. A touca e o vestido eram usados por Mrs. Yorke e ambos lhe convinham perfeitamente.

A grande dama tinha vindo tomar amigavelmente o chá com Miss Moore. Era um favor quase tão raro e alto como se a rainha fosse, sem ter sido convidada, jantar imprevistamente com um dos seus súditos. Mrs. Yorke não podia dar a Miss Moore maior prova de consideração.

Miss Helstone aproximou-se dessa digna pessoa com certo sentimento de desconfiança. Ela pouco sabia acerca dessa senhora e, como sobrinha de um pastor, sentia-se inquieta a respeito do acolhimento que lhe estaria reservado. Este foi muito frio e Miss Helstone apressou-se a esconder seu insucesso, afastando-se para retirar seu chapéu. Depois, quando se sentou, não lhe desagradou nada se ver monopolizada imediatamente por uma menininha de vestido azul, que surgiu como uma fada junto da grande dama, ao lado da qual tinha estado sentada num banquinho, oculta dos olhares pelas pregas da exuberante saia vermelha. Correndo para Miss Helstone, lançou-lhe sem cerimônia os braços ao redor de seu pescoço e pediu-lhe um beijo.

– Minha mãe não foi delicada com você – disse ela enquanto recebia e retribuía uma sorridente saudação. – Aquela é Rose. Ela é sem graça daquele jeito mesmo. Se ao invés da miss tivesse entrado um anjo nesta sala, assim de branco como você, com uma coroa de estrelas, a minha mãe teria feito apenas um cumprimento seco, é o jeito dela, e Rose não teria erguido a cabeça. Mas eu serei sua amiga, pois gostei de você.

– Jessy, modere a sua língua e domine a sua familiaridade – exortou Mrs. Yorke.

– Não liga não! A minha mãe é tão fria! – exclamou Jessy, continuando: – Miss Helstone nunca nos fez mal. Por que não posso ser amável para com ela? E por que a senhora também não pode ser gentil? É tão seca, seu olhar é tão frio e a sua voz é rude! Por que é sempre dessa maneira que trata as moças que vão à nossa casa? Até mesmo Miss Keeldar. E Rose é um tal de aut... aut..., esqueci a palavra, que significa uma máquina sob a forma de ser humano. As duas juntas são capazes de fazer fugir todas as pessoas de Briarmains. É o que Martin sempre diz.

– Sou um autômato? Bom! Então me deixe em paz! – respondeu Rose do canto onde estava sentada no tapete, ao lado de uma pequena estante, com um livro aberto sobre os joelhos.

– Como está, Miss Helstone? – perguntou Rose, erguendo por um instante o olhar para Miss Caroline e voltando a pousar os seus belos olhos cinzentos sobre o livro que devorava.

Miss Helstone se voltou para Rose. Ela tinha tato e era dotada de um notável instinto. Sentia que Rose era uma criança pouco vulgar e sabia como lidar com ela. Aproximando-se de mansinho, ajoelhou-se ao lado dela e olhou o livro que ela lia. Era um romance de Madame Radcliffe, *O Italiano*.

Miss Helstone começou a ler ao mesmo tempo que ela, sem fazer qualquer observação. Chegando ao fim da página, Rose teve a atenção de lhe perguntar antes de virar a página:

– Já posso continuar?

Miss Helstone limitou-se a fazer um aceno afirmativo com a cabeça.

– Gosta deste livro? – perguntou Rose, um instante depois.

– Li-o há muito tempo, quando eu era criança, e gostei muito.

– A mim, ele me faz sonhar com viagens – disse Rose.

– Quando for mulher, talvez possa satisfazer seus desejos.

– Estou muito resolvida a arranjar uma maneira de fazê-lo. Não posso ficar para sempre em Briarfield. O mundo não deve ser tão grande comparado à totalidade da criação. É preciso que eu veja, pelo menos, o exterior do nosso redondo planeta. Quero que a minha vida seja realmente uma vida e não um êxtase obscuro, como o de um sapo enterrado num buraco de uma pedra. Não quero uma morte lenta, como a sua na reitoria. No presbitério de Briarfield, nada muda.

– Parece-me que, para você, sem mudança não existe felicidade – disse Miss Helstone, um pouco chocada com as palavras e com a ousadia de Rose.

– Para mim, a monotonia e a morte são quase a mesma coisa.

Nessa altura Jessy tomou a palavra:

– Não lhe parece que ela é doida?

– Mas, Rose – continuou Miss Helstone – receio que essa vida de deslocações constantes acabe, pelo menos para mim, como o romance que está lendo. Pelo desapontamento, a decepção e a irritação do espírito.

– Mais vale experimentar todas as coisas e achá-las vazias do que nunca experimentar nada e levar uma vida nula. Agir assim é cometer o pecado daquele criado que, desprezível, preguiçoso, enterrou o talento que o seu senhor lhe confiou.

– Rose – interrompeu Mrs. Yorke – a satisfação real só se obtém pelo cumprimento dos nossos deveres.

– Muito bem, minha mãe! E se o meu amo me confiar dez talentos, o meu dever é fazê-los frutificar de modo que produzam outros dez e não enterrar o dinheiro na poeira das minhas gavetas.

– Rose, trouxe o molde que lhe pedi para trazer? – perguntou Mrs. Yorke mudando de assunto repentinamente.

– Sim.

– Sente-se ali e faça uma linha de marcas.

Rose sentou-se imediatamente e fez o que lhe mandou a mãe. Após uma pausa de dez minutos, Mrs. Yorke lhe perguntou:

– Sente-se oprimida neste momento? Considera-se uma vítima?

– Não, mãe.

– No entanto, se bem compreendi a sua tirada, era um pretexto contra qualquer ocupação feminina e doméstica.

– Interpretou-me mal, mãe! Sentir-me-ia mal se não soubesse costurar. Fez bem em me ensinar.

– O mesmo para costurar as meias de seus irmãos e os lençóis?

– Sim.

– Então por que fala mal dessa ocupação?

– Mas deverei passar a minha vida toda fazendo somente isso? Farei isso e depois muitas outras coisas. Agora, mãe, eu já disse tudo o que tinha a dizer. Tenho doze anos e até os dezesseis não falarei mais nisso. Durante quatro anos ainda farei o que me mandar, serei sua aprendiz de tudo que a senhora quiser me ensinar.

– Está vendo como são as minhas filhas, Miss Helstone? – disse Mrs. Yorke. – Que precoce sabedoria há na vontade delas! Dizem que gostam disso ou daquilo. Este é o estribilho de Jessy. Já Rose, num tom mais ousado, diz o que quer e o que não quer.

– Dou sempre uma razão, mãe. Além disso, se as minhas palavras são ousadas, só as digo uma vez por ano na data de meu aniversário. O meu espírito me incita a dizê-las. Agora compete à mãe escutar ou tapar os ouvidos.

– Aconselho às mocinhas – disse Mrs. Yorke – que falem menos e estudem o caráter das pessoas com quem pretendem se casar e o mesmo para os homens, pois do contrário terão a responsabilidade de guiar as preguiçosas e persuadir as teimosas. Seria um fardo contínuo.

– Mas com amor isso não pode ser muito difícil – disse Miss Helstone.

– Linda linguagem! Muito sentimental! A parte rude e prática da vida não chegou ainda para a mocinha. Bem vejo que se deixa conduzir muito pelos sentimentos e se considera uma pessoa muito impressionável e refinada. Essas ideias romanescas conseguiram dar à sua fisionomia uma expressão sonhadora que convém mais a uma heroína de romance do que a uma mulher que tem de fazer o seu caminho no mundo real pela força do senso comum.

– Não! Não tenho a menor ideia disso.

– Olhe para o espelho que está atrás de você. Compare esse rosto com o de uma leiteira que se levanta cedo e trabalha rudemente.

– Fui sempre citada, desde criança, pela minha sagacidade e discernimento – respondeu Miss Helstone, corajosamente.

– Nunca intrigou para arranjar um marido? Tenho a certeza – continuou Mrs. Yorke – de que não tem o benefício da experiência pessoal para ajudá-la a descobrir as intrigas dos outros.

– O meu rosto é pálido, mas não é sentimental, e muitas leiteiras, embora sejam coradas e robustas, são menos capazes do que eu de abrir o seu caminho no mundo. Nas circunstâncias em que muitas vezes, por falta de reflexão, elas teriam agido mal, eu, graças à reflexão, procederia judiciosamente.

– Oh! Não seria influenciada pelos seus sentimentos?

– Decerto, muitas vezes seria influenciada pelos meus sentimentos. Foram para este fim que me foram dados. Aqueles a quem os meus sentimentos me ensinaram a amar, devo amá-los e irei amá-los. Tenho esperança de que, se algum dia tiver um marido e filhos, os meus sentimentos farão com que eu os ame.

Miss Helstone sentia prazer em dizer aquilo com ênfase. Tinha prazer em ousar dizê-lo na presença de Mrs. Yorke. Corou, não de cólera, mas de enervamento, quando a dama respondeu friamente:

– Não desperdice os seus efeitos dramáticos, Miss Helstone! Isso foi muito bem dito e é muito lindo. Mas é desperdício dizê-lo diante de duas mulheres. Era preciso que um homem, em condições de desposá-la, estivesse ouvindo em qualquer parte atrás dessas cortinas. O que acha de Mr. Moore?

Miss Moore, que durante a parte principal da conversa estivera na cozinha cuidando dos preparativos para o chá, não compreendeu inteiramente o sentido da conversa e respondeu com ar espantado que Robert estava em Whinbury. Mrs. Yorke riu, com aquele seu riso tão particular.

– Excelente, Miss Hortense! – disse ela em tom protetor. – O seu espírito não se entende com o da intriga. Podem passar à sua volta coisas estranhas, mas não as perceberá nem ficará atinada. Não posso dizer que você tenha um espírito incisivo.

Estes equivocados elogios não pareceram dar prazer a Miss Hortense. Ela endireitou-se, franziu as sobrancelhas negras, mas conservou o seu ar espantado.

Miss Helstone permaneceu calada. Responder seria confessar que o golpe a acertara. Mrs. Yorke regozijava-se em vê-la de olhos baixos, de

faces a escaldar, humilhada e triste. Aquela estranha senhora sentia uma antipatia natural por ela.

– A sua prima Hortense é uma excelente irmã, Miss Helstone. As moças que vêm a Hollow na intenção de caçar maridos podem, por um fácil artifício, animar a dona da casa e ter a caça nas mãos. Gosta da companhia da sua prima, miss?

– Hortense sempre foi muito amável comigo.

– Uma irmã que tem um irmão solteiro é sempre amável na opinião de suas amigas casadouras.

– Mrs. Yorke – disse Miss Helstone, erguendo lentamente os seus grandes olhos azuis, que tinham agora um brilho mais vivo e nítido, ao mesmo tempo que lhe voltava a face pálida habitual – posso saber o que pretende com isso?

– Dar-lhe uma lição de retidão. Desgostá-la do artifício do sentimentalismo. As pessoas simples e honestas são melhores do que qualquer leitora de livros e fazedora de romances que mal deita o nariz para fora do jardim de seu tio pastor.

– E que, por consequência, a senhora não me conhece. Desculpe-me. Na verdade pouco me importa se vai me desculpar ou não. Atacou-me sem provocação e eu defender-me-ei sem apologia. Ignora a natureza das minhas relações com meu primo e minha prima. Num acesso de mau humor, tentou envenená-las com insinuações gratuitas. Se eu sou pálida e às vezes pareço desconfiada, não é da sua conta. Se eu gosto de ler e detesto intrigas, é o que ainda menos lhe deve importar. Quanto eu ser uma fazedora de romances, é mera conjectura da sua parte e não é crime ser sobrinha de pastor. A senhora não gosta de mim; não tem, aliás, nenhuma razão justificável para me odiar. Guarde, portanto, para a senhora o seu

ódio. E se no futuro voltar a manifestá-lo, talvez eu lhe responda com menos reserva do que neste momento.

Miss Helstone se calou. Permaneceu sentada e calma. Falara no seu tom de voz mais nítido, nem depressa, nem alto.

– Afinal, você é uma mocinha de sentimentos! Continue sempre assim – prosseguiu Mrs. Yorke – que não se arrependerá.

– Nunca usei um tom de severidade senão para responder a um insulto não provocado. Não aceito uma insinuação tão ofensiva – respondeu Miss Helstone no mesmo tom e com o mesmo olhar – ao contrário, nunca fiz nada parecido antes.

– Mãe, encontrou uma igual à senhora – disse a pequena Jessy, a quem a cena parecia agradar imensamente. Rose, que ouvira tudo sem deixar transparecer a menor emoção, disse:

– Não! Miss Helstone não é igual à minha mãe, pois se zanga. Minha mãe a dominaria em poucas semanas. Miss Shirley Keeldar domina-se melhor. Minha mãe nunca conseguiu ofender Miss Keeldar. Sob a seda de seus vestidos há uma armadura que Mrs. Yorke não consegue transpassar.

Mrs. Yorke, com todo o seu rigor e sua força de caráter, não conseguia ter qualquer autoridade sobre seus filhos. Um olhar do pai tinha mais influência sobre eles do que mil palavras da mãe.

Miss Hortense Moore preparava-se para pronunciar um discurso que provasse que ambas as partes não estavam com a razão. Felizmente para o seu auditório, a entrada de Sarah com o chá chamou-lhe a atenção. E Rose colocou-a novamente de bom humor pedindo-lhe que cantasse.

Jessy, entretanto, fazia incidir as suas assiduidades sobre Miss Helstone. Sentada num banco aos pés dela, falou-lhe primeiro de religião e em seguida de política. Jessy tinha o hábito, em casa, de escutar avidamente o que o pai dizia sobre tais assuntos para em seguida manifestar, com mais

facilidade do que juízo ou discrição, suas opiniões, suas antipatias ou preferências. Censurou vivamente Miss Helstone por ela ser membro da igreja estabelecida e ter um tio eclesiástico. Fez-lhe saber que ela vivia à custa da nação e que melhor era trabalhar para viver honestamente do que levar uma vida ociosa e comer o pão da preguiça. Em seguida, Jessy passou em revista o ministério que estava então no poder, denunciou a guerra como sendo um assassinato em grandes proporções e lorde Wellington como um carniceiro mercenário.

Miss Helstone escutava, sentindo-se vivamente impressionada. Era cômico ouvir aquele vigoroso e pequeno jacobino de vestido de musselina repetir as recriminações do pai. A sua figurinha expressiva, falando com singular acentuação, cativava o interesse da sua ouvinte.

Mrs. Yorke dobrou a costura, interrompeu a lição de música e a discussão sobre política e terminou a visita a tempo de voltar a Briarmains antes de o sol ter descido abaixo do horizonte.

Tendo partido com as filhas, Miss Helstone sentiu que também devia pegar o seu chapéu, beijar a prima e dirigir-se ao presbitério. E, contudo, não conseguia deixar seu lugar junto à janela.

Fixava os olhos na porta e contemplava a sebe de loureiros que se entrelaçavam no jardim. Os seus olhos desejavam ver outra coisa senão arbustos. Por fim viu uma figura humana, ou, antes, viu duas: Frederico Murgatroyd passou levando um jarro de água. Joe Scott seguia-o com as chaves da fábrica. Iam fechar as portas da estrebaria e da fábrica antes de regressarem às suas casas.

“Devo fazer o mesmo que eles”, pensou Miss Helstone, erguendo-se e dando um suspiro. “Tudo isso não passa de loucura. Loucura de partir o coração. Já deveria ter voltado para casa.”

Levantou o chapéu da mesa onde se encontrava e estava a apertar o laço quando Miss Moore, dirigindo sua atenção para um esplêndido ramo de flores colocado num vaso na mesma mesa, disse que fora presente de Miss Keeldar e falou das visitas que estavam em sua casa, da existência atarefada que ela levava recentemente, acrescentando que Miss Keeldar não devia gostar muito desse gênero de vida, estranhando que uma pessoa que tanto prezava a sua liberdade não achasse processo de se livrar mais depressa daquele cortejo de parentes.

– Mas dizem que ela não quer deixar que Mr. Sympson e a família vá embora – acrescentou Miss Moore. – Eles queriam regressar na semana passada para receberem o filho único que voltava de uma viagem, mas ela insiste para que o tal primo Harry venha encontrar-se com os pais aqui em Yorkshire. Tenho a certeza de que, em parte, ela faz isso para ser agradável com Robert e comigo.

– Como para ser agradável com Robert e com você?

– Ah, Caroline! Como está estúpida! Pois não sabe? Deve ter escutado dizer...

– Minha senhora – disse Sarah abrindo a porta. – As conservas que tinha pedido para ferver, o doce, como a senhora chama, está todo queimado no fundo da panela.

– O doce está queimado? Oh! Que negligência! Que serviçal insuportável!

Miss Moore precipitou-se desorientada para a cozinha de onde, para falar a verdade, exalava um cheiro de açúcar queimado mais forte do que agradável. Miss Helstone ouviu uma discussão, vivas censuras e soluços ruidosos.

Ela voltou-se para o pequeno espelho, certa de que seria, não só inútil, mas desagradável demorar-se mais tempo ali, quando, de repente, a porta

dos fundos se abriu e uma profunda calma se estabeleceu na cozinha. As vozes calaram-se como se tivessem sido comprimidas por freios e rédeas. Seria Robert que chegava? Não. Era apenas Joe Scott, que, depois de ter chamado sem ser ouvido, disse:

– Silêncio. Parece-me que acabo de ouvir barulho!

Ninguém respondeu.

– E – continuou ele – como o patrão já chegou e vai entrar por esta porta, julguei conveniente antecipar-me para preveni-las. Nunca se deve deixar entrar sem aviso numa casa cheia de mulheres. Ele está vindo.

– Entre, senhor.

Ouviu-se entrar outra pessoa. Joe Scott continuou:

– Que significa essa obscuridade? Oh! Sarah! Grande estúpida! Não pode acender uma vela? Ele vai quebrar a cabeça nessas panelas.

Uma pausa confusa sucedeu às observações de Joe. Miss Helstone, embora escutasse com toda atenção, nada pôde compreender. Por fim, ouviu-se um grito de surpresa, seguido pelo ruído de um beijo. Sucederam-se exclamações meio inarticuladas.

– Meu Deus! Meu Deus! Como eu podia imaginar!

Eram as únicas palavras que se ouviam claramente.

– É você, sempre bem minha querida irmã! – disse outra voz, decerto a de Robert.

Miss Helstone estava completamente embaraçada. Obedecendo a um impulso, cujo acerto ela não tinha tempo de discutir, escapuliu-se da sala e, correndo para o patamar, parou para pensar no que faria antes de aparecer. O sol já fugira havia muito, o corredor estava escuro, mas a escuridão não era tal que a impedisse de ver Robert e Hortense vindo através dele.

– Caroline! Caroline! – exclamou Miss Hortense um instante depois. – Venha ver meu irmão!

“É estranho”, dizia Miss Helstone para si mesma. “É mais do que estranho! Por que tanta excitação a propósito de um fato tão corriqueiro e simples como o regresso de Robert do mercado? Ela terá endoidecido? O doce queimado lhe teria desarranjado os miolos?”

Desceu, sentindo-se levemente emocionada. Ficou mais ainda quando Miss Moore a tomou pela mão na entrada da sala e, conduzindo-a para junto de Robert, cuja elevada estatura se destacava na penumbra da janela, apresentou-a com um misto de agitação e de formalidade como se eles fossem completos estranhos e aquele fosse seu primeiro encontro com Robert.

O embaraço de Miss Helstone ia crescendo. O homem cumprimentou-a com certa timidez, afastou-se com a perturbação de um estranho e o seu rosto foi iluminado pela luz pálida que vinha da janela: o enigma do sonho, pois tudo aquilo parecia um sonho, atingiu o auge. Miss Helstone viu um rosto que se parecia com o de Robert, mas que não era o dele.

– Que significa isso? – perguntou Miss Helstone. – Os meus olhos estarão me enganando? É meu primo?

– Decerto que é seu primo – afirmou Miss Moore.

Então quem era que atravessava naquele momento o corredor e entrava na sala? Miss Helstone, de repente, deparou-se com outro Robert, o verdadeiro, como sentiu num instante pelo palpitar de seu coração.

– Então – disse ele, sorrindo do ar espantado e interrogativo de Miss Helstone – qual de nós é Robert?

– Ah! É você! – respondeu ela.

– Também me parece – concordou ele, rindo. – E aquele? Sabe quem é? Nunca o tinha visto, mas você já ouviu falar nele.

– Só pode ser uma pessoa: o seu irmão, pois é muito parecido com você. É o primo Louis.

– Esperta Edipozinho! Teria vencido a esfinge! Mas agora olhe para os dois ao mesmo tempo. Mude de lugar, Louis. Mude outra vez para atrapalhá-la. E agora, qual é o seu velho amigo, Lina?

– Como se fosse possível enganar-me ouvindo-o falar. A Hortense é que devia ter feito a pergunta. Mas vocês não se parecem completamente, é só a altura e a pele que se parecem.

– Eu sou o Robert, não é verdade? – perguntou o recém-chegado, fazendo uma primeira tentativa para dominar o que parecia ser natural nele, a timidez.

Miss Helstone sacudiu graciosamente a cabeça. Um terno e expressivo raio brilhou dos seus olhos sobre o verdadeiro Robert. Era um olhar que dizia tudo.

Não a deixaram partir. O próprio Robert se mostrou categórico, obrigando-a a ficar. Louis parecia ser um homem grave, circunspecto e amigo do sossego. Contudo, naquela noite Miss Helstone não tardou a fazê-lo vencer a reserva e perder a gravidade. Sentou-se junto dela e conversaram. Miss Helstone sabia que ele trabalhava com ensino, mas ficou sabendo que ele era, já há alguns anos, preceptor do filho de Mr. Sympson, que viajara com ele e o tinha acompanhado pelo Norte. Ela perguntou se ele gostava do que fazia, porém a resposta foi dada com um olhar que lhe tirou a vontade de fazer mais perguntas sobre o mesmo assunto. Compreendeu a tristeza da expressão que passou pelo rosto inteligente do primo, pois ela achava que ele tinha um ar de pessoa inteligente, embora, no seu entender, o rosto fosse bem inferior em beleza ao de Robert. Olhou de um para o outro para compará-los. Robert estava encostado numa parede, um pouco atrás dela, folheando um livro de gravuras.

“Como pude achá-los parecidos?”, perguntou a si mesma. “Bem vejo agora que o Louis se parece é com Hortense.”

E isso era, em parte, verdade: ele tinha o nariz comprido e o lábio superior saliente da irmã, mais do que as belas linhas do irmão. O seu ar, embora decidido e refletido, mal podia passar por engenhoso. Olhando para ele, tinha-se uma impressão de calma. Fazia crer que possuía uma natureza mais lenta e, provavelmente, mais benévola do que o seu irmão mais velho.

Robert Moore, sentindo, talvez, que o olhar de Miss Helstone pousara nele, embora não o tivesse encontrado e não lhe tivesse respondido, fechou o livro e, aproximando-se, instalou-se ao lado dela. Ela continuou a conversa harmoniosa com Louis, mas, enquanto lhe falava, os seus pensamentos estavam em Robert e seu coração batia acelerado sentindo a presença dele ao seu lado.

Miss Helstone reconhecia em Louis Moore um ar firme, viril e benévolo, mas inclinava-se diante do poder secreto de Robert Moore. A presença deste, embora ele estivesse calado e nem sequer tocasse na franja de sua manta ou na orla de seu vestido branco, eletrizava-a. Ela estava alegre e eloquente. Sentia que naquele dia ela tinha sido favorecida e, como Robert era espectador, essa ideia enchia-a de satisfação.

Mas a sua felicidade não foi completa por muito tempo: uma nuvem veio atravessá-la.

Miss Moore, que durante algum tempo estivera ocupada a tratar da ceia, chamou a atenção de Mr. Moore para o vaso de flores, no qual o carmim, a neve e o ouro das pétalas tinham um brilho radioso à luz das velas.

– Vieram de Fieldhead – disse ela. – Mandaram em sua intenção, sem dúvida. Todos sabem quem é o favorito de Miss Keeldar. Eu é que não sou, com certeza! – disse Miss Moore.

Era uma coisa espantosa ouvir Miss Moore gracejar. Era preciso que ela estivesse de muito bom humor.

– Isso quer dizer que Robert é o favorito? – perguntou Louis.

– Meu caro! – replicou a irmã. – O Robert é a coisa mais preciosa que há no mundo. Ao lado dele, o resto do gênero humano não passa de refugo. Não tenho razão, Caroline? – acrescentou ela dirigindo-se à prima.

Miss Helstone foi obrigada a responder que sim, mas a sua animação extinguiu-se, a sua estrela eclipsou-se quando, instante antes, fora pronunciada aquela frase.

– O que você diz disso, Robert? – perguntou Louis.

– Quando tiver oportunidade, pergunte você a ela própria – respondeu ele, tranquilamente.

Miss Helstone descobriu que era tarde e que deveria voltar para casa. Manifestou desejo de ir embora e nem o próprio Mr. Moore foi capaz de retê-la.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXIV

OceanofPDF.com

No Vale da Sombra da Morte

O futuro, por vezes, parece chorar um sussurrado aviso dos eventos que está trazendo; como uma reunião de tempestades, embora ainda remota, que, pelo tom do vento no esplendor do firmamento, nas nuvens estranhamente rasgadas, anuncia uma forte explosão capaz de espalhar sobre o mar o naufrágio; ou trazer a névoa da mancha amarela da peste, que cobre brancas ilhas ocidentais com as exalações envenenadas do Oriente, escurecendo as treliças das casas inglesas com o sopro da praga indiana. Em outras ocasiões, este futuro explode de repente, como se uma pedra tivesse seu lugar programado para se precipitar, abrindo um grave estreito de onde emite o som de um corpo que dormia. E você está ciente de que vai ficar cara a cara com a encoberta e impensada calamidade, um novo Lázaro.

Miss Helstone, embora tivesse julgado que tinha voltado de Hollow em boa saúde, despertou no outro dia oprimida por um langor anormal. Não teve apetite no desjejum e em todas as demais refeições. Todos os alimentos pareceram a ela insípidos.

À noite sentiu-se febril, teve insônia e foi torturada por uma sede inesgotável. Ao amanhecer teve um sonho pavoroso e, ao despertar, sentiu e viu que estava doente.

De que maneira apanhara a febre, pois era febre, ela não podia dizer. Provavelmente acontecera no seu último passeio do presbitério à cottage de Hollow. Qualquer brisa envenenada carregada de miasmas entrara em seus pulmões e nas veias e, encontrando ali uma febre mental e tormenta de alma, deixara atrás de si um fogo aceso.

Esse fogo que parecia benigno, após dois dias ardentes e duas noites sem repouso, deixou de demonstrar qualquer violência. Tanto o tio, quanto o médico e Miss Keeldar quando a visitaram, não sentiram o menor receio

pela sua vida. Todos pensaram que bastariam alguns dias e ela estaria completamente restabelecida.

Os dias, contudo, passaram-se e Miss Helstone não tinha melhorado. Mrs. Pryor, que a visitava todos os dias, estava em seu quarto certa manhã, quinze dias após o começo da doença, examinou-a atentamente durante alguns minutos; pegou-lhe as mãos, apoiou um dedo no pulso e depois, saindo tranquilamente do quarto, dirigiu-se ao gabinete de Mr. Helstone. Lá ficou trancada com ele durante metade da manhã. Ao voltar para junto da jovem doente, pousou seu xale e o chapéu, sentou-se ao lado da cama e disse por fim:

– Pedi a Fanny que fosse a Fieldhead buscar algumas pequenas coisas que serão necessárias durante uma breve estadia minha aqui. Desejo ficar até que se sinta melhor. O seu tio já autorizou e, dessa forma, posso lhe dedicar meu carinho e meus cuidados. Você também me autoriza, Caroline? – perguntou ela, segurando a mão da moça.

– Incomoda-me lhe dar tanto trabalho. Não me sinto muito doente, mas não posso recusar. Será para mim uma grande consolação saber que está na casa, vê-la às vezes em meu quarto, mas não se incomode por minha causa, minha querida senhora! A Fanny trata-me muito bem.

Mrs. Pryor, inclinando-se sobre a pálida doente, arrumava-lhe os cabelos e lhe ajeitava docemente os travesseiros. Miss Helstone, sorrindo, inclinou-se para beijá-la.

– Já não sofre? Sente-se bem? – perguntou numa voz doce e comovida a enfermeira voluntária, aceitando o carinho.

– Quase não desejo melhorar para poder conservá-la junto de mim.

Mrs. Pryor não sorriu ao ouvir tais palavras. Fora tomada de tremuras que, durante alguns minutos, em vão procurou se dominar.

– Não tenho jeito para nada, minha querida – disse ela. – Achar-me-á, muitas vezes, uma desastrada, mas nunca negligente.

E, com efeito, ela não era negligente. A partir daquele momento, Fanny e Eliza tornaram-se inúteis no quarto da doente. O quarto passou para o domínio de Mrs. Pryor. Ela fazia tudo quanto era necessário, não saía de perto da doente nem de dia nem de noite.

Com todos estes cuidados, parecia entranho que ela não melhorasse. Era, contudo, o que estava acontecendo. Miss Helstone definhava-se a olhos vistos, como um floco de neve no degelo. Vieram médicos, oradores, fizeram discursos obscuros, os médicos deixaram algumas prescrições, deram algumas indicações, tudo isso com ar de esmagadora autoridade. Todos colocaram nos bolsos os seus honorários e foram embora.

Na *cottage* de Hollow supunha-se que Miss Helstone estivesse constipada, pois ela escrevera nesse sentido para Miss Moore no início da sua doença. A prima limitou-se a enviar-lhe duas conservas de groselhas, uma receita feita com ervas medicinais e alguns conselhos por escrito.

Miss Helstone usava constantemente no pescoço uma fina trança de seda da qual pendia uma pequena joia. Mrs. Pryor percebeu, mas não detectou que objeto era aquele do qual a doente nunca se separava. Quando estava vestida, tinha-o escondido nos seios; quando deitada, conservava-o na mão.

Certa tarde quente, enquanto ela dormia, o que acontecia constantemente e abreviava os tamanhos dos dias longos, quando Mrs. Pryor inclinou-se sobre ela para ajeitá-la, viu uma mãozinha emagrecida e inerte estendida sobre o peito, segurando, como sempre, o precioso tesouro. Como estava dormindo, os seus dedos tinham afrouxado a pressão. Mrs. Pryor tirou docemente a trança e viu uma joia bem modesta, proporcional à

pequena bolsa de quem a comprara. Debaixo da sua face de cristal, via-se uma mecha de cabelos negros, muita curta e frisada para ser de mulher.

Um movimento nervoso fez com que Mrs. Pryor repuxasse o cordão de seda e a adormecida estremecesse. Seus pensamentos, desde que adoecera, eram muitas vezes vagos ao acordar. Soerguendo-se da cama com dificuldade, como sob uma pressão de terror, exclamou:

– Não os leve de mim, Robert! Não os leve! São a minha última consolação! Deixe-os ficar comigo! Nunca disse a ninguém de quem eram esses cabelos, nunca os mostrei...

Mrs. Pryor, temendo deixá-la desconcertada, escondeu-se atrás das cortinas. Miss Helstone correu os olhos pelo quarto e, como não viu ninguém, e como as ideias vagabundas lhe voltavam lentamente, dando conta do vazio e do silêncio que a rodeavam, julgou-se só.

Quando tinha saúde, nunca fora seu costume pensar em voz alta, contudo, naquele momento, as palavras lhe escaparam dos lábios sem que ela tivesse qualquer controle sobre elas.

– Oh! Como eu queria vê-lo mais uma vez antes de tudo ter acabado! O Céu deveria conceder-me essa graça. Meu Deus, concedei-me essa consolação antes que eu abandone essa vida.

E ela continuou: – Grande Espírito, na bondade na qual deponho minha confiança; o Senhor, a quem, como meu Pai, invoquei noite e dia desde a minha mais tenra infância, vem em auxílio dessa fraca criatura saída das Tuas mãos! Dá-me forças na provação que temo e que tenho que sofrer! Dá-me forças! Dá-me paciência! Dá-me... Oh! Dá-me fé!

Deixou-se cair sobre o travesseiro olhando para o vazio da janela e Mrs. Pryor conseguiu deslizar silenciosamente para fora do quarto. Não tardou a voltar, tão calma na aparência como se não tivesse escutado aquele estranho monólogo.

No dia seguinte vieram diversas visitas. A notícia de que Miss Helstone tinha piorado tinha se espalhado. Chegaram Mr. Hall, sua irmã e Miss Hortense Moore. Durante o tempo em que a prima passou junto dela, a excitação fez voltar a cor ao rosto de Miss Helstone e ela parecia bem melhor.

– Como está Mr. Moore? – perguntou Mrs. Pryor quando Miss Moore se preparara para sair.

– Estava muito bem quando partiu – respondeu Miss Hortense, que explicou que certas informações sobre os arruaceiros o tinham obrigado a partir nessa mesma manhã para Birmingham e que, provavelmente, passaria uma quinzena por lá.

– Então ele não sabe que a prima dele está muito dente? – prosseguiu Mrs. Pryor.

– Oh! Não! Julgava, como eu, que ela tivesse apenas uma constipação muito forte, mas nada grave.

Depois da visita, Mrs. Pryor teve o cuidado de não se aproximar do leito de Miss Helstone durante mais de uma hora. Ouviu que ela chorava e não teve coragem de ver as lágrimas que, certamente, escorriam por sua face.

Ao cair da noite levou-lhe o chá. Miss Helstone, abrindo os olhos depois de uma leve modorra, não reconheceu a mulher e murmurou:

– Entrei a fim de chamar Robert para o almoço; fui com ele ao jardim, ele pediu que eu o acompanhasse; o orvalho tinha refrescado as flores, e os pêssegos estarão maduros ao amanhecer.

– Minha querida, não me reconhece? – perguntou Mrs. Pryor.

– Julgava que fosse dia, que o sol tinha se levantado há tempo, mas está escuro. A lua ainda não foi embora?

A lua, que acabava de se erguer, espalhava sobre ela a sua luz, cheia e suave, flutuando no espaço sem nuvens. Parecia velar a enferma.

– Então ainda não é manhã? Não estou em Hollow, na *cottage*? Quem está aí? Vejo alguém à minha cabeceira.

– Sou eu, a sua amiga, sua enfermeira, a sua... encoste a sua cabeça no meu ombro, volte a si – disse Mrs. Pryor e, em pensamento, continuou: "Oh! Deus! Tenha piedade dela! Dê-lhe vida e a mim forças! Conceda-me coragem, inspirai minhas palavras!"

Alguns minutos se passaram e o silêncio era total. A doente repousava imóvel sobre braços trêmulos e um coração agitado.

– Sinto-me melhor agora – murmurou, por fim, Miss Helstone – muito melhor. Sei onde estou. É Mrs. Pryor quem está comigo, eu estava sonhando. Ultimamente dei para falar quando acordo de meus sonhos. Como o coração da senhora bate com força! Não se aflija. Espero – acrescentou ainda – que não seja por minha causa que chora.

Mrs. Pryor não respondeu.

– A senhora acha que eu não vou melhorar? Não me sinto muito doente, sinto apenas fraqueza. Parece que os desgostos são o maior alimento da minha doença. Penso, às vezes, que um pouco de felicidade me faria reviver depressa.

– Mas deseja viver?

– Nada me prende à vida – respondeu Miss Helstone.

– Gosta de mim, Caroline?

– Muito, muito, por vezes de uma maneira indescritível. Neste momento eu desejo confundir o seu coração com o meu.

– Volto já, minha querida – disse Mrs. Pryor, deitando-a suavemente sobre o travesseiro.

Deslizou levemente para a porta, fez girar docemente a chave na fechadura, verificou se estava bem fechada e voltou para junto do leito. Afastou o cortinado para que o luar banhasse melhor o rosto da moça e olhou fixamente para ela.

– Então, se gosta de mim – disse ela com indecisão e numa voz transtornada – se deseja confundir o seu coração com o meu, não sentirá nem choque nem dor quando souber que este coração é a fonte que alimentou o seu; que das minhas veias saiu a vida que corre nas suas; que é minha, minha filha, minha própria filha...

– Minha senhora!

– Minha própria filha.

– Quer dizer... isso significa... que me adotou?

– Significa que, se nada mais lhe dei, dei-lhe, ao menos, a vida; que a trouxe ao meu seio, que a alimentei, que sou a sua verdadeira mãe. Nenhuma outra mulher pode reclamar esse título, pois ele é meu.

– Mas, Mrs. James Helstone, a mulher de meu pai, que eu não me lembro de alguma vez ter visto, não é a minha mãe?

– Sim, é a sua mãe... sou eu. James Helstone foi o meu marido. Assim o provei. Receei que fosse toda dele, o que seria muito doloroso para mim. Vi que não era assim. Deus permitiu-me ser a mãe do espírito de minha filha; ele pertence-me; é a minha propriedade, o meu direito. Essas feições são as próprias feições de James. Ele era belo quando jovem, antes que o vício o desgraçasse. Seu pai, minha querida, deu-lhe esses olhos, esses sedosos cabelos castanhos e a regularidade dos traços, mas o coração e o cérebro são meus.

– É verdade o que eu ouço? Não estou sonhando?

– Oxalá fosse tão verdade como se Caroline engordasse e que lhe voltasse a cor no rosto.

– Minha própria mãe! Tenho tanto amor pela senhora, não posso imaginar como não era amada, pelo menos foi o que me deram a entender.

– Disseram-lhe isso? Pois a sua mãe declara-lhe neste momento que não possuindo o dom de agradar às pessoas em geral, pouco lhe importa a aprovação delas. Os seus pensamentos e a sua afeição estão concentrados sobre sua filha. E sua filha irá acolhê-la ou repeli-la?

– Mas, se é a minha mãe, o mundo mudou inteiramente para mim. Com certeza agora posso viver. Gostaria de recuperar a saúde.

– Vai se recuperar, minha filha. Tirou do meu seio a vida e a força quando era uma criancinha, uma bela menina, sobre cujos olhos azuis eu tinha o costume de chorar, receando ver na beleza deles o próprio sinal de qualidades que tinham penetrado no meu coração como um ferro e traspassado a minha alma como uma espada. Minha filha! Estivemos muitos anos separadas, agora volto de novo para acariciá-la.

Levantou-a de encontro ao seio e apertou-a nos braços, embalou-a docemente, como se estivesse ninando um bebê.

– Minha mãe! Minha querida mãe!

Durante muito tempo reinou silêncio no quarto.

– O meu tio sabe o que acaba de me dizer?

– Seu tio sabe. Eu lhe contei quando me mudei para cá para cuidar de você.

– A senhora reconheceu-me da primeira vez que me viu em Fieldhead?

– Como poderia não a ter reconhecido? Anunciaram que Mr. Helstone e a sobrinha estavam chegando. Eu estava preparada para ver a minha filha.

– Foi então isso que a perturbou? Notei que estava muito comovida.

– Não viu nada, Caroline. Eu posso dominar as minhas emoções. Nunca poderá saber o século de estranhas sensações que atravessei nos dois

minutos que se passaram desde que ouvi o seu nome até que entrasse na sala. Nunca poderá imaginar a impressão que em mim produziram o seu ar, o seu aspecto, o seu andar. ‘Com quem se parecerá ela?’ Tinha eu perguntado a mim mesma; e quando vi com quem se parecia, quase desmaiei.

– Por que, mamãe?

– Tinha as minhas razões para recear um exterior cheio de encantos, para desconfiar de um ar à vontade, de tremer à vista da distinção, da graciosidade, da cortesia. Ele era belo e afável. Eu vivia reclusa, desolada, era jovem e ignorante: uma pobre preceptora sucumbindo ao peso dum labor ingrato. Quando ele me sorriu, tomei-o por um anjo! Segui-o, e, depois de ter confiado nas mãos dele, sem reserva, todas as minhas probabilidades de felicidade futura, quis a sorte que eu presenciasse uma transformação no meu lar: a máscara caiu, o disfarce brilhante foi posto à parte. Oh, meu Deus! Como eu sofri!

Deixou cair a cabeça no travesseiro.

– Tenha coragem, minha mãe, tudo isso já passou.

– Já passou e não foi sem fruto. Pedi a Deus que me desse paciência. Ele amparou-me durante os meus dias de angústia. Mas, Caroline...

– Minha mãe!

– Ordeno-lhe que, quando olhar a capa de seu pai, respeite o nome que lá está gravado. A você, ele só fez bem. Deixou-lhe o tesouro inteiro das suas qualidades e não lhe acrescentou o menor defeito. Tudo o que recebeu dele é excelente. Deve-lhe ser grata. Deixe entre mim e ele a liquidação das nossas contas mútuas, não intervenha nelas. Deus é o árbitro. Ele dorme ali naquela igreja; esta noite digo às suas cinzas aquilo que antes nunca lhe dissera: ‘James, descanse em paz. Veja: a sua terrível dívida está saldada! Agora, será perdoado!’

– Minha querida mãe, é bonito assim! O espírito do meu pai poderá ouvir-nos? Sentirá alguma consolação por saber que o amamos ainda?

– Não falei de amor, falei de perdão. Não tenha ilusões, criança, pois eu não falei de amor. No limiar da eternidade, estivesse ele lá para me ver entrar, manteria aquilo que eu disse.

– Ah! Mãe! Como deve ter sofrido! Mas, vamos, acalme-se!

E a filha embalou ternamente a mãe como antes a mãe tinha embalado a filha. Por fim, Mrs. Pryor chorou e depois ficou mais calma. Voltou aos ternos cuidados que a sua agitação havia interrompido. Obrigou sua filha a se estender na cama, compôs-lhe o travesseiro e a roupa; arrumou seus cabelos, cujos cachos estavam esparsos, e refrescou a testa úmida com uma essência fresca e perfumada.

– *Mamã*, ceie aqui, não me deixe só esta noite.

– Oh! Caroline! Que força tem a sua gentileza! Herdou certas maneiras, além de certos traços.

– Parece tão natural, *mamã*, pedir-lhe isto e aquilo! Mas não me deixe ser inoportuna. Reprima-me se eu for longe demais.

– Não deve contar comigo para reprimi-la. Tenho pouca coragem moral. Este é o meu maior defeito. Foi isso que fez de mim uma mãe desnaturada, o que me conservou afastada da minha filha durante os dez anos decorridos desde a morte de meu marido que me teria permitido reclamá-la. Deixei-a ir embora ainda criança, porque era bonita, eu tinha medo de seu encanto, vendo nele a marca da perversidade. Não ousei empreender a sua educação e resolvi deixá-la aos cuidados de seu tio. Eu sabia que, se Matthewson Helstone era um homem austero, ele também era reto. Tanto ele como todas as pessoas julgaram severamente a minha estranha e pouco maternal decisão, e eu mereci ser mal julgada.

– Por que usa o nome Pryor?

– Era um nome que pertencia à família de minha mãe. Tomei-o para viver em paz. Tinham me ameaçado de que me obrigariam a voltar para o meu cativeiro, à mercê do vício e da violência. Eu não poderia suportar. Antes, preferiria a morte. O meu novo nome me protegeu. Ao abrigo dele, retomei minhas funções de preceptora.

– Mas a *mamã* já tinha vivido aqui. Como é que não a reconheceram quando voltou para cá com Miss Keeldar?

– Eu só vim aqui numa breve visita quando estava noiva há vinte anos. Eu era então bem diferente do que sou hoje. Era delgada, quase tão delgada como a minha filha. A minha tez, os meus traços, já não são os mesmos. O meu cabelo, o corte dos meus vestidos, tudo mudou. Pode imaginar a sua mãe magra e franzina, vestida de musselina branca, de braços nus, com colares e braceletes e os cabelos arranjados em caracóis?

– Na verdade, deve ter sido bem diferente. *Mamã*, ouço a porta da entrada abrir-se. Se for o tio que volta, peça-lhe que suba e que me venha dizer se estou, de fato, acordada, sonhando e não estou delirando de febre.

Espontaneamente, o pastor já subia a escada e Mrs. Pryor o chamou ao quarto da sobrinha.

– Ela não piorou, não é? – perguntou ele, apressadamente.

– Creio que está melhor. Está disposta a conversar e parece mais forte.

– Bom! – disse ele percorrendo o quarto a passos rápidos. – Ah, Caroline! Como está? Bebeu a minha xícara de chá? Eu a tinha preparado para você, tal como gosta.

– Bebi-a até a última gota e me fez muito bem, meu tio. Obrigada. Pedi a Mrs. Pryor que o chamasse, pois queria a sua companhia.

O respeitável eclesiástico parecia ao mesmo tempo contente e embaraçado. Estava bastante inclinado a consentir o pedido da sobrinha

visto que esse era um capricho da doente; mas como empregar esses dez minutos, isso é o que ele não sabia. Tossia, agitava-se.

– Estará em pé num instante – disse ele, para dizer qualquer coisa. – Essa fraqueza não tardará a passar. Então beberá vinho do Porto, um tonel dele, se for capaz disso, e comerá caça e ostras. Vou consegui-las para você, se for possível irei buscá-las em qualquer parte. Se Deus quiser, não tardaremos a colocá-la tão forte como Sansão.

– Quem é esta senhora, meu tio, que está de pé ao seu lado, junto à minha cama?

– Santo Deus! – exclamou ele. – O espírito dela ainda está divagando, minha senhora?

Mrs. Pryor sorriu.

– Viajo num agradável mundo – disse ela numa voz doce e feliz – e preciso que me diga se é uma realidade ou uma visão. Quem é esta senhora? Dê-lhe um nome, meu tio?

– É preciso mandar chamar novamente o doutor Riles, ou, antes, Marc Turck, mas este é menos charlatão... É preciso que o Tomás sele o pônei e o vá procurar.

– Não, meu tio, não preciso de médico. O meu único médico será a minha mãe. Compreende agora, meu tio?

Mr. Helstone levantou os óculos para a testa, pegou na caixa de rapé e ministrou a si próprio uma parte de seu conteúdo. Assim fortalecido, respondeu rapidamente.

– Agora percebo. Então lhe disse, minha senhora?

– E é verdade? – perguntou Miss Helstone, erguendo-se. – Ela é realmente a minha mãe?

– Não vai chorar, não vai desmaiar, se eu lhe disser que sim?

– Chorar! Eu choraria se dissesse que não, pois o desapontamento seria terrível. Mas, dê-lhe um nome. Como ela se chama?

– A essa senhora gorda com um estranho vestido preto, que parece ser suficientemente jovem para poder usar vestidos mais alegres, chamo-a de Agnes Helstone. Foi casada com meu irmão, James, e é sua viúva.

– É a minha mãe?

– Que menina incrédula! Olhe para aquela pobre carinha, Mrs. Pryor, pouco maior do que a palma da minha mão, toda cheia de ardor – e dirigindo-se a Miss Helstone: – Ela teve pelo menos o trabalho de dá-la à luz. Lembre-se de que tem para com ela o dever de se restabelecer rapidamente e de recuperar os estragos desse rosto.

– Se o desejo da cura tem qualquer influência sobre mim, não ficarei muito tempo doente. Ainda esta manhã, eu não tinha nem cabeça nem força para o querer.

Neste momento Fanny anunciou que o jantar estava servido.

Mrs. Pryor declarou que passaria com a filha o restante da noite. Mr. Helstone, portanto, deixou-as a sós. Não tardou a voltar com um prato na mão e Fanny com outro.

– Isto é frango, mas amanhã teremos perdiz.

Miss Helstone fez o possível para comer. O tio ficou admirado, beijou-a e lhe disse num tom suave:

– Boa noite, pequena. Que Deus te abençoe!

Miss Helstone passou aquela noite em calmo repouso. Abandonada nos braços da mãe, com a cabeça apoiada em seu peito, ela se esqueceu de desejar outro destino.

Quanto à mãe, passou a noite toda em oração.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXV

OceanofPDF.com

Os Golpes do Vento Oeste

Nem sempre aqueles que se atrevem a buscar o divino na hora do conflito prevalecem. Noite após noite, o suor da agonia pode estourar em sua testa; o suplicante, com a voz silenciosa da alma, pode chorar por misericórdia, mas seu apelo será para o Invisível. E depois desse grito, dos conflitos, o sol pode, novamente, aparecer. Numa manhã ele voltará a saudá-lo com um sussurro, com a canção das cotovias, você vai poder respirar, vai poder comemorar, dos queridos lábios que a cor e o calor outrora desistiram, sairá: ‘Oh! Eu tive uma noite de sofrimento, mas ela se foi!’

Em seguida, a observadora se aproximou do travesseiro da paciente e viu uma nova e estranha moldagem nas características tão familiares; sentiu que o momento insuportável havia passado, inclinou a cabeça e subjugou sua alma em agradecimento.

Mrs. Pryor estava feliz! Ela ainda estava orando, inconsciente de que o sol de verão pairava acima das colinas, quando sua filha suavemente acordava em seus braços. Não comovente, mas gemendo inconsciente – aquele som que tanto desperdiça as nossas forças que, mesmo que tenhamos jurado manter-nos firmes, uma onda de lágrimas invencíveis varre o juramento – em sua vigília. Miss Caroline, ao acordar, lembrou-se evidentemente com clareza do que tinha acontecido.

– *Mamã*, , eu dormi muito bem, eu só sonhei e acordei duas vezes.

Mrs. Pryor levantou-se com um sobressalto para que sua filha não visse as lágrimas de alegria que brotavam em seus olhos por ouvi-la chamá-la por essa palavra carinhosa; era a garantia de boas-vindas que viriam.

Por muitos dias, a mãe ousou se alegrar apenas com tremor. Esse primeiro renascimento parecia o brilho tênue de uma lâmpada. Havia

sempre um esforço comovente para parecer melhor, mas muitas vezes a capacidade recusava a vontade; muitas vezes a tentativa de suportar falhava, o esforço para comer, de falar, um olhar alegre, não tinha sucesso. Muitas horas se passaram durante as quais Mrs. Pryor temia que os acordes de vida nunca mais fossem reforçados, embora o tempo de sua quebra tenha sido adiado.

Durante este espaço, mãe e filha pareciam deixadas quase sozinhas em Briarfield. O fim de agosto aproximava-se e o tempo estava muito seco e empoeirado. Um vento árido soprava do Leste durante todo o mês. No céu não havia nuvens, embora uma névoa pálida parecesse tirar-lhe toda a profundidade do azul, todo o frescor do verde da terra e o fulgor da luz do dia.

Quase todas as famílias de Briarfield tinham partido para alguma estância de verão. Miss Keeldar e seus amigos estavam à beira-mar; o mesmo acontecia com a família Yorke. Mr. Hall e Louis Moore, entre os quais parecia ter-se estabelecido uma intimidade espontânea, que resultava provavelmente de uma harmonia de opiniões e de temperamento, tinham partido para o Norte numa excursão pedestre aos lagos. A própria Miss Moore, que de boa vontade teria ficado em casa para ajudar Mrs. Pryor a cuidar da prima, fora tão vivamente solicitada por Miss Mann para que a acompanhasse novamente às águas de Wormwoor-Wells que se considerou obrigada a ceder. Quanto a Mr. Robert Moore, de Birmingham dirigira-se a Londres, onde ainda se encontrava.

Enquanto o sopro dos desertos asiáticos secou os lábios de Miss Helstone, a sua convalescença física não pôde ir de igual maneira com a recuperação da sua tranquilidade mental. Contudo, um dia, o vento deixou de gemer no presbitério. Uma nuvenzinha do tamanho da palma de uma mão ergueu-se a Oeste. O vento que soprava desse lado não tardou a

aumentar. A chuva e a tempestade prevaleceram durante um instante, após isso o sol se mostrou radioso. O céu recuperara a pureza do seu azul; e a terra, o seu verde.

A mocidade de Miss Helstone, os ternos cuidados de sua mãe, juntos a esse vento puro e benéfico que Deus fazia soprar doce e fresco através da janela aberta do seu quarto, reanimaram-lhe a energia há tanto tempo diminuída.

Finalmente Mrs. Pryor viu que era permitido ter esperança – uma genuína convalescença tinha começado. Não era apenas o sorriso de Miss Helstone que estava mais brilhante, os contornos magros de seu rosto começavam a se encher e a cor que havia partido retornou à sua face, uma mudança sutil ocorreu; tudo ficou mais suave e mais quente. Em vez de uma máscara de mármore e olhos vidrados, Mrs. Pryor viu cair sobre o travesseiro um rosto ainda pálido, talvez ainda abatido, mas menos horrível; pois no lugar da doente havia uma garota que vivia; não era mais como um mero mofo branco ou um pedaço rígido de uma estátua.

Agora, também, ela não estava sempre pedindo para beber algo. As palavras ‘eu estou tão sedenta’ deixou de ser sua queixa. Às vezes, quando ela tinha engolido um bocado, ela dizia que tinha revivido. Todas as descrições de alimentos já não eram igualmente desagradáveis para ela; ela poderia ser induzida, às vezes, a indicar uma preferência. Com que tremendo prazer e ansioso cuidado a enfermeira preparava o que fora pedido!

O alimento devolveu-lhe as forças. Miss Helstone pôde, finalmente, levantar-se. Desejava ardentemente respirar o ar puro, visitar suas flores e ver se a fruta amadurecia. O tio, sempre liberal, comprara-lhe uma cadeira de jardim. Ele próprio a levou no colo e a instalou na cadeira, e William Farren, a quem tinha mandado chamar, foi encarregado de levá-la para

passear ao longo das áleas para lhe mostrar o que tinha feito com as plantas e ouvir as instruções dela sobre o trabalho a fazer no jardim. William e ela tinham muito o que dizer um ao outro. Havia uma dúzia de assuntos que, não tendo importância para o resto do mundo, interessavam a ambos. Eles tinham o mesmo interesse pelos animais, pelas aves, insetos e plantas. Tinham pensamentos gentis semelhantes para com a criação inferior. Se existisse o Jornal de Chambers naqueles dias, ele certamente teria informado Miss Helstone do seu periódico favorito. Ela teria feito uma subscrição por causa disso para ele e cada número seria devidamente emprestado: os dois teriam colocado fé implícita, e encontrado grande sabor em histórias maravilhosas de sagacidade animal.

Esta é uma digressão, mas basta para explicar por que Miss Caroline Helstone não queria outro ao seu lado do que William para guiar a sua cadeira. Mrs. Pryor, andando perto deles, perguntava-se como sua filha poderia ficar muito à vontade com um *homem do povo.* Ela descobriu que era impossível falar com ele sem ser rigidamente. Ela sentiu como se um grande abismo estivesse entre ela e sua casta; e que atravessá-la, ou encontrá-lo no meio do caminho, seria degradar-se. Ela gentilmente perguntou a Miss Helstone:

– Você não tem medo, minha querida, de conversar com essa pessoa tão sem reservas? Ele pode presumir e tornar-se um perturbador tagarela.

– Presumo que está se referindo a William, *mamã*? A senhora não o conhece. Ele nunca é demasiadamente orgulhoso e é sensível para fazer isso. William tem sentimentos muito finos.

Mrs. Pryor sorriu com ceticismo diante da ideia ingênua de que roupas de fustão áspero faziam uma pessoa ter *sentimentos bons.* Farren, por sua vez, mostrou-se a Mrs. Pryor mal-humorado e com sobrancelhas cerradas. Ele sabia que tinha sido mal interpretado e estava intratável.

À noite, Miss Helstone era entregue à mãe e Mrs. Pryor gostava dos serões, pois ficava sozinha com a filha e nenhuma sombra humana vinha se interpor entre ela e o objeto de seu amor.

Durante o dia, ela mantinha seu comportamento como era seu costume. Entre ela e Mr. Helstone surgiu uma relação muito respeitosa, mas uma rígida cerimônia foi mantida: qualquer familiaridade teria criado um desprezo mútuo, mas, por força da civilidade e uma rigorosa distância bem conservada, eles conviviam sem problemas.

Para os empregados, o tratamento de Mrs. Pryor não era descortês, mas tímido, aquele seu congelamento habitual. Talvez fosse desconfiança ao invés de orgulho que a fazia parecer arrogante; mas, como era de se esperar, Fanny e Eliza não conseguiram fazer essa distinção e ela era impopular com elas nesse sentido. Mrs. Pryor, portanto, sentiu o efeito produzido por ela mesma. Ficou insatisfeita consigo mesma por faltas que não podia ajudar; e com todo o resto, desanimada, fria e taciturna. Mas com a influência de Miss Caroline, com seu carinho, sua afeição natural, sua geada caiu; sua rigidez afrouxou, ela se tornou sorridente e flexível.

– Mamãe, estou determinada a não deixar que use mais esse vestido velho; a saia é estreita demais. Você deve usar seda preta todas as tardes e ficará muito bonita, pois combina com você. Também terá um vestido preto de cetim para os domingos – um de verdadeiro cetim – não um sintético ou qualquer imitação.

– Minha querida, este é o meu melhor vestido e continuará ainda por muitos anos. Eu é que quero comprar-lhe várias coisas, pois você é jovem e precisa, eu não.

– Bobagem, *mamã*, meu tio me dá dinheiro para comprar o que eu quero. Você sabe que ele é generoso o suficiente. Coloquei no meu coração vê-la em um vestido de cetim preto. Você o terá em breve, pois vou deixá-lo

ser feito por uma costureira de minha recomendação. Deixe-me escolher o padrão? A senhora sempre quer se disfarçar como uma avó, você seria capaz de persuadir o lojista de que está velha e feia! Pelo contrário, quando bem-vestida e alegre, a senhora é muito formosa, de fato. Seu sorriso é tão agradável, seus dentes são tão brancos, o cabelo ainda tem uma cor tão bonita, cheia de luz. Por que você usa esses vestidos e capotas, *mamã*? Ninguém mais usa isso!

– Incomoda-a, Caroline?

– Muito. As pessoas dizem que a senhora é miserável; e ainda assim não é, pois a senhora doa generosamente aos pobres e às sociedades religiosas, ainda que os seus dons sejam transmitidos de forma secreta e silenciosa, que sejam conhecidos por poucos, exceto os receptores. Mas eu vou cuidar da senhora. Quando eu ficar um pouco mais forte, vou começar a trabalhar; e a senhora deve ser boa, *mamã*, e fazer o que eu pedir.

E Miss Helstone, sentada perto de sua mãe, arranjava-lhe seu lenço de musselina e alisava seus cabelos.

– Minha própria *mamã* – então ela continuou como se agradasse a si mesma com o pensamento de seu relacionamento – que pertence a mim e a quem eu pertenço! Eu sou uma menina rica agora. Eu tenho algo que eu posso amar e não ter medo de amar. *Mamã*, quem lhe deu este pequeno broche? Deixe-me desprendê-lo e olhar para ele?

Mrs. Pryor, que normalmente se encolhia à intromissão desse tipo de abordagem, permitiu complacentemente.

– Será que papai lhe deu isso, mamãe?

– Minha irmã me deu, minha única irmã, Cary. Será que sua tia Caroline teria gostado de conhecer sua sobrinha?

– Não tem nada de *Papa*? Nem uma bugiganga, nenhum presente dele?

– Eu tenho um prêmio.

– Que prêmio? É valioso e bonito? – perguntou Miss Helstone.

– Inestimável e doce para mim.

– Mostre-o, *mamã*. Está aqui ou em Fieldhead?

– Ele está falando comigo agora, inclinando-se sobre mim, seus braços estão em volta de mim.

– Ah, *mamã*! Quer dizer que a sua filha, que nunca vai deixá-la sozinha; que, quando a senhora entra no seu quarto, não poderá deixar de correr para seus braços; que a segue para cima e para baixo, como um cão.

– Cujas características ainda me dão uma emoção tão estranha às vezes. Eu meio que temo o seu justo olhar de criança.

– Não! A senhora não pode se sentir assim. *Mamã*, eu queria que papai tivesse sido bom. Despojos, maldade e venenos, todas essas coisas matam o amor. Como miserável ele deve ter sido e sofrido! Mãe, antes de conhecê-la, eu tinha um receio de que a senhora não fosse boa, que eu não conseguisse estimá-la, esse medo amortecia meu desejo de vê-la; agora o meu coração está feliz porque acho a senhora quase perfeita: gentil, inteligente e agradável. Seu único defeito é que você está fora de moda, mas eu vou curá-la. *Mamã*, coloque seu trabalho para baixo, leia para mim. Eu gosto do seu sotaque do Sul, é tão puro, tão macio. Não tem nenhuma rebarba robusta, sem sotaque nasal, como quase todos aqui do Norte. Meu tio e Mr. Hall dizem que a senhora é uma boa leitora, *mamã*. Mr. Hall disse que nunca ouviu qualquer mulher ler com tanta propriedade de expressão ou pureza de sotaque.

– Eu gostaria de poder retribuir o elogio, Cary; mas, realmente, a primeira vez que ouvi o seu excelente amigo ler e pregar, eu não consegui entender seu sotaque daqui do Norte.

– Você poderia me ensinar, mamãe? Será que eu consigo falar mais ou menos como a senhora?

– Não, eu quase desejei o que você tem, minha filha. Como eu queria ter o seu polimento. Seu pai, Caroline, naturalmente falava bem; bem diferente do seu digno tio, falava corretamente, delicadamente e sem problemas. Você herdou esse presente.

– Pobre papai! Por que ele não foi um homem bom?

– Porque ele era como ele era e, felizmente, de quem você, minha criança, não pode formar uma concepção. Eu não posso dizer, é um mistério profundo, a chave está nas mãos de seu Criador e lá eu vou deixá-la.

– Mamãe, você manteve a costura, eu sou uma inimiga da costura, coloque-a longe. Ela ocupa seu colo e eu o quero livre para minha cabeça. Onde está o livro? Aqui está o seu favorito, Cowper.

Mrs. Pryor gostava de ouvir a filha lhe dizer: "*mamã*, faça isto; *mamã*, faça o favor de ir buscar aquilo; *mamã*, leia-me qualquer coisa; cante um pouco, *mamã*."

Estas importunações eram um prazer para aquela mãe. Se alguma vez ela atrasou algum cumprimento, foi apenas para ouvi-las repetidas e desfrutar da metade do lúdico, da urgência macia e meio petulante de sua filha. E então, quando ela cedia, Miss Caroline dizia maliciosamente:

– A *mamã* acaba por me fazer uma menina mimada. Eu sempre pensei que seria muito bom ser mimada por alguém!

E Mrs. Pryor tratava a filha com todo o mimo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXVI

OceanofPDF.com

Os Cadernos Antigos

Quando os habitantes de Fieldhead regressaram a Briarfield, Miss Caroline Helstone estava quase restabelecida. Miss Keeldar, assim que chegou, foi visitá-la.

Uma chuva fina caía sobre as flores tardias e sobre os arbustos que a aproximação do outono amarelecia. Ouviu-se a porta do jardim girar nos gonzos e diante da janela passou a silhueta familiar de Miss Keeldar. Ao entrar no quarto demonstrou seus sentimentos à sua maneira; quando estava perturbada, quer fosse de temor, de alegria, ela falava pouco. Raras vezes permitia que sua boca, ou mesmo os olhos, traíssem a emoção de que estava tomada. Apertou Miss Helstone nos braços, contemplou-a, deu-lhe um beijo e, em seguida, perguntou-lhe:

– Está melhor?

E um minuto depois acrescentou:

– Vejo que está realmente livre do perigo, mas tome cuidado. Foi Deus quem lhe devolveu a saúde e não deseja que ela fique exposta a novos abalos.

Continuou a falar da sua viagem com empolgação. De quando em quando seus olhos voltavam-se para Miss Helstone. Podia ler naquele olhar uma profunda solicitude, um pouco de emoção e também de espanto.

“Ela está certamente melhor”, dizia sua expressão, “mas como está fraca! Quanto perigo ela correu!”

De repente o seu olhar incidiu sobre Mrs. Pryor.

– E quando a minha preceptora voltará para junto de mim? – interrogou Miss Keeldar.

– Posso contar-lhe tudo? – perguntou Miss Helstone à mãe.

Como a autorização lhe fora concedida por um gesto, ela informou Miss Keeldar do que se passara durante a ausência dela.

– Muito bem – respondeu sem demonstrar espanto. – Muito bem, mas para mim não é novidade.

– Como? Então você sabia?

– Há muito que eu já tinha adivinhado tudo. Eu conhecia parte da história de Mrs. Pryor, não por ela própria, mas por outros. Conhecia todos os pormenores do caráter e da carreira de Mr. James Helstone. Uma tarde de conversa com Mrs. Mann foi suficiente, pois ela costuma citar Mrs. James Helstone como exemplo, como uma dessas lanternas vermelhas que ela usa para alertar suas filhas para que se desviem do caminho do casamento. Certa vez perguntei a Mr. Yorke sobre este assunto e ele me disse: “Shirley, minha filha, se quer saber alguma coisa sobre Mr. James Helstone, só lhe direi que era um homem tigre. Era belo, depravado, terno, falso, delicado e cruel.” Não chore, Caroline, nunca mais falemos dele.

– Não estou chorando, Shirley! Ou, se estou, não é nada. Continue: não seria minha amiga se me ocultasse a verdade.

– Felizmente eu já disse quase tudo o que tinha a lhe dizer, exceto que o seu próprio tio confirmou as palavras de Mr. Yorke, pois, como sabe, ele detesta a mentira. Minha senhora – prosseguiu Miss Keeldar, dirigindo-se a Mrs. Pryor – pensou, por acaso, que eu a veria todos os dias ao lado de sua filha e não observaria as enormes semelhanças que têm em muitas coisas? Perdoe-me, mas tirei minhas próprias conclusões. Tirei-as e se mostraram exatas. Começo a me achar perspicaz.

– E não me disse nada? – replicou Miss Helstone, que conseguira dominar sua emoção.

– Nada. Não me achava autorizada a dizer uma só palavra sobre esse assunto.

– Mas isso não combina com sua maneira de ser, Shirley!

– Por quê?

– Você não é reticente, é francamente comunicativa.

– Posso ser comunicativa e saber, contudo, até onde devo ir. Mostrando o meu tesouro, posso esconder uma pérola ou duas; uma pedra curiosa ou gravada; um amuleto, do qual eu própria raramente me permita contemplar seu místico fulgor.

****

Mal Miss Caroline ganhou forças suficientes, Miss Keeldar reclamou sua presença diária em Fieldhead.

Os Sympsons eram gente devota, e por isso a sobrinha do pastor foi acolhida por eles com cortesia. Mr. Sympson era um homem que reunia uma respeitabilidade sem mácula; um temperamento repugnante; devotos princípios e um espírito mundano. A sua esposa era uma excelente senhora, paciente, benévola e educada. A sua educação fora baseada num sistema de vistas estreitas, polvilhada de certos preconceitos sobre alguns excelentes princípios e uma rígida casca de beatice.

As filhas eram modelos do seu sexo. Eram altas, cada uma com o seu nariz romano. A sua educação fora irrepreensível. Tudo o que faziam era bem-feito. Seus espíritos foram cultivados pela história e pela leitura de livros mais sólidos. Sabiam de cor certo código de leis sobre como deviam falar e como deviam se comportar. Elas próprias nunca se desviavam do curioso caminho traçado por esse código; era com um secreto e silencioso pavor que presenciavam nos outros a falta de cumprimento dele.

Harry Sympson, o único rapaz, e o mais novo da família, tinha quinze anos. Estava geralmente na companhia do preceptor. Quando não estava

com este, era para procurar a sua própria prima. Este rapaz diferia das irmãs: era baixo, manco e pálido. Os seus grandes olhos brilhavam com certa melancolia nas órbitas profundas. Habitualmente eram mais escuros do que claros, mas podiam-se iluminar; em certos momentos, contudo, não brilhavam, mas fuzilavam. Uma emoção podia ao mesmo tempo fazer com que lhe viesse a cor ao rosto ou dar decisão aos seus movimentos de enfermo. A mãe de Harry tinha um fraco por ele, achava que as suas particularidades eram um sinal de predestinação. “Ele não é como as outras crianças,” pensava a mãe. Julgava-o um novo Samuel e desde o berço o destinara a Deus. Portanto, o rapazinho preparava-se para estudar Teologia. Mr. Sympson e as suas filhas, incapazes de compreender o rapaz, deixavam-no entregue a si próprio. No entanto, Harry era o favorito de Miss Keeldar.

No meio desse círculo familiar, ou antes, fora dele, girava como um satélite Louis Moore, o preceptor.

Sim, ele era o satélite da família Sympson, a ela preso, contudo, distinto. Estava sempre presente, porém sempre mantido a distância. Cada membro dessa correta família tratava-o com dignidade. O patriarca era delicado, por vezes irritável como era de se esperar de um temperamento pouco sociável. A mãe, como era uma excelente mulher, tinha para com ele certas atenções, porém, conservava toda a rigidez. As filhas viam nele uma abstração e não um homem. Nada podia ultrapassar a reserva da sua conduta para com ele.

Nada deixou mais espantada Miss Helstone do que descobrir que o seu primo não encontrava em Fieldhead absolutamente nenhuma simpatia amigável. Para Miss Keeldar, ele era apenas um simples professor; para as respeitáveis misses Sympson, porventura coisa nenhuma.

Quanto ao próprio Louis Moore, parecia habituado àquele gênero de vida e resignado a suportá-lo durante um tempo indeterminado. Nunca ria e raras vezes falava em público quando a família estava reunida. Nunca o ouviam emitir uma queixa; cumpria escrupulosamente seus deveres. O seu aluno, contudo, gostava dele, mas Louis parecia não depender de atenções para viver. Quando a sua prima, Miss Caroline, lhe fez gentis ofertas de amizade, não a encorajou, mais a evitava do que a procurava. Só uma criatura viva, além do seu aluno, obtivera naquela morada a sua afeição. Era o intratável Tártaro, que, rosnando aos outros, mostrava por ele uma singular parcialidade, de modo que, às vezes, quando Louis Moore entrava na sala de jantar e se sentava à mesa sem ninguém lhe prestar atenção, Tártaro levantava-se do seu lugar aos pés de Miss Shirley e ia instalar-se junto do taciturno professor.

– Shirley – disse Miss Helstone certa vez em que se encontravam a sós no pavilhão de verão – sabia que o meu primo Louis era preceptor da família de seu tio antes de os Sympsons terem vindo pra cá?

A resposta de Miss Keeldar não foi tão rápida como era do seu costume.

– Sim... sabia, naturalmente...

– Admira-me que não tenha me contado.

– Por que se surpreende com isso?

– Parece-me curioso. Não posso compreender. Você fala muito e livremente, como é possível que nunca me tenha dito uma palavra a esse respeito?

– Porque calhou assim – e Miss Keeldar começou a rir.

– Singular criatura! – continuou Miss Helstone – eu julgava que a conhecia bem, mas começo a reconhecer que estava enganada. Conservou-se muda como um túmulo a respeito de minha mãe e eis agora outro

segredo. Mas o motivo pelo qual conservou esse segredo é que é para mim um mistério.

– Nunca fiz segredo disso, pois não tinha motivo nenhum para fazê-lo. Se você tivesse me perguntado quem era o preceptor de Harry, tinha-lhe dito, aliás, eu julgava que você soubesse.

– Não é só isso o que eu estranho. Você não gosta do pobre rapaz. Por quê? Será porque considera servil sua posição? Gostaria que o irmão de Robert ocupasse um lugar mais elevado?

Miss Keeldar murmurou algo que Miss Caroline Helstone não compreendeu, mas o tom parecia ser de desprezo. Num movimento de orgulhosa impaciência, arrancou uma rosa duma haste que entrava pela janela aberta.

– Louis Moore é irmão de Robert Moore de Hollow, um parentesco muito próximo – repetiu Miss Caroline com firmeza. – Embora a natureza não lhe tenha dado traços tão belos ou um ar tão nobre como o do irmão, o sangue dele é igualmente puro, e seria ele um cavalheiro se fosse livre.

– Judiciosa, humilde e piedosa, Cary! – exclamou ironicamente Miss Shirley Keeldar. – Escutai-a homens e anjos! Não deveríamos desprezar a fealdade, ou uma ocupação laboriosa e honesta, não é assim? Repare no objeto de seu elogio. Ele está ali no jardim – continuou Miss Keeldar, mostrando Louis Moore, que se aproximava lentamente caminhando.

– Ele não é feio, Shirley, não deixa de ter nobreza, é apenas triste. O silêncio esconde o seu espírito, mas julgo-o inteligente e pode estar certa de que, se não tivesse qualquer coisa muito notável na sua natureza, Mr. Hall nunca teria procurado a companhia dele como tem feito.

Miss Keeldar riu, depois riu ainda mais, sempre com seu ar sarcástico.

– Bem, muito bem – disse ela. – Visto ele ser amigo de Mr. Hall e irmão de Mr. Moore, consentiremos em tolerar a sua existência, não é assim, Caroline? Você acredita que ele seja inteligente, não é? Não é totalmente idiota, há qualquer coisa de notável na sua natureza, isto é, quero dizer que ele não é totalmente um rústico. Bom, as suas observações influenciaram-me e, para lhe provar, vou lhe dirigir a palavra se ele passar por aqui.

Louis Moore aproximou-se do pavilhão, porém não reparou que estava ocupado e se sentou no limiar. Tártaro, que se tornara o seu companheiro habitual, seguira-o e tinha se deitado aos seus pés.

– Meu velho companheiro – disse Louis, acariciando a orelha escura do cão – o sol de outono tanto brilha para nós como para os que são mais ricos e mais belos. O jardim não é nosso, mas nem por isso deixamos de gozar sua beleza e seu perfume, não é assim?

Continuou sentado, em silêncio, fazendo carinho em Tártaro que se babava num excesso de afeição. No arvoredo circundante começou a levantar-se um leve rumor, qualquer coisa esvoaçava de um lado para outro com a leveza das folhas. Eram passarinhos que vieram pousar na relva, à distância respeitosa, e começaram a saltitar como se esperassem qualquer coisa.

– Estes diabinhos castanhos recordam-se de que lhes dei de comer outro dia! – disse ainda Louis. – Querem alimento. Hoje me esqueci de trazer-lhes, encantadores bichinhos, não tenho uma única migalha comigo.

Enfiou a mão no bolso e tirou-a vazia.

– A imprevidência é fácil de reparar – murmurou Miss Keeldar, que estava à escuta.

Tirou um pedaço de pão do bolso, do qual nunca faltava qualquer coisa para jogar às galinhas, aos patinhos ou aos pardais, esmigalhou e,

inclinando-se para Louis, colocou as migalhas em sua mão.

– Aqui tem – disse ela. – Há uma Providência para os imprevidentes.

– Obrigado. Esta tarde de setembro está deliciosa – disse ele, que, sem se desconcertar de modo algum, atirou tranquilamente as migalhas aos pássaros.

– Mesmo para você? – perguntou Miss Keeldar.

– Tão agradável para mim como para qualquer monarca.

– O senhor tem um sentimento de triunfo áspero e solitário por tirar seu prazer da natureza, das coisas inanimadas e dos seres mais ínfimos da criação.

– Solitário, mas não áspero. Junto dos animais sinto que sou filho de Adão, herdeiro daquele a quem foi dado o domínio sobre tudo aquilo que se move. O seu cão gosta de mim e segue-me; suas pombas vêm esvoaçar diante de meus pés; sua égua conhece-me tão bem como à miss e obedece-me melhor.

– E as minhas rosas dão-lhe seu perfume; as minhas árvores, sua sombra.

– E... – continuou Louis – nenhum capricho me pode privar desses prazeres, são meus.

Afastou-se. Tártaro foi atrás dele como que preso pelo dever e pelo afeto. Miss Shirley Keeldar ficou no limiar do pavilhão olhando os dois se afastarem calmamente. Miss Caroline reparou na expressão dela, olhando o preceptor que se afastara, empalidecera, e seu orgulho parecia sangrar interiormente.

– Ofendem-no muitas vezes. Isso é o que o torna melancólico – disse Miss Helstone.

– Você viu? – replicou Miss Keeldar, com irritação. – Sempre que conversamos sobre qualquer coisa, discutimos. Por isso deixemo-lo de lado

e nunca mais falemos nele.

“Suponho que ele tenha se comportado dessa maneira mais de uma vez”, pensou Miss Caroline. “Deve ter sido isso que afastou Shirley dele. Contudo, é estranho que ela não dê o desconto do seu caráter às circunstâncias. É raro vê-la tão inconsiderada ou tão irritável.”

O testemunho de dois amigos de Miss Helstone sobre seu primo Louis Moore aumentou a boa opinião que ela fazia dele. William Farren, cuja cottage tinha ido visitar em companhia de Mr. Hall, considerava-o verdadeiro cavalheiro como não havia outro em Briarfield. Mr. Hall, em resposta a uma pergunta de Miss Helstone sobre o que pensava de Louis Moore, respondeu francamente que não encontrara ainda melhor companheiro desde que saíra de Cambridge.

– Mas ele é tão grave! – objetou Miss Helstone.

– Grave? É o mais alegre companheiro do mundo! Cheio de vivacidade, de bom humor e originalidade. Nunca houve excursão que me desse tanto prazer como a que fiz com ele aos lagos. Sua inteligência e seu gosto são de tal modo superiores que nos sentimos felizes por estar sob sua influência; e quanto ao seu caráter e sua natureza, são os melhores que se pode encontrar.

– Em Fieldhead ele parece triste e julgo-o um pouco misantropo.

– Oh! Os Sympsons são pessoas muito respeitáveis, mas incapazes de o compreenderem. Dão muita importância à formalidade e à etiqueta, o que não pode agradar a Louis. Lá ele é um peixe fora d’água.

– Não me parece que isso agrade a Miss Keeldar.

– Ela não o conhece. De outra forma não deixaria de prestar justiça às suas qualidades – disse Mr. Hall.

– Bem, suponho que ela não o conheça – murmurou Miss Helstone.

De acordo com esta hipótese, esforçou-se por compreender o que lhe parecia inexplicável, mas depressa foi obrigada a recusar os preconceitos de Miss Keeldar, até mesmo a desculpa da ignorância.

Um dia aconteceu de Miss Caroline Helstone encontrar Harry na sala de estudos e notou que ele possuía um amável e afetuoso caráter. O jovem estava absorvido por certa experiência mecânica, pois sua enfermidade o levava a procurar as ocupações sedentárias, portanto, começou a procurar no escritório de seu preceptor cera ou barbante, necessários para o seu trabalho. Louis Moore estava ausente, pois Mr. Hall tinha vindo buscá-lo para darem um grande passeio. Harry não pôde encontrar imediatamente o objeto da sua investigação, mas, ao abrir uma última gaveta, deparou-se não com um rolo de barbante nem com um bocado de cera, mas com um pequeno monte de cadernos de capas cor de mármore atados com uma fita. Harry olhou para aquele achado espantado:

– Que velharias que Mr. Moore guarda na sua escrivaninha! – disse ele. – Eu não conservaria tão cuidadosamente os meus exercícios.

– Que é?

– São velhos cadernos de exercícios.

Atirou o maço para Miss Helstone. O embrulho pareceu-lhe tão limpo por fora que teve vontade de conhecer seu conteúdo.

– Se são apenas cadernos de exercícios, julgo que poderei abri-los.

– Oh! Sim, certamente. A escrivaninha de Mr. Moore é metade minha. Ele deixa que eu guarde aqui as minhas coisas e eu lhe dou licença para ver isso.

Os cadernos continham temas de francês escritos numa caligrafia apertada, mas duma nitidez e clareza notáveis. A letra era bem conhecida de Miss Caroline, além disso, no fim de cada tema, podia ler-se: *“Shirley Keeldar, Sympson Grove”*, e a data era de quatro anos atrás.

Tornou a amarrar o maço, muito admirada, e conservou-o na mão durante um instante. Tinha a impressão de que ao abri-lo violara um segredo.

– Isso era de Shirley – disse Harry, indiferente.

– Foi você quem os deu a Mr. Moore? Ela deve ter escrito para Mrs. Pryor, suponho.

– Não. Ela os fez em meu quarto de estudos, em Sympson Grove, quando vivia lá conosco. Mr. Moore ensinava-lhe francês. É a língua materna dele.

– Ahn! Ela era uma boa aluna, Harry?

– Era um pouco selvagem e ria o tempo todo, mas eu gostava da presença dela. Tornava as horas das lições encantadoras. Ela também aprendia depressa, não sei como. O francês não era nada para ela. Falava-o corretamente, tão corretamente como Mr. Moore.

– Ela era uma aluna obediente?

– Dava muito trabalho sob certo ponto de vista; era estouvada, mas eu gostava dela. Estou desesperadamente apaixonado pela Shirley – o menino riu.

– *Desesperadamente apaixonado*, ora veja! Sabe lá o que está dizendo, Harry?

– Estou desesperadamente apaixonado por ela. É a luz dos meus olhos. Ainda ontem eu o disse a Mr. Moore.

– Ele deve tê-lo censurado pelo seu exagero.

– Não. Nunca briga comigo como fazem as professoras. Estava lendo e limitou-se a sorrir sem tirar os olhos do livro; disse que se Miss Keeldar era só isso, ela era menos do que ele tinha pensado, visto eu ser apenas um rapazote míope e de vista fraca. Receio bem não passar de um desgraçado, Miss Caroline. Sou um estropiado, não sei se sabe.

– Não se aflija com isso, Harry. Você é um rapazinho muito simpático e, se Deus não lhe deu saúde e força, dotou-o com um bom caráter, um coração e um cérebro excelentes.

– Mas as pessoas me desprezarão. Às vezes imagino que você e Shirley me desprezam.

– Ouça, Harry. Em geral, não gosto dos rapazes da sua idade, confesso que tenho até uma grande aversão por eles. Vejo neles uns jovens celerados que sentem um prazer bárbaro em torturar os pássaros, os insetos, os gatinhos e tudo o que é mais fraco do que eles. Mas você é tão diferente que sinto uma viva simpatia por você. Tem quase tanto raciocínio como um homem, muito mais, sabe Deus, do que grande número de homens que eu conheço. Você gosta de ler e é capaz de falar com bom senso daquilo que leu.

– Gosto de ler. Sei que tenho tino e também bons sentimentos, mas é só isso.

Nesse momento, Miss Keeldar entrou.

– Harry – disse ela – trouxe um lanche para você. Fui eu própria quem o preparou.

Colocou na mesa um copo de leite, um prato de qualquer coisa bastante parecida com a sola de um objeto que tinha a forma dum garfo de grelhar.

– O que os dois estão fazendo aí mexendo na escrivaninha de Mr. Moore?

– Estamos examinando os seus cadernos – respondeu Miss Helstone.

– Os meus cadernos velhos?

– Cadernos com temas em francês. Veja! Devem considerá-los valiosos, pois estão cuidadosamente conservados.

Miss Helstone apontou para o maço e Miss Keeldar o pegou.

– Eu não sabia que ainda existiam – disse ela. – Supunha que tudo isso já servira há muito para acender a lareira ou para fazer os papelotes das criadas de Sympson Grove. Por que é que os conservou, Harry?

– Não fui eu. Nunca teria pensado em tal coisa. Nunca me passou pela cabeça que os cadernos dos temas pudessem servir para qualquer coisa. Mr. Moore foi quem os guardou numa das gavetas mais escondidas de sua escrivaninha. Com certeza os tinha esquecido lá.

– É isso. Decerto se esqueceu deles – repetiu Miss Keeldar. – Estão extremamente bem escritos – disse ela com satisfação.

– Que mocinha estouvada você era nesse tempo, Shirley! Estou a vê-la perfeitamente; era tão esbelta e tão leve que, embora fosse alta, eu podia carregá-la se quisesse. Usava seus inumeráveis caracóis caídos pelos ombros e os vestidos flutuantes. Divertia Mr. Moore, pelo menos no princípio; creio que depois o fazia se arreliar.

Miss Keeldar passou as folhas manuscritas e ficou calada. Um instante depois ela disse:

– Isto foi escrito numa tarde de inverno; é a descrição de um efeito da neve.

– Lembro-me – disse Harry. – Mr. Moore, depois de tê-la lido, exclamou: “Eis um francês dominado.” Elogiou-a e disse que o texto estava muito bom. Em seguida você o fez desenhar a passagem que tinha descrito.

– Então não se esqueceu de nada, Harry?

– De nada. Nessa tarde fomos todos censurados por não termos descido para o chá quando fomos chamados. Lembro-me do meu preceptor sentado no seu cavalete e a Shirley por detrás dele segurando uma vela e vendo-o desenhar a rocha coberta de neve, o pinheiro, o gamo deitado debaixo dele e, por cima, a lua crescente.

– Onde estão esses desenhos, Harry? Caroline certamente gostaria de vê-los.

– Estão na pasta dele, mas está fechada e ele leva a chave.

– Você pode pedi-la quando ele retornar?

– A Shirley é que devia pedir isso a ele. Por que mudou? Está tão reservada com ele. Conduz-se perante ele como uma senhora importante.

– Shirley – você é, na verdade, um enigma! – murmurou Miss Caroline. – E eu que pensava merecer sua confiança! Inexplicável criatura! Até um rapazinho a censura.

– Esqueci os bons tempos de outrora, sabe, Harry – disse Miss Keeldar em resposta ao moço Sympson e, como se não tivesse escutado Miss Helstone, calou-se.

– Coisa que nunca deveria ter feito, Shirley. Não é digna de ser a estrela da manhã de um homem se tem uma memória tão fraca.

– Estrela da manhã de um homem? Que coisa! E quando diz homem, refere-se a si próprio, pelo que vejo. Vamos, beba o seu leite enquanto está quente!

O rapazinho ergueu-se e, a manquejar, dirigiu-se para a lareira. Miss Keeldar o tinha deixado próximo ao fogo.

– Meu pobre querido manquinho! – murmurou Miss Keeldar na sua voz mais doce, ajudando-o a caminhar.

– De quem gosta mais: de mim ou de Sam Wynne, Shirley? – perguntou Harry, sentando-se na poltrona.

– Oh! Harry! Eu detesto o Sam Wynne, ao passo que você é o meu favorito.

– De mim ou de Mr. Malone?

– Também mais de você mil vezes.

– Mas eles são homens que já têm suíças e seis pés de altura.

– Ao passo que você, Harry, será sempre um pálido manquinho.

– Sim, bem sei.

– Isso não o deve entristecer. Não lhe tenho dito muitas vezes que há um homem quase tão pequeno, tão pálido, tão doente como você, e que, contudo, é tão poderoso como um gigante, tão valente como um leão?

– O almirante Horácio?

– O almirante Horácio, visconde Nelson e duque de Brounty, grande pelo coração como um titã, valente e heroico como os mais valentes dos tempos da cavalaria, que dirige o poderio da Inglaterra e comanda suas forças no mar.

– Um grande homem, mas eu não sou guerreiro, Shirley. E, contudo, o meu espírito é tão impaciente que arde dia e noite. O porquê, eu não sei dizer. Para ser, para agir, para sofrer, creio eu.

– Harry, o que o atormenta é sua inteligência que é mais forte e mais velha do que o seu corpo. Seja paciente, dê tempo ao tempo. Nem será soldado, nem marinheiro, Harry, mas, se viver, será, escute a minha profecia, um autor, talvez um grande poeta.

– Um escritor? É claro! É uma iluminação para mim! Eu quero... quero escrever um livro que lhe possa dedicar.

– Sim, você o escreverá. Meu Deus! Mas o que digo? E que bem podem produzir as minhas palavras? Harry, agora coma e viva.

– De boa vontade! – gritou uma voz que vinha do exterior. – Reconheço o cheiro do almoço. Miss Keeldar, posso entrar e tomar minha parte?

– Mr. Hall! – exclamou Miss Keeldar. Era Mr. Hall e Louis Moore que regressavam do passeio.

– Na sala de jantar há um lanche decente e uma reunião de pessoas decentes sentadas à volta dele. Pode juntar-se a essa sociedade e partilhar da

festa se assim lhe convém. Mas, se o seu mau gosto o incita a preferir o lanche sem cerimônia que temos aqui, dê-nos o prazer da sua companhia.

– O cheiro agrada-me e deixarei que o meu nariz faça a escolha – respondeu Mr. Hall, que, nesse momento, entrou acompanhado por Louis Moore.

Os olhos deste último caíram sobre sua escrivaninha em desordem.

– Gatunos! – exclamou ele. – Harry, merece um corretivo.

– Então o dê a Shirley e a Caroline, pois as culpadas são elas – respondeu Harry, pensando mais em fazer-se teatral do que em dizer a verdade.

– Traidor e falsa testemunha! – exclamaram ao mesmo tempo as duas jovens.

– Não tocamos em nada, senão no mais louvável espírito de investigação.

– Não duvido – disse Louis Moore e, coisa rara, sorriu.

– E onde remexeram nesse louvável espírito de investigação? – ele olhou para a gaveta aberta. – Esta gaveta está vazia, onde está seu conteúdo? Quem o levou?

– Aqui está. Aqui está! – apresentou Miss Helstone o pequeno maço e colocou-o em seu lugar.

Louis Moore fechou a gaveta com uma chave minúscula que trazia metida na corrente do relógio, colocou em ordem os outros papéis, fechou a secretária e sentou-se sem fazer mais nenhuma observação.

– Julguei que fosse ralhar muito mais – provocou Harry. – Estas meninas merecem uma boa reprimenda.

– Entrego-as à sua própria consciência.

– Suas consciências as acusam tanto de crimes premeditados como de crimes praticados, Mr. Moore. Se eu não estivesse aqui, teriam feito à sua

pasta o mesmo que fizeram à sua escrivaninha, mas eu disse-lhes que estava fechada à chave.

– Quer lanchar conosco? – perguntou Miss Keeldar, dirigindo-se a Louis Moore e parecendo desejosa de mudar o rumo da conversa.

– Decerto, se me dá licença.

– Terá que se contentar com leite fresco e bolo de Yorkshire.

– Seja o leite fresco – disse ele. – Mas, quanto ao seu bolo de aveia!... – e fez uma careta.

– Ele não o pode comer – disse Harry – parece pão de farelo feito com levedura azeda.

– Então, por especial favor, conceder-lhe-emos alguns bolos secos.

Miss Keeldar tocou a campainha e deu suas ordens, que foram logo executadas. Ela própria serviu o leite e distribuiu o pão pelo pequeno círculo que rodeava o fogo brilhante da sala de estudos. Tomou em seguida o seu lugar e, ajoelhando-se diante do fogo, de garfo em punho, desempenhou com habilidade suas funções. Mr. Hall, que gostava de tudo quanto era fantasia, e a quem o bolo grosseiro de aveia parecia, pela força do hábito, tão saboroso como um maná, estava no melhor humor possível, pois conversava e ria alegremente. Louis Moore, portanto, pôs sua alegria em sintonia com a de Mr. Hall. Não ria muito, mas com seu ar mais tranquilo do mundo, dizia coisas imensamente espirituosas. Provou ser aquilo que Mr. Hall dizia, uma pessoa agradabilíssima.

Naquele momento, Miss Keeldar não se mostrava fria nem altiva. Não parecia se dar conta da humildade das funções que estava desempenhando, ou, se dava, era apenas para se sentir bem com isso. O seu orgulho não se revoltava de modo algum por ver o preceptor de seu primo fazer parte da roda para a qual desempenhava o ofício de criada. Pelo seu

lado, Louis Moore aceitava da mão dela a sua parte e fazia isso com tanta naturalidade como se ele fosse igual à herdeira.

– Já pegou calor demais – disse ele depois de ela ter conservado o garfo na mão durante algum tempo. – Deixe-me tomar o seu lugar

E tirou-lhe o garfo com uma espécie de calma e autoridade a que ela se submeteu passivamente.

– Gostaria de ver suas pinturas, Louis – disse Miss Caroline, acabando o suntuoso lanche. Mr. Hall também demonstrou interesse.

– Para lhe ser agradável, farei coro com você, mas pela parte que me toca, bastou-me o que lhe aturei como artista no Cumberland e no Westmoreland. Mais de uma vez apanhamos uma carga de água nas montanhas por causa da obstinação dele em ficar sentado no banco, a fixar os efeitos das nuvens, do nevoeiro que se formava, das aberturas de sol, e sei lá mais o quê!

– Aqui está a pasta – disse Harry, trazendo-a numa das mãos e apoiando-se com a outra na muleta.

Louis a pegou, porém permaneceu sentado como se esperasse que alguém falasse. Parecia não querer abri-la, a menos que Miss Keeldar se mostrasse interessada na exibição.

– Faz-nos esperar para aguçar a nossa curiosidade – disse ela.

– Sabe abri-la muito bem – disse-lhe Louis, dando-lhe a chave. – Uma vez partiu-me a fechadura, experimente agora.

Ela abriu e monopolizou o conteúdo. Foi a primeira a ver os desenhos todos. Gozou esse favor, se favor era, em silêncio. Louis Moore conservava-se de pé atrás dela, olhando por cima do seu ombro e depois de ela ter acabado e, estando os outros ainda a olhar, abandonou o seu posto e começou a passear pela sala.

Ouviu-se o rodar de uma carruagem, a sineta da porta grande vibrou e Miss Keeldar estremeceu.

– São visitas – disse ela – e virão me chamar; estou em lindo estado para recebê-las; Harry e eu passamos a metade da manhã no jardim colhendo frutas. Que feliz é a mulher do chefe indígena! Que não tem deveres de salão a cumprir e pode se deixar ficar sentada num canto sossegada, a tecer mantas ou acarinhar os filhos. Quero emigrar para as florestas do Oeste.

Louis Moore sorriu.

– Para se casar com um Nuvem Branca ou um Grande Búfalo e, depois do casamento, consagrar a doce tarefa de lavrar o campo do seu senhor enquanto ele estiver a fumar seu cachimbo ou a beber aguardente?

Miss Keeldar parecia disposta a responder Louis, mas nesse momento a porta da sala de estudos se abriu para dar passagem a Mr. Sympson. Este personagem pareceu petrificado ao ver o grupo reunido diante do fogo.

– Julgava que estava só, Miss Keeldar, e encontro uma reunião completa!

E, evidentemente, a julgar pelo seu ar chocado e escandalizado, se não tivesse reconhecido num dos presentes um eclesiástico, não teria deixado de fazer um sermão a Miss Keeldar sobre seus hábitos extravagantes, mas o respeito pela igreja reteve-o.

– Queria apenas lhe anunciar – prosseguiu friamente – que a família de Walden-Hall, Mr. Wynne e a esposa, as misses e Mr. Sam Wynne, encontra-se no salão.

Depois cumprimentou Mr. Hall e se retirou.

– A família de Walden-Hall! Não me podia acontecer coisa pior! – murmurou Miss Keeldar.

Deixou-se ficar sentada com um ar um tanto contrariado e pouco disposta a apresentar-se no salão. O calor do fogo tinha lhe avivado as cores; durante a manhã o vento alvoroçara-lhe os cabelos negros e ela vestia apenas um leve e amplo vestido de musselina; o xale que trazia estava negligentemente enrolado à cintura. No seu todo havia algo de indolente, de selvagem, pitoresco e singularmente belo; mais belo do que habitualmente, como se qualquer emoção interior lhe tivesse dado à fisionomia uma frescura e uma expressão nova.

– Shirley, Shirley, deve ir – murmurou Miss Helstone.

– Ainda queria saber por quê.

Ergueu os olhos e, no espelho que ficava em cima da lareira, viu que Mr. Hall e Louis Moore a contemplavam com gravidade.

– Sim – disse ela, sorrindo – se a maioria das pessoas presentes me garante que a gente de Walden-Hall tem direito às minhas civilidades, submeterei as minhas inclinações aos meus deveres. Quem acha que eu devo ir, levante o braço.

Consultou novamente o espelho, que refletiu um voto unânime contra ela.

– Deve ir – disse Mr. Hall – a senhora tem deveres. Não lhe é permitido fazer apenas aquilo que lhe apetece.

Louis Moore apoiou:

– Bravo, bravo!

Miss Helstone, aproximando-se da amiga, alisou-lhe os caracóis rebeldes, deu-lhe um jeito no traje, que a tornou mais composta, menos artística, e Miss Keeldar foi posta fora da sala, porém, protestando contra a expulsão com um esgar significativo.

– Há na pessoa dela um encanto curioso – disse Mr. Hall depois que Miss Keeldar saiu. – Agora – acrescentou ele – tenho que ir embora porque

Mr. Sweeting foi visitar a mãe e tenho dois enterros para fazer.

– Harry, volte aos seus livros. Está na hora da lição – disse Louis Moore.

– *Um encanto curioso*... – repetiu o aluno quando ele e o mestre ficaram sozinhos. – É certo. Ela é como uma feiticeira branca, isso sim. Não acha? – perguntou o rapazinho.

– De quem está falando?

– Da minha prima Shirley.

– Nada de perguntas ociosas. Estude em silêncio.

A fisionomia de Louis Moore assumiu um tom severo. Harry conhecia aquela disposição, que raramente se mostrava em seu professor, mas quando aparecia, temia-a. Obedeceu.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXVII

OceanofPDF.com

A Primeira Mulher Sábia

Os temperamentos de Miss Keeldar e de seu tio não podiam harmonizar-se. Ele era irritável e ela independente. Ele era despótico e ela gostava da liberdade. Ele era positivo e ela romanesca. Não fora sem objetivo, contudo, que ele viera a Yorkshire. A sua missão era clara e pretendia desempenhá-la conscienciosamente. Queria casar a sobrinha com um partido respeitável, confiá-la à guarda de um marido e lavar as mãos para sempre.

A desgraça era que, desde a infância, Miss Keeldar e ele tinham estado sempre em desacordo sobre o significado da palavra respeitável. Ela nunca aceitara a definição imposta por ele e não era de se esperar que, no ato mais importante de sua vida, fosse consentir em admiti-la.

Não tardou a surgir ocasião dessa verificação.

Mr. Wynne pediu a mão de Miss Keeldar para seu filho, Samuel Fawthrop Wynne.

– Perfeitamente respeitável! – disse Mr. Sympson. – Uma bela propriedade, livre de quaisquer encargos, sólida fortuna e boa família. É preciso que este casamento se realize.

Mandou chamar a sobrinha ao salão, fechou-se com ela, comunicou-lhe a proposta, deu-lhe sua opinião e pediu o consentimento dela.

Miss Shirley Keeldar recusou.

– Não, não me caso com o Samuel de forma alguma!

– Mas, por quê? É preciso que me dê uma razão. De todos os pontos de vista, ele é mais digno do que a menina.

Ela estava de pé em frente à lareira. Estava pálida como o mármore da chaminé. Os seus olhos largos estavam dilatados, duros e chamejavam.

– E eu pergunto-lhe: de que ponto de vista é esse moço digno de mim?

– Tem duas vezes a sua fortuna e o dobro do senso comum. A família dele é tão respeitável como a sua.

– Mesmo que ele fosse cem vezes mais rico do que eu, não faria o voto de amá-lo.

– Queira dar-me a conhecer as suas objeções, por favor – pediu o tio.

– É um libertino desprezível e vulgar. Aceite isso como a primeira razão que me leva a desprezá-lo.

– Shirley Keeldar, estou chocado com a menina.

– A inteligência dele não atinge um nível que eu possa estimar; eis a segunda razão. Tem ideias estreitas, sentimentos corrompidos, gostos grosseiros e maneiras vulgares.

– Esse homem é respeitável e rico. Recusá-lo é sinal de presunção da sua parte.

– Recuso terminantemente! Não lhe consinto que me atormente mais a tal respeito!

– Tem a intenção de um dia se casar ou quer acabar celibatária?

– Não lhe dou o direito de me fazer semelhante pergunta.

– Poderei saber se espera que algum titular, que algum par do reino peça a sua mão?

– Duvido que um título do reino venha, algum dia, pertencer àquele a quem eu quereria poder conferi-lo.

– Se tivesse havido algum exemplo de insanidade na família, seria levado a julgá-la louca. A sua excentricidade e a sua teimosia atingem as raias da loucura. Tome cuidado! Desafio-a que manche o nosso nome com um casamento infame!

– O nosso nome! Serei acaso uma Sympson?

– Não, graças a Deus! Mas fica prevenida! Não quero que façam pouco de mim.

– Ora essa! Que sombra de autoridade tem o senhor sobre mim? Por que havia eu de temê-lo? Antes de me casar, estou decidida a respeitar, a admirar e a amar.

– E se o seu amor fosse por um mendigo?

– Nunca caberá a um mendigo, pois isso não é respeitável.

– A qualquer empregado inferior, a qualquer ator, ou autor de comédias, a qualquer...

– Continue, senhor. A qualquer o quê?

– A qualquer miserável escrevinhador, a qualquer...

– Não tenho nenhum respeito pelos escrevinhadores, mas tenho pela literatura e pelas artes. E, de tal ponto de vista, ainda queria saber como me poderia convir esse estúpido Mr. Wynne! É incapaz de escrever uma carta sem cometer dezenas de erros de ortografia e a única coisa que lê na vida é jornal desportivo. Era o escárnio da escola em Stilbro!

– O que ela pretende? Por que não são as leis mais severas! Dessa forma eu a obrigaria a tomar juízo!

– Console-se, meu tio. Mesmo que a Inglaterra fosse um país feudal e o senhor o *czar*, nem assim poderia obrigar-me a fazer esse casamento. Eu escrevo a Mr. Wynne recusando-o. Não se ocupe mais com este assunto.

Miss Keeldar – sobretudo, a sua fortuna – tinha por esse tempo feito sensação no distrito. Não houve menos de três pedidos de casamento, a seguir ao de Mr. Wynne, todos eles mais ou menos aceitáveis. Todos, por sua vez, foram apoiados pelo tio e sucessivamente recusados pela sobrinha. Muitas pessoas perguntavam a si próprias, tal como o tio, a quem pretendia ela conquistar, já que mostrava tão insolente desdém.

Por fim, os fofoqueiros julgaram ter encontrado a chave do enigma. O próprio tio supôs ter descoberto a verdade. Esta descoberta mostrou-lhe a sobrinha de um ponto de vista tão novo que modificou inteiramente a sua conduta para com ela.

Fiedhead tornara-se, havia pouco, demasiado pequena para conter ambos: a bondosa tia já não os podia reconciliar; as filhas já tremiam à vista das inúmeras discussões entre tio e sobrinha. Mas, conforme já disse, sobreveio uma mudança, Mr. Sympson se acalmou e a família sentiu-se tranquilizada.

O leitor já ouviu falar da aldeia de Nunnely, da sua velha igreja, da floresta, das ruínas do seu mosteiro. A aldeia tinha também um solar, a que se dava o nome de Priorado, uma residência mais antiga, maior, mais senhoril do que as de Briarfield ou Whinbury, e, além disso, tinha também o barão, um homem gentil de quem nem Briarfield nem Whinbury podiam orgulhar-se. Tal posse era, havia muitos anos, puramente teórica. O barão atual, um jovem que residira sempre numa província afastada, era desconhecido no seu domínio de Yorkshire.

Durante a estada de Miss Keeldar nas águas afamadas de Cliffbrigge, ela e os seus amigos tinham encontrado Sir Philip Nunnely, a quem tinham sido apresentados. Depois houve vários encontros. Ele parecia gostar da solidão, as suas maneiras eram despretensiosas, demasiado simples para serem chamadas de afáveis. Era mais tímido do que orgulhoso, bem longe de parecer tolerante com a sociedade deles, porém mostrava-se feliz ao lado dela.

Com um homem sem afetação, Miss Keeldar podia ligar-se facilmente. Conversou e passeou com Sir Philip: ela, a tia e as primas aceitaram várias vezes um lugar em seu iate.

No entanto, havia algumas sombras nesse quadro. *Sir* Philip tinha gostos literários, escrevia poesias, sonetos e baladas. Talvez Miss Keeldar achasse excessivo aquele recital de suas composições; talvez tivesse desejado mais riqueza nas rimas, mais harmonia nas medidas, mais frescura nas imagens, mais calor na inspiração. Pelo menos, mostrava-se reticente sempre que ele insistia no capítulo *poemas*, e fazia todo o possível para encaminhar a conversa para outra direção.

Sobre qualquer outro assunto ele era suficientemente sensato e ela gostava de conversar com ele sobre temas variados. Por vezes ele lhe fazia algumas perguntas sobre a sua própria, quase desconhecida, propriedade em Nunnely, e ela ficava encantada por respondê-las. Nunca omitia a descrição do velho Priorado, do parque selvagem, da velha igreja e da aldeia escondida em meio ao verde. Ela até o aconselhou a viver no solar dos seus antepassados.

Com certa surpresa, Sir Philip tomou seu conselho ao pé da letra e na época de que estamos tratando, pelos fins de setembro, chegou ao Priorado.

Não tardou em fazer uma visita a Fieldhead e esta primeira visita não foi a única. Depois já não lhe bastava ficar sentado com Miss Keeldar na sala onde outros podiam entrar e na qual, raramente, tinha a oportunidade de mostrar a ela as suas últimas composições. Ele queria conduzi-la através das alegres pastagens e pela margem das águas tranquilas, mas ela evitava esses passeios a sós. Sir Philip, contudo, organizou para ela recepções nas suas terras e na sua magnífica floresta.

Essas assiduidades rodearam Miss Keeldar de distinção. O espírito profético do tio descortinava nelas um esplêndido futuro. A sobrinha já não lhe parecia uma moça estouvada, mas, sim, uma mulher cheia de bom senso. Miss Keeldar escutava-o com indiferença; aparentemente não percebia o objetivo do tio.

Uma coisa parecia clara, Sir Philip não era homem para se desdenhar: era amável e, se não era um espírito superior, era, pelo menos, inteligente. Miss Keeldar não podia falar sobre ele o que havia falado de Mr. Wynne. Tinha sensibilidade e um gosto pelas artes muito real, se não muito esclarecido. Quanto à sua linhagem e à sua fortuna, estavam muito acima das pretensões que Miss Keeldar podia ter.

Em suma, as coisas tinham chegado ao ponto de justificarem plenamente a observação que Mr. Yorke fez um dia a Louis Moore.

– O seu irmão Robert é um louco ou imbecil. Há dois meses eu podia jurar que ele tinha a caça na mão, e aí ele anda a correr o país, a passar em Londres semanas seguidas e, quando retornar, estará abatido. Louis, há nas coisas humanas uma corrente que leva à fortuna, mas se a deixarmos passar, nunca mais ela volta. Se eu estivesse no seu lugar, escrevia para ele voltar imediatamente.

– Robert tinha intenções a respeito de Miss Keeldar? – perguntou Louis, como se a ideia fosse nova para ele.

– Fui eu próprio quem lhe sugeriu a ideia e só dependia dele realizá-la, porque ela gostava dele.

– Como vizinho.

– Mais do que isso. Eu a vi mudar de cor e atitude à simples menção do nome Moore. Escreva a esse rapaz, eu lhe digo, insista para que ele regresse. Afinal, ele é melhor figura do que esse barãozinho.

– Não lhe parece, Mr. Yorke, que, para um aventureiro sem vintém, é desprezível aspirar casar-se com uma mulher rica? Não é pretensão demais?

– Oh! Se levares a esse ponto a delicadeza dos sentimentos, então nada tenho a dizer. Sou um homem simples e prático e se o Robert está decidido a abandonar a outro esse presente real, sou indiferente. Nem barão, nem duque, nem príncipe me teria levado, sem luta, a minha amada.

Rodeada de adulações e de mimos como era nessa altura, parece que Miss Keeldar não tinha sido, contudo, absolutamente estragada por eles. A sua boa natureza não havia sido abandonada.

A voz pública deixara de associar seu nome ao de Mr. Robert Moore e esse silêncio parecia sancionado pelo aparente esquecimento do ausente; mas o que provou que ela não o esquecera inteiramente e que conservava por ele, se não amor, pelo menos interesse, foi o redobrar de atenções de uma repentina doença que lhe permitiu mostrar pelo irmão de Mr. Moore, esse pobre preceptor com o qual ela se conduzia habitualmente com tão estranhas alternativas de fria reserva e de dócil respeito.

Louis Moore apanhara, talvez, numa das pobres cabanas do distrito, uma febre que o abateu muito durante alguns dias. Fosse como fosse, adoeceu e foi obrigado a ficar no leito.

Uma noite, revolvia-se na cama tendo junto de si Harry, que não o deixava, quando uma pancada, demasiado leve para ser de Mrs. Gill ou duma criada, chamou à porta o moço Sympson.

– Como está Mr. Moore esta noite? – perguntou uma voz abafada.

– Entre e veja com seus próprios olhos.

– Está dormindo?

– Bem queria eu que ele pudesse dormir. Entre e venha falar com ele, Shirley.

– Talvez ele não goste.

Entrou, contudo, e Harry, vendo que ela hesitava, pegou-a pela mão e a levou para junto do doente.

A luz muito fraca permitia, no entanto, distinguir o elegante traje de Miss Keeldar. Havia nessa noite em Fieldhead uma reunião em que se encontrava Sir Philip Nunnely. As senhoras estavam no salão de onde Miss Keeldar se esquivara para visitar o preceptor de Harry. O seu vestido branco

como a neve, os seus belos braços, o fio de ouro que contornava o seu pescoço branco e caía, oscilando sobre o seu peito, brilhavam estranhamente na obscuridade daquele quarto. O ar dela era sério e pensativo e falava com doçura.

– Como se sente esta noite?

– Não tenho estado muito doente e agora me sinto melhor.

– Soube que se queixava de sede. Trouxe-lhe algumas uvas. Pode prová-las?

– Não, mas agradeço-lhe que tenha se lembrado de mim.

– Tirei-as de um cacho magnífico que enchia um cestinho.

Ela pegou uma uva e levou aos lábios do doente. Louis abanou a cabeça e voltou para o lado o rosto afogueado.

– Mas, o que eu posso então lhe trazer em vez disto? Vejo que os seus lábios estão secos. Que bebida prefere?

– Mrs. Gill me dá chá e água.

Houve um silêncio de alguns minutos.

– Presumo como apanhou essa febre. Soube que visitava muitas vezes os doentes de Briarfield e os de Nunnely com Mr. Hall. Devia ter sido mais prudente.

– Não se deve ser temerário. Mas, está me fazendo pensar, Miss Keeldar, talvez fizesse melhor não entrar no quarto e não se aproximar tanto da minha cama. Não creio que a minha doença seja contagiosa, não receio – disse com uma espécie de sorriso – que possa pegá-la. Mas para que há de se expor sequer à sombra de um risco? Deixe-me.

– Paciência. Não me demorarei muito, mas terei prazer em fazer qualquer coisa pelo senhor, em prestar-lhe qualquer serviço...

– Está fazendo falta no salão.

– Não. Os cavalheiros ainda estão à mesa.

– Não vão demorar muito. Sir Philip Nunnely bebe pouco e estou, precisamente, ouvindo-o passar da sala de jantar para o salão.

– É um criado.

– É Sir Philip. Conheço seu andar.

– Tem um ouvido muito apurado.

– Tive-o sempre e parece que ainda o tenho mais apurado de algum tempo para cá. Sir Philip Nunnely veio ontem tomar chá. Ouvi-o cantar uma canção que fez para a miss. Ouvi quando ele foi embora às onze horas. Escutei quando a chamou lá fora para contemplar as estrelas. Harry, dê-me um pouco de água, por favor!

– Eu lhe darei, Harry – disse Miss Keeldar.

Mas Louis ergueu-se e pegou o copo das mãos do menino Sympson e recusou a ajuda de Miss Keeldar.

– Então, nada posso fazer pelo senhor?

– Nada. Porque não me pode garantir uma noite de repouso e é tudo de que preciso neste momento.

– Não tem dormido bem?

– O sono abandonou-me.

– Se eu tivesse esse poder, quereria mergulhá-lo no sono mais profundo, mais sossegado e calmo, sem um sonho sequer.

– O aniquilamento! Não é isso o que eu quero!

– Então, com os sonhos de tudo o que desejar.

– Monstruosas ilusões! O sonho seria então o delírio e o despertar seria a morte.

– Os seus desejos não devem ser tão utópicos. Não é um visionário.

– Miss Keeldar, suponho que o pense, mas o meu caráter, talvez, não seja tão legível para a senhorita como poderia ser a última página de um romance.

– É possível... Mas, gostaria de encadear esse sono ao seu travesseiro. Se eu pegasse num livro e me sentasse ao seu lado para lhe ler algumas páginas?... Posso bem dispor de uma meia hora.

– Agradeço-lhe, mas não quero retê-la.

– Eu leria baixinho...

– Não daria resultado. Sinto-me num estado demasiadamente febril e excessivamente irritável para poder suportar uma voz doce e vibrante tão perto do meu ouvido. É melhor deixar-me.

– Está bem. Vou-me embora.

– E não me dará boa-noite?

– Dou, sim. Boa noite, Mr. Moore.

– Harry, meu rapaz, vá deitar-se. São horas de descansar.

– Sir, gostaria de ficar junto do senhor a noite toda.

– Não é necessário. Estou muito melhor. Pode ir descansar.

– Dê-me a sua benção, *Sir*.

– Deus o abençoe, meu melhor aluno!

– Nunca me chama de seu mais querido aluno!

– Não, nem nunca chamarei.

Talvez Miss Keeldar tivesse ficado ressentida com o seu antigo professor por ele ter-lhe recusado as atenções. O certo é que não voltou a oferecê-las. Embora o seu passo leve se fizesse ouvir muitas vezes no corredor, não tornou a deter-se à porta do doente e a sua voz doce e vibrante jamais volveu a perturbar o silêncio do quarto dele. Aliás, a boa constituição do doente depressa venceu a doença e, em alguns dias, pôde se levantar e retornar às suas funções de preceptor.

Apesar de tudo, algo subsistia no antigo império do professor sobre sua antiga aluna. A distância que ela mantinha entre os dois era um forte indício.

Uma tarde, os Sympsons tinham ido dar um passeio de carruagem. Miss Keeldar, sempre pronta a evitar a companhia deles, ficara em casa a pretexto de que estava escrevendo uma carta. Esta já estava terminada no momento em que o portão do solar se fechou atrás da carruagem e Miss Keeldar se dirigiu então para o jardim.

Era um dia calmo de outono. O sol dourava os campos por toda a parte; as árvores estavam ainda cobertas de folhas, embora já amareladas. A giesta ainda em flor tingia de amarelo as montanhas; o riacho serpenteava através dos campos silenciosos em direção a Hollow. Nenhum vento agitava os bosques que o marginavam. Os jardins de Fieldhead tinham a marca da melancolia decadente. Ao logo das áleas, varridas pela manhã, novas folhas haviam caído. A estação das flores e até dos frutos acabara, embora se vissem ainda algumas maçãs nas árvores, aqui e acolá, só uma flor se mostrava, pálida e delicada por entre as folhas caídas.

Estas derradeiras flores, as últimas, Miss Keeldar as colheu enquanto passeava com ar preocupado ao longo das áleas. Estava amarrando à cintura um ramo sem perfume e sem viço, quando Harry Sympson, que se dirigia a ela manquejando, chamou-a:

– Shirley, Mr. Moore gostaria de vê-la na sala de estudos e de ouvi-la ler um pouco de francês, caso não tenha qualquer outra coisa urgente para fazer.

O mensageiro deu o recado com muita simplicidade, como se fosse uma coisa sem importância.

– Mr. Moore pediu-lhe que me dissesse isso?

– Decerto! Por que não? E agora vamos e façamos como se estivéssemos ainda em Sympson Grove. Como eram agradáveis aquelas horas de estudo!

Miss Keeldar pensou, talvez, que as circunstâncias tinham mudado desde então. Contudo, não fez qualquer reparo e, após alguns segundos de reflexão, seguiu tranquilamente Harry.

Louis Moore estava sentado à sua escrivaninha folheando um livro que tinha aberto diante de si e marcava certas passagens com um lápis. Inclinou-se ligeiramente em resposta à saudação dela, mas não se levantou.

– Há alguns dias se ofereceu para ler-me qualquer coisa – disse ele. – Não pude então ouvi-la. Agora a minha atenção é toda sua. Seria útil, talvez, praticar um pouco de francês. Tenho notado que a sua pronúncia começa a enferrujar-se.

– Qual será o livro?

– Aqui tem as obras de Bernardin de Saint-Pierre. Leia algumas páginas.

Ela aceitou a cadeira que ele instalara junto da sua. O volume estava pousado em cima da mesa e havia apenas um livro entre eles.

Miss Keeldar começou a ler. O francês tornara-se estranho à sua língua. Hesitava. A leitura era entrecortada, detida por uma respiração precipitada, desarticulada por entoações muito inglesas. Ela, portanto, parou.

– Não posso continuar. Leia-me o senhor um parágrafo, por favor.

O que ele leu, ela repetiu.

Em três minutos tinha aprendido a pronúncia dele.

– Muito bem! – foi o comentário aprovador no fim da leitura do parágrafo.

– Eis o francês quase recuperado, não é verdade? Não poderia escrever em francês como outrora? – perguntou ele.

– Oh! Não. Com certeza erraria a escrita.

– Já não seria capaz de escrever o tema da *Primeira mulher sábia*?

– Ainda se lembra dessa velharia?

– Sou capaz de repeti-la, palavra por palavra.

– Aposto que não!

Ele recitou então um longo trecho, cheio de poesia e de ardor, que tinha como epígrafe este versículo de Gênesis.

“Aconteceu que, quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e que entre eles nasceram as moças, os filhos de Deus viram as filhas dos homens, acharam-nas belas e escolheram-nas para suas mulheres.”

O último parágrafo mostrava o enlace do gênio da humanidade.

– Nunca pude emendar este tema – disse Miss Keeldar quando Louis Moore acabou. – A sua pena de censor o tinha coberto de linhas de críticas que em vão me esforcei por compreender.

– Mr. Moore! – exclamou Harry. – Faça Shirley repetir alguns trechos que ela dizia tão bem de cor.

– Se eu pedir um, será o *Cavalo Domado* – disse Louis Moore.

Ela voltou a cabeça para o lado, seu pescoço e face coraram vivamente.

– Ah! O senhor vê como ela não se esqueceu? – disse Harry, triunfante. – Ela ainda se lembra da maldade!

– Decerto, eu era uma rebelde! – respondeu ela.

– Uma rebelde – repetiu Harry. – Sim, você e o *papá* tinham brigado terrivelmente e você havia cortado as relações com ele, com a *mamã*, com Mrs. Pryor, com toda a gente. Você dizia que o *papá* a tinha insultado.

– É verdade que ele tinha me insultado – interrompeu Miss Keeldar.

– E queria abandonar Sympson Grove imediatamente. Tinha arrumado todas as suas coisas e o *papá* desfez as suas malas. A *mamã* e Mrs. Pryor choravam e você, ajoelhada no chão, com as suas coisas, com a

sua mala diante de si, parecia... parecia... um ser diferente no meio da sua cólera. As suas feições, em tais momentos, não ficam contraídas, ficam imóveis, mas perfeitamente belas. Não parece irritada, mas apenas decidida. Como se um obstáculo que atravessara no seu caminho fosse desfeito como por um raio. O *papá* fraquejou e chamou Mr. Moore.

– Basta, Harry.

– Não, não basta. O senhor deu a entender ao *papá* que aquela agitação toda lhe faria voltar a gota. Depois falou tranquilamente às senhoras, convidando-as a sair; seguidamente disse a Shirley que o momento não era para palavras e censuras, porque acabava de ser servido o chá na sala de estudos e que o senhor estava cheio de sede. Daí Shirley o levou para lá. Primeiro você não queria falar, mas não tardou a amaciar e ficar serena. Mr. Moore começou a falar-lhe do continente, da guerra, de Bonaparte, assuntos que interessavam a ambos. Depois do chá ficamos sentados um de cada lado dele. Sentíamo-nos tão felizes! Nunca passei uma tarde tão agradável como aquela! No dia seguinte ele pregou-lhe um sermão de uma hora, terminando por lhe dizer que estudasse Bossuet, como castigo, o C*avalo Domado*. A Shirley decorou-o em vez de fazer as malas e Mr. Moore riu disso por mais de um ano.

– Nunca ela recitou uma lição com mais zelo – disse Louis Moore. – Deu-me então o prazer de ouvir pela primeira vez a minha língua materna falada sem acento por uma moça inglesa.

– Durante o mês inteiro ela foi doce como uma cereja de verão – disse Harry. – Depois das zangas o caráter de Shirley ficava sempre melhor do que antes.

– Estão falando de mim como se eu não estivesse presente – observou Miss Keeldar, que não tinha ainda erguido a cabeça.

– Tem certeza de que está presente aqui? – perguntou Louis Moore. – Em certos momentos, depois da minha chegada, tenho sido tentado a perguntar à senhora Fieldhead se ela sabe o que foi feito da minha antiga aluna.

– Estou aqui neste momento.

– Sim, vejo-a até bastante humilde, mas não me arriscaria a aconselhar o Harry ou outros a acreditarem demasiado na humildade duma mulher que num dado momento pode velar a face ruborizada como uma modesta criancinha, para logo a seguir se mostrar pálida e altiva como uma estátua de Juno.

– Um homem da antiguidade, segundo se diz, deu vida à estátua saída do cinzel. Outros podem ser dotados do poder contrário e moldaram a vida em pedra.

Louis Moore teve alguns segundos para reflexão perante aquela observação. O seu olhar parecia dizer: “estranha frase! Qual será seu significado?” Avaliou-a em seu espírito como um alemão avaliaria uma proposição de metafísica.

– Quer dizer – replicou ele, por fim – que há homens que inspiram repugnância e, desse modo, gelam uma alma sensível?

– Muito engenhoso! – respondeu Miss Shirley. – Se a interpretação lhe agrada, fique com ela, a mim é indiferente.

E, dizendo isto, levantou a cabeça e retomou a expressão altiva e a cor de mármore que Louis descrevera.

– Vejam a metamorfose! – disse ele. – Acabamos de falar nela e aqui a temos: a humilde ninfa transformada em deusa inacessível. Mas o Harry não pode ficar sem a sua narração e Olímpia será digna a dar a ele essa oportunidade e prazer. Comecemos.

– Não me lembro da primeira linha.

– Eu não a esqueci. Atenção, Harry! Miss Keeldar condescende em fazer-lhe esta graça. *Vejam este cavalo ardente e impetuoso*...! É assim que começa.

Miss Keeldar concordou em fazer o esforço que lhe pediam, mas não tardou a parar.

– Só posso continuar se tornar a ouvir o trecho inteiro – disse ela.

– Contudo, foi aprendido em bem pouco tempo. Depressa aprendido, depressa desaprendido – disse o preceptor. E recitou o trecho com facilidade, corretamente, com uma ênfase lenta e expressiva.

Miss Keeldar foi pouco a pouco prestando mais atenção à medida que ele progredia. O seu rosto voltou-se para a direção dele e, quando Louis acabou, ela parecia ter colhido cada palavra dos próprios lábios dele e até sua pronúncia, marcando os períodos como ele próprio os marcava. Reproduzia a atitude e a expressão da face de Louis.

– Recorda-se do *Sonho de Atalaia*? Pode recitá-lo?

Ele recitou-o. Ela repetiu-o. Sentia um vivo prazer em apropriar-se assim da língua dele. Ela pediu mais e todos os antigos exercícios foram passados em revista e com eles Miss Keeldar se viu reviver os seus alegres dias de estudos.

O crepúsculo descia sobre o breve dia de outono; as janelas da sala de estudos, obscurecidas pelas plantas trepadeiras a que o vento de outubro não arrancara ainda as folhas secas, mal deixavam penetrar os reflexos do céu, mas o fogo dava claridade suficiente para iluminar o ambiente.

Louis Moore dirigiu-se à aluna, em francês. A princípio ela respondeu com hesitação, parando a cada momento. Mr. Moore emendava-a, dando-lhe ânimo. Harry tinha tomado parte na lição e os dois alunos estavam diante do mestre, abraçados pela cinta. Tártaro, que durante muito tempo solicitara sua admissão, mantinha-se deitado muito ajuizadamente diante do

fogo. O grupo sentia-se plenamente feliz, porém um rumor de rodas sobre o pavimento do pátio não tardou a vir surpreendê-los desagradavelmente.

– Aí está a carruagem – disse Miss Keeldar. – O jantar deve estar pronto e eu ainda não estou vestida.

Uma criada veio trazer a vela para Mr. Moore e o chá, pois o preceptor e o aluno jantavam na hora do lanche.

– Mr. Sympson e as senhoras já voltaram – disse a criada – e Sir Philip Nunnely veio com eles.

– Como você ficou sobressaltada, Shirley! A sua mão também tremeu – disse Harry, depois de a criada ter fechado a porta e ido embora. – Mas eu não sei por que foi. Mr. Moore sabe? Eu sei quais são os projetos do *papá*. Esse *Sir* Philip é um homenzinho muito feio! Eu preferia que ele não tivesse vindo, preferia que as minhas irmãs e toda a gente tivessem ficado em Walden-Hall para jantar. Shirley teria voltado a fazer o chá para ela e para nós e teríamos passado um agradável serão.

Louis Moore estava fechando a sua escrivaninha e guardava o volume de Bernardin.

– Era esse o seu plano, meu rapaz?

– O senhor não está de acordo com ele?

– Não aprovo as utopias. Olho a vida sob sua face de ferro e a realidade com sua densidade de aço. Faça o chá, Harry. Estarei de volta dentro de um minuto.

E saiu da sala. O mesmo fez Miss Keeldar, por outra porta.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXVIII

OceanofPDF.com

Phoebe

Nessa noite Miss Keeldar entendeu-se muito bem com *Sir* Philip, pois desceu na manhã seguinte com um excelente humor.

– Quem quer dar um passeio comigo? – perguntou para as primas Isabella e Gertrudes.

Tal convite da parte de Miss Keeldar às suas primas era coisa tão rara que elas hesitaram antes de aceitar. Como Mrs. Sympson aprovou a ideia, as moças puseram os chapéus e partiram.

Elas não tinham o hábito de caminhar juntas, porque Miss Keeldar não procurava muito o convívio com as mulheres, com exceção de Mrs. Pryor e Miss Caroline Helstone.

Era amável com as primas, embora habitualmente pouco tivesse a lhes dizer. Todavia, naquela manhã excepcional Miss Keeldar também estava com um humor excepcional. Encontrou assuntos para uma conversa de interesse das três que fez brilhar o seu espírito.

Por que estava ela tão alegre? As causas da sua alegria deviam vir, provavelmente, dela própria. O dia não estava bonito, era um dia de outono, pálido e enevoado. Os caminhos dos bosques estavam úmidos e o céu coberto e, contudo, o coração de Miss Keeldar parecia conter toda a luz e todo o céu da Itália.

Ao regressar a Fieldhead, algumas instruções que tinha que dar ao jardineiro obrigaram-na a ficar para trás das primas. Quase vinte minutos se passaram entre o momento em que as deixou e o seu regresso a casa. Durante esse tempo falara com o jardineiro e detivera-se depois no pátio, próxima à porta de entrada. O toque da sineta para o lanche a fez entrar. Pediu desculpas e subiu para o andar superior.

– A Shirley não vem lanchar? – perguntou Isabella. – Ela disse que estava com fome.

Uma hora depois, como não saiu do quarto, uma das primas foi procurá-la e a encontrou sentada na cama com a cabeça apoiada nas mãos. Estava muito pálida, pensativa e quase triste.

– Está doente? – inquiriu a prima.

– Um pouco indisposta – respondeu Miss Keeldar.

Estava, contudo, bem diferente de duas horas atrás, mas a mudança de humor não foi explicada; uma mudança que se dera em dez minutos, fosse qual fosse sua causa, o certo é que passasse tão repentinamente como havia chegado, como uma nuvem de verão. Miss Keeldar, portanto, menos exuberante, tomou parte na conversa durante o jantar e durante o serão. Interrogada sobre os pormenores da sua saúde, afirmou sentir-se perfeitamente bem; fora apenas uma fraqueza momentânea, que não merecia qualquer reparo. E, contudo, via-se bem que se dera uma transformação na moça.

No dia seguinte, na semana, na quinzena, aquela sombra nova e particular permanecia no rosto e nas maneiras de Miss Keeldar. No seu olhar, nos movimentos e até na sua voz fazia-se notar uma estranha inquietação. Não tardou a tornar-se evidente que falar-lhe dessa mudança era contrariá-la. Procurava evitar o assunto, e depois, se persistiam, repelia-o com a altivez que lhe era peculiar. Se lhe perguntavam se estava doente, ela respondia efusivamente que não.

Fazia grandes esforços para se mostrar alegre e parecia indignar-se contra si própria por não conseguir.

“Como ousa deixar ver suas fraquezas e trair suas imbecis ansiedades? Desapareça com elas, eleva-te acima delas e, se isso não lhe for possível, esconda-as”, falava consigo própria.

E para escondê-las fazia o que podia. Tornou a ser resolutamente alegre em sociedade. Quando estava cansada do esforço, procurava não a solidão do seu quarto, mas a solidão mais selvagem dos campos, os quais ela podia percorrer montada na sua jumenta Zoé. Passava metade do dia em passeios a cavalo.

Tinha a mesma resposta para quem a interrogava: “Estou perfeitamente bem, não tenho nada!”

E, na verdade, era preciso que estivesse bem de saúde para suportar as intempéries as quais se expunha. Chovesse ou fizesse sol, houvesse calma ou tempestade, ela não deixava de dar o seu passeio diário a cavalo até o pântano de Stilbro, com o Tártaro, infatigável, ao seu lado.

Por duas ou três vezes os olhos dos curiosos, esses olhos que estão em toda parte, observaram que, em vez de cortar na direção de Rushedge, ela seguia direto para a cidade. Não faltaram espiões para ver para onde ela se dirigia. Garantiram que ela descia à porta de um tal Pearson Hall, notário e parente do pastor de Nunnely. Os Pearsons Hall eram, de pais para filhos, agentes da família Keeldar. Algumas pessoas afirmavam que Miss Keeldar fora arrastada para os negócios da fábrica de Hollow e que tinha perdido dinheiro; outros conjecturavam que ia se casar e andava a tratar dos preparativos.

****

Louis Moore e Harry Sympson estavam ambos na sala de estudo; o preceptor esperava por uma lição que o aluno parecia muito ocupado em preparar.

– Harry, despache-se! A tarde está acabando. Não acabará esta lição?

– Ainda não aprendi uma linha!

Mr. Moore ergueu a cabeça, pois o tom na voz do rapazote fora muito peculiar.

– A sua tarefa não tem dificuldade, Harry, mas, se as encontra, venha aqui e trabalhemos juntos.

– Não posso trabalhar, senhor.

– Meu rapaz, deve estar doente.

– Senhor, não estou mais doente do que de costume, mas tenho o coração pesado.

– Feche o livro, Harry, venha para perto do fogo.

Harry adiantou-se, manquejando. O preceptor deu-lhe uma cadeira. O rapaz tinha os lábios trêmulos e os olhos cheios de lágrimas. Pousou a muleta no chão, curvou a cabeça e desatou a chorar.

– Harry, você teve qualquer desgosto? Explique-me, talvez eu possa ajudá-lo. Qual é a causa?

– A causa, senhor, é Shirley... diz respeito exclusivamente a Shirley. Acha que ela está mudada, senhor?

– Todos os que a conhecem acham-na mudada.

– Enquanto ela teimou que estava bem, acreditei nela. Quando eu me sentia triste, recuperava a minha alegria na presença dela. Agora...

– Agora o quê, Harry?... Ela lhe disse alguma coisa? Esta manhã estiveram juntos no jardim durante três horas. Vi que ela lhe falava e que você a escutava. Agora, meu caro, se Miss Keeldar confessou que está doente e lhe pediu que guardasse segredo, não lhe obedeça. No interesse da existência dela, confesse tudo. Fale, meu rapaz!

– Ela confessar que está doente? Parece-me que, ainda que estivesse à beira da morte, diria apenas, sorrindo: “não sofro.”

– Então o que soube? Que nova circunstância?...

– Soube que ela acaba de fazer um testamento.

– De fazer testamento?

O preceptor e o aluno ficaram calados.

– Ela disse-lhe isso? – perguntou Louis Moore depois de alguns minutos.

– Ela me disse com seu ar mais alegre. Não como em uma circunstância de funesto presságio como eu pensava. Disse-me que eu era a única pessoa, além do notário, de Mr. Helstone e de Mr. Yorke, que sabia alguma coisa a esse respeito. Disse que queria explicar para mim, em particular, as suas disposições.

– Continue, Harry.

– Ela me disse fitando-me com aqueles belos olhos: “Porque.” Oh! Como seus olhos são belos, senhor! Eu amo-os! Eu amo-a! Shirley é a minha estrela! O céu não a deve reclamar. Shirley não é um anjo, é uma mulher e deve viver com os homens. Os serafins não irão levá-la!

– Harry Sympson, continue... e o que mais lhe disse Shirley?

– “Porque”, disse ela, “se eu não fizesse este testamento e viesse a morrer antes de você, e eu não quereria que assim fosse, embora esteja certa de que tal coisa não desagradaria seu pai. Mas você terá a sua propriedade, que é grande, maior do que Fieldhead; as suas irmãs ficariam sem nada. Então eu deixei algum dinheiro para elas, embora eu não tenha por elas juntas a metade do amor que tenho por metade de um caracol do seu lindo cabelo.” Ela disse-me isto, chamou-me de querido e consentiu que eu a beijasse. Em seguida, disse-me que deixara algum dinheiro para Miss Caroline Helstone; que este solar, com os móveis e a biblioteca, me era legado, pois não queria que a antiga morada da sua família passasse para as mãos de estranhos, e que todo o resto da sua fortuna, que se eleva a cerca de doze mil libras esterlinas, excluídos os legados feitos às minhas irmãs e à menina Helstone, o tinha deixado, não a mim, que já sou rico, mas a um

homem bom, que fará melhor uso dele do que qualquer outro ser humano seria capaz de fazer; um homem, disse ela, que é, ao mesmo tempo, terno e valente, forte e compassivo; um homem que não faz ostentação de princípios religiosos, mas que sabe professar uma fé pura e sem mácula perante Deus. Depois me perguntou: “aprova o que eu fiz, Harry?” Eu não pude responder nada, porque as lágrimas me sufocavam, como agora.

Louis Moore concedeu ao aluno um momento para dominar sua emoção e em seguida perguntou-lhe:

– Que mais ela lhe disse?

– Quando eu lhe manifestei o meu pleno acordo com as condições do seu testamento, ela disse-me que eu era um rapaz generoso e que tinha orgulho de mim. E liquidamos, entre nós, dois dos três assuntos de família.

– Que eram...

– Mas o senhor está rindo. Eu não poderei sorrir pensando em Shirley nesse estado de espírito.

– Meu rapaz, eu não sou nervoso, nem entusiasta, nem inexperiente. Vejo as coisas como elas são: não se dá o mesmo com você quanto ao presente. Diga-me, quais eram esses assuntos de família?

– Pusemo-nos de acordo sobre alguns pontos: que, se eu vivesse para herdar a propriedade de meu pai e o solar de Fieldhead, tomaria o nome de Keeldar e faria de Fieldhead a minha residência. E assim será: o nome e o solar dela têm vários séculos, ao passo que Sympson Grove data de ontem.

– Vamos, nem um nem o outro estão em véspera de ir para o Céu. Nutro as melhores esperanças a respeito deste parzinho de águias ainda meio implumes. E, agora, que conclui de tudo o que acaba de me contar?

– Que Shirley está morrendo.

– Ela referiu-se ao seu estado de saúde?

– Nem uma única vez; mas garanto-lhe que está a definhar. Suas mãos estão magras e o rosto também.

– Sabe onde ela está agora, Harry? Está em casa? Ou cavalgando?

– Com certeza ela não está passeando, senhor. Olha como está chovendo!

– É verdade. O que não quer dizer que ela não possa dirigir-se neste momento, a galope, para Rushedge.

– O senhor recorda-se de como o tempo estava chuvoso e feio na quarta-feira passada? Na volta eu lhe perguntei se ela não receava apanhar uma constipação. Ela respondeu: “de modo algum. Quem me dera! A melhor coisa que podia me acontecer era apanhar uma boa constipação ou uma boa febre e morrer como todos os cristãos.” Bem vê o senhor que ela está doente.

– Doente, decerto! Vá e descubra onde ela está para mim. E, se puder lhe falar sem chamar a atenção dos outros, peça-lhe que venha aqui um minuto.

– Sim, senhor.

Pegou a muleta, ergueu-se e saiu.

– Harry!

Ele voltou-se.

– Quando precisar de você, o chamo de volta. Até lá fica dispensado das lições.

Harry saiu. Mal ficou só, Louis Moore levantou-se. “Posso ser muito frio e muito altivo com Harry”, pensou ele. “Vejamos se posso conservar a mesma atitude perante ela. *Sir* Philip pode corar quando os seus olhos encontram os dela, mas se um dos seus caseiros se mostrar susceptível e sentimental diante dela, merecerá simplesmente uma camisa de força. Até hoje tenho me saído bem. Ela tem se sentado ao meu lado e eu não tenho

ficado mais trêmulo do que se estivesse sentado à minha escrivaninha. Suportei os seus olhares e os seus sorrisos como... um preceptor que sou. Nunca fui nem servo nem servidor dela, mas sou pobre e o meu dever é velar pela minha própria dignidade. O que quis ela dizer com aquela alusão às pessoas frias que transformam a carne em mármore? Gostei daquilo! Nunca me permito perscrutar nem a linguagem nem sua atitude, pois, se o fizesse, poderia perder o sentido da realidade e acreditar em romance."

Sua mente ficou vazia por alguns instantes à escuta.

"Ela virá ou não virá?", perguntava a si mesmo. "Se vier, o que lhe direi? Em primeiro lugar, como justificar a liberdade do convite? Não devo deixar de ser o professor... de outro modo... ouço uma porta se abrindo."

Pôs-se a escutar. Passaram-se mais alguns segundos. "Ela se negara a vir ou o Harry ainda não a encontrou. Ela recusou. O meu pedido foi presunçoso demais aos olhos dela. Que venha e lhe mostrarei então que o contrário é que é verdade. Prefiro que se mostre um tanto intratável, pois sempre me espicaça."

A porta se abriu e Miss Keeldar entrou. Parecia que o recado a tinha encontrado com um trabalho de agulha, pois trazia a costura em sua mão. Nesse dia não fora cavalgar; era bem evidente que o passara tranquilamente. Estava com um delicioso vestido de interior e um avental de seda. A sua fisionomia nunca tinha manifestado tão pouca altivez; uma espécie de doce e infantil timidez pesava-lhe sobre os cílios e espelhava-se em seu rosto. O preceptor, de pé, contemplava-a em silêncio.

Ela deteve-se entre a porta e a escrivaninha.

– O senhor precisa de mim?

– Tomei a liberdade de mandar chamá-la, Miss Keeldar, isto é, de lhe pedir uma entrevista de alguns minutos.

Ela esperou, continuando com a costura.

– E então, do que se trata, senhor?

– Queira sentar-se antes de qualquer coisa. O assunto o qual quero lhe falar demorará alguns instantes. Talvez eu não tivesse o direito de abordá-lo, mas a liberdade que tomei tem sua origem numa conversa que tive com o Harry. Este rapaz está bastante impressionado com seu estado de saúde. Aliás, todos os seus amigos estão inquietos a tal respeito. Bem, é da sua saúde que eu quero lhe falar.

– Sinto-me perfeitamente bem – respondeu ela, muito depressa.

– Contudo, está mudada.

– Isso só a mim pode interessar. Todos nós mudamos.

– Não quer sentar-se? Outrora, Miss Keeldar, eu tinha certa influência sobre a senhorita. Ainda terei hoje? Poderei crer que o que eu lhe disser não será tomado como presunção minha?

– Deixe-me ler francês, Mr. Moore. Talvez eu queira até uma lição de gramática latina, mas deixemo-nos de discussões...

– Não, não. Chegou a hora dessa discussão.

– Discuta, então, mas não me tome por texto. Eu sou uma pessoa sã.

– Não lhe parece que é feio afirmar e voltar a afirmar aquilo que no fundo é falso?

– Já lhe disse que me sinto muito bem; não tenho tosse, nem dores e nem febre.

– Não haverá qualquer equívoco nessa afirmação? Será a verdade?

– A pura verdade.

Louis Moore olhou-a fixamente.

– Eu próprio – disse ele – não consigo descobrir indício de doença; mas, então, por que está mudada? Não só perdeu o sono, o apetite e emagreceu – prosseguiu Louis Moore – o seu espírito também está

constantemente em ebulição. Além disso, lê-se nos seus olhos um pavor, há nas suas maneiras uma inquietação nervosa que ninguém conhecia.

– Ficaremos por aqui, senhor. Acertou, sou nervosa. Agora falemos de outra coisa. Como o tempo está mau! Que chuva torrencial e contínua!

– Nervosa, sim! E se Miss Keeldar anda nervosa não é sem motivo. Deixe-me procurar esse motivo. O mal não é físico, já o tinha suposto. Veio repentinamente. Sei em que dia foi, pois observei a mudança; posso afirmar que o sofrimento é moral.

– De maneira nenhuma! Não é nenhuma coisa tão nobre, é apenas nervoso. Oh! Deixemos este assunto!

– Quando o tivermos esgotado, antes não. Os alarmes nervosos devem ser sempre comunicados para poderem ser dissipados. Bem que eu gostaria de ter o dom da persuasão e poder convencê-la a falar livremente. Receio que a confissão, no seu caso, equivaleria à cura.

– Não – disse Miss Keeldar, bruscamente – bem desejava que isso fosse provável, mas receio que não.

Ela interrompeu o trabalho por um momento. Estava agora sentada, com um cotovelo sobre a mesa e a cabeça apoiada numa das mãos. Louis Moore parecia convencido de que houvera finalmente alguns progressos. Ela estava séria e o seu desejo deixava adivinhar uma importante confissão. Agora já não podia afirmar que nada lhe fazia mal.

– Prefiro dizê-lo ao senhor ao invés de alarmar minha tia ou minhas primas, ou mesmo meu tio – disse ela. – Todos eles fariam tal reboliço! É sobretudo isso que eu receio: o alarme e as cenas. Em suma, nunca gostei de me ver no centro de um turbilhão doméstico. O senhor é capaz de suportar um pequeno choque, não é assim?

– Até grande se for necessário.

Nem um músculo daquele homem estremeceu e, contudo, o coração batia-lhe descompassadamente. *Que iria ela dizer-lhe? Que irreparável desgraça teria acontecido?*

– Se me tivesse parecido que havia conveniência em me dirigir ao senhor, nunca teria lhe feito segredo disto por um momento que fosse – continuou ela – teria lhe dito francamente a verdade, pedindo-lhe sua opinião, mas parecia-me que não tinha direito algum a dar-lhe preocupações. Aliás, talvez não desse mau resultado. Deus o sabe!

Louis Moore não pediu explicação imediata. Não se permitiu trair-se com impaciência ou qualquer gesto ou palavra. A sua calma tranquilizou Miss Keeldar.

– Podem vir grandes efeitos de pequenas causas – disse ela, tirando do braço uma pulseira, depois desabotoando a manga e arregaçando-a em parte. Disse a Louis Moore: – Olhe para aqui.

Mostrou uma marca, ou antes, um entalhe profundo que tinha no braço, embora cicatrizado: não era bem a marca de uma queimadura nem de um golpe.

– Eu não queria mostrar isto fosse a quem fosse em Briarfield, exceto ao senhor, porque pode receber isso com calma.

– Decerto, nada há nessa pequena marca que possa meter medo. A sua história me dará a explicação.

– Por pequena que seja, não deixou de tirar-me o sono, de tornar-me nervosa, de fazer-me emagrecer, porque esta pequena marca me faz pensar numa possibilidade que me traz medo.

A manga foi novamente apertada e o bracelete voltou para o seu lugar.

– Sabe que a menina está me fazendo sofrer uma dura prova? – disse Louis Moore, sorrindo. – Eu sou um homem muito paciente, mas sinto que

as minhas pulsações se precipitam.

– Aconteça o que acontecer, conto com sua amizade, Mr. Moore. Colocará o seu sangue-frio ao meu serviço? E não me deixará à mercê de covardes e aterrorizadores?

– Por ora, não faço promessa alguma. Conte-me a história e exija depois a promessa que quiser.

– É uma história muito breve. Dei um passeio com Isabella e Gertrudes há cerca de três semanas. Elas voltaram para a casa antes de mim. Eu tinha ficado para trás a fim de falar com o jardineiro. Depois de tê-lo deixado, demorei-me um pouco do lado de fora, onde tudo era calmo e verde. Eu estava encostada no portão, mergulhada em pensamentos muito agradáveis sobre o meu futuro, porque, nessa manhã, parecia-me que os acontecimentos começavam a tomar um rumo que eu desejava havia muito... – "Ah! *Sir* Philip tinha estado com ela na tarde da véspera!", pensou Louis Moore... – quando ouvi uma respiração ofegante, era um cão que corria para a estrada. Conheço quase todos os cães da vizinhança, era a Phoebe, a cadela de caça de Sam Wynne. O pobre animal corria de cabeça baixa e língua pendente. Parecia esgotada e nas últimas. Chamei por ela, pois tencionava trazê-la para dar-lhe qualquer coisa de beber e de comer. Estava certa de que a tinham maltratado, já que Sam Wynne é um covarde e bate cruelmente nos cães. Ela estava demasiado desorientada para me reconhecer e, quando tentei acariciar a sua cabeça, voltou-se e mordeu o meu braço. Mordeu-me até sangrar e depois fugiu ofegante. Momentos depois apareceu o empregado de Mr. Wynne de espingarda em punho. Perguntou-me se eu tinha visto a cadela. Respondi que tinha visto a Phoebe. "Seria melhor prender o Tártaro, minha senhora", disse ele, "e dizer à sua gente que não saia de casa. Vou atrás da Phoebe para matá-la", o criado partiu noutra direção. "Ela está com raiva."

Louis Moore encostou-se na cadeira e cruzou os braços sobre o peito. Miss Keeldar pegou novamente na costura e continuou a bordar um festão de violetas.

– E não disse a ninguém, não procurou nenhuma assistência, nenhum tratamento! Nem sequer veio falar comigo?

– Eu não tinha o menor direito...

– É monstruoso! E não fez nada?

– Fiz. Fui direto à rouparia, onde se passa a ferro durante quase toda a semana, agora que tenho tantos hóspedes em casa. Enquanto as criadas estavam entretidas a passar a ferro e a engomar, tirei do fogo um ferro e apliquei a ponta, ao rubro, sobre o meu braço. Enterrei-a bem. Ele cauterizou a pequena ferida. Depois subi para o meu quarto, pois sentia-me muito infeliz; nem firme nem tranquila e sem calma de espírito.

– Havia calma na sua pessoa. Recordo-me de ter estado à escuta durante todo o tempo que estivemos sentados lanchando, para ver se ouvia algum movimento em seu quarto, mas tudo estava tranquilo.

– Estava sentada na cama, desejando que a Phoebe não me tivesse mordido.

– E sozinha. Gosta da solidão? Com sua forte inteligência, deve julgar-se independente de qualquer socorro, de qualquer conselho, de qualquer solidariedade.

– Que seja assim, já que assim lhe agrada.

Ela sorriu. Continuava a bordar rapidamente e com cuidado, mas seus cílios tremeram, depois brilharam e uma lágrima caiu.

Louis Moore inclinou-se sobre a escrivaninha, mexeu com sua cadeira, mudou de atitude.

– Se não for assim? – perguntou ele, dando à sua voz uma expressão de doçura muito particular. – Diga-me o que devo pensar? – e acrescentou:

– Não sei. Não quer falar, quer guardar tudo trancado dentro de você.

– Porque não merece ser comunicado.

– Porque ninguém pode lhe dar o elevado preço que põe à sua confiança. Ninguém possui a honra, a inteligência e o poder que exige do seu conselheiro. Não há na Inglaterra um ombro digno de lhe servir de apoio, e menos ainda um peito onde quisesse descansar sua cabeça. É por isso que tem que viver só.

– Eu posso viver só, se isso for necessário, mas o problema não está em saber como viver só, mas, sim, como morrer só. Esta ideia aparece-me sob as cores mais tristes.

– Receia os efeitos do vírus?... Pensa numa ameaça indefinida, num destino terrível?... – ela inclinou-se. – É muito nervosa e muito mulher. Se tudo isso fosse examinado e discutido friamente, tenho certeza de que se provaria que não está de forma alguma em perigo de vida.

– Amém! Tenho muita vontade de viver, assim Deus o permita! A Vida tem-me parecido doce.

– Como ela poderia deixar de ser meiga com você? Com seus privilégios e sua natureza? Esperava realmente ser atacada de hidrofobia e morrer com a raiva?

– Esperava, mas neste momento não receio nada.

– Nem eu, depois do que me contou. Duvido de que tenha entrado no seu sangue a menor parcela do vírus e, mesmo que isso tivesse acontecido, deixe-me dizer-lhe que, jovem e saudável como você é, nenhum mal lhe virá daí. De resto, vou verificar se a cadela estava realmente doente, pois tenho a impressão de que não.

– Não diga a ninguém que ela me mordeu.

– Por que haveria eu de falar se me parece que essa mordida foi tão inocente como seria um golpe com este canivete? Tranquilize-se. Eu estou

sossegado, embora para mim sua vida tenha tanto valor como a minha parte de felicidade na vida eterna. Levante a cabeça e olhe para mim. A nuvem está dissipada?

– Nada receio agora.

– O sol voltou a brilhar na sua alma?

– Estou muito contente, mas preciso que me prometa uma coisa.

– Fale.

– Se a desgraça que eu receio vier a me acontecer, eles perderão a cabeça. Escuse de sorrir, por favor: perderão a cabeça, como sempre. Meu tio ficará cheio de horror, de fraqueza e de precipitação. Perderá a cabeça, como único expediente de emergência. Ninguém terá sangue-frio aqui em casa a não ser o senhor. Prometa que me ajudará, que manterá Mr. Sympson afastado de mim, que não deixará o Harry se aproximar, pois tenho receio de que eu lhe faça mal. Lembre-se também de que deve ter cuidado consigo, mas ao senhor eu não faria mal, tenho certeza. Feche a porta aos médicos, ponha-os para fora se entrarem. E, enfim, se eu me tornar perigosa, dê-me pelas suas próprias mãos um poderoso narcótico; uma dose de láudano que não possa falhar. Prometa que me fará tudo isso?

– Prometo tudo o que me pede, sem comentários e sem reservas.

– Se for necessária a assistência de uma mulher, chame a minha governanta, Mrs. Gill. Se eu morrer, ela é que deve me vestir. Ela me é dedicada. Tem me enganado, muitas vezes, e muitas vezes lhe perdoei, pois ela gosta de mim e não me tiraria um alfinete. A minha confiança tornou-a dedicada. Hoje posso contar ao mesmo tempo com a honestidade, a coragem e a afeição dela. Chame-a, mas conserve a minha tia e as minhas primas longe de mim. Prometa outra vez.

– Prometo.

– É muito bonito da sua parte – disse ela, sorrindo e erguendo os olhos para ele, ao mesmo tempo que ele se inclinava para ela. – Na realidade, eu não sou assim tão forte e não tenho tanto orgulho na minha força como o senhor supõe. Também não sou assim tão desdenhosa da simpatia, mas quando tenho algum desgosto receio comunicá-lo àqueles a quem amo com receio de afligi-los, e aos que me são indiferentes não sou capaz de me queixar. Afinal, não deve censurar-me tanto por minha puerilidade, porque, se tivesse sido tão infeliz como eu fui durante estas três últimas semanas, o senhor também sentiria a necessidade de um amigo.

– Todos nós precisamos de um amigo, não é assim?

– Pelo menos, todos aqueles que têm alguma coisa de bom em sua natureza.

– E a miss tem Caroline Helstone e Mrs. Pryor.

– Sim... E o senhor tem Mr. Hall e o seu irmão, Robert.

– Estamos ambos bem providos... Mostremo-nos, pois, reconhecidos. Pela minha parte, estou quase satisfeito neste momento. Gosto de fruir, devagar, a felicidade. Devorada às pressas, nem deixa sentir o sabor.

Encostado no espaldar da cadeira de Miss Keeldar, Louis Moore acompanhava com os olhos os rápidos movimentos dos dedos da moça, sob os quais o festão verde e púrpura ia crescendo. Após longa pausa, ele voltou a perguntar:

– Não voltará a alimentar em silêncio esses sentimentos dolorosos, não é?

– Não, se me atrever a falar.

– Servindo-se da palavra *atrever*, a quem faz alusão?

– Ao senhor, tão austero, tão reservado... tão orgulhoso.

– Orgulhoso, por quê?

– Isso eu gostaria de saber, mas se não quer me dizer...

– Talvez porque eu seja pobre. A pobreza e o orgulho andam, muitas vezes, de mãos dadas.

– Que linda razão! Ficaria encantada se descobrisse outra para emparelhar com essa. Complete o par, Mr. Moore.

– Imediatamente. Que diria da união da sóbria pobreza com o capricho?

– O senhor é caprichoso?

– A menina eu sei que é...

– Calúnia! Eu sou firme como a rocha, fixa como a estrela polar.

– Miss Keeldar, eu tive outrora, durante dois anos, uma aluna que se tornou muito querida para mim. O Harry é especial, caro para mim, mas ela era mais ainda. O Harry nunca me dá preocupações, ela, contudo, me dava muitas. Creio que me atormentava vinte e três horas em vinte e quatro.

– Ela nunca estava com você senão três ou seis horas por dia, no máximo.

– Às vezes ela entornava a bebida do meu copo; escondia as coisas de que eu me alimentava; depois de ter me deixado o dia todo de dieta... e isso convém-me pouco, pois sou magro como vê e, além do mais, tenho o costume de saborear minhas refeições com um prazer razoável...

– Bem sei, conheço seus pratos prediletos.

– Bem, ela tirava-me essas iguarias saborosas e, ainda por cima, fazia pouco de mim. Eu também gosto de dormir bem. No tempo da minha tranquilidade, quando eu era eu próprio, sozinho, nunca amaldiçoava a noite pela sua demora nem o leito pelos seus espinhos.

– Senhor!...

– Tendo me tirado a tranquilidade do espírito e a doçura da vida, ela privou-me ainda da sua presença; deixou-me friamente, como se pensasse que, se partisse, o mundo continuaria para mim o mesmo que antes.

Passados dois anos, eis que novamente nos encontramos sob o seu próprio teto onde ela era a senhora. Como lhe parece que ela se conduziria comigo, Miss Keeldar?

– Como uma pessoa que tinha aproveitado muito bem as lições aprendidas com o seu mestre.

– Recebeu-me com altivez. Mediu um largo espaço entre nós e manteve-se afastada pela sua reserva, olhar distante e uma voz calma e cortês.

– Mostrava-se uma excelente discípula. Tendo-o visto tão indiferente, tinha aprendido a sê-lo. Admita, peço-lhe, nessa altivez havia um sensível progresso sobre à sua própria frieza.

– A minha consciência, a minha honra e as mais despóticas necessidades afastavam-me dela. Ela era livre, poderia mostrar-se compassiva.

– Mas, não era livre de comprometer sua dignidade pessoal, de procurar quem a evitava.

– Depois foi inconsequente. Vi repetir-se o suplício de Tântalo[13]. Quando julgava ter ganhado o suficiente império sobre mim para considerá-la apenas como uma estranha orgulhosa, ela mostrava-me, de repente, um vislumbre de tocante simplicidade, de vivificante simpatia, encantava-me com uma conversa agradável, tão alegre, tão benévola, que eu não podia proibir a entrada de sua imagem no meu coração, como não posso proibir sua entrada nesta sala. Explique-me o motivo: por que ela gostava de me fazer tão infeliz?

– Mas eu não podia suportar um exílio completo. Às vezes eu pensava que num dia frio a sala de estudo, que não era um lugar muito alegre, podia estar insuportavelmente gelada. Então, considerava-me obrigada a ver com

meus próprios olhos se o senhor e o Harry tinham um bom fogo. E, uma vez aqui, gostava de ficar.

– Mas ela não devia ser volúvel; tendo vindo uma vez, devia vir com mais frequência.

– Isso poderia ser tomado como indiscrição.

– Amanhã já não será o que é hoje.

– Não sei. E o senhor, será o mesmo?

– Eu não sou louco, nobilíssima. Podemos conceder um dia aos sonhos, mas no outro temos que saber despertar, sobretudo, eu não deixarei de acordar no dia em que se casar com *Sir* Philip Nunnely. O fogo ilumina-nos e mostra as nossas imagens no espelho, Miss Keeldar. Durante todo o tempo que falei estive considerando esse quadro. Repare! Que diferença entre a sua cabeça e a minha! Eu pareço velho, embora tenha apenas trinta anos.

– O senhor é tão grave. Tem as sobrancelhas tão espetadas e o seu rosto é pálido. Nunca penso no senhor como um jovem, nem como o irmão mais novo de Mr. Moore.

– Realmente. Nunca pensei sobre isso! Imagine a figura regular e bela de Robert olhando por cima do meu ombro. Essa aparição faria sobressair a grosseria das minhas feições.

A sineta tocou chamando Miss Keeldar para o jantar e ela ergueu-se.

– Mr. Moore – disse ela, enquanto juntava os seus fios de seda – teve notícias de seu irmão recentemente? Sabe qual o motivo que o faz demorar tanto em Londres? Ele não fala em voltar?

– Fala em regressar, mas eu não sei dizer qual é a causa de tão longa ausência. Para ser franco, eu supunha que ninguém em Yorkshire soubesse melhor do que a miss o real motivo da sua demora.

O rosto de Miss Keeldar corou vivamente.

– Escreva-lhe e diga-lhe que se apresse em voltar – disse ela. – Eu sei que ele não tinha o menor inconveniente em prolongar até agora sua ausência, pois é bom que se diminua a produção quando o comércio vai mal. Mas ele não devia abandonar o condado.

– Eu sei – disse Louis – que ele teve uma conversa com a miss na noite anterior à sua partida e o encontrei depois. Procurei ler nos seus olhos, mas ele desviou o olhar; adivinhei que passaria muito tempo ausente. Há dedos lindos e delicados que têm uma maravilhosa habilidade para reduzir a nada o orgulho de um homem. Suponho que o Robert confiou demasiado em sua beleza máscula e natural. Saem-se melhores aqueles que, como não possuem semelhantes superioridades, não podem se embalar com ilusões. Mas vou escrever a ele dizendo que a miss o aconselha a voltar.

– Não lhe diga que eu o aconselho a voltar, mas que o seu regresso é aconselhável.

Ouviu-se um segundo toque da sineta e Miss Keeldar obedeceu ao seu apelo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXIX

OceanofPDF.com

Louis Moore

Louis Moore habituara-se a uma vida tranquila; era de caráter calmo e suportava a solidão melhor do que muitos, pois tinha cérebro e coração povoados de um mundo particularmente seu.

A mansão de Fieldhead estava tranquila. Miss Keeldar e toda a família Sympson, todos, exceto Louis Moore, tinham ido a Nunnely; *Sir* Philip os havia convidado para travarem conhecimento com a mãe e as irmãs, que se encontravam no Priorado. O barão tivera a amabilidade de convidar também o preceptor, mas se Louis Moore desejava alguém junto dele naquela noite não era o pequeno barão, muito menos a mãe, nem suas irmãs, nem qualquer pessoa da família Sympson.

Mas, apesar da quietude da casa, a noite estava agitada. As tempestades do equinócio revolviam a atmosfera. As chuvas torrenciais do dia acabaram; contudo, apesar de algumas nuvens terem se desfeito e se afastado, Fieldhead ainda era escorraçada por uma contínua e sonora tempestade.

Louis Moore, sentado na sala de estudos, escutava o barulho que fazia a tempestade. O lado onde se encontrava era abrigado e a chuva não o incomodava; nem o silêncio nem o fato de ter que estar bastante agasalhado, algo muito mais profundo o perturbava. “Toda a casa está vazia”, pensava ele, “e a solidão, outrora bem-vinda, hoje me faz mal ao coração.”

Saiu do seu lugar e foi até onde as janelas mais largas e mais desafogadas deixavam ver livremente o tempo escuro e lúgubre que se mostrava lá fora. Não levou qualquer luz consigo; a chuva havia passado e uma tênue claridade da lua cheia, embora as nuvens teimassem em ocultá-la de vez em quando, refletia timidamente no assoalho e nas paredes.

Parecia que ele perseguia uma visão de sala em sala. Deteve-se numa forrada de carvalho, menos úmida e fria do que o grande salão. Lá o fogo crepitava na lareira e, junto dela, uma mesa de trabalho era rodeada por algumas cadeiras vazias.

A visão que Louis perseguia poderia, por acaso, ter ocupado uma dessas cadeiras? É um caso que merece reflexão. Ao vê-lo, assim, de pé, vê-se interesse em seu olhar, tanta expressão em seu rosto como se tivesse encontrado, naquela solidão, um ser vivo com quem pudesse conversar.

Louis foi fazendo pequenas descobertas: uma bolsa pequena de cetim estava pendurada no espaldar de uma cadeira; uma gaveta estava aberta e as chaves, na fechadura, eram um convite para ser revistada, mas ele se conteve; um lindo sinete; uma pena de prata; uma ou duas bagas maduras presas a um ramo verde; um par de luvas, bem pequenas, limpas e delicadas, estava jogado, esparsamente, sobre a mesinha. Uma desordem que podia passar por uma fantasia.

“Eis os seus vestígios!”, pensou ele. “Descuidada feiticeira! Chamada às pressas, esqueceu-se de voltar para colocar as coisas em ordem. Por que a fascinação? Há sempre o que censurar nela, mas para o amante ou o marido a censura sempre acabará em beijos. Mas o que estou pensando? A que fantasia deixei-me arrastar?...”

Fez um esforço em vão para calar sua mente. Pensativo, instalou-se comodamente para passar o serão solitário.

Fechou o reposteiro da larga janela da sala; alimentou o fogo que ainda ardia, mas se consumia rapidamente; acendeu uma das duas velas que tinha diante de si; colocou uma segunda cadeira em frente da que estava ao lado da mesa e sentou-se. Tirou do bolso um caderninho e pôs-se a escrever numa letra compacta e forte. Aproxime-se, leitor, e acompanhe a leitura à medida que ele escreve:

“São nove horas da noite, a carruagem não voltará antes das onze, tenho certeza. Até lá sou livre, até lá posso ocupar o espaço dela, sentar-me em frente à sua cadeira, apoiar o cotovelo à sua mesa, ter em volta de mim estes deliciosos objetozinhos que falam tanto dela para mim...

É bom escrever sobre a pessoa que é mais querida para mim do que o meu próprio coração. Ninguém pode tirar de mim este caderno e, graças a esta pena, posso dizer aquilo que nem sequer ouso exprimir em voz alta...

Raramente nos encontramos desde aquela noite. Uma vez, quando eu estava sozinho no salão, à procura de um livro para Harry, ela entrou vestida para um concerto. Foi o seu embaraço e não o meu que pôs um véu entre nós. Contudo, quando passou diante da janela, depois de ter agido tacitamente, porém graciosamente para comigo, apareceu em meus pensamentos como uma virgem sem mácula. Rodeava-a um delicado esplendor e o seu recato de moça era a sua auréola. Eu devia estar com um ar de estúpido enquanto a observava, mas senti as delícias do paraíso quando ela baixou os olhos diante dos meus e desviou docemente a cabeça para esconder a cor que lhe subira à face...

Eu sei que são divagações de um sonhador, um êxtase de um louco romântico. Sim, estou sonhando, mas preciso sonhar de vez em quando...

Mas, se ela encheu de vida a minha prosaica natureza, que posso eu fazer? Como é pueril, às vezes! Que vivacidade e que inocência há nela!

Adoro as suas perfeições; contudo, são os seus defeitos ou, pelo menos, as suas fraquezas que fazem com que eu a atraia para mim, que a coloque próxima ao meu coração e do meu amor, e isso pela mais egoísta e mais natural das razões: porque os defeitos são os degraus que me fazem elevar acima dela.

Mas, para falar com simplicidade, a sua visita deleita-me, ela agrada-me. Se eu fosse um grande senhor e ela a minha criada, eu não poderia

deixar de amá-la. Tire-lhe a fortuna, a educação, os atavios, os suntuosos vestidos, toda a graciosidade, exceto aquela que a beleza da sua pessoa torna inevitável. Apresente-me a ela, à porta de uma cabana, vestida do mais simples tecido, a oferecer-me um copo de água, eu a amaria!

Que negligência deixar assim aberta a sua escrivaninha onde eu sei que há dinheiro! Aqui estão as chaves de todos os seus móveis, mesmo a do guarda-joias. Nesta bolsa também há dinheiro. Semelhante descuido havia de encolerizar meu irmão, Robert, aliás, todas as suas pequenas fraquezas o incomodariam, pois o conheço bem. Seus defeitos seriam para ele motivos de grande irritação. Mas, se envergonham a mim, é uma deliciosa vergonha! Adoro achá-la em falta. Quanto mais decidido é seu humor, mais malicioso, mais impertinente; quanto mais ela me dá motivos para que eu a desaprove, tanto mais eu a procuro e a amo. Nunca é menos tratável do que quando está montada em Zoé; vem cavalgando contra o vento sobre as montanhas e, no entanto, confesso que espero horas no pátio apenas para assistir ao seu regresso e recebê-la em meus braços ao descer do cavalo. Tenho observado, e ainda é uma coisa que só confio a esta página, que ela só a mim concede este auxílio. Sei-o agora, o meu coração sente, pois o sentiu no seu abandono em meus braços sem qualquer aversão. Saberá ela a alegria que sinto em colocar minha força ao seu serviço? Não sou escravo dela, declaro-o, mas o meu ser é atraído para sua beleza como os gênios para a irradiação da lâmpada. Todo o meu saber, toda a minha prudência, toda a minha calma e toda a minha força estão aos seus pés, esperando humildemente uma tarefa a cumprir.

Chamei-a de negligente, mas é digno de nota que sua negligência nunca compromete sua elegância e é nisso que se pode verificar a realidade, a profundidade, a pureza dessa elegância. Tenho tido em minhas mãos muitos dos seus objetos, muitas vezes parecem ter sido deixados ali de

propósito para que eu os apanhasse. Nunca vi nenhum que não revelasse a mulher mais delicada que conheço. Num certo sentido ela é tão minuciosa como noutros é imprudente. Se ela fosse uma aldeã, da mesma forma, seria elegante e asseada. Olhe a pureza desta luvinha! A frescura do cetim desta bolsa!

Que diferença entre Shirley e essa pérola da Caroline Helstone! A última é a alma da conscienciosa pontualidade e da encantadora exatidão. Conviria perfeitamente aos hábitos domésticos de meu irmão. Ela é tão delicada, tão hábil, tão engenhosa, tão diligente, tão calma! Com ela tudo se faz imediatamente, tudo é desenhado no esquadro. Ela, sim, conviria a Robert. Mas, o que eu faria com uma coisinha tão perfeita? Ela é igual a mim, é linda, decerto, mas o que há nela que seja preciso sofrer, que se tenha de censurar? Minha prima é composta de tons pálidos, como o lírio dos vales, as cores seriam para ela inúteis. Como retocar essas perfeições? Que pincel se atreveria a aflorar essas pétalas? Já, na minha bem-amada, se algum dia eu tiver alguma, quero antes uma semelhança com a rosa. Há de ter a doce e profunda delícia guardada por um eriçamento de espinhos. A minha mulher, se algum dia me casar, deverá espicaçar a calma dos meus nervos. Não me fizeram tão calmo para ser emparelhado com uma cordeirinha! Eu teria uma responsabilidade mais idônea no meu temperamento tendo ao meu lado uma leoa ou uma pantera. Não gosto das coisas doces, gosto das picantes, das brilhantes, mesmo que em certos momentos me queime.

Oh! Minha discípula! Oh! Peri! Turbulenta demais para o céu, inocente demais para o inferno! Nunca poderei ir além de vê-la, adorá-la e desejá-la! Ai de mim! Sabendo que poderia fazê-la feliz, estarei condenado a vê-la na posse de quem não tem esse poder! Deve tomar cuidado, *Sir* Philip Nunnely!...

Lá vem a carruagem! Fechemos a escrivaninha e guardemos as chaves. Ela vai procurá-las amanhã de manhã. Terá que ir ter comigo e dirá com sua voz clara, falando sem hesitação, mas parecendo envergonhada à ideia de que é a vigésima vez que me faz tal pergunta: – *Mr. Moore, não viu as minhas chaves*?”

Posso conservá-la na expectativa e na dúvida e, quando lhe restituir estes objetos, posso ralhar com ela: aqui estão a bolsa e o dinheiro; as luvas, a pena e o sinete. Terá que tirá-los de mim lentamente, um por um, e só à força de confissão, de penitência e de súplicas. Direi isso.

Nunca posso tocar na sua mão, ou numa madeixa de seus cabelos, ou num laço dos seus vestidos, mas tirarei disso alguns privilégios. Cada traço do seu rosto, os seus olhos brilhantes e os seus lábios passarão por transformações para o meu prazer e deleite. Por todas as transformações que podem sofrer, exibirão as deliciosas mudanças do seu olhar e da expressão para meu enlevo, para me penetrarem, talvez, para me agrilhoarem. Se tenho que ser escravo dela, não quero perder a minha liberdade por coisa alguma do mundo.”

Fechou a escrivaninha, colocou todos os objetos no bolso e foi-se embora.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXX

OceanofPDF.com

Rushedge - Um Confessional

Todos diziam que já era tempo de Mr. Moore retornar para Yorkshire. Todos de Briarfield estranhavam sua estranha ausência e os habitantes de Whinbury e de Nunnely trouxeram sua cota separada de espanto. Indagavam os motivos de sua ausência demorada, mas o certo é que havia, pelo menos, quarenta razões plausíveis para tentar explicar aquela inexplicável circunstância. Não eram os negócios que o prendiam; havia muito que concluíra os que o tinham levado a partir; tinham sido descobertos e presos os quatro chefes do motim; ele assistira ao processo, ouvira ler a sentença que os condenava à deportação e ele mesmo os vira partir.

Isto era sabido em Briarfield. O *Stilbro Courier* tinha dado todos os pormenores com amplificações. Correu, portanto, o rumor de que Mr. Moore não ousava voltar para Yorkshire, pois receava por sua vida que estava ameaçada pela vingança.

– Farei com que ele saiba disto – disse Mr. Yorke, na ocasião em que o seu contramestre lhe contou o que o povo dizia. – Se isso não o fizer regressar rapidamente, nada o fará.

Essa notícia, ou qualquer outro motivo, conseguiu enfim o fazer regressar. Preveniu Joe Scott do dia em que chegaria mandando levar-lhe o cavalo. Joe Scott informou a Mr. Yorke, que decidiu ir ao encontro do viajante.

Era dia de mercado e Mr. Moore chegou a tempo de ocupar o seu lugar de sempre para o jantar no hotel. Em parte, por ser estrangeiro e também como homem de qualidade e de ação, os fabricantes o receberam com certa deferência. Alguns que em público não teriam se atrevido a recebê-lo, com medo da vingança popular, aconselhavam-no em particular

como o seu campeão. Depois de os vinhos terem circulado, a amabilidade poderia ter-se transformado em entusiasmo se não fosse a impassibilidade de Mr. Moore mantê-la num grau moderado.

Mr. Yorke, presidente perpétuo desses jantares, presenciava a atitude de seu amigo com extrema satisfação. Era para ele um divertido espetáculo ver Robert Moore, recostado na cadeira, calmo e quase arrogante, ao passo que os donos das fábricas elogiavam as suas proezas, misturando, muitos deles, as lisonjas com desagradáveis investidas contra a classe operária. O seu coração dilatava-se com a agradável convicção de que Mr. Moore se sentia humilhado por aqueles grosseiros elogios.

Mr. Yorke não resistiu e lhe perguntou o que o amigo achava de seus bajuladores.

– Mas que pena, meu rapaz, não ter mandado enforcar aqueles quatro pobres diabos! Se tivesse praticado esse alto feito, a aristocracia do distrito teria desatrelado os cavalos da sua carruagem e o teriam puxado até Stilbro como um triunfante.

Mr. Moore não tardou a deixar a sala onde estavam os fabricantes, Mr. Yorke o seguiu e saíram juntos de Stilbro.

Era cedo para o regresso, embora o dia estivesse adiantado. O último raio de sol já dourava as franjas das nuvens e a noite de outubro começava a estender sua sombra sobre os pântanos.

Mr. Yorke, a quem não desagradava o regresso de Mr. Moore, fez, em grande parte, as despesas da conversa. Referiu-se rapidamente, mas com ironia, ao julgamento e à sentença. Em seguida, passou às intrigas da terra e atacou Mr. Moore em seu próprio terreno:

– Bob, parece-me que foi vencido e é muito bem feito. A fortuna apaixonou-se por você, destinou-lhe o primeiro prêmio da Cornucópia: vinte mil libras esterlinas, bastava que você estendesse a mão para pegar. E

o que fez o senhor? Pediu um cavalo e foi caçar para as bandas de Warwickshire. A sua bem-amada fortuna mostrou-se indulgente. Esperou como a estátua da paciência que o senhor acabasse a caçada, pois julgava ela que o senhor havia de voltar e mostrar-se bom rapaz. Ainda poderia ganhar o grande prêmio, mas ficou indizivelmente surpreendida, e eu também, quando viu que, em vez de regressar a galope para lhe colocar aos pés os louros alcançados, tomara friamente a diligência para Londres. O que foi fazer lá o diabo é que sabe! Nada, penso eu, senão se aborrecer. O seu rosto nunca teve a brancura dos lírios, mas agora está da cor da azeitona. Já não está mais tão bonito como era, meu rapaz!

– E a quem vai caber então este grande prêmio de que tanto fala?

– A um barão, nem mais nem menos. Nem por um instante eu duvido de que ela esteja perdida para você. Será lady Nunnely antes do Natal.

– Sim. É muito provável.

– Mas era isso que não deveria ser. Que espécie de babaca você foi! Juro-lhe, ela poderia ter sido sua.

– E sobre que prova se baseia isso, Mr. Yorke?

– Sobre toda espécie de provas. Sobre o seu olhar e a cor das suas faces que se ruborizavam quando ouvia pronunciar o seu nome.

– O seu conselho é que eu me declare e lhe proponha casamento por mais tarde que seja, Mr. Yorke?

– Poderá tentar, Robert. Se ela tem um fraco por você, e eu acredito que ela tem ou tinha, talvez, ela lhe perdoe. Mas, por que está rindo, meu rapaz? Será de mim? Podia rir da sua própria estultícia. Vejo, contudo, que ri com o canto mau da sua boca. Conheço-o muito bem. Tem neste momento o ar de quem está de muito mau humor.

– Lutei tanto comigo mesmo, Mr. Yorke. Agitei-me de tal maneira dentro de uma camisa de forças, bati tanto com a cabeça de encontro às

paredes!

– Ah! Gosto de ouvir isso. Bom exercício para você! Espero que lhe tenha feito bem, que lhe tenha feito perder parte da sua presunção!

– Da minha presunção? Onde está ela? É artigo que o senhor venda? Conhece alguém de quem eu possa comprá-la? Diga-me onde, Mr. Yorke, que serei um magnífico cliente.

– Será verdade, Bob? Olhe que sinto alívio por sabê-lo. Gosto de ouvir um homem falar com o coração. O que é que não vai bem?

– Horrendo, atroz, vergonhoso e crasso erro! Uma pessoa pode cometer aquilo que a envergonhará, que a deplorará durante anos e que uma vida inteira não chegará para fazê-lo esquecer.

– Continue, meu rapaz, continue; faz-lhe bem falar. Temos o pântano diante de nós e nem um ser vivo numa milha de distância.

– Falo. Não sinto vergonha em lhe dizer o que vai ouvir. Tenho uma espécie de gato bravo dentro do peito e quero que seja o primeiro a saber que ele é capaz de miar.

– Isso para mim é música. A noite está calma e o ouve; ela inclina-se para você como um padre para o penitente. Confesse, meu rapaz, não oculte nada. Faça-se mau como Belzebu e se sentirá aliviado.

– Tão vil como *Mammon*, devia o senhor dizer. Mr. Yorke, se eu descesse do cavalo e me atravessasse na estrada, quereria fazer o favor de passar em cima de mim a galope, para um lado e para o outro, umas vinte vezes?

– Faria com maior prazer caso houvesse um inquérito do juiz de paz.

– Pois é, amigo Yorke! Eu julgava realmente que ela me amava. Vi-lhe brilhar os olhos ao descobrir-me no meio de uma multidão. Via-a corar como uma cereja ao estender-me a mão, ao dizer-me: “– Como passou, Mr. Moore?”

– Continue, não pare.

– O meu nome tinha uma influência mágica sobre ela; quando outros o pronunciavam, ela mudava de atitude, eu bem o sabia. Mostrava interesse por mim. Queria-me bem. Meditei, refleti, pensei, estranhei e só a uma conclusão eu podia chegar: era amor. Olhei para ela, Yorke, vi-lhe juventude e certa espécie de beleza. Vi nela o poder. A sua riqueza oferecia-me a redenção da minha honra e do meu crédito. Eu devia-lhe gratidão. Ela tinha me ajudado, generosa e eficazmente, emprestando-me cinco mil libras esterlinas. Podia eu recordar estas coisas, supor que era amado por ela, ouvir a voz da sabedoria apressando-me a casa e fechar os ouvidos a lisonjeiras sugestões? Jovem, graciosa, elegante; a minha benfeitora era-me dedicada, estava enamorada de mim, costumava eu pensar. Na verdade, eu sorria secretamente da ingenuidade dela em ser a primeira a amar e se deixar ver. Parece-me que o seu chicote tem um cabo pesado e sólido, Yorke! Pode servir-se dele e deitar-me do cavalo abaixo, se quiser.

– Tenha paciência, Bob, até a lua se erguer e eu puder vê-lo, fale simplesmente. Ela o amava ou não? Gostaria de saber. Estou curioso...

– Ah! Eu digo que ela é muito linda e muito atraente à sua maneira. Por momentos parece um composto de fogo e de ar. Sinto nela um poderoso ímã para o meu interesse e a minha vaidade, mas nunca me senti atraído por ela como homem, como se a natureza a tivesse destinado a ser a segunda e a melhor parte de mim mesmo. Dizia com brutalidade: “serei rico como um homem prático e não como um herói de romance.”

– Ajuizada resolução. E que desgraça veio a resultar daí, Bob?

– Com essa *ajuizada* resolução, dirigi-me a Fieldhead numa certa noite de agosto. Era na véspera da minha partida para Birmingham. Antes eu tinha lhe escrito duas linhas pedindo uma entrevista em particular. Encontrei-a em casa e só. Recebeu-me com visível embaraço, pois supunha

que eu ia tratar de negócios. Eu próprio me sentia também bastante embaraçado, mas estava decidido. Abordei o caso de maneira rude e firme, embora com bastante medo, devo confessá-lo. Ofereci-me à minha bela dama com as minhas dívidas como presente nupcial. Senti-me envergonhado, irritado, ao ver que ela nem corava, nem tremia, nem baixava os olhos. Respondeu-me: "– Não sei se o compreendi bem, senhor." Então, eu fui obrigado a repetir, pela segunda vez, a minha proposta e apresentá-la tão claramente como o alfabeto, antes de ela ter visto com clareza do que se tratava. E então, o que ela fez? Em vez de soluçar um terno "sim" ou de ficar em um silêncio doce e confuso, ergueu-se, deu duas voltas na sala, naquele seu jeito tão peculiar, e exclamou: "– Deus me abençoe!"

– Santo Deus! – bradou Mr. Yorke.

– Yorke, eu estava de pé em frente à lareira, de costas para a chaminé, encostei-me a ela e fiquei à espera de qualquer coisa, disposto a tudo. Sabia a sorte que me esperava e conhecia-me bem. O seu aspecto e a sua voz não me deixaram dúvidas. Por fim, parou e fitou-me: "– Deus me abençoe!", repetiu ela implacavelmente num tom escandalizado e, contudo, triste. Depois, concluiu: "– Fez-me uma curiosa proposta; curiosa por ter vindo do senhor, e se o senhor soubesse de que maneira a formulou e o ar que tinha ao fazê-la, teria medo de si próprio. Falava mais como um bandido exigindo a minha bolsa do que como um apaixonado pedindo o meu coração." Engraçada essa frase, não é verdade, Yorke? E eu sabia, quando ela a pronunciou, que não era só *curiosa*, mas também verdadeira. Olhei para ela mudo e enfurecido. Estava cheio de raiva e vergonha.

– "Robert Moore sabe que não ama Shirley Keeldar" – disse-me ela. – Eu teria podido fazer toda espécie de juras falsas, até jurar que a amava. Mas eu não podia mentir diante do rosto puro de Shirley. Aliás, quaisquer

juras que eu fizesse teriam sido inúteis. Ela não acreditaria. O que aconteceu depois? Não vai me perguntar?

– Conte-me, homem.

– Pois bem! Ela sentou-se no vão da janela e chorou. Chorou apaixonadamente. Os seus olhos não estavam apenas inundados de lágrimas, mas soltavam chispas; grandes, sombrios, altivos e diziam-me: “o senhor enganou-me!” Não tardou a acrescentar a palavra aos olhares: “– Eu respeitava-o, admirava-o, amava-o”, disse-me ela. “– Sim, amava-o como um irmão e o senhor, o senhor quis fazer de mim uma especulação! O senhor era capaz de me sacrificar a essa fábrica que é o seu Moloch[14]!”

– Por algum tempo tive o bom senso de me abster de qualquer desculpa, de qualquer explicação. Resignei-me e ouvi-lhe as censuras. Mas, eu estava certamente meio louco, imagine o que eu lhe disse quando lhe respondi: “fossem quais fossem os meus sentimentos, tinha como certo que me amava, Miss Keeldar.”

– Admirável, não é assim? Ela sentou-se estupefata. Ouvi-a murmurar: “será um homem ou qualquer coisa mais vil?”

– “Quer dizer...”, perguntou ela em voz alta – “... quer dizer que supunha que eu o amava tal como se ama quando se pretende casar? O senhor tinha concebido uma ideia injuriosa para os sentimentos de uma mulher” – respondeu ela e de uma maneira revoltante. “– O senhor dá a entender que toda franqueza, toda a benevolência que lhe mostrei, não passava de uma manobra complicada, ousada e inconveniente para caçar um marido? Finalmente, o senhor quer dizer que veio aqui por piedade oferecer-me a sua mão por eu o ter atraído. Deixe-me dizer uma coisa: a sua visão está perturbada, enxergou mal; a sua inteligência está doente, julgou mal; a sua língua o traiu, pois falou mal. Eu nunca o amei como homem.

Pode ficar tranquilo a tal respeito. O meu coração está tão livre de paixão pelo senhor como o seu carece de afeição por mim.”

– Foi isto o que ela me respondeu, Mr. Yorke, e eu disse: “Devo parecer-lhe bem cego e bem presumido.”

– “Eu amá-lo!” – exclamou ela. “– Mas eu fui tão franca para com o senhor como uma irmã; nunca o evitei, nunca o temi.”

– Eu aleguei que ao falar comigo ela corava muitas vezes e que parecia emocionada quando pronunciava o meu nome.

– “Mas não é por sua causa!” – declarou ela, rapidamente.

– Pedi explicações, mas não as obtive.

– “Julga que eu o amava quando estava sentada ao seu lado nas festas das escolas? Quando o detive no caminho? Quando ia procurá-lo no seu escritório?”

– A todas estas perguntas eu respondi que sim, que o supunha. Santo Deus, Mr. Yorke! Ela levantou-se, cresceu, parecia feita de chama.

– “Quer dizer, o senhor tinha a mais triste opinião ao meu respeito. Quer dizer que eu sou uma traidora de todas as minhas irmãs; que procedi como nenhuma mulher pode proceder sem se degradar a si e ao seu sexo.”

– Ficamos ambos silenciosos durante alguns minutos.

– “Oh! Lúcifer, Estrela da Manhã!” – prosseguiu ela. “– Como tu caíste! O senhor, que eu punha outrora tão alto na minha estima, que merecia da minha parte tão grande amizade, só merece desprezo. Vá-se embora!”

– Não fui embora. Eu tinha notado que a voz dela tremia, tinha visto passar um frêmito nos seus lábios. Sabia que outra crise de lágrimas se aproximava, parecia-me que depois viria um período de calma e queria esperar por ele. Logo depois, as suas lágrimas correram com tanta abundância como antes, porém ela estava mais calma. O seu choro tinha um

tom mais doce, mais poético. Enquanto eu a contemplava, os seus olhos lançaram-me um olhar em que havia mais censura do que altivez, mais tristeza do que cólera.

– “Oh! Mr. Moore! Por quê?” – exclamou ela.

– Peguei meu chapéu. Eu nunca me resignaria a partir assim e julgo que ela não teria permitido, mas a ferida mortal que eu tinha causado à sua altivez impunha silêncio à sua compaixão.

– Fui obrigado a voltar atrás, espontaneamente, já quando estava junto à porta, para me aproximar dela e lhe dizer: “Perdoe-me.”

– “Poderia perdoar-lhe se não tivesse que perdoar a mim também” – respondeu ela – “mas devo ter procedido mal, já que induzi ao erro um homem sensato.”

– Lancei-me num discurso de que não me recordo. Sei que falei sinceramente e que o meu voto era absolvê-la perante ela própria. Ela, por fim, estendeu-me sua mão. Pela primeira vez senti vontade de apertá-la em meus braços. Beijei várias vezes a sua mão.

– “Um dia voltaremos a ser amigos” – disse ela. “– Quando o senhor tiver tido tempo para ver os meus atos sob o seu verdadeiro aspecto. O tempo se encarregará de lhe dar a chave e, talvez, então compreenda e ficaremos reconciliados.”

– Deslizaram-lhe ainda algumas lágrimas pelo seu belo rosto e ela as enxugou.

– “Estou incomodada com o que se passou, profundamente incomodada” – disse ela, soluçando.

– Eu também estava; só Deus o sabe. E foi assim que nos separamos.

– Mas que história! – comentou Mr. Yorke. – Estou petrificado!

– Nunca mais a recomeçarei, juro-lhe – replicou o seu companheiro. – Nunca mais voltarei a falar em casamento a uma mulher, a não ser que eu

esteja apaixonado por ela. De agora em diante, o crédito e o comércio tratarão de si próprios. A falência que venha quando quiser. Que venha o pior! Agarrarei num machado e emigrarei com o Louis para o Oeste, já o combinamos. Nunca, em presença de uma mulher, me mostrarei tão louco, tão bruto e tão arrogantemente vaidoso!

– Ora vamos! – disse o imperturbável Mr. Yorke. – Está dando demasiada importância a isso, mas estou estupefato. Em primeiro lugar, por saber que ela não o amava; em segundo lugar, por ela lhe ser indiferente; são ambos jovens, belos, inteligentes e até quanto ao caráter são parecidos... Lógico, olhando o seu lado bom. Como é possível que não tenham podido se entender?

– Nunca estivemos nem podíamos estar inteiramente à vontade um perante o outro. Sentíamos uma admiração mútua quando estávamos afastados, mas as nossas personalidades não se ligavam bem quando nos aproximávamos.

– Pois bem, meu rapaz, aí está uma coisa estranha. Eu poderia rir dessa história e até desprezá-la, isto é, desprezar as suas complicações, mas, como é noite escura e estamos sozinhos, direi que a sua história trouxe um relance de luz à minha vida passada. Há vinte e cinco anos quis persuadir uma bela mulher a gostar de mim, mas ela não concordou. Para mim ela foi como uma parede sem janelas e sem portas.

– Mas é diferente, Mr. Yorke! O senhor amava e adorava Mary Cave; conduziu-se como homem, nunca como um caçador de dotes.

– Ah, sim! Eu a amava! Ela era bela como a lua que nós não vimos esta noite; não há ninguém que se compare a ela atualmente. Só Miss Helstone terá, talvez, certa semelhança com ela, ninguém mais.

– Suponha, Mr. Yorke, suponha que ela era dotada de um espírito refletido e original; imagine que ao conversar com ela, sentado ao seu lado,

o assunto fosse fértil, variado, cheio de pitoresco encanto; suponha que, estando junto dela, por acaso ou intencionalmente, a atmosfera se tornasse para si mais leve; imagine, além de tudo isso, que tivesse sentido tremer, mais de uma vez, na sua a mãozinha de Mary; suponha, finalmente, que a sua Mary tivesse sido, não fria, mas sensível; não nula, mas pensativa; não falsamente modesta, mas pura. Teria deixado Mary para cortejar outra mulher somente por causa do dinheiro dela?

Mr. Yorke soergueu o chapéu e limpou a testa com o lenço.

– A lua já se ergueu – observou ele muito a propósito, apontando com o chicote na direção do pântano. – Lá vai ela subindo por entre a bruma, olhando para nós com sua entranha cor avermelhada. Tão pouco da cor prata como de marfim tem a testa do velho Mr. Helstone.

– Mr. Yorke, se Mary o tivesse amado em silêncio, mas fielmente, castamente, e, contudo, com ardor, como pode desejar ser amado por sua mulher, você a teria desdenhado?

– Robert!... – Mr. Yorke ergueu o braço e o conservou no ar. – Robert, o nosso mundo é singular e os homens são feitos da lama mais estranha que na sua fermentação o caos tenha agitado. Eu poderia proferir os mais sonoros juramentos, com imprecações capazes de fazerem crer aos caçadores furtivos que havia aqui uma luta terrível, e jurar-lhe que nas circunstâncias de que fala só a morte me poderia ter separado de Mary. Mas eu vivi na face da Terra durante cinquenta e cinco anos, fui obrigado a estudar a natureza humana e, para dizer a triste verdade, é provável que, se Mary tivesse me amado e não tivesse me desdenhado; se eu tivesse a certeza da sua afeição; se eu estivesse persuadido da sua constância; se não houvesse nenhuma dívida que me irritasse; nenhuma humilhação que me ferisse, é provável... – deixou cair sua mão pesadamente sobre a sela – que a tivesse abandonado!

Cavalgaram, lado a lado, em silêncio, durante alguns minutos. Já tinham atravessado o pântano de Rushedge e as luzes de Briarfield já eram visíveis lá longe. Mr. Yorke foi o primeiro a retomar a palavra:

– Quais são os seus projetos agora? O que pretende fazer?

– Os meus projetos particulares, guardo para mim, o que neste momento é fácil, pois não tenho nenhum. A vida privada não é coisa permitida na minha posição... um homem endividado! Quanto aos meus planos públicos, as minhas intenções variaram um pouco. Enquanto estive em Birmingham, estudei seriamente e na sua origem as causas das perturbações que agitam atualmente a região. Fiz o mesmo em Londres. Como eu era um desconhecido, eu podia ir aonde me apetecia e misturar-me com quem quisesse. Vi onde faltava pão, aquecimento, roupa; onde não havia trabalho nem esperança. Vi homens dotados de bons sentimentos que se debatiam nas mais sórdidas privações. Vi outros, originariamente baixos, desesperados como animais esfomeados. Vi coisas que me deram uma nova lição e me despertaram novos sentimentos. Não tenho a menor intenção de demonstrar mais doçura e mais sensibilidade do que até aqui demonstrei. Considero a revolta e a ambição como sempre as considerei; resistirei, em absoluto, a uma revolta como já fiz. Lançar-me-ei à caçada do agitador furtivo com tanto ardor e farei com que seja castigado como tanta severidade como já fiz. No entanto, há qualquer coisa a considerar, Mr. Yorke, para além do meu interesse pessoal. A menos que eu seja de agora em diante mais moderado com os ignorantes, mais compassivo para com os que sofrem, terei desprezo por mim mesmo, como sendo grosseiramente injusto. Mas, o que há? – disse Robert Moore, dirigindo-se ao seu cavalo, o qual, tendo sede, procurava dirigir-se para um fosso onde a lua resplandecia no cristal da água. – Mr. Yorke – continuou Mr. Moore – vá andando, tenho que deixá-lo beber.

Mr. Yorke continuou o seu caminho bastante devagar, olhando as numerosas luzes de Briarfield que brilhavam ao longe. O pântano de Stilbro já ficara para trás deles e estava descendo a colina. Lá embaixo estendia-se o vale, com a sua populosa paróquia; estavam quase em casa.

Quando já estavam prestes a abandonar a charneca, Mr. Yorke não ficou surpreendido por ver aparecer um chapéu e vozes vindas de trás de um muro. Contudo, as palavras eram singulares; apurou os ouvidos.

– Quando o mal perece, há gritos de alegria! – disse alguém. Depois escutou ainda: – O mal passa como um turbilhão; o inferno está diante de seus pés e há de morrer, sem esperar!

Um súbito relâmpago e uma detonação quebraram a calma noturna. Antes que Mr. Yorke tivesse tempo de voltar, compreendera que os quatro forçados de Birmingham estavam vingados.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXXI

OceanofPDF.com

Tio e Sobrinha

Os dados estavam lançados. *Sir* Philip o sabia; Miss Shirley Keeldar também; aquela noite em que toda a família de Fieldhead jantou no Priorado de Nunnely decidiu o caso.

Duas ou três coisas levaram *Sir* Philip a declarar-se. Tinha notado que Miss Keeldar andava com o ar doente e pensativo. Aquela sua nova fase, a sua maneira de ser fragilizada, havia impressionado seu lado fraco, seu lado poético; um soneto espontâneo, de repente, fermentou-lhe no cérebro.

Havia na sala de visitas um reduto profundo, com uma janela que era como um quarto dentro do outro. Ali duas pessoas podiam ter uma conversa inteiramente secreta, desde que não falassem muito alto.

Sir Philip convenceu duas das irmãs a cantarem um dueto; arranjou entretenimento para as misses Sympson, e as senhoras mais velhas conversavam uma com as outras. Ele tinha uma história a lhe dizer a respeito de um dos seus antepassados de sombria beleza, aproximou-se dela e começou sua narração.

Havia numa espécie de vitrine, colocada em frente ao reduto, objetos que tinham pertencido à mesma mulher e, enquanto Miss Keeldar parava para examiná-los, *Sir* Philip deteve-se também e murmurou-lhe algumas frases rápidas.

A princípio Miss Keeldar foi tomada de tal imobilidade que se poderia crer que a magia daquele murmúrio fizera dela uma estátua, mas não tardou a erguer os olhos e a responder. Separaram-se. Miss Keeldar voltou ao seu lugar junto ao fogo; apenas Mr. Sympson tinha notado o incidente. Superficial, impaciente e teimoso como sempre, voltou triunfante para Fieldhead.

Contudo, não era homem para guardar segredos; quando estava orgulhoso de alguma coisa, não podia deixar de falar dela. No dia seguinte de manhã, tendo ocasião de empregar o preceptor do filho como secretário, anunciou-lhe, com uma entonação e modos inchados de vaidade, que era melhor ir-se preparando para voltar dentro em breve para o Sul, visto que um importante negócio que o retivera em Yorkshire durante tanto tempo estava em vésperas de ter a mais feliz conclusão, e que uma honrosa aliança estava a ponto de aumentar as relações da família.

Durante um ou dois dias Mr. Sympson mostrou-se macio como veludo, mas ao mesmo tempo, à medida que o segundo dia terminava, começou a ficar ansioso e parecia andar sobre brasas. Espreitava continuamente à janela procurando ouvir o rodar de uma carruagem.

Por fim veio uma carta. Ele próprio a entregou a Miss Keeldar; conhecia aquele sinete, mas não assistiu à leitura, pois a moça levou a carta para seu quarto. Ele também não viu a resposta. Perguntou à sobrinha se ela havia respondido e ela disse que sim.

Ele continuou a esperar, sem coragem para perguntar, pois havia uma expressão no rosto de Miss Keeldar, algo para ele inviolável. Teve por mais de uma vez a ideia de fazer um apelo ao seu filho Harry para saber o que se passava, pois este era muito amigo da sobrinha, mas as conveniências proibiam-lhe e o próprio Harry andava com ar de um aluno para quem as gramáticas são confusas e os dicionários mudos.

Entediado, Mr. Sympson tinha ido passar uma hora com os amigos de Walden-Hall. Voltou mais cedo do que esperava; a família dele e Miss Keeldar estavam reunidas na sala forrada de carvalho. Dirigindo-se a Miss Shirley, pediu que passasse com ele para a outra sala, porque desejava ter uma conversa estritamente particular.

Miss Keeldar ergueu-se sem lhe fazer qualquer pergunta nem manifestar surpresa. Fechados no salão, instalou-se cada um em sua poltrona, um em frente do outro, a alguns passos de distância.

– Fui a Walden-Hall... – disse ele. Fez uma pausa. Miss Keeldar tinha os olhos fitos no lindo tapete verde e branco. Não era coisa que merecesse qualquer comentário.

– Soube... – continuou ele, lentamente – de um fato que muito me surpreendeu.

Apoiando a face no indicador, ela esperou que ele lhe fizesse saber do que se tratava.

– Parece que o Priorado de Nunnely está fechado e que a família regressou à sua habitual residência. Parece que o barão... que *Sir* Philip em pessoa acompanhou sua mãe e as irmãs.

– Na verdade? – objetou Miss Keeldar.

– É uma novidade para você?

– Sim, senhor.

– Preciso... Preciso... – prosseguiu Mr. Sympson, agitando-se na cadeira – preciso ter uma explicação completa. Insisto em... em interrogar à minha maneira. Quero obter as respostas às minhas perguntas. Mas, bem entendido... quero respostas claras e satisfatórias. Eu acreditando que tudo ia bem e lá se foi a família embora...

– Suponho, senhor, que tenham todo o direito de ir embora!

– *Sir* Philip foi-se embora – bradou Mr. Sympson.

Miss Keeldar levantou as sobrancelhas.

– Que faça boa viagem – comentou ela.

– Isto não vai ficar assim! Isto terá volta, menina! – Mr. Sympson arrastava a cadeira para trás e para a frente, parecia furioso e indeciso.

– Vamos, vamos, meu tio – aconselhou Miss Keeldar – não comece a se agitar e a irritar-se, pois desse jeito não se consegue nada de útil. Pergunte-me aquilo que quer saber. Eu também lhe quero pedir uma explicação e prometo respostas claras e verdadeiras.

– Eu quero saber, peço para saber, Miss Keeldar, se *Sir* Philip lhe fez proposta de casamento?

– Fez, sim, senhor.

– Em seguida recebeu uma carta dele. O que dizia?

– Pouco importa.

– Menina! Então isso é maneira de falar?

Miss Keeldar batia o pé no tapete.

– Prometeu respostas verídicas e está silenciosa e irritada.

– Respondi-lhe até agora, senhor. Continue.

– Gostaria de ver essa carta.

– Não posso mostrá-la.

– Devo vê-la e vou vê-la, menina! Sou seu tutor.

– Já não é mais meu tutor. Deixei de ser menor. Lembra-se?

– Ingrata! Educada por mim como se fosse minha própria filha...

– Uma vez mais, meu tio, peço-lhe que tenha a bondade de não se afastar do assunto. Conversemos a sangue-frio. Não tenho vontade nenhuma de me irritar. Mas, como sabe, quando me fazem sair de certo limite, deixo de pesar as palavras. Escute! Perguntou-me se *Sir* Philip me tinha oferecido a sua mão: já respondi. O que quer mais saber?

– Desejo saber se aceitou ou recusou.

– Certamente que vai saber: recusei.

– Recusou? Miss Shirley Keeldar recusou a mão de *Sir* Philip de Nunnely?

– Sim, recusei.

O pobre homem deu um salto da cadeira e correu desorientado pela sala.

– Aí está, aí está, aí está!

– Na verdade, tio, custa-me vê-lo tão desapontado. As concessões e a contrição não dão resultado com certas pessoas.

– Eu, desapontado? Que me importa isso! Que interesse eu teria nesse casamento? Por um acaso está insinuando que eu tenho motivos?

– A maior parte das pessoas tem motivo para seus atos.

– E ela acusa-me na minha cara! A mim, que fui um pai para ela! Vai se arrepender. Quais são as suas intenções, Miss Keeldar?

– Quero que me deixem em paz e só farei aquilo que eu desejar.

– A miss lê livros demais! Livros franceses. O seu espírito está envenenado pelos romances franceses. Está imbuída de princípios franceses!

– Mr. Sympson, não admitirei expressões insultuosas. Tome cautela.

– Isto há de acabar em desonra, mais cedo ou mais tarde! Eu tinha previsto isto desde o início.

– Pretende o senhor dizer que qualquer coisa do que diz respeito a mim vai acabar em desonra?

– Sim, sim. Ainda agora disse que só faria aquilo que bem entendesse. Não conhece regras nem limites.

– Está me cansando, meu tio.

– Em suma, menina, que razões pode ter tido para recusar a mão de *Sir* Philip?

– Ora, aí está finalmente uma pergunta sensata. Irei respondê-la com prazer: *Sir* Philip é demasiado jovem para mim, considero-o uma criança. Todos os seus, sobretudo a sua mãe, ficariam contrariados se eu me casasse com ele. Tal casamento haveria de levá-lo a se zangar com sua família. Aos

olhos do mundo, não sou igual a ele e os nossos temperamentos não se harmonizam.

– Como assim? Não há pessoa mais tratável!

– Ele é muito tratável, é excelente. Na verdade, uma pessoa estimável, mas não é meu ideal em nada. Eu não o poderia fazer feliz e nem por todo ouro do mundo aceitaria tal encargo. Nunca aceitarei senão a mão que me possa dominar.

– Eu que pensava que gostasse de fazer as suas vontades, agora a acho uma inconsequente...

– Quando eu prometer obediência, será na convicção de poder cumprir tal promessa; nunca poderei a um moço como *Sir* Philip. Aliás, ele nunca pretenderia dominar-me; descansaria sempre em mim o cuidado de governar; de guiar; e não tenho a menor queda para tal função.

– Não tem nenhuma queda para dominar, para submeter, para dar ordens, para governar?

– Ao meu marido, não, somente ao meu tio. E sei muito bem que qualquer homem que pretenda viver feliz e em paz comigo, como marido, deverá ser capaz de me dirigir.

– Gostaria que lhe aparecesse um verdadeiro tirano.

– Um tirano não poderia me segurar nem por um dia, nem sequer por uma hora. Revoltar-me-ia; abandoná-lo-ia; desafiá-lo-ia!

– Disse que *Sir* Philip era muito novo, mas ele tem vinte e dois anos!

– O homem para ser meu marido deverá ter trinta anos e razão dos quarenta.

– Poderia arranjar qualquer velhote e trazê-lo para você com uma trela.

– Isso faria eu, sem dúvida, se casasse com uma criança, mas eu não tenho vocação para tal coisa. Não lhe disse que preferia um senhor, um

homem, cuja *autoridade* seja reconhecida pelo meu temperamento impaciente, ou um homem ao qual me parecesse impossível não amar e muito possível temer.

– O que a impede de ter tudo isso em Sir Philip? É um titular, é rico, pertence a um meio que está acima do seu. Fala em inteligência? Mas ele é poeta, faz versos. A miss e o Harry adoram poesia!

– Oh, meu tio, nada há com valor neste mundo, nada há de valor que não tenha poesia!

– Pronto... pronto... case-se então com um poeta: *Sir* Philip!

– Mas de modo algum! O senhor é quase tão poeta quanto ele.

– A menina está fugindo da questão.

– Na verdade, meu tio, quem me dera fugir dela e fazê-lo sair comigo.

– Basta de brincadeiras, menina! Trata-se de uma coisa séria e que estou decidido a esclarecer. Acaba de me descrever, com muito mais liberdade do que convém à sua idade e ao seu sexo, a espécie de indivíduo que preferiria como marido. Queira dizer-me, peço-lhe, se essa descrição é tirada de alguém?

Miss Keeldar entreabriu os lábios, mas em vez de falar, ficou vermelha como uma rosa.

– Quero uma resposta à minha pergunta – gritou o tio.

– É uma descrição histórica tirada de vários livros.

– Vários livros? Santo Deus!

– Estive apaixonada várias vezes.

– Mas isso é cinismo.

– Outrora amei Sócrates... depois Temístocles, Leônidas, Epaminondas.

– Miss Keeldar!

– Passo vários séculos em claro. Washington era bastante feio e, contudo, amei-o. Finalmente, para falar do presente... para revelar o atual ídolo da minha alma...

– Despache-se, por favor, é a hora do almoço e quero ouvir antes a sua confissão.

– Tenho de me confessar; o meu coração simplesmente transborda; gostaria que, em vez de ser Mr. Sympson, o senhor fosse Mr. Helstone. Havia de me compreender melhor e dar-me a sua absolvição.

– Menina, isto é uma questão de senso comum e não de compreensão e sentimento. Disse que era Mr. Helstone?

– Não, não é bem; mas, em suma, não deixa de ter certa semelhança.

– Quero saber o nome e os pormenores.

– São, na verdade, parecidos. Tem o mesmo rosto; um par de falcões humanos, secos, diretos e decididos. Mas o meu herói é o mais poderoso dos dois. A sua inteligência tem a transparência do mar; a paciência dos rochedos; a força dos redemoinhos.

– Miss Keeldar, essa pessoa reside em Briarfield? Responda a isto.

– Meu tio, vou lhe dizer; o nome dele tremeu na ponta da minha língua.

– Fale, minha filha!

– Muito bem dito, meu tio! “Fale, minha filha”, é perfeitamente trágico. A Inglaterra uivou ferozmente contra esse homem, meu tio, mas um dia hão de aclamá-lo com frenesi. Vamos, deixe de ficar tão agitado, meu tio, vou lhe dizer o nome dele.

– Há de dizê-lo, ou então...

– Ouça! É Arthur Wesllesley, lorde Wellington.

Mr. Sympson ergueu-se furioso, saiu da sala num salto, mas voltou imediatamente, fechou a porta e retornou ao seu lugar.

– A menina vai responder-me: os seus princípios permitem-lhe desposar um homem sem fortuna, um homem que esteja abaixo de você?

– Um homem que esteja abaixo de mim, nunca!

– Miss Keeldar – replicou ele, falando muito alto – seria capaz de se casar com um homem pobre?

– Mas com que direito me faz tal pergunta?

– A respeitabilidade da minha família não pode ser comprometida.

– É uma resolução excelente; não deixe de mantê-la. Mas isso é impossível, meu caro senhor, porque não faço parte da sua família.

– Com quem irá se casar, Miss Keeldar?

– Nem com Sam Wynne, pois o desprezo; nem com *Sir* Philip, por quem tenho apenas estima.

– Semelhante obstinação é inexplicável a não ser que esteja sob uma influência indesejável.

– Que quer dizer? Há certas frases que têm o condão de colocar meu sangue a ferver. *Influência indesejável*! Que vem a ser essa expressão de velhote?

– Lembre-se de que é uma senhora.

– Sou mil vezes melhor do que isso. Sou uma mulher honesta e como tal quero ser bem tratada.

– Sabe que a vizinhança – disse ele, inclinando-se misteriosamente para a frente e falando com aterradora solenidade – está cheia de intrigas a seu respeito e do seu caseiro falido, o estrangeiro Mr. Moore?

– Não me diga!

– É verdade, o seu nome anda em todas as bocas.

– Honrará os lábios por onde passa, oxalá possa purificá-los!

– Terá esse homem o poder de influenciá-la?

– Mais do que todos aqueles cujas causas o senhor tem defendido.

– É com ele que pretende desposar-se?

– Ele é belo, valente, decidido.

– Atreve-se a declarar isso na minha cara? Esse miserável flamengo! Esse vil negociante!

– É portador de grandes talentos, é ousado e cheio de coragem. Tem uma testa de príncipe e caminha com o aprumo de um cavalheiro.

– E ela ainda o gaba! Não esconde nada. Não tem vergonha, nada receia!

– Quando se pronuncia o nome de Mr. Moore, não se deve ter qualquer ideia de vergonha nem de receio. Os Moore's só conhecem a honra e a coragem.

– Eu digo que ela está doida!

– Foi o senhor que causou isso. Exasperou-me com suas provocações.

– Esse Mr. Moore é irmão de certo preceptor de meu filho. Permitiria que um homem nessa posição lhe desse o nome de irmão?

– Mr. Sympson... essas suas inconveniências causam-me náuseas, fazem mal ao meu coração. Não vemos as coisas pelo mesmo prisma. Não nos medimos pela mesma medida; não falamos a mesma língua. É melhor colocarmos um ponto final nessa conversa... Isto não quer dizer – prosseguiu ela, vivamente agitada – que eu o deteste; a sua massa é boa; talvez o senhor tenha excelentes intenções, mas não podemos nos entender. O senhor me enche com suas intriguinhas medíocres, com sua mesquinha tirania. Quanto às suas máximas, os seus preconceitos, os seus dogmas, faça com eles um feixe e vá oferecê-los em holocausto à divindade do seu culto. Dele eu não aceito nada. Dirijo-me a outro Deus, a outra luz, a uma esperança diferente da sua.

– Uma ateia!

– O seu deus, meu caro senhor, é o mundo, o dinheiro. Olhe a sua obra favorita: fazer casamentos vantajosos. Ligar o que é jovem com o que é velho; o que é forte com o que é imponente...

– Essa linguagem é terrível... As minhas filhas não devem mais ter relações com a menina. O seu convívio é um perigo para elas. Se eu a tivesse reconhecido mais cedo! Mas, por mais extravagante que eu a considerasse, nunca teria pensado...

– Então começa a entender agora, senhor, que é inútil fazer projetos para mim. Está persuadido de que quem semeia vento provoca tempestade. Varro os seus projetos do meu caminho para poder passar sem me sujar. Deitei a âncora a uma resolução que o senhor não pode abalar. O meu coração e a minha consciência é que me guiarão.

Mr. Sympson estava aterrado.

– Nunca ouvi semelhante linguagem! – murmurou ele várias vezes. – Nunca fui tratado desta maneira.

– O senhor está transtornado. Será melhor retirar-se ou saio eu.

Ele levantou-se precipitadamente.

– Temos de deixar esta casa. É preciso fazermos as malas imediatamente.

– Não atrapalhe tanto a tia e as primas. Dê-lhes tempo.

– Acabaram as nossas relações. Você não é digna delas...

Dirigiu-se para a porta; voltou para buscar o lenço; deixou cair a caixa de rapé. Ao precipitar-se outra vez para fora, tropeçou em Tártaro, que estava deitado no tapete da entrada. No alto da sua exasperação, rogou uma praga ao cão e preferiu um qualitativo brutal a respeito de sua dona.

“Pobre Mr. Sympson! É ao mesmo tempo fraco e grosseiro”, pensou Miss Keeldar. “Sinto-me oca. Estou tão cansada” e, descansando a cabeça numa almofada, passou, docemente, da agitação ao repouso. Alguém,

entrando na sala um quarto de hora depois, encontrou-a adormecida. O intruso deteve-se:

– Miss Keeldar!

A voz dele veio completar o sonho da adormecida; ela não estremeceu e mal despertou; sem abrir os olhos, voltou ligeiramente a cabeça; estava rosada e um vago sorriso espalhava-se em sua face, contudo, os cílios estavam úmidos, chorara ao dormir, ou talvez, antes de adormecer. O epíteto que o tio lhe lançara talvez tivesse feito correrem algumas lágrimas. Não há ninguém que seja suficientemente forte para desprezar justa opinião, para desdenhar uma palavra ultrajosa.

– Miss Keeldar! – disse novamente a voz. Desta vez ela despertou. Ergueu os olhos e encontrou os de Louis Moore, não junto dela, mas de pé a três ou quatro passos de distância.

– Oh! Tive medo de que fosse outra vez o meu tio. Estivemos brigando outra vez.

– Mr. Sympson devia deixá-la em paz. Então ele não vê que a miss está longe de ser forte?

– Garanto-lhe que ele não me achou fraca. Não chorei enquanto ele esteve aqui.

– Está prestes a abandonar Fieldhead – disse ele. – Foi à sala de estudos, onde deu as suas ordens de uma maneira que, suponho eu, seja igual à que usou para atormentá-la.

– O senhor e o Harry também vão embora?

– Parece-me, pelo o que diz respeito ao Harry, que era esse o significado daquelas ordens quase ininteligíveis. Mas, amanhã, tudo pode mudar. Duvido de que ele a deixe antes de algumas semanas. A mim ele dirigiu algumas palavras que hão de exigir comentários quando eu tiver tempo. No momento em que ele entrou, eu estava muito ocupado com uma

carta que acabara de chegar da parte de Mr. Yorke. Tão ocupado que cortei a conversa de uma maneira abrupta, o que o deixou furioso. Aqui está a carta, queria que a lesse. Trata-se do meu irmão, Robert.

E Louis olhou para Miss Keeldar.

– Gostaria de ter notícias dele. Está de volta?

– Já voltou; está no Yorkshire. Mr. Yorke foi ontem ao encontro dele em Stilbro. Neste momento ele está em Briarmains. Vou vê-lo.

– O que aconteceu?

– Se empalidece assim, arrependo-me de ter lhe falado. Podia ter acontecido uma grande desgraça, ele sobreviveu, mas está gravemente ferido.

– Oh! Mas é o senhor que está pálido. Sente-se aqui.

Miss Keeldar leu a carta. Dizia, em termos breves, que, na véspera, Robert Moore fora atingido por um tiro disparado de trás de um muro de plantações, em Mildean; que o ferimento era grave, mas que se esperava que não fosse mortal. Do criminoso ou dos criminosos nada se sabia, pois tinham fugido. Era, sem dúvida alguma, vingança.

– É o meu único irmão, Miss Keeldar – comentou Louis, quando ela lhe devolveu a carta. – Não posso lembrar-me sem me sentir impressionado de que tentaram matá-lo como se fosse um animal feroz.

– Tenha coragem e confie. Ele há de se curar.

Miss Keeldar, desejosa de consolá-lo, pousou a mão sobre a de Louis, apoiada no braço da cadeira.

– Sim, dê-me a sua mão – disse ele – será a primeira vez e num momento de calamidade – e, sem esperar consentimento ou recusa, apoderou-se daquilo que pedia.

– Vou a Briarmains – continuou. – Peço que vá ao presbitério e diga a Caroline Helstone o que aconteceu. É melhor que ela o saiba da sua boca.

– Vou imediatamente. Irei também ver sua irmã, mas decerto ela já está junto de Robert.

– Decerto, ou não tardará. Até breve!

– Terá coragem, aconteça o que acontecer?

– Veremos – respondeu ele, sério.

“Eu que pensava que teria de animá-la”, pensava Louis a caminho de Briarmains, “e foi ela que animou a mim. Que compaixão! Que doce contato! A mão dela na minha parecia um floco de neve, eletrizava-me como um raio. Mil vezes tenho desejado aquela mão! Tê-la entre a minha; agora, sim, tive-a. Tive-a durante cinco minutos. Os seus dedos e os meus nunca mais poderão ser estranhos uns aos outros. Tendo-se encontrado uma vez, novamente terão que se encontrar.”

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXXII

OceanofPDF.com

O Estudante e a Ninfa dos Bosques

Como Briarmains ficava mais próximo do que Hollow, Mr. Yorke levara para lá o seu jovem amigo. Instalara-o na melhor cama da casa, com tanto cuidado como se tratasse de um dos seus próprios filhos. A visão do sangue que jorrava do ferimento de Robert fizera dele um filho do coração.

Não havendo outra mão para ajudá-lo, foi necessário que Mr. Yorke o levasse para lá sozinho. A sua benevolência, sem reservas, conquistou a absoluta dependência da vítima. Já a soturna Mrs. Yorke, que tinha um ataque de nervos quando Jessy não queria sair do jardim para voltar para dentro de casa ou quando Martin se propunha a partir para a Austrália a fim de gozar a liberdade, agora, depois de uma tentativa de homicídio quase à sua porta, de um homem meio assassinado deitado na sua melhor cama, estava com novo aspecto; aquilo lhe dava nova vida, avivava-lhe o humor e até dava à sua touca uns ares de turbante.

Ela era precisamente daquelas mulheres capazes de tornarem a vida impossível a uma criada, mas que cuidariam como heroínas de um hospital cheio de doentes com graves pestes. Ela quase amava Mr. Moore. O seu coração duro encheu-se de ternura ao vê-lo confiado aos seus cuidados, dependente dela como uma criança de berço. Escorraçou Jessy e Rose do andar superior da casa e proibiu as criadas que pusessem os pés lá.

Coisa estranha! Louis Moore foi autorizado a entrar, a se sentar na borda da cama, a encostar-se ao travesseiro, a pegar a mão do irmão e a pousar os lábios na sua testa pálida. Mrs. Yorke suportou aquilo. Admitiu que Louis estivesse presente durante a metade do dia; que ele ficasse sentado uma noite inteira no quarto; ela própria se levantou às cinco da manhã, numa fria manhã de novembro, acendeu o fogo na cozinha, preparou o café da manhã para os dois irmãos e os serviu. Majestosamente

envolvida num vasto penteador de flanela, de touca de dormir, sentou-se para vê-los comer com tanta satisfação como uma galinha quando contempla seus pintinhos. Entretanto, neste mesmo dia descompôs a cozinheira que se permitira levar a Mr. Moore uma papa de sagu, e a criada de quarto também perdeu a estima dela porque, quando Louis saiu, ela lhe trouxe o casaco da cozinha e, como descarada que era, ajudou-o a se vestir, aceitando em troca um “muito obrigado” e um xelim.

Duas senhoras vieram pálidas, inquietas, e pediram para ver Mr. Moore durante uns instantes, mas Mrs. Yorke endureceu seu coração e recusou terminantemente. Contudo, Miss Hortense foi acolhida com ardor. Menos mal do que se poderia esperar. Miss Moore, aliás, não demonstrou qualquer espécie de ciúme por causa das atenções que Mrs. Yorke tinha com Robert; deixou-a ocupar o lugar de enfermeira e arranjou outras ocupações para ela na casa. Ambas se entenderam admiravelmente bem para afastar os visitantes da casa. Tinham-no cativo e mal permitiam ao ar que o soprasse e ao sol que brilhasse sobre ele.

Mac Turk, o cirurgião a quem Mr. Moore fora confiado, queria instalar junto dele uma enfermeira profissional, da sua escolha, mas nem Mrs. Yorke nem Miss Hortense estavam dispostas a consentir em tal coisa.

É certo que o tratavam da melhor forma que podiam, mas ocorreu um acidente: as ligaduras soltaram e isso resultou em grande perda de sangue. O cirurgião ficou furioso. Ao ver o estado de Mr. Moore, desabafou com uma série de expressões escolhidas, que se torna inútil repetir.

Durante a maior parte de uma noite de inverno, o médico e dois ajudantes permaneceram junto de Mr. Moore, fechados com ele, trabalharam e lutaram sobre um corpo esgotado. Todos os três de um lado da cama, do outro, a morte. A luta foi cruel. Pela manhã, as probabilidades

pareciam tão iguais que as duas partes podiam julgar-se igualmente vitoriosas.

Mr. Moore foi confiado à guarda do jovem Mac Turk enquanto foi-se buscar novos reforços que vieram na pessoa de Mrs. Horsfall, a melhor enfermeira do seu estado-maior. Foi aos cuidados dessa mulher que o médico confiou Mr. Moore com as mais severas recomendações.

Mrs. Horsfall tinha uma qualidade, sabia obedecer a ordens. Aos seus olhos, os dez mandamentos eram menos sagrados do que as ordens do cirurgião. Não era uma mulher, era um dragão. Miss Hortense e Mrs. Yorke retiraram-se completamente aterrorizadas pela grossura e altura; pelos grandes ossos e pelos músculos de Mrs. Horsfall. Esta conservava-se no andar superior e, quando entendia que era conveniente, descia para se alimentar, bebia o seu trago e fumava quatro cachimbadas.

Quanto a Mr. Moore, ninguém se atreveu mais a inquirir sobre seu estado, pois Mrs. Horsfall estava de guarda.

Pela manhã e à noite o médico vinha vê-lo. O caso, assim complicado por um acidente, interessava ao jovem cirurgião. Na verdade, Mr. Robert Moore passava horas pouco agradáveis; cheio de sofrimento, em perigo de vida, mal podendo falar, tendo por enfermeira uma espécie de gigante e por companhia três cirurgiões. Foi nestas condições que ele passou todo o triste mês de novembro.

No começo de seu cativeiro, Mr. Moore opôs uma fraca resistência a Mrs. Horsfall, mas ela ensinou-lhe, num instante, a ser dócil. Não ligava a mínima para os seus seis pés de altura nem para os seus hábitos masculinos, tratava-o como trataria uma criança de berço.

Finalmente, novembro passou e dezembro chegou com o inverno profundo, com o céu puro, o frio e as geadas.

Um dia tranquilo seguia-se de uma noite transparente como cristal; no horizonte, a luz tinha reflexo de pérola. As montanhas estavam violáceas e eram vermelhos os reflexos do poente. O firmamento tinha um fundo de cristal branco, tons pálidos, cerúleos ou de esmeralda, essa transparência resplandecia a paisagem.

Que objeto é aquele, de um azul sombrio, que se move, isolado naquele bosque incolor? É apenas um rapaz da escola de Briarfield, que deixou os companheiros regressarem a casa pela estrada e preferiu o bosque, à procura de uma árvore com um montículo coberto de musgo junto às raízes, sobre o qual ele gostava de se sentar. Por que ele andava sozinho em tal lugar? Estava frio e era tarde. Lá está ele sentado neste exato momento. Em que pensará ele? Saberá sentir o encanto e a pureza da noite? Uma lua branca como uma pérola sorria para ele através das árvores cinzentas. Dará ele conta desse sorriso? Não é possível dizê-lo. O seu rosto não é nenhum espelho que reflita as sensações, mas antes uma máscara que as esconde. É um rapazinho de quinze anos, alto para sua idade, com um ar que promete tão pouco às amenidades como ao servilismo. Os prefeitos sensatos evitam se meter na vida deste rapaz. É melhor deixá-lo consigo próprio, pois o tempo acabará por educá-lo.

Martin Yorke, pois se trata de um dos jovens Yorkes, tem grande desprezo pela poesia. Fale-lhe com ar sentimental e ele lhe responderá com uma troça. Mas, ali está ele sozinho, contemplando respeitosamente a natureza, enquanto ela abre, diante de seus olhos atentos, uma página de severa e silenciosa poesia.

Mal acaba de se sentar, extrai um livro da sua pasta, não uma gramática latina, mas um livro de contrabando: contos de fadas. Ele ainda tem uma boa hora de claridade para os seus jovens olhos, aliás, a lua está ali, a sua luz ainda vaga enche a clareira onde está sentado.

Ouvem-se passos. Ele guarda o livro na pasta e coloca-se à escuta: Não! Sim! Novamente se ouve um rumor entre as folhas secas. Martin ergueu os olhos, os ramos se afastam e uma mulher surge.

Está vestida de seda preta e um véu cobre-lhe a face. Martin nunca havia encontrado uma mulher naquele bosque, a não ser, muito raramente, qualquer mocinha da aldeia que vinha colher avelãs. Naquela tarde a aparição não lhe desagradou. À medida que ela se aproxima, verifica que não é velha nem feia, mas, pelo contrário, muito nova e, se não reconhecesse aquela de quem ele muitas vezes fala que é feia, descobriria beleza sob a leve gaze do véu. Ela passou ao seu lado sem dizer nada. Era o que ele esperava; as mulheres não passavam dumas macacas para ele; orgulhosas. E ele não conhece boneca mais cheia de si do que esta Miss Caroline Helstone, mas a dama volta atrás e, erguendo o véu, olha o rapaz e pergunta-lhe com doçura:

– Não é filho de Mr. Yorke?

Nenhum testemunho humano poderia persuadir Martin Yorke de ter mudado de cor e, contudo, corara até a raiz dos cabelos.

– Sou – respondeu com brusquidão.

– É o Martin, não é?

Esta simples frase, dita com certa timidez, soou agradavelmente aos ouvidos do moço. Amaciou-o como se fosse uma nota musical. Martin tinha uma profunda consciência do seu valor pessoal. Ficou agradavelmente envaidecido ao ver que aquela moça o distinguia dos irmãos. Tal como o pai, detestava as cerimônias; gostava de ouvir uma mulher chamá-lo apenas de Martin. O outro extremo, a excessiva familiaridade, parecia-lhe ainda pior do que a cerimônia. O leve tom de timidez de Miss Caroline pareceu-lhe perfeitamente conveniente.

– Sim, sou o Martin.

– Como estão seu pai e sua mãe?

Felizmente ela não disse papá e mamã, o que teria estragado tudo.

– E Rose e Jessy? Estão bem, eu suponho.

– A minha prima Hortense continua em Briarmains?

– Oh, sim!

Martin pronunciou isso num tom cômico e com um leve sorriso. O leve sorriso foi-lhe devolvido por Miss Helstone, que adivinhava perfeitamente o que os moços Yorkes pensavam de Miss Hortense.

– Está frio esta tarde... – ela comentou.

– Por que anda por estas bandas tão tarde? – ele perguntou.

– Perdi-me no bosque.

Desta vez Martin se permitiu uma risada irônica.

– Perdeu-se na vasta floresta de Briarmains? Merece nunca achar a saída.

Miss Helstone sorriu e respondeu:

– Nunca tinha vindo aqui e creio que estou agora violando a propriedade alheia; o bosque é de seu pai, não é?

– Sim, mas já que foi tão desastrada e se perdeu, eu vou guiá-la.

– Não precisa, agora já encontrei a trilha; irei bem depressa. Martin – disse ela – como está Mr. Moore?

Aos ouvidos de Martin tinham chegado certos rumores e julgou lícito se divertir fazendo uma experiência.

– Vai morrer. Nada o pode salvar. Todas as esperanças estão perdidas!

Ela fitou-o nos olhos e disse: – Morrer?

– Morrer. E por causa das mulheres. Da minha mãe e de outras. Mexeram nas ligaduras e estragaram tudo; ele perdeu quase todo o sangue; não fossem elas, ele já estaria melhor.

Miss Helstone parecia pregada ao chão. Ao término de dois minutos, sem ter pronunciado uma palavra, começou a andar, sem se despedir, sem fazer mais qualquer pergunta. Não tivera graça nenhuma. Não era aquilo que Martin esperava, contava com uma cena dramática; não valia a pena assustar a moça, visto que ela não lhe daria o espetáculo esperado. Chamou por ela:

– Miss Helstone!

Ela nem ouviu nem se voltou. Martin correu atrás dela.

– Ouça! O que eu lhe disse lhe fez sofrer?

– Desconhece o que é a morte, Martin. É ainda muito novo para que eu possa conversar com você sobre este assunto...

– Então acreditou? É mentira. Quis apenas fazer uma brincadeira. Mr. Moore come por três. Elas passam o tempo a fazer papas para ele, tapiocas e outras coisas boas. Não posso ir à cozinha sem encontrar uma panela no fogo com qualquer coisa para Mr. Moore.

– Martin! Martin!... – a voz dela tremeu e calou-se. – Não é bonito da sua parte, quase me matou...

Miss Helstone deteve-se, encostou-se em uma árvore, trêmula e pálida como a morte.

Martin contemplava-a com inexprimível curiosidade. Por um lado, aquilo, para ele, para usar o seu vocabulário, era “bom como nozes”, pois lhe dizia tantas coisas e despertava nele uma grande vontade de descobrir segredos. Por outro lado, recordava-lhe o que sentira outrora ao ouvir um melro chorando os filhotes que Matthew matara à pedrada e não era um sentimento de prazer. Incapaz de achar alguma coisa para lhe dizer que pudesse consolá-la, começou a pensar o que poderia fazer para ajudá-la. Sorriu e exclamou:

– Já sei! Vou reparar o mal que lhe fiz. Já se sente melhor, Miss Helstone? Venha comigo.

Sem refletir sobre o que seria mais difícil para Miss Caroline, escalar um muro ou atravessar uma sebe, levou-a por um caminho à direita. Viu-se obrigado a ajudá-la a transpor obstáculos e, embora zombando da sua fraqueza, sentia grande satisfação em sentir-se útil.

– Martin, antes de nos separarmos, dê-me sua palavra de honra, de que Mr. Moore está melhor.

– Pensa muito nesse Mr. Moore!

– Não... mas... vários amigos dele podem pedir-me notícias suas e quero poder respondê-las.

– Diga-lhes que ele vai razoavelmente bem, mas que é um preguiçoso. Diga-lhes que come costeletas de carneiro ao jantar e na ceia a melhor araruta que existe.

– E quem trata dele, Martin?

– Quem cuida dele? Daquele grande bebê? Ora! É uma mulher tão gorda quanto o nosso maior tonel, uma solteirona rude e feia. Ela deve fazer da sua vida o diabo! Só ela aproxima-se dele além dos médicos. Creio que ela lhe bata. Às vezes, quando estou deitado, encosto meus ouvidos à parede e ouço pancadas como se alguém estivesse espancando alguém. No fim das contas, apesar das costeletas e das geleias que lhe dão, eu não queria estar na pele dele. Cá para mim, ela come a maior parte do que vai para Mr. Moore, mas não o deixa morrer de fome, isso é certo!

Profundo silêncio e meditação da parte de Miss Helstone e vigilância arteira da parte de Martin.

– Suponho que nunca o vê, não é, Martin?

– Eu? Não! E não me interesso em vê-lo.

Novo silêncio.

– Não veio a nossa casa há cinco semanas com Mrs. Pryor para saber dele? – perguntou ainda Martin.

– Vim.

– Suponho que queriam vê-lo?

– É certo, mas a sua mãe nos enxotou de lá.

– Sim, ela recusou; eu ouvi tudo. Tratou-as com muita dureza.

– Não foi benévola, porque, como sabe Martin, somos parentes dele e é natural que tenhamos interesse pela saúde de Mr. Moore. Mas temos de nos separar. Estamos à porta da sua casa.

– E então? Que importância isso tem? Eu a acompanho até o presbitério.

– Notarão a sua ausência e não saberão onde está.

– Não se preocupe. Tenho idade suficiente para olhar por mim.

Martin sabia que já merecia censuras e pão seco por uma semana. Contudo, aquela tarde lhe trouxera uma aventura e isso valia a pena mais do que os pastéis e as torradas.

Acompanhou Miss Helstone ao presbitério. Durante o trajeto, prometeu que veria Mr. Moore, a despeito do dragão que lhe guardava o quarto, e marcou uma hora no dia seguinte para Miss Caroline aparecer no bosque e receber as notícias. Aquele plano podia falhar, no entanto, a ideia lhe sorria.

Quando voltou a casa, os pães secos foram devidamente prodigalizados juntamente com os sermões. Aceitou a penitência com o mais firme estoicismo. Contudo, antes de subir para o seu quarto, fez uma visita, em segredo, à sala de jantar; compartimento frio e majestoso que raras vezes servia, pois a família habitualmente tomava suas refeições na sala de estar. Deteve-se diante da chaminé e ergueu a vela a altura de dois

quadros que representavam cabeças de mulheres; uma, beleza serena, feliz e inocente; a outra, mais graciosa, porém triste e desesperada.

"Parecia-se com esta", disse ele contemplando a segunda figura, "quando soluçava, encostada na árvore; suponho...", continuou mais tarde, no seu quarto, sentado à beira da cama, "suponho que ela esteja com o que eles chamam de apaixonada; sim, apaixonada por esse Mr. Moore que está no quarto ao lado. Chut! Essa Mrs. Horsfall bate mesmo nele! Pelo barulho parece que é mesmo verdade, mas suponho que ela está apenas lhe fazendo a cama. Ouvi, certa vez, ela batendo no colchão como se estivesse lutando boxe. É engraçado! Mrs. Horsfall é uma mulher e Miss Caroline Helstone também é mulher e, contudo, nada têm de parecido. Miss Caroline seria o que costumam chamar de linda moça? Parece-me que sim. Tem-se prazer em olhar para ela. Há um não sei o quê tão claro no rosto dela, tão doce nos seus olhos! Ela tem umas longas pestanas e a sombra delas parece-me repousante. Se ela se portar bem e continuar a agradar-me, como me agradou hoje, poderei recompensá-la. Não me desagrada em nada a ideia de enganar minha mãe e esse ogro da velha Mrs. Horsfall. Não que me seja agradável dar prazer a Mr. Moore, mas tudo que eu fizer por ele me será pago e em moeda da minha escolha. Sei muito bem qual a recompensa que vou lhe pedir; uma recompensa desagradável para ele e agradável para mim". Deitou-se.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXXIII

OceanofPDF.com

A Estratégia de Martin

Para que o plano de Martin fosse bem-sucedido era preciso que ele pudesse estar o dia inteiro em casa. Por consequência, não teve apetite para almoçar; em seguida, queixou-se de uma violenta indisposição que fez pensar que, em vez de ir para a escola com Mark, mais valia ficar instalado na poltrona do pai ao canto do fogo, lendo o jornal. Arranjado isto conforme ele desejava e depois de Matthew e Mr. Yorke terem saído para o escritório e Mark para a escola, ainda faltava conseguir mais quatro coisas.

A primeira era obter o almoço que não tinha provado e que seu apetite jovem dificilmente podia dispensar. A segunda, a terceira e a quarta eram afastar respectivamente a mãe, Miss Hortense e o ogro da enfermeira antes das quatro da tarde.

O primeiro desses objetivos era o mais urgente. Martin conhecia o caminho da copa e tomou-o. Os criados estavam na cozinha almoçando solenemente. Martin, em segurança na copa, fazia a sua escolha entre as provisões. Se o almoço veio atrasado, queria que fosse, ao menos, bem sortido. Uma provisão de rosadas maças, pousadas em palha, guarneciam uma prateleira. Escolheu três. Num prato havia bolos; ele preferiu um pastel de massa folhada de damasco e uma torta de ameixas. O pão comum não atraiu sua atenção, mas condescendeu em escolher um bolo seco. Graças à sua faca pôde apropriar-se de uma asa de frango e de uma fatia de presunto. Pareceu-lhe que um pedaço de pudim frio viria perfeitamente com o resto e, tendo-o juntado às provisões, precipitou-se para o corredor.

Estava já no meio dele, a três passos da sua segura sala de jantar não usada pela família, quando a porta da entrada se abriu e Matthew surgiu à sua frente.

Martin preferia ter visto o diabo em pessoa, com os respectivos chifres, o rabo e os pés de cabra.

Matthew, incrédulo e irônico, não acreditava na indisposição; havia murmurado “impostor!”; e o espetáculo que tinha agora diante dos olhos não dava, senão, demasiada razão à sua elevada ideia, mas fazia dela uma perspicácia.

Martin ficou interdito durante alguns instantes, mas não tardou a se recompor. Percebeu que ainda poderia tirar proveito do que parecia um lamentável contratempo. Viu como poderia aproveitá-lo para concretizar a parte dois de seu plano, seu segundo objetivo: ver-se livre da mãe. Sabia que uma colisão entre ele e Matthew nunca deixava de provocar em Mrs. Yorke um ataque de nervos, sabia também que a bonança sucedia sempre à tempestade – a mãe, após uma manhã de espasmos nervosos, não deixaria de passar a tarde na cama, o que lhe convinha perfeitamente.

A colisão teve seu lugar no corredor. Um riso seco e uma zombaria insultuosa, acolhidos com uma réplica lançada com ar indiferente, porém cruel, foram os sinais do combate. Os rapazes atiraram-se um ao outro. Martin, que fazia habitualmente pouco barulho em tais ocasiões, fez muito desta vez. Acorreram os criados, Mrs. Yorke e Miss Hortense. Não houve mão de mulher que pudesse separar os combatentes e chamaram Mrs. Horsfall.

– Meus filhos, se isso continuar assim, um de vocês terá que abandonar o meu teto. Não quero mais ver aqui luta entre Abel e Caim.

Então, Martin deixou de se agarrar; havia sido ferido, pois era o mais jovem e mais fraco, mas tinha o ar perfeitamente calmo; sorrira até, contente por ver realizada a parte mais difícil da tarefa que se impusera.

Passado um quarto de hora, estava outra vez na sala de jantar, contemplando a moldura na parede, a mulher com os cabelos desfeitos e

olhos cheios de desespero. “Sim”, disse ele, “eu a fiz chorar, estremecer, quase desmaiar. Quero vê-la sorrir, antes de colocá-la fora de combate; aliás, preciso ludibriar todas as fêmeas.”

Na parte da tarde, Mrs. Yorke justificou as previsões do filho, recolhendo-se ao seu quarto. Restava Miss Hortense.

Esta dama estava confortavelmente sentada e costurando na segunda sala de estar, enquanto Martin, estendido no sofá, continuava dizendo que estava indisposto; pondo de lado um livro que estava lendo com a volúpia de moço paxá, disse com indiferença algumas palavras a respeito de Sarah, a criada de Hollow. Insinuou que a menina passava por três namoros, Frederico Murgatroyd, Teremias Pighills e certo João. Disse que Mrs. Mann afirmara que essa moça, desde que era a única guarda da *cottage*, convidava-os muitas vezes para comer e os regalava com o que havia de melhor em casa.

Não foi preciso mais nada. Miss Hortense não poderia viver mais uma hora sem dirigir seus passos ao lugar onde se praticavam tais escândalos e ver as coisas com seus próprios olhos. Mrs. Horsfall ficou só. O leitor deve estar se perguntando de Rose e da pequena Jessy. As duas, para a alegria de Martin, tinham saído para dar um passeio. Aproveitando que a mãe estava repousando, não tinham hora para regressar e, certamente, como acontecia após as suas brigas com Matthew, o passeio seria longo.

Martin, senhor da praça, tirou do cesto de costura da mãe um molho de chaves. Abriu a adega, tirou de lá uma garrafa preta e um cálice, que pousou em cima da mesa. Depois subiu lentamente até o primeiro andar e bateu à porta do quarto de Mr. Moore, a enfermeira veio abrir.

– A senhora, por favor, está convidada para ir à sala de jantar tomar qualquer coisa; ninguém a irá incomodar, pois a família toda saiu.

Viu-a descer, viu-a entrar, trancou a porta e correu ao bosque.

Eram apenas três horas e meia e começava a nevar. O vento era glacial, o bosque tinha um ar triste e o aspecto das velhas árvores era sinistro. Martin, contudo, teve que esperar; passeou de um lado para outro, enquanto os flocos de neve caíam cada vez mais densos. O vento uivava.

– Como ela está demorando! – murmurava ele. – Não sei por que desejo tanto vê-la. Não é por minha causa que ela vem, mas preciso que ela venha para poder exercer sobre ela o meu poder.

Continuou andando.

– Se ela não vier – prosseguiu – vou odiá-la e desprezá-la.

O relógio bateu quatro horas. Ouviu ao longe o sino da igreja. Um andar lento, tão leve que sem o rumor das folhas não se ouviria, pôs fim à sua impaciência. O vento já soprava furiosamente e a neve caía cerrada, contudo, ela não deixara de vir e sem medo.

– Então, Martin? – disse ela, com vivacidade. – Como ele está?

“É curioso como ela pensa nele!”, cogitou Martin; “não sente a neve nem o frio, creio eu, contudo, não passa de uma criança, como diria a minha mãe. Gostaria de ter um grande casaco para envolvê-la.” Mergulhado em suas reflexões, ele não respondeu a Miss Helstone.

– Viu-o?

– Não.

– Oh! Tinha me prometido que o veria...

– Parece que posso fazer por você melhor do que isso. Eu não lhe disse que eu não tinha interesse algum em vê-lo?

– Mas há de passar muito tempo antes que eu possa saber alguma notícia dele! A incerteza está me deixando doente. Martin, vá vê-lo, peço-lhe; diga-lhe quanto interesse tem por ele Caroline Helstone; diga também que ela gostaria de saber se pode fazer alguma coisa por ele.

– Venha! Não fiquemos neste bosque, está frio demais.

– Mas antes de eu ir embora me prometa, eu te imploro, que volta amanhã com notícias.

– Não prometo semelhante coisa! A minha saúde é bastante delicada para que tome e cumpra tais compromissos no inverno. Se soubesse como me doía o peito esta manhã e como tive que ficar sem almoço, sentiria que é imprudente mandar-me vir aqui, com este tempo, debaixo dessa neve.

– É assim tão delicado, Martin?

– Não pareço?

– Tem as faces rosadas.

– É de febre. Quer vir ou não?

– Onde?

– Comigo. Fui um louco em não trazer um casaco forrado. Podia evitar que estivesse aí tiritando de frio. Coloque o seu braço debaixo do meu. Terei cuidado com você. Entrará pela porta.

– Mas...

– Mas... Mas... Quer ou não confiar em mim?

Ela olhou-o nos olhos.

– Creio que sim – respondeu. – Tudo, menos ir embora com a mesma ansiedade.

– Só posso prometer isto; deixe-me dirigi-la e verá Mr. Moore com seus próprios olhos.

– Eu? Mas, caro Martin, ele sabe?...

– Ah! Agora já sou caro. Não, ele não sabe.

– E a sua mãe e os outros?

– Pensei em tudo.

Miss Caroline Helstone mergulhou num acesso de divagação silencioso, enquanto caminhava ao lado de Martin até avistar a casa.

– Já se decidiu? – ele perguntou.

Ela permaneceu calada.

– Chegamos. Não o quero ver, mas posso anunciar sua chegada.

– Martin, você é um rapaz engraçado e isto é uma engraçada aventura. Mas, tudo o que eu sinto é... irei vê-lo.

– Não hesita nem se arrepende?

– Não.

– Não tenha medo em passar diante das janelas. O meu pai e Matthew estão na fábrica; Mark, na escola; as criadas estão na cozinha; as minhas irmãs, na casa de Mrs. Mann; Miss Hortense foi a *cottage*, minha mãe está de cama, pois passou mal pela manhã, e Mrs. Horsfall está no paraíso. Veja, abro-lhe a porta. O corredor está vazio, a escada tranquila, toda a casa e seus habitantes estão sob uma feitiçaria que eu só quebrarei quando você tiver ido embora.

– Martin, tenho confiança em você.

– Nunca disse coisa mais acertada. Dê-me o seu xale. Vou sacudi-lo para tirar a neve e secá-lo na lareira da sala de estar. Está molhada, deve estar com frio, mas lá em cima tem uma lareira no quarto. Está pronta? Siga-me.

Martin deixou os sapatos no tapete e subiu as escadas descalço; atrás dele Miss Helstone deslizava a passos leves. Martin parou diante de uma porta e bateu. Foi obrigado a bater duas vezes e até três; uma voz bem conhecida de uma das pessoas disse, por fim:

– Entre.

O rapaz entrou depressa.

– Mr. Moore, veio uma senhora saber notícias suas. Não estava aqui nenhuma das mulheres; as criadas estão afogadas em água de sabão, pois é dia de faxina; por isso eu disse a ela que subisse; caso se oponha, ela não terá mais nada a fazer do que descer outra vez.

– Isto aqui é lugar para receber uma senhora e eu por acaso estou em estado de receber alguém? Que absurdo, garoto!

– Pois não, portanto, vou mandá-la embora.

– Martin, quem é ela?

– É a avó daquele castelo soturno, o Scheldt, de que fala a sua irmã, Miss Hortense.

– Martin – ralhou, num leve murmúrio, uma voz atrás da porta – deixe de gracejos.

– Ela está aí? – perguntou Mr. Moore com vivacidade, tinha escutado qualquer coisa.

– Está e a ponto de desmaiar; está no tapete, ferida pela sua falta de afeição filial.

– Martin, você é uma péssima mistura de diabinho e pajem. Com quem se parece ela?

– Mais comigo do que com você, pois é jovem e bela.

Quando Miss Caroline entrou, foi acolhida no meio do quarto por um personagem alto e magro que a agarrou com ambas as mãos.

– Dou-lhes um quarto de hora – disse Martin antes de sair – nem mais um segundo. Digam o que tiverem de dizer um ao outro durante esse tempo. Até ele passar, ninguém se aproximará daqui; eu velarei pela segurança dos dois; se persistirem em querer ficar mais tempo, abandonarei os dois aos seus próprios destinos.

Saiu e fechou a porta. Na galeria, sentiu-se orgulhoso como um rei. Nunca se tinha visto metido numa aventura que fosse tanto do seu gosto.

– Por fim veio – disse o homem magro fitando a visitante com os olhos encovados.

– Esperava por mim?

– Durante um mês, quase dois, não estávamos muito longe um do outro e eu sofrendo aqui, correndo perigo, aborrecendo-me, Caroline!

– Não pude vir!

– Não podia vir? Mas, o presbitério e Briarmains estão tão próximos. Nem dois quilômetros daqui.

– Vim no próprio dia em que soube do ocorrido.

– Mas e depois? Todas as tardes esperei por você. Qualquer coisa me dizia que era impossível ter-me esquecido.

– Eu voltei, Robert. Voltei!

– Veio? Venha, sente-se e vamos conversar sobre isso. Então veio uma segunda vez?

– Vim no início e todos os dias, e Mrs. Yorke recebeu-me estranhamente. Disse que na casa dela ela era a responsável por você e dizia sempre “não”. Voltei depois várias vezes na companhia de Mrs. Pryor e em uma delas com Miss Keeldar, e nunca fomos autorizadas a vê-lo. Mrs. Yorke enxotou todas nós. Desde então tenho me limitado a passar, uma vez por dia, diante da casa.

– Desejei tanto vê-la, Caroline!

– Eu ignorava tal coisa; nunca pensei por um instante sequer que pensasse em mim. Se eu tivesse podido imaginar essa possibilidade...

– Mrs. Yorke a teria posto outra vez a andar.

– Oh! Isso não! Eu arranjaria uma estratégia.

– Ainda ontem à noite eu estava desesperado para vê-la...

– Mas, deve estar melhor, visto que pode se levantar. Agora vai regressar a Hollow?

– Iria comigo a tristeza. Não se aproxima de mim nada que me alegre! A não ser...

– É preciso mudar tudo, ainda que seja preciso lutar contra dez Mrs. Yorkes.

– Está me fazendo rir.

– Sorria, sorria mais. Está sofrendo, Robert?

– Agora não sofro muito, mas ainda estou muito fraco, e o meu espírito está singularmente sombrio e vazio. Bem vê, pareço um fantasma.

– Sim. Está mudado e, contudo, eu seria capaz de reconhecê-lo fosse onde fosse, mas compreendo as suas impressões. Depois da última vez que nos vimos, eu também estive muito doente.

– Muito doente?

– Sim, julgava que fosse morrer. A história da minha vida parecia terminada. Acordava todas as noites com sonhos terríveis; não comia nem dormia mais, contudo estou melhor.

– Consoladora, melancólica e terna! Sinto-me tão fraco para exprimir quanto me vai à alma.

– Estou aqui ao seu lado, onde julguei que nunca mais me encontraria. Falo com você, vejo que me escuta com prazer, que me olha com agrado. Contava eu com isso? Já me desesperava.

Mr. Moore deu um suspiro que era quase um gemido. Cobriu os olhos com a mão.

– Oh! Que eu possa viver para poder reparar!...

– Reparar o quê?

– Não toquemos neste assunto agora, Caroline. Estou demasiado fraco. Mrs. Pryor estava ao seu lado durante a sua doença?

– Sim... – comentou ela com um alegre sorriso. – Sabe que ela é minha mãe?

– Hortense me contou, mas quero ouvir essa história da sua própria boca. Aumentou ela a sua felicidade?

– A *mamã*? Ela é tão querida para mim! Nem posso dizer até que ponto! Eu estava cansada de tudo e ela me fez reviver.

– Mereço saber isso num momento em que mal posso levar a mão à cabeça. São carvões ardentes que me queimam por dentro e, igualmente, cada palavra sua, cada olhar seu. Venha mais para junto de mim, Lina, e dê-me a sua mão, se a magreza dos meus dedos não lhe mete medo.

Ela apertou os dedos descarnados nas suas pequenas mãos, inclinou a cabeça e tocou os lábios de Mr. Moore levemente com os seus. Ele estava comovido.

– Saia! – exclamou Martin abrindo a porta. – Venha depressa, tiveram vinte minutos em vez de um quarto de hora.

– Ela ainda não vai embora, seu garnisé.

– Não me atrevo a demorar-me mais, Robert.

– Você volta?

– Não – respondeu-lhe Martin. – Isso não pode virar um hábito, é trabalho que eu não posso ter. Não imaginam o que eu passei para que isso ocorresse. Uma vez está muito bem, mas não quero que isso se repita.

– Ele não quer que isso se repita!

– Nós não teríamos nos visto hoje se não fosse por Martin; mas voltarei se é isso que deseja.

– Esse é o meu desejo. O meu maior desejo, quase o único desejo que possuo.

– Venha imediatamente. A minha mãe tossiu; pôs-se em pé; pousou os pés no assoalho. Se ela a surpreender, mesmo que seja nas escadas, Miss Caroline, não terá tempo de dizer adeus!... Venha!

– O meu xale, Martin!

– Está no vestíbulo.

Miss Helstone e Robert Moore despediram-se apenas com um olhar, pois Martin a arrastou escadas abaixo. No vestíbulo, pôs-lhe o xale nos ombros enquanto os passos de Mrs. Yorke já se faziam ouvir na galeria. Se um sentimento de timidez e o nobre e natural impulso do seu coração de rapaz não o tivessem detido, teria reclamado sua recompensa; teria dito: “Agora, Miss Caroline, em paga de tudo isso, dê-me um beijo.” Mas, antes que as palavras saíssem de sua boca, Miss Helstone saiu pela porta. “Ela é minha devedora e um dia cobrarei minha dívida!”

Martin lisonjeava-se de que fora prejudicado apenas pela ocasião e que não fora a audácia o que lhe faltara. Julgava mal a sua própria natureza e a avaliava a menos do que, de fato, ela valia.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXXIV

OceanofPDF.com

Caso de Perseguição Doméstica

Martin, depois de ter provado o sabor da aventura, queria saboreá-la mais uma vez. Miss Helstone, aquela moça que outrora ele chamara de feia, e cujo rosto não lhe saía da cabeça, achara-se uma vez dentro de sua esfera e a ideia de que a visita podia não se repetir o perturbava assustadoramente. Sentado à sua escrivaninha, ele procurava uma maneira de acrescentar um segundo capítulo ao seu conto de amor apenas iniciado.

Martin sentia uma repugnância religiosa ao ver que o domingo se aproximava. O pai e a mãe, embora negassem ter alguma coisa em comum com a igreja estabelecida, nunca deixavam de ocupar o seu banco na igreja de Briarfield assim que chegava o dia santo. O pior é que eles eram obrigados a ir e ficar sentados, mesmo contra a vontade.

Por essa razão, Martin detestava o domingo. O culto era demasiado demorado e o sermão do pastor, em geral, pouco do seu agrado. Na tarde daquele dia, porém, as suas meditações silvestres lhe apontaram um novo encanto no dia que viria pela frente.

Foi um dia de muita neve, tão abundante que, durante o pequeno almoço, Mrs. Yorke declarou que seus filhos, em vez de irem à igreja, ficariam em silêncio durante duas horas na sala de estar, enquanto Rose e Martin leriam alternadamente uma série de sermões.

– A Rose fará o que quiser – disse Martin, sem erguer os olhos do livro que, como era o seu costume de sempre, lia ao mesmo tempo que comia.

– A Rose fará o que lhe mandarem e o Martin também – disse a mãe.

– Eu quero ir à igreja – replicou Martin, com a inefável tranquilidade de um verdadeiro Yorke, que, colocado entre a espada e a parede, tendo a certeza absoluta do que queria, se deixaria matar, mas não voltaria atrás.

– O tempo não está bom para sair de casa – atalhou o pai.

Não houve resposta. Martin continuava a ler, com um ar muito sério, a partir lentamente o pão e a beber o leite.

– Martin não gosta de ir à igreja, mas gosta menos ainda de obedecer – disse Mrs. Yorke.

– Está dizendo que somente a minha perversidade me guia? – perguntou o rapaz.

– Certamente.

– Está enganada, minha mãe.

– Então, o que é que o guia?

– Uma complicação de motivos que me seria impossível explicar-lhe o significado, tanto como colocar-me do avesso para lhe mostrar o mecanismo interior da minha pessoa.

– Escutem o Martin, escutem-no! – exclamou Mr. Yorke. – Tenho que fazer este rapaz seguir a carreira de advogado. A natureza o predestinou a viver da sua língua. Minha mulher, o seu terceiro filho será, sem dúvida, advogado, pois tem tudo o que é preciso para isso: descaramento, fatuidade e palavras, palavras, palavras!

– Passe-me o pão, Rose – pediu Martin, com uma serenidade e uma gravidade cheia de fleuma.

A sua voz natural era doce e queixosa, mal chegava, nos seus momentos de irritação, a um murmúrio de uma mulher. Quanto mais o seu humor era inflexível e teimoso, mais a sua voz era afável e triste. Tocou a campainha e pediu afetuosamente por seus sapatos.

– Mas, Martin – observou o pai – a neve é tanta que um rapaz mal poderia abrir caminho. Contudo, meu rapaz – prosseguiu Mr. Yorke, ao ver que Martin se erguia no momento em que o sino da igreja começava a tocar – este caso é daqueles em que não quero impedir um rapaz teimoso de fazer

o que lhe der na veneta. Vai à igreja como deseja. Está um vento insuportável, caindo geada, sem falar na neve. Mas vai, se prefere isso a um bom fogo.

Martin pegou tranquilamente seu casaco, uma manta para o pescoço e o boné e saiu com ar decidido.

“Meu pai é mais sensato do que a minha mãe”, pensou ele com os seus botões. “As mulheres têm tão pouco bom senso!”

Chegou à igreja. “Agora, se o tempo lhe colocar medo, pois está uma verdadeira tempestade, ou se essa Mrs. Pryor se opuser a que ela saia e eu não a puder ver, isso vai me deixar irado. Mas ela deve vir. Se tiver uma alma digna dos olhos e das feições, há de vir.”

Martin olhou ao seu redor. A igreja estava fria, silenciosa e vazia. Tinha apenas uma mulher sentada no banco da frente. Ao calar-se o carrilhão, continuando só um sino a badalar lentamente, algumas velhas paroquianas foram entrando e tomando seus lugares nos bancos comuns.

“Desprezá-la-ei se ela não vier”, pensava Martin, quase congelando. O grande chapéu do pastor já passara o pórtico; os sinos calaram-se, fecharam-se as portas e o culto começou, mas o banco do presbitério permaneceu vazio. Ela não tinha vindo.

“Ser indigno! Ela é como todas as outras: fraca, egoísta e frívola. Não se parece em nada com a mulher do quadro. Quem é ela? Uma boneca, um brinquedo, uma mulher, em suma!”

Esta era a liturgia de Martin.

O moço cínico estava tão absorto que se esqueceu de se erguer no momento propício e estava ainda de joelhos numa atitude de devoção exemplar quando começou o primeiro hino. Ergueu-se, corando, pois era tão sensível ao ridículo como uma mocinha. Para sua maior complicação, a porta da igreja se abriu novamente e as naves laterais começaram a encher-

se. Uma centena de pezinhos ressoou sobre o lajeado do templo. Eram os alunos da escola dominical. Segundo o costume de Briarfield, aquelas crianças ficavam num lugar onde havia uma lareira acesa e só eram conduzidas à igreja na altura da comunhão e do sermão.

Finalmente, quando o coro e a congregação se ergueram para entoar um cântico, entrou, para fechar a procissão, um grupo de moças mais crescidas. A sua monitora, depois de elas terem se sentado, passou para o banco do presbitério. Martin conhecia muito bem aquela capa cinzenta à francesa e o chapeuzinho de castor. Afinal, Miss Helstone sempre tinha vindo à igreja. Martin segredou provavelmente a satisfação ao seu livro de oração, que conservou colado ao rosto durante dois minutos.

Satisfeito ou não, teve tempo suficiente para se irritar antes do final do sermão; ela não voltou os olhos em sua direção uma única vez.

“Se ela não prestar atenção em mim”, pensava ele, “terei pior opinião dela do que nunca. Seria uma vergonha que ela tivesse vindo à igreja por causa desses cordeirinhos das suas alunas e não por minha causa ou por causa daquele grande esqueleto chamado Mr. Moore.”

O sermão acabou finalmente; a benção foi pronunciada e a congregação dispersou-se. Miss Helstone não tinha se aproximado dele.

Desta vez, ao colocar o nariz para fora da porta, Martin achou que o frio tinha aumentado, que estava penetrante.

O caminho mais curto para casa era através dos campos. Era perigoso, pois não havia trilha, contudo, foi o caminho que o rapaz escolheu. Na segunda barreira, erguia-se um grupo de árvores. Não era um guarda-chuva que estava lá à sua espera? Sim, uma sombrinha mantida em pé a todo o custo por causa do vento. Por detrás dela, uma capa cinzenta à francesa balançava ao sabor da corrente fria. Martin sorriu ao subir a rampa cheia de

neve. Atingindo a barreira, sentou-se nela e deu início a uma conversa, que não lhe desagradaria prolongar indefinidamente:

– Devia fazer um negócio, trocar-me pela Mrs. Pryor.

– Eu não tinha certeza de que tomaria este caminho, mas quis correr o risco.

– Aceita? Quer ceder Mrs. Pryor à minha mãe e colocar-me no lugar dela?

– Eu não sei o que quer dizer, Martin! Por que está falando de Mrs. Pryor?

– Chama-a de *mamã*, não é verdade?

– Ela é a minha mãe.

– Não é possível! Então ela é uma *mamã* inútil e negligente e eu valho cinco vezes mais do que ela. Pode rir, não faço objeções de que você ria de mim; os seus dentes são bonitos e eu detesto maus dentes. Os seus são belos como as pérolas de um colar, iguais umas às outras.

– Martin, o que vem a ser isso? Eu julgava que os Yorkes nunca faziam galanteios.

– Nunca os tinham dito até a atual geração, mas eu sinto vocação para criar uma nova geração de Yorkes. Começo a me sentir fatigado pelos meus antepassados. Temos tradições de quatro séculos, histórias de Hiram, que era filho de Hiram; que era filho de Samuel; que era filho de John; que era filho de Zerubbabel Yorke até o último Hiram. Fora aquilo que vê na pessoa do meu pai. Antes dele houve um Godfrey. Temos o retrato dele, está no quarto de Mr. Moore e é parecido comigo. Nada sei do seu caráter, mas tenho a certeza de que diferia do dos seus descendentes. Tem longos cabelos encaracolados, ele está elegantemente vestido e, depois de dizer que é parecido comigo, acrescento que ele é bonito.

– Mas você não é bonito, Martin.

– Não agora, mas deixe o tempo passar. É minha intenção começar desde este momento a cultivar-me, a polir-me, e você verá.

– É um rapaz estranho e bem extraordinário, Martin, mas não julgue que um dia será bonito.

– Vou tentar, pelo menos, mas estávamos falando de Mrs. Pryor. Ela deve ser a mãe mais desnaturada do mundo para deixar a filha sair com um tempo desses.

– A *mamã* estava cheia de ansiedade e não queria deixar que eu saísse, mas receio ter-me mostrado obstinada, pois eu queria muito sair.

– Para me ver?

– Precisamente; não pensava em outra coisa. Receava muito que a neve o impedisse de vir. Não calcula o prazer que tive ao vê-lo na igreja.

– Vim para cumprir os meus deveres e para dar um bom exemplo à paróquia. Então, diz que se mostrou obstinada? Gostaria de vê-la neste momento. Se me pertencesse, eu haveria de colocá-la na linha. Dê-me o guarda-chuva.

– Só posso demorar-me dois minutos, pois o almoço deve estar na mesa.

– Também o nosso; um pato assado; uma torta de batatas e um pudim de arroz. Arranjo sempre maneira de saber o que será servido. Gosto muito de todas estas coisas. Pois bem, sacrifico-as se assim o pedir!

– O nosso jantar é frio, pois o meu tio não permite que se cozinhe aos domingos, senão o que for indispensável. Mas tenho que voltar. A casa ficaria sobressaltada se eu não voltasse a tempo.

– E em Briarmains! Parece-me que estou ouvindo o meu pai expedindo o contramestre e cinco dos titulares para procurarem o corpo do filho pródigo, e minha mãe se arrepender das suas numerosas injustiças para comigo, agora que me supõe perdido.

– Martin, como está o Robert?

– Aí está o motivo para que viesse. Só para me perguntar isso... Não está pior, mas continua sendo maltratado como de costume, engaiolado, no mais completo isolamento. Vão acabar por fazer dele um idiota. Mrs. Horsfall o fará morrer de fome. Você viu com seus próprios olhos como ele está magro.

– Foi muito gentil no outro dia, Martin.

– Em que dia? Eu sou sempre gentil, um menino exemplar.

– Quando voltará a ser tão gentil?

– Estou percebendo seu jogo, mas não vai conseguir me dobrar. Eu não sou nenhum alcoviteiro.

– Mas é preciso. É necessário.

– Lembre-se de como foi difícil arranjar as coisas naquele dia.

– E voltará a arranjá-las?

– Isso é que não! Deu-me demasiado trabalho, gosto da tranquilidade.

– Mr. Moore deseja me ver, Martin. E eu também desejo vê-lo.

– Estou certo de que sim – disse Martin, friamente.

– É muito feio da parte de sua mãe afastar dele seus amigos.

– Por que não diz isso a ela?

– Bem sabe que de nada serviria. Pois bem, insistirei. Vou vê-lo de qualquer maneira. Se não quiser me ajudar, passo sem sua ajuda.

– Pois passe. Não há nada melhor do que contarmos somente com nós mesmos.

– Não tenho agora tempo para discutir com você, Martin. Mas acho-o bastante irritante. Boa tarde.

Miss Helstone foi-se embora com o guarda-chuva fechado, pois não poderia mantê-lo contra o vento.

“Não é uma cabeça leve”, pensou Martin. “Vou vigiá-la. Estou ansioso para saber como ela vai se arranjar sem a minha ajuda. Mesmo que a tempestade fosse de fogo e não de neve, ela seria capaz de se atirar para a frente para obter cinco minutos de conversa com aquele Mr. Moore. Agora me parece que passei uma manhã agradável. Lógico: os desapontamentos não faltaram, os receios e os assombros de cólera só contribuíram para tornar ainda mais agradável este breve encontro. É preciso que ela volte outra vez e muitas outras vezes. Sinto prazer em deixá-la nervosa, em fazê-la chorar. Tenho vontade de saber até onde ela irá e ao que se atreverá para satisfazer seu desejo. Acho curioso ter encontrado uma criatura humana que pense tanto noutra como ela pensa em Mr. Moore. Mas são horas de voltar para casa. Estou faminto. Quero a minha parte do pato e veremos se é o meu irmão ou eu quem terá hoje a porção maior do pudim.”

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXXV

OceanofPDF.com

Alguns Progressos

Martin tinha idealizado um plano muito hábil para seu divertimento. Contudo, muitos sonhadores mais ajuizados do que ele, têm visto seus planos condenados e desfeitos pelas vassouradas da fatalidade. Na presente circunstância, esta vassourada foi dada pelas rijas fibras e pela força obstinada da decisão de Mr. Moore. Este, que recobrava suas forças dia após dia, fez frente à enfermeira Mrs. Horsfall com firmeza. Começou por lhe tirar as funções de criada de quarto, pois decidiu que se vestiria sozinho; depois recusou o café que ela lhe trazia, quis tomar seu café da manhã com a família; por fim, proibiu-lhe a entrada no quarto. Nesse mesmo dia, em meio aos gritos da mulherada da casa, apareceu no jardim. No dia seguinte, pediu a Mr. Yorke que mandasse chamar a carruagem da Casa Vermelha, pois decidira, disse ele, regressar a Hollow naquela mesma tarde. Mr. Yorke, em vez de contradizê-lo, ajudou-o e animou-o. Mandou buscar a carruagem, embora Mrs. Yorke tivesse declarado a Mr. Moore que semelhante imprudência seria a morte dele.

A carruagem chegou; Mr. Robert Moore, pouco disposto a falar, exprimiu a sua gratidão aos criados com o tinir de seu dinheiro.

Depois de visitar e apaziguar as cozinheiras, dirigiu-se à sala de estar, pois era preciso acalmar Mrs. Yorke, o que não era tão fácil. Ela tinha o ar muito sombrio, os seus pensamentos estavam absorvidos pelas mais tristes reflexões sobre a profundidade da ingratidão humana. Mr. Moore aproximou-se e inclinou-se para ela, que não teve outro remédio senão erguer os olhos. Havia ainda beleza no rosto desfigurado do doente; nos seus olhos encovados brilhava certa doçura.

– Adeus! – disse ele, e um sorriso enternecido iluminou-lhe as feições.

No seu estado de fraqueza lhe era impossível esconder uma leve emoção.

– Mas por que quer nos deixar? – perguntou a mulher. – Fique aqui, cuidaremos de você. Fique até estar mais forte.

– Adeus! – repetiu ele e acrescentou: – Foi uma verdadeira mãe para mim. Dê um beijo ao teimoso do seu filho.

Como estranho que era, apresentou-lhe primeiro uma das faces, depois a outra. Ela beijou-o.

– Que incômodo eu lhe causei, que fardo eu fui! – murmurou Mr. Moore.

– É agora que me dá pena, obstinado moço.

Nesse momento, as pequenas chegaram: Jessy reclamava e Rose estava calma, porém grave. Mr. Moore chamou-as para o vestíbulo para tranquilizá-las e beijá-las. Sabia que a mãe não poderia suportar um espetáculo de festas que não fosse para ela. Até um simples afagar um gatinho na sua presença a teria contrariado.

Os rapazes estavam próximos à carruagem quando Mr. Moore subiu. Para eles, acenou, e limitou-se a dizer a Mr. Yorke:

– Felizmente agora estará livre de mim. Aquele tiro foi uma falta de sorte para você, meu amigo. Transformou Briarmains num hospital. Vá visitar-me em Hollow.

Fechou a portinhola da carruagem e partiu. Meia hora mais tarde descia diante do portão do seu jardim. Depois de ter mandado embora a carruagem, apoiou-se durante um instante no portão, tanto para descansar como para refletir.

“Há seis meses saí por esta porta”, pensou. “Orgulhoso, irritado e desanimado. Voltei mais triste e com mais juízo. Bastante fraco, mas não quebrado. Todos os meus mesquinhos terrores perante dificuldades futuras

se desvaneceram. Aconteça-me o pior e eu, ainda assim, poderei trabalhar, como o Joe Scott, para ganhar honradamente a vida. Outrora, aos meus olhos, a ruína material equivaleria à desonra. Hoje sei qual é a diferença. A ruína é um mal, mas é um mal para o qual estou preparado. Fiz os meus cálculos, posso postergá-la por mais seis meses. Se durante esse tempo as coisas mudarem, se os laços que têm entrevado o nosso comércio se afrouxarem, poderei, santo Deus! O que poderei eu?... Mas pensar em tal coisa é uma loucura! Vejamos as coisas com um olhar sereno. A ruína abaterá com o seu machado a minha fortuna. Salvarei um ramo dela, atravessarei o oceano e irei plantá-lo nas florestas da América. Louis irá comigo; somente o Louis? Não tenho o direito de o perguntar.”

Mr. Moore entrou em casa assustando sua irmã, que ralhou com ele, porém ele mal a escutava.

Era um entardecer, um crepúsculo que não prometia estrelas nem luar, pois, apesar de uma geada glacial, o céu de Hollow estava encoberto. A barragem da fábrica tinha congelado, mas a casa mostrava-se tranquila. No seu interior já era noite. Sarah acendera um bom fogo na sala de estar e preparava o chá na cozinha.

– Hortense – disse Mr. Moore, enquanto a irmã se precipitava para libertá-lo do seu casaco – sinto-me feliz em voltar para casa.

Sentou-se, mas não tardou a se colocar em pé. Aproximou-se da janela e depois voltou para junto do fogo.

– Esta salinha parece-me muito clara e agradável. Está mais aconchegante do que de costume. Minha irmã, para festejar o meu regresso, devia convidar alguns amigos para o chá. É preciso dizer a Harry Scott que vá ao presbitério levar a Caroline um convite para vir passar um tempo conosco.

Mr. Moore dirigiu-se à cozinha, pois Miss Hortense estava pasma. Recomendou a Sarah que atrasasse o chá por meia hora, depois a encarregou de mandar Harry ao presbitério com um bilhete que escreveu às pressas.

Sarah mal tivera tempo de se impacientar, no receio de que o lanche se estragasse; o mensageiro já estava de volta e com a convidada.

Miss Caroline entrou pela cozinha, subiu tranquilamente as escadas para tirar o chapéu e desceu na mesma tranquilidade com os seus belos caracóis delicadamente penteados, o seu gracioso vestido de merino, a sua linda gola e o seu lindo casaco de costura. Deteve-se para dizer algumas palavras amáveis a Sarah, para contemplar o novo gatinho e para falar ao canário. Depois entrou na sala.

Uma sutil sensação de prazer e calma aflorou como um perfume suave e espalhou-se pelo aposento. O candeeiro, que acabava de ser aceso, dava uma viva claridade; Sarah trouxe o chá.

– Sinto-me feliz por ter voltado para casa – disse Mr. Moore.

Reuniram-se em volta da mesa. Miss Hortense felicitou Miss Caroline pela evidente melhora de saúde, disse que seu rosto estava corado novamente e já tinha recuperado seu peso. Era certo. Uma mudança havia se processado em Miss Helstone e tudo nela parecia elástico. Já não estava mais atormentada, abatida, triste, parecia alguém cheia de paz e esperança.

Depois do chá, Miss Hortense subiu ao primeiro andar para cuidar de desfazer a mala de Mr. Moore e Miss Caroline ficou com Robert. A nova musicalidade daquela voz sempre doce admirou e cativou o seu interlocutor.

– Caroline, está parecendo uma pessoa que ouviu bons presságios – observou Mr. Moore, depois de tê-la contemplado durante alguns segundos.

– Na verdade?

– Está exuberante. Os seus movimentos estão cheios de leveza e a sua voz está harmoniosa.

– É agradável estar de volta aqui...

– Sim, é agradável. É bom vê-la com saúde e ver a esperança em seus olhos, Caroline. Mas conte-me: de onde vêm essa esperança e essa alegria?

– Em primeiro lugar: estou feliz por ter encontrado a minha mãe. Gosto tanto dela, Robert! E ela também gosta de mim. Você ia rir se soubesse o prazer que sinto em costurar para ela, lhe fazer vestidos. Não quero que ela continue a se vestir à moda antiga e, além disso, a conversa com ela é tão agradável! Tem uma solidez de caráter e tantos conhecimentos. A cada dia que passo com ela, mais lhe quero bem.

– A maneira como fala da sua mãe, Caroline, bastaria para tornar uma pessoa ciumenta; mas você disse que a afeição da sua mãe era uma das coisas que a faziam feliz. Vejamos, qual é a outra?

– Sinto-me feliz por vê-lo curado.

– Caroline, ainda vou falar alguma coisa sobre mim e lhe garanto, não me favorecerá.

– Ah! Não diga nada! Eu não poderia suportar a necessidade de pensar mal de você; mas acredito que sei de que “alguma coisa” você se refere, aliás, creio que sei de tudo.

– Não sabe.

– Creio que sei.

– Qual era a outra mulher além de você? – ela corou, hesitou e calou-se. – Fale, Caroline. Quem é então?

– Mas e se eu adivinhei mal?

– Eu lhe perdoarei. Diga-me em voz baixa, Caroline – Robert inclinou a cabeça.

Caroline, finalmente, decidiu.

– Miss Keeldar passou um dia no presbitério. Como o tempo mudou e uma tempestade precipitou, a obrigamos a passar a noite lá.

– E as duas ficaram arranjando os cabelos uma da outra, conversaram e ela lhe disse...

– Não foi enquanto arranjávamos os cabelos, afinal, você não é tão perspicaz como se julga. Ocupamos o mesmo quarto e a mesma cama; não dormimos muito, falamos quase toda a noite.

– Foi então que ela lhe contou tudo... paciência, preferiria ter sido eu próprio a lhe dizer.

– Está inteiramente enganado. Ela não me disse o que o senhor supõe. Ela não é esse tipo de pessoa, mas eu deduzi algo e depois ouvi rumores. No final, o meu instinto deduziu tudo.

– Mas, se ela não lhe disse que eu queria ter casado com ela por causa do seu dinheiro, que fui recusado com indignação e desprezo... não precisa se estremecer nem corar, Caroline. Muito menos se furar com a agulha. É a verdade pura, quer lhe agrade ou não! Se não foi esse o assunto da conversa de vocês, qual foi então? Você disse que tinham conversado durante toda a noite. Sobre o quê?

– Sobre coisas que nunca tínhamos falado, embora fôssemos muito amigas, mas não pense que lhe contarei.

– Sim, sim, Caroline. Deve me contar. Disse que éramos amigos e os amigos devem confiar uns aos outros seus segredos.

– Mas você tem certeza de que não vai repetir, nem sequer ao Louis?

– Nem sequer ao Louis! O que tem a ver o Louis com esses segredos?

– Robert, Shirley é uma estranha e generosa moça. Repugna-lhe deixar que vejam seus sentimentos, de quem gosta... Mas eles, às vezes, emergem como um vulcão, uma torrente.

– Foi-lhe dado ver esse espetáculo?

– Sim, na obscuridade da noite, quando tudo era silencioso e frio, eu vi o coração de Shirley.

– Ela lhe deixou ver o fundo do seu coração?

– Sim, eu o vi.

– E como era ele?

– Como um tabernáculo, porque era santo; como a neve, porque era puro; como a chama, porque era ardente; como a morte, porque era forte.

– Ela sabe amar? Ela não amou nenhum daqueles que a amaram, nem... nem...

Mr. Moore citou uma lista de pretendentes, acabando por Sir Philip Nunnely.

– Ela nunca amou nenhum deles, apesar de alguns deles serem dignos do amor de alguma mulher.

– De certas mulheres, mas não de Shirley, que seria perigoso tomar levianamente por mulher.

– Ela falou de você, mas não da maneira como o senhor calcula. Fiz que me dissesse o que ela pensava de você, ou antes, o que ela sentia por você. Era uma coisa que eu precisava saber e há muito eu queria saber.

– Ela despreza-me, certamente.

– Muito pelo contrário; ela tem por você a ideia mais elevada que uma mulher pode ter por um homem. Como sabe, ela pode ser eloquente. Pareço ouvir o brilho da linguagem com que ela exprimia a opinião que ela tem de você.

– Mais quais são os sentimentos dela?

– Até aquele momento em que a ofendeu, ela me disse que você a tinha ofendido, mas não me disse como, ela tinha por você os sentimentos de uma irmã que se orgulha do irmão que tem.

– Nunca mais a ofenderei, Caroline. A ofensa caiu sobre mim ao ponto de me fazer titubear; mas esta comparação de irmão e irmã não se encaixa. Ela é demasiado rica para ter sentimentos fraternais para comigo.

– Não a conhece, Robert. Outrora eu pensava de modo diferente, mas agora sei que não a conhece. Você e ela não foram feitos de modo a compreenderem um ao outro.

– É possível. Eu estimo-a, admiro-a e, contudo, a minha opinião a respeito dela é dura e, talvez, pouco generosa. Creio que ela é incapaz de sentir amor...

– A Shirley incapaz de sentir amor!

– Sim... ela nunca se casará! Vejo-a demasiado orgulhosa do seu poder, da sua fortuna...

– Ela feriu o seu amor próprio, não é, Robert?

– Feriu, embora eu não sentisse por ela nem uma ponta de ternura ou de paixão.

– Então, Robert, foi muito feio da sua parte lhe propor casamento.

– E muito vil, meu jovem pastor, minha boa sacerdotisa. Nunca desejei beijar Miss Keeldar, embora ela tenha belos lábios vermelhos como cerejas maduras. Se a desejei, era só desejo dos olhos. Creio que nunca fui realmente tentado por ela, e, sim, pelo dourado da isca. Caroline, veja como o seu Robert é impuro, nada nobre, nada desinteressado.

– Não é perfeito, cometeu erros, mas não falemos mais nisso.

– Mas poderemos não pensar nisso, Caroline? Não desprezaremos, no íntimo do nosso coração, o que fiz?

– Nunca! Seremos apenas afetuosos.

– O que não bastará, Caroline. Um dia vão pedir-lhe algo mais forte, diferente da afeição, mais doce, mais quente, poderá dá-lo?

Miss Helstone mostrava-se comovida, profundamente comovida.

– Acalme-se, Lina – pediu ternamente Mr. Moore. – Eu não quero, pois eu não tenho o menor direito de fazê-lo, perturbar agora o seu espírito. Não faça menção de me deixar, Lina. Não farei mais alusões, vamos retomar a nossa conversa. Não trema, olhe para mim. Veja que pobre e pálido fantasma eu sou, mais digno de despertar dó do que medo.

Ela o olhou timidamente.

– Por mais pálido que esteja, há em você algo impressionante – retorquiu Caroline, baixando os olhos ante os de Mr. Moore.

– Voltando a Miss Keeldar – continuou ele – parece-lhe que ela decidirá algum dia se casar?

– Ela ama alguém.

– Platonicamente, teoricamente... história.

– Ela ama o que eu chamo de amar sinceramente.

– Ela lhe disse?

– Não posso afirmar que ela o tenha dito. Sim, os seus lábios não declararam: “amo este ou aquele homem”. Não obstante...

– É o que eu pensava.

– Mas eu vi os seus sentimentos. Falou-me de um homem de modo que eu não tive dúvida. A voz dela era, por si só, testemunho desse amor. Quando perguntei sobre o seu caráter, a pessoa da qual eu suspeitava, ela tentou me ludibriar com suas ironias, mas a sacudi, ralhei com ela e, finalmente, o segredo saiu. A voz dela, pouco mais do que um murmúrio e, contudo, veemente na sua doçura, bastava, repito, para que eu adivinhasse. Não me fez qualquer confissão, qualquer confidência seria demais para ela. Mas, tenho a certeza de que a felicidade desse homem lhe é mais cara do que a própria vida.

– Quem é ele?

– Digo-lhe aquilo que eu adivinhei, porém, ela não negou nem confessou. Mas, olhou para mim. Vi seus olhos na meia claridade que a neve espalhava; foi o suficiente, como uma confissão; triunfei sobre ela sem piedade.

– Com que direito triunfou? Quer por acaso dizer...

– Shirley é uma escrava. Uma leoa que achou o seu domador. Pode ser a dona de tudo que a rodeia, mas não dela mesma.

– Então, você exultou por encontrar uma companheira de escravidão numa mulher tão bela, tão imperial? Confesse, uma companheira de escravidão?

– Não confesso nada, mas digo que a altivez de Shirley não é mais livre do que foi Agar[15].

– É quem é o herói de Shirley?

– Está falando com desdém, cinismo e amargura. Vou fazê-lo mudar de tom.

– É o que veremos. Poderá ela se casar com esse cupido?

– Cupido? Ele se parece tanto com um cupido quanto você com um ciclope[16].

– Gostaria de saber o nome dele, Caroline.

– Adivinhe.

– É alguém da vizinhança?

– Sim, da paróquia de Briarfield.

– Então é alguém indigno dela. Não conheço em Briarfield pessoa alguma que seja sua igual. Parece-me que ela vai fazer algum disparate.

Caroline sorriu.

– Você aprova a escolha dela?

– Inteiramente, inteiramente.

– Então, dou minha língua ao gato, porque a cabeça que possui estes caracóis cor de avelã é uma excelente maquinazinha de calcular, muito regular nas suas funções. Pode gabar-se de ser sensata, o que herdou da *mamã*, suponho eu.

– Eu aprovei inteiramente e a *mamã* ficou encantada.

– A *mamã* encantada! Mrs. Pryor? Então não é um amor romanesco?

– Sim, mas também é sensato.

– Conte logo este segredo, Caroline! Por piedade, diga-me o nome desse homem! Estou fraco demais para sofrer o suplício de Tântalo.

– Pois há de sofrer. Isso não lhe fará mal nenhum. O senhor não está tão fraco como pretende me fazer acreditar.

– Já por duas vezes nessa tarde julguei que cairia aos seus pés.

– Nem tente, pois eu não o levantarei.

– É para adorá-la. A minha mãe era católica. Você se parece com a mais encantadora das imagens da virgem que ela tinha.

– Robert, Robert, se continuar com extravagâncias, vou subir e ficar com Hortense.

– Fez-me perder a razão...

– Procure adivinhar o enigma, é tão simples...

– Vou adivinhar de uma vez por todas: é o velho Mr. Helstone. Ela será sua tia.

– Vou contar isso para meu tio e para Shirley! – exclamou Miss Caroline, divertidíssima. – Tente novamente, os seus enganos são deliciosos.

– É Mr. Hall.

– Isso é que não! Este é meu, se me dá licença.

– Seu? Sim, todas as mulheres de Briarfield parecem adorar esse pastor. Gostaria de saber o porquê. É careca, míope e velho.

– Fanny está quase chegando e você ainda não adivinhou.

– Não ouso mais tentar adivinhar. Estou fatigado. Além disso, sou indiferente. Que Miss Keeldar se case com o Grão-Turco se lhe apetecer.

– Devo lhe dizer em voz baixa?

– Sim. Aí vem a Hortense. Aproxime-se, minha pequena Lina. Prefiro os murmúrios às palavras.

Ela disse apenas uma palavra. Robert deu um salto na cadeira, brilharam-lhe os olhos e deu uma breve risada. A irmã entrou. Fanny também chegou, era hora de Miss Caroline ir embora.

Robert esperava por ela no patamar quando Miss Helstone, posto o xale, desceu.

– Devo perdoar agora a Shirley?

– Perdoar-lhe? Você está sendo mau! Quem andou se portando mal, ela ou você?

– Devo, enfim, amá-la verdadeiramente, Caroline?

Miss Helstone fez um gesto em que havia ao mesmo tempo ternura e petulância.

– Diga-me, Lina, e obedecerei.

– Não deve amá-la com o amor dos sentidos; só a ideia disso é perversa, Robert. Seja bom, apenas.

– Oh! Caroline! Eu não tenho mais amor para dar. O coração que bate neste peito não me pertence.

– Tanto melhor, pois a sua segurança assim estará mais garantida. Boa noite.

– Escute. Só duas palavras: Tome cuidado com o seu coração, ouviu? – disse Mr. Moore.

– Ele não corre nenhum perigo.

– Não estou certo disso. O platônico pastor, por exemplo.

– Quem? Mr. Malone?

– Cirino Hall. Mais de um espinho de ciúmes me tem vindo desse lado.

– Quanto ao senhor, flerta com Miss Mann. Ela me mostrou uma planta que ganhou de presente do senhor – e, dirigindo-se à criada, disse: – Fanny, estou pronta.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXXVI

OceanofPDF.com

Escrito na Sala de Estudos

As dúvidas de Louis Moore com respeito ao abandono imediato de Fieldhead por Mr. Sympson converteram-se em certeza. Logo no dia seguinte ao desentendimento por causa da recusa de Miss Keeldar ao pedido de casamento feito por Sir Philip Nunnely, houve uma espécie de reconciliação entre tio e sobrinha, portanto, a família ficou inteira.

As coisas correram regularmente durante algum tempo. Miss Keeldar estava bem, pois Louis Moore encontrara meios de lhe tirar as apreensões. Na verdade, a partir do momento em que ela lhe dera a sua confiança, todos os seus terrores pareciam ter-se evaporado. Seu coração se tornara tão alegre, seu caráter tão despreocupado como o de uma criança que deixa aos pais a responsabilidade pela sua existência. Louis e William Farren, que tinham levantado informações sobre o estado de Phoebe, concordaram em afirmar que a cadela não estava doente, mas apenas os maus tratos a tinham feito fugir de casa.

O mês de novembro passou voando e dezembro chegou branco de neve. Desta vez os Sympsons iam embora, pois tinham que estar em casa para o Natal. Numa tarde fria, durante a última semana da sua estada, Louis Moore pegou mais uma vez o seu caderninho e dialogou com ele:

“Ela está mais encantadora do que nunca. Desde que se dissipou aquela pequena nuvem, todo o langor desapareceu. Surpreendo-me ao ver com que rapidez recobrou o vigor, graças à sua exuberante mocidade. Ontem de manhã, quando a vi e a escutei, se assim posso dizer, senti-a em cada fibra de meu ser. Contudo, passei da sua presença deslumbrante à fria sala de estudos. Mas hoje a sala se tornou alegre para mim, pois encontrei por lá o Harry com Miss Keeldar. Estavam um ao lado do outro; ela o fazia repetir uma lição; uma mão segurava o livro e a outra estava apoiada nos

braços do primo. Este rapaz tem mais do que a sua parte de privilégios. Vi quando suas pálpebras se agitaram quando eu entrei, porém, ela não ergueu seus olhos. Eu disse a mim mesmo: se eu fosse seu igual, poderia ver reserva nessa frieza, até mesmo amor..., mas, na minha situação, atrever-me-ei a procurar nela esse sentimento? Entretanto, ousei, finalmente, ter uma hora de conversa com ela. Não me contentei com pouco, quis uma entrevista. Com muita decisão, indiquei a porta ao Harry e, sem hesitar, disse-lhe: vá onde quiser, meu rapaz, mas até que o chame de volta, não retorne. O menino, conforme pude notar, ficou contente por ter sido mandado embora; este rapaz é muito novo, mas sabe enxergar e refletir. O seu olhar meditativo tem, às vezes, um brilho estranho. Ao olhar para mim, sente em parte o que me prende a Miss Keeldar. Adivinha que há uma delícia maior na reserva com que sou tratado do que a de todos os carinhos que ela dá a ele. Sentei-me à escrivaninha sem mostrar-me perturbado. Não estava nas minhas intenções pronunciar qualquer palavra de amor ou deixar aparecer o fogo que me devorava. De preferência mostrar-me simplesmente egoísta e interesseiro; havia resolutamente me decidido a me afastar dela; a ir procurar do outro lado do globo uma nova vida, fria e estéril. Nessa manhã, portanto, eu quis observá-la de perto antes de deixá-la para sempre. Estava decidido a conhecer aquela a quem eu deixaria; comecei a aparar algumas penas; minha mão não tremeu; a voz permaneceu firme enquanto se seguia o diálogo abaixo:”

– Dentro de uma semana, a partir de hoje, estará sozinha em Fieldhead, Miss Keeldar.

– Sim, creio que a intenção de meu tio é agora definitiva. E o senhor, deixará de ser preceptor de Harry?

– Sim. Vou me separar dele por algum tempo. Se vivermos, um dia nos reencontraremos, pois somos amigos, mas vou deixar para sempre a

família Sympson. Felizmente, esta modificação não me pegou desprevenido, apenas vai apressar projetos que eu já tinha feito há muito tempo.

– Não existem acontecimentos que o apanhem desprevenido. Tenho sempre a impressão de que o senhor está no mundo como um arqueiro vigilante escondido atento atrás de um bosque. Na sua aljava há sempre mais de uma flecha e o seu arco tem uma corda suplementar. O seu irmão é como o senhor. Ambos seriam capazes de se aventurar, como caçadores sem pátria, em meio às vastas solidões do Oeste e nada lhes faltaria. A árvore que cortassem havia de lhes fornecer uma cabana; a floresta desbravada ceder-lhes-ia um campo; o búfalo, sentindo o poder das suas carabinas, viria, de cabeça baixa, prosternar-se aos seus pés.

– E talvez qualquer tribo indígena, de pés descalços, nos fornecesse uma esposa.

– Não – ela hesitou. – Os selvagens são sóbrios. Bem, é o que me parece. Espero que nem o senhor nem o seu irmão queiram partilhar o seu lar com uma mulher a qual não pudessem dar o coração.

– Quem lhe sugeriu a ideia das solidões selvagens do Oeste, Miss Keeldar? Como foi informada daquilo que parece ser a minha intenção?

– Não sei de nada, apenas falei ao acaso.

– O seu *acaso* parece adivinhação. Nunca mais serei preceptor. Depois do Harry e da miss não terei mais alunos. Tenho trinta anos e desde os dez nunca fui livre. Tenho tal sede de liberdade, um desejo tão violento de conhecê-la e desfrutá-la que, para possuí-la, não me recusaria a atravessar o Atlântico. Mas nunca terei qualquer jovem selvagem por escrava, pois ela não poderia ser uma esposa. Não conheço nenhuma mulher branca, a quem eu ame, que me queira acompanhar. Contudo, tenho

a certeza de que a liberdade estará à minha espera, debaixo de um pinheiro. Quando eu a chamar, ela virá e se lançará em meus braços.

“Fora minha intenção comovê-la e o tinha conseguido. Ela não pôde responder-me nem sequer podia olhar para mim. Tinha o rosto vermelho como se tivesse acolhido um reflexo de uma flor púrpura inundada de sol. Podia ler-se em suas pálpebras brancas e nos cílios negros dos seus olhos baixos uma doce confusão, em parte penosa, em parte encantadora. Ela não tardou a dominar sua emoção e governar seus sentimentos. Sentou-se; eu podia ler o seu rosto. Conheço a linha que me serve de limite e nada fará com que eu a atravesse. Sinto, sei até que ponto posso revelar os meus sentimentos. Fui tão longe quanto a reserva e a altivez de uma mulher o permitem e não darei mais um único passo. O meu coração poderá se despedaçar se vir suas esperanças iludidas. Pois bem, que se despedace. Antes o sofrimento e a morte do que a degradação. Se ela fosse pobre, já estaria aos seus pés; se a sua condição fosse modesta, já a teria em meus braços; o seu ouro e a sua situação são dois dragões que a guardam, um de cada lado. Difícil ou não, era preciso tentar, era necessário dizer alguma coisa. Eu não podia, não queria ficar calado tendo aos meus pés tanta beleza, modesta e silenciosa. Falei e o fiz com calma. Embora falasse baixo, ouvia as minhas palavras saírem com um som nítido e profundo:”

– Sei que vou me encontrar numa situação estranha diante desta ninfa das montanhas: a liberdade. Suspeito disso por ser parente dessa solidão que eu outrora buscava e da qual agora quero me divorciar. Algumas vezes, a miss chamou-me de filósofo materialista. Certamente, sou matéria da cabeça aos pés, e, por muito gloriosa que seja a natureza, prefiro vê-la nos doces olhos humanos de uma mulher amada e amorosa do que no olhar da maior deusa do Olimpo.

– Juno[17] não seria capaz de lhe grelhar uma costeleta de búfalo como o senhor gosta...

– Não seria. Mas vou lhe dizer quem poderia fazê-lo: qualquer órfã sem fortuna e sem amigos. Gostaria de poder encontrar uma assim, suficientemente bela para que eu pudesse amá-la, com alguma coisa no espírito e no coração que correspondesse aos meus anseios. Que fosse educada, honesta e simples. Os talentos pouco me importam, mas gostaria de ver nela o germe daquelas qualidades naturais que nenhuma coisa adquirida pode igualar. Ela poderá ter o caráter e o temperamento que o destino quisesse, pois gosto até daqueles mais ardentes. Ensinar-lhe-ia a minha linguagem, os meus hábitos e os meus princípios e, em seguida, recompensá-la-ia com o meu amor.

– Recompensá-la, senhor da criação! Recompensá-la! – exclamou ela.

– Para ser reembolsado cem vezes mais.

– Se ela estiver disposta a isso, senhor.

– Estará.

– O senhor disse: “o caráter e o temperamento que o destino quisesse”. Ora, o constrangimento está para o metal de certas almas como o aço para a pedra.

– E o amor é o raio de luz que salta. Eu preciso encontrar a minha órfã. Quando encontrá-la, me casarei com ela.

– Não fará nada disso! – a voz dela teve, momentaneamente, um tom de desdém muito particular.

– Lógico que o farei. É evidente que posso fazê-lo e farei.

– O contrário é que é evidente, senhor.

“Eu a achava encantadora assim, com o ar meio desdenhoso, meio agressivo, orgulhoso, cheia de cólera, irônica, tudo misturado nos seus belos olhos, que, naquele momento, lembravam os de um melro.”

– A miss pode me fazer o favor de me dizer as razões dessa opinião?

– Aceite o celibato – ela fez um gesto com a mão como se me desse qualquer coisa. – Tome-o como seu dote.

– Não! Não pode me dar o que já possuo. O celibato foi o meu dote durante trinta anos. Se deseja oferecer-me um presente, uma dádiva de adeus, uma recordação, é preciso que a dádiva seja outra.

– Arranje uma pior então!

– Como o quê, por exemplo?

“Naquele momento eu sentia, olhava e falava com paixão. Fizera mal em deixar o meu calmo ancoradouro, ainda que por um só instante. Isso me privava de uma vantagem que ela agora possuía. A chispazinha de cólera transformou-se em sarcasmo e terminou em um sorriso de zombaria.”

– Arranje uma mulher que lhe tenha feito a corte para lhe salvar a modéstia e os escrúpulos.

– Diga-me onde ela está?

– Qualquer viúva gorda que já teve vários maridos sabe como se praticam essas coisas.

– É preciso que ela não seja rica. Oh! Essas mulheres ricas!

– Ah! Não é o senhor que teria colhido as maças do jardim das Hespérides[18]. Não tem coragem para atacar o dragão vigilante? Não tem habilidade para conseguir o auxílio de Atlas?[19]

– Acho-a violenta e altiva.

– Pois eu acho que o senhor é mais altivo. A sua altivez é um orgulho monstruoso coberto com o manto da humildade.

– Sou dependente e sei qual é o meu lugar.

– Eu sou mulher e sei qual é o meu.

– Sou pobre e por isso devo ser altivo.

– Eu estou sujeita às leis e tenho obrigações tão estritas como às suas.

“Tínhamos chegado a um ponto crítico. Paramos para nos olhar. Eu sentia que ela não cederia, mas era impossível eu ver e sentir, fosse o que fosse, além daquilo. Apenas alguns instantes me restavam: o desenlace se aproximava, mas não se dera ainda. Eu ia adiar; esperar; falar e, quando chegasse a inspiração, agir. Nunca sou apressado. As pessoas apressadas bebem o néctar da existência fervendo. Eu saboreio-o fresco como o orvalho da manhã. Continuei e lhe fiz uma pergunta inesperada:”

– Segundo todas as aparências, Miss Keeldar está tão pouco certa de se casar como eu. Sei que recusou três ou quatro ofertas vantajosas e creio que até uma quinta, se não estou enganado. Não rejeitou o pedido de *Sir* Philip de Nunnely?

– Tinha suposto que eu poderia aceitar?

– Era a minha impressão que sim.

– Por qual motivo?

– Conformidade de condição, de idade, agradável contraste de temperamento, visto ele ser terno e amável, e harmonia de gostos intelectuais.

– Que bela frase! Mas vamos decompô-la. Conformidade de condição: ele está muito acima de mim; compare, por favor, o meu palheiro com o palácio dele, sem falar que a sua família me desdenha. Conveniência de idade: ele não passa de um rapazinho ao passo que eu sou uma mulher, com mais vivência e maturidade que poderia, facilmente, ser colocado mais dez anos à minha existência sob todos os pontos de vista. Agradável contraste de temperamento: ele é terno e amável e eu sou... diga-me o quê?

– A irmã da leoparda mosqueada, brilhante, viva e feroz.

– E queria o senhor empalhar-me com um cabrito? Injusto e cruel! A harmonia dos gostos intelectuais: eu detesto as poesias dele!

– Poderia orientar seu talento para regiões mais elevadas, apurar-lhe o gosto.

– Orientar e apurar! Ensinar e emendar! Não quero um bebê como marido! Mas é próprio de um professor falar na satisfação do ensino. Aperfeiçoar o marido! Não! Quero, pelo contrário, que o meu marido me faça uma pessoa melhor, ou não poderíamos viver juntos. Se o senhor fosse uma mulher, estaria muito bem para ensinar ao seu marido, pois ensinar é a sua vocação.

– Posso lhe fazer uma pergunta, dada a disposição tão justa e amável em que está, ou pretende censurar a minha situação de preceptor?

– Pode perguntar o que quiser, sei amargamente de todos os meus defeitos, sinto-me dolorosamente consciente.

– A minha pobreza, por exemplo, lhe incomoda?

– Sim, isso o espedaça. A pobreza é o seu ponto ulcerado, pois o senhor gosta de voltar sempre a ela.

– A falta de beleza também?

– Precisamente. O senhor tem o hábito de se considerar feio. São sensíveis as linhas de seu rosto por não serem exatamente moldadas sobre as de Apolo. Critica-as mais do que necessário, na esperança de que os outros digam alguma coisa a favor delas, o que não acontecerá. O seu rosto não tem certamente nada de que se possa envaidecer. Parece-me com o de um deus egípcio, ou, antes, com Tártaro. O senhor é primo do mastim[20] e creio que se parece tanto com ele quanto um homem se pode parecer com um cão.

– O Tártaro é o seu companheiro querido. É perigoso dizer que eu me pareço com ele. Isso me sugere o direito de querer ser tratado como ele.

– Talvez o senhor possa exigir outro tanto da sua órfã sem fortuna e sem amigos, quando a tiver encontrado.

– Oh! Se eu pudesse encontrá-la como a imagino! Primeiro eu teria que domesticá-la, depois a instruir. Domar primeiro, mimá-la e amá-la depois. Vê-la alternadamente irritada e apaziguada doze vezes em vinte e quatro horas. E, talvez, depois de educá-la, vê-la mãe exemplar e paciente de uma dúzia de filhos, dando, de vez em quando, uma pequena palmada com amor no pequeno Louis, como pagamento da vasta dívida que ela terá contraído para com o pai. Oh! A minha órfã não me negaria beijos e esperaria o meu regresso todas as tardes, no limiar da casa, e se precipitaria para os meus braços, cheia de amor. Conservaria o meu lar com o brilho do aconchego. Que doce ideia, santo Deus! Eu preciso encontrar a minha órfã.

“Os olhos dela lampejavam, os lábios se entreabriram, mas tornaram a se fechar; ela voltou bruscamente a cabeça.”

– Diga-me, diga-me onde ela está? Por que razão não pode me dizer onde eu posso encontrá-la?

– Nunca.

“E afastou-se para me deixar. Podia eu deixá-la agora se separar de mim como ela sempre tinha feito? Não. Eu tinha ido longe demais para não acabar com aquilo. As dúvidas tinham que ser dissipadas.”

– Um minuto, miss – disse eu pondo a mão no puxador da porta. – Tivemos esta manhã uma longa conversa, mas ainda não acabamos. Falta uma última palavra e ela compete à menina.

– Deixe-me passar.

– Não. Prefiro a morte a vê-la sair sem ter dito a palavra que lhe peço.

– O que espera que eu lhe diga? Como ousa?

– O que eu morro por ouvir. O que devo e quero ouvir. Aquilo que não ousará calar agora.

– Não sei o que o senhor quer dizer. Nem parece o mesmo!

“Creio, com efeito, que eu não devia estar o mesmo, pois a assustava. Eu sabia disso, mas era preciso causar-lhe medo para vencê-la.”

– Sabe o que eu quero dizer e pela primeira vez estou sendo eu mesmo. Desfiz-me do preceptor e peço licença para lhe apresentar o homem. E não se esqueça de que ele é um cavalheiro.

“Ela tremia. Pousou a mão na minha como se quisesse afastá-la do puxador. Sentiu a sua impotência e recuou, porém, continuava trêmula. A mudança que se deu em mim não pode ser explicada. Mas, a emoção dela comunicou novo ardor à minha alma. Eu não me sentia esmagado nem ofuscado pelas suas terras ou pelo seu ouro; eram-me indiferentes. Eu só via ela, seu encanto, a majestade, a modéstia de uma moça cheia de juventude e de beleza.”

– Minha aluna! – disse-lhe eu.

– Meu mestre! – respondeu ela numa voz débil.

– Tenho uma coisa para lhe dizer.

“Ela esperou, baixando a cabeça, sob os seus cachos em desalinho.”

– Tenho que lhe dizer, enfim, que durante quatro anos foi ocupando cada vez mais o coração de seu professor e que está agora enraizada nele. Tenho que lhe declarar que me enfeitiçou, a despeito da minha razão e da minha experiência, da diferença de posição e de fortuna. Era tal o seu ar, tais as suas palavras, os seus movimentos, mostrou-me tão bem os seus defeitos e suas virtudes, ou, antes, as suas belezas, porque elas não têm nada da severidade habitual. Amo-a, amo-a, com toda a minha vida e com todas as minhas forças. Pronto, está dito.

“Ela procurou, mas não encontrou uma palavra para responder. Queria rir, mas em vão. Eu repeti apaixonadamente que a amava.”

– Bom, Mr. Moore, e então?

“Foi a única resposta que pude obter dela e pronunciada num tom que teria sido petulante se não fosse demasiado indeciso.”

– Não tem nada para me dizer? Não sente amor por mim?

– Um pouquinho.

– Não quero ser torturado. Não quero sequer gracejar neste momento – disse eu, ríspido.

– Eu não quero gracejar, quero ir embora.

– Espanta-me que ouse falar agora em querer sair daqui. Ir-se embora! Com o meu coração na mão para levá-lo ao seu tocador e traspassá-lo com seus alfinetes? Não dará um passo daqui para fora. Não sairá do meu alcance sem deixar fiança, penhor, por penhor, o seu coração pelo meu.

– O objeto que me pede se perdeu há algum tempo. Deixe-me ir procurá-lo.

– Declare que ele está onde se encontram muitas vezes as suas chaves. Em meu poder.

– O senhor deve sabê-lo. E onde estão as minhas chaves, Mr. Moore? De fato, as perdi outra vez, e Mrs. Gill precisa de dinheiro e tenho apenas uma moeda que nada vale.

“Tirou a moeda do bolso do avental e mostrou-a na palma da mão. Mas não era momento para brincadeiras. A vida e a morte estavam em jogo. Apoderando-me ao mesmo tempo da moeda e da mão que a segurava, perguntei:”

– Deverei viver para você ou sem você?

– Faça como lhe parecer melhor. Não posso escolher pelo senhor.

– Vai dizer-me com seus próprios lábios se me condena ao exílio ou se me traz a esperança.

– Vá. A sua partida não será a causa da minha morte – disse-me ela.

– Talvez eu pudesse sobreviver à sua ausência, mas responda-me Shirley, minha aluna, minha rainha, responda-me.

– Morra sem mim, se quiser. Viva para mim, se o senhor se atreve.

– Não tenho medo de você, Shirley, minha leoparda. Atrevo-me a viver para você e com você, desde este momento até a minha morte. Agora, portanto, você é minha. Nunca mais a deixarei ir embora. Seja a minha casa onde for, a minha mulher está escolhida. Se eu ficar na Inglaterra, aqui ela ficará; se eu atravessar o Atlântico, ela também atravessará. As nossas vidas estão soldadas uma à outra e os nossos destinos estão agrilhoados um ao outro.

– E somos então iguais, Mr. Moore. Somos finalmente iguais.

– É mais nova, mais frágil e mais ignorante que eu...

– Será bom para mim? Não irá me tiranizar?

– Deixe-me respirar, não me atente, não sorria neste momento. Meu mundo gira e se modifica neste momento. O sol é de uma chama vermelha ofuscante, o firmamento um turbilhão violeta à minha volta.

“Sou forte, mas naquele momento eu titubeava ao falar. Tudo se amplificava diante de mim, as cores eram mais vivas, os movimentos mais rápidos e a própria vida ganhava cores inusitadas nunca vistas antes. Durante alguns segundos, quase não a vi, mas ouvi a sua voz implacavelmente doce.”

– Chamou-me de leoparda. Lembre-se de que a leoparda é indomável.

– Domada ou feroz, selvagem ou domesticada, você é minha.

– Sinto-me contente por conhecer o meu domador, pois estou habituada a ele. Somente a voz dele seguirei, apenas a sua mão me guiará e aos seus pés eu quero repousar.

“Fiz com que ela se sentasse novamente e sentei-me ao seu lado. Eu precisava continuar a ouvi-la. Eu não podia cansar-me daquela voz, das

suas palavras.”

– Até que ponto me ama? – eu lhe perguntei.

– Ah! Bem, não o quero lisonjear.

– Não sei a metade do que se passa na sua mente. O meu coração lhe implora por alimento e, se soubesse como ele está faminto e feroz, apressar-se-ia em sossegá-lo com algumas palavras bondosas.

– Pobre Tártaro! – exclamou ela, tocando e batendo docemente na minha mão. – Pobre companheiro, fiel amigo, ídolo e o favorito de Shirley, deite-se aos meus pés.

– Mas não antes de ser saciado com uma palavra terna.

“E, por fim, ela cedeu.”

– Caro Louis, seja-me fiel, não me abandone nunca, porque pouco me importa a vida se não puder passá-la ao seu lado.

“E mudou de assunto. Não era seu costume, oferecer duas vezes o mesmo prato.”

– Mr. Moore – disse ela, levantando-se de repente – se alguma vez voltar a falar-me de coisas banais de dinheiro, de pobreza, de igualdade, será por sua conta e risco. Seria muito perigoso me atormentar com esses escrúpulos estúpidos. Proíbo-lhe que o faça.

“Uma onda de calor subiu à minha face. Uma vez mais desejei ser menos pobre ou que ela fosse menos rica. Ela viu a minha angústia e recebi uma carícia. No meu tormento senti o êxtase.”

– Mr. Moore – disse ela, fitando-me com uma expressão doce, franca e animada – ensine-me e ajude-me a ser boa. Não lhe peço para tirar de sobre os meus ombros todas as preocupações e os deveres da fortuna, mas peço-lhe que partilhe do meu fardo e que me mostre o que devo fazer para suportar como deve ser a minha parte. O senhor é sensato, tem um bom coração, tem bons princípios. Sei que é justo, sinto que é benevolente, creio

que é consciencioso. Seja o meu companheiro pela vida afora, seja o meu guia nas coisas que ignoro, seja meu mestre quando eu errar e seja sempre meu amigo.

– Que Deus me ajude a ser assim!

****

Segue mais um trecho do caderno de Louis Moore, leia-o se for do seu agrado, caso contrário, passem adiante:

“Os Sympsons foram embora, mas só depois de vários incidentes e peripécias. As minhas maneiras ou os meus olhares devem ter traído qualquer coisa. Eu estava calmo, mas, às vezes, esquecia-me de ser prudente. Ficava na sala mais tempo do que era meu costume, não podia mais viver longe da presença dela. Ontem, ao entardecer, tive-a ao meu lado, junto à lareira, durante cinco minutos. Estávamos sentados um ao lado do outro, ela a gracejar e eu deleitado com o som da sua voz, quando Mr. Sympson abriu a porta. Não nos afastamos e Shirley o pegou nos espionando. Ela cerrou os lábios e abanou a cabeça. O seu olhar continha uma explicação e um desafio: gosto da companhia de Mr. Moore e desafio-o a achar isso mau.”

“Eu perguntei a ela:”

– É sua intenção fazer-lhe compreender o que se passa?

– Sim – respondeu-me ela. – Mas entrego ao acaso a escolha do momento. Há de haver uma cena, que não procuro nem receio, simplesmente será necessário que esteja presente, pois estou horrivelmente cansada de me ver sozinha em frente dele.

“Esta manhã, imaginando tê-la ouvido descer bastante cedo, apareci imediatamente. Eu não estava enganado, pois lá estava ela trabalhando na

pequena sala de estar que a criada acabara de limpar e de arrumar. Ela tinha levantado cedo para concluir uma pequena recordação que era destinada ao Harry. Tive apenas um acolhimento frio, que aceitei até a criada sair, acolhendo-me com um livro ao recanto de uma janela. Mesmo quando estávamos a sós não gostava de incomodá-la. Estar sentado no mesmo lugar em que ela se encontrava já era para mim uma extrema felicidade. Eu sabia que se eu me mostrasse inoportuno me expunha a alguma resposta torta. Lia-se claramente em seu rosto: Não estou em casa para os galanteadores. Então, pus-me a ler, arriscando de quando em quando um olhar. Via a sua expressão se tornar cada vez mais aberta quando notou que eu respeitava a sua disposição de espírito. Em menos de meia hora, eu estava ao seu lado, a vê-la coser, recolhendo-lhe os sorrisos e os seus ditos alegres. Estávamos sentados, como tínhamos o direito de estar, um ao lado do outro; o meu braço descansava na cadeira dela e eu estava suficientemente perto para poder contar os pontos do seu trabalho e distinguir o buraco da agulha. De repente, a porta se abriu. Creio que, se tivesse levantado em sobressalto, ela teria me desprezado. Graças à minha natureza calma, raramente estremeço. Quando estou bem instalado, não é fácil que me tirem do lugar. Eu estava bem, muito bem mesmo e, por consequência, imutável. Nenhum dos meus músculos se contraiu e mal olhei para a porta.”

– Bom dia, meu tio – disse ela, dirigindo-se à pessoa que se deteve no limiar, petrificada.

– Há muito que está aqui sozinha com Mr. Moore?

– Sim. Há muito. Descemos ambos cedo, o dia mal clareara.

– Essa maneira de proceder não é conveniente...

– A princípio não foi; eu comecei por ser desagradável e pouco delicada para com ele, mas pode ver que somos agora os melhores amigos do mundo.

– Estou a compreender mais do que a menina quereria.

– Não me parece, Mr. Sympson – respondi. – Nós nunca escondemos nada. Permita-me que lhe diga, senhor, que toda observação que tenha a fazer, pode ser feita a mim. A partir deste momento, interponho-me entre Miss Keeldar e toda a espécie de aborrecimentos.

– O senhor? Que tem o senhor a ver com Miss Keeldar?

– Tenho de protegê-la, de velar por ela, de servi-la.

– O senhor? O preceptor?

– Nada de palavras insultuosas, senhor! – interrompeu Miss Keeldar. – Nada de expressões de desprezo para com Mr. Moore nesta casa.

– Então ainda toma o partido dele?

– Oh, sim! Tomo *o partido dele.*

"Ela voltou-se para mim num repentino e terno movimento, ao qual eu correspondi, pondo o meu braço em volta dos seus ombros. Erguemo-nos ambos."

– Com os demônios! – exclamou o homem que tiritava à porta, metido em um roupão.

– Entre, meu tio, vai saber de tudo. Diga-lhe tudo, Louis.

– Desafio-o a falar, esse mendigo, esse avarento, esse hipócrita, esse vil adulador, esse infame criado! Separe-se já da minha sobrinha. Largue-a!

"Ela apertou-se contra mim com energia."

– Estou ao lado do meu futuro marido – disse ela – quem se atreverá a tocar nele ou em mim?

– Seu marido? – objetou ele.

"Ergueu os braços e se deixou cair numa cadeira."

– Há algum tempo o senhor desejava saber com quem eu tencionava me casar. A minha intenção já estava tomada, mas ainda não era a hora de contá-la. Agora estou amadurecida. Louis Moore será o meu marido.

– Mas não será mesmo! Ele não a terá! – exclamou Mr. Sympson com raiva.

– Eu preferiria morrer a ter outro e morreria se não o tivesse.

“Ele então pronunciou palavras que nunca mancharão esta página. Shirley ficou pálida como a morte, tremia da cabeça aos pés e suas forças abandonaram-na. Estendi-a no sofá, lançando-lhe um olhar para ver se tinha desmaiado. Mesmo que fosse preciso dar a minha vida para salvá-la, eu não seria capaz de dizer o que se passou nos cinco minutos seguintes. Ela disse-me depois, chorando e rindo, que eu parecia possesso. Disse-me que a deixei e saltei sobre Mr. Sympson, que desapareceu da sala como se uma bala o tivesse levado. Eu desapareci também e ela ouviu Mrs. Gill gritar, aterrorizada. Mrs. Gill estava ainda aos gritos quando voltei a mim; encontrava-me noutra sala, aquela que tem as paredes forradas de castanho, creio eu. Tinha Mr. Sympson abatido diante de mim numa cadeira e havia-lhe deitado a mão à borda do roupão. Larguei-o e recuperei imediatamente o sangue frio, mas disse a Mrs. Gill para ir imediatamente buscar a carruagem da Casa Vermelha e avisei a Mr. Sympson de que teria de abandonar Fieldhead assim que a condução chegasse. Embora aterrado e fora de si, respondeu que não abandonaria. Repetindo a primeira ordem, acrescentei que chamassem um agente da polícia, e disse a ele:”

– Há de partir, quer queira quer não.

“Pedi a Mrs. Gill que buscasse as suas roupas, ordenei que as vestisse e fiquei junto dele até que a carruagem chegasse. Depois o acompanhei até a portinhola com ele me injuriando durante todo esse tempo, pois ele estava aterrado e enfurecido. Ele bem que quis opor resistência, mas não sabia como. A sua fúria era incapaz de qualquer ação. Este homem nunca invocará a lei contra mim. A mulher, que ele tiranizava nas pequenas coisas, dirige-o nas grandes. Ela e as filhas saíram num estado de consternação

muda e irritada, mas ela respeitava-me. Quando Harry se lançou ao meu pescoço pareceu-me que chorava."

Louis voltou a escrever uma semana após esse episódio:

"Habito em silêncio em Stilbro com um amigo a quem posso ser útil nos seus negócios. Todos os dias vou a cavalo até Fieldhead. Quanto tempo ainda demorará até que eu possa chamar Fieldhead de minha casa e sua dona de minha mulher? Sofro e, às vezes, as dúvidas me torturam. Ao vê-la, agora, qualquer pessoa pensaria que ela nunca encostou a cabeça no meu ombro ou se apertou contra meu corpo com ternura e confiança. Sinto-me em perigo; ela faz-me sofrer; sinto-me repelido quando a visito, ela foge do meu alcance. Hoje, em certo momento, ergui-lhe o rosto, decidido a fixar em cheio os seus olhos negros e profundos. É difícil descrever o que li neles. Pantera! Natureza selvagem! Indomável! Incomparável! Ela morde o cadeado que a prende. Queria que ela corresse o perigo de me perder, como eu corro o perigo de perdê-la. Não! Não é a perda que eu temo, mas a demora."

"Agora é noite, meia-noite. Passei a tarde e o serão em Fieldhead. Há algumas horas ela passou por mim, vindo da escadaria de carvalho para o vestíbulo. Ela não sabia que eu estava junto à janela contemplando as constelações que brilhavam por entre a névoa. Segui-a até a sala de estar, Mrs. Pryor e Caroline também estavam lá. Ela lhes pediu que fossem viver com ela durante algum tempo. No seu vestido branco de noite, com os longos cabelos flutuantes, o andar leve, as faces pálidas, o olhar cheio de noite e de luz, parecia um espírito, um ser nascido de um único elemento, filha do ar e da chama, de um raio e de uma gota de chuva, uma coisa impossível de atingir, de deter, de fixar..."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO XXXVII

OceanofPDF.com

Desenlace

Não duvido de que o público apaixonado por justiça tenha notado a indiferença manifestada por mim em perseguir, apanhar e conduzir ao castigo o homem que tentou assassinar Mr. Moore. O criminoso nunca foi castigado, pela simples razão de que nunca o apanharam devido a uma circunstância: nunca ter sido perseguido.

Os magistrados deram a impressão de quererem fazer apenas barulho, mas como o próprio Mr. Moore, em vez de exigir vingança, como anteriormente, deixara-se ficar tranquilamente na sua *cottage*, rindo à toa, mudaram de opinião e resolveram prudentemente não tocar mais no caso e assim o fizeram.

Robert Moore sabia quem disparara contra ele, aliás, Briarfield inteira o sabia. Não era outro senão Mike Hartley, o tecelão meio louco do qual já falamos. O pobre homem morreu de doença um ano após a tentativa de assassinato e Mr. Moore deu a infeliz mulher o dinheiro para o enterro.

O inverno passou; a primavera veio com sua claridade, suas sombras e o colorido das flores e dos aguaceiros.

Estamos agora em pleno verão, em meados de junho, e o dia está sufocante. O céu, de um azul profundo e de um vermelho ouro, convém ao atual espírito da nação. Nesse verão Bonaparte está em ação. Percorre com os seus exércitos os desertos russos, tem consigo franceses, polacos, italianos e filhos do Reno em número de seiscentos mil homens. Marcha sobre a antiga Moscou. Junto aos muros dessa cidade, esperam por Bonaparte os cossacos: homens livres, rudes, bárbaros, estoicos, que não se aliavam a ninguém.

Nesse ano, lorde Wellington tomou o comando do exército na Espanha. Fizeram-no general para a salvação da Inglaterra. O general e seus

exércitos tomaram Badajoz, combateram no campo da vitória, conquistaram Pamplona e tomaram de assalto São Sebastião e, no mesmo ano, tomaram Salamanca. Finalmente o triunfo chegou.

Em 18 de junho de 1812, as Ordenações Reais foram revogadas e os portos bloqueados foram abertos. O leitor que tem idade para se recordar sabe como, nessa ocasião, foi feito repercutir os ecos de Yorkshire e de Lancashire com os gritos de alegria. De tanto tocarem, fenderam um sino da torre de Briarfield. Ainda hoje o som emitido por ele é oco. Liverpool estremeceu e resfolegou como um cavalo-marinho que um trovão desperta no meio dos seus canaviais. Os estoques que tinham sido acumulados durante anos esgotaram-se num abrir e fechar de olhos. Os armazéns ficaram vazios, os navios carregados, o trabalho abundante e os salários subiram.

Quando uma província inteira rejubila, até os mais humildes dos seus habitantes têm a sua parte na festa. Assim pensava Miss Caroline Helstone enquanto se arranjava, mais cuidadosamente do que de costume, nesse dia de comércio triunfante, vestindo-se da musselina mais imaculada, para ir passar a tarde em Fieldhead a fim de olhar os preparativos e cuidar da vestimenta que seria usada em grande acontecimento.

Louis tinha previsto dificuldades e as tinha encontrado. A sua amada mostrara-se deliciosamente provocante, adiando o casamento de dia para dia, de semana para semana, de mês para mês, persuadindo, a princípio, depois o forçando a revoltar-se.

Fora necessária uma espécie de tempestade para trazer Miss Shirley Keeldar à razão, mas agora estava aguilhoada a um dia fixo, conquistada pelo amor e ligada por sua palavra.

Não se ocupou com nenhum dos preparativos para o casamento. Louis foi obrigado a dirigir tudo. Foi o senhor de fato em Fieldhead

semanas antes de o ser por direito: o menos presumido e o mais benévolo dos senhores, só absoluto com a noiva. Ela abdicou sem uma palavra nem luta. Dizia: – Perguntem a Mr. Moore, vão ver com Mr. Moore – tal era a resposta quando lhe pediam ordens.

– O Louis – dizia ela mais tarde – nunca teria aprendido a reinar se eu não o tivesse deixado governar: a incapacidade do soberano aumentou os poderes do primeiro-ministro.

Fora decidido que Miss Helstone seria a dama de honra nas núpcias que se aproximavam, mas o destino lhe reservava outro papel.

Miss Caroline tinha voltado cedo para o presbitério naquele dia para regar suas plantas. Cumprida esta leve tarefa, subiu até um monte de pedra esculpido, talvez tivesse sido outrora a base de uma cruz, para ver melhor o panorama que a rodeava. Avistou o pântano sombrio, onde se acendiam fogos de artifício. A tarde de verão estava quente; o carrilhão dos sinos era alegre; a fumaça azulada dos lares parecia doce e a sua chama brilhante. Por cima, no firmamento, de onde o sol desaparecera momentaneamente, brilhava um ponto brilhante como prata: a estrela do amor.

Miss Helstone não estava infeliz, muito pelo contrário, mas suspirou e, enquanto suspirava, um braço veio apertá-la.

– Acabo de passar uma hora com a sua *mamã* – disse o intruso. – Tive uma longa conversa com ela. Caroline, a procurei para conversar com você. Onde esteve durante todo este tempo?

– Em Fieldhead. Shirley está agora mais impossível do que nunca, Robert. Não sei o que o Louis fará dela. Quanto a mim, se eu fosse um homem, nunca me atreveria a me casar com ela.

– Não se preocupe com eles. Foram feitos um para o outro. O Louis, sei que é estranho dizer isso, mas ele gosta ainda mais dela por causa dos seus caprichos. Se existe alguém capaz de dominá-la, esse alguém é ele.

– Caroline, a revogação me salvou, já não abrirei falência e não mais deixarei a Inglaterra. Terei comprador para todo o tecido que tenho em meus armazéns e obterei encomendas para uma quantidade muito maior. Agora posso construir meu futuro com segurança.

Caroline devorava-lhe as palavras, tinha as suas mãos nas dele e respirou profundamente.

– Finalmente, não é, Robert? Agradeça à Providência.

– Agradeço à Providência. Agora posso contratar mais operários, pagar melhores salários, conceber planos sensatos e mais liberais, fazer algum bem e ser menos egoísta. Agora, Caroline, terei uma casa a qual poderei chamar de minha e agora...

Calou-se, pois a sua voz estava cheia de emoção.

– E agora – prosseguiu ele – agora eu posso pensar em meu casamento. Agora eu posso ter a minha mulher.

Não era o momento de Caroline falar e ela se conservou calada.

– Será que Caroline poderia me perdoar por tudo que lhe fiz sofrer? Será que ela permitirá que eu repare um erro? Permitirá que lhe prove que, se outrora a abandonei cruelmente, posso agora amá-la fielmente e dar todo carinho e ternura que ela merece?

A sua mão continuava pousada na de Caroline e ela respondeu-lhe com uma leve pressão.

– Caroline é minha?

– Caroline é sua!

– Sei o preço deste tesouro. O sentimento do seu valor está aqui no meu coração. A sua presença é necessária à minha vida.

– Eu te amo, Robert!

– Tomará fielmente cuidado de mim, Caroline?

– Sim.

– Como se essa rosa pudesse fazer a promessa de abrigar contra a tempestade esta pedra dura e cinzenta... Mas, tomará cuidado à sua maneira, as suas mãos serão as dispensadoras de toda a felicidade que eu possa sonhar.

– Se enriquecer, fará o bem com o seu dinheiro, Robert?

– Farei o bem. Você me dirá o que devo fazer. Vejo a necessidade de praticar o bem. Aprendi como é insensato ser egoísta. Caroline, ouça o que vou falar: com o fim da guerra o comércio vai prosperar por alguns anos. Um dia, talvez dentro de dez anos, o Louis e eu partilharemos a paróquia de Briarfield. Ele tem a garantia do poder e da fortuna e os seus talentos não ficarão enterrados. Ele é competente. Será magistrado do distrito. Shirley o disse e ela se colocará impetuosa e ardentemente para lhe conseguir essa dignidade se ele deixar. Todos admiram a sua futura mulher e, com o tempo, ele também será apreciado por todos. Quanto a mim, se eu for bem-sucedido naquilo que tenho a intenção de fazer, o meu êxito aumentará e com isso os rendimentos do meu irmão e de Shirley. Posso duplicar o valor das propriedades. Posso cobrir este estéril Hollow de jardins.

– Robert... Sim... Sim... E acabar com todo esse matagal!

– O matagal será dentro de cinco anos madeira. A bela e selvagem ravina será uma ladeira suave. O verde terraço natural será uma rua pavimentada. Haverá *cottages* na ravina e nas encostas, a vereda será uma estrada lisa, firme, larga e escura construída com as cinzas da minha fábrica. E a minha fábrica, Caroline, ocupará todo o atual terreno.

– É horrível isso que está me dizendo, Robert! Quer transformar o ar azul e puro do campo na atmosfera esfumaçada de Stilbro?

– Quero espalhar as águas do rio *Pactolo* através dos vales de Briarfield. Caroline, os operários sem asilo, sem pão, sem trabalho, virão de longe para a fábrica de Hollow. Joe Scott lhes dará trabalho, Louis Moore

lhes alugará casas e Mrs. Gill lhes alimentará até eles receberem seu primeiro salário.

Caroline deu-lhe um beijo silencioso, o que ele aproveitou para lhe extorquir muitos outros.

– Sonhos extravagantes! – disse Mr. Moore, suspirando e sorrindo. – Contudo, talvez possamos realizar alguns deles. Mas está orvalhando Mrs. Moore, tome o meu braço, vamos voltar para casa.

****

Estamos no mês de agosto. Os sinos tocam novamente; nesta manhã serão celebrados dois casamentos na igreja de Briarfield: o de Mr. Louis Gérard Moore com Miss Shirley Keeldar, filha do falecido Mr. Carlos Cave Keeldar, de Fieldhead; e o de Mr. Robert Gérard Moore, da fábrica de Hollow, com Miss Caroline Helstone, sobrinha do reverendo Mr. Matthewson Helstone, reitor de Briarfield.

****

Suponho que as profecias de Mr. Robert Moore se realizaram, pelo menos em parte. Outro dia, passando eu perto de Hollow, que a tradição diz ter sido outrora verde, solitário e selvagem, vi lá a materialização dos sonhos do fabricante: uma linda casa de pedra e tijolo, uma grande estrada feita com cinzas negras, as *cottages* e os jardins. Vi uma poderosa fábrica e uma chaminé ambiciosa como a torre de Babel. Quando regressei, disse à minha velha criada de onde eu vinha.

– Ah! – disse ela. – O mundo tem singulares mudanças. Lembro-me de ter visto construir a velha fábrica, aliás, a primeira de todo o distrito.

Depois, lembro-me também de tê-la visto fechar e de ter estado presente com as minhas companheiras quando colocaram a primeira pedra da nova. Os dois senhores Moore deram uma grande festa nessa ocasião. Estavam lá, acompanhadas de muita gente fina, as senhoras de ambos: eram as mulheres mais belas e gentis de Hollow. Mrs. Louis Moore era mais elegante do que a outra, a de Mr. Robert era mais simples. A de Mr. Louis sorria enquanto falava, mas ambas pareciam felizes, contentes e boas. Mas Mrs. Louis Moore tinha olhos que ultrapassavam uma pessoa de um lado a outro.

– Marta, como era Hollow no seu tempo de jovem?

– Diferente do que é agora, mas eu o vi muito mais diferente ainda no tempo em que não havia fábrica nem *cottages*, nem casas, exceto Fieldhead. Lembro-me que há uns cinquenta anos a minha mãe voltou para casa correndo, ao cair da noite, toda transtornada e dizendo que tinha visto uma fada na cova de Fieldhead. Foi a única vez que alguém viu fadas por aqueles lados, embora haja quem diga tê-las visto nestes últimos quarenta anos, mas eu não acredito. Somente acreditei porque minha mãe não era de inventar histórias fantasiosas. Era um lugar muito deserto, mas lindo, coberto de carvalhos.

FIM

OceanofPDF.com

“O amor pode desculpar qualquer coisa, exceto a maldade.
A maldade mata o amor, aleija a afeição natural e, sem estima, o amor verdadeiro não pode existir.”
Charlotte Brontë

OceanofPDF.com

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2021 *by* Pedrazul Editora Ltda.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Tradução: Fernanda Martins
Revisão: Vivian Uhlmann
Pintura da capa: Raquel Castro

B869s Brontë, Charlotte, 1816-1855.
Shirley / Charlotte Brontë . – Vitória, ES : Pedrazul Editora, 2021.
Título original: Shirley
1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Romantismo I. Título. II. Martins, Fernanda.
CDD – 823

Reservados todos os direitos desta tradução e produção.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme,
processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da
Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
www.pedrazuleditora.com.br
www.clubedeleitorespedrazul.com.br
contato@pedrazuleditora.com.br

---

[1] 1. “Isto é demasiado”. Em francês do original. [N.T.]

[2] 1. “E já que eu não me importo, que meus amigos não se preocupem com isso.” Em francês do original. [N.T.]
2. “Amigos? Onde estão seus amigos?” Em francês do original. [N.T.]
[3]

[4]. Que nasce na Antuérpia. [N.E.]

[5]. Tragédia escrita por William Shakespeare, entre 1605 e 1608. [NE]

[6]. “Assim seja.” [Em Francês do original. NT]

[7]. André Chénier (1762-1794) foi um poeta francês associado com os eventos da Revolução Francesa da qual foi vítima. [NE]

[8]. A autora cita a balada escocesa, que não foi traduzida. [N.E.]

[9]. Além do hino, Charlotte cita uma oração a qual define como “clamorosa, acompanhada por gemidos de medo”. O hino e a oração não foram traduzidos. [N.E.]

[10]. Os filhos de Anaque (gigantes) foram mencionados pela primeira vez quando o líder israelita, Moisés, envia doze espiões representando as doze tribos de Israel para espiar a terra de Canaã. [N.E.]

[11]. O anel de Giges é uma lenda que integra *A República*, de Platão. Um pastor chamado Giges encontra por acaso uma caverna onde jaz um cadáver que usava um anel. Quando Giges enfia o anel no próprio dedo, descobre que esse o torna invisível. Sem ninguém para monitorar seu comportamento, Giges passa a praticar más ações: seduz a rainha, mata o rei e assim por diante. A lenda levanta uma indagação moral de que algum homem seria capaz de resistir à tentação do mal se soubesse que seus atos não seriam testemunhados. (Alegoria Platão. A República, II, 359b-360a). [N.E.]

[12]. Expressão do Latim que significa: “*Assim passa a glória do mundo.*” [NE]

[13]. Inspirado na Mitologia Grega, a expressão ‘suplício de Tântalo’ refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável. [N.E.]

[14]. Deus falso a quem os amonitas, conforme textos bíblicos, sacrificavam seus recém-nascidos jogando-os numa fogueira. [N.E.]

[15]. Escrava Egípcia. [NE]

[16]. Gigante da Mitologia Greco-Romana com um único olho na testa. [NE]

[17]. Uma das doze divindades do Olimpo. É representada por uma jovem e bela mulher. [NE]

[18]. Jardim das Hespérides era a morada das ninfas, guardada por um dragão ou uma serpente. [NE]

[19]. Ser violento, monstruoso, encarnação das forças selvagens da natureza. [NE]

[20]. Mastim é um cão, que ladra muito, destinado a cuidar de rebanhos. [N.E.]

OceanofPDF.com